

JOSÉ RODRIGUES DOS SANTOS

# As Flores de Lótus

r o m a n c e



gradiva

José Rodrigues dos Santos

# *As Flores de Lótus*

-§-|Ω|-§-

CONTRERA BROTHERS

Ficha Técnica

Título: As Flores de Lótus.

Autor: José Rodrigues dos Santos.

Dados da Edição: GRADIVA, 1ª edição, 2015.

Género: Romance histórico.

Digitalização: Paulo Andrade.

Correcção: Maria Clara Estrela.

Estado da Obra: Corrigida.

Número total de páginas: 683.

EPUB: CONTRERA BROTHERS

Numeração de página: Não foi reconhecida pelo OCR.

Esta obra foi digitalizada sem fins comerciais e destina-se unicamente à leitura de pessoas com deficiência visual. Por força da lei de direitos de autor, este ficheiro não pode ser distribuído para outros fins, no todo ou em parte, ainda que gratuitamente.

JOSÉ RODRIGUES DOS SANTOS - ROMANCE -  
GRADIVA

ENSAIO

Comunicação, Difusão Cultural, 1992; GRADIVA, 2015

Crónicas de Guerra I—Da Crimeia a Dachau, GRADIVA, 2001

Crónicas de Guerra II—De Saigão a Bagdade, GRADIVA, 2002

A Verdade da Guerra, GRADIVA, 2002; Círculo de Leitores, 2003

Conversas de Escritores — Diálogos com os Grandes Autores da literatura Contemporânea, GRADIVA/RTP, 2010

A Última Entrevista de José Saramago, Usina de Letras, Rio de

Janeiro, 2010; GRADIVA, Lisboa, 2011 novas Conversas de Escritores — Diálogos com os

Grandes Autores da Literatura Contemporânea II, GRADIVA/RTP, 2012

FICÇÃO

CONTACTO COM O AUTOR se desejar entrar em contacto com o autor para comentar o romance As Flores de Lótus, escreva para o e-mail [jrsnovels@gmail.com](mailto:jrsnovels@gmail.com) o autor terá o maior gosto em responder a qualquer leitor que se lhe dirija a propósito desta obra.

A Ilha das Trevas, Temas & Debates, 2002;  
GRADIVA, 2007  
A Filha do Capitão, GRADIVA, 2004  
O Codex 632, GRADIVA, 2005  
A Fórmula de Deus, GRADIVA, 2006  
O Sétimo Selo, GRADIVA, 2007  
A Vida Num Sopro, GRADIVA, 2008  
Fúria Divina, GRADIVA, 2009  
O Anjo Branco, GRADIVA, 2010  
O Último Segredo, GRADIVA, 2011  
A Mão do Diabo, GRADIVA, 2012  
O Homem de Constantinopla, GRADIVA, 2013  
Um Milionário em Lisboa, GRADIVA, 2013  
A Chave de Salomão, GRADIVA, 2014  
As Flores de Lótus, GRADIVA, 2015

Reservados os direitos para Portugal por  
GRADIVA Publicações, S. A. rua Almeida e Sousa,  
21r/c esq. -1399-041 Lisboa - telef. 21393 3760  
-Fax 21395 34 71-Dep. comercial Telefs. 21  
39740 67/8 -Fax 2139714 11

geral@GRADIVA.mail.pt

1ª edição outubro de 2015

Depósito legal 398 611/2015

ISBN 978-989-616-671-7

Este livro foi impresso em Coral Book Ivory  
(Torraspapel) GRADIVA

Editor Guilherme Valente

NOTA

por indicação do autor, e uma vez que  
doravante a anterior ortografia passa a ser  
considerada nas escolas erro ortográfico, o  
texto do presente livro obedece ao novo acordo  
ortográfico Visite o site [www.GRADIVA.pt](http://www.GRADIVA.pt)

**O lótus é uma flor que cresce na lama,  
mas quanto mais profunda e espessa a lama mais bonita é a flor de  
lótus.**

Cântico budista

Às minhas três flores, Florbela, Catarina e Inês

Apesar de se tratar de uma obra de ficção, os eventos históricos narrados neste romance são verídicos.

## Lista de Personagens

### Os portugueses

O Lobo

Jorge Lobo, narrador

Os Teixeiras

Artur Teixeira

Amílcar Teixeira, Pai

Conceição, Teixeira, mãe

Adérito Teixeira, Avô

Catarina Teixeira (Albuquerque de solteira), mulher

### Os outros

Teófilo Baptista, professor de Moral e Religião e de Philosophia

Idalécio Garrão, amigo do colégio Militar e da escola de guerra

Álvaro Veiga, amigo do Regimento

### As personagens históricas

General Tamagnini de Abreu, Comandante do CEP

General Gomes da Costa, Comandante da 1ª Divisão do CEP, cabecilha da Revolução de 28 de Maio e

Presidente da República

General Óscar Carmona, cabecilha da Revolução do 28 de Maio e Presidente da República

Comandante Mendes Cabeçadas, cabecilha da Revolução do 28 de Maio e Presidente da República

António de Oliveira Salazar, Ministro das Finanças

Tenente Carvalho Nunes, ajudante de campo do general Carmona

Padre Manuel Cerejeira, amigo de Salazar

Capitão André Brun, comandante de Infantaria 24 na Flandres

### Os chineses

Os Yang

Yang Lian - hua

Yang Bang, pai



Yang Mei - xing, mãe  
Yang Chu - hua, irmã  
Yang De (aliás Avô Lao), avô  
Primeiro Tio, irmão mais velho do pai  
Primeira Tia, irmã mais velha do pai  
Segunda Tia, outra irmã do pai

### **Os outros**

Su Tong, amigo e protetor dos Bang no Kuomintang  
Liu Bai, comandante comunista  
Hong Chao, Vigilante comunista

### **As personagens Históricas**

Mao Tse-tung, Comissário e Comandante Comunista  
Gui-yuan, Tradutora e amante de Mao  
Duyuesheng (aliás Orelhudo Du), Chefe da tríade Gangue Verde

### **Os japoneses**

Os Satake  
Satake Fukui  
Satake Iwao, pai  
Satake Aiko (Iesuzu de solteira), mãe  
Iesuzu Misaki, tia materna

### **Os Miyamoto**

Miyamoto Saw, rival  
Miyamoto Yukichi, pai do rival

### **Os outros**

Ren, menina do terramoto

## **OS RUSSOS**

### **Os Skuratov**

Nadezhda Skuratova (aliás Nadija)  
Mikhail Skuratov (aliás Misha), pai  
Tatiana Skuratova (Zheleznova de solteira e conhecida por Tati), mãe  
Anastasiya Skuratova, irmã  
Pavel Skuratov, irmão  
Mariya Zheleznova (aliás Marisha), tia materna

lpersona

## Prólogo

Levei um longo minuto a assimilar a enormidade que o médico tinha acabado de me comunicar.

Embora as palavras dele agora me martelem sem cessar na cabeça, a verdade é que nos primeiros instantes não passaram de sons brutais sem sentido aparente, como trovões à compita em noite de tormenta, e só aos poucos o seu cruel significado começou a assentar, de mansinho, até se entranhar na minha consciência como a terrível sentença que efetivamente é.

“Tenho uma péssima notícia para lhe dar”, dissera o doutor Évora com voz pesarosa, derramando sobre mim o olhar compassivo de quem encara um condenado, as mãos a segurarem o resultado das muitas análises e testes a que me submeti nas últimas semanas como se estivesse ali inscrita a decisão do júri. “A doença está mais avançada do que se pensava.”

Isso significa o quê, doutor?

Ele susteve o meu olhar ansioso mas esforçou-se por amaciar ainda mais a voz, como se a forma pudesse atenuar o conteúdo.

“O senhor tem no máximo mais seis meses de vida.” suspirou. “Lamento muito.”

Fiquei paralisado nesse instante de perplexidade. Escutara e não entendera, ou se calhar entendera e não acreditara, como se a sentença me tivesse sido soprada num pesadelo. ouvira-a mas não era real, em breve despertaria deste súbito e estúpido pesadelo e aquelas palavras terríveis dissipar-se-iam como névoa na alvorada. mas, ai de mim!, não dissiparam. Passada a fase de incredulidade e negação, e à medida que eu próprio ia caindo na amarga realidade e começava a enfrentar o impiedoso veredito, lembro-me de pensar que agora é que era e que a minha hora estava mesmo a chegar. Ali me encontrava eu sozinho diante da eternidade. Ia escorregar enfim para a longa solidão, a grande noite em breve me envolveria no seu abraço gelado e eu voltaria ao nada que fui antes de ser. saí do Hospital Conde de São Januário a cambalear como um ébrio; parecia mergulhado num transe, assaltavam-me mil ideias mas só uma se impunha, negra e sinistra. Ia morrer daqui a poucos meses. Ao longo da vida sempre pensei nisso, claro, sobretudo à noite, antes de adormecer. Naquele limbo entre a consciência e o sono, de pálpebras fechadas na escuridão e mergulhado em mim mesmo, interrogava-me frequentemente sobre o que era isso de morrer, como seria o instante em que a morte me derrotaria, como era possível que um dia deixasse de ser o que era?

A ideia sempre me pareceu tão impossivelmente medonha que, tal como ninguém consegue olhar muito tempo para o sol, eu não tinha maneira de me centrar muito tempo nela. quando a angústia se tornava de tal modo intolerável que ameaçava arrastar-me num vórtice irresistível para um abismo medonho, varria esses pensamentos e dizia a mim próprio que mais valia não me preocupar, tinha tempo, se calhar dispunha até de uma vida inteira pela frente, os médicos enganam-se tantas vezes e quem me garantia que este não se tinha enganado agora? Enganou-se certamente, a morte ainda está longe e quando a hora chegar logo se verá. Afeiçoando-me a essa ideia, tão reconfortante como traiçoeira, mergulhava por fim no sono retemperador e, por artes de encanto, tudo parecia recompor-se. o problema é que a hora tão temida chegou, ou está a chegar. Em algum momento teria de ser e esse momento espreira. o médico anunciou-me o que anunciou e já nada é como dantes. A minha vida mudou e este assunto

transformou-se numa ideia fixa, não consigo suprimir o pensamento com a ligeireza com que antes o fazia; tornou-se na verdade uma espada sobre a minha cabeça. Encontra-se presente a cada instante que passa, a cada gesto que faço, a cada palavra que pronuncio. É um facto que às vezes me esqueço; vejo o vendedor dos crepes com molho de amendoim doce instalado diante do Colégio D. Bosco ou a chinesa escultural a sair do Hotel Lisboa de saltos altos e num chi pao apertado que lhe acentua as formas e abandono a obsessão da minha morte iminente, pois de uma obsessão realmente se trata, e sinto o sabor antecipado daquele crepe a derreter-se-me na boca ou a sensação sedosa da pele daquela mulher excitar-me o desejo. É contudo apenas um momento. Passada a distração, deleitosa embora fugaz, o tema volta a impor-se com a força persistente de um martelo. Vou morrer daqui a alguns meses.

Como deixar de pensar nisto? Como poupar os meus olhos à visão permanente e encadeante do Sol? Como largar essa vertigem de morte que me asfixia a cada segundo e me prende à vida justamente na altura em que mais estou à beira de a perder? Se realmente disponho de poucos meses para viver, o que deverei fazer neste curto tempo que me sobra? Irei esbanjá-lo na permanente angústia de saber que em breve estarei morto? Será que este punhado de meses se reduzirá a um tormento sem tréguas? Estarei condenado a um horror sem fim até chegar o final horrível? Como tornar úteis e felizes os poucos dias que tenho pela frente? todas estas questões me dilaceraram a alma nos dois dias e nas duas noites que se seguiram. Ao terceiro dia, esgotado e deprimido, percebi que não podia continuar assim; tinha de dar um propósito, não apenas a estes últimos dias, mas a toda a minha vida. Eu, que tivera uma longa existência e vira coisas que a morte inevitavelmente se encarregaria de votar ao pó a que o esquecimento tudo reduz, não podia largar este mundo sem inscrever um significado à minha passagem por ele. Para que vivera eu afinal? Para que tudo deixasse de ser? Será que nada do que vira e fizera tinha qualquer sentido? Teria existido por existir, seria eu um acidente, um acaso, um nada de nada? um gemido de frustração, um frémito de indignação, um grito de revolta estrangulou-me a garganta e libertou-se da minha alma com a força do desespero dos condenados. não me deixarei ir sem um último gesto.

Foi desse gemido, desse frémito e desse grito que nasceu esta obra. Eu que tanto vira e tanto vivera ia deixar que tudo regressasse ao nada sem nada fazer? Iria permitir que a minha vida, e sobretudo a vida das pessoas tão extraordinárias que conhecera, com a minha morte para sempre se apagassem? De facto, tal coisa não podia de modo algum consentir. Tomei assim a decisão. A minha vida teria um significado e o mesmo aconteceria com a vida das pessoas que eu conhecera e que tão importantes haviam

sido enquanto pisei esta terra. Não sei, confesso, que significado será esse. poderá algum leitor extrair um sentido para as nossas existências? Não passaremos de entretenimento para quem um dia distraidamente folhear as palavras da obra que decidi escrever? Será que alguém aprenderá através destas vidas algo útil para a sua própria existência? o significado último deste livro escapa-me, admito-o, mas disponho de poucos meses até morrer e sinto-me compelido a escrevê-lo. Ignoro se terei tempo suficiente para o completar, desconheço com precisão qual o número exato de dias que me restam, mas estou decidido a passá-los a escrever.

Dir-me-ão que fui assaltado por um certo narcisismo, vou desaparecer em breve e quero deixar registo da minha vida.

Conhece-me mal quem pensar tal coisa. Não sou presunçoso ao ponto de me julgar importante. Não o sou. Na verdade, não passo de um grão de areia. Estou de tal modo ciente da minha insignificância que nem sequer vou escrever sobre mim. Que um dia alguém o faça, excelente; deixarei nas gavetas do meu escritório anotações suficientes para quem se queira dedicar a tão difícil quanto inútil empreendimento. mas de mim apenas ficam aqui umas poucas palavras de apresentação, para si, amigo leitor, para que saiba quem é a pessoa que assina esta desprezível obra.

Chamo-me Jorge Lobo e nunca conheci o meu pai. Sei apenas que foi um marinheiro português. Também não conheci a minha mãe. Presumo que fosse uma chinesa pobre que ele um dia fugazmente conheceu aqui em Macau. Seria uma simples tancareira? Ou talvez uma mulher de alta sociedade obrigada a esconder o fruto de um amor proibido? quem sabe se não seria, porque não admitir essa hipótese impronunciável, uma prostituta? Na verdade, ignoro-o. Fosse ela quem fosse, o facto é que a minha mãe me entregou aos padres do Seminário de São José e dissolveu-se nas ruas de onde veio. Foram por isso esses padres que me começaram a educar nas salas e nos corredores desta velha instituição de macau. Depois fui adotado pelo doutor Lobo, um médico de Goa de quem os mais velhos aqui na cidade certamente se lembrarão, que me criou e me meteu no Liceu Infante D. Henrique, na altura sito na Caixa Escolar, em plena Rua do Campo. Consegui singrar na vida, fiz por correspondência um curso de Economia de uma universidade americana e, munido sobretudo de tal credencial, assumi mais tarde funções de relevo nesta colónia portuguesa do Extremo Oriente, de resto a primeira instalada pelos europeus por estes lados do mundo.

A história que tenho para contar, porém, não é a minha. quero narrar a vida de quatro pessoas que conheci e deixaram em mim uma marca indelével. Registo nestas páginas o que fizeram e o que lhes sucedeu num esforço de as resgatar do esquecimento, pois pelo que eram e fizeram merecem este

gesto. Em bom rigor, fui acumulando ao longo dos anos informações que aqui e ali ia descobrindo sobre as suas vidas, a que se juntam muitas coisas que elas próprias me confiaram durante o tempo que passámos juntos, sempre com a ideia de um dia deixar as suas histórias eternizadas num qualquer manuscrito, quem sabe se num único ou em dois ou até três ou mais livros, mas, por este ou por aquele motivo, confesso que as mais das vezes por pura indolência, fui adiando o projeto. Já não posso, porém, protelar mais. o tempo está a esgotar-se e a hora de escrever chegou. Deixo-o pois, amigo leitor, com as fragrâncias das minhas flores de lótus.

## **Basho Matsuo**

A gargalhada no exterior da casa arrancou a Conceição teixeira um olhar de tal modo assustado que não escapou à atenção do seu pequeno Artur. A noite caíra sobre o Furuncungo, fazia o frio característico do planalto da Angónia e apesar disso as cigarras cantavam sem cessar. Ambos estavam sentados à lareira crepitante, dona Conceição a remendar uma camisa do marido com o esmero de uma fada do lar, o filho no chão a brincar com os soldadinhos de chumbo.

A casa encontrava-se mergulhada na escuridão mais absoluta, como acontecia todas as noites naquele lugarejo perdido do interior norte de Moçambique, e as únicas fontes de luz eram a lenha que ardia em fogo brando na lareira e um candeeiro a petróleo pousado na mesinha ao lado do sofá.

Foi nesse instante que a estranha risada cortou o ar.

"Ai, Virgem Santíssima!"; murmurou dona Conceição à beira do pânico, benzendo-se com um gesto rápido e mecanizado. "Que Nossa Senhora nos proteja!" o pequerrucho imobilizou no ar um dos seus soldados, inquieto com a tensão que intuía na mãe.

"Que foi?"

Ignorando a pergunta, dona Conceição ergueu-se com um movimento enérgico. Encharcada de ansiedade, pegou no candeeiro a petróleo e foi à janela. Abriu-a e inclinou-se para o exterior, projetando a luz do candeeiro para o quintal.

"Ó Raimundo!" uma voz arrastada emergiu da sombra.

"Sim, senhora?"

"Acende o lume para afastar a bicharada!"

A resposta do mainato foi abafada pelo som da janela a ser trancada. De seguida a dona de casa percorreu todas as portas e janelas para verificar se estavam aferrolhadas e foi buscar o filho. Encerrou-se no quarto com ele e ajoelhou-se aos pés da cama, voltada para o crucifixo na parede. Desatou a remexer num rosário com a ponta dos dedos enquanto murmurava uma oração de olhos fechados e uma ladainha interminável e quase inaudível lhe brotava dos lábios tensos.

A cena tornou-se a memória mais antiga de Artur. Corria o ano de 1902 e o



pequeno tinha cinco anos de idade. Na manhã seguinte, ainda impressionado com a reação da mãe à estranha gargalhada que assombrara a noite, deslizou para o quintal e foi ter com o mainato. Raimundo lavava um lençol no tanque, esfregando-o energicamente com sabão e uma escova, e a criança teve de esperar que ele fizesse uma pausa no trabalho para o poder interpelar.

“O que era aquilo?” raimundo baixou o olhar para ele.

“Aquilo o quê, menino?”

“A risada. Ontem.” o mainato fixou nele o olhar, na dúvida sobre como responder. A verdade ou uma fantasia inofensiva?

“Não foi nada, menino.”

“Foi foi, que eu ouvi. O que era?”

“Nada.” Voltou as suas atenções para o lençol, mas percebeu que a criança permanecera pregada ao lado dele, evidentemente à espera de uma resposta mais satisfatória. Parou de esfregar e, rendendo-se, encarou o pequeno. “Um bicho.”

“Que bicho?”

“Uma hiena. Está satisfeito?” o pequerrucho carregou as sobranceiras, pensativo.

A palavra era familiar, já a escutara lá em casa, mas nunca percebera verdadeiramente o que queria dizer.

“É má?” raimundo soltou uma gargalhada e voltou-se para o tanque, recomeçando a esfregar o lençol com energia renovada, as bolhas de sabão a emergirem do tecido branco como se borbulhassem nele.

“Só para os meninos que se portam mal.”

os três Teixeiras eram os únicos europeus que viviam no Furuncungo, um lugarejo perdido num planalto fresco do norte de Moçambique para onde o pai de Artur, o senhor Amílcar Teixeira, havia sido enviado com a missão de estudar a possibilidade de se estabelecer uma linha férrea de nacala à Niassalândia, passando pelo Protetorado Britânico da África Central. Estava então em marcha o grande plano de Cecil Rhodes de construir uma linha de caminho de ferro que ligasse o Cairo ao Cabo, um grande projeto imperial de que os portugueses queriam o seu quinhão. o casal Teixeira tinha origens na pequena burguesia de lagoa, uma povoação do Algarve onde as suas famílias possuíam terras. Depois de se casar com Conceição, após um longo e badalado namoro, Amílcar ingressou na Companhia real dos Caminhos de Ferro Portugueses, onde se tornou chefe de secção de obras. num final de tarde particularmente frio, quando concluíra um dia de trabalho no ramal de Leixões, o diretor do seu departamento chamou-o à parte e, pondo-lhe o braço sobre os ombros, assumiu o tom amigável de chefe paternal que por vezes desejava ser.

“Ó Amílcar, gostava de conhecer as Áfricas?”

“As Áfricas, engenheiro Vitalino?”, admirou-se o chefe de obras, coçando o couro cabeludo. “Para ser franco, nunca pensei nisso. Porquê?”

“Porque estão aí uns bifos que querem contratar pessoal nosso para as obras em Moçambique. Estaria na disposição de ir?”

Amílcar não sabia o que responder.

“Mas, senhor engenheiro, o que vou eu fazer lá entre os cafres? Tive agora um filho, a minha vida é aqui, e bem vistas as coisas não conheço as Áfricas, não sei como são as coisas por lá nem...”

“Precisamente, Amílcar”, interrompeu-o o diretor. “Vai viajar, conhecer novos sítios, sair deste frio e viver em paragens quentes muito mais saudáveis para o seu petiz...”

Encostou a boca ao ouvido do chefe de obras para largar o seu ás de trunfo. “E sobretudo vai ganhar bem mais do que ganha aqui, ouviu?” Arqueou as sobrancelhas para sublinhar o ponto. “Quase o dobro, homem!” os argumentos do engenheiro Vitalino, e em particular este último, não eram de facto de menosprezar. O país vivia ainda no rescaldo da crise financeira de 1891, quando a declaração de bancarrota parcial obrigara ao corte de salários e ao aumento dos impostos, medidas que naturalmente também afetaram os Teixeira. Amílcar foi nesse dia para casa, conversou com Conceição, pensou no assunto, pesou os prós e os contras, amadureceu ideias e dois dias depois assinava contrato com um inglês que representava a Beira and Rhodesian Railways, a empresa britânica encarregada da exploração dos caminhos de ferro da Beira.

“Esses malditos bretões embaraçaram sua majestade real com o seu vergonhoso ultimatum”, vociferou o avô de Artur quando soube da decisão de Amílcar, “mas tu, meu filho, hás de abocanhar uma parte para Portugal e assim resgatar a nossa honra ferida!” o patriarca dos Teixeira era um monárquico convicto e vivia assombrado pela humilhação do ultimato de 1890, quando a Inglaterra impedira Portugal de assumir o controlo das terras que permitiriam unir Moçambique a Angola. o episódio descredibilizara o rei D. Carlos e era continuamente usado pelos republicanos como arma de arremesso contra a monarquia.

“Olhe que o ultimatum não foi tão mau quanto isso”, sorriu Amílcar. “Se o pai foi a ver bem, foi graças a ele que as fronteiras das nossas colónias em África, que não passavam de um produto da nossa imaginação, se tornaram pela primeira vez reais. E a Inglaterra reconhece-as finalmente. poderia haver melhor?” os Teixeira foram assim viver para o Dondo, um povoado às portas da Beira. Amílcar ficou aí encarregado do alargamento da bitola para os mil e sessenta e sete milímetros no troço final da linha que vinha de Salisbúria, de modo que os comboios ingleses pudessem chegar à

costa do índico. Seguindo a tradição da família de escolher para os primogênitos varões nomes começados pela letra A, o primeiro filho tinha sido batizado com o nome de Artur; ficara assim respeitado o velho costume dos Teixeiras, pois o pai de Amílcar chamava-se Adérito e o avô Adalberto, para não mencionar os antepassados remotos.

A linha férrea ficou pronta em 1902. Semanas depois da inauguração, o chefe de obras recebeu a visita de mister Sullivan, um inglês de bigode loiro fino e olhar condescendente a quem habitualmente prestava contas.

“Precisam de si para as trabalhas de prospection de itineraries na planalta do Angónia”, anunciou-lhe o subdiretor do departamento de construção da Beira and Rhodesian railways na sua bizarra mistura de português e inglês. “Estamos a estudar um ligação de train ao Moatize e haverá ali much trabalha.”

Amílcar fez um esforço de memória, reconstituindo na mente o mapa de Moçambique.

“Se não estou em erro, a Angónia é lá para as zonas de tete. Isso significa que teremos de ir viver para Tete?”

Com gestos deliberadamente lentos, mister Sullivan acendeu uma cigarrilha e largou uma baforada de fumo aromatizado antes de responder.

“A seu home será a Furancunga, old fellow.”

A casa dos Teixeiras no Furancungo situava-se numa colina do planalto com uma vista magnífica sobre extensos campos de tomateiros cultivados até se perderem no horizonte; pareciam arbustos plantados numa imensa geometria. Os campos eram cortados por um rio que passava um pouco abaixo da casa, paisagem que o pequeno Artur se habituara a contemplar da mesa na sala onde os pais lhe ministravam o ensino. o trabalho forçava o pai a ausentar-se com frequência, mas sempre que estava em casa Amílcar usava as manhãs para lhe ensinar aritmética através de jogos com narrativas curiosas, como a corrida dos caracóis.

“Imagina uma corrida de dois caracóis ao longo de dez metros”, propôs o pai. “O primeiro caracol anda à velocidade de um metro por hora e está a meio do caminho, só lhe faltam cinco metros para chegar à meta. Já o segundo caracol anda ao ritmo de dois metros por hora, mas só agora começa a sua viagem. Quem vai chegar primeiro?”

Artur coçou a cabeça, esforçando-se por imaginar a cena, um caracol a meio caminho e o outro ainda no início.

“O primeiro?” o pai soergueu uma sobrançelha e mordeu o lábio inferior, o que nele era sinal de desagrado.

“Porquê o primeiro?”

“Porque... vai à frente.”

“Pois, é verdade que tem o dobro do avanço, mas o outro tem o dobro da

velocidade...” o filho voltou a pensar. Pois é, o segundo caracol é duas vezes mais rápido que o primeiro. Queria isso dizer que chegaria à meta em primeiro lugar? Por outro lado, o primeiro tinha o dobro do avanço. Quem chegaria primeiro à meta?

“Chegam os dois ao mesmo tempo!”

Este tipo de jogos que o pai lhe apresentava tornava a aritmética particularmente interessante. O problema eram as aulas da tarde. Depois do almoço, a mãe dedicava duas horas a ensinar-lhe português e Artur desanimava só de vê-la chegar com o grande calhamaço na mão e pousá-lo com estrondo sobre a mesa.

“Hoje vamos ver mais umas páginas da Nova Gramática portuguesa”, anunciava-lhe num tom que soava a sentença de trabalhos forçados. “O tema desta lição são as concordâncias de género. Ora pega lá no giz e na ardósia, se faz favor.” o livro de gramática de Bento José de Oliveira era o terror das lições da mãe e não havia forma de o contornar.

Felizmente o pai, apiedando-se dele e das suas tribulações em redor dos predicados, sujeitos, complementos circunstanciais, advérbios e demais conceitos intangíveis, a convencera a usar também nessas aulas da tarde a leitura das histórias de

Alexandre Dumas e de Camilo Castelo Branco, e ainda dos

Contos para os Nossos Filhos, de Maria Amália Carvalho, obras que preenchiam a pequena biblioteca que haviam trazido da Metrópole e que se revelaram bem mais interessantes do que a Nova Gramática Portuguesa.

As suas aventuras favoritas eram as de Dumas, e em particular o José Bálamo, O Conde de Montecristo, O Visconde de Bragelonne e A Tulipa Negra, que o pai mandara vir de lourenço Marques, mas nenhum o impressionou tanto como os Três Mosqueteiros. No quintal, por detrás de um embondeiro sobranceiro ao topo da colina, gostava de brincar com um pau e fazer de D’Artagnan, o intrépido herói que lhe alimentava a infância.

“En garde!” o pequeno Artur habituara-se a ver o pai pela manhã descer a colina com os seus ajudantes negros e duas mulas a carregarem o equipamento; ia para viagens de levantamento topográfico. Depois de carregar as mulas, despedia-se com dois beijos e acenava-lhe a ele e à mãe em despedida.

“Amanhã trago-vos bananas!”, gritava já a afastar-se. “Portem-se bem!”

E lá seguia trilho fora para estudar a topografia da Angónia e das zonas limítrofes. Estas ausências do pai prolongavam-se amiúde por vários dias, uma vez que era frequentemente obrigado a ir ao Protetorado Britânico da África Central ou a Nacala, na costa moçambicana, ou ainda à Niassalândia, bem no interior do continente africano, para analisar traçados ou recolher equipamento. Nessas ocasiões Artur ficava sozinho em casa com a mãe e

era então que as hienas mais os assustavam, apesar da presença do mainato e da respetiva família na palhota erguida no quintal da casa.

Em bom rigor, quem ficava realmente apavorada era a mãe. É certo que o garoto percebia que as hienas eram animais ferozes e nutria o receio natural de uma criança perante o desconhecido, sobretudo quando pressentia a inquietação da mãe com aquelas gargalhadas, mas a verdade é que a curiosidade tendia a sobrepor-se, predisposição que se tornava mais forte precisamente quando o objeto da sua curiosidade continha uma ameaça, como era o caso das tão temidas hienas. Por isso sempre que lhes ouvia as risadas a rondarem a casa fugia para o quarto, não para se esconder, como erradamente presumia a mãe, mas para se pôr à janela e espreitar na esperança de, apesar do véu protetor da escuridão, surpreender os famosos bichos.

As hienas, porém, revelaram-se difíceis de observar, o que deixou Artur assaz frustrado. Ouvia tanto falar desses animais perigosos que desenvolvera um estranho fascínio pelo assunto, mas a verdade é que ainda não pusera a vista em cima de nenhuma das bestas medonhas. Havia que resolver o problema.

Consciente de que deveria ter o maior cuidado perante a mãe, tão intuitiva que por vezes parecia até adivinhar-lhe os pensamentos, na manhã em que decidiu tirar o assunto a limpo o petiz deu uma volta à casa de modo a evitar que dona Conceição o visse e, quase à sorrelfa, dirigiu-se à sua fonte privilegiada de informação.

“Ó Raimundo, onde é que podemos ver as feras?” o mainato carregava nessa altura um saco de lenha e fez um gesto vago em redor.

“Por aí, menino. Por aí.” o olhar de Artur percorreu os campos de tomateiros.

“Mas por aí onde? Nunca vi nada...” raimundo parou e, endireitando o tronco dorido pelo peso da lenha, apontou a linha de água que atravessava os campos.

“Não vê ali o rio, menino? Tem maningue jacaré e cobra, sobretudo jiboias. Xi! Não há piores feras.”

“Piores do que as hienas?”

“Piores do que os leões!”

A revelação deixou o pequeno fascinado. Passou o resto do dia à beira da colina a contemplar as plantações distantes de tomateiros, esforçando-se por descortinar uma dessas bestas terríveis, mas quando o Sol se pôs ainda nada tinha lorigado para além de uns babuínos, umas zebras e umas cegonhas cor-de-rosa.

“Artur!”, chamou a mãe da varanda. “Anda jantar!” recolheu a casa com um sentimento de frustração a morder-lhe o espírito. Como era possível que

todos se cruzassem com animais tão perigosos e deles falassem com tanto interesse e conhecimento de causa, contando aventuras extraordinárias cheias de ação palpitante, e ele... ele nada vira a não ser uns miseráveis macacos a pular pelas

árvores, umas zebras indolentes a comer capim e umas serpentes esquivas a esgueirarem-se no mato? O problema ocupou-lhe a mente essa noite e ao deitar-se tinha a decisão tomada sobre o que faria no dia seguinte.

Iria ter com as feras.

A primeira coisa que pensou ao acordar foi na decisão. sabia que tinha a manhã livre e, fingindo dormir para que não o incomodassem, pôs-se a planejar a operação.

"O que vais fazer?" perguntou-lhe a mãe distraidamente quando tomava o mata-bicho. "Já estudaste as páginas que te marquei da gramática?"

"Vou... vou estudar."

A seguir ao mata-bicho, e depois de beber um copo de água fervida, escapuliu-se sorrateiramente de casa e desceu a colina até aos campos de tomateiros. Embrenhou-se nos campos até chegar ao rio. Talvez fosse imaginação sua, mas a meio do trajeto começou a experimentar uma sensação de perigo e tornou-se cauteloso. Teve até vontade de dar meia volta e fugir, para quê meter-se em tais trabalhos?, mas conteve-se. Se D'Artagnan e os outros heróis de Dumas não recuavam perante o perigo, ele também não recuaria! Com o coração a ribombar-lhe no peito, avançou pé ante pé, os olhos a perscrutarem o espaço em redor em busca de uma ameaça, os ouvidos alerta, até chegar à borda da água. tudo parecia tranquilo, os grilos cantavam e o rio gorgolhava com placidez, a água a chapinhar e a lambar com suavidade o capim das margens. Analisou o espelho líquido. nada se mexia a não ser uma leve correnteza, serena e pacífica, que acariciava troncos flutuantes. Na outra margem erguiam-se umas acácias rubras onde o verde das folhas se misturava com o laranja luxuriante dos cachos de flores, pelo que as contemplou com admiração. Como eram belas!

A certa altura verificou que um ramo de uma das acácias era mais grosso que o normal e, pasmado, percebeu que não se tratava de um ramo, mas de uma cobra que se enrodiava num galho, e observou-a fascinado. Era então aquilo uma das célebres jiboias? A cobra parecia de facto grande, mas estava longe e tão quieta que se diria adormecida. Respirou fundo. Haveria mesmo perigo naquele local? sentiu-se nesse instante quase dececionado, o rio não estava à altura da temível reputação que Raimundo lhe atribuía, mas logo a seguir lembrou-se das histórias de leões que ouvira um caçador contar ao pai, sobretudo a forma como eles se escondiam antes de surpreenderem as impalas, e imaginou um felino oculto pela

folhagem densa dos tomateiros a preparar o ataque. Quase instintivamente, a confabular uma besta hedionda prestes a atirar-se a ele, recuou dois passos e foi justamente nesse momento que o rio deu a impressão de se abrir e um vulto que parecia surgido do nada se atirou na sua direção, brutal e aterrorizador, caindo com grande estrondo na berma onde meio segundo antes ele próprio se encontrava. A massa escura tombou aos pés dele de mandíbulas escancaradas e por um breve instante de estupefação os olhos assustados de Artur fixaram-se naqueles olhos imbecis e avermelhados de sangue.

“Aaaahhh!” um crocodilo!

Estava a ser atacado por um crocodilo e só os dois passos que súbita e velozmente dera para trás com medo de um leão imaginário o haviam salvo das suas terríveis mandíbulas. Mas, apesar de ter falhado o primeiro ataque, o enorme sáurio não desistiu, deu um novo salto em frente e Artur, ainda mal refeito do choque, logrou esgueirar-se a tempo e desatou a correr pelo campo de tomateiros. Corria e nem sentia as pernas, imaginava o crocodilo a correr atrás dele e tentava fundir-se com o vento para lhe escapar ao mesmo tempo que ia pensando que nada daquilo estava a acontecer, era imaginação, um pesadelo de que em breve despertaria, mas continuou a correr porque, apesar do sentimento de irrealidade que dele se apossou, sabia que no fundo tudo aquilo era verdadeiro, estava mesmo a ser atacado por um crocodilo que o queria comer e só se salvaria se fosse mais veloz do que ele, teria de correr como nunca correria, precisava de...

“Que foi, menino? Que aconteceu?” só quando Raimundo o agarrou, já depois de ter escalado a colina, percebeu que estava às portas de casa. Chorava copiosamente, aterrorizado com a experiência que acabara de viver. Deixou-se cair nos braços protetores do mainato e ali permaneceu a vagir e a gemer até enfim se acalmar.

“Foi... foi uma jiboia”, disse, sem mentir mas também sem se atrever a contar toda a verdade. “Vi uma jiboia.” o mainato segurou-o pelos ombros para o encarar.

“O menino não pode ir para ali, ouviu? É maningue perigoso!” Fitou-o nos olhos, a tentar perceber se o garoto lhe mentia. “O que aconteceu quando viu a jiboia?”

Artur não conseguiu sustar o olhar inquisitivo. Baixou os olhos e, o arrependimento a trepar-lhe pelo peito e a embargar-lhe a voz, soluçou antes de responder.

“Vi-a”, murmurou de lábios trémulos. “Mas não lhe fiz nenhuma festinha...”

A maior parte dos estudos primários foram levados a cabo na casa do Furuncungo, como sempre com acompanhamento do pai na aritmética e da mãe no português. Quando completou a quarta classe, a Beira and

Rhodesian Railways concedeu ao pai umas férias prolongadas, que mister Sullivan aconselhou fossem usadas “para a descansa”, pelo que a família Teixeira apanhou na Beira um vapor para Lourenço marques e daí seguiu num paquete holandês proveniente de Batávia para Amesterdão com paragem em múltiplos portos, incluindo Lisboa. Os três chegaram à Metrópole em julho de 1907 e passaram esse verão na casa dos avós paternos, em Lagoa. no final das férias, que duraram dois meses, Artur viu os pais fazerem as malas e prepararem a viagem de regresso.

“Vamos voltar?”, perguntou, a excitação a trepar-lhe pela voz. “Vamos para Moçambique?” o pai fitou-o com intensidade.

“Nós vamos”, disse. “Tu ficas cá.” não era a resposta que o pequeno esperava ouvir. Na verdade, nem sequer a entendeu de imediato. Olhou para a mãe, que secava uma lágrima ao canto do olho, e de novo para o pai, que o fitava com gravidade. O lábio inferior começou a tremer, enquanto o significado das palavras assentava na sua mente.

“Eu quero ir.” o pai suspirou.

“Eu sei, filho”, assentiu com um murmúrio suave. “Mas tens de continuar os estudos e lá no mato não há escola para ti. Vais agora para o primeiro ano e, por muito que te custe, e acredita que a nós também custa, terás de ficar cá.”

“Cá onde? Com os avós?” o pai abanou a cabeça.

“Vais para o internato em Lisboa”, anunciou. “É para o teu bem...”

Artur tinha dez anos e não queria saber do irritante argumento do “é para o teu bem”, sobretudo quando não via que bem tal coisa lhe podia fazer, mas não deu parte de fraco. Fez semblante de que não se importava e, de lábios comprimidos, deu meia volta e fechou-se no quarto. Se um dia sobrevivera a um ataque de crocodilo sem dizer nada a ninguém, não seria por uma coisa daquelas que se desmoronaria à frente dos outros.

Isso não o impediu de chorar.

—

A maior parte das cerejeiras que bordejavam o Trilho dos Filósofos já regressara ao verde, mas ao longo do percurso entre o magnífico pavilhão dourado do templo Ginkaku-ji e o santuário Wakaoji-jinja ainda era possível observar flores brancas em algumas copas das árvores alinhadas pelas encostas da montanha e nas duas margens do rio que zigzagueava a partir do lago Biwako. Satake Iwao imobilizou-se a meio do percurso e contemplou maravilhado as águas do rio. As pétalas alvas de flores de cerejeira flutuavam no espelho líquido: dir-se-iam flocos de neve a deslizar ao sabor da corrente.

Ah, que pena a época das flores do sakura, as cerejeiras, estar a acabar!



Aquele recanto encantado do Maruyama, o mais velho parque de Quioto, parecia-lhe magnífico para praticar o banami, o prazer de apreciar a beleza efémera das flores, mas, havia que sublinhá-lo, nada superava a perfeição do sakura em flor de Akita, a sua terra natal. poderia existir alguma coisa comparável com o estonteante túnel lácteo das cerejeiras floridas que se alinhavam junto ao rio Hinokinai e fechavam o céu com ramos entrelaçados de alvura? Como poderia não se sentir esmagado perante o sublime contraste formado pelo branco encadeante das flores de sakura e as muralhas negras e circunspectas das velhas residências tradicionais dos antigos samurais de Kakunodate? o sereno banami contemplativo de Iwao foi perturbado por gritos longínquos.

"Banzai!", berravam as vozes num coro desordenado.

"Banzai!" quem estaria a desejar dez mil anos de vida a sua majestade imperial? O visitante de Akita planeava espreitar ainda o célebre rio de areia ondulante, com pedras cuja disposição obedecia ao simbolismo místico do Sakutei-ki, O Livro Secreto dos Jardins, mas ficou intrigado com os gritos e, abandonando o miradouro improvisado, aligeirou o passo e dirigiu-se pelo trilho dos Filósofos ao santuário Wakaoji-jinja.

A vozeria foi aumentando de intensidade à medida que se aproximava. Ao chegar ao local deparou-se com uma pequena multidão muito excitada. Viam-se bandeiras do Japão desfraldadas e vários dos seus colegas de curso discutiam acaloradamente, as palavras a atropelarem-se e o ambiente a roçar a euforia. no meio do grupo estava o seu amigo Michi, a quem de imediato se dirigiu.

"O que aconteceu?" michi acolheu-o com uma vénia curta, tão alegre que quase se diria um abraço.

"Então não sabes? Ganhámos!"

A afirmação deixou Iwao na dúvida. Estaria o amigo a referir-se a algum evento ligado à cerimónia de graduação? No fim de contas, ele e os colegas tinham vindo a Quioto para se graduarem oficialmente como polícias e talvez tivessem ganho alguma coisa extra. Seria uma medalha?

"Ganhámos o quê?"

"A batalha, Iwao! A batalha!" o polícia de Akita abanou a cabeça sem compreender.

"Estás a falar de quê?"

"Acabaram de chegar ao quartel-general da Marinha notícias por telégrafo. A nossa esquadra arrasou os russos no estreito de Tsushima. Grande parte da esquadra do czar foi ao fundo."

Iwao abriu a boca e arregalou os olhos, estupefacto e quase incrédulo com a novidade.

"O quê?"

“Derrotámos os russos! O urso ajoelhou-se! Percebes o que isto quer dizer? Pela primeira vez uma grande potência gaijin foi derrotada por um país asiático! Oye! Ainda há trinta anos éramos uma nação feudal e agora... e agora derrotámos os gaijin!”

Desde o ano anterior que o Império do Japão estava em guerra com a Rússia pelo controlo da península de liaodong, na Manchúria, que os russos tinham retirado aos japoneses graças às manobras diplomáticas que se seguiram à surpreendente vitória nipónica sobre os chineses em 1895. Agora, apenas dez anos depois do triunfo sobre a China e três anos após estabelecer uma aliança com a Grã-Bretanha, o Japão voltava a surpreender o mundo e afirmava-se definitivamente como uma grande potência.

Caindo em si e tomando enfim consciência da importância transcendente do momento, Iwao ergueu os braços e gritou tão alto como os colegas de graduação.

“Banzai!” os dois homens cruzaram o Portão de Shimabara e deambularam pelas ruas estreitas do célebre bairro yukaku de Quioto, passando pelas tendas dos comerciantes de bugigangas e por diversos estabelecimentos de chá, como as mizujaya, as casas que serviam simplesmente chá, e as hikite-jaya, as casas de chá introdutórias às atividades da noite para os que queriam salvaguardar o giri, a obrigação de manter imaculado o seu bom nome, e que por isso eram conhecidas por iro-jaya, as casas de chá do amor.

A luz noturna, fraca e amarelada, transformava todos estes estabelecimentos em antros de mistério. Ignoraram essa atividade e seguiram em frente até por fim se deterem diante das jaulas das yujo, as damas do prazer.

“Irrashai!”, saudaram algumas, multiplicando-se em vénias ao ver os dois homens. “Bem-vindos!”

As cortesãs, todas de quimonos de seda colorida e cuidadosamente maquilhadas, muitas de peruca e com penteados rebuscados, estavam sentadas por detrás das barras verticais de madeira e alinhadas como na vitrina de uma loja. Pela beleza das yujo e pelo arranjo requintado do espaço, Iwao percebeu que estava diante de um omagaaki, um bordel de primeira classe, embora talvez a roçar um hamma-gaki, de segunda categoria; teria mesmo assim de pagar bem, provavelmente dois kommen de cobre, embora não os dois ryo de ouro que custaria uma tayu, uma grande dama dos melhores omagaakis, sem dúvida muito para além do alcance da sua carteira.

Com os dois potenciais clientes especados a admirá-las, as cortesãs continuaram a dobrar-se em vénias sucessivas, a tentar atrair sobre si o favor dos recém-chegados. michi olhou para o amigo.

“De certeza que queres avançar?”

“Claro que sim”, retorquiu Iwao. “Temos de celebrar condignamente a grande vitória da nossa esquadra, não te parece? Então vamos. Foi para isso que as yujo foram feitas!” os dois visitantes da cidade sem noite, como entre os japoneses eram conhecidos os bairros yukaku, analisaram cuidadosamente as damas do prazer que se sentavam dentro da jaula gradeada. Os olhos negros delas eram ardentes e convidativos, e nenhuma parecia minimamente incomodada pela forma como se apresentava exposta; dir-se-ia mercadoria à espera de comprador. A decoração da grande jaula era cuidada, e até de certo modo requintada; o espaço delimitado por biombos de laca com desenhos incrustados a ouro, enquanto as raparigas se acomodavam sobre esteiras brancas, os tatami, e estavam rodeadas por almofadões de veludo.

A atenção de Iwao acabou por recair sobre uma yujo de ar fresco e feições trágicas; vestia um quimono azul-celeste com um dragão bordado a ouro e permanecia imóvel como uma estátua de Buda. Estudou-a demoradamente até que se convenceu e tomou a decisão.

“Aquela.” uma voz por detrás de um biombo deu uma ordem e a cortesã levantou-se com movimentos delicados, sempre a rodear-se de grandes cuidados para não enrugur o dragão dourado do quimono, e desapareceu por uma passagem ao fundo da jaula.

Abriu-se então uma porta na rua e um porteiro dobrou-se numa vénia, convidando o cliente a franquear a entrada para os aposentos das damas do prazer.

“Honre-nos, digno visitante, com a majestade da sua presença.”

Antes que Iwao desaparecesse para lá da porta, e enquanto ele próprio hesitava quanto à cortesã que iria escolher, Michi despediu-se com uma palmada amigável nas costas do amigo.

“Diverte-te.”

A yujo apareceu na sala zashiki acompanhada por duas aprendizes maiko; dir-se-ia uma princesa rodeada da sua corte. A cortesã, cuidadosamente maquilhada, ajoelhou-se sobre o tatami onde Iwao a aguardava e inclinou-se devagar, fazendo várias vénias profundas com as mãos a tocarem no chão. Depois sentou-se e o cliente, conhecedor das regras do lento e prolongado ritual, acomodou-se à sua direita e estudou-lhe as feições; dir-se-ia que a cara era uma aguarela pintada sobre marfim delicado. Por cima da base de óleo de camélia e de tinta branca tinha as linhas desenhadas a cor-de-rosa, com um sopro de encarnado em torno dos olhos e sobre as bochechas e as sobranceiras tingidas a negro com as bordas rubras. A boca reduzia-se a um botão minúsculo e a máscara branca que lhe cobria a cara descia pelo pescoço delgado e alargava-se pelo busto dando-lhe uma configuração

loucamente erótica.

Iwao sorriu-lhe com afabilidade.

“É um infinito prazer conhecer criatura tão celestial”, disse num sussurro.

“Como se chama?”

“Miyako.”

“Ah, a bela da noite.” uma maiko apareceu com uma bandeja e depositou duas chávenas sobre o tatami. Os dois bebericaram o chá sem pronunciarem mais nenhuma palavra e trocando apenas olhares tímidos e dissimulados. Como se esperava numa cortesã de um omaagaki, os preços não foram sequer mencionados; o cliente apenas sabia que no fim lhe seria apresentada a conta e pagaria bem, decerto os dois kommen de cobre que Iwao trazia em mente, mais algum dinheiro extra de shugi, a gorjeta a que ela tinha direito se os serviços atingissem o nível desejado. quando as chávenas ficaram por fim vazias, a yujo levantou-se e despediu-se com uma nova vénia. A seguir virou-se, afastou-se a menear o corpo à maneira nukiaishi chu-binera, o “gracioso balouçar das ancas em movimento voluptuoso”, que em bom rigor dava a impressão de que caminhava como se tivesse as pernas atadas pelos joelhos, sempre a equilibrar-se sobre altos tamancos geta, e sumiu-se pela porta de onde viera com as suas maiko.

Iwao permaneceu cinco minutos no salão, só e em silêncio. Ao fim dessa curta espera, as duas maiko voltaram ao

zashiki e, após novas vénias silenciosas, fizeram-lhe sinal de que as acompanhasse. o homem seguiu-as por um longo corredor com as paredes de madeira e foi conduzido ao pequeno quarto interior onde se estendia um largo tatami, evidentemente a esteira que servia de cama, e três futon almofadados. Pousados pelo soalho encontravam-se um alguidar e dois grandes jarros, ambos com água. Tinha chegado ao tsugi no ma, a alcova.

As duas maiko fizeram mais uma vénia.

“O honorável cavalheiro dá-nos licença?”

“Com certeza.”

As raparigas começaram a despir Iwao até ele ficar nu.

Depois foram buscar os jarros e, com esponjas e toalhas molhadas, puseram-se a lavá-lo; a água era tépida e perfumada com crisântemo. No final secaram-no com outras toalhas, borrifaram-no de um perfume de flor de cerejeira e indicaram-lhe o tatami. O homem instalou-se na esteira e as maiko, depois de uma nova vénia, abandonaram a divisão e correram a fina folha de papel que a separava do corredor.

Ficou só. um silêncio absoluto abateu-se sobre a alcova. Sem nada para fazer, Iwao pôs-se a estudar o espaço. Uma lanterna cor-de-rosa projetava figuras fantasmagóricas sobre os tabiques brancos e sobre o bambu que

servia de parede e ele desatou a imaginar formas; uma sombra lembrou-lhe um cão, uma outra uma montanha. Havia um grande vaso de flores a um canto e a sua atenção fixou-se nos futons vermelhos com bordos a negro; a presença dos três futons e o requinte da decoração indicavam a elevada classe da cortesã, pois era ela que pagava tudo aquilo e o esplendor do seu tsugi no ma constituía o padrão pelo qual a yujo tinha de ser avaliada.

Desejou que as coisas se desenrolassem mais depressa, mas conteve a impaciência; sabia que tudo na sua cultura, mesmo os atos mais simples, envolvia longos cerimoniais. Assim se manifestava a tradição, e se havia algo que se impunha cumprir era a tradição, pois respeitá-la equivalia a respeitar e honrar os antepassados. suspirou e aguardou alguns minutos. um shamisen distante começou de repente a tocar, melancólico e melodioso. Sentiu movimento no corredor e, ato contínuo, um sopro suave assinalou o momento em que a folha de papel voltou a ser corrida à entrada do compartimento e três figuras femininas apareceram no tsugi no ma. miyako e as duas maiko.

A cortesã já não trazia o quimono azul-claro com o dragão dourado com que se apresentara na jaula das damas do prazer, mas um quimono ondulante de tule cor de salmão.

As três raparigas abeiraram-se da alcova e dobraram-se em mais vénias. Destacando-se das maiko, a yujo deslizou graciosamente para o tatami e acomodou-se à esquerda do homem, sobre os futons. As maiko fizeram uma última vénia e cobriram o ninho de prazer com um véu de seda verde antes de voltarem a abandonar o tsugi no ma e os deixarem a sós.

Com um movimento subtil, Miyako soltou o quimono de tule e desnudou-se, revelando uma pele branca de marfim e suave de seda. Cheirava a jasmim. O que hipnotizou Iwao, no entanto, foram os seus seios pequenos e arrebitados, com mamilos rosados e suculentos. A rapariga baixou os olhos em sinal de modéstia, mas tudo não passava de pudor fingido pois de imediato se inclinou sobre o ventre dele e, depois de o tatear exploratoriamente para lhe sentir a dureza, e constatando que ainda despertava, acariciou-lhe a masculinidade com a extremidade dos dedos de maneira a desencadear-lhe mil sensações e assim acirrar-lhe o desejo até o erguer por completo. quando “a árvore de carne” ficou pronta, e já determinados os pontos mais sensíveis, a yujo percorreu-a com a ponta da língua antes de, com suprema perícia, lhe “rodopiar a haste”, expressão que descrevia o ato de o abocanhar por inteiro, até com os lábios e a língua o fazer “rebenotar o fruto” e desse modo, entre suspiros e gemidos, genuínos dele e fingidos dela, permitir a Iwao celebrar condignamente a grande vitória da esquadra imperial no estreito de tsushima. reencontrou Michi no Portão de Shimabara, à saída do velho bairro yukaku de Quioto.

Cumprimentaram-se com uma vénia, como haviam sido ensinados a fazer desde crianças e continuavam a fazer entre eles, mesmo na camarata que partilharam enquanto tiravam o curso da polícia.

"Então, Iwao, que tal foi isso?"

"Divinal", respondeu o amigo. "E tu?"

"Ainda mais divinal!"

Juntaram-se numa gargalhada. Sentiam-se ambos felizes, não apenas por causa da agradável hora passada na companhia das belas cortesãs, mas pela graduação como polícias e, claro, pelo grande triunfo naval de Tsushima. Poderia haver dia mais perfeito? Para que tudo ficasse ainda melhor só faltava que o sakura em flor regressasse em força e voltasse a pintar o Japão de branco florido.

Começaram a andar e encetaram o caminho de regresso aos seus alojamentos. Tinham de se deitar porque no dia seguinte teriam de acordar cedo para voltarem às suas terras natais e se apresentarem ao serviço, Iwao em Akita, Michi em Nagasáqui.

"Quais são os teus planos, agora que te graduaste?"; perguntou Michi. "Vais trabalhar em Akita?"

"Claro. Mas tenho ideia de me candidatar a um lugar em tsuchiura, talvez um dia consiga ir para lá."

"O que tem Tsuchiura assim de tão especial?"

"Sou um Satake e os Satake, não sei se sabes, são uma velha família de samurais de Tsuchiura. Fomos forçados há alguns séculos a ir viver para Akita, por causa de histórias velhas que não vale a pena estar agora a contar, mas todos alimentamos o sonho de um dia voltar às origens e honrar assim os nossos gloriosos antepassados. Porque não hei de ser eu o primeiro Satake a realizar esse sonho?"

"Honrar os antepassados é o dever de qualquer bom japonês", assentiu o amigo. "Mas antes de ires para Tsuchiura talvez fosse aconselhável casares-te, não achas?"

"Sim, esse terá mesmo de ser o próximo passo." os dois caminhavam pelas ruas de Quioto, desertas àquela hora da noite, o taquetear dos tamancos a ecoar pela pedra.

"Os teus pais já te escolheram esposa?"

Iwao suspirou.

"Aí está o problema", reconheceu. "A minha mãe arranjou-me duas noivas de boas famílias de Akita, mas não gostei delas quando as vi no miyai. Pavorosas."

"Terão de te procurar outra."

"Onde?"

"Oh, sei lá. Há por aí tantas..."

"Isso é mais fácil de dizer do que de fazer. O meu problema é que as raparigas bonitas de Akita não pertencem a famílias que agradem à minha mãe. Quanto às meninas de boas famílias, ou já estão comprometidas ou têm um ar enfezado que chega a assustar. Conclusão, tenho de procurar noiva noutras paragens."

A observação deixou Michi pensativo durante alguns momentos.

"Pelo que me contas, presumo que não sejas primogénito..."

"De facto, não sou. Não passo do quarto rapaz de uma família de nove filhos."

"Isso quer dizer que não tens grandes hipóteses de ser o herdeiro."

"Não é difícil de perceber, pois não?"

A posição de Iwao na hierarquia da sua família explicava a dificuldade que ele pelos vistos tinha em encontrar noiva.

Habitualmente eram os pais japoneses que escolhiam as noivas dos filhos, uma vez que as mulheres com as quais eles iriam casar entrariam na genealogia da família, o que tornava fundamental que elas assegurassem uma boa descendência. Naturalmente a dívida de ón, a honra e devoção filial, impedia os filhos de recusarem a escolha dos pais. porém, esse costume era mais rigoroso quando se tratava do primogénito, uma vez que seria ele o herdeiro. Com os filhos que não tinham possibilidades reais de herdar os bens da família, como acontecia com Iwao, o processo de escolha da noiva não era tão rigoroso; não só havia mais margem para o rapaz rejeitar a eleita dos pais como estes lhe concediam maior latitude de escolha.

"Precisarás dos meus préstimos?"

Iwao estacou a meio da rua e fitou o amigo com um olhar perscrutador, como se se estivesse a certificar de que ele falava a sério.

"Qual é a tua ideia?"

"Vem comigo a Nagasáqui. Conheço uma boa família que tem seis filhas, todas bonitinhas e três delas casadoiras. se quiseres faço de teu intermediário e arranjo maneira de conheceres uma. O que achas?" o homem de Akita ponderou a reação da mãe. Mostrando-se Iwao tão rigoroso com as noivas que ela lhe havia escolhido anteriormente, e mais uma vez considerando que não se tratava do primogénito, seria decerto um alívio para a mãe vê-lo despachado sem mais delongas. Isso queria dizer que mais facilmente se mostraria flexível, desde que lhe coubesse a palavra final e a mulher escolhida fosse de um nível social aceitável para o estatuto da família Satake. persuadido, balançou afirmativamente a cabeça e recomeçou a caminhar.

"Mostra-me a genealogia delas e logo te responderei."

A manhã nascera quente e cinzenta em Nagasáqui e um vento abafado soprou o seu hálito húmido sobre os dois homens que passavam pela ponte Meganebashi. Na outra margem viraram pela rua à direita até se imobilizarem diante da casa à hora combinada. Foi o intermediário, como de resto era seu dever, que bateu à porta. A empregada que veio abrir reconheceu Michi, acolheu-o a ele e a Iwao com uma vénia e conduziu-os à sala em passos curtos e apressados. Os dois visitantes instalaram-se sobre o tatami e a doméstica retirou-se com outra vénia para reaparecer minutos depois a equilibrar um tabuleiro; sobre ele vinham um bule fumegante, várias chávenas de chá e pratinhos com pastéis.

A mulher ajoelhou-se, distribuiu tudo diante deles e, terminada a operação, levantou-se e fez uma nova vénia.

“Com a vossa licença.”

Depois de a empregada se retirar, os dois homens ficaram sozinhos na sala. Nenhum tocou no chá ou nos pastéis; o ritual do miyai deixava isso para um momento posterior.

“Achas que vai demorar muito?”, perguntou Iwao. “É que...”

“Chiu.” ouviram passos e um homem barrigudo de meia idade, evidentemente o dono da casa, Iesuzu Haro, apareceu na sala de quimono negro. Os visitantes puseram-se de imediato em pé e os três trocaram vénias prolongadas sucessivas.

“Sejam bem-vindos ao meu humilde tugúrio”, saudou o anfitrião. “É uma infinita honra receber nos meus miseráveis aposentos a visita de cavalheiros tão ilustres.”

“A honra é toda nossa, Iesuz-usim” devolveu Michi, ainda a desdobrar-se em vénias. “O meu coração enche-se de alegria infinita por vê-lo de boa saúde.” Inclinou-se para indicar o amigo. “Tenho o sublime prazer de lhe apresentar Satake Iwao, gentil-homem de Akita e descendente de samurais de Tsuchiura. É um bom amigo que veio aqui a Nagasáqui para me ajudar nos meus assuntos particulares. Vinha por acaso a passar pelas redondezas e lembrei-me de lhe fazer uma visita, Iesuzu-sím. Como Satake Iwao me acompanhava tomei a liberdade de o trazer comigo.” nova vénia de Haru, desta feita dirigida especificamente a Iwao.

“Satake-san, é uma honra.”

“Eu é que me sinto superiormente honrado por ser acolhido por tão prestigiada personalidade, honorável Iesuzu-san.”

A apresentação que Michi fizera do amigo não passava de uma encenação, pois todos sabiam o que trouxera Iwao à cidade. O pretexto de uma visita casual era contudo importante para que ambos os lados pudessem manter



o giri, a honra de obrigação com o seu próprio bom nome, e salvar a face caso o pretendente rejeitasse a noiva ou a família dela rejeitasse o pretendente. Como naquele instante ninguém reconhecia que o encontro servia para acertar um casamento e formalmente tudo não passava de uma mera visita de cortesia, se o casamento não se efetivasse o giri de ambas as partes manter-se-ia salvaguardado e ninguém ficaria envergonhado ou se sentiria insultado. Daí a importância do papel de intermediário que Michi desempenhava.

“Sentem-se”, convidou o anfitrião. “Espero que os meus humildes aposentos não vos deixem constrangidos.”

“É uma sublime honra aqui estar.”

Feitas as apresentações, acomodaram-se sobre o tatami. o dono da casa esboçou um gesto a indicar o bule de chá e os pastéis que a empregada servira na altura da chegada dos visitantes.

“Não me dão o superior privilégio de se dignarem provar estes humildes manjares que mandei preparar em vossa honra?”

“O aroma do néctar emanado por este bule é inebriante, Iesuzu-sim”, disse Michi. “Ansiamos pela maravilhosa oportunidade de provar o sublime chá que com tanta generosidade nos oferece, embora receie que não sejamos merecedores de tão requintado acolhimento.” o anfitrião estalou os dedos e a empregada, que aguardava ordens no compartimento vizinho, reapareceu na sala.

Ajoelhou-se sobre o tatami, pegou no bule e verteu o chá para as chávenas. Depois de ela se afastar, os dois convidados pegaram nas suas chávenas e levantaram-nas em sinal de respeito pelo anfitrião. A seguir sorveram a infusão; era o chá verde matcha, habitualmente usado no chanoyo, a cerimónia conhecida entre os japoneses por caminho do chá.

“Então é a família de Satake-san?”, quis saber Iesuzu Haru, como se a questão acabasse de lhe ocorrer. “Não pôde vir?”

A pergunta nada tinha de inocente, pois era costume os pais do pretendente, ou pelo menos um deles, estar presente nos encontros “casuais” de miyai.

“Infelizmente o meu pai já faleceu e a minha mãe ficou em Akita”, retorquiu Iwao. “Sabe como é, tem uma idade avançada e a saúde não lhe permitiu vir cá. Mas asseguro-lhe que a minha vinda a Nagasáqui foi devidamente sancionada e ela endereça-lhe as suas desculpas e os melhores cumprimentos.” ou seja, por algum motivo a mãe do pretendente não se mostrava muito preocupada com procurar noiva para o seu quarto filho e autorizara-o a encontrá-la ele próprio. Não era a melhor das situações e noutras circunstâncias isto poderia ser suficiente para a família da rapariga desistir, mas, considerando que os Iesuzu tinham muitas filhas

para despachar e os Satake eram de nível superior, pois descendiam de samurais e por isso ocupavam um nível que não podia ser desprezado, teria de se resignar.

"Naruhodo", assentiu Iesuzu-sam, ocultando a decepção.

"Compreendo."

Iwao bebeu o mais depressa que a cortesia lhe permitia; o momento fora supremamente delicado e esforçara-se por explicar a ausência da mãe de maneira que não pusesse em causa o giri do anfitrião, salvaguardando assim a sua honra e reputação. Aparentemente fora bem sucedido. Quando por fim esvaziou a sua chávena, pousou-a e fez uma vénia.

"Este chá está verdadeiramente divino", disse devagar, para sublinhar a importância das suas palavras. "Será que o meu honorável anfitrião me daria a suprema honra de mandar servir uma segunda vez?"

Era o sinal, o momento mais importante e crítico do miyai chegara enfim. Respondendo à solicitação, Iesuzu Haru voltou a estalar os dedos e, ato contínuo, uma figura feminina apareceu na sala; já não era a doméstica, mas uma rapariga de quimono roxo. Trazia o olhar baixo, flutuava em passinhos minúsculos e, consciente dos olhares analíticos que sobre ela caíam, tinha as faces enrubescidas de pudor.

"Quando é que o meu ilustre amigo começa a desempenhar funções aqui na polícia de Nagasáqui?", perguntou o dono da casa a Michi com ar displicente. "Atrevo-me a dizer que a nossa bela cidade precisa com urgência dos seus competentes préstimos."

"Em breve Nagasáqui contará com os meus miseráveis serviços, Iesuzu-san" foi a resposta. "Chegámos agora de Quioto, onde decorreu a cerimónia de graduação, e terei de me apresentar amanhã na prefeitura. Depois se verá o que..."

A conversa entre Haru e Michi não passava de um teatro próprio da cerimónia do miyai. O que de verdadeiramente importante ali se passava eram os olhares penetrantes que enquanto eles falavam Iwao ia lançando na direção da filha do anfitrião, apreciando-lhe a beleza, a educação e o requinte dos gestos a servir a segunda dose de chá. Decorria um exame e era ele o examinador.

Igualmente ciente do que estava em jogo, a rapariga nem se atreveu a fitá-lo por um momento que fosse. Limitou-se a ajoelhar-se, pegar no bule com meneios de infinita elegância e deitar o chá na chávena do seu pretendente. A seguir ofereceu-lha, levantou-se, fez uma vénia profunda e retirou-se. Não trocaram uma única palavra e todo o cerimonial durou uns três minutos, talvez menos.

Depois de erguer a chávena no ar em homenagem ao anfitrião, Iwao trago o chá com uma expressão pensativa, amadurecendo as impressões que

colhera durante aqueles três breves e intensos minutos enquanto esperava que a conversa entre o amigo e o dono da casa terminasse. sabendo que o ato crucial já fora concluído, Haru e michi puseram fim ao diálogo mundano em que se haviam envolvido. Depois de mais uns instantes em que trocaram as habituais amabilidades protocolares, os visitantes pousaram as chávenas vazias e ergueram-se.

"Agradecemos, Iesuzu-san, o magnífico acolhimento que nos concedeu na sua faustosa residência", disse Michi já à laia de despedida. "Espero com ansiedade que nos possamos ver de novo em breve."

"Por favor, fiquem mais algum tempo. Nem sabem o imenso prazer que a vossa dignificante presença dá a este humilde anfitrião."

"Nada nos agradaria mais do que permanecer na sua acolhedora companhia. Receio, porém, que o dever nos obrigue, contra a nossa vontade, a apartar-nos da sua muito afável e prestigante pessoa."

"Oh, que pena!"; retorquiu Haru com um gesto teatral.

"Não há poema que possa descrever os sentimentos de comovida alegria e infinito deleite que retirei da vossa tão oportuna visita." trocaram mais uma seqüência de vénias e de amabilidades que se prolongou até à porta da casa dos Iesuzu. Por fim os visitantes abandonaram a residência e fizeram-se à rua. quando o anfitrião se recolheu e os deixou a sós, Michi encarou o amigo, interpelando-o com um olhar encharcado de curiosidade e expectativa.

"Então?"

"Como se chama ela?"

"Aiko", devolveu o intermediário, a arder de curiosidade.

"Conta lá, o que achaste?" um sorriso luminoso cintilou no rosto incendiado de Iwao.

Encontrara por fim o que procurava.

—

"Se a minha mãe aprovar, podemos marcar o casamento."

Foi numa manhã chuvosa e triste de outubro, o céu de cobre deslizava baixo e o rumor cavado de trovões soava à distância a puxar a tempestade, que Artur entrou no Real

Colégio Militar trajado com a farda cor de pinhão dos alunos da instituição escolar. Os pais acompanharam-no até ao oficial de dia e, após inquirirem sobre os procedimentos habituais em tais circunstâncias, uma vez que a papelada já havia sido tratada dias antes, foram informados de que lhe deveriam entregar o filho e simplesmente ir-se embora. Esperavam uma cerimónia qualquer, algo que conferisse adequada solenidade a um momento

tão importante na vida de uma família, e não puderam deixar de se sentir desiludidos.

Chegara pois o momento da despedida; poderia ser tudo um pouco seco, mas tiveram de se conformar. A mãe agarrou-o contra ela e encheu-o de beijos e lágrimas e o pai estreitou-o num abraço másculo, como se assim lhe anunciasse que a infância acabara nessa manhã e ele já não era um menino. Iria viver afastado da família e teria de se assumir como um homenzinho.

“Escreve-nos, ouviste?”, implorou a mãe quando já se afastava para além dos portões, o lenço de renda nas mãos a secar as lágrimas já de saudades. “Todos os dias!”

A separação não foi um momento fácil para ninguém, e muito menos para Artur, que com os seus dez anos se sentia perdido por este corte umbilical tão abrupto e prematuro, mas a verdade é que nos últimos dias vira também crescer dentro dele uma certa curiosidade pelo que lhe traria esta nova etapa da sua vida. Se tinha mesmo de a viver, enfrentá-la-ia de queixo levantado e sem mostrar medo, como D’Artagnan e os mosqueteiros e como no dia em que atravessara o campo de tomateiros para enfrentar as jiboias e os crocodilos do rio. Os primeiros tempos em Lisboa foram difíceis, sobretudo por causa da sensação de desenraizamento; no fim de contas era a primeira vez que se via longe da família e as saudades consumiam-no. O que o consolava é que os colegas da sua turma pareciam padecer do mesmo problema. Depois havia o frio. É certo que o Furancungo, por se situar num planalto, era um local razoavelmente fresco, mas nada o preparara para o outono, e sobretudo o inverno, da Metrópole. Ali o frio era húmido e quando se vestia tinha a sensação de que as roupas estavam impregnadas de água gelada.

E, claro, punha-se o problema da comida. Como comparar as insípidas refeições do refeitório com os pratos suculentos da mãe?

As primeiras aulas revelaram-se medianamente interessantes e ao longo da semana inaugural do ano letivo as suas expectativas foram baixando. Quando chegou a sábado de manhã já só pensava em enfrentar as derradeiras lições com

espírito de resistência. O horário indicava que a primeira hora seria ocupada por Moral e Religião, disciplina cujo nome lhe arrancou um bocejo matinal; para que precisava ele daquelas lições se já tinha feito a catequese e aos domingos iam sempre à missa? o horário indicava que o professor se chamava Teófilo

Baptista e os alunos esperavam que se tratasse de um padre, pois o nome da disciplina e do docente assim o sugeriam, mas em vez disso apareceram-lhes um jovem engratado, de barba bem aparada e óculos redondos. O

responsável pela disciplina entrou na sala com ar compenetrado e fez a chamada num tom monocórdico que os levou a antever o pior para o resto da hora; se o sujeito era assim tão entediante a identificar as presenças, imagine-se como seria quando se pusesse a ministrar os sermões. no momento em que se iniciou a lição, no entanto, Artur percebeu que estava perante algo diferente.

“Se toda a gente pudesse ter tudo o que quisesse e quando quisesse, estaríamos num mundo perfeito”, começou o professor Baptista por dizer. “O problema é que isso não é possível porque os recursos são limitados e, assim sendo, não se pode dar tudo a toda a gente. Se eu tiver cinco pães para alimentar dez pessoas, há cinco que vão comer, mas cinco ficarão sem nada. Nestas circunstâncias, como resolver o problema?” Arqueou as sobrancelhas. “Digam-me, como?”

A primeira exposição do professor de Moral e Religião surpreendeu os alunos, e por dois motivos. Por um lado, e contrariando as expectativas, aquela matéria não tinha a menor relevância para a religião, embora fosse pertinente no domínio da moral; seria decerto por esse motivo que estava a ser ministrada. Por outro, o responsável pela disciplina dirigira uma pergunta à classe, o que não constituía prática habitual na instituição. Pela amostra da primeira semana já se percebera que as lições no Real Colégio Militar eram dadas com os docentes a falarem ininterruptamente e os estudantes a ouvirem e a tomarem notas, apenas intervindo quando eram testados e sempre com grande ordem, mas pelos vistos o professor Baptista, que ao que corria também lecionava aos estudantes mais velhos uma cadeira com um nome misterioso, chamavam-lhe *Philosophia*, preferia gerir as suas aulas de maneira diferente.

“Então?”, repetiu o docente. “Ninguém sabe? Como posso alimentar dez pessoas com apenas cinco pães?” perante a insistência do responsável pela disciplina, Artur ganhou coragem e apresentou a resposta óbvia de quem na infância treinara aritmética com o pai.

“Porque não cortar os cinco pães ao meio, senhor professor?”, sugeriu. “Assim as dez pessoas comeriam todas meio pão.” o professor Baptista sorriu.

“Isso é política”, sentenciou. “Os recursos são limitados e temos de os gerir. O que fazemos com cinco pães quando temos dez pessoas para alimentar? Cortá-los ao meio parece uma solução razoável. Mas... imaginem que quatro pessoas se esforçaram imenso para fabricar esses cinco papossecos, mas as outras seis ficaram de barriga para o ar e nada fizeram. Merecem todas a mesma quantidade?”

“Claro que não.”

“Então o que se faz às restantes seis pessoas? Deixam-se morrer de

fome?”

“Se estão com fome, que se esforcem!”

“Mas imaginem que algumas das seis que nada fizeram estavam doentes. Devem ser punidas?”

“Bem... uh, não.”

“Deve-se então dar igual quantidade a todos, independentemente de terem contribuído para produzir o pão existente?”

“Sim.”

“Bom, mas então pode acontecer que as quatro que se esforçaram, constatando que recebem o mesmo que as que nada fizeram, concluem que não vale a pena sacrificarem-se e preferam de futuro ficar na cama a dormir em vez de irem trabalhar, o que significa que amanhã deixará de haver pão. pode até suceder que, pelo contrário, premiando as que se esforçaram, estas, em vez de produzirem apenas cinco pães, se esforcem ainda mais e comecem a produzir seis, sete ou oito pães. E algumas das que nada fizeram, vendo que o prémio é elevado e a punição desagradável, poderão começar a esforçar-se, o que conduzirá a um aumento da produção de pão. Qual a forma correta de distribuir os pães, de modo a encorajar os esforçados mas a não deixar morrer de fome os que nada fizeram?” os alunos, todos eles ainda demasiado novos e imaturos para lidar com aquelas matérias, pareciam confusos; o problema tornara-se inesperadamente complexo e não tinham resposta para as suas múltiplas variantes e ramificações.

“Pois... uh...”

“E, já agora, qual o preço do pão? Deve ser barato ou caro?”

Esta última pergunta não era retórica, mas de novo dirigida aos estudantes. A resposta da classe veio em coro, tão evidente ela pareceu desta vez.

“Barato.”

“Acham que sim? Então e o agricultor que cultiva o trigo? Se o pão for barato ninguém lhe pagará devidamente o trigo. Assim sendo, para que se estará ele a esforçar para o cultivar? Se receber pouquíssimo dinheiro mais vale nada fazer. E se os agricultores não cultivarem trigo não haverá pão para ninguém e todos passarão fome. Nessas condições, acham mesmo que o pão deverá ser barato?”

A nova complicação do problema desconcertou os alunos.

“Bem...”, hesitou um deles, compreendendo a perspectiva dos agricultores.

“Se calhar era melhor o pão ser caro.”

“Mas se o pão for caro as pessoas não o poderão comprar e passarão fome. Acham isso justo?” os rapazes entreolharam-se, desorientados; ninguém sabia o que dizer. Qual a resposta certa?

“É por isso que precisamos da política”, retomou o professor. “E a arte da

política, que tem grande relevância para a questão da moral, é tornar o trigo caro para encorajar o agricultor a produzi-lo e o pão barato para satisfazer o consumidor. É preciso premiar os que se esforçam para que produzam mais e para que mais pessoas se esforcem, mas não se pode deixar os restantes morrerem à fome. Isto quer dizer que, se os homens querem viver juntos, têm de se organizar para gerir os recursos existentes. A questão é saber qual a melhor forma de organização, a mais eficiente e a mais justa. é uma pessoa mandar e todas as outras obedecerem? É todas mandarem ao mesmo tempo? É haver um rei? É eleger um presidente? Os filósofos andam há milénios a discutir estes assuntos e a humanidade anda há milénios a experimentar maneiras diferentes de gerir as sociedades.” Voltou a encarar a turma com uma questão para os alunos. “Qual é afinal a melhor solução?” por via do que escutara da boca do avô monárquico durante as férias em Lagoa, Artur tinha a solução na ponta da língua.

“É com o rei.” para sua surpresa, a resposta dividiu a turma. Uns colegas aplaudiram, muitos patearam.

“É um ditador!”, protestou um deles. “Escolheu o João Franco em vez do Partido Progressista!”

“Por muito menos do que fez o senhor D. Carlos rolou no cadafalso a cabeça de Luís XVI!”

Como eram demasiado novos para entenderem devidamente a política, todos pelos vistos papagueavam os pensamentos dominantes nas respetivas casas; a própria equiparação de sua majestade real à cabeça guilhotinada de Luís XVI era a mera imitação de uma polémica declaração proferida no parlamento por um deputado com simpatias republicanas. na verdade, o país político andava dividido quanto à monarquia. Todos defendiam que a habitual alternância no poder entre o Partido Regenerador e o Partido Progressista tinha de acabar, mas quando o rei passara da palavra aos atos e escolhera João Franco para presidente do Ministério em vez dos líderes dos dois habituais partidos caíra o carmo e a trindade. Os líderes partidários ficaram furiosos, eles e as suas inúmeras clientelas partidárias habituadas a apropriar-se do poder e que dele se viam apartadas, pelo que se aliaram aos anarquistas e aos republicanos na oposição a sua majestade e ao novo governo.

“O Hintze e o Luciano são uns gatunos!”, contrapôs outro aluno, em referência aos chefes dos dois principais partidos habituados à rotatividade no poder entretanto apeados.

“O meu pai passa a vida a falar no escândalo do Crédito predial! Diz que é uma pouca-vergonha e que bem fez sua majestade real em correr com essa cambada! Ladrões!”

A confusão instalara-se na sala, cada um a reproduzir os pontos de vista

dominantes nas suas casas, o que obrigou o professor a intervir para calar a turma.

"Calma, calma!", disse, abrindo os braços. "Nesta aula não vamos discutir política, ouviram? Vamos apenas falar de filosofia política. Filosofia! O que nos interessa é debater modelos, não a atualidade política dos progressistas e dos regeneradores. Aliás, a nossa conversa na aula nem se vai centrar aqui em Portugal, mas na Grécia. E sabem porquê?"

A turma, uma vez a calma restaurada, permaneceu em silêncio perante a pergunta. O que teria a Grécia a ver com o assunto?

"Desde que a humanidade apareceu que o poder foi entregue a um chefe", retomou o docente. "O chefe da família, o chefe da aldeia, o chefe da tribo. Ele mandava e todos obedeciam. O problema é que, quando chegava a hora de tomarem decisões, os chefes beneficiavam-se sempre a si próprios." um aluno arredondado chamado Idalécio Garrão, que todos conheciam pelo atrevimento e pela graça natural, não resistiu a soltar uma laracha.

"O meu pai diz que quem parte e reparte e não fica com a melhor parte ou é tolo ou não tem arte." o provérbio fez rir a turma e o docente.

"Pois, esse é o problema dos chefes", assentiu o professor Baptista. "Foi aliás mais ou menos por isso que, quase seiscentos anos antes de Cristo nascer, um aristocrata grego chamado Sólon conseguiu que a sua cidade, Atenas, deixasse de ser governada por chefes hereditários, o habitual sistema em que os novos chefes eram os filhos dos antigos chefes, e o poder passasse a ser exercido pelos próprios cidadãos. Os administradores da cidade começaram a ser escolhidos através de uma lotaria entre a população e as decisões passaram a ser tomadas numa assembleia na qual os cidadãos de Atenas discutiam e votavam. Foi assim que apareceu a democracia e floresceu a literatura, a ciência, a arquitetura, e sobretudo a filosofia, que se tornou a base do pensamento ocidental.

Esta democracia ateniense durou duzentos anos e produziu grandes filósofos. Entre os assuntos sobre os quais esses filósofos pensaram incluía-se, claro, o delicado problema da governação. Qual afinal o melhor modelo?" por esta altura já grande parte da turma se havia desinteressado da aula e os olhares tornaram-se vagos; não eram seguramente matérias para aquelas idades e só o entusiasmo do professor justificava que dedicasse tanta atenção a questões sem dúvida relevantes mas desadequadas para garotos tão evidentemente imaturos. Apenas Artur, que se descobria fascinado com o tema, se manteve preso às palavras do docente.

"Se Atenas era uma democracia, senhor professor, é natural que esses homens defendessem a democracia..."



"Pois, mas ocorreu então um acontecimento traumático. um dos maiores filósofos de Atenas, um sábio chamado Sócrates, suscitou questões sobre a justiça e a virtude que desagradaram a muitos dos seus concidadãos. Os atenienses juntaram-se numa das suas assembleias democráticas e, após debate, votaram pela morte do filósofo. A execução de Sócrates deixou em estado de choque um dos seus discípulos, o jovem Platão. Era assim que o povo exercia o poder?, questionou-se ele. Platão ficou com a impressão de que o seu mestre havia sido julgado por uma assembleia de crianças. na verdade começou até a pensar que o povo era infantil, apenas obedecia aos desejos primários e não fazia um uso adequado da razão. A democracia, raciocinou ele, é um regime que favorece a igualdade de condições entre pessoas que a própria natureza fez diferentes e hierarquizou. Como se podem pôr crianças a governar? Não tinha a natureza estabelecido que eram os adultos que governavam e que as crianças eram governadas? A democracia é contranatura, estabeleceu Platão, porque exige que os adultos adulem as crianças para as poder dirigir. Como a governação implica algumas decisões difíceis que as crianças jamais aceitarão, justamente porque são guiadas por paixões e desejos primários, os adultos terão de as adular e enganar da mesma maneira que põem açúcar no xarope para convencerem a criança doente a tomar o remédio amargo. Criar-se-ia assim uma sociedade da mentira. Dececionado com a democracia ateniense, Platão concluiu que os cidadãos são geralmente ignorantes e que por isso não podem governar.

A melhor solução, estabeleceu ele, seria entregar o poder a quem tivesse talento e preparação adequada para tal, uma espécie de filósofo-rei. Deve governar quem sabe governar." o professor passou o olhar pela sala, interpelando de novo os alunos. "Acham que faz sentido?" sentindo que a pergunta os forçava a sair da modorra, os alunos pareceram despertar por alguns momentos.

"A minha empregada não pode governar", observou Garrão. "Embora fosse capaz de fazer melhor do que o Hintze.

Até eu fazia."

A sala agitou-se com uma nova gargalhada.

"Pois, talvez tenhas razão, mas políticos como o senhor

Hintze Ribeiro não são para aqui chamados", retomou o docente. "Na verdade, um outro filósofo grego, Aristóteles, achou que a ideia de Platão não era muito boa. O que é isso de só um grupo de iluminados poder governar? Isso é elitismo! Aristóteles começou por observar que os seres humanos só sabem viver em sociedade e que isso os torna animais políticos. Notem que a palavra político vem do grego polis, que significa cidade."

“Polis de Acrópolis?”

“E de Constantinópolis, a cidade de Constantino. Política é a palavra inventada por Aristóteles para definir os assuntos da polis, ou os assuntos da cidade. Aristóteles achava que o objetivo das diferentes formas de organização da polis, ou política, é fazer com que as pessoas vivam o melhor possível. no caso de haver um único governante, o bom governo é a monarquia e o mau uma tirania. Já o bom governo de um grupo é uma aristocracia e o mau governo de um grupo uma oligarquia. O que ele preferia, no entanto, era um sistema em que todos governassem bem, um sistema que hoje designamos democracia.”

Artur fez uma careta.

“Mas, senhor professor, o meu avô diz que nós vivemos hoje numa democracia e que anda a correr tudo mal, ninguém se entende e a vida está cada vez pior...”

“Pois, Aristóteles também falou nisso. Num sistema em que todos governam é possível que a governação seja boa mas também, há que reconhecer, pode ser má. No fundo foi o que aconteceu quando Sócrates foi sentenciado à morte, não é verdade? Viu-se condenado por uma má democracia. mas Aristóteles achava que uma tirania ou uma oligarquia eram piores do que uma má democracia e observou que a proposta de Platão, embora bem intencionada, poderia conduzir a tiranias ou oligarquias. O que Aristóteles concluiu foi que, quando se põe em prática uma sociedade idealizada, baseada em sonhos e não na realidade, acaba às vezes por se realizar o contrário do que se pretende. Platão sonhava com a justiça perfeita mas, se o seu projeto fosse mesmo posto em prática, isso conduziria a uma situação de injustiça absoluta. O filósofo-rei revelar-se-ia um tirano.”

“Como o senhor D. Carlos?”

A observação de um aluno republicano atraiu protestos imediatos dos monárquicos.

“Tirana é a tua tia!”

“Silêncio!”, atalhou o professor de pronto, pondo fim aos comentários. “Não quero voltar a escutar observações aqui na sala sobre política portuguesa. Ouviram?”

“Sim, senhor professor.”

A sala mergulhou em silêncio, a mensagem enfim apreendida. Nesse instante tocou a campainha a sinalizar o fim do horário da aula.

“O importante desta lição de hoje é que vocês percebam que é nesta divergência entre Platão e Aristóteles que se situa o nascimento do grande debate sobre como nos devemos governar”, concluiu o docente. “Devem as pessoas submeter-se à governação de um líder ou é melhor participarem

todas na governação? Devemos lutar por uma sociedade ideal ou será mais avisado aceitarmos uma sociedade real? qual a melhor?" por esta altura já poucos o ouviam, tão grande a ânsia dos alunos de abandonarem a sala e irem para o recreio. Todas as perguntas finais, e toda a explicação dada pelo professor

Baptista naquela primeira aula de Moral e Religião, iluminaram no entanto o aluno proveniente de Moçambique com a força de um raio. Sim, qual a melhor forma de governação? A ditadura ou a democracia? E qual a melhor sociedade? A ideal ou a real?

Aquela lição de Moral e Religião fez com que Artur percebesse que tinha um interesse natural pelos assuntos da política. Tudo aquilo lhe parecia apaixonante e enquadrava-se bem nas acaloradas conversas dos adultos, que acompanhava sempre com grande atenção. Embora o assunto não tivesse voltado a ser levantado nas aulas e o seu interesse se fosse diluindo pelas diferentes atividades da escola, a verdade é que o bichinho ficara implantado na sua cabeça.

o rapaz foi-se integrando gradualmente na vida do Real Colégio Militar. Arranjou um amigo, o Garrão, um beirão corpulento que o destino colocou ao lado da sua cama nas camaratas e à sua frente na mesa do refeitório. Garrão era bem-disposto e desajeitado, como requeria o seu corpanzil bem nutrido, o que levou Artur a alcunhá-lo Porthos das

Beiras, em homenagem ao mais colossal dos três heróis imortais da sua infância, com a diferença de que o amigo, em vez de espadachim, se revelou mais ágil de garfo en garde.

"Olha lá, não estás cheio?", perguntava Garrão sempre que, ao almoço ou a jantar, Artur fazia uma pausa na refeição. "Já acabaste?" vendo-o a espreitar com gula o que lhe sobrava no prato,

Artur por vezes condescendia e oferecia-lhe os restos. Noutras ocasiões convencia-o a dar um pulo à cozinha e assaltar o rancho às escondidas. Não eram de resto os únicos alunos a fazê-lo, embora com impunidade na generalidade dos casos.

A exceção ocorreu no anoitecer frio do primeiro dia de fevereiro de 1908, quando viram uma camarada, o Armindo, ser apanhado a sair da cozinha com uma perna de frango na mão. O Armindo foi chamado ao comandante e, uma hora depois, entrou nas camaratas de cabelo raspado à escovinha.

"Já viste o gajo?", sussurrou Garrão com cara de caso.

"Viste o que lhe fizeram?"

"Rapou o cabelo."

"Raparam-lho", corrigiu. "O corte à escovinha é uma vergonhaça. Significa que ele desonrou a escola." o episódio convenceu Artur de que devia refrear os assaltos à cozinha. Ninguém queria ser chamado ao comandante e muito

menos circular pela parada ou pelas camaratas de cabelo rapado. A honra estava acima de tudo, ou pelo menos era o que lhes diziam a toda a hora. Em boa verdade, o Real Colégio Militar não se revelara um mero internato, mas um sistema de formação. Os alunos aprendiam nas aulas a matéria pedagógica, embora também fossem ensinados nas camaratas a comportar-se com sentido de honra, dever e camaradagem. Existia de resto aí uma hierarquia com farda e formatura, comandada pelos graduados, que eram os que frequentavam os últimos anos e impunham as regras de disciplina. Estas começavam com o toque de alvorada, que em poucos minutos punha toda a gente em formatura antes do pequeno-almoço. o caso do Armindo tornou-se objeto de grande falatório, mas o assunto foi bruscamente esquecido quando, já com os alunos dentro do refeitório para o jantar, um tenente apareceu com ar desconchavado, os cabelos desgrenhados e o olhar incendiado de comoção.

“O rei... o rei...” o comandante, que nessa altura se certificava de que tudo estava em ordem no refeitório, atirou-lhe um olhar de repreensão; aquela não era manifestamente a forma mais adequada de um oficial se apresentar diante dos alunos.

“O que se passa, senhor tenente?” o recém-chegado tinha os olhos muito abertos, enlouquecidos, e parecia à beira do desfalecimento.

“Mataram-no!”

O descendente de samurais espreitou o ventre da mulher e produziu um rumorejar que a ela pareceu indefinido, talvez de desagradado, quicá intrigado. Decorria o ano quarenta e três de Meiji, ou 1910 no calendário dos gaijin, e a curva da barriga de Aiko atingia um volume que começava a tornar-se embaraçoso. Não que a mulher devesse sentir vergonha por estar grávida, não fora afinal para que lhe gerasse herdeiros que com ela casara? Como qualquer homem japonês, Iwao precisava absolutamente de ter um filho que desse seguimento à linhagem da família em termos de honra e posses e lhe prestasse diariamente homenagem perante a tumba em miniatura no santuário da sala de casa; se assim não fosse, teria falhado na vida. Justamente por isso, o historial reprodutivo das fêmeas da família de Aiko, os Iesuzu de Nagasáqui, havia sido cuidadosamente estudado pela família Satake e só depois de ter a certeza que elas eram boas parideiras a mãe dera a Iwao autorização para a desposar. não, o que estava em causa não era a gravidez, na realidade uma bênção dos céus. O verdadeiro problema radicava antes na dimensão descomunal do ventre.

“Yare yare, mulher!”, atirou Iwao enquanto mastigava o arroz da tigela pousada sobre a tábua, uma súbita desconfiança a trepar-lhe pelo olhar. “Os teus antepassados não seriam gordos?” o tom da pergunta e a forma desconfiada como o marido lhe vigiava o ventre revelaram de imediato o

que estava por detrás da interpelação. Aiko sentiu-se ofendida com a insinuação, como se atrevia ele a pôr em causa a qualidade da sua linhagem?, mas sabia que devia respeito e obediência a Iwao. Às mulheres japonesas cabia sacrificarem-se pelo marido e pelos filhos. E não era a rudeza dele a prova de que se tratava de um bom marido? Desde a infância as japonesas eram ensinadas a desconfiar dos homens que sabiam falar com as mulheres, pois tal conhecimento constituía um sinal de que frequentavam gueixas, damas do prazer ou raparigas de café. Já um homem rude no trato com o outro sexo revelava inexperiência, e assim as suas virtudes. virou-se para trás e constatou que a sogra a vigiava da cozinha.

“Oye, não ouviste o teu marido?”, rugiu a mãe de Iwao.

“Responde, mulher!”

Ah, como era ditatorial aquela velha! Por vezes sentia ganas de se atirar a ela. Na verdade, desde que se casara e viera viver com a família do marido em Akita que descobrira que era mais difícil agradar à sogra do que ao marido, e manter o marido satisfeito constituía, sabia-o bem, uma das mais intransigentes exigências da sogra. A presença da mãe do marido revelava-se aliás uma infelicidade, pois, sendo Iwao apenas o quarto filho varão, seria de esperar que a velha vivesse na casa do primogénito ou dos dois rapazes que se seguiam em idade, libertando Aiko daquele fardo; essa era de resto a grande vantagem de não casar com um herdeiro. O problema é que o primogénito e o segundo filho da senhora Satake se encontravam na Coreia e o terceiro andava embarcado na marinha mercante, pelo que a sogra abancara na casa de

Iwao e da mulher e não se cansava de infernizar a vida da nora. Quantas vezes não lhe dissera já a velha que não era suficientemente boa para o filho? Ainda em Nagasáqui a mãe bem que a avisara de que era assim nas famílias japonesas, ela própria tinha passado horrores às mãos da sogra, avó de

Aiko. Agora percebia o que a mãe quisera dizer.

“Então, mulher?”, impacientou-se Iwao. “Os teus antepassados eram ou não gordos?”

Aiko foi assaltada por uma vontade quase irreprimível de replicar com uma resposta torta, mas não se atreveu.

Desrespeitar o marido ou a sogra seria considerado uma ofensa muito grave. Todas as japonesas sabiam bem, de resto, que o delito de desobedecer à sogra figurava como a primeira causa de divórcio no Japão, pois as velhas poderiam ordenar o afastamento das noras e os maridos, obrigados a obedecer aos pais pela honra filial ôn, teriam de fazer ko, o dever honrado para com os pais, e acatar essa ordem mesmo que

gostassem muito das mulheres; o sacrifício dos filhos ao submeterem-se à vontade dos pais fazia parte dos seus deveres filiais ko. Não teve por isso outro remédio que não fosse respirar fundo, digerir a afronta, baixar a cabeça em submissão e acatar a ordem da velha e a insistência do marido, respondendo à pergunta que ele lhe fizera.

“Não, meu senhor.” os olhos de Iwao mantiveram-se presos ao enorme inchaço da barriga da mulher.

—

“No glorioso clã dos Satake, e apesar de nunca nos ter faltado comida no prato, não há casos de gente gorda”, observou o homem da casa. “Se também não há gente gorda na tua família, conforme alegas, como explicas essa barriga?”

Fungou e levou mais arroz à boca. “Isso é normal lá em nagasáqui? Ou estarás porventura a gerar-me um elefante?”

A mulher manteve a cabeça baixa e engoliu em seco. Acabara de ser esbofeteada com um novo insulto, logo ela que era uma pessoa superiormente delicada e sensível. De resto ganhara fama em todo o bairro pelo seu grande talento para o ikebana, o caminho de dar vida às flores, a grande arte floral japonesa. Mas o marido tinha razão, pensou, ciente dos seus deveres de esposa. Cabia-lhe dar-lhe um herdeiro saudável e se não fosse capaz de o fazer estaria criado um grande problema. Aliás, ela própria tinha interesse nisso pois apenas como mãe ganharia estatuto. Uma mulher estéril ficava numa posição muito frágil na família; poderia ser descartada a qualquer momento, e mesmo que não o fosse ficaria mais tarde sem uma nora a quem pudesse dar ordens e infernizar a vida como a sua sogra agora fazia com ela. teria falhado na vida.

“Eu... eu...” Com os lábios trémulos, calou-se e respirou fundo, tentando recuperar a compostura. “Eu... eu não sei explicar isto. A barriga cresceu e cresceu e...”

“Que ela cresceu já estou eu a ver, mulher”, cortou ele com impaciência. “O que me espanta é que tenha crescido assim tanto! Oi! Que raio de herdeiro vais tu dar-me?”

A esposa baixou os olhos. Não havia japonesa que ignorasse os seus deveres. Os tratados sobre a moral feminina, dos quais o mais respeitado era sem dúvida o do filósofo Ekken, estabeleciam que a modéstia e a submissão encabeçavam a lista das virtudes das mulheres, logo seguidas pela decência na forma como se exprimiam; delas se esperava que se mantivessem caladas e ouvissem os homens com respeito e devoção, falando apenas quando estritamente necessário.

“Responde ao teu esposo”, ordenou a sogra de novo em tom autoritário.

“Mostra respeito.” na moral japonesa, a mulher apenas devia falar para responder ao homem da casa ou à sogra. Consciente dos seus deveres, Aiko inclinou-se na direção do marido e, apesar da dificuldade em curvar-se devido àquele inchaço embaraçoso, prostrou-se de joelhos diante dele e esboçou três profundas vénias dogeza, a cara colada ao tatami, as mãos a abraçarem o soalho para mostrar extremo arrependimento.

“Imploro humildes desculpas ao meu honorável senhor.”

Com um esgar de impaciência, Iwao grunhiu e ignorou o dogeza da mulher, como quem lhe dizia que os pedidos de desculpas não resolviam o problema que já adivinhava. Que utilidade tinha ele para um filho obeso? Acaso iria criar um lutador de sumo? Pegou de novo nos pauzinhos, inseriu as pontas na tigela e com movimentos rápidos despejou o resto do arroz na boca escancarada.

“Amanhã partimos para Fukui”, murmurou enquanto mastigava. “O meu tio está mal e quero vê-lo antes que morra, para que não digam que não conheço ôn para com a família.” Apontou para o quarto do casal. “Prepara as tuas coisas porque vens comigo. Vê lá é se tens juízo e aguentas o parto até voltarmos, ouviste? Não quero trabalhos enquanto estivermos na ilha...” pousou os pauzinhos na tigela já esvaziada e, ao levantar-se da mesa, pegou no jornal e passou os olhos pelos títulos. Pelos vistos lavrava mais uma revolta na China. Ah, o império dos Qing definhava! Antes de se afastar para ler as notícias lançou uma derradeira olhadela à barriga inchada da mulher. Já faltava pouco tempo para que a criança que aquele ventre albergava viesse cá para fora e ele visse por fim o que ia sair dali. Resmungou com pessimismo. Coisa boa não seria decerto.

—

Apesar de se encontrar ainda molhado de sangue e fluidos e de apresentar a pele arroxeadada característica dos que acabavam de nascer, o bebé parecia estranhamente normal.

Iwao inclinou-se mais sobre o filho e observou-o com perplexidade. Tratava-se de um rapaz, o que constituía uma excelente notícia, mas isso não mitigava o seu sentimento de surpresa. Como era possível que uma coisa assim tão pequena, talvez até um pouco enfezada, tivesse conseguido inchar tanto o ventre da mulher durante os últimos dois meses da gravidez?

“Mas ele é... é magríssimo!”

Ainda espantado com o tamanho mínimo do recém-nascido,

Iwao atirou um olhar inquisitivo na direção da parteira. A senhora Suzuki era a mulher do sapateiro da ilha de Fukui e a única parteira disponível na povoação para acorrer àquela emergência; a velha senhora transpirava por

causa do esforço que fizera nos anteriores dez minutos para ajudar a parturiente a dar à luz, mas, apesar de o parto já ter terminado, mantinha a concentração e continuava a estudar o ainda dilatado ventre de Aiko. os olhos de Iwao desviaram-se para a sua mulher. O rosto de Aiko ostentava uma máscara de esforço, avermelhada e suada, mas tinha de reconhecer que ela aguentara a dor com galhardia, como se requeria da mulher de um descendente de samurais, pois, tal como as relações sexuais, o parto deveria acontecer em silêncio, por se tratar de um momento privado.

A verdade é que dela ouvira apenas um suave gemido no momento decisivo, o que provava que conhecia giri e mantivera honrado o nome dos Satake. Tal comportamento era esperado de todos os japoneses, bem entendido, mas sobretudo dos samurais e familiares.

Contava-se por exemplo do conde Katsu que certa vez fora operado aos testículos e durante a cirurgia o pai lhe encostara a espada ao nariz e o avisara de que o mataria se soltasse um grito que fosse. Isso é que era conhecer giri!

Antes a morte que a desonra por perda do bom nome! Sem giri todos se ririam deles! Não gritar durante o parto fazia parte do respeito que uma mulher tinha de ter por si própria no Japão. Uma pessoa com giri era aquela que não berrava de medo nem de dor, não entrava em pânico em circunstância alguma e até palitava os dentes para esconder que nada comera havia mais de dois dias. Isso é que era respeito pelo seu bom nome! Isso é que era conhecer giri! por outro lado, raciocinou o marido com ressentimento, havia que considerar que Aiko não fora escrupulosa no cumprimento dos seus deveres e desobedecera-lhe. Ele recomendara-lhe com grande insistência que não parisse enquanto estivessem de visita ao tio na ilha de Fukui, e o que fora ela fazer? Parira. Yare yare, tamanha insubordinação não podia ser tolerada! Havia que repor o respeito. logo que saíssem de Fukui e regressassem a casa em Akita, ele iria...

“Isto... isto ainda não acabou.”

As palavras da parteira arrancaram Iwao aos seus pensamentos.

“Como disse?”

“O parto”, esclareceu a senhora Suzuki, mergulhando as mãos de novo nas entranhas da parturiente, que recomeçara a arfar mas sempre sem gemer.

“Ainda não acabou.”

—

Iwao olhou para o bebé que a senhora Suzuki momentos antes deitara ao lado dele.

“O que quer dizer com isso?”, admirou-se. “O bebé já nasceu, mulher! O que mais há para fazer?”



A parteira afadigava-se agora entre as pernas de Aiko, a cara de novo molhada de transpiração.

“Vem aí outro, senhor.”

Ele abriu a boca, atônito.

“Outro?”

“Sim, outro. São dois bebês, senhor!”

Iwao manteve a boca escancarada. A revelação parecia-lhe incrível, mas segundos mais tarde, e imediatamente depois de um sopro dorido da mãe, apareceu uma cabeça ensanguentada que a parteira puxou até extrair um novo corpo minúsculo, logo depositado ao lado da primeira criança. Um segundo rapaz, igualzinho ao primeiro. O pai assobiou longamente, impressionado; estava então explicada a barriga descomunal da mulher durante a gravidez.

“Oye! Quem diria?” ofegante e a escorrer em suor, Aiko mostrava-se exausta, embora ao mesmo tempo aliviada com o fim efetivo do parto.

Apesar da fadiga, levantou a cabeça e contemplou os dois filhos deitados ao lado do tatami, a tradicional esteira de palha de arroz sobre a qual decorrerá o parto.

“São gémeos”, riu-se ela. “Temos dois filhos!” procurou o marido com os olhos e calou-se ao ver a expressão que lhe toldava o rosto. Iwao tomava nesse instante plena consciência do que se passava e parecia consternado, o esgar pesado e os lábios comprimidos, a atenção fixa nas duas crianças como se elas fossem uma maldição.

“Gémeos?”

—

“Sim, meu senhor”, disse ela, tentando arrancá-lo da letargia e insuflar-lhe entusiasmo. “Temos gémeos!” não era, porém, entusiasmo o que definitivamente via na cara do marido. Iwao permanecia de olhar colado aos recém-nascidos, transfixo e vidrado, até por fim respirar fundo.

“Os gémeos dão azar”, exclamou em tom lúgubre enquanto abanava a cabeça. “Toda a gente sabe.”

Aiko tinha plena consciência de que o seu senhor era um homem muito supersticioso. Não se recusava ele a pronunciar a sílaba shi apenas por ter o som idêntico ao da palavra morte? Chegava ao ponto de, quando falava de teatro, evitar a palavra shibai, ou peça de teatro, só porque continha a sílaba azarada. Em vez de pronunciar shibai, dizia que ia ver, ou tinha visto, uma yobai, contornando desse modo o problema. Por isso a sua afirmação de que os gémeos davam azar, de resto ecoando uma velha superstição japonesa, deixou a mulher mortalmente preocupada.

“E... e então?” o marido ignorou-a. Os seus olhos saltitaram entre um e

outro recém-nascido, como se os escolhesse.

"Este foi o primeiro a nascer, não foi?", perguntou em tom retórico, pousando a mão no bebê da direita enquanto se dirigia à parteira. "Ficamos com ele."

"E o outro?"

Iwao nem olhou para o segundo filho.

"É uma visita de um dia."

Fez-se silêncio no quarto, apenas interrompido pela voz da parteira.

"O senhor quer que eu... que eu..."

"Mabiki" o desfecho tornara-se previsível a partir do momento em que o marido afirmara que os gémeos davam azar, e sobretudo no instante em que descrevera o segundo bebê como uma visita de um único dia, mas foi ao ouvir esta última palavra, uma terrível expressão com séculos de existência, que Aiko se libertou enfim do torpor. Deu um salto no tatami e soltou um grito de horror.

"Não!"

Antes que Aiko conseguisse pegar na criança, no entanto, o marido retirou-a do seu alcance e saiu com ela do quarto.

A parturiente tentou levantar-se, mas sentia-se demasiado fraca e tombou no chão ao lado do tatami onde tinha acabado de dar à luz. Mabiki significava literalmente arrancar plantas de um jardim demasiado cheio e no Japão a palavra era usada sempre que se considerava necessário suprimir um recém-nascido. O destino do seu segundo filho estava traçado.

"Nãããoooo!"

Durante uma hora Aiko permaneceu estendida sobre o tatami, a recuperar do esforço físico e sobretudo do choque emocional que sofrera quando se aplicara o mabiki ao segundo dos gémeos. Chorou em silêncio durante todo esse tempo e desejou ardentemente ter ali a mãe a ajudá-la e a confortá-la. Mas, ai dela!, na prática a mãe já não era sua mãe. Como acontecia com todas as noivas japonesas, na véspera do casamento a mãe chamara-a e explicara-lhe que, a partir do momento em que casasse, deixava de ser sua filha e teria de obedecer aos sogros como havia obedecido aos pais. O marido, dissera-lhe ela, seria o seu único amo e obedecer-lhe cegamente era a maior das virtudes de uma esposa. mesmo que tivesse razão, avisara-a, nunca poderia mostrar-se irritada e teria de aguentar a injustiça com resignação.

A verdade é que devia gire ao marido, tinha o dever de se sacrificar por ele. Se não lhe obedecesse dir-se-ia dela que era uma pessoa que não conhecia gire, e isso seria a maior vergonha, tão grande como dizer-se que não conhecia ôn. o sofrimento silencioso de uma mulher fazia parte da sua virtude.

Ah, como era difícil a vida e como precisava de ter ali a sua mãe, a sua verdadeira mãe! quando por fim se acalmou e apesar da debilidade sentiu que as forças regressavam, Aiko fez um esforço e conseguiu pôr-se em pé. Após mudar de quimono, arrastou-se para fora do quarto e deu com o marido sentado na posição seiza sobre o tatami da sala a meditar de olhos fechados e respiração controlada. Ao canto, junto à lareira, estava a senhora Suzuki a bordar ao lado da cesta com o primeiro filho, aparentemente a vigiá-lo. Mais ao fundo, diante da porta da rua, encontrava-se pousada a cesta com o segundo filho, como a meio caminho de ser deitada fora.

“Ele... ele...”

A parteira parou de bordar e derramou sobre ela um olhar compassivo.

“Partiu.”

A reação de Aiko limitou-se a um suspiro profundo e resignado. Sabia que a prática de mabiki estava profundamente enraizada no Japão e que o terrível ato que ali fora levado a cabo era mil vezes repetido em muitas outras famílias. Os pais que queriam filhos varões sadios não tinham problemas em eliminar as filhas indesejadas ou os filhos com deformações antes que os vizinhos se apercebessem de que alguém tinha nascido em casa. Os próprios gémeos eram vítimas da reputação de trazer azar a uma casa e um deles acabava habitualmente por ser sacrificado. A vida era assim, e, apesar de a prática ser ilegal, Aiko tinha consciência de que havia

coisas contra as quais era impossível lutar, pois o seu país vivia de tradições.

“Como... como foi?”

A senhora Suzuki encolheu os ombros e recomeçou a bordar, como se a questão fosse absurda.

“Ora! O método habitual.”

Aiko conhecia muito bem o método “habitual”, pois vira-o praticado anos antes em duas primas recém-nascidas que se haviam tornado indesejadas numa família tão grande. Um pequeno papel era molhado com cuspo e depois depositado sobre a boca e as narinas do bebé. Nada mais se fazia, mas o processo revelava-se simples e eficaz. Incapaz de respirar, o pequerrucho partia em alguns minutos.

Ciente de que já passara uma hora desde que o papel fora colado à cara do seu segundo filho, Aiko olhou com melancolia para o cesto depositado à porta de casa, à espera da noite para ser enterrado no quintal. Uma hora chegava e sobrava para que o papel molhado com cuspo cumprisse a sua terrível função. Não acontecia tudo afinal ao cabo de um punhado de minutos? A essa hora o seu filho já não era um bebé, mas um anjo que... um arrulhar sobressaltou-a.

"Ele... ele mexe-se!" o grito arrancou o marido da meditação e atraiu a atenção da parteira. As duas mulheres convergiram para a cesta pousada à porta e constataram que o menino de facto se mexia.

"Yare yare!", exclamou a senhora Suzuki, debruçando-se sobre ele. "Tem razão, o bebé está vivo!"

Aiko deixou-se cair de joelhos diante da cesta e agarrou o filho, retirando o papel que lhe dificultava a respiração.

—

"Meu senhor, o nosso filho está vivo!", disse com o bebé já nos braços e voltando-se para o marido, que observava a cena de olhos esbugalhados. "Já viu? O nosso menino vive!"

Iwao levou dois segundos a reagir.

"É um sinal!", afirmou ele numa voz trémula. "Os deuses querem-no vivo! É um sinal!"

Aliviada por escutar estas palavras, a mulher soltou uma gargalhada nervosa.

"Sim, é um sinal!", reforçou, agarrando-se à certeza de que, enredado pela superstição, o marido não voltaria a ordenar mabiki contra o filho recém-nascido. "Os deuses salvaram-no, meu senhor! Louvado seja Takemiikazuchino, que o protegeu e poupou!" Apertou o bebé nos braços.

"Logo que chegemos a casa irei ao lago Kasumigaura fazer oferendas no santuário de Kashima para agradecer a graça que Takemiikazuchino nos concedeu!"

A superstição condenara a criança e a mesma superstição salvara-a. Aiko agarrava e beijava o filho e sentia-se de tal modo submersa pela alegria que mal reparou nos movimentos do marido atrás dela e no som da porta das traseiras a fechar-se. Tudo o que importava é que o filho fora condenado mas, por ação de Buda ou de Takemiikazuchino ou de qualquer outra divindade, xinto ou budista, conseguira resgatá-lo.

Depois de o envolver em mil beijos e carícias, e já mais tranquila e apaziguada, levantou-se com o bebé entre os braços e dirigiu-se devagar para a outra cesta, que permanecia junto à lareira. Aiko não era supersticiosa e não acreditava que os gémeos trouxessem azar a uma casa, como se dizia. não, não trariam azar, pensou. Trariam felicidade. Ela e os seus dois meninos, iguais como duas gotas de orvalho numa pétala de basho, ambos a crescerem sob a sua asa protetora, um a imagem do outro, os dois a imagem da mãe, quem sabe se um dia eles... vazia. os olhos de Aiko detiveram-se na cesta depositada junto à lareira, procurando o que não via, tentando perceber o que não compreendia.

A cesta estava vazia.

“O... o menino?”

Ao lado dela a parteira suspirou.

“O seu senhor levou-o para fazer mabiki.”

Aiko fitou-a de olhos arregalados, sem compreender, ou talvez sem querer compreender, demasiado aterrorizada para tirar as consequências do que acabava de ouvir.

“O quê?”

A senhora Suzuki baixou as pálpebras, sem saber o que dizer para explicar o que se passava.

“Ao pouparem um menino, os deuses condenaram o outro.”

—

O primeiro sinal de que a revolta militar terminara surgiu quando o jovem Artur ouviu gritos no pátio. O Real

Colégio Militar, plantado num canto da pacata Praça da Luz, tinha suspenso as aulas enquanto se combatia na cidade. Os republicanos haviam ocupado a Rotunda e as forças leais a sua majestade defendiam os Restauradores.

Dizia-se que os revoltosos estavam à beira da derrota e, quando foi à janela da camarata, o aluno pensou que chegara a notícia da sua rendição. O que ouviu, no entanto, deixou-o embasbacado.

“O rei fugiu!” berrava um tenente pelo pátio. “O rei fugiu! Viva a República! Viva a República!”

Como acontecera dois anos antes, quando do assassinato do anterior monarca, Artur ficou em estado de choque. Em bom rigor, esta segunda vez foi pior. Em 1908 era na verdade demasiado novo para perceber o profundo alcance da notícia do regicídio e o seu desagrado de então resultara da comoção que se fizera sentir no quartel e da consciência de que o avô era um monárquico dos sete costados.

Desta feita tudo se revelava diferente. Tinha já treze anos e, talvez porque era um adolescente precoce e o seu interesse pela política se aprofundara, compreendia melhor o alcance do evento. Dois anos antes haviam assassinado o rei D. Carlos e agora fora o filho, o rei D. Manuel II, que entrara em pânico e fugira dos republicanos. O que mais faltava acontecer ao país? E sobretudo o que sucederia agora? Seriam os republicanos o bom governo de muitos, como sonhara Aristóteles? Ou trariam eles para Portugal a má democracia republicana que condenara Sócrates e que o avô tanto receava? O momento mais estranho da instauração da República em 1910 talvez tenha sido aquele em que, em formatura na parada, viu ser arriada pela última vez a bandeira azul e branca de Portugal, substituída por uma estranha bandeira verde e vermelha.

“Nunca me habituarei”, jurou. “Nunca.” no que se enganou. Nem um mês tinha passado e já achava natural a bandeira instituída pelos republicanos e até o novo hino; a melodia não era famosa, havia que reconhecer, mas a letra mostrava-se aguerrida. Estranhou também a mudança da moeda; o real fora substituído pelo escudo e isso fazia-lhe impressão pois aquela tinha sido a moeda do país desde o século XV. Ao introduzir a nova moeda, de uma penada os republicanos haviam apagado cinco séculos de história. E para quê? Na conversão o escudo ficara a valer mil reais, mas Artur achou que nunca se familiarizaria com a nova unidade monetária e, sempre que via uma moeda de cinquenta centavos, por exemplo, acabava por dizer “quinhentos réis”, expressão que foi evoluindo para “uma quinhenta”.

outro problema foi habituar-se ao novo nome da escola; o “real” desaparecera, como de resto tudo o que tinha a ver com a monarquia, e ficara Colégio Militar.

As mudanças no país, porém, e para além dos símbolos, pouco alteraram a vida da instituição. A exceção foi o imenso sorriso de satisfação que Artur surpreendeu no rosto do professor Baptista quando as aulas recomeçaram depois da implantação da República e o docente de Moral e Religião apareceu para ministrar Philosophia, na verdade a sua disciplina de eleição.

“O senhor professor ganhou a lotaria?” o docente entrava na sala e até os olhos lhe brilhavam.

“Quem ganhou a lotaria, rapaziada, foi Portugal!”

Descobriu assim, chocado, que o seu professor favorito, o de Moral e Religião, era republicano. Como fora possível nunca ter desconfiado? Na verdade a matéria política não fazia parte dos conteúdos da disciplina e, à exceção da primeira aula de Moral e Religião, em que dois anos antes abordara a polis de Platão e Aristóteles, nunca o docente voltara à filosofia política. Ao longo de todo esse tempo, e talvez para evitar as paixões que a política despertava em tempos tão acalorados como os da agonia da monarquia, as lições da disciplina de Moral e Religião incidiram sobretudo em questões como a religião, a história e a moral cristãs, a ética e a deontologia e os valores humanistas.

A instauração da República, contudo, serviu de pretexto para, depois da habitual chamada, e tratando-se agora da disciplina de Philosophia, o professor Baptista regressar ao tema que mais apaixonava Artur.

“Sei que alguns de vós são monárquicos ou vêm de famílias monárquicas e compreendo que estes acontecimentos vos entristeçam”, começou o docente por dizer. “Por isso seria talvez útil falarmos hoje de filosofia política para discutirmos os regimes e a sua legitimidade. O que dá a um governante direito de governar?” Passou os olhos pela classe. “O que acham vocês disso? Quando o rei governava, quem lhe atribuía o poder para tal?”

Como simpatizante da monarquia, a resposta pareceu óbvia a Artur. E, estando na aula de Philosophia, onde ao contrário das outras disciplinas a interação era encorajada, levantou a mão e respondeu o que já ouvira o avô dizer da última vez que com ele estivera em Lagoa.

“O poder do rei vem de Deus.”

Alguns colegas aplaudiram, outros riram-se.

“Foi Deus que disse ao Manelito que fugisse para Inglaterra quando o Machado Santos avançou da Rotunda?”

A pateada foi de imediato travada pelo professor.

“Caluda!”, cortou. “Já vos disse na primeira aula que convosco tive há três anos e digo-o agora: não quero política portuguesa aqui na sala de aula, ouviram? Estamos a falar de filosofia.” Manteve o olhar fixo na turma como se lhe exigisse a submissão. “Ouviram?”

A resposta veio em coro.

“Sim, senhor professor.”

Com a classe disciplinada, o docente voltou a encarar Artur.

“A resposta do Teixeira está correta”, sentenciou, para surpresa dos estudantes oriundos de famílias republicanas.

“O poder dos reis emana de Deus.” Levantou o dedo. “Ou pelo menos era isso o que se achava. Em boa verdade, os primeiros chefes políticos apareceram nas tribos. Quem eram eles? Os melhores guerreiros da tribo, claro. Ou seja, a legitimidade dos chefes estava na força. Quem tinha mais força impunha-se aos outros e passava a chefá-los, um pouco como acontece entre muitos animais. Claro que esses chefes tinham noção de que um dia envelheceriam, perderiam a força e morreriam, pelo que queriam que os filhos lhes sucedessem, mas o problema é que nem sempre os filhos eram tão fortes como eles. Como garantir que a tribo aceitaria os filhos como chefes? À medida que as tribos foram crescendo e apareceram os grandes domínios e se desenvolveram as mitologias e as religiões, surgiu a ideia de dizer que os deuses haviam escolhido estes chefes. Assim a legitimidade deixava de vir da força e passava a vir dos deuses. Alguns chefes alegavam até que eles próprios eram deuses ou descendentes dos deuses, como foi o caso dos faraós do Egito. Quem iria pôr em causa um deus ou um chefe que os deuses tivessem escolhido? Foi assim que nasceu a ideia de que o poder dos reis é de origem divina.”

“Mas na Grécia não foi assim, senhor professor...”

“De facto, os atenienses foram os primeiros a dizer que a legitimidade dos governantes não vinha dos deuses, mas dos homens. No fundo é isso a república. A legitimidade dos governantes numa república vem dos cidadãos. A democracia ateniense foi a primeira república e prolongou-se por

duzentos anos, um período curto se considerarmos a história da humanidade.”

Esta informação era interessante, considerou Artur.

“Isso mostra que as repúblicas não duram muito.”

“Sim, mas Atenas não caiu porque a república não funcionasse, percebes? A democracia ateniense funcionava bem. o que aconteceu foi que Atenas era uma cidade-estado e, sendo por isso pequena, não conseguiu fazer frente ao poder do reino da Macedónia e acabou por perder a independência.”

“E a Macedónia era uma democracia?”

o professor ficou atrapalhado com a pergunta e a conclusão a que ela conduzia.

“Bem... não.”

“Então a democracia não é mais forte.”

“Pois, enfim... é um facto que a tendência da governação humana parece ser a monarquia ou a tirania. As democracias republicanas foram exceções na história humana que ocorreram em períodos específicos e só na Europa. Primeiro na Grécia, como vimos, e depois em Roma.”

“Mas Roma não era um império, senhor professor?”, questionou Artur. “Nas aulas de História temos falado em Júlio César e nos imperadores todos.”

“O caso de Roma tem algumas parecenças com o de Atenas, pois começou por ser uma cidade-estado que cresceu graças à democracia. A república romana apareceu uns quinhentos anos antes de Cristo e durou quase até ao nascimento de Jesus.”

“Não era um império?”

“Sim, mas administrado como uma república.” Fez uma careta, como se quisesse corrigir a sua afirmação. “Ou melhor, a governação romana misturava os três tipos de regime.

Era uma monarquia regida pelos cônsules, tinha no Senado a aristocracia e a democracia funcionava na assembleia popular. A originalidade romana era que cada um destes

órgãos dispunha de poderes próprios que contrabalançavam os poderes dos restantes. O político romano Cícero foi um defensor acérrimo deste sistema, dizendo que o facto de os vários poderes se fiscalizarem uns aos outros impedia a tirania. Cícero avisou que se um dia tal equilíbrio fosse desfeito apareceria um tirano. Na verdade esse equilíbrio acabou mesmo por ser destruído por Júlio César e, como Cícero previra, surgiram então os imperadores e concentraram em si todo o poder, tornando-se de facto tiranos.”

—

“E foi aí que Roma cresceu...”



“Roma já era grande”, corrigiu o professor Baptista.

“De qualquer modo, é verdade que o império continuou a crescer. Apareceu o cristianismo e, em vez dos deuses romanos, os imperadores passaram a encontrar legitimidade no Deus cristão. Ao fim de alguns séculos, contudo, o império desintegrou-se e foi substituído por reinos cristãos em que os monarcas continuavam a ser legitimados por Deus e pelo seu representante na Terra, o papa. Entretanto apareceu também o islão, com Maomé a invocar a lei islâmica, com fundamento, adivinhem em quem...? Deus, pois claro. Deus tornou-se o legitimador de todas as governações.”

“Então como se voltou à república, senhor professor?”

“Enquanto na Europa todo o conhecimento ficou concentrado na Igreja e nos ensinamentos da Bíblia, os estudiosos islâmicos traduziram os textos dos filósofos gregos e guardaram-nos nas suas bibliotecas. Acontece que, no século XII, mais ou menos na altura em que Portugal nasceu, aqui na Península Ibérica os estudiosos cristãos aperceberam-se de que esses clássicos gregos, que se sabia terem existido mas de que já não restavam nenhuns exemplares, tinham afinal sobrevivido na tradução árabe. A notícia espalhou-se pela Europa como fogo e, apesar da resistência da Igreja, começou uma corrida à tradução desses textos. Os filósofos cristãos tiveram por fim acesso a Platão e Aristóteles e ficaram abalados com o que leram. Os textos gregos punham frontalmente questões que nessa altura eram tabu absoluto, como o direito divino dos reis a governar e o debate entre a lei religiosa e a lei secular.

Como conciliar os textos gregos com a religião cristã? Essa missão coube a um dominicano italiano chamado Tomás de Aquino. Já ouviram falar nele?” toda a gente já escutara aquele nome.

—

“Não era um santo?”

“Sim, foi canonizado apesar de ter chegado a conclusões desagradáveis para a Igreja. Influenciado pelas leituras de Platão e Aristóteles, S. Tomás de Aquino acreditava que, embora houvesse uma lei divina eterna que regia o universo, Deus dera ao homem a razão para que ele a usasse, pelo que os homens tinham de criar leis baseadas na razão e não na lei divina imposta pela Igreja. Deus decide a moral, o que está certo e o que está errado, mas cabe aos homens escolherem as leis necessárias para reger as suas comunidades. Agora até nos pode parecer uma conclusão evidente, mas naquele tempo estas palavras de S. Tomás de Aquino provocaram um terramoto. Afinal o poder da Igreja não é total? São os homens que devem aprovar as leis que os regem? Outros pensadores desenvolveram as ideias de S. Tomás de Aquino e dos filósofos gregos recém-redescobertos. Giles

de Roma veio dizer que é a lei que distingue o poder político da tirania, uma vez que nas tiranias não há respeito pela lei, e Marsílio de Pádua escreveu que a Igreja não deveria dispor de qualquer poder político e que um bom governo tem a sua origem no povo, o qual deve ter o direito de escolher os seus governantes e de participar no processo legislativo.

Foi uma revolução! Encorajados por estas novas ideias, os diferentes estados começaram a pôr em causa o poder do papa e a pensar em termos de direito secular.”

A referência ao pensamento de Marsílio de Pádua, de quem Artur nunca tinha ouvido falar, perturbou-o.

“O... o... enfim, esse de Pádua disse que deve ser o povo a escolher os seus governantes? Estava a pôr em causa os reis?”

“Poderia não ser essa a intenção, mas acabou por ser esse de facto o resultado. Aliás, mais do que posto em causa, o poder dos reis foi mesmo desafiado. Em Inglaterra, por exemplo, os barões feudais revoltaram-se e apresentaram ao rei João um documento a limitar os poderes da monarquia.

Isso era uma coisa anteriormente impensável. Os Artigos dos Barões incluíam cláusulas a reger os direitos, propriedades e deveres dos nobres, e, o mais importante de tudo, submetiam o rei à lei de Inglaterra. A mais significativa foi a cláusula trinta e nove, segundo a qual nenhum homem livre pode ser aprisionado ou perder direitos e posses ou ser exilado ou privado do que quer que seja ou submetido à força sem que haja primeiro um julgamento legal levado a cabo pelos seus pares e regido pela lei do país. A Magna Carta, como mais tarde ficaram conhecidos os Artigos dos Barões, foi o primeiro texto legal a garantir explicitamente a proteção contra a tirania e a estabelecer os fundamentos para a criação de um parlamento independente.”

“Mas, senhor professor, as monarquias não são tiranas”, contrapôs Artur. “Que eu saiba o rei D. Carlos e o rei D. Manuel II não eram tiranos. Havia eleições em Portugal, o poder alternava entre o Partido Regenerador e o partido Progressista e sua majestade era apenas o garante do sistema.”

“Sim, é verdade. Só que a monarquia constitucional é o resultado das alterações desencadeadas no pensamento europeu pela redescoberta dos textos gregos. Em toda a Europa se passou então a questionar o poder da Igreja e a legitimidade divina dos reis. Em Itália reapareceram as cidades-estado, o parlamento ressurgiu em Inglaterra e, na Alemanha, Lutero desafiou abertamente o papa. Chegou o Renascimento. Claro que isto não foi um processo linear, houve avanços e recuos, porque, como é normal, muitos reis agarraram-se aos seus poderes e contra-atacaram, impondo o absolutismo, mas o génio já estava fora da lâmpada. Apareceu então uma

ideia fundamental. Adivinhem qual.” os cadetes hesitaram. A nova ideia de que o professor falava deveria ser tremendamente importante, raciocinou Artur.

“A democracia?”

“O contrato social. Foi o espanhol Francisco Suárez o primeiro a falar no contrato social, dizendo que o governante depende do consentimento do povo e os cidadãos podem retirar-lhe esse consentimento. Esta ideia foi retomada pelo inglês Thomas Hobbes, para quem os homens, no estado natural de liberdade total, andariam sempre em guerra uns contra os outros. Esse estado de guerra civil permanente só podia ser quebrado com a entrega do poder a uma terceira parte, o governante, através de um contrato social.”

“Um contrato, senhor professor?”, questionou o inevitável

Garrão, sempre com uma graça na ponta da língua. “Com assinatura reconhecida no notário e tudo?”

A turma riu-se.

“O contrato de Hobbes não era um documento escrito, mas implícito”, esclareceu o professor Baptista. “O importante desta ideia é que a legitimidade do governante não é divina, percebem? Resulta de um contrato com o povo. o problema é que Hobbes achava que o governante, qualquer que ele fosse, deveria ter poderes absolutos e muitas vezes se levantaram contra essa sugestão. Outro inglês, John Locke, veio dizer que era dever dos governantes preservar os direitos dos cidadãos à liberdade, à vida e à propriedade e punir quem violasse esses direitos. Qualquer governo que não o fizesse era ilegítimo. Ou seja, os governantes não podem ter poderes absolutos. O mais importante para Locke é a liberdade e a lei não existe para a limitar, mas para a assegurar. Nasceu assim o iluminismo.”

nova oportunidade para Garrão brilhar.

“Iluminismo? Quer dizer que se acenderam as luzes?” mais risadas na sala, incluindo um sorriso forçado do professor, que começava a sentir-se agastado com as piadolas sucessivas.

“Sim, de certo modo. Aliás, chamaram-lhe a idade das luzes. Outros filósofos vieram em apoio destas ideias. O francês montesquieu retomou conceitos da república romana e de Cícero para defender a separação de poderes para impedir a tirania, mas a figura mais importante do iluminismo foi sem dúvida Jean-Jacques Rousseau, autor de um livro revolucionário com o título da ideia popularizada por Hobbes: o Contrato Social.” o nome do filósofo levou Garrão a inclinar-se na carteira e a sussurrar a Artur mais um dos seus tradicionais chistes.

“Roça, roça, que o Jean-Jacques já Rousseau.” o riso contido dos dois alunos atraiu um olhar de repreensão do docente.

“Qual é a graça?”

“Peço desculpa, senhor professor.” os dois calaram-se, com ar comprometido, e o professor Baptista voltou a concentrar-se.

“Embora tivesse pegado na ideia do contrato social, Rousseau juntou-se a Locke e divergiu de Hobbes numa questão essencial: o estado natural do homem não é o de guerra civil, mas de liberdade. Na verdade as pessoas eram naturalmente boas. O que as corrompia, e neste ponto crucial Rousseau divergiu de Locke, era a sociedade, e em particular a propriedade privada. A posse das coisas impunha uma desigualdade imediata entre os seres humanos, separando os que tinham e os que não tinham. Era a propriedade privada que dividia a sociedade e provocava a desigualdade. Rousseau disse que o povo é que é o verdadeiro soberano, não são os reis, e sugeriu que os cidadãos se juntassem em assembleias populares e delegassem a governação num grupo de homens através de um contrato social explícito, uma constituição. Estas ideias incendiaram a imaginação popular, como é bom de ver. As pessoas pensaram: nós é que somos o rei? Então o que está ali o rei a fazer? Ah, malandro, anda a usurpar o trono do povo! Daí até à Revolução Francesa foi um passo. E agora pergunto-vos eu: qual foi a grande novidade desta revolução?”

“A democracia?”

“A república.”

Artur esboçou uma careta.

“A república?”

“A Revolução Francesa derrubou a monarquia e instaurou a república em França. Foi a primeira reaparição consistente da república desde os tempos da Grécia e de roma. Claro que o processo foi muito atribulado, houve imenso derramamento de sangue e tragédias sem fim, mas a república francesa inspirou de imediato outros países. Os Estados Unidos, por exemplo, declararam a independência e estabeleceram um regime republicano. A própria Inglaterra teve uma experiência republicana com Oliver Cromwell.

As coisas mudaram e por toda a Europa os reis caíram ou, querendo sobreviver, tiveram de aceitar transferir os poderes para um governo de algum modo legitimado pelos cidadãos.

Aqui em Portugal esse processo ocorreu durante a guerra civil do século passado entre o constitucionalista D. Pedro e o absolutista D. Miguel e a vitória de D. Pedro instituiu a monarquia constitucional no país.”

Artur remexeu-se na carteira, incapaz de se conter.

“Mas, senhor professor, se tínhamos uma monarquia constitucional que através das eleições aceitava a soberania

popular, então para que precisamos nós da república? O que tem esta

república que a monarquia constitucional não tinha?”

A pergunta tocava diretamente nas questões políticas que estavam a viver, pelo que o docente hesitou em responder; decididamente aquele aluno era precoce. Talvez o melhor fosse manter a conversa ao nível das ideias, decidiu.

“Bem... é preciso perceber que a república é o corolário lógico do iluminismo. Se o contrato social diz que o povo é o soberano, então o que está o rei ali a fazer?”

“Mas é possível haver uma monarquia em que o povo é soberano, ou não é? Não é isso o que acontece em Inglaterra e noutros países?”

“Sim, claro.”

“Então para quê a república?” o professor engoliu em seco; o aluno era mesmo coriáceo e não havia modo de lhe responder sem tocar, ainda que apenas ao de leve, nas questões políticas do momento.

“Pois... tens de perceber, Teixeira, que estas ideias movem a história, mas é preciso considerar outros fatores. O ultimatum que os ingleses nos impuseram em 1890, por exemplo, descredibilizou a nossa monarquia.”

“Mas foi esse ultimatum que nos permitiu ter Angola e moçambique!”

“Sim, é verdade, mas... enfim, a coisa foi usada para desacreditar o rei. É assim a política, o que queres? Depois há a economia. Tivemos a bancarrota parcial de 1892 e a consequente crise económica, o que não ajudou a causa monárquica. Além disso o rei D. Carlos cometeu um grande erro quando ignorou a rotatividade entre o Partido Progressista e o Partido Regenerador e nomeou o senhor João Franco para a presidência do Ministério, deixando-o governar sem que o parlamento estivesse em funções. Isso criou uma ditadura administrativa e uma coisa dessas não se tolera nos tempos que correm.”

“Mas os chefes desses dois partidos estavam metidos em negociatas, senhor professor. Não viu o escândalo do Crédito predial?”

“Pois sim. O problema é que, tendo alienado os dois principais partidos, mesmo que por boas razões, o rei ficou isolado. Quando agora rebentou a revolução republicana, quem estava ali para o defender? O Hintze? O Luciano? para que o defenderiam eles se se sentiam marginalizados pelo rei? Não havia quem o defendesse.”

“O senhor professor acha mesmo que a República vai resolver alguma coisa?”

A pergunta suscitava uma resposta irresistível e o professor Baptista não conseguiu impedir um sorriso ensopado de confiança republicana.

“O regabofe acabou.” o ânimo republicano do professor de Philosophia foi mesmo a única coisa que verdadeiramente mudou no Colégio Militar. os currículos mantiveram-se e os restantes docentes permaneceram iguais a

si mesmos. Era o caso, por exemplo, do professor de Matemática, o capitão Rosendo, homem austero propenso a ataques de cólera e que tinha o mau hábito de emburrar com os alunos. Artur não dispunha na verdade de razões de queixa; o seu talento para os números, treinado no Furuncungo pelos jogos do pai, garantia-lhe imunidade em relação aos humores do professor. O mesmo não podia contudo dizer o seu amigo

Garrão, que com o seu ar de Porthos lambão parecia ter sido tomado de ponta pelo volúvel capitão.

“O senhor aluno que venha ao quadro, se faz favor”, rugiu certa manhã o professor de Matemática num tom que os estudantes reconheceram como prenunciador de tempestade.

“Ora vamos lá ver se tem seguido as aulas com a devida atenção...”

Garrão levantou-se da carteira e, de cabeça baixa, seguiu obedientemente para o estrado; parecia evidente a todos que esperava o pior, perspetiva partilhada pelo próprio Artur.

“Sim, senhor professor.” o capitão Rosendo apontou para o quadro.

“Pegue lá no giz e calcule a raiz quadrada de dois.”

Com as mãos trémulas, o aluno pegou no giz, rabiscou o símbolo da raiz quadrada e o algarismo dois e pôs-se a fazer contas.

“Dá... dá um... vírgula... vírgula...”

A indecisão tomou conta de Garrão, incapaz de completar o cálculo. O professor aguardou uns instantes, mas só até se tornar óbvio que o estudante não conseguiria completar sozinho o cálculo. Nessa altura interveio.

“Então o que é a raiz quadrada de um número?”

“É o contrário de... do quadrado de...” Hesitou. “Quer dizer, a raiz quadrada é... é...”

“Você é que me saiu uma raiz quadrada!”, vociferou o professor, com um dos seus ataques de cólera. “Uma raiz não! Uma besta! Uma besta quadrada, é o que é! Quantas vezes não disse eu nesta sala que a raiz quadrada de um número  $x$  é um número que, quando multiplicado por si próprio, iguala  $x$ ? Há? Quantas vezes?” Apontou para a carteira que Garrão normalmente ocupava e que havia deixado deserta para ir ao quadro. “Volte para o seu lugar!

E fique sabendo que no final do ano vai ter zero. Ouviu?

Zero a Matemática! Zero!” o beijo de Garrão começou a estremecer e Artur, sentado no seu lugar, não conteve um assomo de indignação.

“Não é justo!”, protestou, sem sequer pensar no que estava a fazer. “O senhor professor não lhe pode dar um zero só porque... só porque não sabia fazer uma conta!” o capitão Rosendo soergueu uma sobrançelha e encarou-o, admirado por ver a sua autoridade questionada em plena sala de aula.

“Como se atreve?”

Artur caiu em si; um impulso levava-o longe de mais, mas era já tarde para recuar. Protestara sem pensar nas consequências, apenas preocupado com a injustiça da decisão, e agora não podia desfazer o que fizera.

“Não é justo”, repetiu, ciente de que não tinha nada a perder mas mesmo assim a amaciar o tom. “Um único erro não vale um zero.” o professor pôs as mãos à ilharga, como um forçado a preparar-se para enfrentar um touro.

“Ai agora o senhor aluno sabe melhor do que eu como ministrar a matéria?”, perguntou num tom zombeteiro. “Tirou o curso, ora é? Acha que sabe mais do que o professor?”

Então porque não vem aqui dar a aula, há?” Apontou para a porta com um gesto enfático. “Rua!” quando abandonou a sala, Artur tinha já a consciência de que havia cometido um erro, embora não conseguisse medir as suas consequências. Ficariam as coisas por ali ou seria expulso do colégio?

A pior das hipóteses começou a delinear-se quando meia hora depois o contínuo o intercetou na parada.

“O senhor comandante mandou-te chamar”, anunciou-lhe.

“Apresenta-te imediatamente no gabinete.” o comandante da companhia era o capitão Anselmo, um homem de reputação terrível entre os alunos. Dizia-se que expulsava estudantes “por dá cá aquela palha” e que aplicava “sovas de criar bicho”, pelo que o período entre as ordens para se apresentar no gabinete do comandante e a longa espera de que o mandassem entrar foi vivido por Artur com grande ansiedade. Nada de bom iria sair dali, sabia de ciência certa. O que faria o pai quando tivesse conhecimento da notícia? Mandá-lo-ia regressar a Moçambique? Desterrá-lo-ia para Lagoa? Puni-lo-ia? A porta do gabinete abriu-se e o professor de Matemática, que ia de saída depois de indubitavelmente ter discutido o seu caso, lançou-lhe um olhar de gozo indisfarçável.

“O senhor comandante está à tua espera. Diverte-te, teixeirinha.” o professor afastou-se a trautear uma napolitana que Caruso popularizara. Vergado pelo receio, Artur entrou devagar no gabinete; dir-se-ia que se

arrastava.

“Bom dia, meu comandante”, saudou da ombreira com a voz mais assertiva de que foi capaz. O importante não era não ter medo, mas escondê-lo. “Dá licença?” o comandante estava sentado atrás da secretária e parecia mergulhado nuns papéis.

“Entra, Teixeira.” o aluno obedeceu e perfilou-se em sentido diante da secretária, a aguardar instruções. O comandante mandá-lo-ia tirar imediatamente as calças para o açoitar? Ou passar-lhe-ia primeiro um rapanete? No fim disso tudo, a coisa ficaria por aí ou haveria mais sanções? Seria suspenso ou expulso, em desonra, por indisciplina? Como reagiriam os pais àquilo tudo? Oh, como era possível que as coisas tivessem atingido aquele ponto? E se...

“Faltaste ao respeito ao professor, Teixeira”, disse por fim o comandante da companhia, pousando os papéis e interrompendo os pensamentos do estudante. “Tens alguma coisa a dizer em tua defesa?”

Artur sentiu-se tentado a baixar a cabeça, em sinal de arrependimento, mas fez um esforço e manteve-a erguida.

Dever e honra acima de tudo, mesmo na hora da tormenta.

“O meu comportamento foi indesculpável”, declarou com falsa firmeza. “Fui em socorro de um camarada injustiçado, mas vejo agora que não o devia ter feito daquela forma. quero apresentar as minhas desculpas e prometo que isto não se repetirá.” o comandante remexeu-se na cadeira, avaliando o que acabava de escutar.

“Parte importante da educação no Colégio Militar não decorre nas aulas, mas no internato”, lembrou. “É aí que vocês aprendem a disciplina, o espírito de camaradagem e a importância da honradez. Ir em socorro de um camarada nada tem de vergonhoso, Teixeira. A vergonha está em afrontar quem se deve respeitar, comportamento que mancha a honra de um aluno desta instituição. Foste malcriado e não te podes dirigir dessa forma a um professor, que deve ser estimado em todas as circunstâncias. Está claro?”

“Sim, meu comandante.” o capitão Anselmo indicou a porta do gabinete.

“Vais sair daqui e apresentar-te imediatamente na barbearia”, ordenou em jeito de conclusão. “Diz ao barbeiro que mandei que te cortasse o cabelo à escovinha.” Voltou a pegar nos papéis que antes consultava. “Vai e não voltas a incomodar-me.” não se tratava exatamente da punição que Artur esperava nem constituía a pior das sanções, mas era uma punição.

Com o cabelo cortado à escovinha, todos os que o vissem na parada ou na cantina, o que equivalia a dizer que seria toda a gente na instituição, saberiam que ele havia desonrado o Colégio Militar.

só voltou a ver os pais durante umas curtas férias que eles gozaram na



Metrópole no verão de 1912 e em que trouxeram o seu irmão recém-nascido, um bebé bonacheirão e dorminhoco chamado João.

"Tem um ar patusco", observou Artur, já com quinze anos, ao vê-lo pela primeira vez ao colo da mãe quando os foi receber ao cais de Alcântara. Espremeu-lhe o nariz. "Parece feito de borracha..."

"Cuidado!", repreendeu-o dona Conceição, virando-se de lado para proteger o filho mais novo. "Ainda acordas o pequerrucho..." meteram-se na caleche e foram para a casa dos tios, na

Graça, onde iriam pernoitar antes de seguirem viagem para lagoa. Depois das mundanidades obrigatórias nas circunstâncias, com os pais a quererem saber "como vai a vida aqui na capital do império" e se "tens escrito aos avós" e ainda a explicarem que "ainda bem que tivemos o Joãozinho agora que estamos a viver na Beira, onde já há condições para criar uma criança, e a casa precisava de alguém que lhe trouxesse alegria", ao passarem pelo Caes do Sodrê o tema da conversa derivou inevitavelmente para os estudos. Isso era de resto natural e esperado, sobretudo atendendo a que Artur concluíra na semana anterior o quinto ano no Colégio Militar.

"O que planeias escolher agora?"

"Bem... a vida militar, claro."

Amílcar olhou para o filho de sobrolho erguido.

"Tens a certeza? Olha que o Colégio Militar não forma necessariamente militares. Podes perfeitamente seguir a vida civil. Porque não te metes em algo relacionado com os transportes ferroviários? Posso falar com mister Sullivan e ver se te arranjam qualquer coisa na Beira. Os comboios são o futuro..."

"A minha ideia era concorrer à Escola de Guerra", alvitrou o rapaz. "Se o pai concordar, claro." o pai torceu os lábios, pensativo; era evidente que a ideia não ia bem ao encontro dos seus planos.

"Confesso que agora gostava de te ter mais próximo de nós, e era por isso que te estava a acenar com esta ideia dos transportes ferroviários", admitiu. Respirou fundo. "Porém, se tens outra coisa em mente, não serei eu quem te irá dizer que faças o contrário. A questão é saber quem vai pagar a Escola de Guerra." Deitou um olhar ao pequeno João, que no colo da mãe balouçava ao ritmo da progressão da caleche.

"Repara que agora temos mais uma boca para alimentar e a tua educação aqui na Metrópole já nos custou uma pipa..."

Artur engoliu em seco e pousou os olhos nos pés.

"Se a Escola de Guerra aceitar a minha candidatura, só vou precisar de... de cinco mil réis para a propina de matrícula e que me façam a farda de primeiro-sargento cadete. talvez a tia Rosalina, que tem dedo para a costura, a possa confeccionar. Ou então há a mãe de um camarada meu, que

é modista, e que de certeza faz um preço especial...”

“E o resto? A alimentação, os livros, o alojamento...” o rosto do filho animou-se.

“Isso pago eu.”

“Com que dinheiro?”

“Com o do soldo, ora essa!”

“Qual soldo?”

“O pai não sabe? Uma vez paga a matrícula, a Escola do Exército dá-me cama, comida e um soldo.”

—

Amílcar encarou o seu rapaz com uma expressão de pasmo estampada no rosto.

“Eles... eles pagam-te para estudares lá? Quanto?”

Artur sorriu, ciente de que a partida estava ganha.

“Trezentos réis por dia.”

no concurso de 1912 para a Escola de Guerra havia mais candidatos do que vagas, como era habitual, mas o bom desempenho no Colégio Militar e a excelente prestação no teste de aptidão física foram suficientes para garantir a Artur a entrada na instituição que formava os oficiais do país. A integração revelou-se simples porque, além de ter encontrado aí rotinas que já conhecia do Colégio Militar, incluindo a vida em camaratas, as formaturas e o rancho nas cantinas, foi acompanhado nesta aventura pelo seu amigo Garrão, que por tradição familiar também decidira seguir a vida militar.

“O rancho vai-me permitir manter a linha”, gracejou

Garrão enquanto apalpava a barriga depois do almoço. “Se fosse para a vida civil, andava todos os dias nas pastelarias e estava perdido.”

Inscreveram-se ambos em Infantaria e depressa começaram a manejar armas, designadamente a versão portuguesa da mauser, uma adaptação levada a cabo pelo coronel Vergueiro para os soldados portugueses e oficialmente designada “espingarda de seis milímetros e meio m/1904”, mas que todos conheciam como Mauser Vergueiro. Era com esta arma que faziam os exercícios no campo de tiro.

Havia também as aulas teóricas, claro. Algumas disciplinas eram de um tédio insuportável, como acontecia sobretudo com Administração e Contabilidade, “um bocejo capaz de matar de modorra um touro bravo durante uma faena”, nas palavras pitorescas de Garrão, mas outras pareciam surpreendentemente interessantes a quem gostava de fazer contas, como a matéria da Philosophia que tocava a questão da organização das sociedades e Balística Elementar ou Engenharia militar. Foi de resto esta última cadeira que mais atraiu Artur, talvez por apresentar problemas

de natureza semelhante aos jogos de aritmética que o pai utilizara no Furuncungo para o ensinar a lidar com números, apontando-lhe assim a sua vocação no Exército.

“Já escolhi o que vou ser”, anunciou certa manhã ao amigo à saída de uma lição particularmente interessante sobre a estrutura das pontes militares. “Engenheiro.” ou, pensou com os seus botões, político. o interesse simultâneo pela engenharia e pelas questões da governação foi amadurecendo com as aulas, ao mesmo tempo que arranjou uma explicadora de Inglês e de Francês.

A sugestão fora-lhe feita pelo pai através de carta e nascera das dificuldades criadas pela barreira da língua que enfrentara quando começara a trabalhar em Moçambique para a companhia inglesa dos caminhos de ferro. O desconhecimento do inglês fechara-lhe certas oportunidades na vida, mas decidira que não trariam o filho. por essa altura começou também a florescer em Artur e nos seus camaradas, todos já com dezasseis anos, um outro tipo de interesse.

“Onde andam as gajas?”

A pergunta, berrada amiúde nas camaratas à noite, desencadeava um rebuliço entre os cadetes. Artur percebeu que o seu amigo Garrão tinha duas irmãs e não descansou enquanto ele não as apresentou. A oportunidade surgiu num domingo, dia em que, segundo o camarada, toda a família iria à missa na Basílica da Estrela.

—

“Mas olha que o campo não está livre”, avisou Garrão.

“Vai lá estar arame farpado...”

“Não faz mal”, riu-se Artur. “Eu levo o alicate.” o arame farpado eram os pais, claro, ou melhor, a mãe de Garrão, senhora católica zelosa da moral e dos bons costumes e que decerto velaria pela preservação da virtude imaculada das suas meninas. nesse domingo Artur aperaltou-se com a melhor farda. não passava de um aluno com pretensões a cadete mas ia tão garboso que dir-se-ia um general, e plantou-se à porta da basílica uma boa meia hora antes da missa, aguardando pacientemente que o amigo e as “ricas manas” aparecessem. teve de esperar vinte minutos, mas o Garrão lá surgiu por fim com a família, os pais à frente a taparem o vulto do amigo e das irmãs. Artur evitou olhá-las, para não dar ar de cão faminto, e viu o amigo apresentá-lo aos pais.

“Este é o Teixeira”, anunciou Garrão. “É o meu camarada de beliche na Escola de Guerra.”

Artur pegou na mão da senhora Garrão e, inclinando-se com um floreado atencioso, beijou-a com um toque leve dos lábios.

“Madame...”

A senhora, cujo vasto corpo se encontrava envolto num xaile azul-escuro, enrubesceu e ronronou de prazer.

“Ai, que cavalheiro!”

Depois de cumprimentar o pai do amigo, sujeito barbudo de porte patriarcal, voltou-se para os tesouros da família, as duas irmãs, que, segundo o camarada, se encontravam disponíveis como “maçãs maduras”. Não foram, contudo, duas apetitosas maçãs o que viu sorrir diante dele, mas grosseiras melancias, pois as moças tinham faces redondas e eram tão grandes como o próprio Garrão, ou até maiores. Ao pé delas o Porthos das Beiras até parecia o elegante D’Artagnan.

—

As longas ruas em terra batida de Tsuchiura, ladeadas por edifícios baixos de madeira e com lojas de fachada aberta, tornaram-se a imagem estruturada mais antiga guardada pelo filho do casal Satake. O menino fora registado com o nome de Fukui, palavra que em japonês significava “afortunado”, pois afortunada tinha sido aquela criança por tão miraculosamente escapar à morte à nascença, mas também porque era assim que se chamava a ilha onde viera ao mundo.

Embora fosse em Tsuchiura que residia desde a segunda semana de vida, só na manhã em que os pais o levaram ao grande empório comercial Daitoku é que o pequeno Fukui gravou a visão da cidade na memória. Isso aconteceu porque essa jornada veio a revelar-se especial. É que foi justamente nessa manhã que recebeu o seu primeiro brinquedo e, o que talvez fosse ainda mais importante, acabou por ser nesse dia do terceiro ano da era Taisho, ou 1914 no calendário gaijin, que pela primeira vez se cruzou com os inimigos mortais da sua família. Como poderia ele esquecer o primeiro brinquedo, e sobretudo o encontro com o eterno inimigo? o sinal de que se aproximavam do Daitoku foi dado pela voz melodiosa que se enrolava no ar como um miado tremido por entre os acordes de um shamisen. Ao chegarem ao centro de Tsuchiura depararam-se com um enorme edifício a dominar a praça central e detiveram-se diante dele; era de uma das suas janelas que vinha a música. Seria uma gueixa?

Fukui esquadrinhou a fachada de olhos arregalados e viu-a corrida por persianas abertas, atrás das quais espreitavam portinholas gradeadas tão finas que quase pareciam de papel. Numa das janelas lobrigou por fim um móvel com um gramofone pousado por cima; era do seu bocal em jeito de flor metálica gigante que jorrava a música, uma voz feminina doce e suave que as notas harmoniosas do shamisen tornavam melancólica. Como era possível que de uma máquina daquelas se libertasse uma voz assim, tão

melodiosa que parecia de um pássaro, tão potente que se escutava pela cidade até à distância de três quarteirões? vendo o filho fascinado com a imponência do edifício e com a música que dali nascia, Aiko acocorou-se diante dele e sorriu enquanto ajeitava o obi do seu já diminuto quimono.

“Quando vires um quimono de que gostes, diz”, recomendou-lhe. “Acabaste de fazer quatro anos e já precisas de roupas maiores do que estas. A mamã quer oferecer-te a mais bela prenda da loja, está bem?”

“Não mimes demasiado o miúdo”, resmungou o marido.

“Não te esqueças que ele ainda mama leite do teu peito. tem de crescer!”

A mãe indicou ao filho dois homens que vinham pela rua a conversar e a rir-se.

—

>

“Estás a ver aqueles dois senhores? Estão a rir-se de ti, Fuku-chan”, disse provocatoriamente, usando o diminutivo afetoso que adotara para o filho. “Riem-se porque com essa idade ainda mamas nas maminhas da mãe. Toda a gente se diverte à tua custa, vês? Não tens vergonha?” o pequeno Fukui encolheu-se; aprendera já que a maior vergonha na vida era alguém rir-se dele. Ninguém tolerava tal coisa na família ou mesmo entre os amigos com quem brincava. Se alguém se risse dele perdia o giri, o respeito por si próprio, e uma coisa dessas, ao que lhe ensinavam, era inadmissível. O mais importante de tudo era preservar o giri.

“O miúdo tem sangue de samurai e deve ser educado enquanto tal, não como uma gueixa delicada”, insistiu o pai.

“Por isso devia era comprar um jinbaori! Assim ninguém se rirá dele nem de nós.”

A mulher manteve a voz doce; sabia que era a melhor maneira de contornar os caprichos do marido. De resto, desde que os três deixaram Akita, cidade onde ficara o resto da família, incluindo a detestada sogra, a vida de Aiko tornara-se bem mais fácil. Sem a velha por perto, pois o filho mais velho regressara da Coreia e ela fora viver para casa dele em Akita, manobrar os humores de Iwao revelara-se consideravelmente mais simples; bastava ter cuidado para evitar os choques frontais e dar-lhe sempre razão antes de fazer o contrário do que ele dizia.

“É uma excelente ideia, embora seja talvez um pouco cedo para o menino usar um quimono de samurai”, murmurou ela em tom conciliatório. “No entanto, vou pedir que lhe cosam o glorioso brasão dos Satake no novo quimono. Será o primeiro passo para o jinbaori.”

A sugestão foi acolhida por Iwao com um grunhido de assentimento e pelo

filho com um silêncio indiferente. Fukui era ainda demasiado pequeno para dar importância à questão e estava já suficientemente familiarizado com as picardias que resultavam do choque entre a rigidez angular do pai e a doçura protetora da mãe a propósito da sua educação para que as trocas tensas de palavras o apoquentassem. Além do mais, e esforçando-se por esquecer a perda de giri por se terem rido dele, tinha nessa ocasião a atenção ainda presa ao enorme edifício à frente deles; o empório fascinava-o e a música hipnotizara-o. Em boa verdade, a grandiosidade do Daitoku era realmente de pasmar, pois o edifício cobria um quarteirão inteiro no centro da pequena terriola de província.

Dir-se-ia um castelo do tempo dos xoguns.

“Vamos.”

Cruzaram a movimentada porta de entrada e Fukui constatou que o interior do Daitoku, embora impressionante em dimensão, não era tão magnífico como a fachada. Uma parte do piso apresentava-se de madeira coberta por tatami, mas a outra mantinha-se em terra batida. Os pais ignoraram no entanto aquela parte da grande loja e com o filho no encalço dirigiram-se às escadas, que calcorream em passo ligeiro. não se tratava de uma subida fácil para quem tinha pernas tão pequenas, pelo que o menino foi escalando os degraus agarrado ao corrimão e sempre a espreitar o que havia lá em baixo. Foi assim que se apercebeu de que no piso inferior se encontravam os brinquedos. Esticou o pescoço e enxergou numa esquina um cavalinho de balouçar.

“Alü”, apontou. “O cavalinho!”

Do alto das escadas, o pai abanou a cabeça com uma expressão reprovadora.

“Um samurai não brinca com cavalinhos.”

“Mas eu quero...”

—

Desde bebé que o pequeno se sentia atraído por animais de estimação. Ainda com meses de idade, quando partira da ilha de Fukui para Akita, e logo a seguir para Tsuchiura, mostrara-se muito agitado sempre que via gatos ou cães; logo que aprendeu a andar começou mesmo a procurá-los. A mãe pressentia nesse comportamento uma forma inconsciente de substituir o irmão gémeo morto à nascença. Iwao, contudo, opunha-se vivamente a que o filho tivesse manifestações de ternura em relação ao que quer que fosse, incluindo animais de brinquedo.

“Se queres brincar”, sentenciou o pai, “brinca com espadas.”

Ao ver os clientes no piso superior de ar expectante, uma empregada encaminhou-se para eles em passos minúsculos e rápidos; tinha uma certa

idade, que o penteado em tñaru-mage com um puxo minúsculo indicava ser uma sexagenária.

A empregada abeirou-se dos recém-chegados e dobrou-se numa vénia.

“Sede bem-vindos à nossa humilde loja”, saudou-os a papaguear a velha fórmula de recepção aos fregueses. “É uma grande honra receber-vos para vos mostrar os nossos modestos produtos.” os clientes devolveram a vénia.

“A honra é nossa.”

“O que desejais ver?”

Iwao fez um gesto a indicar o filho.

“O meu menino fez anos e queremos oferecer-lhe um quimono com o brasão da família.”

“Temos belíssimos quimonos de seda acabados de chegar de Edo”, anunciou a empregada, referindo-se a Tóquio ainda pelo velho nome dos tempos do xogunato, como era habitual entre as pessoas mais velhas. “O brasão é de que família, se não é indiscrição perguntar?”

—

Iwao encheu o peito, impante de orgulho por ter uma oportunidade para revelar a sua nobre ascendência.

“Dos Satake, claro.”

Ao ouvir o nome do antigo clã de samurais de Tsuchiura, a velha empregada do Daitoku desfez-se em véniãs.

“É uma honra, é uma honra!”, repetiu. “Antepassados meus tiveram o distinto privilégio de servir os Satake antes de... antes de...” Deixou a frase em suspenso, talvez para evitar referir-se aos acontecimentos que haviam ditado a desgraça dos Satake e que imprevidentemente invocara. virou-se para trás e bateu palmas para chamar alguém.

“Sakichi, anda cá!” um pacote no início da adolescência acorreu de imediato.

“Às suas ordens, senhora.”

“Vai buscar os quimonos de seda para este menino”, ordenou a empregada.

“Traz-me a última remessa de Edo, ouviste?” Voltou a bater palmas, desta feita a mandá-lo embora. “E depressa, se não queres ficar toda a vida a servir como um decchi! Ala daqui!” o pacote voltou minutos depois com os braços carregados de quimonos minúsculos de seda das mais variadas cores e desenhos. Os produtos foram expostos no soalho e nas paredes da loja e os clientes inspecionaram-nos. No momento em que Aiko foi informada do preço, no entanto, mandou recolher tudo e pediu uma remessa de algodão, de valor bem mais acessível.

Contudo, quando o novo material apareceu torceu o nariz ao que viu e solicitou uma terceira remessa, esta proveniente de Osaka e com padrões

em folha de pinheiro, como se requeria nos quimonos de inverno. O processo revelou-se demorado, embora no Daitoku ou em qualquer outra loja do Japão isso fosse encarado com naturalidade, uma vez que o comércio constituía um ritual moroso que habitualmente requeria paciência de fregueses e empregados. Quem andava às compras já sabia ao que ia. Ciente de que a escolha não seria rápida, Iwao afastou-se para explorar outras áreas do empório que lhe pareciam mais interessantes. Só reapareceu uma hora depois, quando o quimono estava enfim escolhido, uma peça de algodão em cujo peito a empregada bordava já o brasão dos Satake.

Contornando a mulher, aproximou-se do filho com as mãos escondidas atrás das costas.

“Adivinha o que te comprei.” o menino franziu o sobrolho, nada habituado a gestos agradáveis do pai, mas depressa se descontraiu; no fim de contas, era o seu aniversário.

“Outro quimono?”

“Não. Um brinquedo.”

Fukui arregalou os olhos, mal acreditando nas possibilidades que a palavra brinquedo tão inesperadamente abria.

“O cavalinho?” o pai indicou uma criança que por ali passava com uma espada de madeira.

“Estás a ver este menino? Estava a rir-se de ti porque não brincas com espadas.”

Fukui olhou horrorizado para a criança indicada; ter-se-ia mesmo rido dele? Ah, que vergonha! O seu giri estava despedaçado. Os pais tinham-lhe ensinado tantas vezes que tinha de preservar o giri e o ôn, a honra social e a honra familiar, e agir sempre de modo que ninguém se risse dele.

“Quero uma espada!” satisfeito por ouvir estas palavras, o pai tirou as mãos de trás das costas e com o sorriso luminoso de quem sabia que oferecia a mais invejável prenda do mundo, exibiu uma espada de madeira com o brasão da família embutido no punho.

“Uma bokuto de samurai.” não se pode dizer que o pequeno Fukui tenha saído inteiramente feliz do Daitoku. Não que o quimono lhe desagradasse, afinal fora ele próprio que o escolhera, mas para brinquedo apreciaria mais o cavalinho de balouçar do que a espada de madeira para o treino dos samurais com que acabara por ser presenteado. Porém, achava que o bokuto lhe permitira recuperar o giri e assim ninguém se voltaria a rir dele, e conformou-se.

Ainda a cismar no assunto, só reparou no rapaz que para ele se dirigia, um miúdo corpulento uns três anos mais velho, quando já era tarde de mais. Com um movimento traçojeiro, o desconhecido deu-lhe um forte encontrão



e o minúsculo

Fukui foi projetado pelo ar e viu-se de repente com a cara colada ao chão e os dentes a morderem a terra.

"Vê por onde andas, Satake estúpido!", riu-se o miúdo corpulento. "Caso contrário, acabas a comer trampa!"

passada a surpresa e o choque inicial, Fukui desatou a chorar. Os pais permaneceram um curto momento paralisados, sem entenderem o que estava a acontecer, e acabou por ser a mãe a primeira a reagir. Sacudindo o torpor, Aiko precipitou-se sobre o filho.

"Fuku-chan!", exclamou. "Estás bem?"

Enquanto mãe e criança se abraçavam, o pequerrucho a tremer e a chorar e Aiko a consolá-lo e a afagar-lhe os cabelos, o pai deu um salto e agarrou o agressor.

"Anda cá, fedelho malcriado!", rugiu. "Oya! Vais levar um corretivo que..."

"Satake!", cortou uma voz. "Larga o meu filho!"

sem libertar a criança que derrubara Fukui, Iwao voltou-se na direção da voz, espantado por se ver interpelado pelo nome de família de forma tão perentória, e viu aproximarem-se em pose agressiva três homens de quimono que de imediato reconheceu.

"Miyamoto!" o homem da frente, que parecia liderar o grupo recém-chegado, puxou o rapaz corpulento que empurrara Fukui.

"Larga o meu filho, Satake!"

"Logo vi que um yakuza deste calibre só podia ser teu filho, Miyamoto Yukichū", exclamou Iwao com um esgar sarcástico, sempre sem soltar a criança. "Ele agrediu o meu filho e terá de ser punido."

"Larga-o, já te disse!"

"E eu já te disse que só o largarei depois de o teu rapaz levar um corretivo!" os dois homens puxavam o miúdo corpulento cada um para o seu lado, como se ele não passasse de um boneco, mas a presença dos dois acompanhantes do pai do agressor, todos Miyamoto, e sobretudo terem-se posicionado atrás de Iwao, tornou claro que os pratos da balança se desequilibravam em desfavor do pai de Fukui.

"Pela última vez, Satake: larga o meu filho", rosnou o pai do agressor num tom prenhe de ameaças, o indicador apontado ao nariz do interlocutor.

"Depois não digas que não te avisei."

Iwao ponderou a situação. Estava cercado por três homens da família Miyamoto, todos herdeiros também da tradição samurai, e estando ele sozinho não tinha grandes hipóteses de os vencer. Perante esta desproporção de forças, a prudência recomendava uma retirada tática. Mas o orgulho de japonês, para mais descendente de samurais, impedia-o de ceder.

que homem seria ele se recuasse perante o perigo? Se o fizesse mostraria que não conhecia giri, ou seja, nem o próprio bom nome respeitava, e isso jamais seria tolerável. Todos se ririam dele e cobriria os Satake de vergonha. Antes a morte que a desonra! O recuo estava fora de questão. Mais facilmente cometeria seppuku do que fugiria diante do inimigo, além de que havia a considerar ainda as humilhações históricas que os Satake haviam sofrido às mãos dos Miyamoto no tempo dos xoguns.

Com um movimento rápido da mão direita, Iwao retirou do obi do kimono uma das suas duas facas de samurai, na circunstância uma wakizasbi com uma lâmina de dois shaku.

"E vocês, Miyamoto, não digam que não avisei quando vos disse que este yakuza de pacotilha só sairá daqui depois de levar um corretivo. E leva-lo-á, ou não me chame eu satake Iwao." o aparecimento da faca reequilibrou a relação de forças. os Miyamoto possuíam a vantagem numérica, mas nenhum deles tinha saído à rua armado com as suas duas lâminas de samurai, pois, além de o seu uso se ter tornado ilegal em público, não imaginavam que alguém se atrevesse a afrontá-los em Tsuchiura, onde estavam habituados a comportar-se como donos e senhores.

A presença da wakizasbi de Iwao obrigou-os, contudo, a repensar a situação tática. Valeria mesmo a pena um confronto? Sabiam que ganhariam, poderiam ferir e até matar o seu oponente, mas parecia certo que nenhum dos três sairia incólume da contenda, até porque os Satake tinham fama de mestres de kenjutsu, o caminho das espadas. Além do mais, os tempos em que os samurais combatiam em plena rua, impondo a autoridade e dispendo da lei, estavam a acabar;

nem os ronin o faziam já. Se houvesse combate, quem não fosse parar ao hospital arriscava-se a ir para a cadeia e, em tempos em que o poder regressara ao imperador e se introduziam no país grandes reformas políticas, económicas e administrativas de inspiração ocidental, nem o prestigiado nome da família os pouparia ao vexame.

"Escuta, Satake, não vale a pena lutarmos por uma coisa destas", afirmou Yukichi, o pai do agressor, num tom ainda agressivo mas já com um toque apaziguador. "Larga o miúdo e cada um vai à sua vida."

A inflexão ligeiramente conciliatória não passou despercebida a Iwao. O confronto ainda podia ser evitado, percebeu, embora fosse crucial encontrar uma fórmula que salvaguardasse a face de ambas as partes e preservasse o giri dos dois homens e respetivas famílias. Sem isso, o combate seria inevitável.

"Sabes bem que não o soltarei sem que ele receba o devido corretivo", reiterou o pai de Fukui. "No fim de contas, miyamoto, o teu filho atirou o meu ao chão."

"E que culpa tem o meu filho que não eduques o teu como um verdadeiro samurai?"

"O meu rapaz será educado como eu determinar e segundo as tradições dos meus antepassados", argumentou

Iwao. "Mas tem apenas quatro anos e o teu é mais velho.

As forças entre eles são desiguais e o teu tem de ser punido por atacar quem está indefeso." Fez uma pausa para sublinhar a importância do que ia dizer a seguir. "Agora, não tem necessariamente de ser punido por mim..."

Com esta última frase, o pai de Fukui ia de encontro ao tom conciliatório do adversário, coisa que Yukichi instantaneamente entendeu. Estava entreaberta a via de uma saída honrosa em que as duas posições antagónicas ficariam acauteladas e a face de ambos poderia ser salva. Cabia a Yukichi aproveitar a oportunidade que lhe era oferecida e responder de modo a Salvarguardar o giri das duas partes.

"A minha objeção é que seja um Satake a punir um miyamoto."

"E a minha objeção é que, depois do que fez ao meu filho, o teu miúdo saia daqui sem punição."

"Compreendo que o meu terá de ser punido", acedeu

Yukichi. "Mas será punido por mim, não por ti."

"Se assim é, nada tenho a opor."

Com um movimento súbito, Yukichi aplicou uma leve bofetada ao próprio filho.

"Toma, Siawa!", rugiu num tom bem mais violento que a estalada. "Não voltes a fazer isso!"

A bofetada foi tão tímida que o pequeno Sawa nem reagiu, tirando um pestanejar surpreendido.

"Mas, meu pai, foi o senhor que me disse para..." novaestalada, esta mais forte.

"Cala-te, Sawa!" que fora Yukichi que instruíra o filho para atacar o pequeno Fukui já há algum tempo se tornara claro na mente de Iwao. O prometido corretivo acabara porém de ser aplicado e, uma vez a honra salva, Iwao não tinha motivos para manter o confronto. Soltou o corpulento Sawa e, guardando a face de samurai por baixo do obi, fez sinal à mulher e ao filho de que o acompanhassem.

"Vamos embora", disse em voz alta. "Dos Satake ninguém dirá que não conhecem giri."

E afastaram-se.

—

A lapa estava colada à rocha como se nela se tivesse fundido e Artur teve de fazer mais força do que o habitual para a arrancar. Ergueu-a no ar e

acenou em direção ao homem de cabelo branco agachado atrás dele à cata de bivalves.

“Olhe, avô! Apanhei mais uma!” o velho nem olhou.

“Boa, moço! Mete no saco.”

Como de resto acontecia todos os verões, Artur fora passar as férias de 1914 a casa dos avós, aproveitando assim o interregno das aulas antes do começo do novo ano letivo. o cadete encontrava-se na praia do Carvoeiro a ajudar o velho Adérito Teixeira na apanha dos bivalves quando por ali passou o primo Francisco, que trabalhava nos correios.

“Já viram o que está a acontecer?”, atirou da estrada com ar excitado.

“Sabem das notícias?”

Artur e o avô trocaram um olhar de ignorância antes de responderem.

“O rei voltou?” o primo abanou a cabeça com impaciência.

“Os alemães invadiram a França!”

“O quê?”

“É como vos digo!”, insistiu o primo Francisco. “Lembram-se de a Áustria-Hungria declarar guerra aos servos ou... ou lá o que eles são? Pois chegou agora pelo telégrafo a notícia de que os alemães invadiram a França e parece que estão também a meter-se com um outro mais pequenino.”

“Qual?”

“Sei lá. É o pequerrucho que fica entre os dois.”

Artur fez um esforço de imaginação e reconstituiu de memória o mapa da Europa, que tantas vezes era analisado nas aulas por causa das campanhas napoleónicas.

“A Bélgica?”

“Isso.”

“Caramba!”, exclamou Artur, que por causa das aulas na Escola de Guerra estava a par do sistema de alianças em vigor. “Se os alemães atacarem os belgas, os ingleses vão entrar na guerra! E atrás deles... atrás deles virão logo os canadianos e os australianos e mais não sei quem.”

“E a Rússia”, acrescentou o primo. “A Rússia já foi atirada ao barulho. É a confusão geral, anda tudo ao estalo!”

“Homessa!”, bufou o avô, voltando a atenção de novo para os bivalves. “Que trapalhada!”

“Olha lá, ó Francisco, e nós?”, quis saber Artur, para quem tais notícias tinham muito mais interesse que os bivalves que tanto animavam o avô. “O que vai fazer Portugal? O que diz o governo em Lisboa? O telégrafo fala nisso?” o primo Francisco pôs as mãos à cintura.

“Não há nada de Lisboa”, disse. “Mas nós não somos os velhos aliados de Inglaterra? Se os bifes entram na guerra, parece-me que nós também seremos arrastados para ela, não vos parece?”

Não foi o que nos aconteceu quando o Napoleão aqui veio?”

A observação não era tola, considerou Artur.

“Sim, de facto.”

“E não és tu, caro primo, que andas na Escola do Exército a dar uns tirinhos?”

“E então?” o primo Francisco soltou uma gargalhada e virou as costas, presumivelmente para regressar aos correios ou para ir a qualquer outro sítio espalhar a notícia sensacional que o telégrafo acabara de debitar em código morse.

“Se fosse a ti, punha-me a pau...”

—

As aulas desse ano começaram na Escola de Guerra num ambiente febril. O conflito disseminara-se em agosto pela Europa como fogo em pólvora seca, começando com o confronto entre a Sérvia e o Império Austro-Húngaro e estendendo-se rapidamente nesse mesmo mês à Rússia, à Alemanha, à França, à Bélgica, à Inglaterra, ao Montenegro e até a países fora do continente europeu, como a Austrália, a Nova Zelândia, o Canadá, o Japão e a Libéria.

A evolução dos acontecimentos apanhou toda a gente de surpresa, mas ninguém ficou mais admirado que o próprio Artur. Como pudera ser apanhado desprevenido, logo ele que tanto se interessava pela política? Se calhar, raciocinou, fizera mal em concentrar-se demasiado nas questões filosóficas e em esquecer as realidades práticas. Aproveitou por isso as férias para questionar o avô sobre o que se passava no país e na Europa.

Dos eventos no continente não tinha o velho Adérito teixeira muita noção, mas o mesmo não se podia dizer da política em Portugal. Sempre um monárquico convicto, o avô deu-lhe uma ideia assustadora dos meandros do poderem Lisboa.

“Estes republicanos são uma desgraça!”, resmungou ele quando à noite se sentaram à lareira para discutir os acontecimento do dia. “Andaram anos e anos a dizer que o problema de Portugal era a monarquia e que, se o rei fosse afastado, tudo se resolvia e coisa e tal. Pois há quatro anos esses tipos conseguiram proclamar a sua República da treta e... e diz-me: achas que as coisas estão melhor?” o neto encolheu os ombros.

“Sei lá! não sei Como eram antes.”

“Está tudo pior, rapaz. Tudo pior. O Congresso é uma confusão, os deputados não passam de ladrões bem-falantes, os governos mudam a toda a hora, a economia anda um caos e ninguém se entende. Dizem-se grandes democratas mas conseguiram empurrar os monárquicos para fora do Congresso, Tão grave como isso, a República alienou a nossa

velhaaliada. Quando tínhamos monarquia, a Inglaterra de certo modo protegia-nos. Mas agora que expulsámos o rei os bifes andam irritados connosco e não sei se nos aguentaremos ssem eles.”

“Não percebo, avô. O que têm os ingleses a ver com isto?” o avô) mordeu o cachimbo e pegou lume ao tabaco.

“Tudo, rapaz. Tudo. Desde que a República foi proclamada os bifes começaram a negociar as nossas colónias com os alemães. Parece que fizeram há dois anos um acordo para entregar a Alemanha uma parte do nosso império.”

Artur esboçou um esgar de perplexidade.

“Eles podem fazer isso?”

“Quem tem a força faz o que quer, rapaz”, disse o velho Teixeira, exalando uma nuvem de fumo aromático.

—

“A Inglaterra tem a força e não gostou de ver a forma como tratámos a monarquia. E o pior é que a coisa pode não se ficar pelas colónias. Por causa destes republicanos da treta, a própria independência nacional está em risco.”

“O avô acha que os ingleses nos querem invadir?”

“Os ingleses não, rapaz. Os espanhóis.”

A coisa complicava-se. Artur coçou as têmporas, tentando perceber o que lhe era dito.

“Desculpe, mas o problema não eram os ingleses?”

“Os bifes estão a ficar amiguinhos dos espanhóis e já nos avisaram que, na sua interpretação, a velha aliança apenas os obriga a proteger a nossa costa e as nossas colónias. Isto é uma forma indireta de nos avisarem que os espanhóis têm mão livre para nos invadirem pela fronteira terrestre, estás a perceber? Parece que Afonso XIII acalenta o velho sonho dos castelhanos de anexar Portugal e, não sei se reparaste, apoiou as operações militares que o Paiva Couceiro lançou nos últimos anos contra o nosso país. Esses ataques são, para já, feitos por forças monárquicas portuguesas exiladas em Espanha, mas qualquer dia quem vem aí são os próprios espanhóis, entendes? Vês agora o que está verdadeiramente em jogo, rapaz?”

Artur ficou a meditar no que acabava de ouvir; era como se os problemas de estratégia de que tantas vezes se falava nas aulas se tivessem transferido para o presente.

“Nesse caso, podemos perder as colónias e a própria metrópole”, concluiu o neto. “A ser assim, o que nos pode salvar?” o cachimbo do avô apagara-se, o que acontecia sempre que ele fazia uma pausa demasiado longa entre

duas fumaças. Voltou a colar o lume ao tabaco e de novo exalou fumo, primeiro uma nuvem ténue, a seguir baforadas cada vez mais fortes.

“A guerra, rapaz”, concluiu. “Só esta guerra nos salva.” quando em novembro regressou às aulas, Artur já vinha devidamente industriado pelo avô sobre as trapalhadas da governação republicana e a delicadeza da posição de Portugal no xadrez da política europeia. Nos primeiros dias do novo ano letivo evitou proferir opiniões sobre os acontecimentos no país e na Europa, que passou a acompanhar com redobrada atenção pelos jornais, mas tornou-se impossível ignorar o que se passava no momento em que Garrão chegou às camaratas com uma notícia inesperada.

“Então já sabes o que aconteceu?”, perguntou o amigo, ofegante da corrida até ao dormitório. “Os alemães atacaram-nos!”

Artur estava estendido sobre o beliche a ler o Diário de notícias à luz de um candeeiro a petróleo. Baixou o jornal e encarou o amigo com incredulidade.

“O quê?”

“Os hunos meteram-se connosco!”, insistiu num estado alterado. “Acabei de ouvir o telegrafista a informar o nosso comandante. Eles atacaram-nos. E mesmo a sério.”

Artur sacudiu a cabeça; a informação não lhe parecia fazer o menor sentido.

“Ó Garrão, não pode ser. Como haveriam os alemães de nos atacar? Que eu saiba não temos fronteira com a Alemanha...”

“Em África, homem! Os gajos entraram no Norte de moçambique vindos do Tanganica e no Sul de Angola provenientes do Sudoeste Africano. Estão a chegar telegramas em catadupa.”

—

“Caramba!”

“E agora?”, quis saber Garrão, ainda a saltitar de excitação. “Hã? E agora? Se já andamos à batatada com os alemães, o que quer isso dizer exatamente?”

Artur sentou-se no beliche e lançou um olhar grave sobre o Diário de Notícias, cuja primeira página se enchia de informações relativas ao avanço alemão sobre Paris.

“Quer dizer que estamos em guerra.”

A conclusão era lógica, mas não se confirmou. Havia combates em África entre portugueses e alemães, mas estranhamente nenhum dos lados declarou guerra. Seja como for, as notícias dos ataques às colónias portuguesas geraram forte burburinho no Palácio da Bemposta, onde funcionava a Escola de Guerra. Pelos animados diálogos que escutava aos

oficiais era fácil perceber que os quartéis estavam em ebulição e pela leitura dos jornais Artur constatou que se gerara consenso no país, que envolveu os próprios monárquicos, em relação à necessidade de entrar na guerra. Alguns dias depois saiu a notícia de que Alves Roçadas ia partir para Angola com reforços, e o mesmo sucederia a seguir com Massano de Amorim, cujo destino seria Moçambique. A máquina de guerra entrara em movimento. o assunto preenchia nesses dias todas as conversas na cantina da Escola de Guerra entre Artur e os camaradas, em particular Garrão e Gonçalves, um alentejano pequeno de óculos redondos e ar intelectual, que ia dando umas espreitadelas a um livro que tinha pousado no regaço e que consultava ao mesmo tempo que comia.

"A coisa, meus caros, está mesmo a aquecer."

Gonçalves desviou a atenção do livro e encarou os camaradas.

"Então, se em termos práticos estamos em guerra, porque não assumimos as coisas de forma aberta? É isso que não entendo..."

"Parece que os alemães andam a apresentar desculpas", retorquiu Artur.

"Dizem que é tudo um equívoco, que de Berlim não conseguem comunicar bem com as suas colónias do Tanganhica e do Sudoeste Africano, que mais isto e que mais aquilo..." Baixou a voz. "Além do mais, ouvi noutro dia o nosso comandante dizer que os ingleses não nos querem na guerra, acham que só íamos atrapalhar."

Garrão riu-se.

"Nada parvos, esses ingleses."

"Isso é conversa", argumentou Gonçalves. "Os bifes querem é manter as mãos livres para depois da guerra fazerem o que quiserem com as nossas colónias. Se nos metermos na confusão, os tipos perdem espaço."

"É o que eu disse, os ingleses não são nada parvos."

"Talvez, mas vão ter mesmo de nos aturar", atalhou Artur.

"Precisamos de defender o império e de nos proteger dos espanhóis. Como a Espanha decretou a neutralidade, a nossa entrada na guerra obrigará os ingleses a defenderem-nos dos espanhóis." Suspirou. "O problema é que desconfio que, em vez de lutarmos em África, vamos meter tropas em França."

A observação desencadeou um coro de desaprovação na mesa.

"Em França?", admirou-se Gonçalves. "Estás maluco!"

"Oíçam lá, já viram o estado em que o país está?", perguntou Artur, papagueando o que escutava ao avô sempre que ia de férias para Lagoa.

"Os republicanos andaram anos a dizer que a culpa dos males de Portugal era da monarquia e que, se a monarquia acabasse, se resolviam todos os problemas, e mais isto e mais aquilo. Pois a monarquia acabou e... e..."

"Os problemas continuaram."



"Pois é. Os tipos nada resolveram, como é bom de ver. Os palermas do Partido Democrático andam agora desesperadamente à procura de uma causa que una o país e ponha fim à contestação à República."

Garrão fitou-o, a boca entreaberta.

"Estás a insinuar que os republicanos nos querem arrastar para a guerra só porque precisam de salvar a República?"

"É isso mesmo." o amigo abanou a cabeça, recusando-se a aceitar a ideia.

"Não, não pode ser", exclamou em tom perentório. "Olha, eu conheço o Afonso Costa e sei que era incapaz de uma coisa dessas! O Partido Democrático é um partido de esquerda, que só pensa no bem do povo e em abraçar o progresso. é aliás por isso que está tão empenhado em laicizar Portugal e afastar do poder as teias de aranha obscurantistas da Igreja. O Afonso Costa, garanto-te eu, é um homem íntegro e quer o melhor para o país."

"Ele quer é o melhor para ele próprio, grande palerma", retorquiu Gonçalves.

"No que não é, sublinho, diferente dos outros. A lógica do capitalismo é esta, não percebes? Ou estás a dizer-me que ainda acreditas nas balelas dos políticos capitalistas?"

As duas referências sucessivas ao capitalismo despertaram a atenção de Artur. O que queria o camarada dizer com essas expressões?

"O Afonso Costa é diferente", insistiu Garrão, embrenhado na discussão.

"Não viste como ele controlou as contas públicas?"

"O Afonso Costa é tão mau como os outros", disse Artur, voltando à conversa. "Os republicanos sentem o país escapar-lhes por entre os dedos, sabem que não podem cumprir nem

um décimo das promessas fantasistas que andaram a proclamar aos quatro ventos nos tempos da monarquia e agora preparam-se para nos arrastar para a guerra na Europa com o único fito de esconderem a incompetência criminoso da sua gestão. Os tipos acreditam que, se lutarmos nas trincheiras ao lado dos ingleses e dos franceses como um entre iguais, o prestígio de uma coisa dessas salvará a República. Não tarda nada e, para enganar a malta cá da parvónia, já andamos pela Europa a fingir que damos tiros aos alemães."

"Estás enganado!"

Artur arrumou os talheres sobre o prato vazio. Vinha aí a fruta, mas a evolução dos acontecimentos e o que considerava a cegueira dos camaradas estavam a dar-lhe a volta ao estômago, pelo que decidiu nem esperar pela sobremesa. levantou-se do lugar com um movimento impetuoso, quase atirando a cadeira para trás, e enfrentou-os com uma expressão de desafio.

"Esperem e verão."

Ao abandonar o refeitório pousou os olhos sobre o livro que Gonçalves tinha deitado no regaço e identificou-o por fim. Tratava-se de O Capital, de Karl Marx.

—

A caminhada até à escola primária foi relativamente curta, no fim de contas Tsuchiura não passava de uma pequena povoação onde tudo era perto de tudo. Uma vez chegados ao portão do estabelecimento, depararam-se com uma multidão de pais que se despediam dos filhos, dos quais dois se apresentavam chorosos e assim atraíam vergonha às suas famílias por mostrarem não conhecer giri. Agastado com as lágrimas dessas crianças, que considerava “indecorosas” e “despropositadas”, Iwao parou e largou a mão do seu rapaz.

“Vai, Fukui”, disse, fazendo sinal para o portão. “A tua aula é na sala cinco, no rés do chão, a quinta porta no corredor à direita depois da entrada.” Acenou em despedida.

“Vai e aprende.” o filho sentiu o peito comprimir-se, quase como se o ar lhe faltasse, e o lábio tremer.

“Mas... mas...”

“Mas o quê?”, cortou o pai. “Oi! Já não és um bebé, Fukui.

E também não nasceste menina, pois não? És descendente de uma família de samurais e deves honrar os teus antepassados e comportar-te como um digno representante dos Satake. tens de conhecer giri! Não quero cá choradeiras, ouviste?” voltou a apontar para o portão da escola. “Vai e aprende!” sem dar possibilidade de réplica, Iwao rodou sobre os calcanhares e abalou dali, deixando o filho de seis anos entregue a si mesmo nesse primeiro dia de aulas.

A medo, Fukui atravessou o recreio, onde se aglomerava uma multidão de crianças que tentavam formar filas sucessivas; parecia instalada ali uma estranha desordem ordenada. sem perceber o que se passava, o novo aluno encaminhou-se para o edifício principal, mas deparou-se com um funcionário a interditar o acesso.

“Vai para a fila!”, ordenou o empregado quando o viu, apontando para o recreio. “Imediatamente!” o pequeno obedeceu, embora ainda não tivesse compreendido nada. Meteu-se na fila indicada, formada por outros alunos da idade dele aparentemente tão intimidados como ele, e aguardou novidades.

“Atenção!”

A ordem percorreu o recreio e pôs todos os professores em sentido, imediatamente imitados pelos alunos. Instalou-se nesse instante um silêncio expectante na escola e Fukui viu uma Hinomaru, a bandeira do Império do Japão, ser hasteada no mastro principal. Com um movimento

que parecia sincronizado, todos se voltaram para o pano branco com o círculo vermelho no Centro e da multidão ergueu-se um coro, liderado pelos professores e pelos alunos mais velhos, com as estrofes e a melodia de Kimigayo.

Kimigayo wa

Chiyo ni yacbiyo ni sazare-isbi no Iwao to narite

Koke no musu made.

A solenidade do momento, a melodia majestosa e a letra sublime deixaram Fukui inebriado.

“Por milhares de anos seja o teu feliz reinado, reina meu senhor até que os seixos de hoje pelos anos em pedras sólidas se tornem, até a sua veneranda superfície se cobrir de musgo.”

Como permanecer indiferente a tão belas palavras de homenagem a sua majestade imperial? um homem distinto perfilado diante dos alunos, decerto o diretor da escola, fez nesse instante um sinal e todos se voltaram na mesma direção, a de Tóquio, onde se encontrava o Palácio Imperial, e curvaram-se numa vénia lenta, profunda e demorada; Fukui já conhecia a cerimónia da “veneração à distância”. Como todos os japoneses praticava-a diariamente em casa com os pais, pelo que imitou colegas e professores e cumpriu o seu dever. quando um minuto depois todos se endireitaram, o diretor encarou os alunos para a pergunta cerimonial.

“Qual é a vossa maior ambição?”

A resposta, igualmente ritual, veio em coro.

“Morrer por sua majestade imperial!”

os alunos aguardavam havia alguns minutos diante da porta cinco quando uma campainha tocou. Quase de imediato apareceu um homem de ar carrancudo que entrou na sala com passo decidido. Como obedecendo a uma ordem inaudível, os alunos seguiram-no e plantaram-se diante das suas carteiras, o silêncio apenas quebrado pelo som das cadeiras a serem arrastadas. Uma vez plantados à frente dos seus lugares, e perante o olhar austero do adulto, fizeram uma vénia profunda, como os pais lhes tinham ensinado, e sentaram-se. o professor pegou no giz e rabiscou no quadro duas linhas que a maioria dos alunos não entendeu, com algumas exceções. Uma delas era Fukui, que, graças ao empenho da mãe, já havia aprendido a reconhecer alguns caracteres.

A primeira linha dizia Tsuchiura, Taisho cinco, ou quinto ano da era do imperador Taisho, e a segunda referia o ano equivalente no calendário ocidental, 1916. Terminadas as duas linhas, o professor virou-se para a frente e estudou em silêncio os alunos, com olhos perscrutadores. Só depois de uma longa pausa começou a falar.

“Sou o professor Takeyoshi Haruja, mas todos me devem chamar Haruja

sensei”, apresentou-se numa desconfortável voz enrouquecida. “Vamos proceder à chamada.” Consultou um papel que tinha trazido consigo. “Orita Ryosaburo.”

“Hai”, assentiu uma voz tímida no fundo da sala, dizendo que sim. “Sou eu.” o professor esboçou um esgar reprovador.

“Basta dizer hai. O sou eu é desnecessário.” Apontou para a primeira carteira da primeira fila. “Doravante és o número um e sentas-te ali.” Enquanto o aluno se deslocava para o lugar indicado, o professor voltou a atenção para a lista e identificou o nome seguinte. “Kusagi Shuichi.”

“Hai” não tardou muito que Fukui fosse chamado e Ihe fosse atribuído o número catorze e um lugar na terceira fila. Quando cinco minutos mais tarde a chamada terminou, o professor guardou a lista e voltou a encarar a turma.

“Para o primeiro dia de aulas vamos falar sobre o kokutai, o espírito do Japão”, anunciou. “O nosso país, como todos sabem, pertence aos deuses. Os deuses kami criaram o universo e deixaram descendência na Terra. Quem são os descendentes dos deuses?”

“Nós!”, respondeu a turma em coro.

“A raça yamato, isto é, nós, os japoneses, é de facto descendente dos deuses”, assentiu o professor. “Isso significa que só as pessoas de raça yamato são verdadeiros japoneses. Um coreano ou qualquer outro estrangeiro que se torne japonês não é um verdadeiro japonês porque não descende diretamente dos deuses. Só os de raça yamato são verdadeiros japoneses. Os yamato são minzoku dantai, isto é, somos todos parentes de sangue provenientes do mesmo ventre. Juntos formamos uma família. Quem é o deus e o pai dessa família?”

“Sua majestade imperial!”

“Sua majestade é descendente da deusa Amaterasu reencarnada em forma humana. A sagrada terra do Japão tem até agora sido governada, e sempre o será, por uma linhagem ininterrupta de imperadores de origem divina. Venerar o trono é venerar Amaterasu-Omikami. Quando sua majestade imperial fala, é a deusa Amaterasu quem fala. A sua vontade é a vontade divina e a sua voz é a fonte da lei. Consequentemente, um verdadeiro súbdito yamato submete-se à vontade imperial sem a questionar, pois não se questionam os deuses. os japoneses apenas existem para servir essa suprema vontade. Devemos a sua majestade a infinita honra de sermos seus súbditos, recebemos dele o ko ôn e temos de retribuir com o mais alto dos deveres filiais ôn, o chu.” Levantou um dedo. “Mas, atenção, sua majestade imperial não é apenas a deusa Amaterasu em forma humana. É também o chefe de todas as famílias japonesas e, assim sendo, o pai de todos os japoneses. Como o nosso pai é um deus, cada um dos seus filhos,

os japoneses, partilha a centelha divina e por seu turno tornar-se-a um kami, um deus, no momento da morte.” Bateu no peito. “Cada um de nós tem o fogo dos deuses a arder cá dentro. E isso distingue-nos decisivamente dos estrangeiros. os japoneses são uma raça divina e o Japão um país divino com um deus no trono. Sua majestade imperial é o Japão, o estado e a família, e sem ele não há Japão, nem estado, nem família. o nosso imperador é um deus vivo.” Passou os olhos pela turma. “Alguém sabe o que acontece a quem olhar diretamente para sua majestade imperial?”

A pergunta ficou a pairar momentaneamente no ar, até um aluno se atrever a levantar a mão.

“O meu pai diz que quem olhar diretamente para sua majestade imperial pode ficar cego...”

“Isso mesmo! Olhar para o nosso imperador é olhar para um deus. Isso pode queimar os olhos, porque nele brilha a centelha divina. Tende, por isso, cuidado. Baixai os olhos diante do nosso sagrado imperador. Venerai-o e cumpri a sua divina vontade sem a questionar, sem perguntar se esta certa ou se está errada, se é verdadeira ou se é falsa. sua majestade imperial tem sempre razão e tudo o que diz é verdade. Os japoneses fazem parte de um todo. A vida individual não importa, só o coletivo tem valor porque o coletivo eimana da divina vontade imperial. Cada um tem de esquecer o eu e fundir-se no nós. O Japão é um coração, uma alma, um corpo. Paguemos o chu e respeitemos o supremo dever filial ôn, aquele que nos submete a sua majestade. Sabê-lo é seguir o caminho dos verdadeiros japoneses, segui-lo é respeitar o kokutai, o espírito do Japão.

Compreenderam bem?”

Os alunos assentiram em coro.

“Hai, F-iaruja sensei.” nada daquilo era novo para a maioria. Até Fukui já tinha ouvido o pai falar naquelas coisas, embora só nesse momento as compreendesse verdadeiramente.

“Vamos agora aprender uma canção patriótica muito bonita”, disse Haruja sensei. “A batalha do mar do Japão’. sabem que batalha foi essa?”

Já toda a gente tinha ouvido falar nas recentes e gloriosas campanhas militares do Japão e, embora ninguém soubesse a que batalha se referia o professor exatamente, não houve quem se atrevesse a admiti-lo.

“Hai, Haruja sensei.

“Yare yare, claro que não sabem!”, devolveu o professor

Haruja. “Desde a chegada dos porutogarujin ao nosso país, no século XVI, que o poder no Japão ficou entregue aos xoguns e sua majestade imperial foi marginalizado. Mas há pouco mais de sessenta anos outros gaijin, já não de Porutogaru mas da América, entraram à força na baía de Edo, onde

agora é tóquio, e o Japão compreendeu que teria de se modernizar se não quisesse ser colonizado por eles. Sua majestade imperial, o imperador Meiji, levantou-se então contra o poder dos xoguns e restaurou a supremacia do Trono do Crisântemo.

A restauração Meiji levou o Japão à modernidade. A monarquia tornou-se constitucional, como entre os gaijin, e o país abandonou o feudalismo e industrializou-se em apenas uma geração. Acabaram-se os samurais e criámos um exército profissional e moderno, melhor do que qualquer outro no mundo.

Foi assim que há uns vinte anos entrámos em guerra com a China por causa da Coreia. Sabem quem ganhou, não sabem?"

Ninguém sabia, mas não era difícil presumir.

"Nós, Haruja sensei!"

"Claro que fomos nós! Graças sobretudo à nossa valorosa esquadra naval, derrotámos em 1895 a China dos imperadores

qing e afirmámo-nos como a maior potência do Extremo oriente! Ficámos com a ilha Formosa e as ilhas dos Pescadores e adquirimos uma posição dominante na península de Fiaodong, na Manchúria. Claro que os gaijin não gostaram e três países, a Rússia, a Alemanha e França, uniram-se de imediato contra nós. Os russos, esses cães raivosos, ficaram-nos com o porto mais importante da Manchúria, Fushun, que rebatizaram com o nome Port Arthur. Por causa disso aliámo-nos aos ingleses e em 1904 entrámos em guerra com os malditos russos. Eu sei que foi há doze anos e que vocês ainda não eram nascidos, mas sabem quem ganhou, não sabem?"

"Nós, Haruja sensei!"

"Glória ao Japão! Graças sobretudo à gloriosa batalha naval de Tsushima, derrotámos a Rússia e tornámo-nos uma potência mundial! Pela primeira vez uma potência asiática derrotou uma potência europeia! Ficámos com Dairen e Port Arthur, na península de Liaodong, na Manchúria, e espalhámos a glória esplendorosa de sua majestade imperial! E com a credibilidade ganha em Tsushima entrámos nesta guerra que alastra agora na Europa e, praticamente sem disparar um tiro, ficámos com as possessões alemãs na China, incluindo Tsingtao. Isto significa que o Japão se espalha já pela China. Desejemos, pois, dez mil anos de vida a sua majestade imperial!"

Os alunos eram demasiado novos para entenderem tudo, ou até a maior parte do que haviam escutado. Mas esta ordem foi imediatamente compreendida e a turma ergueu-se a uma só voz para saudar o imperador da forma tradicional.

"Banzai!"

"E então em homenagem aos bravos da batalha de Tsushima, que tanta glória nos trouxeram em 1905, que agora vamos cantar 'A batalha do mar

do Japão.” Levantou os braços, preparando-se para pontuar o ritmo da canção. “Prontos?”

O professor pôs-se a entoar a cantiga, de melodia simples e letra patriótica, e incitou os alunos a repetirem as estrofes até todos a conhecerem de uma ponta à outra. Depois passou para outra canção infantil, intitulada ‘A base naval’. A meio da terceira estrofe, no entanto, o colega à direita de Fukui virou-se para o lado e soprou.

“Olha lá”, sussurrou. “Por acaso não tens aí uma...” não chegou a terminar a frase porque nesse instante o professor calou-se a meio de uma estrofe e aproximou-se dele.

“O número quinze, acaso não te interessa cantar as glórias da ‘Base naval’? Não te interessa homenagear os bravos marinheiros que dão a vida por sua majestade imperial?”

O aluno engoliu em seco e baixou os olhos.

“Eu... eu...” sem aviso, o professor desferiu nesse instante uma estalada sonora no número quinze. Depois voltou-se para o colega ao qual o quinze se dirigira, o próprio Fukui, e, igualmente de surpresa, esbofeteou-o.

“Exijo silêncio nas minhas aulas, ouviram?”, rugiu. “Deem-se por felizes porque hoje me fiquei por um aviso e a sanção foi leve. Mas quem voltar a falar e a interromper a lição sofrerá um castigo muito pior. Nas aulas quero toda a gente atenta, ouviram?”

A turma respondeu com um silêncio pesado.

“Ouviram?”

A segunda pergunta foi feita num tom que exigia resposta, pelo que os alunos, incluindo Fukui, com as lágrimas a bordejarem-lhe as pálpebras e a face incendiada pela estalada injusta, responderam em uníssono.

“Hai, Haruja sensei.”

As batidas na porta foram suaves, tímidas como o tamborilar da chuva suave, em contraste com a voz autoritária que lhes respondeu, um rugido imperial que rasgou o ar à maneira de um trovão em noite de tormenta.

“Entre!”

A medo e intimidado pela potência da ordem, Artur rodou a maçaneta e, abrindo a porta com um guincho das dobras ferrugentas, espreitou para o interior do gabinete.

“Dá licença, senhor professor?” o espaço encontrava-se desarrumado, com livros deitados pelas estantes e pela secretária e papéis espalhados pelo chão. O professor Baptista estava sentado à janela a ler um volume, quem sabe uma obra de filosofia, e levantou os olhos por cima dos óculos para identificar o cadete que lhe interrompera a leitura.

“Ah, és tu, Teixeira! Entra, entra.” Pousou o livro e olhou-o com curiosidade e um certo assombro. “Já há muito tempo que não te via, rapaz. Caramba,

como estás grande! O que andas tu a comer?” o aluno sentiu-se encolher.

“O que me dão no refeitório, senhor professor?”

Era a primeira vez que Artur batia à porta do gabinete de um antigo professor seu; na Escola de Guerra isso era coisa que não se fazia, mas sabia que só aquele homem seria capaz de aquietar as dúvidas que nesse momento lhe consumiam o espírito.

“Pois, com certeza”, sorriu o docente que o ensinara a pensar a política.

“Então o que te traz por cá?”

Com o professor Baptista a observá-lo com curiosidade, o jovem sentiu que fizera um disparate e teve vontade de dar meia volta e ir-se embora, vir ali fora um absurdo, mas era tarde para se arrepender e só lhe restava mesmo atirar-se em frente.

“Senhor professor, tenho um assunto... como direi?, delicado a apresentar-lhe.”

Este intróito espicaçou o interesse do mestre, que se apoiou sobre os cotovelos e se inclinou para o visitante.

“Então? O que se passa?”

Artur engoliu em seco; como expor aquela questão?

“Bem, é que tenho lido várias notícias nos jornais sobre greves dos sindicalistas e ações dos socialistas e dos comunistas por toda a Europa e... enfim, não percebo bem o que se passa. Noutro dia reparei que um camarada meu estava a ler um livro de Karl Marx e confesso que fiquei com curiosidade. O problema é que ninguém me consegue explicar exatamente o que tudo isto é. Foi por isso que vim aqui.

Estava com esperança de que o senhor professor...”

“Queres saber o que é o socialismo?” o olhar de Artur acendeu-se.

“Isso”, respondeu com evidente alívio por o pedido não ser liminarmente rejeitado, como pelos vistos receava. “O que pretendem os comunistas exatamente?”

“Acabar com a propriedade privada.”

“Como Rousseau?” o professor Baptista contraiu o rosto numa careta.

“Na verdade Rousseau não defendeu tal coisa.”

“Foi o que o senhor professor disse nas aulas...”

“Não, o que eu disse foi que Rousseau achava que a desigualdade na sociedade humana apareceu no instante em que surgiu a propriedade privada, o que é bem diferente. o mundo ficou nesse momento dividido entre os que possuíam alguma coisa e os que nada tinham. Rousseau notou que a propriedade privada estabeleceu a fundação das divisões sociais e da desigualdade entre os homens.”

“É o que eu estava a dizer...”

“Pois, mas, embora apontasse o dedo à propriedade privada, Rousseau em



bom rigor nunca chegou a defender a sua abolição. Achava até que, se isso acontecesse, ficaria criado um conflito entre a liberdade e a igualdade. Impedindo as pessoas de possuírem coisas estar-se-ia a restringir a sua liberdade, não te parece? Rousseau não queria que uma coisa dessas acontecesse.”

“E os comunistas? Querem?”

“Bem... quer dizer, é um pouco confuso pois nem todos os comunistas defendem a mesma coisa. Uns querem acabar com toda a propriedade privada, outros só com os meios de produção privados.”

“Só os meios de produção? O que quer isso dizer?”

“Há comunistas que dizem que não podes ter nada que seja teu, nem roupas, nem bicicletas, nem casas... nada. Pertence tudo à comunidade. No entanto, há outros que aceitam que

possuas roupas e casas tuas, embora não aceitem que tenhas uma máquina ou uma fábrica tua. Ou seja, para estes o que não pode ser privado são apenas os meios de produção.”

“Então estão a restringir a liberdade, não é?”

“Uh... pois, de facto.”

“Como é possível que se tenha chegado a essa ideia?” o professor Baptista fixou-o por momentos, como se ponderasse corresponder ou não ao pedido. Acabou por se decidir e exalou uma longa golfada de ar.

“Lembras-te de um dia ter dado uma aula na disciplina de Philosophia sobre as ideias igualitárias de Jean-Jacques rousseau?”, questionou. “Lembras-te de eu dizer que elas serviram de fundamento à Revolução Lrancesa?”

“Claro que lembro, senhor professor. Piquei a pensar nisso e até me pus a ler mais coisas sobre o assunto.”

“Então decerto terás percebido que a Revolução Francesa foi a terceira vez que a república apareceu, depois das experiências de Atenas e de Roma. No início foi um caos total, é preciso reconhecê-lo, com o poder a cair na rua. A situação em França degenerou a tal ponto que em Inglaterra o filósofo Edmund Burke previu que tudo aquilo iria acabar num grande terror e no aparecimento de um tirano. Na primeira grande crítica à Revolução Francesa, Burke sublinhou que as sociedades tinham história e tradições e que era uma tolice pensar-se que se poderia destruir uma sociedade e começar tudo a partir do zero. Burke observou que não há fim para o que as pessoas possam razoavelmente reivindicar como seus direitos e estabeleceu que, para que se possa viver numa sociedade justa e livre, é preciso abdicar de alguns direitos. se for permitido às pessoas fazerem tudo o que lhes der na real gana, expressando todas as paixões e caprichos que tiverem, o resultado será o caos.”

“E foi.”

“Pois foi. Pouco depois começou em França o Terror e a seguir apareceu Napoleão Bonaparte, o que fez com que os ingleses achassem que Burke era um visionário.”

“Mas como é que se chegou daí ao comunismo?”

“O primeiro ingrediente foi o violento ataque de Rousseau à propriedade privada, enquadrando a Revolução Francesa e as comunas. Depois deu-se a Revolução Industrial. As novas máquinas melhoraram a agricultura e tornaram desnecessária muita mão de obra nos campos. Vendo-se sem trabalho, os camponeses mais pobres tiveram de emigrar para as cidades, onde as mesmas máquinas levaram à criação de fábricas. O problema é que havia tantas pessoas a chegar dos campos que os donos das fábricas podiam dar-se ao luxo de as contratar com salários baixíssimos, que só permitiam a subsistência, e horários de catorze horas, em péssimas condições de segurança, ventilação e iluminação e sem quaisquer direitos. As injustiças sociais tornaram-se gritantes. Além disso nasceu muita gente, a agricultura ganhou eficiência e permitiu alimentar mais bocas e a medicina diminuiu a taxa de mortalidade. Houve assim uma explosão demográfica e as cidades encheram-se de operários, incluindo crianças usadas como mão de obra ainda mais barata, todos a serem desavergonhadamente explorados pelos proprietários das fábricas.”

“Como no Oliver Twist?”

“Nem mais. Charles Dickens foi aliás um escritor muito crítico da miséria criada pela industrialização. Escritores, ensaístas, economistas, religiosos, filósofos... inúmeros pensadores ficaram horrorizados com a enorme massa de pobres e desenraizados que encheu as cidades, muitos a viverem pior do que quando estavam nos campos. Esses intelectuais começaram a procurar soluções igualitárias que pusessem fim a tanto sofrimento e estabelecessem a justiça social.”

“Ah, foi assim que apareceram os comunistas...”

“Exato. A Revolução Francesa proclamava a liberdade, a igualdade e a fraternidade, mas no período final dessas convulsões apareceu um francês, chamado François Noél

Babeuf, a constatar que a promessa de igualdade ficara por cumprir. Igualdade, argumentou ele, não era apenas abolir os privilégios e títulos feudais, era preciso instituir um novo sistema económico em que a propriedade privada fosse abolida e cada cidadão recebesse exatamente o mesmo que os outros. Só numa sociedade comunista, em que todos fossem iguais, haveria igualdade.”

Artur coçou a nuca.

“Bem, faz sentido.”

“Estas ideias de igualitarismo foram retomadas e desenvolvidas com

diferentes matizes por outros pensadores, como o conde Saint Simon e Charles Fourier, até que o empresário galês Robert Owen resolveu passá-las à prática e atribuiu direitos sociais aos operários de uma fábrica sua na Escócia. O socialismo tornou-se moda nos círculos burgueses bem-pensantes e Pierre-Joseph Proudhon chegou ao ponto de proclamar que a propriedade é por definição um roubo, instituindo assim as bases para as ideias do que viria a ser o socialismo libertário.”

Artur esboçou um semblante inquisitivo.

“O que é isso?”

“Socialismo libertário? É o anarquismo.”

“Ah, li no jornal. São aqueles que não querem governo...”

“Esses mesmo. Os anarquistas defendem a abolição de toda a autoridade, incluindo a do estado, e recusam a participação da classe trabalhadora na atividade política. Essas

ideias tiveram muito peso no século passado, mas agora com a guerra na Europa parece que começam a esbater-se.”

“Se eles se opõem à autoridade, o que sugerem em sua substituição?”

“Nada de muito concreto. O plano dos anarquistas, como Bakunin e outros, é gerar insurreições e agitação social. O seu lema, aliás, é claro: o alento da destruição é um alento criador.

Acreditam na destruição da ordem social estabelecida e não se mostram muito preocupados com apresentar alternativas para erguer uma sociedade sem estado. Acho que essa gente está a ficar desacreditada por causa dessa omissão. Não basta dizer que está mal, não é verdade? É preciso também mostrar como fazer bem.”

“E é isso o socialismo?”

“Bem... os anarquistas são apenas uma face do socialismo.

Há outras tendências, claro. Aliás, as fações são tantas e há tanto desacordo entre elas que nem sequer chegaram a entender-se sobre quem inventou a palavra socialismo. Uns dizem que ela apareceu pela primeira vez em 1827 nas páginas de uma revista inglesa, outros alegam que foi criada num jornal francês, outros ainda atribuem a sua paternidade a Robert Owen ou a um dos seus correligionários. O que interessa é que a expressão vingou e serviu para descrever todas estas novas correntes que defendem a distribuição igualitária da riqueza e o fim de toda a propriedade privada, ou pelo menos da propriedade privada dos meios de produção.”

“E depois veio o comunismo.”

“A bem dizer, eram sinónimos”, observou o professor Baptista.

“Comunismo e socialismo são originalmente a mesma coisa.

Em termos gerais trata-se de palavras diferentes para descrever a mesma teoria igualitária de justiça social em que todos são iguais, não há

propriedade privada nem diferenças sociais, e

todos ganham o mesmo independentemente do que fizerem. De resto, quando Friedrich Engels e Karl Marx desenvolveram as suas ideias chamaram-lhe inicialmente socialismo científico.”

“Científico?”

“Sim, todas as suas descobertas são científicas. Ao que parece está tudo comprovado.”

“Como é isso possível?”

“Bem... acho que é uma influência do positivismo. Nota que isto aconteceu numa altura em que a descoberta por

Isaac Newton de que o universo se rege por leis precisas, imutáveis e deterministas desembocou na ideia de que tudo era científico, incluindo a sociedade humana. Auguste Comte estabeleceu até o positivismo, uma corrente dedicada a procurar as leis objetivas que, segundo este filósofo francês deu a entender, regiam os homens, enquanto as correntes liberais encabeçadas por Adam Smith apontavam para as leis do mercado como leis económicas naturais. Na linha destas ideias,

Engels e Marx concluíram que se podia reduzir a história da humanidade a um conjunto de leis precisas, imutáveis e deterministas, como a física de Newton. Por contraposição ao socialismo de Owen e dos outros, que designaram socialismo utópico, e também para se demarcarem do socialismo libertário dos anarquistas, Engels e Marx propuseram o que apelidaram socialismo científico.”

“Comunismo, socialismo... é portanto tudo a mesma coisa.”

“Exato. Sociedades igualitárias e comunas igualitárias constituem expressões distintas para no fundo dizer o mesmo.

A diferença não está no tipo de sociedade que comunistas e socialistas planeiam criar, uma vez que uns e outros procuram a mesma coisa, mas na forma de se chegar até ela. na origem entendia-se que os comunistas eram aqueles que queriam erguer a comunidade igualitária através de uma revolução violenta enquanto os socialistas pretendiam atingir o mesmo fim de uma forma pacífica. Mas estas definições foram mudando com o tempo. A certa altura, por exemplo, passou a achar-se que o socialista era aquele que se aliava aos camponeses e à classe média para criar a sociedade igualitária e o comunista era o que se aliava ao operariado para estabelecer a mesma sociedade. Para efeitos práticos partamos do princípio de que socialismo e comunismo defendem em termos gerais a mesma sociedade igualitária, embora talvez com métodos diferentes para chegar até ela.”

“E o que descobriu Marx?” o professor Baptista abanou a cabeça.

“Marx não descobriu nada.”

A afirmação surpreendeu o aluno.

"Nada? Então e o marxismo?"

"O marxismo não foi criado por Marx, mas por Engels", precisou o docente de Filosofia. "Essa expressão é por isso abusiva. Em bom rigor devíamos chamar-lhe engelsismo, não marxismo."

"Mas toda a gente fala em Marx..."

"É verdade, mas fazem-no incorretamente. Em bom rigor, as bases do socialismo científico assentam no pensamento de Georg Hegel. Este filósofo alemão foi o primeiro a defender que a história é um processo racional no qual o espírito divino se manifesta nos acontecimentos. Os seres humanos prosseguem a sua vida sem consciência do grande desígnio que representam, argumentou Hegel, e só o tempo revela o verdadeiro sentido das ações de cada um. É a história que desvenda a maneira como as pessoas servem a razão." o rosto de Artur contraiu-se num semblante de incompreensão.

"O que é isso de servir a razão?"

—

"O que Hegel no fundo estava a dizer é que os acontecimentos não ocorrem por acaso pois a história é teleológica, tem um propósito, e evolui dialeticamente até que a humanidade cumpra o seu destino", explicou. "Na história humana há sempre uma afirmação, a tese, depois a sua negação, a antítese, e a seguir a negação da negação, a síntese. É assim que segundo este filósofo decorrem os processos históricos: tese, antítese, síntese. A evolução histórica, argumentou Hegel, terá de ser assegurada pelo estado, uma entidade coletiva que se sobrepõe aos indivíduos e que, ao enquadrá-los, protegê-los e educá-los, assegura a realização do desígnio humano.

A verdadeira liberdade, disse ele, está na obediência à lei e no cumprimento das normas estabelecidas pelo estado."

"São essas as ideias que inspiraram os comunistas?"

"Sim, mas por via da religião."

"Da religião?"

"Logo após a morte de Hegel, diversos autores alemães publicaram estudos em que punham em causa a verdade da Bíblia e a historicidade de Jesus. Um deles chamava-se Feuerbach e decidiu usar a matriz teórica de Hegel para analisar o cristianismo, transferindo o método hegeliano do mundo das ideias para uma realidade histórica concreta. Inspirado em Hegel, Feuerbach defendeu que os acontecimentos históricos seguem um padrão predeterminado e são teleológicos, uma vez que na tese e na antítese mostram o sofrimento da humanidade e na síntese conduzem à sua redenção. A história, argumentou ele, é um processo dialético que culmina na libertação da humanidade. À mesma conclusão chegou outro estudioso,

Hess, para quem a história era uma extensão do Antigo Testamento, regida por leis eternas e necessárias que manifestam a vontade de Deus, sendo a intenção divina conduzir a humanidade à síntese da libertação e da igualdade.

Inspirado em Hegel, Hess escreveu que a história representa a atividade consciente do espírito divino e, conseqüentemente, a análise histórica poderia ser científica.”

Esta última expressão provocou um clarão de reconhecimento no olhar do aluno.

“Ah! Científica como... como o socialismo científico!” o professor Baptista sorriu, admirando o raciocínio rápido do jovem.

“Ora vê como já percebeste? Indo beber diretamente à dialética de Hegel, Hess observou que o mundo do seu tempo estava cheio de contradições sociais, ou teses e antíteses, que aguardavam resolução numa síntese. A maior das contradições era o grande contraste entre a incrível riqueza de alguns e a extrema pobreza de muitos. Tal antítese requeria uma síntese, que seria uma revolução igualitária que conduziria à abolição da propriedade privada e ao fim da competição. o comunismo, estabeleceu Hess, era a síntese, o final predeterminado da história.”

“Então esse Hess foi o primeiro comunista científico...”

“De certo modo”, concedeu o docente. “Estas ideias foram absorvidas por Friedrich Engels e retrabalhadas num artigo intitulado ‘Esboços de uma crítica da economia política’, que ele publicou numa revista. Aí Engels escreveu tudo. Disse que a propriedade privada é um roubo, que o capital dissolveu as velhas fronteiras e submeteu todo o mundo à sua vontade, destruiu as relações humanas e o homem foi transformado num bem que se vende através de um ato de alienação.”

“Não é isso o que está escrito no Capital, de Karl Marx?”

“Claro, só que o texto de Engels é muito anterior à obra de Marx, estás a ver? Nesse artigo Engels deu a entender que a libertação da humanidade vinha aí. Segundo ele, a competição de mercado faz com que o grande capital elimine o pequeno capital e provoque a concentração da riqueza nas mãos de uns poucos. As classes médias tenderão a desaparecer até ao dia em que o mundo ficará dividido entre um punhado de multimilionários e uma vasta legião de pobres a viverem no limiar da subsistência. Isto criará uma contradição no capitalismo, como é bom de ver, pois a indústria irá produzir mais e mais mercadorias, mas, como as pessoas se tornarão totalmente miseráveis, ninguém os conseguirá comprar. Esta contradição,

uma espécie de antítese, irá acentuar-se até culminar na luta de classes e numa revolução dos pobres, o proletariado, o que conduzirá inevitavelmente à síntese, o comunismo. Ou seja, as leis do socialismo científico mostram o que vem aí porque a história já está determinada. Basta-nos perceber as suas leis e perceberemos tudo, uma vez que as leis que regem a história são tão deterministas e necessárias como as leis da física que regem o universo.”

“Foi Engels que criou essa teoria?”

“Desta forma, sim, embora como vimos muitas destas ideias já andassem no ar”, notou. “Também o conceito de luta de classes já era conhecido e tinha sido teorizado por socialistas como Guizot e Thierry. A noção de que uma classe imporá uma ditadura transitória para o comunismo já havia igualmente sido proposta. Engels sistematizou estes conceitos no seu artigo, publicado muitos anos antes do Capital. Aliás, Marx reconheceu que foi justamente esse artigo de Engels que lhe mostrou o caminho. Os dois escreveram depois o manifesto Comunista, um panfleto que faz a análise histórica da luta de classes e dos problemas do capitalismo, e parece que, mais uma vez, foi Engels quem mais contribuiu para esse texto. Quando chegamos ao Capital... bem, pode-se de certo modo dizer que esse livro é um desenvolvimento do artigo original de Engels. Embora Marx tenha escrito o primeiro volume do Capital, o segundo e o terceiro volumes foram redigidos por Engels a partir das notas de Marx.”

“O senhor já leu esse livro?”

“O Capital?” Sorriu e abanou a cabeça. “Duvido que o mais devoto dos comunistas alguma vez o tenha lido na íntegra e compreendido. É muito difícil, não se entende nada do que está lá escrito. Os comunistas guardam o livro em casa para mostrar que o têm, é uma espécie de objeto sagrado que atesta que são comunistas, estás a perceber? Agora lê-lo... isso é outra coisa. Não se percebe patavina daquele arrazoado. O texto é tão hermético que até dá a impressão que se trata da mais pura das ciências. Ler O Capital é como ler as fórmulas físicas de Newton. Não compreendemos nada, mas, talvez justamente por isso, acreditamos que se trata de ciência exata.”

Artur esfregou o queixo, pensativo.

“Há uma coisa que não percebo”, acabou por dizer. “Se essas teorias foram sistematizadas por Engels, porque as conhecemos como marxismo e não como engelsismo?”

“Porque Engels era um homem muito modesto e inseguro.

Ele mesmo achava que as suas ideias, quando expressas pela boca de Marx, se tornavam muito mais eloquentes do que quando ele as proferia. Foi por isso que o próprio Engels encorajou que a sua teoria passasse a ser



conhecida como a teoria de Marx, percebes?”

“Então... então Marx não fez nada!”

“Digamos que sobretudo popularizou e desenvolveu as ideias de Engels, muitas das quais já vinham de outros autores”, explicou. “Marx fez essencialmente uma síntese de todos estes conceitos filosóficos, políticos e económicos e apresentou um pacote teórico coerente que serviu para dar resposta às propostas do liberalismo. Além disso, foi beneficiado pelas circunstâncias. Repara, quando ele e Engels publicaram o Manifesto Comunista, em 1848, o panfleto foi totalmente ignorado. Ninguém quis saber. O Times publicou alguns excertos no ano seguinte apenas para mostrar aos leitores um exemplo das coisas absurdas que apareciam na literatura dos pobres. O Manifesto Comunista só veio a ser republicado e a tornar-se famoso em 1872, um ano depois da Comuna de Paris. Foi a Comuna que celebrou Marx e Engels, pois muitos pensaram que era a revolução do proletariado prevista no panfleto.”

“Ah, estou a perceber. Quiseram então acabar com o capitalismo...”

“Não foi bem quererem acabar com o capitalismo, mas acharem que o capitalismo acabará por si mesmo. o Capital é, no fundo, um estudo sobre os mecanismos que conduzirão o capitalismo a autodestruir-se. É preciso perceber que Engels e Marx entendiam que o socialismo não exige a abolição de toda a propriedade, apenas a propriedade dos burgueses, descritos como inimigos, uma vez que são eles que dominam todos os meios de produção de riqueza: fábricas, lojas, bancos, terras... tudo. Ao contrário dos outros socialistas, que criticavam a industrialização e consideravam o capitalismo uma aberração a evitar a todo o custo, Engels e Marx defendiam que o capitalismo é uma etapa fundamental para a revolução dos operários, uma vez que primeiro permitirá desenvolver o sistema produtivo e depois, quando por fim se tornar supérfluo, levará os trabalhadores das fábricas, o proletariado, a revoltar-se. Ou seja, sem capitalismo a revolução não será possível. Engels chegou ao ponto de escrever que havia países que sofriam, não porque tinham capitalismo, mas justamente porque não o tinham.”

—

Artur ficou espantado.

“Afinal defendiam o capitalismo!”

“Defendiam-no enquanto etapa necessária para chegar ao socialismo. Por causa das contradições do capitalismo, diziam Engels e Marx, o proletariado fará a revolução e imporá uma ditadura socialista. Porém, e no seu entendimento, o socialismo é também ele apenas uma fase transitória. No final do socialismo emergirá uma nova sociedade em que as classes

desaparecerão e toda a gente cooperará, entregando-se cada função às pessoas segundo os seus talentos e cada bem às pessoas segundo as suas necessidades.

A humanidade assumirá por fim o controlo do seu destino e chegaremos então ao estágio último da história humana: o comunismo.”

“É essa, para os marxistas, a diferença entre o comunismo e o socialismo?”

“É essa, sim. O socialismo é a fase igualitária que se vive sob a ditadura do proletariado. O comunismo é a sociedade sem classes, o igualitarismo total.”

A visão que o comunismo apresentava do fim da história mostrava-se sem dúvida grandiosa e Artur espreitou pela janela o pátio como quem admirava o paraíso comunista descrito por Engels e Marx. Seria mesmo possível reduzir a história a leis precisas e imutáveis que conduziam a um resultado inexorável? Estaria a humanidade destinada ao comunismo?

“Isso é mesmo científico, senhor professor?”

“Os socialistas dizem que sim. Todo o socialismo resulta de estudos científicos. Inspirados em Hegel, Feuerbach e Hess,

Engels e Marx consideravam que a história é determinista, pois todos os acontecimentos obedecem a leis objetivas e necessárias, como acontece na física ou na química. As forças da história são tão objetivas como a força da gravidade, por exemplo. Quando o capitalismo se desenvolve, desencadeia mecanismos automáticos que conduzem inevitavelmente à revolução socialista.” o rapaz mordeu o lábio inferior.

“Se assim é, por que razão não rebentou ainda nenhuma revolução?” o professor Baptista respondeu com uma gargalhada.

“Essa é a pergunta que muitos socialistas estão a fazer a si próprios. A crer em Engels e em Marx, as contradições do capitalismo e a luta de classes levam obrigatoriamente o proletariado a revoltar-se e a tomar o poder. As leis da história a isso obrigam. Mas, e conforme tu próprio acabaste de observar, não há quaisquer sinais dessa tão propalada revolução. Nada aconteceu e o capitalismo parece de saúde.

Como é isso possível? Este problema está a provocar novas divisões entre os socialistas.”

“Divisões entre os utópicos, os libertários e os científicos?”

“As novas divisões ocorrem entre os próprios socialistas científicos, os tais marxistas. Repara, quando Marx e Engels morreram deixou de haver uma autoridade central para estabelecer o que era a ortodoxia marxista. O problema é que se notava já essa contradição entre a teoria e a realidade. os marxistas começaram a rever a teoria, embora sempre alegando que seguiam o espírito da ortodoxia, claro. Considerando que as revoluções

previstas não estavam a acontecer, a nova geração de marxistas começou a dizer que o processo revolucionário não era afinal tão automático como isso e que, para além do conflito de classes e do agravamento das contradições do capitalismo, havia outros elementos a considerar.”

“E quem eram esses revisionistas?”

“Oh, gente desconhecida do grande público que se envolveu num debate complicado, não vais entender.”

—

Artur manteve o olhar fixo no docente, como se o desafiasse.

“Verá que vou.”

A insistência do aluno impressionou o professor de *Philosophia*. Na verdade fora sempre o seu aluno mais talentoso. por que razão haveria agora de duvidar das suas capacidades?

“Bem, o primeiro revisionista foi Bernstein, do Partido social Democrata alemão, para quem se tornou evidente que a revolução proletária não é nenhuma inevitabilidade histórica e o capitalismo é afinal reformável. Defendeu que os socialistas têm de se candidatar a eleições e ganhá-las para introduzir alterações sociais nos respetivos países dentro do sistema democrático normal. Sucederam-se outros marxistas que reviram a teoria, embora em direções diferentes. Dietzgen falou em fatores adicionais, como a moral que motiva as pessoas, e woltmann concentrou-se nas descobertas de Darwin sobre o papel da competição entre raças, que mostrava que havia outros motores da história humana além da luta de classes. outros ainda, em particular os sindicalistas revolucionários em Itália, acham também que a luta de classes está a falhar.”

“Se os italianos acham que a luta de classes está a falhar, como se pode dar a revolução?” o docente pegou no livro que estava a ler e voltou-o para o visitante, mostrando-lhe a capa e o título. Intitulava-se *réflexions sur la violence*.

“Pela violência”, precisou, apontando para o nome do autor. “Georges Sorel.”

“Um italiano?”

“Na verdade era francês. Tal como os outros marxistas, sorel constatou que o capitalismo não desembocou na revolução proletária prevista por Marx e que o proletariado por si só não tem força suficiente para desencadear tal revolução. relembro-te que nesta época estava em voga o cientismo, segundo o qual toda a realidade podia ser reduzida a matéria mensurável, da física à psicologia. Houve no entanto um filósofo, Henri Bergson, que afirmou que essa ideia era um disparate e a consciência não podia ser reduzida a números e processos causais deterministas. As pessoas não são autómatos, há livre arbítrio. Sorel retomou esta ideia para alegar que era

absurdo tentar reduzir o comportamento humano a causas materiais cientificamente mensuráveis, pois a ação das pessoas não obedece a leis causais como as que governam a evolução mecânica dos corpos siderais. As questões morais não podem ser analisadas como um problema de física e não se reduzem às questões materiais.”

“Estava portanto a desmentir Marx e Engels...”

“Na verdade Sorel agarrou-se a uma referência de Marx ao papel da tecnologia na evolução humana, a propósito das teorias de Darwin, para alegar que estava apenas a clarificar alguns aspetos menos desenvolvidos da teoria marxista. A referência em causa indiciava que Marx admitia outros fatores no desenvolvimento da história humana além das questões económicas e da luta de classes. Sendo marxista, Sorel partiu daí para alegar que Marx jamais defendeu o absurdo de que a história é mecânica e determinista. O processo histórico era demasiado complexo para ser reduzido a matéria em movimento, disse Sorel, pelo que a revolução só será possível se os seres humanos se esforçarem por realizá-la. Ou seja, a revolução não é automática, resulta de um ato de vontade, ou as pessoas a querem fazer ou não querem.”

“Bem... isso é evidente.”

“Pois, mas insisto, não era o que Marx e Engels de facto alegavam. Ambos achavam que, nas condições certas, a revolução era automática e independente da vontade humana. Sorel veio sublinhar que os seres humanos têm livre arbítrio e são tendencialmente passivos, razão pela qual a revolução não estava a acontecer. Era por isso preciso provocá-la. O problema é que na sua opinião a democracia parlamentar incentivara o individualismo e tinha tornado as pessoas apáticas. Para as espicaçar e convencê-las a fazerem a revolução socialista seria preciso que uma elite revolucionária trabalhasse as massas ignorantes, espicaçasse as emoções e as galvanizasse com um mito. Sorel sugeriu que esse mito mobilizador fosse a violência.” o aluno pestanejou, chocado.

“A violência?”, estranhou. “Que tipo de violência, senhor professor?”

“A violência sindical, por exemplo. Como uma greve geral. ou então atentados, ou tumultos destrutivos... sei lá. Tais atos violentos são o que se designa ação direta. A ideia é que a violência da ação direta levada a cabo pelos sindicatos será a ignição da revolução, pelo que é preciso substituir o mito da luta de classes pelo mito da violência.”

“É isso que os socialistas italianos estão a tentar fazer?”

“Os italianos e os russos”, precisou. “Influenciado por Sorel, o russo Lenine opõe-se ao parlamentarismo e defende a criação de uma elite que acicite as massas e faça uso da violência para provocar a revolução. As mesmas ideias têm os comunistas italianos. É verdade que os dirigentes do Partido

socialista de Itália, e em particular Benito Mussolini, insistiram durante algum tempo que Engels e Marx tinham razão e que é preciso confiar na luta de classes, mas a extrema-esquerda do partido, formada pelos sindicalistas revolucionários, já não acredita nisso. Esses sindicalistas revolucionários ficaram muito dececionados porque ao longo das últimas décadas convocaram sucessivas greves gerais com o intuito de provocar a revolução em Itália, conforme previsto nas teorias do socialismo científico, e afinal nada aconteceu. Foi por isso que os sindicalistas revolucionários, desiludidos por a revolução ainda não ter ocorrido, concluíram que o problema se deve a os italianos, pertencendo a um país novo, não terem ainda uma consciência nacional que os una.”

“Pois, a Itália é um país recente.”

“Justamente. Os sindicalistas revolucionários dizem que foi criada a Itália, mas não os italianos. Acham por isso que primeiro é necessário incentivar o sentimento nacionalista dos italianos. Será o patriotismo que os levará a unirem-se para modernizar o país, de modo que a Itália se torne um país capitalista onde a revolução seja possível, uma vez que Marx e Engels estabeleceram que os proletários só se revoltarão num país capitalista desenvolvido. Se o capitalismo em Itália não se desenvolver, o país nunca terá revolução comunista. mas como unir os italianos num propósito comum que lance o país no desenvolvimento? Inculcando-lhes o sentimento patriótico.”

“Os comunistas italianos encorajam o nacionalismo?”, admirou-se Artur. “Mas o marxismo não é por definição internacionalista?” o professor fez um gesto vago com a mão.

“Isso não é muito claro. É verdade que Marx e Engels escreveram que a história das sociedades humanas é a história da luta de classes e no Manifesto Comunista tornaram claro que os trabalhadores não têm pátria e a industrialização estava a pôr fim aos sentimentos nacionais. Mas também é verdade que Engels escreveu que muito antes da existência de classes as relações humanas estavam centradas nas famílias, nas tribos e nas confederações.”

“Já havia história humana antes de haver classes? Mas... mas isso é uma contradição!”

—

“Já vi que és rápido a notar as incongruências”, sorriu o docente. “Ao observar que muito antes da existência de classes já havia história, Engels admitiu implicitamente que nem toda a história resulta da luta de classes e contradisse assim o seu próprio Manifesto Comunista. O importante é que uma parte da nova geração de marxistas se agarrou a essa observação de

Engels para expor a evidência de que a história humana, além de ser a história da luta de classes, era também a história da luta entre tribos, incluindo países. Um marxista austro-húngaro, Otto Bauer, constatou que de facto as pessoas no seu país estavam mais divididas pelas suas culturas e línguas que pelas classes. O sentimento nacionalista era pelos vistos muito mais forte que o sentimento de classe, pois os elementos dos vários povos que integravam o Império Austro-Húngaro mostravam entre eles sentimentos de solidariedade que transcendiam as classes sociais. Por exemplo, um operário húngaro sentia-se mais próximo de um burguês húngaro que de um operário austríaco. Bauer defendeu que, para que uma revolução proletária fosse bem sucedida, era imprescindível que os marxistas respeitassem os sentimentos nacionalistas dos proletários. Se atuassem contra esses sentimentos, a revolução comunista não ocorreria porque os proletários não adeririam. Bauer concluiu que o nacionalismo é profundamente revolucionário porque pode ser um instrumento da revolução comunista.”

Artur ponderou a ideia.

“Ele propôs um socialismo nacionalista?”

“Ou um nacional-socialismo, se quiseres. Trata-se de uma ideia da nova geração de marxistas retomada por outro comunista, Roberto Michels. Este socialista italiano defendeu o nacionalismo em Itália para galvanizar as massas proletárias e convencê-las a empenharem-se no desenvolvimento da economia para que o país atinja um estado de capitalismo avançado em que a revolução seja possível. A guerra tornará as pessoas orgulhosas e incutir-lhes-á a ética do trabalho e o espírito de sacrifício necessários para que se empenhem na construção do país. Quando por fim a Itália se tornar um país industrializado e capitalista e for desencadeada a revolução do proletariado, Michels prevê que o nacionalismo se diluirá e no paraíso comunista só restará a harmonia internacionalista.”

“O senhor professor acha que esses teóricos marxistas têm razão?” o professor Baptista hesitou.

“Lembras-te da intervenção italiana na Tripolitânia, aqui há uns anos?”

“Em 1911, não foi?”

“Exato. Pois estas ideias todas convenceram os sindicalistas revolucionários a apoiar essa guerra e a verdade é que as reacções de patriotismo do povo italiano durante o conflito confirmaram que o sentimento nacionalista é de facto muito mais mobilizador que o sentimento de classe. As pessoas pelos vistos mais facilmente fazem sacrifícios pelo seu país que pela sua classe social. Daí que os sindicalistas revolucionários tenham apoiado agora a entrada da Itália na grande guerra europeia. Acham que esta guerra irá despertar a consciência nacional do proletariado italiano e será assim um

catalisador da industrialização de Itália e da conseqüente revolução socialista. Será a guerra, e não a greve, que forjará o país e transformará a sociedade italiana. O sindicalismo revolucionário fez assim uma revisão do marxismo e tornou-se um sindicalismo nacionalista, embora sempre de extrema-esquerda.”

“E o que diz o Partido Socialista Italiano a isso tudo? não é o tal Mussolini que...”

—

“Mussolini? Sendo comunista opôs-se, claro. Para mais sendo da extrema-esquerda. Lembra-te da intervenção militar italiana na Tripolitânia, em 1911? Ele na altura, e enquanto dirigente do Partido Socialista, organizou uma greve geral para tentar impedir essa guerra e encorajou os seus apoiantes a rebentarem linhas férreas para sabotar o esforço militar, razão pela qual acabou preso. Com o início deste novo conflito na Europa empenhou-se também na grande greve geral da Settimana rossa, a Semana Vermelha, que voltou a ser um fracasso.”

“Pois, mas não há agora uma polémica qualquer à volta desse Mussolini, senhor professor? Li qualquer coisa no século...”

“Já vi que estás atento, rapaz. Sim, é verdade. E certo que esta polémicazinha em Itália é menor e inconsequente, mas pode ser interessante analisá-la para ver o debate em que os socialistas andam envolvidos. Ao que parece, o facto de as greves terem falhado consecutivamente o objetivo de desencadear a revolução proletária em Itália, e ainda a constatação de que a guerra e o patriotismo mobilizaram o habitualmente amorfo proletariado italiano, fizeram outros marxistas do país e o próprio Mussolini questionar se Sorel,

Bauer, Michels e os sindicalistas nacionalistas de extrema-esquerda não terão afinal razão e não será mesmo melhor o proletariado abraçar o nacionalismo e a violência, em vez de os sindicatos continuarem na senda de greves que não levam a nada. A guerra lançaria Itália na industrialização, condição indispensável da revolução comunista. Mussolini acabou justamente de publicar no órgão oficial do partido, o Avanti!, um artigo a defender a entrada de Itália na guerra e o papel revolucionário do nacionalismo. Invocou o apoio de Marx e Engels ao seu país durante a Guerra Franco-

prussiana de 1870, o que segundo Mussolini mostra que os fundadores do marxismo compreendiam o papel revolucionário do nacionalismo e acreditavam ser possível em certas circunstâncias conciliar os interesses nacionais com os interesses proletários.”

“Isso é verdade?”, surpreendeu-se Artur. “Marx e Engels apoiaram a

Alemanha nessa guerra?"

"Apoiaram a Alemanha em todas as guerras de unificação e expansão em que o país se envolveu... sempre com o argumento de que isso era bom para o proletariado mundial, claro. Mas é legítimo atribuir intenções nacionalistas a Marx e Engels. Por exemplo, Engels chegou a defender que a Alemanha absorvesse todos os pequenos países que a rodeavam, como a Dinamarca, a Holanda, a Suíça, a Bélgica e a Checoslováquia, e teceu considerações semelhantes em relação aos estados eslavos. E não se ficou por aí. Na sequência da Guerra Franco-Prussiana, de 1870, criou-se na Europa a convicção de que seria inevitável uma grande guerra europeia. Foi aliás para tentar travá-la que a Segunda

Internacional consagrou o internacionalismo. Os socialistas dos vários países juraram a pés juntos que não apoiariam uma tal guerra, que só serviria o grande capital, promessa que a maioria acabou agora por quebrar. Acontece que quatro anos antes de morrer Engels confidenciou aos amigos que pensava que, quando esta grande guerra rebentasse, o partido Social Democrata alemão deveria apoiar a pátria."

"Não fazia ideia."

"O nacionalismo não estava, como vês, excluído do pensamento dos fundadores do marxismo, aspeto para o qual mussolini teve o cuidado de chamar a atenção", observou o professor. "Mais ainda, em defesa da sua posição Mussolini sublinhou que o apoio dos comunistas franceses, ingleses e alemães aos seus países no início deste conflito europeu tornou a defesa da pátria na guerra a posição maioritária entre os marxistas. Ou seja, a posição de Mussolini não é uma anomalia entre os marxistas europeus, mas a regra.

Apesar de todos estes argumentos, o artigo que ele publicou no Avanti! criou um problema sério dentro do partido. Ée que os comunistas italianos decidiram acatar as instruções da segunda Internacional e não apoiar o seu país no conflito, argumentando que aquela era uma guerra burguesa e que a luta é entre classes, não entre nações, pelo que, como deves imaginar, um texto destes, assinado por um dos seus dirigentes mais destacados, para mais diretor do próprio Avanti!, está a provocar um burburinho dos demónios. Não me admirava nada que os tipos o afastassem do jornal... e até do partido."

"E o senhor professor? Também acredita que esta guerra pode mesmo industrializar a Itália e provocar depois a grande revolução do proletariado?" o professor Baptista acariciou o livro de Sorel com ar pensativo, como se considerasse se deveria dar a conhecer a sua opinião. Na verdade tratava-se de um assunto muito melindroso, pois envolvia revolucionários, violência e alteração da ordem pública, pelo que encolheu os ombros e não se



comprometeu.

"A ver vamos."

No momento em que a campanha soou a dar a hora de aula por terminada, Fukui saiu para o recreio atormentado por sentimentos contraditórios; sentia-se humilhado pela repreensão que sofrera, aliviado pelo final da aula e apavorado por perceber que daí em diante teria de enfrentar o professor Haruja todos os dias ao longo do ano. Seria capaz de lhe sobreviver? A palavra professor, de resto, começava a soar-lhe perigosamente como sinónimo de pessoa assustadora, uma espécie de dragão em forma humana, até porque os restantes docentes da escola aparentavam o mesmo ar severo. o pior, no entanto, é que a repreensão o fizera perder o ô, pois tinha com o professor obrigações filiais shi no ô, uma vez que na sala de aula ele de certo modo substituía e representava o pai. Além disso perdera o giri, as suas obrigações com a sociedade. Tinha de pagar esses deveres com respeito. Para agravar as coisas, intuía que os colegas se haviam rido dele e fora-lhe ensinado que uma coisa dessas era intolerável. Será que as pessoas diriam dele que não conhecia ô nem giri? Oh, que desgraça! mais pior estava para vir. Quando nessa primeira manhã permanecia encostado à parede do corredor, em comiseração pelo que sucedera na aula, pela perda de ô e giri que devia ao professor e por saber que a partir daí a sua vida na escola não andaria muito longe daquilo que acabara de viver, sentiu um encontrão que quase o fez cair.

"Então, Satake estúpido?", perguntou uma voz. "Por aqui?" olhou para quem o empurrara e arregalou os olhos de horror. Diante dele, com os lábios curvados num esgar de gozo, desenhava-se o vulto corpulento de Miyamoto sawa, o miúdo que dois anos antes o derrubara à porta do Daitoku.

"Eu..."

"Eu o quê, Satake estúpido?", atirou-lhe Sawa com uma gargalhada encharcada de gozo e sarcasmo. "Queres pedir ajuda ao teu paizinho? É que, não sei se já reparaste, desta vez ele não está aqui para te acudir..." sawa aproximou-se um passo e Fukui recuou.

"Deixa-me", implorou. "Não te fiz nada." o recém-chegado riu-se.

"O quê? Vais pôr-te a choramingar?"

A vontade de chorar era na verdade quase irresistível, mas Fukui lembrou-se nesse instante das palavras do pai.

Era um Satake e tinha de honrar os seus antepassados. Além disso, havia que salvaguardar o seu giri, a honra perante a sociedade, sob pena de se rirem dele. Os Satake mantinham a alma de samurais e não recuavam perante o inimigo. se Sawa pertencia à família dos Miyamoto, isso significava que representava o inimigo. Fukui não sabia porquê, mas o facto é que a sua família e a de Sawa eram inimigos mortais.

Cerrou os dentes, repetindo a si próprio que não podia dar parte de fraco.

“Se me voltares a empurrar, eu... eu...” sawa voltou a empurrá-lo e desta feita fê-lo com tanta violência que o atirou ao chão.

“Tu o quê, Satake estúpido?”, riu-se de novo, vendo o adversário estendido no chão. “Bates-me?” num acesso de fúria e desespero, e sentindo-se encurrulado e a afogar-se em humilhação, Fukui ergueu-se de um salto e lançou-se às cegas contra o agressor num esforço desesperado de salvarguardar o giri, a honra do nome.

“Hakuchi!”, gritou em fúria. “Idiota!”

Desequilibrando-se devido ao impacto do contra-ataque inesperado, Sawa cambaleou para trás mas depressa se recompôs, afinal era três anos mais velho do que o adversário, e respondeu com duas estaladas que projetaram o pequeno

Fukui novamente para o chão e o deixaram enfim a chorar, não de dor mas de vergonha.

“A chorar?”, zombou Sawa. “Já pareces o daquela canção, o Osorochi, sempre a chorar e a chorar...”, disse, entoando na parte final da frase a melodia então em voga.

“Porrada!”

As vozes de outros alunos, e o facto de se aproximarem numa algazarra, tornou evidente que inevitavelmente os empregados e os professores iriam aparecer a todo o momento. o agressor sabia por isso que tinha de pôr um fim rápido e abrupto ao confronto.

“Por agora ficamos por aqui, Osorochi.”

“Venham ver!”, gritou outro aluno. “Há bulha!”

A multidão acotovelava-se já em redor dos dois inimigos. sawa deu meia volta para furar entre a multidão e ir-se embora, mas antes de se afastar olhou para o choroso Fukui e rosou uma última ameaça.

“Quando saíres da escola vais ver...” o primeiro dia de escola não se revelou de facto fácil para

Fukui. Apesar da ameaça que lhe fora lançada, o toque da campanha no final da última hora não foi encarado com receio pelo petiz, mas mero alívio. Essa reação seria surpreendente, dadas as palavras finais de Sawa, não se desse o caso de Fukui saber que o pai o iria buscar à escola. Com um adulto por perto, estava absolutamente convencido de que o seu inimigo não se atreveria sequer a aproximar-se dele. Nada tinha pois a temer. Quanto ao período que iria passar na escola, bastar-lhe-ia manter-se atento e afastado de Sawa nos corredores para ficar em segurança.

Encontrou o pai à saída da escola e acompanhou-o no caminho para casa enquanto refletia nas palavras do professor, em particular na parte em que ele dissera que os japoneses eram descendentes dos deuses e tinham por

isso a centelha divina. Em bom rigor já ouvira coisas semelhantes da boca de outros adultos, incluindo o pai. Acontece que Sawa era japonês. Seria possível que um idiota daqueles tivesse a centelha divina? Que deuses eram afinal esses que haviam produzido descendentes como tal energúmeno? Não perdeu demasiado tempo com o assunto, no fim de contas era ainda muito novo para pensar em tais questões, mas a semente da dúvida ficou-lhe plantada no espírito.

“O teu sensei comunicou-me que hoje te portaste mal na escola e teve de te admoestar”, rosnou o pai logo que se encontraram a sós, ao virar a esquina. “Não conheces ón?”

Apanhado de surpresa, o rapaz encolheu-se.

“Eu...”

—

Iwao imobilizou-se no passeio e encarou-o com uma expressão severa.

“Não quero desculpas!”, cortou com rudeza, o tom ameaçador. “Atraíste vergonha sobre a família! Desgraçaste o nome dos Satake! És representante da família e atraíste críticas que afetam a nossa honra filial e social. Doravante dir-se-á nesta escola que os Satake não conhecem òn nem giri! Isso é intolerável, ouviste?” Fitou-o com intensidade. “Ouviste?” Fukui sentia-se vergado pela vergonha.

“Sim, meu pai.”

“Se isto voltar a acontecer, escusas de vir para casa. Ficas já avisado, não receberei sob o meu teto um filho que não conheça òn nem giri! Yare yare! O nome dos Satake não pode voltar a ser achincalhado desta forma! As pessoas não se podem voltar a rir de nós! Portanto, fazes favor de ter um comportamento irrepreensível com o teu professor e de lhe mostrar o shi no òn que lhe deves. A próxima informação que eu receber dele terá de ser de tal modo positiva que mitigue a vergonha que hoje atraíste sobre a família. percebeste?” o filho sabia que aquelas palavras não eram meras ameaças. Dois amigos seus tinham visto os irmãos impedidos pelas famílias de voltar para casa por terem sido criticados pelos professores, uma vez que tais críticas haviam criado a possibilidade de outras pessoas se rirem das famílias dos prevaricadores. Essas crianças haviam sido forçadas a viver alguns dias em casas para kinsbin antes de serem autorizadas pelas famílias a regressar aos seus lares. O mesmo lhe podia suceder a ele se não fosse cauteloso e voltasse a pôr em causa o òn e o giri dos Satake. Teria de mostrar a maior das cautelas.

“Sim, meu pai.”

só com este importante assunto esclarecido retomaram o percurso de regresso a casa.

Ao longo de toda a primeira semana, Iwao foi levar e buscar o filho à Escola Primária de Tsuchiura, tendo sempre o cuidado de verificar com o sensei se Fukui voltara a mostrar falta de *ôn* ou *giri* e assim a atrair vergonha sobre os Satake. Felizmente, o professor Harusha nada mais teve a apontar ao rapaz e o percalço do primeiro dia acabou por ser superado. no início da segunda semana, porém, o pai largou-o diante do portão com uma importante novidade.

"Presumo que já tenhas memorizado o percurso entre a nossa casa e a escola", disse-lhe Iwao quando se despediu.

"A partir de agora voltas sozinho para casa e vens sozinho para a escola."

Fukui arregalou os olhos, alarmado.

"O quê? Mas... mas..."

"Já tens seis anos e precisas de aprender a desvencilhar-te por ti próprio. Onde já se viu um Satake de seis anos andar sempre escondido por baixo do quimono do pai? Não és uma gueixa amedrontada, pois não? Doravante virás sempre sozinho para a escola e para casa." Estreitou as pálpebras, em laia de aviso. "E não quero atrasos, ouviste?"

Já não ter o pai a esperá-lo à porta da escola no final das aulas alterou tudo e tornou-se um enorme problema para

Fukui. O pequeno passou todo esse dia atormentado pelo receio do que lhe iria suceder quando Sawa o apanhasse sozinho fora do perímetro escolar. Que lhe faria ele? E como se poderia proteger? Deveria esconder-se? Seria melhor fugir? ou teria de o enfrentar, como a honra dos Satake requeria mas o bom senso e as suas próprias entranhas desaconselhavam?

E, já agora, por que razão haveria Sawa de ser seu inimigo? o que diabo acontecera entre os Satake e os Miyamoto para que se pelejassem desta forma? Ah, como tudo lhe parecia difícil e complicado! mesmo durante as aulas teve dificuldade em concentrar-se ao longo do dia, tão obcecado estava com a terrível perspectiva de enfrentar o seu inimigo, sobretudo tendo presente que Sawa era três anos mais velho, e por isso bem mais forte do que ele. Não se afigurava fácil para uma criança de seis anos descobrir-se a sós com um inimigo de nove; a desproporção de forças era demasiado grande. O problema não deixou de o atormentar quase todo o tempo e a sua produção na aula de caligrafia revelou-se por isso muito pobre, com erros sucessivos nos movimentos do pincel; chegara ao ponto de iniciar o desenho de caracteres pelo lado errado, uma falha caligráfica imperdoável. Felizmente o professor

Haruja, ocupado a infernizar a vida aos quatro desgraçados que se sentavam na primeira fila, não reparara nas falhas do aluno número catorze, providencialmente escondido a meio da terceira fila. quando a última campainha do dia tocou, e como era previsível, Fukui quase se sentiu

desfalecer. O momento da verdade chegara. Sentindo a garganta seca e as pernas bambas, levantou-se devagar e, como um cordeiro a encaminhar-se para a matança, seguiu cabisbaixo os colegas que em fila saíam da sala e se meteram pelo corredor até por fim todos desagurem no recreio. O petiz dardejou o olhar assustado em várias direções, preocupado com localizar a ameaça que Sawa constituía. Onde estaria o seu inimigo? Ter-se-ia emboscado à sua espera? Ou caçá-lo-ia pelas ruas de Tsuchiura? Cruzou o portão a tremer de medo e, antes que o pior acontecesse,

incapaz já de ver ou pensar direito, sentiu o pânico apossar-se do seu corpo e largou numa corrida louca pelo passeio. só parou ao chegar a casa e surpreendeu-se por se descobrir ofegante. Deixou-se cair diante da porta, exausto pela corrida, o coração aos pulos, os pulmões exangues, as pernas a doerem-lhe. Sentia-se esgotado, mas também aliviado, e com boas razões para isso.

Escapara a Sawa. passou toda a semana a esquivar-se ao inimigo. Ao longo do dia tinha extremo cuidado em evitá-lo e o nervosismo só subia de cada vez que pela escola soava a campainha a assinalar o fim do dia de aulas. Nessas alturas saía nervoso para a rua, mas acabava por descobrir que nada lhe acontecia.

Ao terceiro dia deixou até de correr, limitando-se a vigiar as costas e a caminhar por sítios menos expostos, e à entrada da semana seguinte já se sentia ainda mais confiante. Se Sawa não o atacara até então, raciocinou, a probabilidade de o vir a fazer não lhe parecia elevada. Se calhar o inimigo não passava de um bazófia que se encolhia na hora da verdade. no fim de contas, não era ele, Fukui, um Satake? Com certeza a reputação na sua família deixara-o intimidado. por esta altura, e graças às crescentes pressões que sentia em casa com os pais e na escola com o professor e os colegas, começara a dominar melhor as infinitas subtilezas do complexo sistema de honras e deveres que regia o mundo dos homens. As pessoas, já percebera, tinham uma dívida para com os antepassados e a sociedade em geral; cada novo contacto aumentava essa dívida. A palavra japonesa que definia as obrigações destinadas a pagar a dívida filial era *ôn*.

"O *ôn* é uma carga, uma dívida, um peso que o mundo faz recair sobre os ombros de cada um de nós pelo simples

facto de termos nascido", explicara-lhe a mãe num dia que foram a Akita prestar homenagem à avó paterna, como requerido pelo *ôn* da família. "Ao virmos ao mundo ficamos com *ôn* em relação àqueles que estão acima de nós. O *ôn* é uma dívida eterna que tem de ser eternamente paga. É certo que nunca conseguiremos devolver uma milésima parte do *ôn* que devemos, mas é nosso dever tentar. Tentar sempre.

A verdade é que carregamos um *ôn* eterno para com os nossos

antepassados e os mais velhos.” quando alguém dizia “carrego um ôn para com ele”,

Fukui já sabia, isso significava que tinha obrigações filiais para com essa pessoa. Pela reação dos adultos tornara-se já abundantemente claro que ter um ôn para com alguém era uma questão de grande gravidade. O poder do ôn sobrepunha-se em todas as circunstâncias aos desejos pessoais. O dever de pagar essa dívida estava acima do desejo de se fazer o que se queria. O ôn para com os pais chamava-se ko e o ôn para com o imperador designava-se chu.

“O chu é o ôn que devemos à pessoa que ocupa o vértice mais alto da hierarquia do mundo”, dissera o professor

Harusha numa aula dedicada à devoção ao mikado. “Essa pessoa é sua majestade imperial. Quem conhece as terras dos gaijin da Europa e da América facilmente perceberá que a história desses países é a história do conflito entre governantes e governados. Mesmo a China, que conosco partilha o ideal confucianista do amor filial, tempera o ôn com o jin, a benevolência. Dizem os chineses que, se os governantes não governarem com jin, os governados têm o direito a derrubá-los.” Esboçou um trejeito de desdém.

“Yare yare! É por isso que há tantas revoluções na Europa e tantas dinastias na China! Uma coisa dessas é incompatível com a soberania imperial e com o kokutai, o Espírito do

—

Japão! Sua majestade imperial é sagrada e inviolável, o descendente dos deuses, e não é por acaso que, ao contrário da China, onde ao longo da história se somaram trinta e seis dinastias. O Japão apenas teve e sempre terá uma única. mais que um símbolo do Japão, o nosso imperador é o Japão. Destituí-lo é impensável. Destituí-lo seria destituir o Japão. Irpossível. Carregamos para com sua majestade imperial um 5« eterno e é nosso dever praticar chu em todas as circunstâncias. É por isso que vos pergunto: qual é a vossa maior ambição?”

A pergunta era ritual e suscitava da turma sempre a mesma resposta em coro.

“Morrer por sua majestade imperial!”

A ideia de que estava a salvo de Sawa ajudou Fukui a concentrar-se melhor na compreensão do delicado equilíbrio de deveres & obrigações ôn e giri a que se encontrava acorrentado, mas tal ilusão acabou por se desfazer a meio da semana. De]pois de sair da escola, e constatando mais uma vez que tinha o caminho livre, Fukui encaminhou-se tranquila e despreocU]padamente para casa. Ao dobrar a esquina ao fundo da rua?

todavia, ouviu uma voz atrás de si.

“Então o teu paizinho, Satake estúpido? Oya! Reparei que já não te veíam buscar. Será que te abandonou?” o petiz Cquase deu um salto de susto e sentiu o coração disparar-lhe no peito. Parecia incrível, mas o que mais rezeara acontecera mesmo. Sawa montara-lhe uma espera à esquina. Miuito hirto, apressou o passo; sentia uma enorme vontade de se lançar em corrida, mas percebeu que, além de dar parte de fraco, não lhe serviria de nada. O outro era bem mai maior e apanhá-lo-ia num instante. Decidiu não responder.

sem que o esperasse, no entanto, sentiu algo atrapalhar-lhe os pés e tropeçou, quase caindo no chão. Sawa acabara de lhe pregar uma rasteira.

“Deixa-me!”

A primeira resposta foi uma gargalhada.

“Oh, coitadinho, Osorochi-sarc”, troçou o seu perseguidor.

“Em vez de me enfrentares foges. É típico dos Satake, hem? vocês fogem todos. Porque não voltas para o teu esgoto em Akita? É aí o lugar dos Satake, não aqui em Tsuchiura. Sois umas gueixas a fingirem-se samurais.”

“Deixa-me, já te disse!”

“Gueixa! Gueixa! Gueixa!”, repetiu Sawa em voz alta para que todos na rua o ouvissem. “Os Satake são umas gueixas! és um Satake e foges dos Miyamoto, como todos os da tua família! Se assim é, pois então foge. Foge e não pares, ouviste, satake estúpido? Foge para Akita, de onde tu e os da tua laia nunca deveriam ter saído! Foge, Satake estúpido! Foge, gueixa! Foge e não voltes! Sois a vergonha de Tsuchiura!” os transeuntes paravam e olhavam para as duas crianças; pelas expressões dos rostos tornava-se claro para Fukui que todos reconheciam os nomes das duas famílias de samurais que sawa mencionava sem cessar. Quem na verdade em Tsuchiura nunca ouvira falar dos Satake e dos Miyamoto e de toda a história que os pusera em campos opostos? O petiz percebeu que estava a ser sujeito a uma humilhação sem precedentes e que, ao apressar o passo na tentativa de ignorar o seu perseguidor, apenas atraía vergonha para a sua família. Toda a gente que os via e ouvia as palavras de Sawa percebia que o pequeno era o Satake e fugia de um Miyamoto. Decerto que todos se riam dele. Uma coisa dessas, sentiu de repente como se o coração se revoltasse perante a infâmia, não podia mais ser tolerada.

—

“Basta!”, gritou subitamente, voltando-se para enfrentar o seu acoassador com lágrimas de raiva e humilhação a desluzarem-lhe pelo rosto. “Ou te calas ou... ou...”

Era o que Sawa queria ouvir.

"Ou o quê, Satake estúpido? Bates-me?" Deu um empurrão ao mais pequeno. "Eu é que dou cabo de ti, ouviste? Eu é que te desfaço, grande choramingão! Não passas de um osorochi-sím de algibeira!"

Depois de dar um segundo empurrão, Sawa atirou-se à sua vítima e ambos se engalinharam no passeio, o mais velho a sovar o mais pequeno, Fukui a chorar de raiva e a tentar bater no inimigo; embora a alcunha Osorochi-san fosse uma referência à canção em voga, era insultuosa e não a podia tolerar. Os movimentos saíam-lhe contudo praticamente inofensivos. Em desespero de causa, assentou de repente uma cabeçada na cara de Sawa que o apanhou de surpresa e lhe arrancou um berro de dor.

"Cão traçoeiro!", rugiu Sawa logo que se recompôs, o rosto enrubescido de cólera. "Vais pagá-las!"

Agarrou Fukui pelos cabelos e esbofeteou-o com força. o pequeno encolheu-se como um ouriço e cobriu a cabeça, impotente para travar a fúria do ataque, mas de repente o assalto terminou e ouviu uma voz de adulto troar por cima dele.

"Não tens vergonha, rapaz?", perguntou alguém. "Onde já se viu bateres num miúdo muito mais pequeno do que tu? Yare yare! Porque não te metes com os da tua idade?"

Fukui abriu os olhos assustados e viu um adulto a segurar Sawa pelo quimono e a repreendê-lo. A intervenção era inesperada. No Japão só raramente as pessoas ajudavam um desconhecido na rua. O rapaz sentia-se superiormente envergonhado por ter sido socorrido, pelo que se voltou para o homem que intervieria a seu favor e curvou-se numa vénia.

"Kino doku", agradeceu. "Este sentimento envenenado." não era por acaso que kino doku queria ao mesmo tempo dizer "obrigado" e "este sentimento envenenado", ou "lamento". Até o agradecimento mais comum, arigato, significava literalmente "esta coisa difícil", enquanto outra palavra mais antiga de agradecimento, katajikenai, se escrevia com o mesmo caráter que as palavras "perda de face" e "insulto". E que a ajuda implicava que Fukui passava a dever ôn a um desconhecido que nunca pensara ajudar. Era essa, de resto, a razão pela qual havia no país tanta relutância em auxiliar na rua uma pessoa que não se conhecia. tal renitência não resultava de falta de compaixão, mas de respeito pela pessoa em dificuldade. Se a ajudassem, a vítima ficaria em dívida ôn com quem a auxiliara e dificilmente a poderia pagar, pois os caminhos de ambos provavelmente não se voltariam a cruzar. Permanecer em dívida ôn sem a poder pagar enchia Fukui de vergonha, "o sentimento envenenado" e "esta coisa difícil" que envolvia "perda de face" e era afinal a gratidão de quem se via sem maneira de pagar a dívida inesperadamente contraída.



“Não te preocupes”, justificou-se o desconhecido, atrapalhado por ter criado aquela situação embaraçosa. “Apenas te ajudei por seres uma criança.”

A justificação era ajustada e necessária, pois o próprio desconhecido poderia ser acusado de ter ajudado a vítima para que ela lhe ficasse a dever ã. Isso seria um abuso intolerável e atrairia vergonha sobre o homem que ajudara a criança. Auxiliar na rua uma pessoa que não se conhecia constituía um ato delicado e poucos eram os bons samaritanos que escapavam à crítica de se estarem a aproveitar para ganhar ascendente ã.

Depois de mais uma vénia, temendo que o ataque recomeçasse logo que o desconhecido largasse Sawa e envergonhado por ter ficado a dever ã a um desconhecido e saber que jamais conseguiria saldar tal dívida, o pequeno virou-se e correu pelo passeio, correu tanto que se sentia voar, era como se as pernas tivessem ganho asas.

—

Fazia já uma semana que os cadetes da Escola de Guerra haviam depositado nos correios o postal de carnaval endereçado à residência do professor de Topographia.

Desfeitas as esperanças que em tempos havia depositado nas irmãs de Garrão, Artur lançava assim nesse princípio de 1915 o olhar para outros horizontes. Sob o pretexto de festejar o entrudo, ele e os companheiros de camarata organizaram

“assaltos” a casas onde se sabia que havia raparigas, como era o caso do apartamento desse professor. Dizia-se que tinha quatro filhas casadoiras ou quase, todas elas matriculadas no colégio de Odivelas. Por isso mesmo o postal avisava o professor de que, na noite de terça-feira, haveria um “assalto carnavalesco” de cadetes a sua casa.

Juntaram-se no Palácio da Bemposta de fardas e com as caras tapadas por máscaras venezianas e nesses propósitos desceram a Gomes Freire até à Praça da Figueira, onde vivia o professor de Topographia, um geógrafo chamado

Albuquerque e que os alunos conheciam por Pintas devido ao ar janota. Nem chegaram a tocar à campainha porque o docente, pressentindo pela algazarra a aproximação dos alunos, abriu-lhes a porta e convidou-os para o salão do seu enorme apartamento.

Artur e os camaradas, ao todo uma dezena de rapazes, entraram e deram com umas quinze moças à sua espera, de olhos baixos e ar acabrunhado; eram as filhas do professor mais as primas e as amigas, todas elas disfarçadas de princesas. Nos sofás sentavam-se as mães e as avós, o “arame farpado” que ali se plantara para impedir os excessos próprios da

juventude, e ao longo de uma mesa encostada a uma parede estavam depositados pratos com pão, rissóis, rodelas de chouriço e jarros com groselha e capilé.

“Temos de animar isto!”, exclamou o professor Albuquerque, consciente de que era preciso quebrar o gelo inicial.

Indicou um vulto negro plantado a um canto. “Alguém sabe tocar?”

Garrão sabia, pelo que se sentou ao piano e atacou o teclado com uma polca animada que arrancou risadinhas às raparigas e esgares embaraçados aos cadetes. O que fazer agora? Entreolharam-se, atados pela inibição, sabendo o que se esperava deles mas sem estômago para se atirarem para a frente. Artur percorreu as moças com o olhar e deteve-se numa morena de sorriso trocista e o cabelo colhido por um rabo-de-cavalo. Enchendo-se de coragem, e intuindo que a sorte sorria aos audazes, deu dois passos em frente e estendeu-lhe a mão.

“A menina dança?”

As amigas que rodeavam a morena reagiram ao convite com risadinhas renovadas, mas a sua eleita perdeu o ar trocista e, acedendo, deu um passo em frente. O cadete puxou-a para o centro do salão e começaram a dançar a polca, ele a fitá-la com um sorriso a que se forçou, a rapariga sem saber para onde olhar, se para aquele rapaz que a escolhera e a fitava por detrás da sua máscara veneziana, se para as amigas, que se multiplicavam em segredinhos umas com as outras, se para o “arame farpado” que sobre ela não descansava o olhar vigilante de ave de rapina.

“O meu nome é Artur”, anunciou o cadete, tirando por momentos a máscara para que ela lhe visse o rosto. “E a menina, como se chama?”

“Catarina.”

“Ah, como a imperatriz da Rússia...”

A observação arrancou a Catarina um sorriso tímido.

“Olhe que não vim mascarada de imperatriz”, notou ela, indicando o vestido branco e azul-claro que fazia parte do seu disfarce de carnaval. “Vim de princesa.”

“Não veio de princesa”, corrigiu-a o cadete. “É uma princesa.” pelo canto do olho reparou que os camaradas lhe seguiam o exemplo e convidavam outras “princesas” para a polca que Garrão dedilhava ao piano com redobrado entusiasmo, mas a sua atenção permanecia centrada na morena que chamara para dançar. Sentiu que escolhera bem, a rapariga parecia agradada por ele a ter eleito e pelos galanteios que lhe dirigia com crescente à-vontade, pelo que, a exemplo do que aprendera nas aulas de Tática Militar, se pôs a cogitar formas de “explorar a vantagem”, para utilizar a expressão favorita do professor da disciplina. O problema é que a polca era ruidosa e de tal modo animada que dificultava as conversas, e por isso ao fim da

terceira dança Artur encostou os lábios aos ouvidos de Catarina e atirou a rede.

“E se fossemos tomar um capilé?”

o capilé era apenas o pretexto para se afastarem da confusão em que se transformara o salão e recolherem a um canto para conversar. Artur gostaria até de a tirar dali, talvez levá-la a passear pelo Rossio e oferecer-lhe um pastel de nata na Pastelaria Suíça, mas os olhares vigilantes do arame farpado dissuadiram-no do propósito. Foram antes para a janela e, de copo de capilé na mão, descobriu que

Catarina era filha do Pintas. Menina lisboeta, adorava as comédias de Mack Sennett no animatógrafo e os folhetins de Camilo Castelo Branco editados em livro, tocava piano e falava francês, como era costume dizer-se e se requeria nas meninas de bem, para mais alunas de Odivelas. Além disso fazia costura e, pormenor importante, revelara que tinha

“dedo para a cozinha”.

“O papá diz que as minhas trouxas de ovos são um estalo”, observou ela, baixando os olhos numa expressão de pudor que mais parecia de falsa modéstia. A seguir levantou o olhar e fitou-o com a fisionomia incendiada por uma ideia.

“Quer prová-las? Da próxima vez que nos virmos trago-lhe uma, está bem?”

Estas palavras, e sobretudo o modo como as pronunciou, percebeu Artur, revelavam-se uma mensagem carregada de pressupostos interessantes e auspiciosos. O importante nelas não era, bem entendido, a promessa das trouxas em si, mas o doce anúncio de que entre ambos haveria uma “próxima vez”. Poderia existir doce mais doce? na verdade não foi uma, foram muitas as vezes que Artur se encontrou com Catarina, sábado sim, sábado não, ao longo dos meses seguintes. Começaram com passeios pelo Chiado ou pela Avenida da Liberdade, os movimentos sempre devidamente cerceados pelo inevitável arame farpado; umas vezes era a mãe da rapariga, a sisuda dona Hortense, outras uma tia. O rapaz fazia gala em impressionar as senhoras. Lia os jornais diante delas e tecia comentários sobre as notícias.

“Interessante esta evolução em Itália”, observou numa dessas várias ocasiões, quando se encontravam sentados na pastelaria Suíça. “Não acha, dona Hortense?”

A senhora, que tinha a boca cheia com um pastel de nata, estremeceu.

“Hmm?”

“Isto do Partido Socialista Italiano”, retorquiu ele com ar displicente, indicando uma notícia na última página de o Século. “Expulsaram o chefe, o Mussolini, e ele meteu-se agora à cabeça deste Faseio Revolucionário de

Ação Internacionalista.”

Estas palavras arrancaram uma risada baixa de Catarina, que percebera a intenção do pretendente e se mostrava divertida com a expressão baralhada da mãe.

“Uh... faseio? O que é isso?” tratava-se, como é bom de ver, de uma excelente pergunta; o próprio rapaz não tinha certezas sobre o assunto e, não querendo mostrar ignorância, limitou-se ao pouco que sabia.

“São revolucionários sindicalistas nacionalistas de extrema-esquerda”, explicou. “Pretendem quebrar o statu quo para provocar a grande revolução do proletariado.” Acenou com o jornal. “Querem ver o manifesto que eles agora divulgaram?”

Está aqui escrito.” Afinou a voz para ler a notícia. ““Nós, revolucionários que permanecemos fiéis ao ensinamento dos nossos mestres, acreditamos que não é possível ir para além dos limites das revoluções nacionais sem passar primeiro por uma etapa ela mesma de revolução nacional. Lá onde cada povo vive no quadro das suas próprias fronteiras naturais formadas pela língua e pela raça, lá onde a questão nacional

não foi resolvida, não pode existir o clima histórico necessário ao normal desenvolvimento do movimento de classe.”

—

Dona Hortense mantinha o semblante de quem estava confusa.

“Não Percebo o que isso quer dizer...”

“Quer

a revolução nacional para chegar ao comunismo”, explicou Artur num tom proposadamente pedante. “Bem vê, minha senhora, Mussolini diz que a realidade está a contradizer a teoria do socialismo científico, pois não há sinais do tão propalado declínio do capitalismo. A luta de classes, ao contrário do previsto) por Engels e Marx, dá mostras de não funcionar como motor da revolução proletária.

Enquanto ciência, diz mussolini, o socialismo marxista está a revelar-se um embuste. terá de ser a guerra a provocar a revolução, não a luta de classes. Mussolini tem andado a acusar os socialistas reformistas alemães de: minarem a revolução com o apoio que estão a dar ao governa burguês do seu país nesta guerra e até se pôs a interrogar-se em público sobre se Engels e Marx, também eles alemães, não terão sempre trabalhado para servir os interesses da Alemanha, que, como toda a gente sabe, é inimiga da Itália nesta guerra europeia. A ser assim, o socialismo nacionalista italiano só poderá ser antimarxista, não é verdade?”

Inquieta com o arazoado que acabava de ouvir, e embora incapaz de; compreender com rigor estas palavras, dona Hortense atiro)U-lhe um olhar

alarmado.

“Oiça, o menino não é um revolucionário, pois não?” o rapaz endireitou-se na cadeira e fez uma pose, quase como se se sentisse ele próprio um par do professor Baptista.

“Sou un intelectual.”

As conversas do jovem passaram desde então a ser encaradas pela mãe de Catarina como “muito estranhas”, pelo que ela e a irmã, ambas aterrorizadas por nada entenderem dos temas que o rapaz abordava e receando dar imagem de matronas de província que ignoravam as coisas do mundo, começaram a delegar a missão de vigilância do namorico numa criada; tratava-se de uma importante evolução na qualidade do arame farpado, embora ainda não decisiva. Enquanto a vigilante fosse adulta, a mãe, a tia ou a empregada de Catarina, os encontros não poderiam passar de curtas deambulações pela baixa da cidade, que culminavam num bolinho e num chá na

Brazileira, na Suissa ou no Nicola. Trocavam histórias, contavam anedotas, partilhavam sonhos, mas nada mais sucedia.

Em meados de 1916, contudo, ocorreu uma alteração importante. Certo dia a família escolheu para arame farpado uma das irmãs mais novas de Catarina, a jovem Brigitte. Artur percebeu nesse momento que a mudança não era inocente e que lhe estava a ser dada autorização implícita para ir um pouco mais longe.

“Há que explorar a vantagem”, murmurou quando a alteração ocorreu, a lição do professor de Tática Militar sempre presente. “Da próxima vez é que é...”

A vez seguinte em que se encontrou com Catarina, dessa feita diante do Cais das Colunas, no Terreiro do Paço, trouxe uma estreia. Em vez do habitual passeio, tinha em mente um programa diferente. Quando a rapariga e a irmã apareceram, os três ficaram durante alguns minutos a contemplar as dezenas e dezenas de navios que enchiam toda a bacia do Tejo.

“A maior parte são barcos alemães e austro-húngaros”, explicou o cadete, ansioso por exibir os seus conhecimentos e assim impressionar Catarina.

“Ancoraram no Tejo para se abrigarem da Marinha inglesa.”

“Ah, coitados. Fogem da guerra.”

—

Artur pigarreou. Não viera ali para admirar navios, isso era coisa para os tansos da Marinha, mas para avançar nos seus propósitos em relação à rapariga. Havia pois que mudar a agulha da conversa e entrar no que realmente interessava.

“Olha lá, e que tal se fossemos ao animatógrafo?”

A rapariga arregalou os olhos perante a sugestão. Atirou um olhar inquieto à irmã mais nova, receando que ela percebesse onde a ideia os ia conduzir, mas verificou que Brigitte quase pulava de entusiasmo perante a perspectiva. "Ó Brigitte", avisou Catarina, "só vamos se não disseres nada ao papá e à mamã, ouviste?"

A exigência não era despropositada, dado que todos os adolescentes sabiam que o animatógrafo era um local escuro, propenso a atividades que não tinham necessariamente relação direta com o» visionamento da película. Uma vez seguros da cumplicidade inconsciente de Brigitte, demasiado nova para entender o que para os mais velhos seria óbvio, seguiram para o Chiado Terrasse e, uma vez lá chegados, compraram três bilhetes nas primeiras filas da plateia para assistirem a uma fita de um certo Charlot, que a menina do guichet descreveu co»mo sendo "um novo artista da América".

"Como é ele?", inquiriu Catarina, que sobre as fitas do animatógrafeo tinha ideias bem definidas. "Do estilo do Mack sennett?"

"Melhor", garantiu a vendedora, já de bilhetes estendidos.

"É de partir o coco a rir."

no hilariante papel de um carpinteiro encarregado de substituir um ator despedido, Charlot mostrou-se à altura de tão rasgado 'elogio e arrancou as apropriadas gargalhadas da multidão qu<e se aglomerara no Chiado Terrasse para assistir à fita. A meio do filme, porém, e no intervalo das risadas, a mão de Arttjr deslizou na escuridão para o assento ao lado e fechou-se entre os dedos acolhedores de Catarina. Tendo ido tão longe, e não encontrando resistência, ainda pensou em fazer algo mais, no fim de contas havia que "explorar a vantagem", mas conteve-se. Não queria uma conquista rápida, aquilo não era uma guerra, e cada passo teria de ser dado e saboreado a seu tempo. saíram do Chiado Terrasse com ar comprometido, ambos sabendo que as mãos dadas na escuridão constituíam uma declaração e que não havia caminho de retorno, mas nenhum com coragem de encarar o outro, como se o ato fosse um segredo da treva, não um acontecimento do mundo da luz.

Artur tentou sorrir-lhe, chegou até a encostar-se a ela, mas o recuo de Catarina fez-lhe ver que cá fora as liberdades eram diferentes das permitidas na sombra do animatógrafo.

Desceram o Chiado em silêncio, apenas interrompido pelas observações entusiásticas da jovem Brigitte a propósito da fita, a irmã a relembrar ruidosamente as peripécias do carpinteiro transformado em estrela de cinema, o casalinho a reviver em mutismo a magia dos momentos que passara de mãos dadas na plateia do Chiado Terrasse. os pensamentos românticos de Artur foram subitamente interrompidos por um cadete que

quase esbarrou com ele à chegada ao Rossio.

"Perdão!"

"Eh lá!", exclamou ao reconhecer o cadete, um camarada um ano mais novo da Escola de Guerra. "Para quê tanta pressa?" o rapaz encarou-o, esbaforido.

"Não sabe?"

"Não sei o quê?"

"Os navios alemães que estão aqui em Lisboa", disse. "A Inglaterra pediu-nos que os requisitássemos. A tropa foi lá e apreendeu-os!"

—

Artur ficou boquiaberto com a notícia.

"O quê? Mas isso é... é..." o cadete acenou em despedida e afastou-se em passo apressado, evidentemente ansioso por levar a novidade a outras paragens.

"É a guerra!" o vaticínio desta vez revelou-se correto. Dias depois da requisição forçada dos navios alemães que se encontravam nos portos portugueses, a Alemanha declarou guerra a Portugal. O governo republicano, ufano de alegria, decretou o serviço militar obrigatório e criou uma Divisão de Instrução. As novidades desencadearam o bulício no Palácio da Bemposta, onde Artur viu vários dos seus professores serem precipitadamente enviados para o polígono militar de Tancos, local designado para a apressada concentração e treino das tropas destinadas a França.

"Parece que vamos ser integrados no comando inglês", observou ao almoço o Aguiar, um camarada que prestava serviço no gabinete do comandante da Escola de Guerra.

"Serão os bifes que nos transportarão para França. A chatice é que teremos de manejar novas espingardas."

"Qual é o problema das Mauserf?"

"Os ingleses dizem que, por questões logísticas, é melhor usarmos as espingardas deles. Teremos de nos habituar às lee Enfield."

A maior parte dos camaradas de Artur terminou nesse ano a Escola de Guerra e foi integrada nas unidades que estavam a ser formadas em Tancos, mas não Artur. Uma vez que tirava Engenharia, que exigia mais tempo de estudos, ficou mais nove meses no Palácio da Bemposta, onde deixou de ser cadete e se tornou aspirante a oficial aluno.

no final de fevereiro de 1917, já o quinto ano tinha começado, foi ao Cais de Alcântara despedir-se de Garrão e dos restantes camaradas que partiam para França.

"Não acabem com os boches todos de uma vez", gracejou enquanto os

camaradas que conhecera na Escola de Guerra, fardados e nervosos, aguardavam a ordem de entrada num navio britânico. "Deixem alguns para quando eu for ter convosco para o ano, ouviram?" viu os três vapores de pavilhão inglês zarparem do Tejo com uma primeira brigada do Corpo Expedicionário Português a bordo e viveu esse instante com sentimentos contraditórios. sentiu alívio por não ir naqueles navios, não só devido à ameaça dos submarinos alemães mas também porque tinha plena consciência de que muitos dos seus camaradas não voltariam das trincheiras e ele poderia muito bem ser um deles, mas, por outro lado, para que fora ele para a Escola de

Guerra se não para fazer a guerra? Tinha ganas de mostrar o seu valor e provar a sua bravura, e sentia-se mal, para não dizer que se achava mesmo um cobarde, por não seguir com eles. Nos últimos tempos havia até pensado em desistir de

Engenharia, de modo a poupar este último ano de estudos e seguir de imediato para França com os camaradas, mas a inércia e o bom senso acabaram por se impor. os três vapores britânicos haviam já desaparecido para além da linha azul do horizonte. Deles restavam apenas três longínquos fios de fumo negro que serpenteavam sobre o mar. Foi nessa altura que Artur virou as costas e, tal como as famílias chorosas que dos seus rapazes se haviam despedido no cais, abalou de Alcântara a suspirar de resignação.

"Que diabo", murmurou como se tentasse consolar-se, "a guerra não vai acabar já amanhã..."

—

Ao dirigir-se à paragem do elétrico passou pela banca dos jornais e espreitou os títulos dos matutinos. A grande notícia do dia, por incrível que parecesse, não era a partida dos contingentes portugueses para França, algo que em boa verdade já decorria há alguns meses, mas os acontecimentos na Rússia. Tinha havido uma revolta popular em Petrogrado, com as multidões a exigirem comida e o fim da guerra, e pelos vistos o czar abdicara. Quem assumira as funções de governo, escrevia o Diário de Notícias, fora um governo provisório vigiado por soviéticos controlados sobretudo pelo partido Social Democrata russo.

"Co'á breca!", exclamou, espantado. "Os socialistas estão à beira do poder!" pegou no jornal e afastou-se com os olhos mergulhados na leitura, ciente de que aquela evolução era extraordinária. será que os marxistas tinham afinal razão? Seria mesmo o socialismo uma ciência? Se calhar assim era, pois não haviam

Engels e Marx previsto que o capitalismo e a luta de classes



desembocariam numa revolução do proletariado? pois ali estava ela.

o curso terminou no verão e Artur, já tenente de engenharia militar, recebeu em setembro guia de marcha para

França, com ordens de se apresentar no quartel-general do

CEP numa terrilha cujo nome não decorou. A viagem não seria de vapor, até porque os ingleses haviam deixado de fornecer transporte para as tropas portuguesas uma vez que precisavam de todos os seus navios para transportar o exército americano para a Europa, mas de comboio.

A partida esteve marcada para o final da primeira semana de dezembro. Três dias de combates em Lisboa que culminaram num golpe militar, no entanto, obrigaram a adiar a viagem alguns dias. Por fim, numa tarde fria e chuvosa de meados do mês, Artur foi para a estação do Rossio na companhia do avô, que viera de propósito de Lagoa para se despedir dele.

“De certeza que tens de partir para a guerra?”, questionou-o o velho Adérito Teixeira, de Diário de Notícias na mão e a cofiar a barba branca com ar preocupado. “Sabes, acho tudo isso muito estranho...”

“Porquê, avô? O avô sabe que a tropa precisa de oficiais lá em França. Ainda para mais, à custa das explicações que tive, falo francês e inglês e isso...”

“Mas o Afonso Costa, o Bernardino Machado e toda essa corja de gatunos e intriguistas foi agora derrubada, rapaz! O chefe da Junta Revolucionária, este Sidónio Paes, está totalmente contra a nossa participação na guerra. Não foi ele que disse que não vai nem mais um dos nossos soldados para França? não te esqueças que o tipo foi o nosso ministro na Alemanha, por isso tem simpatia por eles. Não tarda nada e, vais ver, manda vir a tropa lá de França. Se assim for, o que vais lá fazer? Partes agora, mas daqui a pouco já estás de regresso...”

Artur abanou a cabeça.

“Não estou nada”, negou com ênfase. “O Sidónio e os revolucionários podem ser contra a nossa participação na guerra, não discuto, mas ninguém fará nada que ponha em causa a nossa aliança com Inglaterra, disso pode o avô estar certo. Aliás, consta para aí que os bifes andaram a conspirar com a Junta Revolucionária. Isso mostra, avô, que estão em jogo coisas bem mais importantes do que a nossa vontade de combater ou não nesta guerra. O facto é que nos metemos nela e dela não sairemos enquanto não acabar.” o avô ainda não estava batido. Ergueu o jornal que trazia na mão e apontou para as notícias na primeira página.

—

“Achas que sim? Olha que os russos já desistiram, rapaz...”

A atenção do oficial deslizou para o Diário de Notícias. o jornal noticiava

que o novo líder russo, o socialista Lenine, que subira ao poder no mês anterior, anunciara um cessar-fogo na frente oriental e estava a negociar com os alemães o fim do envolvimento russo na guerra.

“A presença de Portugal na guerra não depende dos russos, avô. Depende dos ingleses. Não creio que os bifos deitem a toalha ao chão, sobretudo agora que vêm aí os americanos.”

Embora não parecesse convencido, o velho não insistiu. sabia como eram os jovens, e em particular os da família.

De resto, os Teixeiras tinham fama em Lagoa de ser mais casmurros do que os touros mais aguerridos. Consciente de que representava os pais do rapaz, que não podiam estar presentes por continuarem em Moçambique, optou por mudar o ângulo da conversa e assumir antes o papel de patriarca da família.

“Olha, rapaz, tens de ter juízo lá em França”, aconselhou, envolvendo-lhe os ombros com o braço protetor. “Não te armes em herói nem te metas em aventuras, ouviste? queremos-te de volta vivo e inteiro. Não te deixes matar numa guerra que não te diz respeito. Se o fizeres não serás um herói mas um tolo.”

“Sim, avô.” o neto escutou-o algo distraidamente, a atenção presa aos ponteiros do grande relógio da gare e aos portões por onde fluíam sem cessar passageiros e acompanhantes, uns de partida ou de chegada, outros a despedir-se para embarcar ou a acolher os que desembarcavam. O facto é que, na sua corrida inexorável para o futuro, os ponteiros não paravam.

Faltavam menos de dez minutos para o comboio largar, da chaminé da máquina começaram a sair baforadas de fumo negro, os passageiros apressavam-se já pela plataforma, ouviam-se os primeiros apitos dos responsáveis da composição e... e onde estaria ela?

“Artur!”, chamou à distância uma voz familiar. “Artur, estou aqui!”

Emergindo de uma porta lateral com a mãe no encalço,

Catarina apareceu enfim na gare e correu para ele, a mão no chapéu para não o deixar voar. Caíram ambos nos braços um do outro, indiferentes ao arame farpado que os observava com um esgar de horror e consternação, como se a mãe dela tentasse perceber onde teriam eles ido buscar intimidade e descaramento para se exibirem de forma tão despudorada à luz do dia. Já não havia o respeito de outros tempos, a juventude estava perdida.

A hora, porém, não pareceu aos jovens adequada para esconderem os sentimentos, mas para os assumirem. Permaneceram abraçados um curto minuto, tão breve que lhes deu a sensação de não passar de um mero instante, e antes de se apartar Artur roçou os lábios pela orelha dela e, num murmúrio, soprou-lhe a proposta que não mais podia ser adiada.

“Casas comigo?”

Catarina encarou-o de olhos arregalados, por momentos sem saber o que dizer ou pensar. Sentia-se devastada por vê-lo partir para a guerra e saber que poderia não voltar a encontrá-lo, mas ao mesmo tempo experimentava uma sensação de alegria indizível por o rapaz por fim formular as palavras com que ela sonhava desde que haviam iniciado o namoro.

“Claro, meu tonto”, respondeu, as lágrimas a correrem-lhe pelo rosto. “Caso, pois.” Cravou nele um olhar suplicante.

“Mas, por favor, não vás! Não vás e fica comigo!”

—

Artur suspirou.

“Não posso”, murmurou. “Estou no Exército e tenho de cumprir as ordens que recebo. Mas quando voltar casamos. ouviste, Catarina? Espera por mim e casaremos.”

“Larga o Exército”, implorou ela. “É uma loucura o que vais fazer. Não ouviste o que disseram os teus camaradas que de lá voltaram? Aquilo é um matadouro! Não partas!” sem responder desta vez, o tenente separou-se dela, pegou na mala, subiu pesadamente as escadas do comboio, lançou um aceno àqueles que dele se tinham ido despedir à estação e, temendo perder a coragem que o levava até ali, mergulhou na composição e desapareceu no seu interior.

O jantar nessa noite começou com uma sopa ramen que Aiko pôs diante do marido e do filho em tigelas fumegantes sobre as tábuas no chão, juntamente com as colheres, antes de se plantar num canto da sala para os observar a comer e certificar-se de que não lhes faltava mais nada. Este comportamento era considerado perfeitamente normal, pois numa refeição tradicional as mulheres não se sentavam à mesa com os homens, mesmo que entre estes estivessem os filhos. Ela própria se lembrava de, em criança e juntamente com as cinco irmãs, se dirigirem ao irmão como ani-san, ou senhor irmão meu, e servi-lo à mesa, enquanto ele se dirigia às raparigas pelo seu nome próprio. Era isso que no Japão se designava cada um “ocupar o seu próprio lugar”. os dois varões da família encontravam-se sentados sobre os tatami estendidos no soalho, o filho na posição seiza de joelhos e os corpos direitos e assentes sobre os calcanhares e o marido no lugar de honra de pernas cruzadas na posição agura, como era tradicional nas refeições japonesas. Em redor multiplicavam-se os vasos com arranjos florais em estilo seika a que Aiko, enquanto artista de ikebana, dera vida e que coloriam a pequena casa dos Satake.

A residência era uma caixa de madeira sem muros, com um tabique de

papel a separar os quartos do pátio interior.

Como o dia estava bonito, o tabique fora corrido e a habitação convertera-se num miradouro aberto para um pequeno jardim que Aiko criara e cuidara, decorando-o com rochas e bonsai minúsculos de maneira a formar uma paisagem em miniatura semelhante a uma vista célebre do parque Unzen-Amakusa, na sua Nagasáqui natal.

Coube ao senhor da casa formular a ordem requerida pela etiqueta para ele e o seu rapaz começarem a comer.

“Itadakimasu”, disse. “Recebo com humildade.”

O filho seguiu-lhe o exemplo. Fukui engoliu a ramen num silêncio submisso, apenas pontuado pelo som dos lábios a sorverem o líquido e a massa e pelo tilintar das colheres de porcelana nas tigelas. Os sons da degustação substituíam as palavras, até porque a estética

zen requeria a harmonia de “comer a beleza”. Além do mais, o pai nunca fora um homem falador e, como habitualmente, parecia ter mergulhado nos seus pensamentos; com a barba e bigode compridos, como era moda no tempo do imperador meiji, e o cabelo preso num penacho por cima da nuca, à maneira antiga, lembrava um samurai a meditar.

Já a mãe, ainda de pé a observá-los a comer, mantinha um mutismo alerta, os olhos sempre atentos aos pormenores; era ela a única pessoa que verdadeiramente prestava atenção a Fukui, até porque tinha uma natureza carinhosa e o filho, sendo o seu

único, transformara-se na sua razão de viver. O rapaz sabia que a mãe havia ficado de esperanças pelo menos duas vezes,

mas em nenhuma a gravidez chegara ao fim. Uma conversa sussurrada que surpreendera aos avós paternos durante uma visita feita no verão à família em Akita permitira-lhe colher a frase “ela não deu à luz porque não quis”, expressão que não entendera plenamente. Como podia uma mulher impedir-se voluntariamente de dar à luz? Se o bebé tinha de sair, sairia. ou não seria assim? O assunto intrigara-o, até porque nessa conversa ouvira a avó ligar o caso ao trauma pela morte do

“outro gémeo”. Qual gémeo?, interrogara-se Fukui. Decididamente, tudo aquilo lhe parecia ininteligível.

“Há já algum tempo que andas muito calado, Fuku-chan”, observou a mãe, fixando os olhos penetrantes no seu menino. “Na verdade, parece-me que ficaste assim desde que começaste a ir à escola. Passa-se alguma coisa?”

Fukui sacudiu enfaticamente a cabeça.

“Não. Nada.” o pequeno regressou à sopa ramen com vigor redobrado, mas Aiko manteve o olhar cravado nele, como se o escalpelizasse. Havia já um ano que notara mudanças no filho, mas pensara inicialmente que se tratava de uma fase de adaptação à nova vida na escola e não atribuíra grande

importância ao assunto. A persistência das alterações no comportamento do menino, contudo, forçou-a a rever a sua primeira análise.

Alguma coisa se passava e chegara a hora de esclarecer o caso.

“Está a correr tudo bem nas aulas?” o rapaz balançou a cabeça na afirmativa, mas com movimentos exagerados, como se estivesse ansioso por pôr fim ao que manifestamente lhe pareciam perguntas incómodas.

“Hai.”

Aiko estreitou as pálpebras, ponderando os possíveis problemas que o menino pudesse enfrentar.

“Gostas do professor?”

—

“Hai.”

Era mentira, sabia a mãe. Raros eram os professores de quem os alunos gostavam; os professores estavam lá para impor disciplina, não para granjear simpatias. Porém, Fukui não mostrara ansiedade na resposta e ela concluiu por isso que esse problema, que naturalmente preocupava todos os alunos do país, não deveria ser a questão que mais apoquentava o filho. Tinha de continuar a tatear o terreno.

“Sentes dificuldades na matéria?”

“Um pouco a caligrafia.” quem não tinha dificuldades a caligrafia?, pensou a mãe.

De qualquer modo, na origem das alterações do comportamento do menino também não lhe parecia estar a matéria das aulas. De resto, o filho era ainda demasiado pequeno para ficar incomodado com as exigências pedagógicas, até porque ela própria já tinha visto exercícios que ele fizera e não lhe pareciam tão maus quanto isso. Não sendo portanto a matéria que o trazia assim, o que seria? Aiko fez o exercício de se imaginar na escola, de circular pelos corredores cheios de miúdos da mesma idade e de ir para as aulas e enfrentar os professores carrancudos e adeptos de uma disciplina rígida e de imediato percebeu que havia uma terceira área de ansiedade potencial que ainda não explorara.

“Dás-te bem com os teus colegas?”

A pergunta pareceu atingir Fukui no estômago, de tal modo que o menino manteve um longo momento silencioso antes de responder.

“Hai.”

A demora a dar a resposta e a forma tensa como ela surgiu revelaram-se elucidativas. Estava ali o problema, percebeu

Aiko. Faltava-lhe determinar quem era o miúdo que andava a incomodar o seu filho.

—

“Tens algum problema com os da tua turma?”

“Não.”

A resposta fora pronta, o que indiciava que se tratava de alguém de fora da classe. Poderia, claro, ser um professor ou um empregado qualquer, mas a lei das probabilidades apontava para um outro aluno.

“E os outros rapazes da escola?” nova demora a responder.

“Não... não há problema”, titubeou Fukui, enrubescendo.

“Não há problema com... com ninguém.”

Havia definitivamente um problema com alguém na escola, mas quem? Tratava-se decerto de outro aluno, considerou Aiko, agora com absoluta certeza. Como era difícil o mundo dos rapazes na escola, suspirou ela. Sempre todos tão competitivos, sempre todos à bulha, sempre todos uns brutos. Quão mais simples seria o mundo se não houvesse homens. Se eles não existissem, pensou, acabar-se-iam os samurais, a competição pela supremacia, a violência, as guerras. Enquanto os homens dominassem o mundo não haveria paz. Voltou a suspirar, conformando-se. O mundo era dos homens e sempre seria. Não havia nada que ela ou as outras mulheres pudessem fazer. O limite da sua ambição só podia ser ajudar o filho.

“Meu senhor”, disse para o marido. “Ouviste isto?” vendo-se inesperadamente interpelado, o homem da casa estremeceu como se voltasse de um mundo distante.

“Hã?”, perguntou, focando os olhos em Aiko. “O que foi?”

A desatenção do marido agastava-a, mas não deixou transparecer a irritação. Pelo contrário, adoçou ainda mais a voz, na melhor tradição das boas esposas confucianas.

“O meu senhor sabe se algum dos nossos conhecidos tem filhos na escola?”

—

Iwao alçou uma sobrancelha.

“Na escola?” Fez um ar pensativo. “Só se for o Otokazu. às vezes cruzo-me com ele a levar o filho. Porquê?”

“Alguém anda a incomodar o Yuku-cban.” o pai virou-se para Fukui.

“Ai sim? Quem?” o menino encolheu-se no seu lugar e respondeu num fio de voz intimidado; a última coisa que queria era atrair o pai para a conversa.

“Ninguém.”

Iwao riu-se, como se o filho se limitasse a confirmar o que ele havia muito tempo já sabia de ciência certa.

“Quem é que se iria meter com o nosso rapaz, mulher? não vêes que

ninguém se atravessaria no caminho de um satake? Os miúdos que andam na escola são todos filhos de agricultores e comerciantes e conhecem demasiado bem o nosso passado de samurais.”

“Não haverá mesmo ninguém que se meta com um Satake?”, questionou Aiko. “Tens a certeza?”

“Claro que tenho. O feudalismo pode já ter acabado, mas a memória dos samurais permanece forte, mulher.” Fez com a mão um gesto perentório. “Oya! Ninguém se mete connosco.” o argumento era poderoso e por momentos calou Aiko.

De facto, quem em Tsuchiura se atreveria a aborrecer um satake? A família era demasiado temida e respeitada e com certeza não havia miúdo na escola que o ignorasse. Contudo, não ficou convencida. Pensou nas alterações no comportamento do filho desde que começara a frequentar as aulas e nas hesitações na resposta às perguntas que acabava de lhe fazer e concluiu que tudo isso constituía um indício de que algo de facto estava a acontecer. O que faltava era arrancar-lhe os factos.

—

“Yuku-chan, podes contar-nos o que se passa?”, perguntou com voz ainda mais aveludada que de costume. “Anda alguém a incomodar-te na escola? Não tenhas medo, conta-nos.” o pequeno olhou para a mãe e depois para o pai, dividido. Deveria revelar o que sucedia desde o primeiro dia de aulas? Ou seria melhor manter-se em silêncio? Mas, se se calasse, raciocinou, como se poderia livrar daquele energúmeno que o apoquentava? Parecia-lhe evidente que o que periodicamente acontecia ao longo do último ano voltaria a suceder, o pesadelo não teria termo se nada fosse de facto feito. Se calhar a mãe tinha razão. No fim de contas, não seria o pai a figura ideal para lhe resolver o problema?

“Bem... é o... o Sawa.”

Iwao esboçou uma careta.

“Quem?”

“O Sawa.”

“Quem é esse?” o pai pareceu interessar-se pelo assunto, pelo que Fukui foi ganhando confiança.

“É um Miyamoto que anda lá na escola.”

A referência ao nome da família inimiga ensombrou o rosto de Iwao, conquistando definitivamente a sua atenção.

“Um Miyamoto, hem? Temos giri de bom nome a haver com tal gente. Espero que não tenhas feito amizade com esse fedelho...”

Fukui sacudiu energicamente a cabeça.

“Não, não!”, retorquiu, preocupado em desfazer o equívoco.

“Pelo contrário. É o miúdo que me atirou ao chão daquela vez que íamos a sair do Daitoku, lembra-se? Andá numa turma mais adiantada lá da escola e, às vezes, ele... ele bate-me.” o pai ficou estático a olhar para o filho como se o tentasse dissecar.

—

“E tu?”

A pergunta apanhou Fukui em contrapé. O que diabo queria o pai que ele respondesse?

“Eu? Eu... nada.”

“Tu nada como?”; escandalizou-se Iwao. “Não lhe dáis troco? Não lhe bates também?”

O filho encolheu-se no lugar, percebendo que falara de mais. Por que razão dera ouvidos à mãe?

“Não.”

“Então um Miyamoto bate-te e tu deixas-te ficar?”, repreendeu-o o pai, elevando a voz. “Que raio de Satake és tu? Será que estou a criar aqui em casa uma gueixa? Será que não conheces giri? Tu vens de uma família de samurais, rapaz! Tens antepassados para honrar! Tens pergaminhos para dignificar! E só há uma forma de o fazer: dares-te ao respeito!”

Iwao, por favor”, intercedeu a mãe, tomando consciência de que, na sua preocupação de perceber o que se passava com o filho, subestimara a reação do marido. “Não vês que ele é tão pequeno?” o argumento pareceu irritar ainda mais o chefe da família.

“Pequeno?” Abanou a cabeça com veemência. “Não, ele não é pequeno! É um cobardolas, é o que é! Não conhece giri!”

Consciente de que não o iria travar apenas com palavras em defesa do filho, Aiko abeirou-se bruscamente do tatami onde decorria a refeição dos varões e pegou nas tigelas vazias de sopa.

“Vou buscar o peixe.” sem dar tempo ao marido de replicar, deslizou para a cozinha com as duas tigelas encavalitadas nas mãos; urgia trazer outro prato de modo a criar um novo ponto de interesse e assim desviar as atenções do assunto que ela própria suscitara.

vendo-a afastar-se, Iwao voltou-se para o filho.

“Es um medricas, ouviste?”, vociferou. “Onde já se viu um Satake apanhar tarefas de um Miyamoto e deixar-se ficar?”

Em vez de dares troco na hora, o que fazes? Vens a correr choramingar junto ao quimono da mamã! Um queixinhas, portanto! Não conheces giri? É assim que se procede? É assim que planeias honrar os teus antepassados e proteger o nome da família? A fugir do inimigo num pranto e a fazer



queixinhas? Isso até atrai azar à nossa casa e ao nosso nome! Não tens sentido de honra e de dever? Que vergonha! O Japão inteiro vai rir-se à nossa custa! Que raio de de..."

"Já aqui está o peixe!"

"... Satake me saíste tu? E que..." no momento em que a mãe depositou a refeição nas tábuas diante dos tatami, o pai suspendeu o que estava a dizer e ficou a olhar com incredulidade para o seu prato antes de explodir de novo, embora desta vez dirigindo a fúria na direção dela.

"Olha lá, mulher, queres a minha morte?"

Aiko esbugalhou os olhos como se estivesse surpreendida.

"Porquê, meu senhor? O que aconteceu?"

"Já viste como me puseste o peixe?" protestou ele, indicando o seu prato.

"Não te disse já mil vezes que o peixe assim virado é para comer nas cerimónias de seppuku? Que mensagem me queres transmitir? Estás a sugerir que cometa hara-kiri?" os lábios da mulher desenharam um sorriso fraco.

"Ah, rogo perdão pela minha incúria", disse ela. "Tinha-me esquecido." Inclinou-se e virou o prato do marido na direção correta. "Sabe como é, meu senhor, a minha família não tem essas vossas honrosas tradições de samurai e tais pormenores da vossa etiqueta ainda me escapam..."

—

Iwao resmungou algo ininteligível e provou o peixe; o que valia é que estava bom. A chegada do prato principal, a sua textura suculenta e a habilidosa distração provocada pela mulher ao colocar o peixe na posição cerimonial de seppuku, a liturgia do suicídio ritual dos samurais, pareceram desviar e esvaziar a fúria do chefe da família contra o filho. Mas o assunto não fora esquecido; estava apenas a marinar.

Depois das primeiras dentadas no peixe, voltou a encarar Fukui, já não para o repreender, mas para lhe explicar as coisas elementares da vida, pois intuía a confusão no complexo sistema de valores que regia a sociedade em que vivia.

"Sabes o que é o ôw?"

"É a dívida eterna que temos para com os nossos antepassados, os mais velhos e sua majestade imperial."

Iwao emitiu um grunhido aprovador.

"É isso", anuiu. "E giri? Sabes exatamente o que é?"

"E... é a mesma coisa, só que com o nosso bom nome."

"Só com o nome?" percebendo os limites dos seus conhecimentos, o rapaz enrubescou.

"Bem... sim."

"Yare yare\ explodiu o pai. "Chega de ignorância!"

Ajeitou o quimono e dominou a irritação. "Já vi que tens uma ideia do que o giri é, mas apenas uma ideia. Vou explicar-te. O ôn relaciona-se essencialmente com a nossa dívida filial aos nossos pais e ao pai dos pais e patriarca da nação, o nosso imperador, enquanto o giri nos remete para a nossa dívida à sociedade. Assim sendo, o ôn vem do coração e o giri envolve unicamente sacrifício. O giri é por isso o mais difícil de suportar. Ao mesmo tempo é a obrigação mais distintamente japonesa, pois os chineses conhecem o ôn para com os pais e o imperador, mas não conhecem o giri. O giri é uma obrigação que cumprimos com esforço e sem gosto."

"O ôn não pode também ser cumprido sem gosto?"

"Nunca. O ôn vem do coração e é devoção filial. Quando obedeces aos teus pais não o fazes com gosto? Quando obedeces a sua majestade imperial não o fazes com prazer? servir os pais e o imperador é a maior honra que se pode ter e tal honra deve encher-nos de regozijo. Como é possível cumprir os deveres filiais sem sentires no coração o gosto de os cumprir?" o filho baixou a cabeça, envergonhado pela sua pergunta.

"Naruhodo", disse num fio de voz. "Compreendo."

"Já o giri implica esforço e sacrifício. Ao contrário do

ôn, que é eterno e ilimitado, o giri circunscreve-se em geral a uma obrigação limitada no tempo e na dimensão. Ajudamos os nossos pais por ôn, pois fazemo-lo com gosto, mas ajudamos os nossos sogros por giri, mera obrigação social."

Ajoelhada à entrada da sala a acompanhar a conversa entre o marido e o filho, no seu "lugar próprio", Aiko enrubescou ao ver a forma como Iwao se referia aos pais dela mas manteve-se impassível para não dar parte de fraca, e desse modo mostrar que conhecia giri.

"E se não ajudarmos os nossos sogros ou os amigos?", quis saber Fukui. "O que acontece?"

"As pessoas dirão que não conhecemos giri e isso é uma grande vergonha. Que ninguém jamais diga isso de tij meu filho. Cobrir-te-ias a ti e à tua família de desonra. Há dois tipos de giri. Há o giri que já conheces bem, o do nosso próprio nome, que temos de manter livre de qualquer suspeita, e o giri com as pessoas em nosso redor. A dificuldade em pagar a nossa dívida de giri remete-nos para um círculo de giri que nos pode envergonhar, pois por mais enredados que estejamos em giri temos de o pagar. É esse o caminho das pessoas honradas."

"É por isso que o pai e a mãe e as outras pessoas costumam dizer que andam enredados em giri?"

"Assim é, de facto. Tenho o dever de lealdade para com o chefe da minha

esquadra da polícia e de retribuir favores que os meus amigos me fazem, e isso é giri. Mas também tenho a obrigação de me vingar quando mancham o meu nome, e isso é igualmente giri. Se não for leal com o meu chefe nem devolver os gestos gentis que os meus amigos têm comigo, mas também se não me vingar quando perco a face e o meu bom nome é manchado e não mantiver a tranquilidade quando há um cataclismo ou berrar quando alguma coisa me dói, as pessoas dirão que não conheço giri e serei envergonhado perante toda a gente. A reputação é tudo o que temos, percebes? Daí a importância de conhecermos giri. Temos de respeitar e de nos fazer respeitar.

Isso é giri.”

“Não posso chorar quando tenho uma dor?” o pai confirmou, abanando a cabeça.

“Quem conhece giri nunca se queixa”, disse. Indicou Aiko, que permanecia silenciosa. “No dia em que nasceste a tua mãe mal fez um som, apesar de lhe doer muito. Mostrou que conhece giri.” Apontou para o exterior, para lá da janela.

“Quando a terra treme ou há um incêndio, os japoneses mantêm a compostura e não entram em pânico. Isso mostra que conhecem giri. Lá diz o ditado, os pássaros bebés choram quando têm fome mas os samurais palitam os dentes. Isso é giri. Não devemos mostrar as nossas fraquezas.”

“Nunca?”

“Nunca. Alguma vez viste o teu professor dizer que não sabia a resposta a uma pergunta dos alunos?”

“Não.”

“É porque conhece giri. Nenhum professor sabe tudo sobre tudo, como é evidente, mas também não pode reconhecer a sua ignorância pois mostraria fraqueza e assim revelaria que não conhece giri. Seria uma vergonha. Quando um professor não sabe, finge que sabe. Também um homem de negócios não mostra em circunstância alguma que está à beira da falência, sob pena de dar parte de fraco e mostrar que não conhece giri. Todos se ririam dele e perderia o seu giri de bom nome. É melhor fingir que está tudo bem, da mesma maneira que as mulheres não gritam quando dão à luz e os samurais palitam os dentes para esconder a fome. Fingir é mais adequado que mostrar fraqueza.”

“Ah.”

“Isto tem uma importante consequência prática, como deves calcular. Nunca podemos dizer a uma pessoa diretamente que cometeu um erro, percebes? Isso seria pôr em causa o seu giri de bom nome e forçá-la-ia, mesmo que não o quisesse, a vingar-se de nós ou a suicidar-se para recuperar a sua honra e mostrar que conhece giri.” o rapaz considerou o

problema.

"E o que acontece quando uma pessoa se mostra melhor que a outra? A vencida tem de se vingar ou suicidar-se?"

"Pois tem", confirmou Iwao. "É por isso que evitamos ao máximo situações em que as pessoas entrem em competição direta. Já reparaste que na tua escola os resultados dos testes não são afixados para que toda a gente os veja?"

"É para salvaguardar o giri}"

"Claro, caso contrário os alunos com piores notas teriam de se vingar dos melhores, sob pena de mostrarem que não conhecem giri e todos se rirem deles. Os professores limitam-se a dizer a cada aluno o que deve fazer para melhorar e nunca lhe mostram as notas dos colegas, de modo a evitar situações competitivas que ponham em causa o giri dos piores. No ensino primário e secundário ninguém é chumbado para não pôr em causa o seu giri.""

"E nos exames para entrar na universidade?"

"Quando a competição é inevitável, estamos perante um grande problema. Nunca ouviste dizer que muitos alunos se suicidam no Japão depois dos exames? Isso acontece justamente porque foram preteridos e, como ficaram desonrados, têm de cometer seppuku para mostrar que conhecem giri. pelo suicídio recuperam a honra perdida."

Fukui arregalou os olhos, impressionado.

"Quer dizer que terei de cometer seppuku se não conseguir entrar na universidade?"

"Um Satake não conhece o fracasso, mas se ele ocorrer terás de resgatar a honra perdida e cometer seppuku. De qualquer modo, o mais importante é evitar no imediato situações de competição. Temos sempre de arranjar maneiras de impedir que haja perdedores, para que estes não sejam forçados a vingar-se ou a suicidar-se para mostrarem que conhecem giri e recuperarem a honra. Por exemplo, só conheci a tua mãe graças aos serviços de um intermediário e num encontro que fingimos ser acidental."

"Fingiram?"

"Claro. Assim, no caso de um dos lados rejeitar o outro, o giri do rejeitado ficaria salvaguardado. Como formalmente não se tratava de uma reunião para arranjar um casamento mas de um mero encontro fortuito, se não houvesse acordo ambos os lados podiam fingir que não tinham sido rejeitados e assim manteriam intacto o giri de bom nome."

“Isso não foi preciso porque o pai e a mãe acabaram mesmo por casar...”

“Pois, mas esses truques são necessários em todas as circunstâncias. Olha, quando eu era jovem e vivia em Akita tive um amigo que ia visitar raparigas às escondidas e aparecia diante delas de cara tapada com um lenço. Não o fazia para se esconder mas para, no caso de elas o rejeitarem, poder fingir que não estivera ali e assim salvaguardar o seu giri de bom nome.”

Fukui deixou o olhar perder-se no infinito, imaginando o rapaz a aparecer diante de uma rapariga de cara tapada só para poder dizer que não estivera ali caso ela não o quisesse.

“Que bela ideia!” o pai deu uma palmada no tatami e levantou-se, dando a conversa por concluída.

“Tudo isto para te explicar que não podes aceitar que esse miyamoto te bata e desonre”, disse em jeito de conclusão.

“Compreendo que seres três anos mais novo te deixe em desvantagem, mas tens de mostrar que conheces giri, senão todos se rirão de ti e da nossa família. Isso é intolerável.”

“Mas o que posso fazer se ele é muito maior e mais forte que eu?!”

Iwao saíra já da sala, mas a voz veio do corredor com a decisão tomada.

“Amanhã vais começar a aprender kendo.”

—

Fazia frio e chovia, o que transformara as estradas num enorme lamaçal, mas isso não impediu que Artur se apresentasse na vivenda que servia de quartel-general ao CEP, na pequena localidade de Saint-Venant, em plena Flandres francesa. o capitão que o recebeu leu a guia de marcha, assinou-a e, depois de o mandar limpar as botas e pendurar a gabardina, levou-o até um gabinete situado no primeiro andar do edifício.

Bateu à porta, ouviu-se do interior um “entre!” algo irritado, o capitão fez ao recém-chegado sinal de que o aguardasse à porta e penetrou no gabinete. Instantes mais tarde voltou a sair e indicou a Artur que entrasse no mesmo gabinete.

“O coronel Tavares está à sua espera.” o tenente obedeceu e, de boné nas mãos, cruzou a porta, bateu com os calcanhares em sentido e fez

continência.

"Meu coronel, dá licença?" o coronel Tavares estava a ler uma resma de documentos sentado à lareira, evidentemente para beneficiar do calor e da luz das chamas que dançavam na lenha incandescente.

Ergueu a mão esquerda e fez-lhe sinal de que se aproximasse.

"Então os famosos reforços que o Sidónio nos enviou são você?"; quis saber, levantando a cabeça para estudar o recém-chegado. "Qual é a sua especialidade?"

Artur abeirou-se do superior e deteve-se a um metro de distância, hirtos e de olhar perdido no infinito.

"Acabei de tirar Engenharia Militar na Escola de Guerra, meu coronel."

"Um engenheiro, hem? Fala alguma língua estrangeira?"

"Inglês e francês, meu coronel."

"Excelente! Calha mesmo bem, pois estava a precisar de um homem como você."

"Quando vou para as linhas, meu coronel?" o coronel soltou uma gargalhada.

"Caramba! Sente-se assim tão ansioso por morrer?"

"Estou aqui para cumprir o meu dever, meu coronel." o coronel Tavares baixou o olhar de novo para os documentos que tinha pousados no regaço. Leu um deles, pegou numa caneta e tomou notas num pequeno bloco de folhas quadriculadas. Depois leu um segundo documento e tomou mais notas. Por fim apontou para uma escrevaninha instalada no canto do gabinete com uma enorme máquina de escrever por cima.

"As suas trincheiras são aquela mesa", comunicou. "Preciso de alguém que fale francês, para me ajudar nas comunicações com as autoridades locais, e inglês, para os contactos com as forças inglesas, nas quais estamos integrados. O meu ajudante de campo pispou-se de licença para Portugal e inventou uma doença qualquer para não ter de voltar. Como você fala inglês e francês, é perfeito. Irá substituí-lo."

"Mas... mas..."

—

Com o gesto brusco de quem não admite ser questionado, o coronel estendeu-lhe o bloco de notas.

"Dactilografe-me isto imediatamente." os primeiros tempos na zona de guerra do CEP foram muito diferentes de tudo o que Artur havia imaginado. Em vez de bombardeamentos, rajadas de metralhadora, nuvens de gás, mortos e feridos, ruínas fumegantes, raids destemidos de baioneta calada contra as linhas alemãs coroados por atos de bravura e galhardia sem igual e tudo o mais que se poderia esperar de uma frente de batalha, com o seu estendal de glórias e misérias, a única coisa que o tenente acabado de

chegar de Lisboa viu no decurso das suas funções militares foi o papel a correr na máquina de escrever ao ritmo das letras que ia dactilografando com crescente destreza em português, francês e inglês.

“Em referência à nota número vinte e sete emanada deste gabinete”, foi pronunciando Artur à medida que ia batendo no teclado o texto de mais um ofício que o coronel lhe entregara para dactilografar, “lembro a vossa excelência o disposto no ponto quarto da ordem de serviço número um oito seis zero dois, emitida a 2 de setembro último pelo secretariado do quartel-general do CEP, que altera o artigo quinto, alíneas b) e c), da circular número duzentos e vinte e nove, contendo as instruções a que se refere a determinação dos serviços administrativos a propósito dos procedimentos de arquivo a que...”

A porta abriu-se de repente e um rosto magro, embora estranhamente familiar, espreitou para o interior do gabinete.

“Ó Artur, vai um chazinho?” o tenente parou de dactilografar o ofício e encarou o visitante com ar espantado.

“Garrão?”

o amigo entrou no gabinete com um sorriso, mas Artur mal conseguia ocultar o choque. Garrão, o Porthos das Beiras, vinha magro e sujo, quase irreconhecível, o rosto chupado e as botas enlameadas. Já não era Porthos; tornara-se Aramis.

“O que estás aqui a fazer, grande traste?”, perguntou o velho amigo da Escola de Guerra ao abraçá-lo. “Então agora deste em cachapim?”

“Queixa pim? O que é isso?”

“Cachapim, palerma! São os janotas amaricados que fazem a guerra na Grande Canja!”

Artur esboçou uma careta, sem perceber.

“Na quê?”

Garrão riu-se.

“Já vi que estás longe do que aqui se passa”, constatou. Fez um gesto a indicar o espaço em redor. “Isto tudo, o quartel general do CEP, é chamado a Grande Canja pela malta das trinchas, percebes? Fazer aqui a guerra é canja, daí a alcinha.

E os cachapins são todos os burocratas e amanuenses que combatem corajosamente atrás de máquinas de escrever na retaguarda em vez de se meterem na lama das trinchas para enfrentar os boches.” Colou o dedo indicador à ponta do nariz do amigo. “E tu... e tu és um cachapim, meu grande camelo! Não tens vergonha?”

Artur abriu os braços num gesto de impotência.

“O que queres que faça? Os militares portugueses são na sua essência, e sempre serão, uns amanuenses e conseguiram a proeza de transformar a

guerra num inferno de burocracia. olha para mim. O coronel Tavares nomeou-me ajudante de campo e agora não me deixa sair daqui.”

“Qual coronel Tavares?”

“Estou às ordens do oficial que faz a ligação entre o general Tamagnini e o general Gomes da Costa”, explicou o tenente. “Já lhe pedi várias vezes que me deixe ir para a frente de combate, mas ele nem quer ouvir falar nisso.”

“Além de seres cachapim, és parvo”, observou Garrão.

“Para que queres tu ir para as trinchas? Aquilo é que é o verdadeiro inferno. Se fosse a ti agradecia aos céus seres poupado ao matadouro.”

“Sim, mas eu não vim aqui para combater atrás de uma máquina de escrever, como deves calcular...” o amigo desviou a atenção para a lareira que crepitava no centro do gabinete e esfregou o queixo, como se congeminasse um plano.

“Olha lá, porque não convences o teu coronel a trocar-te por mim?”, sugeriu. “Tu ias para as trinchas e eu vinha para aqui. Confesso que a vida de cachapim me convinha. Sabes, a dieta das trinchas, a lama e os boches estão a dar cabo deste teu pobre amigo.” Fez um gesto a indicar o seu corpo.

“Ó pra mim. Eu, que era moço saudável e bem nutrido, transformei-me num trinca-espigas! Se a minha mãezinha me visse, coitadinha, dava-lhe um chilique.” Voltou a olhar em redor. “Diz-se que, em vez do maldito corno bife com que...”

“Corned beef.”

“Como queiras. Diz-se que, em vez dessa porcaria com que nos matam à fome nas trinchas, vossas senhorias se enfartam aqui com borrego e bacalhau e tintol do melhor. Consta que até têm pão fresco. Isso é mesmo verdade?”

“É verdade, sim.”

A resposta foi dada num fio de voz envergonhado. Garrão passou a língua pelos lábios e respirou fundo.

“Achas que o teu coronel ia na conversa de nos trocar? tu nas trinchas e eu aqui?”

—

Artur deixou cair os ombros, derrotado. Apesar de invejada por todos, a guerra na Grande Canja era demasiado

embaraçosa para quem alimentava sonhos de glória, mas não via forma de contornar a situação.

“Não me parece”, murmurou com desalento. “Eu próprio já lhe sugeri que fosse buscar às primeiras linhas alguém que desempenhasse estas funções, mas ele nem me deixa falar nisso. Precisa de mim por causa do inglês e do



francês. Além disso, diz que não quer aqui ninguém que tenha andado a dizer mal do pessoal que trabalha no quartel-general. Como pelos vistos toda a gente nas trincheiras passa o tempo a amaldiçoar o pessoal da retaguarda, isso põe-te a ti, e a uma catrefada de outros oficiais e praças, fora do baralho para desempenhar estas funções.”

A resposta deixou Garrão desanimado. Virou as costas e arrastou-se, cabisbaixo, para a porta. Antes de sair voltou a cabeça uma última vez para o amigo.

“Sabes o que te digo?”, atirou num fôlego. “Badamerda!” o nevoeiro abraçava a planície, projetando sobre a Flandres uma luz de cobre fantasmagórica que arrancou a Artur um suspiro a pingar melancolia. O dia nascera calmo e da janela não se ouvia o rumor cavado da artilharia que por vezes rugia à distância, mas nem isso atenuava a sensação de estar a perder uma grande oportunidade. Chegara à zona de guerra havia já três meses e do conflito apenas escutara aquela trovoada longínqua. Que diriam dele os camaradas?

Frequentara a Escola de Guerra durante cinco anos, estudara Engenharia Militar com afinco e disparara a sua Mauser Vergueiro em exercícios de tiro semanais para andar agora a combater atrás de uma máquina de escrever? que vergonha! respirou fundo uma segunda vez, esforçando-se por se resignar à sua sorte. O facto é que não estava na Grande

—

Canja porque o desejava, longe disso, mas porque a tal era obrigado. Essa era a verdade e era nela que encontrava consolo. Mas... algum dos seus camaradas da Escola de Guerra acreditaria que o haviam posto ali contra a sua vontade?

Como convencê-los de tal coisa?

Com o gesto mecânico dos conformados, meteu duas folhas separadas por papel químico na máquina de escrever, rodou-as até ficarem em posição e olhou para o rascunho da circular quarenta e três barra dezoito que o coronel Tavares lhe havia entregue na véspera para dactilografar. Pousou os dedos no teclado e disparou o título do texto.

Circular 43/18.

Depois escreveu o local e a data. Saint-Venant, 15 de março de 1918. Quando ia atacar o corpo do texto, porém, suspendeu os dedos porque ouviu um burburinho no exterior e voltou os olhos para a entrada do gabinete, tentando perceber o que se passava. A porta abriu-se bruscamente e viu o coronel Tavares fitá-lo.

“Ó Teixeira, não era você que queria conhecer as trinchas?”, atirou. “Pois

então pegue no equipamento e venha daí. Os senhores comandantes vão fazer uma inspeção às linhas e o ajudante de campo do general Tamagnini está de baixa. Preciso de si para o substituir.”

Após uma hesitação inicial, provocada pela surpresa, Artur saltou do lugar, respondeu um atabalhoado “é para já, meu coronel!”, e pegou na máscara antigás e na Lee Enfield que mantinha guardadas no armário. Constatou que estavam ambas impecavelmente limpas, o que era embaraçoso, mas esperava tê-las cobertas de lama no final do dia. Vestiu o sobretudo, pois fazia frio, desceu ao rés do chão e saiu a correr do quartel-general no encalço do coronel. Diante da moradia deparou-se com um punhado de homens montados e alguns cavalos sem cavaleiro. O jovem tenente saltou para a montada que lhe foi entregue, uma bela égua malhada que pertencia ao ajudante de campo do general, e aguardou as ordens de partida. minutos depois saíram do quartel general dois oficiais veteranos com uma bengala nas mãos, ambos à conversa, e que Artur reconheceu de imediato. Um era o general Tamagnini de Abreu, comandante do CEP, e o outro era o general Gomes da Costa, comandante da Primeira Divisão. Os dois generais, que apareceram de gabardina, pistolas à cintura, calças de cavaleiro e botas altas, montaram os seus cavalos.

A montada do comandante do CEP rodou, aparentemente incapaz de ficar quieta, e o general fez com a mão enluvada sinal para a estrada.

“Vamos!”

Depois de os cavaleiros atravessarem o canal de La Lawe e passarem por Lacouture, apearam-se em Richebourg, por onde cruzava a chamada linha das aldeias. Meteram em fila indiana por caminhos enlameados, numa paisagem de ruínas e absoluta desolação, com os dois generais a seguirem um batedor e o resto da comitiva atrás. No meio da lama apareceu por fim um caminho de tábuas que desceu para o que parecia uma longa fossa escavada na terra.

“Chegámos às linhas”, anunciou o coronel Tavares a Artur, consciente de que para o seu ajudante de campo tudo aquilo constituía novidade. “Estamos em Neuve Chapelle e esta é a linha C.” Apontou para a borda do parapeito.

“Atenção, mantenha a cabeça abaixo do parapeito, ouviu?”

Caso contrário, os snipers boches apanham-no,” o ar parecia ter-se tornado denso, quase místico, e Artur redobrou de atenção. Um silêncio sepulcral abatera-se sobre as trincheiras; nem pássaros se ouviam, o que parecia pouco natural e conferia uma atmosfera de irrealidade ao local.

Apenas se escutavam as botas dos oficiais a baterem sobre o estrado de madeira que servia de piso e o arfar pesado da respiração dos homens.

“Meu coronel, julgava que isto era mais barulhento...” o coronel Tavares esboçou um sorriso sem humor.

"Tem dias." o grupo percorreu a linha C até chegar ao que parecia um buraco escavado na terra. Havia dois homens a proteger a entrada do buraco e ambos se puseram em sentido e fizeram continência quando viram os generais Tamagnini e Gomes da Costa encaminharem-se para o local. Os dois soldados tinham os casacos rotos, a farda enlameada até ao peito e a barba por fazer; dir-se-iam mendigos. O comandante do CEP imobilizou-se diante do buraco e estudou-os antes de quebrar o mutismo.

"É aqui o posto do comandante do batalhão?"

"Sim, meu general."

"Chame lá o comandante."

A sentinela que respondera mergulhou de imediato no posto. Segundos mais tarde emergiu do buraco um oficial.

"Capitão Brun, comandante do batalhão de infantaria 24", apresentou-se o oficial, fazendo continência. "Às suas ordens, meu general." o general Tamagnini indicou com a bengala as trincheiras que conduziam ao posto de comando de Neuve Chapelle.

"Vim aqui fazer uma inspeção de surpresa", explicou.

Apontou a bengala às sentinelas. "Pelo ar desconchavado dos seus homens, não se pode dizer que saia daqui animado." sempre com a bengala, indicou um ponto longínquo. "Até vi fezes junto às tábuas. Que imundice vem a ser esta, capitão?

os senhores não usam as latrinas?" Voltou a bengala para o parapeito de apoio. "Além do mais, estes sacos de terra não estão devidamente assentes. Se cair aqui uma granada, isto desaba tudo."

"Sim, meu general."

"Tem alguma explicação para este lamentável estado de coisas?" o capitão Brun mantinha-se em sentido e com o braço dobrado em continência.

"Dá licença que fale à vontade, meu general?"

"Com certeza." o comandante do batalhão encarregado naquele momento da defesa das linhas em Neuve Chapelle baixou o braço, embora mantendo a postura tensa.

"Os nossos homens já estão nas trincheiras há sete meses, meu general. Como sabe, o máximo que os ingleses, os franceses e os boches ficam nas linhas são três meses. Mais do que isso é insuportável."

"Sei disso muito bem. E então?"

"O moral dos homens está em baixo, meu general. Estamos há demasiado tempo nas linhas e alguns oficiais já desertaram, o que é um péssimo exemplo para quem cá fica. Além disso, de Lisboa não há meio de chegarem reforços e os homens dizem que pelos vistos quem declarou guerra à Alemanha não foi Portugal, mas o CEP. Receio que o limite de

resistência psicológica tenha já sido cruzado. Ninguém aguenta ficar tanto tempo nas trincheiras sem descansar durante um longo período em casa, como fazem os ingleses, os franceses e os boches. nestas condições, meu general, não se consegue controlar o desleixo e até a indisciplina. Tivemos já alguns casos de...”

“Chega, capitão!”, cortou o comandante do CEP, levantando a voz. “Pare lá com as lamúrias e as queixinhas e mais não sei quê! Conheço muito bem os problemas que nos afetam e, acredite, estamos a tentar encontrar uma solução. Mas enquanto estivermos encarregados destas linhas temos de manter o aprumo, compreendeu? Se há desleixo nas linhas entregues à responsabilidade do seu batalhão de infantaria, sabe de quem é a culpa? É sua. Fiz-me entender?”

“Sim, meu general.”

Com um grunhido irritado, o general Tamagnini virou intempestivamente as costas e deixou o capitão Brun para trás. Pôs-se a caminhar ao longo da linha C sempre apoiado na sua bengala e a arrastar atrás a comitiva que o acompanhava desde Saint-Venant. Antes de se afastar, porém, voltou-se uma última vez para o responsável pela defesa daquelas trincheiras.

“Vamos inspecionar todas as falhas do seu sector.”

A vontade de dar um salto até à linha A, que todos conheciam como linha da frente, mordida o espírito de Artur, mas conteve-se. A sua função era acompanhar o coronel Tavares e só poderia entrar na primeira linha se a comitiva ali fosse.

Com os dois generais à cabeça e o ajudante de campo do general Gomes da Costa a tomar notas das observações que eles iam fazendo verbalmente enquanto apontavam as bengalas para aqui e para ali, o grupo esquadrinhou a linha C e avançou para a linha B. A esperança do tenente de visitar a linha A aumentou, mas foi desfeita pelo coronel Tavares.

“Nem pensar em ir à linha da frente”, esclareceu em tom perentório. “A inspeção ficar-se-á pela B e pela C. Os altos oficiais devem, na medida do possível, evitar que...” o coronel não completou a frase porque nesse instante ouviram-se zumbidos crescer no ar e os elementos da comitiva ficaram por momentos paralisados.

—

“Granadas!”, gritou o general Gomes da Costa, o primeiro a reagir. “Aos abrigos!” sucederam-se detonações em cadeia, vibrantes e ensurdecedoras, e alguns pedaços de terra e lama atingiram vários elementos do grupo, incluindo Artur. Os homens que percorriam a linha B atiraram-se sobre o estrado que servia de piso, buscando a proteção das trincheiras. O ar reverberava com as explosões contínuas, parecia que de um momento para

o outro o inferno desabara sobre Neuve Chapelle, e por entre todos aqueles estrondos um homem localizou um abrigo escavado na base de um parapeito de apoio e a comitiva mergulhou nele, as fardas enlameadas e os olhares esgazeados pela loucura do medo. quando se habituaram à escuridão aperceberam-se de que já havia alguns soldados escondidos dentro do abrigo, pelo que todos se acotovelaram e acomodaram o melhor que puderam. As paredes tremiam a cada impacto e os pedaços de lama tombavam do teto do bunker subterrâneo, provocando receios de que as paredes desabassem sobre os ocupantes. Artur ainda se arrastou para a porta, preferia a morte pelas explosões à morte por asfixia entre a lama, mas quando espreitou para o exterior constatou que a violência das detonações em catadupa era tal que lhe pareceu de facto preferível arriscar a permanência no abrigo.

“Que bicho terá picado os boches?”, questionou o general tamagnini de Abreu, forçando um semblante despreocupado.

“Já viram isto? Puseram-se a bombardear sem mais nem menos.”

“Já os vi fazerem isto antes”, respondeu o general Gomes da Costa.

“Costuma ser um bombardeamento preparatório.”

“Preparatório de quê?”

“De um assalto às nossas linhas.”

—

A resposta do comandante da Primeira Divisão deixou o general Tamagnini incomodado. O comandante do CEP olhou para os soldados que haviam encontrado dentro do abrigo; eram praças milicianos, de olhar cansado e horri-

zado, encolhidos contra as paredes enlameadas como ratos apanhados numa armadilha. Três deles rezavam em silêncio.

“São comuns estes bombardeamentos por aqui?”, perguntou-lhes.

“É como o nosso general disse, meu general”, confirmou um dos soldados num fio de voz amedrontado. “Quando isto acontece, é certo e sabido que os boches vão a seguir lançar um raide.” os elementos da comitiva de inspeção, evidentemente cachapins menos habituados à ação nas trincheiras, perceberam que isso significava que depois do bombardeamento teriam de lutar pela vida e puseram-se de imediato a verificar as armas e as munições. Artur constatou que o cano da sua Lee Enfield havia sido parcialmente obstruído pela lama durante a entrada atabalhoada no abrigo, pelo que o limpou. A seguir, e a exemplo do que faziam os camaradas, encaixou a baioneta na ponta da espingarda. Não foi tão rápido como desejaria. As mãos e as pernas tremiam-lhe e a angústia apertava-lhe o estômago até doer, mas naquelas circunstâncias a rapidez não lhe parecia o

mais importante.

Era então aquilo o medo da morte? Tanto desejava entrar em combate e ali estava ele, enfiado num buraco escuro e lamacento, com as granadas a choverem sobre as trincheiras e na espera angustiante de que o inimigo lançasse o assalto. Não havia dúvida, de futuro teria de ter cuidado com o que desejava. Isto se houvesse futuro, claro.

“A terra de ninguém no nosso sector é das mais estreitas de toda a linha da frente aliada”, observou o general Gomes da Costa. Virou-se para um dos homens que haviam encontrado abrigados no buraco. “A que distância está nesta zona a primeira linha alemã da nossa?”

“São apenas uns oitenta metros, meu general”, foi a resposta. “Nós e os boches chegamos a falar uns com os outros. É tão perto que às vezes até lançamos para lá latas de corno bife e eles atiram-nos latas de salsichas e caixas de charutos.”

“Porra!”, praguejou o comandante da Primeira Divisão.

“Oitenta metros percorrem-se em... em quinze segundos, não mais. Isso significa que os boches se põem aqui num abrir e fechar de olhos.” os homens encolheram-se nos seus lugares, assustados e esmagados pelo pensamento de que a todo o instante veriam o inimigo carregar sobre eles para os matar.

Nesse dia de sol, Fukui abalou da escola sem olhar para trás; ia com fome e queria chegar o mais depressa possível a casa para comer antes de seguir para a lição de kendo. Não se podia dizer que o assédio de Miyamoto Sawa se tivesse tornado constante desde que começara, três anos antes, mas pelo menos uma vez por semana o rapaz mais velho seguia-o e acossava-o, não tanto com agressões, dado que nas duas circunstâncias em que elas ocorreram os transeuntes acabaram por intervir a favor do mais pequeno, mas com insultos humilhantes e provocações verbais que se prolongavam por boa parte do caminho e punham em causa o seu giri.

A meio do percurso que nesse dia iniciou rumo a casa,

Fukui sentiu uma presença atrás dele e percebeu logo do que se tratava. Como seria de esperar, era Sawa que o seguia.

—

“Então, Osorochi «?» atirou o filho dos Miyamoto, sempre provocador.

“Continuas choramingão?”

Desde o primeiro episódio em que agredira Fukui, Sawa passara a dirigir-se ao pequeno Satake como Osorochi-san, uma paródia relacionada com uma canção muito popular nesses dias sobre um menino mimado a quem todos chamavam osorochi, ou medroso.

“Não sou Osorochi-sam«.”

A resposta deu o pretexto a Sawa para se pôr a entoar a canção, usando um tom irritante destinado a humilhar a sua vítima. Osorochi-san na nossa casa, só dá chatice, só dá chatice.

Está sempre a chorar e a chorar,  
Buá-buá, buá-buá!

Com pressa de chegar a casa e com a fome a apertar, e por isso sem paciência para aturar provocações daquelas, Fukui lançou um olhar ressentido para trás.

“Porque não vais estudar em vez de andares aqui armado em cretino, idiota-san?” nunca o pequeno Satake se atrevera a ir tão longe na réplica ao inimigo, coisa que não passou despercebida a Sawa. quase automaticamente, o agressor fez as contas. Decorria o sétimo ano de Taisho, ou 1918 no calendário gaijin, e Fukui tinha já oito anos. Ter-se-ia aquele miserável inseto esquecido dos corretivos que lhe haviam sido ministrados dois anos antes? Se assim era, decidiu Sawa ao ponderar a insolência da resposta, chegara a hora de lhe lembrar qual o seu lugar na hierarquia de Tsuchiura. Os Miyamoto esperavam a submissão dos Satake, não respostas insolentes como a que acabava de escutar; se não atuasse de pronto, o seu giri de bom nome ficaria manchado.

—

“O que me chamaste, Osorochi-s-#«?” passavam nessa altura junto a uma cerca parcialmente desmontada, com alguns paus de bambu espalhados pelo chão, logo a seguir à ponte Asahi. Com o coração a ribombar pela temeridade do que estava a fazer, mas farto já do interminável assédio a que periodicamente se sujeitara ao longo dos últimos dois anos, Fukui girou sobre os calcanhares e, decidido a traçar uma linha para lá da qual não autorizaria que um Miyamoto ou qualquer outra pessoa passasse, enfrentou Sawa.

“Chamei-te cretino e idiota porque é isso que és”, devolveu em tom de desafio. “Idiota-san.” o seu inimigo pestanejou, ainda estupefacto com a audácia persistente do pequenote.

“Como te atreves a chamar-me isso?”, explodiu, dando um passo em frente e empurrando Fukui com violência. “Retira o que disseste, seu miserável, ou... ou...”

“Ou o quê?”

A impertinência daquele Satake minúsculo ultrapassava os limites, sentiu um ultrajado Sawa, já a bufar de fúria. tornara-se claro que seria preciso aplicar-lhe um corretivo que jamais viesse a esquecer. Quem pensava aquela minhoca que era? Ninguém lhe chamava idiota e se ficava a rir, muito menos um Satake imundo!

Como um touro enraivecido, Sawa atirou-se sobre Fukui com um kiai, o grito ofensivo que aprendera no karaté, o caminho da mão vazia.

“Yaaah!”

pressentindo o ataque, e sabendo que tinha de aproveitar em seu benefício a cólera do inimigo, Fukui desviou-se e, baixando-se com agilidade, apanhou do chão um dos paus de bambu que se desprenderam da cerca e girou-o entre as mãos.

—

“O-rae«/”, gritou, repetindo a frase que aprendera no kendo e que na cultura espadachim do Ocidente, segundo lhe revelaram, se traduzia por en garde.

“Protege a cara, idiota-sam«/”

Com um movimento súbito, projetou o pau pelo ar e quase atingiu a cabeça de Sawa, que só por pouco conseguiu desviar-se a tempo. Percebendo que o seu inimigo já não era tão inofensivo como até ali pensara, Sawa recuou dois passos para reavaliar a situação. A sua arte marcial era o karaté, que aprendera durante umas férias em Okinawa, e pelos vistos tinha de lidar com um garoto cuja arte era o kendo e que estava armado com um shinai improvisado, a arma de bambu que os lutadores da arte das espadas usavam nos seus exercícios. Bem que o pai o avisara que os Satake eram peritos no kendo, e em particular na sua forma primitiva de combate com espadas, o kenjutsu. Como poderia derrotá-lo? talvez com um ataque frontal, pensou. Avançando dois passos rápidos e determinados, virou-se de lado e desferiu com a perna direita um yoko geri destinado à cabeça do inimigo.

“Yaaah!”

Apesar do movimento agressivo e do kiai, o grito que paralisa, lançado pelo adversário, Fukui não se deixou intimidar.

Desviou-se do pontapé com dois passos rápidos para trás e, logo que o ímpeto do ataque inimigo se esgotou, soltou um grito de contra-ataque.

“Do/”, berrou, usando outra expressão que aprendera nas aulas de kendo.

“Para o dorso!”

Desta feita Sawa não se conseguiu esquivar e o shinai improvisado fustigou-o implacavelmente na região lombar, arrancando-lhe um gemido de dor. O agressor recuou para reavaliar a situação; o problema era mais sério do que pensara, percebeu. Embora fosse três anos mais velho e soubesse karaté, o facto é que o kendo era uma arte marcial que usava armas. Ora o karaté, que se executava com as mãos e pés nus, estava em clara desvantagem perante uma disciplina que recorria a armas. E não eram armas quaisquer, sabia Sawa. é certo que nessa altura o seu inimigo manejava apenas um pau de bambu, mas no dia seguinte seria uma



wakizashi, uma verdadeira espada de samurai. Como poderiam as suas mãos nuas fazer frente a uma lâmina afiada como a wakizashi ou até a tanto? Um kendoka, mesmo sendo um miúdo como aquele que enfrentava nesse instante, teria sempre vantagem; ou, para reformular a ideia, o pai de bambu que Fukui tinha nas mãos e a destreza com que o manjava neutralizava a desvantagem dos três anos de diferença. Sendo certo que o seu inimigo teria dificuldade em atacá-lo, também era verdade que não conseguiria entrar facilmente nas defesas do rapaz mais pequeno. E se um dia destes em vez de um shinai ele aparecesse com uma lâmina verdadeira, como poderia travá-lo? por uma questão de teimosia, e também porque precisava de mostrar que conhecia giri, Sawa lançou mais dois ataques não muito determinados, embora no segundo tenha tentado um kin geri que atingisse o inimigo nos testículos, mas, e tal como previra, ambas as tentativas falharam e uma delas resultou até numa dolorosa pancada do shinai no seu braço, pelo que o assalto acabou tão depressa como começara.

Antes de se virar e ir-se embora, no entanto, Sawa ergueu o punho e deixou a ameaça.

“Elás de pagá-las!” o último ano de aulas de kendo havia enfim produzido os seus frutos e a primeira coisa que Fukui fez quando chegou a casa foi contar ao pai o que sucedera. Ao ouvir a novidade, Iwao dirigiu-se ao armário da sala e tirou a garrafa de junmai daijinho-shu que lá guardava. Tratava-se de uma variedade especial de saké que reservara exclusivamente para celebrar as ocasiões mais importantes. E que ocasião poderia ser mais importante do que aquela? O seu rapaz mostrara que conhecia giri e mantivera honrado o nome dos Satake!

Encheu um copo até à borda e ergueu-o em direção ao filho.

“Parabéns, Fukui”, brindou, orgulhoso. “A alma de samurai dos teus antepassados vive afinal em ti.” Engoliu o saké de uma só assentada e, de olhos a brilhar, voltou a encarar o rapaz. “Há alguma coisa que queiras para comemorar esta ocasião inesquecível?”

A pergunta levou Fukui a morder o lábio inferior. Atrever-se-ia a pedir aquilo que realmente desejava? Talvez fosse demasiada audácia, no fim de contas se o pai nunca lhe contara era porque teria boas razões para tal. Mas, que raio, apesar dos seus oito anos já não se sentia nenhum bebé, até porque todos já haviam notado que ele estava à frente dos miúdos da sua idade. Além do mais, passara os últimos tempos a ser atormentado por um Miyamoto e isso, parecia-lhe, dava-lhe o direito de saber mais do que até então lhe fora dito.

“Na verdade o que eu mais queria, pai, era perceber por que razão os Satake se dão tão mal com os Miyamoto”, acabou por dizer. “Afinal o que

aconteceu assim de tão grave?”

Iwao pousou o copo de saké na mesa e devolveu a garrafa de junmai daijinho-shu ao armário de onde a retirara. A seguir voltou-se para o filho e afinou a voz antes de responder.

“É uma velha história, Fukui. Para que queres saber?” o menino encolheu os ombros, os olhos fixados no copo vazio.

“Porque quero.” o pai respirou fundo.

“Suponho que tenha chegado a hora de te contar o que aconteceu”, reconheceu. “É, aliás, muito simples e de certo modo idiota.” Fez um gesto vago a indicar a janela. “Tsuchiura encontra-se na província de Hitachi, como já deves ter ouvido dizer. Ora não se trata de uma província qualquer. Hitachi ocupou um papel central nos primeiros mil anos da história do Japão, uma vez que controla o acesso a Tóquio por leste. Nos períodos de Nara e de Heyan, a província ganhou a reputação de albergar os melhores e mais ferozes samurais do país. Entre eles destacam-se os nossos antepassados, os Satake de Tsuchiura. Estás a seguir a minha história?”

“Hai.”

“Acontece que quando os gaijin chegaram ao Japão se aliaram à família Tokugawa, formando uma força temível e que se veio a revelar irresistível.”

“Quais gaijin? Os americanos?”

“Não. Os dePortugal.”

Fukui fez uma careta; embora fosse precoce para a sua idade, nunca tinha ouvido falar em tal país. Para ele, gaijin era sinónimo de gente oriunda da América, de Inglaterra ou da Holanda. Para além dos chineses e dos coreanos, nunca ouvira falar noutros estrangeiros. Ou teria? Em bom rigor, e agora que pensava nisso, o professor Haruja havia de facto mencionado os porutogarujin na sua primeira aula. Fora há muito tempo, claro, e na altura nem percebera bem a referência, era ainda demasiado pequeno para entender essas coisas.

“Quem são esses gaijin?”

“Os dePortugal?” O pai hesitou. “Bem... não sei o que te diga. Apenas sei que vieram dePortugal, um país na Europa.”

“Eram mais fortes do que nós?” outra pergunta inconveniente, embora esta por razões diferentes.

“Quer dizer, os portugueses tinham armas muito melhores, isso é certo. Contavam sobretudo com espingardas e canhões.

Além disso revelaram-se particularmente engenhosos. Foram eles que construíram a cidade onde a tua mãe nasceu, não sei se sabes. A influência deles foi tanta que muitas das palavras que usamos no dia a dia são na verdade portuguesas.” Apontou para o copo vazio sobre a mesa. “Koppu, por exemplo. ou arigato, que alguns dizem vir do obrigado português, embora

isso não seja certo. Até coisas que comemos hoje foram trazidas por eles, como a tempura.”

Fukui arqueou as sobrancelhas.

“A sério? Quando a mãe faz tempura-soba para o jantar estou a comer comida dos porutogarujin?”

“Parece que sim.”

---

Divertido com a reação do filho, Iwao sentou-se de cócoras sobre o tatami e Fukui imitou-o.

“Mas o maior impacto da chegada dos porutogarujin foi político e militar. À custa dessa gente, os Tokugawa ganharam muita força e derrotaram as outras famílias de senhores feudais, proclamando assim o xogunato em todo o Japão.

A capital imperial continuou a ser Quioto, mas a verdadeira capital do país passou a ser a cidade onde o xogum Tokugawa Ieyasu se instalou. Sabes qual?”

“Não foi em Tóquio?”

“Sim, mas na altura chamava-se Edo. Os Tokugawa puseram-se então a expulsar de Edo e das províncias vizinhas todos os senhores da guerra que se lhes opunham, de forma a neutralizarem potenciais ameaças ao seu poder. Era o caso dos nossos antepassados. Como os Satake se haviam oposto aos tokugawa, o xogum escorraçou-nos de Tsuchiura e forçou o nosso exílio em Akita, na ponta norte aqui da ilha de Fionshu.”

---

“O pai nasceu em Akita?”

“Hai”, confirmou Iwao. “Mas, tal como o meu pai e o meu avô e todos antes deles, sempre acalentei o sonho de me vingar para mostrar que conhecemos giri e regressar às origens. As raízes históricas da nossa família estão em Tsuchiura, como te disse, pelo que, logo que nasceste, e uma vez que o feudalismo e o xogunato dos Tokugawa acabaram e já somos livres de irmos para onde quisermos, decidi que iríamos viver aqui.”

“E os Miyamoto?”

“Os Miyamoto eram os aliados dos Tokugawa. Quando a nossa família foi expulsa de Tsuchiura, o xogum trouxe para aqui os Miyamoto, um clã tão próximo dos Tokugawa que até tinha um lugar hereditário no conselho do xogunato, vê lá tu. Nasceu assim o ódio entre a nossa família por um lado e os Tokugawa e os Miyamoto por outro. Como deves calcular, não gostamos de ver esses usurpadores, os Miyamoto, na terra que afinal é

nossa. E eles, claro, não ficam nada satisfeitos por me ver a viver aqui em Tsuchiura porque percebem que vim para reclamar o que historicamente nos pertence. E o que alguns deles mais receiam é que atrás de nós venham outros Satake e que todos nos vinguemos deles para limpar o nosso nome. Foi por isso que esse miúdo andou este tempo todo a importunar-te, percebes? O pai é que o mandou. Queria mostrar que os Satake não conhecem giri.

E também é por isso que vários Miyamoto me infernizam a vida sempre que podem." o olhar de Fukui incendiou-se de alarme; havia detalhes que lhe escapavam na narrativa do pai, era apesar de tudo demasiado novo para compreender certos conceitos, mas esta parte entendera muito bem.

"Eles... eles andam a incomodá-lo?" o pai esboçou um trejeito de aparente indiferença; ou estava realmente despreocupado, ou tentava não preocupar o filho.

"Deixa-os estar, posso bem com essa gente", disse num tom sobranceiro.

"Por uma questão de giri, não mostrarei fraqueza." Mudou de posição, como se quisesse assim mostrar o seu desejo de deixar aquele assunto. "Sabes, quando te perguntei há pouco o que querias, não era para te oferecer palavras ou contar velhas histórias que já não interessam a ninguém. Gostaria antes de te oferecer alguma coisa que permitisse celebrar condignamente esta tua vitória sobre um miyamoto. Não haverá nada que queiras?" o filho baixou os olhos.

"Não. Não há nada, obrigado."

"Vamos, rapaz!", insistiu Iwao, expansivo. "A hora não é de modéstias! Venceste o teu primeiro Miyamoto, mostraste que conheces giri e mereces um prémio. Diz o que gostarias de ter, não te acanhes!"

Fukui hesitou. Atrever-se-ia?

"Há uma coisa que apreciaria", disse numa voz miudinha, quase inaudível. "Uma wakizashi."

A resposta do pai foi uma gargalhada.

"Caramba, não fazes a coisa por menos!" Franziu o sobrolho. "Não achas que és um bocadinho novo de mais para ter uma verdadeira espada de samurai? Ainda por cima não a podes usar em público, é ilegal. Não te chega a... a..." suspendeu a frase no seu início, apercebendo-se a tempo de que estava prestes a pronunciar uma palavra que começava por shi, a sílaba azarada por também significar morte. "Não te chega a espada de madeira?"; acabou por perguntar, evitando com sucesso mencionar a palavra shinai da mesma maneira que antes evitara a palavra wakizashi, esta com a sílaba maldita no final. "Além de bateres, já queres matar?"

o filho voltou a encolher-se; tinha ido demasiado longe. sugerira a wakizashi não porque quisesse matar alguém ou porque tivesse amor às

espadas, na verdade não tinha, mas porque sabia que, se andasse armado com uma lâmina daquelas, Sawa nem se atreveria a voltar a olhar para ele, quanto mais a insultá-lo ou agredi-lo. Uma wakizashi significaria o fim definitivo dos seus problemas.

“Hai.”

Iwao ficou a contemplá-lo por um longo momento, como se ponderasse ainda o pedido. De repente bateu com ambas as palmas das mãos no tatami, a decisão tomada.

“Não te oferecerei uma espada genuína”, disse. “Mas vou comprar-te um bogu a sério.”

Em bom rigor, uma armadura de kendoka não era exatamente o que Fukui mais desejava. Aprendera kendo por imposição do pai, e os acontecimentos desse dia haviam aliás provado que fora uma boa aposta, mas no seu âmagô não existia nenhum samurai. Interessavam-lhe outras coisas na vida, sobretudo os livros e o fascinante mundo exterior, não as artes de guerra. Porém, aceitou a oferta pelo seu espírito e abriu o rosto no maior, e talvez também menos sincero, sorriso de que foi capaz.

“Que bom.”

—

Desde o primeiro episódio com Sawa, anos antes, a vida de Fukui havia levado uma reviravolta. Determinado a fazer do filho um homem com espírito de samurai, Iwao prescrevera-lhe um regime espartano. Para começar, impôs-lhe que só andasse com socos de madeira, os geta, com correias que passavam entre os dedos, e proibiu-lhe o uso de meias, mesmo as tradicionais tabi. Por causa disso, sempre que o rapaz saía à rua no inverno acabava por mergulhar os pés

quase nus na neve e passou a sofrer de frieras e a ter terríveis queimaduras provocadas pelo gelo. nessas alturas foi a mãe que lhe valeu, dando-lhe banhos quentes aos pés e besuntando-os com cremes especiais que ela própria confeccionava. Aiko sentia-se tão consternada com o sofrimento do filho que juntou toda a sua coragem e intercedeu junto do marido no sentido de levantar a proibição ao uso das meias.

“Isto é necessário para fazer dele um homem forte”, argumentou Iwao com um gesto displicente. “Um verdadeiro samurai enfrenta as contrariedades com um sorriso! É desse modo que mostra conhecer giri.” para consolidar as suas exigências, o chefe da família também fazia questão de calçar geta de madeira sem tabi, o que retirava argumentos à mulher; assim ninguém o poderia acusar de não praticar o que exigia ao filho. Além do mais, e como era normal entre os japoneses, inculcou no rapaz as mais elaboradas regras da etiqueta nipónica.

"No Japão o menor dos gestos exprime um código, pelo que tudo tem de ser visto e ensinado em pormenor", explicou o pai. "Tens de aprender a discernir o honne, o que sentes, do tatemae, o que estás autorizado a exprimir em sociedade. Aqui no Japão tudo tem uma ordem e obedece a uma hierarquia.

Cada um tem o seu lugar e deve comportar-se segundo a sua condição e posição. Conhecer o seu lugar é algo que começa em casa. Por exemplo, tu e a tua mãe fazem-me o-jigi, não é?", disse, referindo-se às vénias. "Se tivesses um irmão mais novo, ele teria de te fazer o-jigi, e se vocês tivessem irmãs elas teriam de vos fazer o-jigi. Assim se vê quem ocupa que posição na família. O mesmo se passa na sociedade. Quem está em baixo faz o-jigi a quem está no alto. Desse modo mostra saber qual o seu lugar." Lançou um olhar analítico ao filho. "Ora faz-me lá um o-jigi." o filho obedeceu e fez uma vénia, como desde pequeno.

"Assim?" o pai abanou a cabeça; tolerara durante demasiado tempo as vénias mal feitas do rapaz, pois ele era ainda pequeno e as crianças não conheciam vergonha, como se costumava dizer, mas não mais.

"O o-jigi correto é feito a partir da cintura", explicou-lhe, exemplificando. "Dobras-te assim, estás a ver? As costas mantêm-se hirtas, as mãos esticadas ao lado e os olhos voltados para baixo."

"Mas a mãe faz o o-jigi com as mãos na barriga..."

"Isso são as mulheres. Tu fazes com as mãos de lado. repara que não basta saberes fazer o-jigi, é preciso saberes a quem e em que circunstâncias o fazes. Um o-jigi adequado a uma pessoa pode ser insultuoso se for feito a outra com um lugar diferente na sociedade. Deves levar em consideração o estatuto social, o sexo, a idade, as ligações familiares e até o tipo de relação que tens com a pessoa a quem fazes o o-jigi. Tudo conta para os cálculos sobre o tipo de o-jigi que deves fazer. O respeito pela hierarquia é uma arte que requer o equilíbrio de múltiplos fatores, alguns dos quais se cancelam enquanto outros se acumulam. Quanto mais prolongado e profundo o o-jigi, maior a emoção e o respeito que expressas, percebes? Angulo de quinze graus para os o-jigi informais, trinta graus para os formais e ainda mais profundo nos o-jigi muito formais."

"Só uma vez?"

"Depende. Se receberes um o-jigi mais longo do que o esperado, deves devolver com um segundo o-jigi. Claro que a outra pessoa, sendo educada e conhecendo giri fará um novo o-jigi e tu terás de responder com outro e a pessoa terá de o devolver e assim sucessivamente."

"Mas assim nunca mais paramos de fazer o-jigi..."

"Pois, mas é a etiqueta. A maneira de resolver isso é cada um ir fazendo

os o-jigi gradualmente menos profundos até se tornarem desnecessários. Claro que, se fizeres um o-jigi a pedir desculpa, ele terá de ser mais profundo e demorado que os outros, não é? O caso mais extremo é a vénia dogeza, que te obriga a ajoelhares-te. Como é evidente, um subordinado faz o-jigi mais profundos que um superior hierárquico, o que significa que nenhum superior pode fazer dogeza a um subordinado. Cada um tem de saber qual o seu lugar na hierarquia da família e da sociedade, percebeste?” Fukui respondeu com uma vénia profunda, querendo assim mostrar que compreendia as explicações.

—

“O bombardeamento cerrado sobre Neuve Chapelle durou pouco menos de uma hora e parou tão depressa como começara. Quando o silêncio se instalou no exterior, os homens do CEP entreolharam-se, na dúvida sobre o que fazer. Como sempre, o general Gomes da Costa foi o primeiro a reagir.

“Vamos!”, ordenou, fazendo sinal para a porta do abrigo.

“Depressa, antes que os boches aqui cheguem!” o grupo saiu do buraco e começou a percorrer a linha B em passo apressado. Artur, que seguia logo atrás do coronel tavares, como era seu dever, subiu ao degrau para disparo na parede da trincheira e espreitou acima do parapeito.

A neblina permanecia colada à terra, obstruindo a visão sobre a terra de ninguém.

“Os boches são espertos, meu coronel”, disse quando se voltou a colar ao seu superior hierárquico. “Querem aproveitar o nevoeiro para ocultar o assalto.” logo que acabou de pronunciar estas palavras ouviram-se os primeiros tiros. Começaram por ser disparos isolados, mas ao fogo cadenciado das Lee Enfield seguiram-se rajadas de vickers e a resposta das armas alemãs, até que o tiroteio se tornou muitointenso. Tornava-se evidente que os homens do CEP na primeira linha já haviam avistado a olho nu as forças de assalto alemãs e tentavam travar-lhes o avanço.

A comitiva de inspeção, que percorria ainda a linha B, chegou a um entroncamento e o batedor, que também viera do quartel-general e não conhecia em pormenor o sector de neuve Chapelle, hesitou sobre o que fazer.

“Meu general, eu... não tenho a certeza do caminho. Será pela esquerda?” ouviram tiros à esquerda e o general Tamagnini, convencendo-se de que era para ali a linha A, apontou para o outro lado.

“Vamos para a direita.” meteram pela trincheira de comunicação que se abria para a direita. Artur estranhou a opção; tinha bom sentido de orientação e sabia que se encaminhavam para leste, o que queria dizer que iam direitos à primeira linha, mas nada disse.

Em boa verdade, sentia ganas de pisar a linha da frente e enfrentar o inimigo; assim nenhum dos camaradas se riria dele quando um dia regressasse. Os alemães fizeram-lhe a vontade. Momentos mais tarde, o tenente e os restantes membros do grupo de inspeção viram vários vultos sombrios recortar-se na neblina e desaparecerem nas trincheiras.

“São os boches!”, soltou o general Tamagnini, travando a corrida. “Para trás, para trás!” o grupo recuou. Mais e mais alemães saltavam para as linhas portuguesas. Alguns já haviam identificado a comitiva em fuga e abriam fogo sobre ela. Artur parou e encarou-os com o coração a ribombar-lhe no peito; chegara a hora que mais desejava e temera, a de enfrentar o inimigo. E não se tratava de um inimigo qualquer; as fardas ligeiras mostravam que se tratava de Sturmtruppen, forças especiais de assalto com reputação de serem destemidas, impiedosas, quase sobre-humanas. Ele próprio tinha visto tempos antes passar em saint-Venant o cadáver de um desses soldados, por sinal um austro-húngaro, e sentira-se impressionado com o símbolo pregado à manga da farda, a caveira sobre duas tíbias cruzadas; ficara com a impressão de que aqueles Sturmtruppen prestavam culto à própria morte.

Com as mãos a tiritar de nervos e a dúvida a instalar-se, estaria à altura daqueles espetros de destruição?, ergueu a Lee Enfield e disparou sucessivamente sobre os vultos distantes. Sentiu uma estranha sensação de distanciamento em relação a si próprio; era como se sonhasse e tivesse de certo modo abandonado o seu corpo, ficando a observar-se. Todo ele tremia, mas o estranho é que não sentia medo; tinha a impressão de que tudo se passava com outra pessoa. Ou melhor, dividira-se em duas personalidades, a que disparava tiros sucessivos contra o inimigo e a que o observava a disparar, pasmada por o ver naquelas circunstâncias.

Deparando-se com aquele foco de resistência, os soldados alemães abrigaram-se por momentos para avaliar a força que tinham diante deles, o que deu oportunidade a Artur de fazer meia volta e correr no encaço dos companheiros.

Alcançou-os duzentos metros à frente, agachados nas trincheiras, o que não percebeu. Porque não corriam para a retaguarda e abandonavam as linhas?

“Que se passa?”

“Os boches estão perto da linha C”, disse o coronel Tavares, de pistola em punho. “Cortaram-nos a retirada.”

—

“Quantos são?”

“Um punhado. Tomaram a posição e fixaram-se nela, provavelmente à espera de reforços.”



A ferver de medo e excitação, com a boca seca e as pernas bambas, Artur gatinhou ao longo da trincheira de comunicação e apontou para dois homens que integravam a comitiva de inspeção, um praça de Lee Enfield em punho e um sargento com uma metralhadora Lewis.

“Vocês vêm comigo”, ordenou. “Não há tempo a perder. temos de os desalojar antes que reforcem a posição, senão estamos perdidos.” os soldados hesitaram, mas o general Gomes da Costa fez-lhes sinal de que obedecessem e os dois homens puseram-se atrás de Artur. O tenente passou pelos superiores hierárquicos e, posicionando-se, respirou fundo para ganhar coragem. o coração saltava-lhe no peito e experimentou uma nova sensação de irrealidade. Virou-se e verificou a posição dos dois homens atrás dele.

“Prontos?”

“Sim, meu tenente.”

“Vamos!” os três desataram a correr pela trincheira, os corpos curvados para a frente de modo a não se exporem ao tiro inimigo. ouviram atrás deles o general Gomes da Costa dar ordem à comitiva de seguir no seu encaço, mas tinham consciência de que seriam eles a aguentar o grosso do embate. A certa altura Artur ouviu zumbidos em redor da cabeça e percebeu que estavam a ser alvejados, pelo que abriu fogo às cegas. na confusão que se seguiu, constatou que o sargento havia sido atingido e tombara na trincheira, deixando a Lewis rolar pelas tábuas.

“Está bem?”

o sargento agarrava-se à barriga, mas fez um sinal para a frente.

“Vá! Vá!” sem perder tempo, Artur largou a Lee Enfield e pegou na Lewis, uma arma muito mais potente, apesar de pesada, e retomou a corrida, desta feita a largar rajadas sucessivas sobre as posições tomadas pelo inimigo. Corria e disparava, era como se estivesse de volta ao campo de tomateiros e corresse para os crocodilos e as jiboias, corria como um louco, estava aterrorizado mas tentava convencer-se de que não tinha medo; se em miúdo sobrevivera a um jacaré que o atacara de mandíbulas escancaradas sobreviveria agora a um boche, embora sentisse as pernas em geleia e soubesse que na verdade corria para vencer o medo. vendo o fogo nutrido e a investida dos portugueses, e receando que se tratasse de um contra-ataque em grande escala, os alemães saltaram dos parapeitos e escapuliram-se em direção à neblina de onde haviam emergido. Artur subiu o degrau de tiro da trincheira, assentou a Lewis sobre o parapeito e voltou a abrir fogo sobre os vultos em fuga, ajudado pelo soldado que o acompanhara na investida, mas depressa os alemães foram engolidos pelo nevoeiro e os dois portugueses perderam os alvos.

Estava sentado no parapeito da trincheira, de pálpebras fechadas e a tentar

recuperar o fôlego e o ânimo, quando sentiu passos a aproximarem-se. Deu um salto e apontou a lewis na direção do barulho, até que viu os elementos do seu grupo chegarem com o vulto enorme do general Gomes da Costa à cabeça.

“Os boches?”, quis saber o comandante da Primeira Divisão. “Onde estão eles?”

Artur fez um gesto em direção à névoa.

—

“Cavaram.”

“Eram tropas regulares?”

“ Sturmtruppen.” o general Gomes da Costa arregalou os olhos, impressionado.

“A sério? Você pôs as tropas especiais alemãs em fuga?”

“Abrimos um fogo tão cerrado que devem ter pensado que éramos mais do que somos realmente”, explicou, sem o entusiasmo do interlocutor. “São uns tipos tesos, estes sturmtruppen. Sabe o que lhe digo, meu general? Devíamos ter unidades assim.”

“Os italianos têm-nas e usam-nas contra os austro-húngaros. são os Arditi, não conhece?”

“Não.”

“Claro que conhece, homem! Noutro dia tivemos a visita de um grupo de Arditi. Eram os italianos fardados de negro que passavam a vida a cantar aquela canção dedicada à juventude, a... a Giovinezza. Não se lembra?” o tenente perscrutou a neblina que separava as linhas portuguesa e alemã, preocupado com a possibilidade de os Sturmtruppen regressarem; se eles viessem de novo, não seriam capazes de lhes resistir.

“Não os vi, meu general.”

“Ah, perdeu um espetáculo! Estes Arditi, ou Valentes, também andam com a caveira sobre as tíbias bordada nas fardas, e costumam assaltar as trinchas com...”

Impaciente, Artur fez um gesto em frente e atreveu-se a interromper o general; aquele não lhe parecia o momento mais adequado para manter uma conversa de salão.

“Desculpe, meu general, mas temos de sair daqui.” o sargento sangrava abundantemente do abdómen, pelo que improvisaram uma maca e percorreram em passo lesto o resto da trincheira de comunicação. Chegaram à linha C e depararam-se com o capitão Brun e todo o dispositivo de defesa ativado. Na altura em que foram acolhidos começaram a chover granadas sobre as linhas A e B e tiveram de se abrigar.

“É a nossa artilharia”, explicou o capitão Brun, gritando para se fazer ouvir sobre as sucessivas deflagrações. “Mandeí bombardear as linhas e a terra de ninguém para travar os boches. Os nossos generais estão bem?”

“Finórios, capitão”, retorquiu o general Tamagnini, sacudindo a lama que lhe sujava as calças. “Mas que cheguei a ver as coisas mal paradas, lá isso cheguei.”

“O inimigo anda a testar as nossas defesas”, explicou o capitão Brun, ainda em voz alta. “Os boches sabem que estamos há demasiado tempo nas trinchas e querem ver a nossa resistência e capacidade de resposta. Além disso, os nossos observadores nos postos mais adiantados têm dado conta de grandes movimentos nas linhas inimigas. Vêmo-los a espreitar-nos de binóculos e ouvimos os comboios apitarem atrás das linhas deles. Vai entre os alemães um movimento desorganizado. Se a coisa continuar assim, meu general, receio o pior.”

“Estou a par do que se passa”, retorquiu o comandante do CEP. “Daí que tenhamos hoje vindo cá para inspecionar as linhas. Estes raids do inimigo são comuns?”

“Nos últimos tempos sim, meu general”, respondeu o capitão, sempre a tentar sobrepor a sua voz ao barulho das detonações. “Tenho posto tudo nos relatórios.” o general Tamagnini esticou-se sobre o parapeito e observou os penachos de lama e terra que se erguiam das linhas mais adiantadas do CEP e da terra de ninguém. Depois voltou a agachar-se.

—

“Por pouco não ficávamos ali...” o general Gomes da Costa deu uma palmada no ombro de Artur, acorçado a seu lado ainda com a Lewis do sargento nas mãos.

“Quem nos safou foi aqui o tenente e a sua Luísa”, disse, usando a alcunha da Lewis entre os portugueses.

“Lançou um golpe de mão que só visto. Qual é mesmo o seu nome?”

“Artur Teixeira, meu general”, identificou-se. “Sou o ajudante de campo do coronel Tavares.” o capitão Brun fitou-o por instantes, pensativo, e depois derramou o olhar pelos seus homens, posicionados na linha

C à espera que a artilharia portuguesa acabasse de varrer as posições alemãs para depois avançarem e fazerem a limpeza das trincheiras de Neuve Chapelle.

“Um homem desses é que nos dava um jeito aqui nas trinchas...” levando em consideração o que acontecera no dia da inspeção às trincheiras, o coronel Tavares decidiu remeter a insistência de Artur de ser colocado na zona de combate ao comandante da Primeira Divisão. Quando na sexta-feira seguinte o general Gomes da Costa se deslocou ao quartel general para

conferenciar com o comandante do CEP, o coronel apresentou-lhe a questão à saída da reunião. Depois de ouvir o pedido, o general mandou chamar o tenente.

“Diz-me o senhor coronel que o meu amigo está empenhado em prestar serviço nas trincheiras”, começou o comandante da Primeira Divisão por dizer quando Artur se abeirou dele.

“É mesmo assim?”

“Sim, meu general”, confirmou o tenente. “Não fiz a Escola de Guerra para estar aqui a preencher papelada, mas para combater. Gostaria de ser colocado num batalhão de engenharia, uma vez que sou formado em Engenharia, ou então num batalhão de infantaria.” o general Gomes da Costa começou a calçar as luvas.

“Essa atitude honra-o, tenente”, disse. “Mas, felizmente para si, não vai acontecer. O alto comando britânico fez uma inspeção às nossas tropas e concluiu que elas já não estão em condições de combater. Como os reforços não chegam de Lisboa, uma vez que os navios britânicos estão a ser usados para trazer as forças americanas para a Europa, teremos de abandonar as primeiras linhas. Os aeroplanos e os postos de vigia começaram a registar muita atividade atrás das linhas inimigas e o alto comando receia que os boches queiram aproveitar a fragilidade das nossas tropas para tentarem furar as linhas aliadas e vencer a guerra antes que os americanos estejam em condições de mudar o rumo dos acontecimentos. Em virtude disso, a Primeira Divisão irá retirar-se depois de amanhã e a Segunda Divisão fará o mesmo ao pôr do sol do dia 9. Foi justamente para acertar essa operação que aqui vim falar com o senhor general Tamagnini.” Artur trocou um olhar com o coronel Tavares, para quem evidentemente tudo aquilo também era novidade, e a seguir encarou o general com uma expressão de perplexidade.

“Quer dizer que... que vamos abandonar as trincheiras?” o comandante da Primeira Divisão acabou de calçar as luvas, pegou na bengala e encaminhou-se para a porta com passo vacilante, como se o peso dos acontecimentos se estivesse a fazer sentir no seu próprio corpo.

“A guerra acabou para o CEP.” naquela manhã Fukui tinha acabado de se levantar quando viu que o pai estava prestes a sair de casa; não era costume

Iwao levantar-se tão cedo, embora por vezes isso acontecesse devido ao seu trabalho na esquadra de Tsuchiura. Mas o que mais espantou o pequeno foi vê-lo trajado à ocidental. É certo que a maior parte dos homens no Japão vestiam à maneira europeia, ao contrário das mulheres, que tendiam a manter os quimonos tradicionais, mas o pai era uma pessoa à moda antiga e gostava de manter os costumes ancestrais da raça Yamato. Foi

por isso que a escolha de indumentária lhe pareceu inesperada.

Depois de cumprimentar os pais com uma vénia, o pequeno encaminhou-se como habitualmente para a cozinha, onde o aguardava a sopa miso que costumava ser a sua primeira refeição do dia, e escutou à distância as palavras de despedida que a mãe trocava com o marido.

“Quando chegar a Yoshiwara, meu senhor, não vá para um lugar qualquer”, recomendou ela, estendendo-lhe uma gabardina. “Sobretudo, não vá para um daicho komise nem para outro estabelecimento ainda menos reputado. Nem sequer para um bammagaki. Só um omaagaki tem categoria adequada para a sua condição. Rogo-lhe que escolha uma tayu de elevada craveira, asseada e mestre na sua arte. Ficaria infinitamente mais descansada.”

“Que é isso, mulher? Tenho lá dinheiro para pagar uma tayu de um omaagaki! Custam dois ryo de ouro, se não mais!

Yare yare! É melhor frequentar as yujo dos bammagaki, que me levam um kommen de cobre e fazem um serviço muito satisfatório e elegante. Se não me tenho dado mal nos bammagaki, para quê despender uma fortuna num omaagaki?”

“Mas... e se apanha alguma doença, meu senhor?”

“Que eu saiba os bammagaki, embora não tenham o requinte dos omaagaki, não são propriamente de quarta ou quinta categoria. As yujo que aí se encontram são muito limpinhas e não têm doenças. Disseram-me até que os médicos as inspecionam regularmente. Não tens de te preocupar, mulher.” vendo o marido tão intransigente neste ponto, Aiko baixou os olhos e submeteu-se.

“Hai.”

Iwao vestiu a gabardina e abriu a porta da rua.

“Volto amanhã”, despediu-se. “Depois conto-te as minhas aventuras no Yoshiwara.” sentado na cozinha a comer a sua sopa miso, Fukui ouviu o pai a sair e, após uma pausa, sentiu os passos suaves da mãe aproximarem-se. Quando ela entrou surpreendeu-a com ar abstraído, como se cismasse nalguma coisa, e interrompeu-lhe os pensamentos com as suas perguntas.

“Onde foi o pai?”

“A Tóquio.”

—

“Não foi a...” Fez um esforço para se lembrar do nome que ouvira. “A, a Yoshiwara?”

“Foi.”

A resposta confundiu o rapaz, pareceu-lhe contraditória.

“Afinal foi a Yoshiwara ou a Tóquio?” percebendo a confusão, a mãe forçou um sorriso.

“Yoshiwara é em Tóquio, Fuku-chan.”

“Ah.” Recomeçou a comer a miso. À segunda colherada voltou a questioná-la. “O que foi lá fazer?”

“Foi visitar as yujo.”

“Quem?”

“As damas do prazer”, esclareceu ela. “É no bairro de

Yoshiwara que se encontram os bordéis de Tóquio. Gostaria que ele frequentasse os de melhor categoria, os omaagaki, mas sabes como é o teu pai. Prefere os bammagaki porque são mais baratos.” Esboçou uma expressão resignada. “Enfim, o que interessa é que ele se descontraia com uma boa

yujo, não é verdade?”

Fukui voltou a suspender a colher no ar e fitou Aiko inquisitivamente. As questões do sexo não constituíam novidade para ele. Como qualquer criança japonesa, vivia numa casa onde as paredes de papel deixavam ouvir à noite as ocasionais refregas amorosas entre os pais; eram breves e relativamente silenciosas, mas suficientemente eloquentes para que ele se apercebesse do que se passava.

Entre os colegas da escola falava-se amiúde sobre aquelas questões, o que não era de admirar. Embora os japoneses vivessem cercados por um mundo dominado pelo círculo do

ôn, pelo círculo do giri e pelo círculo do “lugar próprio” de cada um, a verdade é que o círculo dos prazeres carnis era relativamente liberto de regras e inibições. Os japoneses não eram puritanos e não condenavam os atrativos da carne,

que aliás consideravam positivos e merecedores da melhor atenção desde que não afetassem o ôn, o giri e o “lugar próprio” de cada um na hierarquia da sociedade. Primeiro estava o dever, só depois o prazer, mas sempre que possível o prazer devia ser ser fruído na sua plenitude, sobretudo pelo macho da família.

Assim, o que realmente perturbava Fukui era perceber como via a mãe a viagem do pai a Tóquio para visitar as damas do prazer.

“A mãe não preferia que ele se descontraísse consigo?”

Aiko levou um longo momento a responder e só o fez depois de um prolongado suspiro.

“O que interessa é que ele esteja satisfeito, não é verdade?” o que revelou o que a mãe de facto pensava não foram as suas palavras, de resto previsíveis e em conformidade com o que se esperava dela, mas o tempo que levou a responder e o suspiro. Era claro que a mãe não estava satisfeita por o marido ir a Yoshiwara visitar as damas do prazer. Porém, e como qualquer japonesa que conhecesse o seu “lugar próprio” na família e

na sociedade, silenciava o desgosto. Nada disso em bom rigor o surpreendia, pois as relações dos pais, como de resto acontecia com a generalidade dos pais dos seus amigos, eram marcadas por uma grande formalidade. Não tinham casado por amor, mas por acordo das respetivas famílias, até porque o real objetivo dos casamentos japoneses não era o cultivo dos afetos mas a procriação e a continuação da linha do homem. Assim, e uma vez que as esposas desempenhavam essencialmente outras funções, para os prazeres da carne considerava-se normal os maridos procurarem gueixas, que na verdade se apresentavam como artistas especializadas nas artes da música, da dança e da massagem e mostravam também abertura para as artes eróticas. Em alternativa, e uma vez que as gueixas se revelavam demasiado caras para a maioria das bolsas, os japoneses optavam pelas yujo dos bordéis. Por tudo isso, a reação da mãe não era de espantar. Na verdade honrava-a. Provava que conhecia giri.

Depois das aulas, Fukui seguiu para a sua habitual lição com as espadas de samurai. Em bom rigor, a *pièce de résistance* da educação do rapaz tornou-se a aprendizagem do kendo, na melhor tradição dos Satake. Embora fosse um especialista nessa velha arte de combate dos samurais, Iwao confiara a educação marcial de Fukui a um velho camarada da Academia Militar Imperial de Toyama, um homem austero chamado Naito Takeaki que estava encarregado da velha escola de samurais de Tsuchiura, a Inkubunkan.

As aulas ministradas pelo próprio Takeaki, a quem todos chamavam sensei, o Mestre, começavam com um período de meditação, em que os pupilos se acoravam em posição seiza no chão duro e frio diante das estátuas dos deuses xinto, assentes numa estante e iluminadas por velas cerimoniais, e fechavam os olhos. O salão mergulhava num silêncio absoluto. Nesses momentos Fukui esforçava-se por não pensar em nada, seguindo as recomendações dos livros que consultara, incluindo as biografias de grandes kendokas, em particular a de Araki Mataemon, contemporâneo da época em que os porutogaru-jin haviam chegado ao Japão.

“Está na hora”, dizia de repente Takeaki sensei, pondo fim à meditação. Os pupilos levantavam-se e agrupavam-se em função dos seus níveis de preparação. Fukui era de longe o mais novo de todos; de resto só ali estava por especial favor do mestre ao seu pai, uma vez que a idade mínima para aprender kendo eram os treze anos e ele começara a praticar com apenas seis. Por isso, e apesar de já possuir o segundo dan, sabia que tinha que permanecer no grupo dos kendokas do primeiro dan. Em contrapartida, as suas habilidades compensavam a desvantagem da enorme diferença de idades.

Começada então a sessão. Uma vez praticavam *kiri kaeshi*, exercícios que envolviam ataques sucessivos à cabeça protegida dos adversários, e

outras vezes exercitavam kakari geiko, ataques curtos e intensos, sempre muito cansativos.

A seguir faziam katas, exercícios em que defrontavam inimigos imaginário^ segundo uma ordem preestabelecida, quase como numadanga. Depois vinham os combates. O salão enchia-se nessas alturas de gritos como "O men!", o en garde japonês, ou "Kote!"^ o ataque à armadura, ou "Do!", contra a zona lombar dos adversários.

Fukui gostava dos katas, que lhe permitiam exibir a sua técnica, mas não apreciava os combates, uma vez que se encontrava em desvantagem por enfrentar adversários muito maiores e pesados. Acabava sempre por ser derrotado.

"O importante é que conheças gin", explicou-lhe o sensei nesse dia, depois de o pupilo mais novo sofrer uma nova desfeita num combate. "O segredo está no teu espírito e na tua honra, o resto virá naturalmente."

A armadura negra de kendoka, que o pai adquirira no takano, uma loja de produtos em segunda mão de Tajuku, era a única coisa que o protegia dos golpes de shinai. Naturalmente que as circunstâncias se revelavam diferentes quando defrontava opositores sem treino de kendo, como fora o caso de Sawa no confronto a seguir à ponte Asahi, e nessas situações tinha condições, talvez não para ganhar, mas pelo menos para se defender com sucesso.

Apesar de não apreciar nenhum professor, do que o pequeno mais gostava, no entanto, era de algumas aulas que decorriam na escola. É certo que suportava a Matemática com um certo espírito de sacrifício, até porque os números não eram com ele, e manejava o pincel com maior destreza do que o shinai do kendo ou o ábaco da aritmética, o que fazia das lições de Caligrafia as suas favoritas. Isso não impedia que o professor de Caligrafia usasse repetidamente a tinta vermelha para corrigir os traços de que não gostava. Essas correções forçavam-no a reescrever as palavras uma e outra vez; em certas circunstâncias redigia as mesmas letras mais de dez vezes, chegava a ser entediante, e as repetições só cessavam quando o professor estampava um selo azul no canto da página, sinal de que dava enfim o exercício por aprovado. mas foi evoluindo aos poucos, até ao dia em que o professor, após contemplar um trabalho quase imaculado, balançou afirmativamente a cabeça e pousou sobre ele um olhar de apreço. "Ainda há de ser alguém."

o pai só regressou de Tóquio ao final da tarde do dia seguinte. O filho fazia no seu quarto um exercício de caligrafia quando ouviu a porta de entrada ser corrida e a voz familiar do chefe de família troar pela casa.

"Cheguei!"

Escutou os passos da mãe, tão ligeiros como um murmúrio, a



encaminharem-se apressadamente para o átrio para acolher o marido.

"Meu senhor, que contente estou por vê-lo de regresso!", exclamou ela.

"Correu bem a estada em Tóquio?"

"Muito bem! Muito bem!"

"A... a yujo foi satisfatória?"

—

"Foram duas yujo, mulher! Duas!"

—

"Conheci a primeira numa bikite-jaya, uma casa de chá introdutória. Recorri a esse estabelecimento porque tenho uma natureza tímida, como sabes, mas depressa ganhei à-vontade e fiquei mais confiante."

"Ainda bem."

"Foi tudo muito formal e com elevado requinte, com muitos o-jigi e apresentações adequadas, cada um no seu lugar próprio. Até me ofereceram um jarro de saké. A dama do prazer que escolhi era uma flor jovem, mas experiente. mostrou-se até muito talentosa a contornar-me a haste com as suas artes da boca. Uma delícia!"

"Folgo em saber."

"Correu tão bem que esta manhã, talvez por ter bebido um chá de ginseng, tive vontade de mais. Desta feita, em vez de ir a uma hikite-jaya, acabei por visitar um funeyado."

"Um funeyado?"; admirou-se ela. "Não é um daqueles bordéis flutuantes?"

"Isso mesmo! Tudo aconteceu num barco. Oh, foi excelente! Excelente! A dama do prazer fez-me rebentar o fruto enquanto baluçávamos no lago. Um requinte que só visto!"

"Fico contente por a sua expedição ter sido coroada de sucesso." o tom da voz do marido mudou.

"O miúdo tem-se portado bem?"

"Muito bem. Está agora a fazer os deveres."

"E o jantar? Já está pronto?"

"Quase, quase..."

Ainda com o pincel na mão, Fukui ouviu os pais afastarem-se, cada um na sua direção, ele para o quarto e ela de regresso à cozinha. Não tinha a menor dúvida de que a mãe não ficara nada contente com a digressão do marido pelos bordéis de Yoshiwara e a forma como ele falara da sua experiência desagradara-lhe. Contudo, não mostrara o menor sinal de agastamento. Pelo contrário, fora perfeita no papel de se fingir feliz com as proezas sexuais do marido. Não havia dúvida, conhecia giri!

Bem vistas as coisas, a mãe não tinha alternativa. Qualquer manifestação de ciúme ou fúria seria considerada má educação e desrespeito pelo chefe de família, sinal de que não conhecia õnem giri e nem sequer sabia qual o seu lugar próprio. Ao dominar-se desta maneira, todavia, revelara a sua honradez. Da mesma forma que não pudera gritar de dor durante o parto, não podia indignar-se com as deambulações amorosas do marido. Tal como quando dera à luz, a dor estava lá, sentira-a no mais profundo do seu âmago, mas permanecera silenciada. Como sempre, o parecer era mais importante que o ser. Acima de tudo, havia que provar que se conhecia giri.

A voz de Iwao voltou a irromper na casa.

“Mulher!”, chamou. “Onde estás tu?” o rapaz ouviu os passos apressados da mãe a acorrer para saber o que lhe desejava o marido.

“Estou aqui, meu senhor. Passa-se alguma coisa?”

“É isto”, disse ele. “Toma. Não levei para Tóquio a quantia suficiente para todas as necessidades e preciso que vás sem falta aos correios enviar esse dinheiro que fiquei a dever.”

“De que se trata?”

A voz do pai soou distante, sinal de que se afastava já em direção ao quarto.

“É a conta dos bordéis de Yoshiwara.”

—

Um ribombar furioso despertou Artur nessa madrugada primaveril. A trovoadade guerra pareceu-lhe mais forte que o normal, pelo que saltou da cama e, ainda estremunhado, foi à janela espreitar o que se passava. O longo clarão que viu rasgar a noite deixou-o estarrecido.

“Cos diabos!” todo o horizonte a leste parecia ter-se incendiado, com uma chuva densa de granadas, lançadas ao mesmo tempo por milhares e milhares de canhões, a abater-se continuamente sobre as linhas do CEP. As granadas não caíam uma a uma nem provocavam um rolar cadenciado, davam antes a impressão de uma prolongada explosão a gerar um estrondo contínuo, tão brutal que fazia a terra tremer sem parar e o próprio ar agitar-se numa turbulência que até os dentes e os ossos rangiam e os vidros das janelas tiritavam.

“Meu tenente! Meu tenente!”, gritou uma ordenança, batendo na porta do quarto. “Já viu o que está a acontecer?”

Artur já tinha visto, mas estava ainda a digerir as conseqüências do que se passava à distância. Conforme previsto, a Primeira Divisão tinha retirado das trincheiras e o espaço vazio nas linhas portuguesas fora ocupado pela Segunda

Divisão, que se vira obrigada a espraiair as suas forças por um espaço mais

vasto. Ou seja, o sector do CEP ficara com metade dos soldados por quilómetro de trincheira. Na altura isso não tinha preocupado ninguém porque, sublinhava-se então, não seria por muito tempo. É que no final do dia 9 de abril já os ingleses ocupariam toda a linha portuguesa. o problema é que este bombardeamento esmagador começara horas antes dessa retirada. Isso era catastrófico, percebeu, ainda hipnotizado pelo longínquo espetáculo feérico. Um sinistro clarão avermelhado alumia o horizonte, rasgando a noite numa miríade de efeitos luminosos. À distância dir-se-iam bonitos se não fossem um prenúncio de morte. A artilharia portuguesa respondia com fogo nutrido, mas tornava-se evidente que estava perante um duelo desigual; o número de canhões alemães devia ser mais de vinte vezes superior ao dos portugueses.

Artur ainda considerou a possibilidade de voltar para a cama, no fim de contas nada poderia fazer, mas reconsiderou. o bombardeamento excedia em muito tudo o que vira desde que chegara à Flandres; tratava-se decerto do prelúdio a um assalto em larga escala às linhas portuguesas. E logo agora, que a Segunda Divisão ocupava uma área normalmente defendida por duas divisões! Como iriam os rapazes aguentar uma monstruosidade daquelas? vestiu-se e foi para o quartel-general. Encontrou o edifício a fervilhar de atividade. Vários oficiais haviam igualmente convergido para Saint-Venant e, num corrupio caótico, tentavam em vão comunicar com as linhas. Os gritos cruzavam-se

pelo ar, feitos de desespero e frustração, com o comando a tentar captar o exato quadro da situação mas as informações a escassearem. pouco depois apareceu o general Tamagnini, o que fez subir momentaneamente o moral, mas depressa se tornou claro que o comandante do CEP se sentia tão impotente como todos os outros.

“Os batalhões que ocupam as linhas A, B e C estão incomunicáveis, meu general”, comunicou o coronel Tavares.

“Presumo que o bombardeamento inimigo tenha cortado os cabos telefónicos. Temos, no entanto, contacto com as nossas forças na linha das aldeias. Dizem que os boches estão a concentrar o fogo sobre os depósitos de munições, sobre os postos de comando e sobre as vias de comunicação.”

“E os camones ao nosso lado?”

“Os camones começaram a recuar, meu general. O bombardeamento sobre as nossas linhas é demasiado forte.” o general Tamagnini foi à janela observar o horizonte incandescente. Ficou um longo momento calado, como se o céu arroxado fosse um oráculo e o estrondo longínquo o código que permitia lê-lo. Depois suspirou, rendido à evidência.

“Os boches vão esmagar-nos.”

A previsão confirmou-se uma hora depois, quando o bombardeamento

alemão rolou para a frente. Em vez de incidir sobre as primeiras linhas, como até ali, o tiro da artilharia inimiga foi alongado e começou a fustigar a retaguarda portuguesa. Tratava-se de uma tentativa óbvia de impedir quaisquer reforços de virem em socorro dos homens apanhados nas trincheiras. Nesse meio tempo surgiu a notícia de que um homem da Brigada do Minho lograra atravessar a barragem de fogo e encontrara uma linha telefónica intacta,

tendo ligado ao quartel-general a informar que as Sturmtruppen cruzavam a terra de ninguém em vagas sucessivas e tomavam já de assalto as linhas portuguesas. pela manhã começaram a aparecer soldados em fuga e o general Tamagnini chamou o coronel Tavares.

“Mande uma comunicação urgente ao alto comando britânico”, ordenou com um semblante fatigado, o olhar nublado pelo fantasma da derrota. “Diga-lhes que as nossas linhas estão a ceder.”

“Imediatamente, meu general.” o coronel Tavares transmitiu a ordem a Artur, que se sentou à secretária para dactilografar a comunicação. Tentou abstrair-se da confusão em redor, mas era impossível fazê-lo na totalidade porque a evolução dos acontecimentos estava a ser muito rápida. Os estafetas entravam e saíam a todo o instante, trazendo informação e levando ordens para os diversos sectores com os quais o contacto era ainda possível.

Artur levou dez minutos a terminar a comunicação para o alto comando britânico. Depois de o general Tamagnini ter verificado e aprovado o texto, a carta foi selada num sobrescrito e entregue a um estafeta.

De repente, um outro estafeta entrou na sala com um ar que parecia alucinado.

“Meu general! Meu general!”, gritou o homem. “Tentei chegar a Neuve Chapelle para levar as instruções, mas não consegui. O inimigo está a poucos quilómetros daqui.”

“Onde?”

“Chegou à linha das aldeias, meu general.”

Fez-se silêncio na sala e todos os olhares convergiram para o general Tamagnini. O comandante do CEP olhou pensativamente pela janela para os rolos de fumo que escalavam o horizonte e, respirando fundo, voltou-se para os seus homens.

“Meus senhores”, disse com gravidade. “Vamos evacuar o quartel-general.”

A decisão de evacuação generalizara o caos, mas por detrás da confusão subsistia uma estranha ordem em que todos, ou quase todos, sabiam o que tinham a fazer. Artur ajudou a meter a papelada em várias caixas e integrou o cordão humano que se formou para depositar essas caixas sobre o dorso de cavalos e mulas. Quando a operação ficou concluída, o tenente

recuou com o resto do estado-maior do

CEP para posições mais seguras da retaguarda.

A derrota ficou consumada no dia seguinte, quando o que restava da resistência portuguesa foi por fim aniquilado pelo rolo compressor alemão. Artur acompanhou com impotência desenrolar dos acontecimentos na companhia do coronel tavares e de todo o estado-maior e teve de encarar, com um sentimento de vexame, os comentários agrestes dos aliados.

“Blast it!”, praguejou o capitão Higgins, do batalhão britânico First King Edward’s Horse, enviado para tentar fechar a brecha que se rasgara nas linhas portuguesas. “Vocês deviam ter vergonha por fugir desta maneira! Têm noção de que a vossa resistência só durou vinte e quatro horas? say, uma vergonha!”

“O senhor deve estar a brincar comigo”, devolveu Artur com irritação. “Os tipos dispararam continuamente mil e setecentas peças de artilharia sobre as nossas linhas, enquanto nós só tínhamos oitenta peças para responder. Atiraram oito divisões frescas contra uma divisão nossa totalmente esgotada, nas trincheiras há mais de meio ano, e que defendia uma linha que normalmente seria defendida por duas divisões.

Além do mais perdemos um terço dos nossos homens, o que é superior à taxa normal de baixas entre as vossas forças.

—

Acho que isto desmente a insinuação de que toda a gente fugiu. Perante esta desproporção de forças, do que estavam vocês à espera?” o capitão Higgins acendeu um cigarro.

“O nosso alto comando emitiu uma ordem para os soldados não recuarem e morrerem na linha B. Tudo isto é culpa vossa.”

“Culpa nossa uma ova! Vocês estão é a querer transformar os portugueses no bode expiatório dos vossos disparates. Não foram o Primeiro e o Quinto Exércitos britânicos que ainda há algumas semanas entraram em colapso perante o avanço alemão? Porque podem exércitos inteiros britânicos ceder e manter a reputação, enquanto uma divisão portuguesa fatigada e perante oito divisões frescas ceder e por causa disso passar a ser formada por cobardes?” Virou as costas e fez um gesto de agastamento. “Vai-te cardar, ó camone da treta!” o mal, porém, estava feito. O Corpo Expedicionário Português havia sido trucidado em menos de vinte e quatro horas e a reputação dos militares portugueses tornara-se alvo de constantes gracejos depreciativos entre as forças britânicas.

Artur ainda permaneceu em França com o estado-maior, a tentar reorganizar as forças portuguesas que haviam sobrevivido ao desastre de 9 de abril, mas em alguns meses a guerra acabou e o coronel Tavares

entregou-lhe a guia de marcha com ordens para se apresentar em Lisboa.  
"Está na hora de voltar para casa."

—

O mecânico aproximou-se do fochinho da estranha máquina e, agarrando uma hélice, ganhou balanço e empurrou-a, tentando assim pô-la em movimento. Ouviu-se um soluço do motor, mas o som morreu e tornou-se claro que a tentativa falhara. O homem de fato-macaco tentou uma segunda e uma terceira vez:.. Contudo, apesar de chegar a gaguejar, o motor voltou a falhar o arranque.

"Toma atenção, Hato!"; gritou do cockpit o piloto. "Vê lá se as hélices te apanham..." o mecânico não desistiu e à quarta tentativa os motores despertaram finalmente com um rugido furioso.

"Cuidado!"

As hélices puseram-se a girar muito depressa, derramando óleo a toda a volta, e o motor trepidante libertou um fio de fumo negro. Fintando as gotas de gordura que se espalhavam em redor como chuva negra, os mecânicos afastaram-se em corrida.

"Oya!"; exclamou Iwao, alarmado. "Será que o passarão vai reventar?" o ronco ensurdecedor, a comoção que eletrificava as pessoas em volta e sobretudo a espantosa rotação das hélices deixaram Fukui boquiaberto. Como era possível que maravilhas daquelas existissem? A máquina, barulhenta e intimidante, parecia-lhe de facto assustadora, mas apesar da vontade de se abrigar por detrás do pavilhão de madeira não deu parte de fraco, até porque o pai estava ao pé dele e um verdadeiro japonês conhecia giri e jamais virava costas ao perigo. Juntos viram o aparelho rolar aos solavancos pela pista de terra batida até se imobilizar mais adiante, como se estudasse o caminho para o céu.

"Ele vai mesmo voar?"

"Dizem que sim", respondeu Iwao, inseguro quanto ao que pensar. "Mas pergunto-me como o fará, com todo o peso que tem. Já viste o motor? Deve ser pesado, hem?" nesse instante o engenho rugiu ao longe e, após uma guinada brusca, começou a movimentar-se, primeiro devagar e depois a ganhar velocidade e a deixar um rasto de poeira, até por fim acontecer o que aos dois visitantes pareceu um milagre.

"Está a voar!"; exclamou Fukui, atónito e mal acreditando no que os seus olhos viam. "Está a voar!"

"Incrível!"; murmurou o pai, igualmente estupefacto. "Não há dúvida, é preciso ver para crer!" o aparelho delgado com duas asas, uma em cima da outra, ergueu-se no ar e cruzou o céu azul como uma abelha gigante, zumbindo e oscilando contra o firmamento.

Desenhou duas voltas lentas no céu, sobrevoando o lago e os arrozais das redondezas. O espetáculo era de pasmar e manteve toda a gente espedada, de nariz voltado para o céu, maravilhada com aquela extraordinária novidade. Era possível voar! o feito não durou muito. Ao cabo de alguns minutos a máquina começou a perder altitude, alinhou-se com a pista de terra batida e desceu aos solavancos até por fim tocar no solo, saltar e voltar a tocar, libertando sucessivas nuvens de poeira a cada novo toque. Pôs-se a rolar, primeiro depressa e aos abanões, mas à medida que ia travando foi perdendo velocidade. momentos depois, quando já progredia muito lentamente, virou-se e saiu da pista, encaminhando-se para o barracão de madeira onde os mecânicos e os outros pilotos, junto com os dois visitantes, os acolheram com uma salva de palmas e aos gritos de “banzai!”, a velha saudação ritual a desejar dez mil anos de vida ao imperador.

“Fomos nós que fizemos esta máquina?”, perguntou Iwao ao tenente Uemura Sadayu, um antigo camarada que com ele estudara na Academia Militar Imperial de Toyama e que convidara os dois Satake para visitarem a base. “Veio de uma fábrica japonesa?” o tenente abanou a cabeça.

“Receio bem que não”, retorquiu. “Isto é um Avro 504, um aeroplano que combateu na guerra que há dois anos acabou na Europa. Comprámo-lo aos ingleses para criar uma unidade naval aérea.”

“Porquê aos ingleses?”

“Porque ganharam a guerra, ora essa!”, foi a resposta. “E porque são eles que nos estão a organizar a Marinha. Esta base aqui em Ami é da Marinha, como sabes. O Exército está noutro sítio e a sua organização seguiu o modelo dos alemães.”

Iwao esboçou uma expressão contrariada.

“Queres dizer que as nossas forças militares se encontram agora nas mãos dos gaijin? Isso não me parece grande ideia...”

“É só para a modernização das forças armadas, meu caro”, explicou o tenente Uemura. “Não te preocupes. Em breve estaremos a fabricar os nossos próprios navios, os nossos próprios canhões e os nossos próprios aeroplanos. ninguém nasce sensei, pois não? Primeiro somos pupilos, só depois nos tornamos mestres. Aliás, disseram-me há uns tempos que a Mitsubishi começou a fabricar os primeiros aeroplanos japoneses.”

A novidade animou o amigo.

“A sério?”

“Fica descansado que em breve seremos mestres nas artes da guerra moderna”, assegurou-lhe o tenente Uemura em tom confiante, pondo o braço por detrás dos ombros do antigo companheiro da Academia de Toyama. “Como é que ficámos com Port Arthur e Dairen, na costa da Manchúria?

Foi graças à nossa gloriosa vitória de 1905 sobre os russos, não foi?” Fez um gesto a indicar o Avro acabado de aterrar.

“A continuar a nossa modernização, o dia chegará em que não serão só os russos que venceremos. Ninguém nos irá travar! Nem a Inglaterra! Nem a América! O Japão é a terra dos deuses, pelo que a supremacia será nossa!”

Iwao ergueu o punho no ar e soltou o grito a desejar dez mil anos de vida ao imperador.

“Banzai!”

A conversa era seguida em silêncio por Fukui, que com os seus dez anos se sentia espantado com as novidades que escutava e com a importância dos países mencionados. Se o tenente dizia que um dia nem a Inglaterra nem a América seriam capazes de vencer o Japão, isso queria dizer que esse dia ainda não chegara. Que países eram esses que tinham assim tanto poder? Seria possível alguém vencer o Japão, afinal a terra dos deuses? Yare yare, que poderosas deveriam ser essas Inglaterra e América! EPortugal? Tendo em conta o que o pai lhe contara e o que aprendera nas lições de história na escola, não seria esse país ainda mais poderoso? quantas perguntas sem resposta! Mas um dia tê-las-ia, quase jurou a si próprio. Um dia iria



conhecer os gaijin, incluindo os da América e os de Portugal. Ouvira dizer ao professor na escola que eles eram pálidos como as neves do monte Fuji, descrição que desencadeara uma grande galhofa na sala de aula porque ninguém conseguia imaginar gente assim. Era lá possível uma coisa dessas! Será que existiam mesmo homens e mulheres com cabelos de ouro e a pele com a alvura da neve?

Ah, tanto mistério! o interior do barracão de madeira da base naval de Ami não era muito acolhedor, mas dispunha de cadeiras à janela onde os três se acomodaram; dali poderiam observar melhor os voos seguintes. Pai e filho trocaram um olhar de expectativa, ambos ansiosos por ver mais evoluções do aeroplano como a que acabara de ser realizada.

Desde o episódio em que enfrentara Sawa junto à ponte

Asahi que Fukui notara uma alteração na atitude e no comportamento do pai para com ele. A partir dessa altura, Iwao deixara de manter a distância e passara a mostrar um vivo interesse na educação do seu rapaz, em quem manifestamente via o samurai que sempre desejara ter como filho. Tratava-se, claro, de uma fantasia. Fukui tinha plena consciência de não possuir espírito guerreiro, até porque os combates violentos não lhe interessavam, mas agradava-lhe esta proximidade com o pai. Entre eles estabelecera-se até uma certa cumplicidade.

Acontecimentos como este, em que ambos vinham juntos ver os aeroplanos à base naval dos arredores de Tsuchiura, seriam impossíveis antes do episódio do confronto com Sawa.

Enquanto aguardavam mais descolagens, o tenente Uemura desviou o olhar para um canto do barracão, onde se encontrava o bar. As prateleiras estavam repletas de garrafas, embora quase todas a meio ou à beira de ficarem totalmente vazias.

“Vai um saké?”

A palavra saké não significava nenhuma bebida especial; tratava-se de uma referência geral às bebidas alcoólicas.

“O que tens?”

o anfitrião levantou-se e foi ao bar espreitar as garrafas.

“Há sobretudo futsu-shu”, disse, referindo-se a álcool ordinário. Pegou numa garrafa quase vazia e voltou-a para o amigo. “Mas se quiseres ainda sobram uns restos de tokubetsu. Dá para dois copitos pelo menos. Vai um golinho?”

“Traz cá então.” o tenente Uemura pegou em dois pequenos copos e regressou à janela com a garrafa. Quando ia deitar a bebida no primeiro copo, no entanto, o gesto foi interrompido por uma nova algazarra no exterior. Voltou-se para a janela e sorriu.

“Ah, é o gaijin.”

“Qual gaijin?” o anfitrião encheu os copos de saké e pousou no chão a garrafa enfim esvaziada.

“Não te disse que os ingleses andam a ajudar-nos a erguer a nossa marinha de guerra?”, perguntou em tom retórico, fazendo uma pausa para bebericar do seu copo. “Isto é uma base naval, meu caro. Temos aqui uns ingleses da unidade aérea britânica a ajudar-nos a montar a aviação naval. o coronel Sempill chegou há uns dias para uma visita preparatória. Daqui a uns meses voltará com um grupo de uns trinta homens para nos dar formação. Parece que vai até trazer aviões mais modernos.”

Ao ouvir a referência ao coronel inglês, Fukui saltou da cadeira e colou o nariz à janela. Seria nesse dia que veria o seu primeiro gaijin? Como seria ele? Teria mesmo o aspeto incrível que se dizia? Perscrutou a multidão de mirões que se amontoavam à esquerda e tentou vislumbrar a figura que as pessoas cercavam com algazarra, mas havia tanta gente naquele molhe que a tarefa se revelou impossível. Além disso, a multidão foi-se movimentando para a esquerda até desaparecer do ângulo da janela, para desespero do rapaz. receando perder a oportunidade de ver o gaijin, Fukui voltou-se para o pai com a expressão de quem implorava autorização para sair. nesse instante a porta abriu-se com fragor.

“I say, this is most annoying!”

As palavras incompreensíveis pronunciadas por uma voz de trovão pareciam sem dúvida espantosas, mas não eram nada comparadas com a figura que as pronunciara.

A luz que entrava pela porta recortou por momentos o vulto de um homem gigantesco, de boné de piloto, bigode cor de ouro reluzente, olhos de um azul tão azul como o céu e um grande casaco de couro com pelos em torno do pescoço e o nome cozido ao peito em caracteres latinos que

Fukui conseguia ler, pois tinha-os aprendido ao consultar os livros da biblioteca da escola. Coronel William Forbessempill, Royal Air Force. pai e filho estavam boquiabertos com a aparição, quase incapazes de acreditar no que viam. Era então aquilo um gaijin? O europeu parecia-lhes ainda mais estranho do que alguma vez haviam imaginado. No fundo sempre tinham pensado que as descrições que deles se faziam não passavam de fantasias, exageros rebuscados de gente com imaginação fértil. Mas agora que contemplavam um gaijin com os seus próprios olhos constataavam que se alguma coisa se poderia recriminar a quem os descrevera era que esses relatos ficavam aquém da realidade. o tenente Uemura pôs-se de imediato de pé e em sentido.

Após fazer continência, titubeou umas palavras numa língua estranha, que Iwao e o filho presumiram ser inglês, mas pela expressão do gaijin depreendia-se que ele nada havia entendido. Frustrado, o inglês bateu com a

porta e encaminhou-se em passos firmes para o bar, onde se pôs a inspecionar as várias garrafas.

“O que se passa?”, inquiriu Iwao em voz baixa. “O gaijin parece aborrecido...”

“Sim”, confirmou o tenente também num sussurro. “As pessoas aqui no Japão não estão habituadas a ver gente com cabelo e bigodes de ouro e ele quase não pode sair à rua porque aparece logo uma multidão a segui-lo e a querer tocar nele. Sente-se um bicho e não gosta, claro.”

“Olha lá, tu falas inglês?”

“Não muito bem”, reconheceu Uemura. “Isso é outra coisa que o irrita. Não consegue comunicar com ninguém. pôs-se por isso a aprender japonês, mas quando tenta falar a nossa língua acaba por dizer coisas muito estranhas, havias de o ouvir.”

Depois de estudar as bebidas expostas nas prateleiras do bar, o coronel Sempill voltou-se para o tenente.

“Good heavens, lieutenant! Don’t you have any Scotch in this darn shack?”  
Uemura abriu os braços e esboçou uma expressão de perplexidade.

“I no understand”, respondeu no seu inglês macarrónico, confessando que não compreendera. “O senhor coronel quer saber se vive algum escocês no Japão?” o coronel Sempill revirou os olhos, agastado, e voltou a estudar as garrafas do bar, resignando-se à evidência de que a comunicação em inglês era muito difícil. Apercebeu-se então de que havia uma caixa de fruta depositada no chão e agachou-se para verificar o seu conteúdo. Quando se levantou tinha uma tangerina na mão e começou a tirar-lhe a casca até o fruto ficar completamente descascado. Nessa altura olhou para o tenente Uemura e antes de falar franziu as pálpebras e assumiu a expressão de quem fazia um esforço de concentração.

“Mikan kimono achira sayonara”, declarou por fim em japonês, falando muito devagar, como se pesasse cada palavra. Apontou para a tangerina e para a janela e repetiu a frase. “Mikan kimono achira sayonara.” Uemura e Iwao trocaram um olhar de incompreensão.

“Tangerina quimono ali adeus?”, interrogou-se Iwao, repetindo literalmente a frase pronunciada pelo inglês. “Este gaijin é doido! O que raio quer ele dizer?” plantado no bar, o coronel apontava ainda para a tangerina e para a janela e insistia, como se a mera repetição tornasse claro o sentido absurdo da frase.

“Mikan kimono achira sayonara.”

Após alguns segundos de perplexidade dos três japoneses, o tenente bateu com a palma da mão na testa.

“Ah, já percebi!”, exclamou, reprimindo uma gargalhada.

“Como não sabe dizer casca em japonês, disse tangerina quimono.

Percebeste? Tangerina quimono foi a maneira que ele inventou para dizer casca! A casca é o quimono da tangerina!” pai e filho riram-se com o japonês ingênuo e ao mesmo tempo engenhoso do estrangeiro.

“É cômico este gaijin”, reconheceu Iwao. “Mas o que raio quer ele dizer com ali adeus? Será que se está a despedir da casca da tangerina?”

A observação pareceu acender o olhar do anfitrião.

“É isso!”, disse. “O tipo quer deitar a casca lá fora. Acbira sayonara, ou ali adeus, é a forma que engendrou para dizer que quer deitar a casca da tangerina lá para fora!” os japoneses riram-se antes de o tenente Uemura se dirigir ao coronel Sempill e, fazendo uma vénia, pegar nas cascas da tangerina e levá-las até à janela. Abriu o vidro e atirou-as para um balde no exterior. O oficial inglês parecia muito orgulhoso; no fim de contas conseguira comunicar em japonês e isso não era para qualquer um. Comeu a tangerina até ao fim e, a mastigar os últimos gomos, dirigiu-se à saída do barracão. Abriu a porta, mas antes de a cruzar acenou aos três japoneses que deixava para trás.

“Sayonara!”

Pai e filho saíram da base naval de Ami, nas redondezas de Tsuchiura, sentados num jinrikisha, um riquexó de duas rodas puxado por um homem a pé e que haviam alugado para a visita à base. Ambos estavam encantados com o que tinham visto e aprendido. Iwao fizera questão de levar o filho à base com o argumento de que ele precisava de ver

“como serão os combates dos samurais do futuro”, mas o que ali haviam encontrado situava-se para além da melhor das suas expectativas. Pela primeira vez na vida tinham visto um gaijin.

“Um figuração, hem?”, riu-se o pai, ainda divertido com o que se passara no barracão. “Viste o cabelo e o bigode dele?”

“São de ouro, pai?”

“Acho que sim. Ah, aquele tipo podia fazer uma fortuna com o cabelo e o bigode! Já reparaste na sorte do homem? o gaijin tem ouro a crescer-lhe na cabeça!”

Fukui sentia-se fascinado.

“Os gaijin parecem ser muito espertos.” Indicou com o polegar a base que ficava já para trás. “São eles quem faz estas máquinas todas, não são?”

A observação do pequeno atraíu um olhar de repreensão de Iwao.

“Não te deixes fascinar pelos gaijin, rapaz!”, avisou-o. “O

Japão é a terra escolhida pelos deuses do xintoísmo e não podemos deixar que os estrangeiros a conspurquem. Os gaijin não são povos divinos como o nosso, entendes? São impuros e essa impureza pode contaminar a nossa terra. Uma coisa dessas não deve ser permitida. Sabes, quando eu era novo dizia-se que era preciso honrar o imperador e expulsar os estrangeiros. É

uma lição que se calhar teremos de reaprender.” não era a primeira vez que Fukui escutava aquela frase. na escola também já tinha ouvido dizer amiúde que os japoneses eram descendentes dos deuses, que o imperador era o deus Amaterasu-Omikami em forma humana e que havia que honrar o imperador e expulsar os estrangeiros, mas a verdade é que não se sentia confortável com a ideia.

As histórias sobre o efeito da chegada dos porutogarujin ao Japão e mais tarde do comodoro Perry fascinavam-no e impressionavam-no. Se o Japão era a terra divina, como se explicava que os gaijin se tivessem imposto tão facilmente? Se os japoneses eram mesmo descendentes dos deuses, por que razão haviam sido os estrangeiros a inventar todas aquelas máquinas maravilhosas? E, já agora, porquê expulsar quem tanto tinha contribuído para o progresso do país? não compreendia o sentimento antigaijin e sentia que havia algo de profundamente errado na ideia de que os japoneses eram descendentes dos deuses, embora tivesse consciência de que deveria ser cauteloso na forma como expressava o seu pensamento sobre o assunto. Não corriam por vezes notícias do assassinato de intelectuais pró-ocidentais? Claro que não tinha a temer tal coisa do pai, mas talvez fosse bom manter-se reservado. Decidiu por isso desviar a conversa para outro tema.

“O pai gostou de ver aquelas máquinas?”

“Então não gostei?”, retorquiu Iwao. “0/7 Uma coisa de espantar, sim senhor! Aqueles passarões são invenções belas, sem dúvida.” Ergueu o indicador, à laia de ressalva. “Belas, mas perigosas.”

“Aeroplanos”, corrigiu o rapaz com um sorriso. “O tenente chamou-lhes aeroplanos.”

Iwao encolheu os ombros.

“Lá o que seja”, disse com indiferença. “Sabes, os homens que lidam com eles têm de ter coragem. Uemura-san contou-me que já morreram vários soldados a pôr as hélices a girar ou a voar nesses passarões. Espatifam-se com facilidade, ao que parece.” Esboçou um ar pensativo. “Só me interrogo sobre a utilidade que poderão ter lá em cima.”

“Talvez sirvam para ver o inimigo à distância...”

A observação arrancou um trejeito de assentimento do pai.

“Está bem visto, sim senhor”, admitiu com ar pensativo.

“Será difícil os passarões matarem alguém, mas podem perfeitamente identificar os movimentos do inimigo. Uma coisa dessas não me tinha ocorrido. Além do mais, com este tipo de...”

uma flecha pregou-se nesse instante à madeira do riquexó, paralisando de surpresa os seus ocupantes.

“Yakuza!”, gritou o homem que puxava o riquexó, o primeiro a reagir,

largando o veículo e mergulhando no arrozal que se abria à direita da estrada para Tsuchiura. “Bandidos!”

A fuga do puxador do riquexó despertou Iwao da sua letargia momentânea. Sem perder mais tempo, ergueu-se de um salto e puxou o filho, mas quando pôs o pé na estrada para fugir também para o arrozal foi atingido consecutivamente nas costas por duas novas flechas.

—

Embora assistisse a tudo o que se passava como se de um sonho se tratasse, Fukui sentiu o coração saltar-lhe no peito.

“Pai?”

Apesar das duas flechas cravadas nas costas, Iwao manteve-se de pé e, agarrando o filho, cambaleou para a berma da estrada.

“Foge, rapaz!”, gemeu, as forças a começarem a faltar-lhe. “De... depressa!” o ar foi rasgado por várias outras flechas sussurrantes, algumas das quais se perderam no chão ou no arrozal, mas duas outras atingiram o alvo, uma nas costas e outra na coxa esquerda de Iwao, que tombou de bruços no chão, a cara mergulhada na terra.

“Pai!”

A vítima do ataque pareceu ter nesse instante perdido a consciência. Fukui ajoelhou-se e puxou por ele, tentando despertá-lo para o puxar para o arrozal e escapar com ele da estrada. Foi nessa altura que o rapaz se apercebeu dos vultos negros em volta deles, decerto os homens que os estavam a atacar; tinham as caras cobertas por lenços negros e vinham com espadas de samurai, mas no seu desespero, e apesar do perigo que corria, Fukui encarou-os quase com indiferença. Seriam mesmo yakuza? Ou seriam ronin, samurais sem senhor? Talvez até fossem ninja. Na verdade, que interessava isso? A única coisa que queria era reanimar o pai e tirá-lo dali.

Os atacantes aproximaram-se dos dois viajantes e um deles, após desferir um pontapé violento que deitou Fukui por terra, afastando-o assim do pai, enterrou a sua wakizashi no corpo indefeso de Iwao, trespassando-o de um lado a outro.

Depois retirou a espada e ajoelhou-se, pegando na mão da sua vítima e sentindo-lhe o pulso.

“Está morto.” os restantes homens cercaram-nos e as atenções voltaram-se para Fukui, que observara a cena num mutismo horrorizado.

“O que fazemos dele?”

O assassino que trespassara Iwao lançou um olhar ao rapaz antes de se virar de costas e afastar-se.

“Deixa-o.” tão depressa como chegaram, os homens de negro saíram da

estrada e mergulharam no arrozal. Fukui rastejou então até ao corpo inerte de Iwao e virou-lhe a cara enterrada na terra; tinha os olhos vidrados e entreabertos, um fio de sangue a pintar-lhe o canto da boca. O pequeno abraçou-o com força e sentiu os olhos embaciarem-se antes de um grito gutural lhe explodir na garganta.

—

Os lótus desabrocham nas duas faces de quem os colhe.  
Deslizam ao acaso pelo lago e desvanecem-se. só a sua melodia revela as  
almas que deles se erguem. wang Changling

—

A bebé parecia feita de porcelana, a cara pálida mas de bochechas redondas tão rosadas que se diriam pintadas, as pálpebras descidas no sono retemperador pós-parto. Tinha as feições de tal modo imóveis que lembrava uma boneca; a

única coisa que nela mexia eram as mãos, que não paravam de se contorcer. Inclinando-se sobre a filha, Mei-xing compôs o lençol que a envolvia, ajeitando-o de modo a melhor conservar o calor. Foi um gesto simples mas suficiente para a deixar exausta, pelo que voltou a recostar-se na cama. Fechou os olhos e forçou o corpo a descontraír, percebendo que precisava de recuperar forças depois da noite difícil que vivera. mei-xing era uma mulher franzina e os quadris estreitos haviam-na punido com um parto longo e doloroso, com terríveis dores de rins que a fizeram sentir-se rebentar. nos momentos mais duros chegara a implorar às cunhadas e amabs que parassem, gritara que afinal não queria ter filhos, que desistia, mas esse desejo não passava de uma fantasia momentânea fruto do desespero provocado pela dor lancinante; a verdade é que era tarde de mais, naquela altura já não havia volta a dar, doesse o que doesse a criança iria nascer.

E nasceu mesmo.

“Então, minha linda estrela?”

A pergunta pareceu ter vindo do nada e Mei-xing abriu os olhos, surpreendida por ouvir pronunciar o seu nome, linda Estrela. Viu sobre ela o rosto familiar do marido, tão sorridente que mostrava a longa fileira de dentes, e a seguir o ramo de tulipas amarelas que ele trazia nas mãos.

“Ah, és tu!”, devolveu a parturiente. “Não te ouvi entrar,  
Yang Bang.”

Bang inclinou-se e colou-lhe um beijo à testa.

“Parabéns, tai-tai!”, saudou-a, usando a expressão íntima e carinhosa com

que habitualmente tratava a mulher. “Deste à família Yang o seu primeiro rebento!”

Ela moveu o braço na direção da alcofa ao lado.

“Já sabes que... que é menina?” o olhar embevecido de Bang desviou-se para a bebé.

“É linda.”

Depois de pousar as tulipas ao lado da almofada, o marido contornou a cama e abeirou-se da alcofa. Mei-xing acompanhou o movimento dele, a preocupação a morder-lhe os olhos inquisitivos.

“Tu... tu não te importas?”

Bang inclinou-se sobre a alcofa e beijou a menina adormecida.

“Claro que não, minha tonta. A nossa filha é linda.”

A reação deixou a mulher mais descansada. Um suspiro de alívio escapou-lhe dos lábios, mas de imediato o olhar de Mei-xing ganhou firmeza e resolução.

“O próximo será um rapaz”, disse com grande convicção.

“Ouviste? O próximo será um rapaz.” o marido manteve o sorriso.

“Rapaz, rapariga... o que importa?” Encolheu os ombros.

“A China tem de se modernizar, tai-tai. Tu não usas o rabo de cavalo manchu nem andas de pés atados, pois não? Já não temos a dinastia Qing a governar-nos com a sua corte infernal de mandarins e eunucos, ou temos? Não vivemos há já oito anos numa república?”

“Qual república?”, retorquiu Mei-xing com um trejeito de desdém. “Ayah! A tua república é uma miragem, Yang

Bang! Os Qing caíram, é verdade, mas a China está entregue aos senhores da guerra.”

“Pois sim, só que chegou a hora de as velhas tradições darem lugar a novos costumes. A China tem de enterrar os pensamentos feudais e retrógrados que a acorrentam e abraçar a modernidade.” Fez um gesto displicente. “Se não tivermos rapazes, não vejo qualquer problema. Venha quem vier, menino ou menina, será sempre meu filho.” vendo nestas palavras uma forma de o marido ocultar a decepção e lhe salvar a face, Mei-xing endireitou-se com grande esforço na cama e fitou-o com intensidade.

“Juro-te que o próximo será um rapaz, ouviste? Um rapaz!”

A promessa foi feita com tal veemência que a bebé se agitou, soltou um gemido e a seguir emitiu um som prolongado; parecia um miado mas era choro. O pai precipitou-se sobre ela, puxou-a para o colo e embalou-a com ternura.

“Pronto, pronto”, sussurrou Yang Bang. “Dorme, minha linda. Dorme. A mãe não...”

Calou-se a meio da frase, ficando a fitar a criança com estupefação.



"Que foi?," perguntou a mulher, inquieta. "Que aconteceu?"

o marido inclinou a bebê para ela.

"Os olhos!" exclamou, subitamente excitado. " Wah! Já lhe viste os olhos?" o barulho acordara a recém-nascida, que se agitava e gorjeava com duas lágrimas a deslizarem-lhe pelo canto das pálpebras. Muí-xing pôs o polegar sobre uma sobrancelha da bebê e puxou-a para cima, surpreendendo um lampejo anil.

"São azuis;!", constatou, pasmada. "Como é isto possível? Ela tem olhos azuis como os yang guizi, os diabos do ocidente!" sem largara menina, o marido endireitou-se.

"Já tinha tmvido falar nisto, mas é raro. Parece que uma bisavó minha também tinha olhos azuis."

"A tua bisavó era uma yang guizi?"

"De modo nenhum, tai-tai. Era uma chinesa, como tu e eu. Veio de Liqian."

"Então como se explica que a menina, sendo totalmente chinesa, tenha olhos azuis?" o marido encolheu os ombros.

"E uma raridade, já te disse." Recomeçou a embalar a criança. "Pronto, minha querida. Faz o-ó..." o movimento e o murmúrio tranquilo pareceram sedá-la.

A bebê calou-se e voltou ao sono com um arrulhar reconfortado. O fpai depositou-a de novo no berço e ajeitou o lençol em torno dela.

"Sabes, até nem me importo que o nosso primeiro filho seja uma nnenina", disse Mei-xing, agora mais tranquila.

"Lá diz o dittado, primeiro nasce a flor, depois vem o fruto."

Bang volpou para o pé da mulher. Sentou-se na borda da cama e pegou-lhe na mão quente e débil; sabia que, apesar de se dizer moderna, ela não resistia a certas tradições e formas antigas de pensar. Quanto a isso, não havia volta a dar. Para

as chinesas a incapacidade de gerar rapazes constituía motivo de profunda vergonha e Mei-xing, embora percebesse que o tempo dos Qing havia acabado e que a China entrara num novo tempo, no fundo não era diferente das outras.

"Já pensaste no nome que lhe vamos dar, tai-tai?," perguntou ele, mudando o ângulo da conversa. "Sabes, a menina tem os lábios da minha mãe. Porque não lhe damos o nome dela?" mei-xing respondeu com uma careta.

"Não, isso não!" Abanou a cabeça. "Não pode ser. Precisamos de um nome mais auspicioso."

"Então o que sugeres?"

A mulher virou a cara para o berço e fitou pensativamente a filha adormecida. Um nome não deveria apenas refletir a aparência do seu portador, mas sobretudo a sua essência. porém, como determinar a

essência da filha? Pelo signo? ora aí estava uma bela ideia. Corria 1920, pensou, e que ano era esse?

"Hou?", perguntou. "Macaco?" o marido fez uma careta horrorizada.

"Desculpa, mas não vamos chamar Macaca à nossa menina!", protestou.

"Isso está fora de questão!"

A recusa fez Mei-xing refletir. O facto de a filha ter nascido no ano do Macaco significava que seria uma pessoa curiosa, amante das experiências inéditas e divertidas, com grande sentido de humor, inteligente e inventiva, mas realmente não lhe podia chamar Macaca! A questão parecia-lhe mais difícil do que inicialmente pensara. ponderando o problema com maior cuidado, Mei-xing considerou que a essência da menina teria de refletir a sua missão na vida, de resto vinha daí a necessidade de o nome ser também auspicioso. Para que nascera então a filha? A

resposta impôs-se-lhe por fim, evidente e transparente. Nascera para ser a flor antes do fruto. Sim, era isso mesmo! A filha era uma flor, e assim sendo teria de ser a mais bela e a mais profunda de todas as flores.

"Lian-hua", disse por fim. "Vai chamar-se Lian-hua." o marido contemplou a bebé e sorriu, desta vez a aprovar o nome. A sua menina seria Lian-hua.

Flor de Lótus.

—

Um mar de fardas enchia metade da Basílica da Estrela, contrastando com os fatos e gravatas e os vestidos mais ou menos discretos dos restantes convidados. As notas da marcha Nupcial de Mendelssohn soaram pelo santuário e os presentes levantaram-se numa homenagem à noiva, que, compenetrada e nervosa, apareceu na porta e passou pelo eixo central da basílica de braço dado com o pai. O noivo recebeu-a diante do altar e ambos se ajoelharam perante o padre para formalizar a união. o casamento de Artur com Catarina decorreu num sábado quente de 1920. A data da cerimónia fora escolhida para aproveitar uma licença graciosa que os pais do noivo tinham para usufruir na Metrópole e decorreu três dias depois de eles chegarem de Moçambique. Como prenda de casamento, o casal teixeira entregou aos noivos uma quantia de tal modo simpática que serviu para dar entrada para um apartamento com quatro assoalhadas no Campo de Santana, na zona alta de Lisboa.

"Um quarto é para vocês e os outros dois são para os vossos filhos", disse Amílcar Teixeira quando pais e sogros foram visitar a casa dos pombinhos, uma semana depois do matrimónio. "Espero que já estejam a trabalhar para nos darem netos..."

Esse trabalho, em bom rigor, havia começado duas semanas antes do casamento, quando Catarina cedera aos ímpetos amorosos de Artur durante

um piquenique num pinhal fronteiro à praia do Guincho. A rapariga não queria, alegara que ele só tinha de “ter paciência” mais quinze dias, mas à custa de mil manhas e artimanhas o noivo lá a conseguiu convencer e Catarina oferecera-lhe a sua virgindade ainda antes da cerimónia nupcial. Pelos gemidos quase descontrolados que a moça soltara nos instantes mais acalorados, e que obrigaram até Artur a deitar-lhe a mão à boca numa tentativa vã de a calar, não fosse Catarina atrair atenções indesejadas, percebera que a cedência não constituía particular sacrifício.

As ligações estabelecidas em França com o estado-maior do CEP, e sobretudo com o general Gomes da Costa, que ficara especialmente bem impressionado com a atuação do tenente no dia da inspeção às trincheiras, produziram bons resultados na frente profissional. Artur foi promovido a capitão e colocado no quartel da Pontinha, em Lisboa, onde se encontrava estacionado o Batalhão de Sapadores Mineiros, o mais antigo regimento de engenharia do Exército. não se podia dizer, porém, que o recém-promovido capitão vivesse assoberbado de trabalho. É certo que esses tempos se revelaram tumultuosos na frente política, em particular depois do assassinato do presidente Sidónio Pais, em 1918, a que se sucedeu uma procissão infundável de governos que assumiam o poder para logo caírem. Dois primeiros-ministros chegaram a durar apenas vinte e quatro horas, um outro saiu

ao fim de uma semana, outro ainda conseguiu manter-se no poder quase duas semanas, mas a esmagadora maioria não chegou à centena de dias. na messe do quartel, Artur e os camaradas a tudo assistiam com ar resignado.

“Parece que há uma epidemia de tifo a matar governos!” uma fumarada densa criara uma neblina acre no interior da Brasileira. Eram talvez clientes que compravam tabaco na vizinha Casa Havaneza e para ali tinham ido discutir o caos político em que Portugal havia mergulhado, mas a névoa não intimidou Artur. Se sobrevivera aos perigosos gases das trincheiras, porque haveria de temer o inócuo fumo dos cigarros?

A modorra no quartel e o estado do país deixavam-no deprimido. Como era possível terem descido àquele ponto? não haveria ninguém que pusesse as coisas na ordem? Em vez de ir direito para casa optara por passar por ali para beber um café, numa tentativa de descontraír e, quem sabe, sentir o pulso à população. Quando se sentou num lugar vazio perto do balcão apercebeu-se de que o cliente que se encontrava na mesa ao lado o observava e devolveu o olhar. para sua surpresa, reconheceu o vizinho.

“Professor Baptista?”

Haviam-se passado poucos anos desde a última vez que o vira, ainda nos tempos da Escola de Guerra, mas o rosto do professor da disciplina de

Philosophia parecia gasto. Não que tivesse envelhecido, embora se mostrasse algo baço; dava a impressão de alguém que perdera a frescura e a vivacidade da juventude.

“Você é o Teixeira, não é?”

Ainda que fosse já capitão e tivesse vivido a guerra, ao pé daquele homem Artur sentia-se ainda um aluno, reve-

rente e respeitador; era sempre difícil encontrar-se com um antigo professor e ficar imediatamente à vontade. Um certo desconforto parecia inevitável nestas circunstâncias, pois a velha hierarquia de subordinação, embora formalmente já não existisse, na verdade sobrevivia de alguma forma.

“Sim, senhor professor.” um lampejo fugaz perpassou pelo olhar do docente.

“Lembro-me de si. Rapaz esperto.”

Fez-se um silêncio embaraçoso entre ambos.

“O senhor professor ainda dá aulas no Colégio Militar?”

“Dou.” um novo silêncio incómodo. Artur não pôde deixar de estranhar o seu próprio embaraço. Quantas vezes nestes últimos anos teria pensado nas coisas que aprendera com este professor? Quantas perguntas não lhe havia feito ao longo do tempo na sua própria cabeça sobre as sucessivas crises que o país atravessara e quantas respostas não imaginara que o antigo professor lhe daria? Não era o docente um republicano? Não lhe tinha ele afirmado em certa ocasião que a República iria acabar com o regabofe da monarquia? o que teria o professor a dizer sobre tudo o que se passara entretanto?

E porque não aproveitar a ocasião e fazer-lhe mesmo todas aquelas perguntas? Engoliu um trago do café, ganhando coragem para se atirar em frente.

“O que... o que pensa o senhor professor desta confusão toda na política e na economia?”

A pergunta pareceu fazer empalidecer o professor Teófilo Baptista.

“Isto está uma desgraça”, murmurou. “Uma desgraça completa.”

—

“Lembro-me que o senhor professor era um grande defensor da República.”

“Pois, mas nem em sonhos alguma vez calculei que chegássemos a este ponto. Nunca imaginei. Ninguém se entende, ninguém governa bem, é horrível. Está tudo cada vez mais caro, há agitação social, a instabilidade política é constante... um horror. Nunca imaginei! Sabe quanto é que o escudo desvalorizou desde que apareceu, em 1911, até ao início da guerra? Quase cem por cento! Desvalorizou tanto como o real desde a sua criação,

em 1435! Acha isso normal? Num punhado de anos os políticos republicanos desbarataram a moeda tanto como a monarquia ao longo de quase quinhentos anos! Uma vergonha! As câmaras municipais e as misericórdias até se puseram a emitir cédulas para substituir as espécies metálicas, veja lá! O desgoverno é total. Total.”

Bufou. “Ah, nunca imaginei!”

Artur fixou o olhar baço do professor e nesse instante compreendeu-o; era o olhar de um desiludido.

“O que falhou, senhor professor? Quando a legitimidade do poder político passa para o povo, não deveria o poder político resolver os problemas do povo? Não é assim em teoria?”

“Sim, em teoria é”, concordou o docente. “Tornou-se, no entanto, evidente que Platão tinha razão. Os cidadãos são crianças e não se pode entregar o poder a crianças.”

“Mas em Inglaterra existe uma democracia parlamentar, o que significa que a legitimidade do poder está no povo, e a coisa pelos vistos funciona sem problemas.” o professor Baptista manteve-se por uns segundos calado, como se considerasse o argumento.

“A Inglaterra é diferente.”

“Em quê, senhor professor? Por ser uma monarquia?”

—

“A diferença não está na monarquia”, devolveu de pronto, a alma republicana a agitar-se. “Que eu saiba a América e a França são repúblicas e o sistema aí também funciona bem.”

“Então qual é a diferença?” o docente esfregou a barba com um gesto pensativo, contemplando o problema.

“Eu diria que a democracia parlamentar requer certas condições de partida para resultar”, considerou. “A população tem de atingir um determinado nível educacional e gozar de um certo bem-estar, a imprensa tem de ser livre para que diferentes ideias e opiniões circulem, o sistema judicial tem de ser independente e célere e gozar da confiança dos cidadãos... enfim, há um conjunto de requisitos que são imprescindíveis. Ora, e se formos a ver bem, destes pressupostos que apresentei quais existem em Portugal?” tratava-se de uma excelente pergunta. O oficial passou em revista as diferentes condições que o docente considerara indispensáveis para o êxito de uma democracia e comparou-as com o que sabia da realidade portuguesa.

“Só estou a ver a imprensa livre.”

“É muito pouco, não é? Se as pessoas são ignorantes e pobres e se o sistema de justiça não funciona, como pode a nossa república resultar? Às

vezes dá literalmente a impressão que os nossos políticos não passam de crianças a quem foi entregue o poder. Fazem birras, pelem-se, batem o pé, amuam, berram... Chiça, que gentinha!”

“Então o que devemos fazer, senhor professor? Se a república parlamentar e a monarquia constitucional não funcionam em Portugal, deveríamos regressar à monarquia absolutista?”

“Claro que não!”

“Então... qual é o caminho?”

Aí estava uma outra bela pergunta. Desde que se tornara claro que a República era um desastre, coisa para a qual o seu avô atempadamente o prevenira mas que contradizia frontalmente o que aprendera em Moral e Religião e em Filosofia, Artur questionava-se amiúde sobre o que poderia ser feito. Qual o sistema correto para Portugal? olhando nesse momento para o seu antigo professor, o capitão percebeu que também ele dedicara boa parte do seu tempo nos últimos anos a essa magna questão. A conclusão a que o vizinho de mesa chegou, todavia, surpreendeu-o.

“Porque não o comunismo?” o oficial arregalou os olhos perante a sugestão.

“Como os socialistas bolcheviques da Rússia?”

“Sim.”

“Olhe que as notícias que os jornais publicam não abonam muito em favor deles, senhor professor. Diz-se que essa gente anda a matar milhares e milhares de pessoas e que...”

“Eu sei, eu sei”, atalhou o professor Baptista com uma ponta de impaciência. “Mas não se esqueça de que está a decorrer na Rússia uma guerra civil! As condições não são as ideais. Além disso, as dificuldades existentes nesse país parecem-me normais numa fase de transição e a verdade é que a experiência comunista ainda mal começou. Quem lhe diz que vai falhar?”

Artur coçou a cabeça, sem saber o que pensar.

“Pois... não sei.” Hesitou, uma ideia a tomar forma na mente. “O senhor professor acha que pode ocorrer em Portugal uma revolução socialista como a da Rússia?” o docente massajou o queixo, pensativo.

“Quem sabe?”, questionou-se, talvez mais para si mesmo do que para o seu interlocutor. “Acho que depende da forma como as pessoas encararem os nossos políticos.”

—

“Ah, se é por isso, então estamos mal”, observou Artur.

“Sabe, senhor professor, tenho pensado muito no que o senhor disse numa das aulas que nos deu há uns anos. Ainda há pouco, quando o vi, me lembrei da mesma coisa.”

"Ai sim? E o que disse eu nessa aula?"

"Foi em 1910, não sei se se recorda. No dia da instauração da República disse que o regabofe acabara. Confesso que na altura, e embora fosse monárquico, por ser muito novo e pela consideração que tinha por si, até acreditei, mas... a verdade é que nada melhorou na governação."

"Não é bem verdade. Mesmo antes da Grande Guerra, o Afonso Costa chegou a equilibrar as contas públicas."

"Sim, mas à custa de quantos sacrifícios? Houve muitas promessas que não foram cumpridas, senhor professor. Um político mentiroso não devia ser corrido? No fim de contas, se a república significa a soberania do povo, e se os políticos mentem ao povo, não deveriam ser imediatamente afastados? o que disseram Rousseau e toda aquela gente sobre isso?" o professor Baptista cruzou os braços e ponderou o que deveria responder. A questão que o antigo aluno lhe apresentava não era simples.

"Pois, é um facto que os políticos mentem. E mentem sabendo que estão a mentir." Cravou nele o olhar perscrutador. "Acha mal?"

"Claro que acho."

"De certeza?"

A insistência surpreendeu o oficial; não era a resposta tão evidente?

"Bem... sim, claro. Mentir é mau. Até na catequese isso se aprende." o docente inclinou-se para ele e olhou-o fixamente, ciente de que o ia chocar.

"E se eu lhe disser que está enganado? E se eu lhe demonstrar que as mentiras dos políticos não são necessariamente más?" tal como previra, estas possibilidades deixaram Artur atônito, tão inadmissíveis as achou, para mais vindas do seu antigo docente de Moral e Religião.

"Ora essa, não são necessariamente más?"; admirou-se, as faces a enrubescerem de indignação; dir-se-ia que a cara se transformara numa cereja gigante. "O senhor professor acha bem que eles enganem as pessoas?" o professor Baptista suspirou, preparando-se para o mais difícil. Como explicar aquilo? Ajeitou o livro que tinha pousado sobre a mesa.

"Sabe, caro Teixeira, esse foi justamente o problema que perturbou Platão e o levou a opor-se à democracia." Mostrou-lhe o livro que estava a ler quando o antigo aluno entrou no café. "Está a ver isto? É o Gorgias, de Platão. Estava justamente a relê-lo no momento em que o meu amigo chegou." Folheou a obra até localizar a página que pretendia e entregou-a ao antigo pupilo. "Ora leia esta passagem aqui."

Artur pegou no livro e fixou a atenção no parágrafo indicado.

"Com frequência acompanhei o meu irmão, assim como outros médicos, à cabeceira de um qualquer doente que se recusava a ingerir uma droga ou a deixar o médico cortar-lhe ou queimar-lhe a carne", começou a ler em voz alta.

“O médico não o conseguia convencer. Eu, sem precisar de outra arte que não fosse a oratória, convencia-o! Eis que aparece, numa qualquer cidade que queiras, um homem que sabe falar e um médico. Supõe que se desencadeia um debate na assembleia do povo ou em qualquer outra reunião para saber quem se deveria escolher como médico. O médico não faria grande figura e seria escolhido aquele que sabe falar! supõe agora que este debate se desencadeia contra qualquer outro profissional. O homem com jeito para falar acabará sempre por se impor contra quem quer que seja e atrair sobre si a escolha, pois, a propósito de qualquer tema e perante a multidão, o homem com jeito para falar será sempre mais persuasivo.”

O oficial do exército levantou os olhos do texto para fitar o rosto sorridente do professor Baptista.

“Está a perceber?”, perguntou o professor de Philosophia.

“O homem com jeito para falar é o político. Antes da guerra era o Afonso Costa e o Bernardino Machado, agora é o José relvas, é o Domingos Pereira, é essa malta toda que enche a política.”

“Pois, mas conversa não enche barriga. O que interessa que eles falem bem se nada sabem fazer?”

---

“O talento deles não é fazer, é falar. É o que os políticos fazem. Falam e convencem, têm queda para isso. Os bem-falantes impõem-se aos que sabem porque convencem a turba, são tão persuasivos que chegam a induzir as pessoas a fazer coisas contra os seus próprios interesses. No confronto entre o ser e o parecer, caro Teixeira, ganha o parecer. Não interessa que o político não saiba, o que interessa é que pareça que sabe. O político percebe como manipular os nossos desejos, os nossos medos, as nossas emoções, as nossas paixões. A turba prefere sempre os pratos saborosos do cozinheiro aos remédios amargos do médico.

A verdade torna-se assim acessória e o real é substituído por uma espécie de ficção, um mundo de faz-de-conta criado pelos políticos.”

Artur abanou a cabeça, frustrado.

“O senhor professor acha isso bem?”

---

“Não acho bem nem mal, Teixeira. É uma constatação.

As coisas são assim e não de outra maneira. Claro que, tal como você e a generalidade das pessoas, Platão ficava irritado com isso. No fim de contas foi à custa dos seus poderes de persuasão que os bem-falantes



convenceram os cidadãos de Atenas a condenar Sócrates à morte, não é verdade? sócrates foi sentenciado como num tribunal de crianças seria condenado o médico que as havia privado dos deliciosos pratos do cozinheiro. Os cidadãos têm de certo modo uma mentalidade infantil e, quando se veem forçados a escolher entre a realidade dura e as doces aparências criadas pelos políticos, rejeitam a verdade amarga e preferem a ilusão agradável. Platão achava que por isso a democracia era um perigo e a solução seria entregar o poder a uma pessoa sábia, um filósofo-rei.”

“Acha que ele não tinha razão?”

“Quem, Platão? Claro que tinha razão. A análise que ele fez da democracia republicana é correta. Os políticos são bem-falantes que vivem das ilusões que criam na turba. Isso é absolutamente inquestionável. O problema está na alternativa que ele sugere. Isso de entregar a governação a um sábio é muito bonito, sim senhor. Mas como nos poderemos assegurar de que esse filósofo-rei, uma vez com o poder nas mãos, não se transformará num déspota? Esse é o problema.”

Artur sentia-se num beco sem saída.

“Então... qual é a solução? Deixá-los mentir?” o professor de Philosophia pôs de lado o seu exemplar do Gorgias e tirou do casaco um livro muito pequeno.

“A resposta à sua pergunta está neste livrinho aqui, do qual aliás nunca me separo pois gosto de o reler volta e meia. É uma obra fundamental.” Virou a capa para o cadete.

“Conhece?”

—

Artur identificou o título, O Príncipe.

“O que é isso? Um conto de fadas?” o professor Baptista indicou o nome do autor, escrito em baixo em letras pequenas.

“O nome Maquiavel não lhe diz nada?” quando viu quem escrevera a obra, o oficial revirou os olhos de mal contido enfado.

“Ah, sim! Aquele que faz a apologia de manipulação, da política suja, da conspiração...”

“Caro Teixeira, a política é sempre suja, manipuladora e conspirativa”, retorquiu o docente. “Eu sei que a reputação de Maquiavel não é muito boa, mas acredite que este livrinho marcou um ponto de viragem na história da Europa.”

“Em que sentido?”, insurgiu-se o seu interlocutor. “O homem pregou a imoralidade na política!”

“Não. Ele descreveu a política como ela realmente é.

Como é... e como tem de ser.”

Estas três últimas palavras deixaram Artur escandalizado.

“Tem de ser?”

“Sim, tem de ser”, repetiu o professor de Philosophia com grande convicção. “Em vez de olhar para a sociedade como um idealista, construindo utopias e fantasias irrealizáveis, Maquiavel preferiu, como ele próprio disse, ir diretamente à verdade das coisas. Não era um moralista, era um realista. ou seja, não se preocupava com o que o homem deveria ser, mas com o que era realmente. Isto foi uma mudança profunda no paradigma do pensamento político ocidental, uma vez que de Platão a Tomás de Aquino a política e a moral constituíam conceitos indissociáveis. Foi Maquiavel o primeiro a separá-los e a mostrar, em toda a sua nudez, a real natureza do poder político.”

tudo aquilo parecia chocante e Artur abanou a cabeça, nada inclinado a aceitar o que ouvia.

“Senhor professor, desculpe mas não posso concordar. Se a política não está ligada à moral, está ligada a quê? Não deve afinal um político ser uma pessoa de bem?”

Foi a vez de o professor Baptista sacudir negativamente a cabeça.

“Se for a ver bem, meu caro Teixeira, não é isso que a história mostra, pois não?”, observou. “Maquiavel pôs-se a estudar os grandes governantes que mais mudaram a vida da humanidade e constatou que os maiores feitos políticos jamais foram comandados pela bondade, pela probidade e pela boa moral, mas pela crueldade, pela intriga, pela violência e pela mentira. Concluiu por isso que um governante teria de ser suicida se se comportasse como um homem de bem.”

“Desculpe, senhor professor, mas não pode ser assim”, insistiu o militar, ainda a resistir a estas ideias. “Se um político não é guiado pela moral, é guiado por quê? Pela imoralidade?”

“Pelo interesse do estado. Na opinião de Maquiavel, a política não serve para tratar da moral dos cidadãos, mas para garantir o seu bem-estar e segurança. Em vez de conceitos como bem e mal, preferiu falar de noções como utilidade, necessidade, perigo e danos. Tal como Platão, maquiavel achava que as pessoas são naturalmente egoístas, inconstantes, crédulas, de vistas curtas, e se comportam como cordeiros que seguem acriticamente o rebanho. A diferença é que ele considerava que esses defeitos também poderiam ser virtudes, desde que fossem devidamente trabalhados para o bem comum.” sempre relutante em aceitar estes conceitos, que lhe pareciam abertamente imorais e em contradição com tudo o que aprendera, Artur esboçou uma careta de ceticismo.

“Como é que se trabalha o egoísmo para o bem comum?”, questionou. “Isso não é possível.”

“Oíça, caro Teixeira, tem de perceber que os seres humanos sabem que têm mais possibilidades de sobreviver se trabalharem em conjunto. É por isso que, quando se encontram ameaçados, o seu egoísmo os leva paradoxalmente a cooperar.

Isso é algo que, conforme sublinhou Maquiavel, os políticos devem usar a favor do bem comum. A inconstância e a credulidade tornam as pessoas facilmente manipuláveis por um político que esteja preocupado com melhorar a sociedade.

Como o bem comum deve ser a prioridade do governante, a manipulação dos seres humanos nesse sentido não só é aceitável como é desejável.”

“Mas as pessoas também podem ser manipuladas por um político com más intenções...”

“Pois podem”, concedeu o professor. “Foi por isso que Maquiavel sublinhou que o bom príncipe é aquele que trabalha no interesse da comunidade. A coisa mais importante que o governante tem de salvaguardar, insisto, é o interesse do conjunto. tal como Platão, Maquiavel achava que as pessoas raciocinam como crianças e, assim sendo, um político só consegue o favor da turba se lhe prometer mundos e fundos, da mesma maneira que um adulto cativa uma criança se a encher de doces.”

“Pois, prometer os políticos prometem. E cumprir?” o professor Baptista calou-se por um longo momento.

“Diga-me, Teixeira, acha mesmo que os políticos devem cumprir tudo o que prometem?”

“Com certeza! Há alguma dúvida sobre isso?”

“Então e se o cumprimento da promessa prejudicar gravemente a sociedade?”

Artur sacudiu a cabeça, como se o sentido da pergunta lhe escapasse.

—

“Não estou a perceber...”

“Imagine que o atual presidente do Ministério, o António maria Baptista, dizia em campanha eleitoral que Portugal deveria abraçar incondicionalmente a paz e prometia que, se fosse eleito, venderia todas as armas de que o país dispõe e distribuiria o dinheiro pelos pobres. É uma coisa bonita, não é? Imagine que, por causa dessa promessa aparentemente tão maravilhosa, as pessoas votavam nele e o elegiam. Acha que, uma vez no poder, devia cumprir o que prometeu?”

“Claro. Se fez a promessa...”

“Então cumpria a promessa e de repente a Espanha entrava pelo país dentro

e, como os portugueses estavam desarmados, anexava-o. Acabou-se Portugal. Acha mesmo que o António Maria Baptista fazia bem em cumprir a promessa disparatada que fez?" o exemplo deixou o oficial sem saber o que dizer.

"Quer dizer... enfim, ele prometeu, não é? Se a promessa era disparatada, não a devia ter feito."

"Se não a fizesse não seria eleito. Fê-la e a turba votou nele. Agora que se vê no poder, o que deve fazer?"

"Nenhum político prometeria uma coisa dessas." o professor Baptista riu-se.

"Oiça, meu caro Teixeira, os políticos não fazem outra coisa que não seja prometer coisas perigosas aos eleitores, percebe? As pessoas têm as vistas tão curtas que só se interessam pelo imediato e só votam em quem lhes promete o paraíso, mesmo que não passe de uma ilusão evidente. ninguém vota num político que lhe dá a verdade amarga, da mesma maneira que nenhuma criança quer o médico que lhe mete na boca medicamentos desagradáveis. As pessoas têm uma mentalidade infantil e os políticos sabem que só serão eleitos se prometerem o que os eleitores desejam,

não aquilo de que realmente precisam. Por isso é normal os políticos mentirem. Mesmo que os eleitores jurem que só querem ouvir a verdade, na realidade nenhum a deseja. é demasiado desagradável. A questão é esta: depois de ter prometido vender as armas todas do país, o que deverá o António Maria Baptista fazer quando se vê no poder? Deve ou não cumprir a promessa?"

Artur coçou a cabeça. A resposta óbvia impunha-se na sua mente, mas não a conseguia articular em palavras; parecia-lhe demasiado imoral para a conseguir assumir.

"Bem..."

"Não, não deve cumprir promessa nenhuma!", exclamou o docente com um gesto perentório, respondendo assim à sua própria pergunta. "Maquiavel estabeleceu que o principal objetivo da boa governação é o bem comum, não a moralidade. nenhum bom político cumpre uma promessa que prejudica o bem comum. O bem comum é mais importante do que a honra e a palavra do político. Mais ainda, Maquiavel tornou claro que a força e a violência, que toda a gente considera moralmente lamentáveis na esfera privada, são desculpáveis e até desejáveis se forem usadas em prol do bem comum.

A mentira e a manipulação são lamentáveis na esfera privada, mas igualmente aceitáveis e desejáveis se forem em defesa do bem comum. Maquiavel criou assim o conceito do superior interesse do estado. O interesse comum está acima de tudo o resto, incluindo a honra e a moral."

"Pois, mas isso é... é muito mau."

"A realidade não é bonita, é o que é. Maquiavel transferiu a habitual ênfase na intenção moral de uma ação política para as consequências dessa ação. De que interessam as boas intenções se os resultados forem catastróficos? Lá diz o povo, de boas intenções está o Inferno cheio." Hesitou, como se tivesse acabado de lhe ocorrer uma ideia. "Diga-me uma coisa, Teixeira, você é católico?"

"Claro que sim, senhor professor", devolveu Artur, empertigado por a pergunta admitir a hipótese contrária. "Vou à missa todos os domingos. Porque pergunta?"

"O que acha do perdão?"

Assim, feita de chofre, a pergunta deixou o militar sem saber onde o interlocutor pretendia chegar.

"Bem... eu diria que é uma das coisas mais belas do cristianismo, não lhe parece? No fim de contas, a nossa religião é a religião do perdão. Jesus disse que..."

"Pois, eu sei que Jesus achava que toda a gente devia ser perdoada", atalhou. "Se te baterem numa face dá a outra, ama o teu próximo e o teu inimigo também e essa conversa toda. O perdão resolve tudo. Isso é muito bonito, sem dúvida, a intenção é imensamente meritória, mas..." Inclinou-se para a frente e soergueu uma sobrancelha. "Diga-me, meu caro Teixeira, o que aconteceria à sociedade se toda a gente cometesse todos os crimes que quisesse e ninguém fosse realmente punido?"

"O que quer dizer com isso?"

"Assim mesmo. As pessoas cometem um crime e são todas perdoadas e vão para casa com ordem de rezar umas ave-marias, ou se calhar nem isso. Perdão para todos os criminosos, está a ver? Roubaste? Estás perdoado. Violaste? perdoado. Mataste? Perdoado. Como acha que seria a nossa sociedade se o perdão cristão fosse realmente aplicado a toda a gente que cometesse um crime?"

"Bem... uh..."

"Seria uma catástrofe, Teixeira! Uma absoluta catástrofe!"

Como ninguém recearia a punição e a impunidade se generalizaria, as pessoas roubavam-se, violavam-se e matavam-se umas às outras. A sociedade tornava-se uma selva. É isto uma boa política? Diga-me, meu caro, acha que uma coisa destas iria mesmo resultar?"

Estas perguntas eram incómodas e deixaram Artur confundido. Pelo que aprendera na catequese quando estudante, e pelo que ouvia na missa dominical, a resposta teria de ser afirmativa, mas o mero raciocínio lógico mostrava-lhe que de facto não podia ser assim.

"Quer dizer... enfim..."

“Claro que não resultava”, cortou o docente, dando a resposta evidente. “Maquiavel sabia que há bens que vêm por mal e que há males que vêm por bem. Um bom político procura sempre o bem, mesmo que ele venha por mal. O que interessa são as consequências de um ato político, não as suas intenções, percebe?”

“Mas há políticos que fizeram bem as coisas sem recorrerem a atos imorais...”

“Quem, por exemplo?”

“Olhe, D. Afonso Henriques. Fundou Portugal.”

“Mas para isso teve de bater na mãe.”

A resposta pronta atrapalhou o militar.

“Pois... enfim...”

---

“E teve de matar não sei quantos mouros para conquistar santarém e Lisboa. De certo modo Maquiavel estava a dizer que todos os governantes bem sucedidos atuaram de forma imoral, só que a nossa atenção se centra nas consequências das suas ações, não nas ações em si. Julgamos os governantes pelos resultados e tendemos a esquecer ou a negligenciar as formas imorais como eles se comportaram para chegarem a esses resultados. Ou seja, os fins justificam os meios.” sentindo-se sem argumentos, Artur deixou os ombros descaírem, em postura de desânimo.

---

“Então o senhor professor acha que o António Maria Baptista não devia ser afastado por causa das suas mentiras...” o professor Baptista passou os olhos pela capa de O príncipe e pousou o livro no regaço como se a resposta estivesse ali inscrita.

“Julguemo-lo pelos resultados.”

“Pois, mas as pessoas não pensam necessariamente assim, como sabe”, atalhou Artur. “Os portugueses sentem-se fartos de políticos aldrabões e as mentiras sucessivas estão a desacreditar por completo a democracia parlamentar. Os republicanos prometeram-nos prosperidade e em vez disso trouxeram-nos a guerra, a instabilidade política, o caos social. Nem o atual presidente do Ministério, este António Maria Baptista que acabou de subir ao poleiro, irá aquecer o lugar, vai ver. Se isto continuar assim, o regime cairá, não tenha dúvidas.” o docente soergueu o sobrolho.

“O meu amigo está a insinuar que a revolução socialista pode ocorrer em Portugal?”

“Não sei. O que pensa o senhor?”

A pergunta retirava o professor Baptista da sua zona de conforto; já antes a evitara, mas deixara de ter espaço para voltar a fazê-lo. Puxou a cadeira e ajeitou-se no assento antes de abrir o seu pensamento sobre o assunto.

“Bem... As revoluções comunistas parecem estar de facto a rebentar por toda a Europa, já reparou? Depois da revolução bolchevique de 1917 na Rússia veio a revolução alemã de

1918, que incluiu a criação do estado socialista da Baviera, enquanto na Hungria e na Eslováquia foram proclamadas repúblicas soviéticas.”

“Itália está na mesma, a crer nos jornais...”

“Ah, com certeza! Em Itália anda tudo em efervescência, com os comunistas e os anarcossindicalistas a paralisarem

turim, Pisa, Génova e Milão, para não falar de algumas regiões agrícolas. Multiplicam-se as greves e ocupações de fábricas e de propriedades, o diabo a quatro. E repare que, apesar das divergências e das múltiplas tendências que os dividem em grupos e fações e mais não sei quê, os partidos socialistas proliferam por toda a parte. Olhe, ainda há dias li que o antigo dirigente do Partido Socialista Italiano, o... o...” Fez uma careta. “Ai, aquele a quem Lenine fez um rasgado elogio... como se chama aquele comunista?”

“Mussolini?”

“Pois, esse. Mussolini. O tipo criou os Fascios Italianos de Combate para exigir salário mínimo, horários laborais de oito horas, o voto das mulheres, a participação dos trabalhadores na gestão das fábricas, a reforma aos cinquenta e cinco anos, a confiscação dos bens das congregações religiosas... enfim, um programa socialmente muito avançado. Como vê, há socialistas para todos os gostos.”

“Não são os socialistas nacionalistas de Itália, os... os fascistas, não é assim que eles se chamam a si próprios?, não são eles que andam às turras com os outros socialistas, dos socialistas libertários aos socialistas ortodoxos e aos socialistas reformistas?”

“É próprio dos socialistas andarem sempre divididos em múltiplas fações e a guerrearem-se uns aos outros por causa de pormenores de doutrina, fique descansado”, desvalorizou o professor. “Para mais em Itália, onde anda tudo virado do avesso porque o Tratado de Versalhes não deu ao país os despojos que muitos italianos consideram justos. olhe para o que se está a passar na cidade de Fiume,

• x • «V )9 ja viu?

“Apenas li umas coisas vagas, confesso. E por causa de um poeta qualquer, não é?”

“Um poeta qualquer?”, riu-se o professor Baptista. “Estamos a falar de Gabriele D’Annunzio, meu caro! Se o homem o ouvisse, dava-lhe um chique. Então não sabe o que o

D’Annunzio fez quando recebeu uma carta endereçada Ao melhor poeta de Itália? Devolveu-a.” o oficial assobiou, impressionado.

“Ah, muito bem”, assentiu em tom aprovador. “Um homem humilde, sim senhor.”

“Humilde? O tipo devolveu a carta porque, segundo ele, era insultuosa. Deveria ter sido endereçada Ao maior poeta do mundo!” os dois soltaram uma gargalhada.

“Um cómico, esse D’Annunzio”, observou Artur. “Li que ele se aliou aos antigos Arditi, as tropas italianas de choque que combateram durante a Grande Guerra, e instituiu em

Fiume uma série de cerimoniais ligados à Roma antiga e à modernidade futurista. Parece que na cidade as pessoas se saúdam com o braço estendido, à romana, e por toda a parte há grandes manifestações teatrais, com muitas bandeiras e canções patrióticas, e os elementos das antigas tropas de choque, os Arditi, transformados em milícias que marcham pelas ruas com as suas fardas negras. E o homem faz discursos nacionalistas empolgantes das varandas, atira perguntas à multidão e as pessoas respondem em coro.”

“Um circo, meu caro. Um verdadeiro circo.” O docente fez um gesto displicente com a mão. “Mas isso é irrelevante. o importante, em Itália e noutros países, é que o capitalismo está mesmo a desembocar em sucessivas revoluções dos operários, como Engels e Marx previram. Até o papa aderiu à moda e emitiu a encíclica Rerum novarum, a defender um catolicismo social dirigido aos trabalhadores. O socialismo está em voga, meu caro! As revoluções já começaram!”

—

Artur esboçou um esgar cético.

“Estas revoluções por toda a Europa são o produto inevitável do capitalismo ou não serão antes o resultado das dificuldades provocadas pela Grande Guerra? Não estará a confundir as causas, senhor professor? Não se esqueça que várias dessas repúblicas comunistas duraram pouquíssimo tempo, apenas alguns meses. Parece pouco para uma grande revolução, não acha?” o professor Baptista pegou na sua chávena e engoliu todo o café de uma só vez. Quando terminou pousou-a e suspirou, ciente de que não tinha resposta para as perguntas mais importantes do seu tempo.

“Vamos esperar para ver.”



A voz esganiçada de Kiyotoshi sensei, o diretor da Escola primária de Tsuchiura, enchia a sala de palavras nobres, ensopadas de elogios aos professores e de encorajamentos aos alunos que nessa manhã se despediam da instituição. Para estes era o dia do adeus àquela escola, pois com a cerimónia de graduação que nesse instante se iniciava concluíam-se os estudos primários.

"Nesta humilde casa foram-vos dados os primeiros instrumentos para vos preparar para o grande caminho da vida!", proclamou Kiyotoshi sensei, a tentativa de soar grandiloquente traída pela voz de falsete. "Aqui aprendestes a ler, a escrever e a contar. Mais importante, aprendestes a honrar e a venerar o nosso divino imperador. Pois os rudimentos do conhecimento foram ministrados nestas singelas instalações, com disciplina e com dedicação, com..."

As palavras do diretor da instituição davam sono a Fukui, que teve de fazer um esforço para combater o peso das pálpebras. Acordara cedo para vir ali escutar tais baboseiras? Ele que tantos tabefes levava dos professores e se vira castigado pela mínima falha? Ele que tanto sofrera naquela escola às mãos do energúmeno do Miyamoto Sawa, perante a indiferença dos adultos que ali trabalhavam, cujo dever era proteger os alunos? O facto de Sawa, por ser três anos mais velho, se ter graduado da escola primária três anos antes salvara-o. O seu antigo verdugo devia agora andar a infernizar a vida dos colegas de alguma escola secundária de Tóquio, para onde fora entretanto viver. Se não tivesse sido a saída de Sawa, e também o pai ter insistido que

Fukui frequentasse as aulas de kendo, quem sabe se teria conseguido sobreviver?

A memória do pai, assassinado por desconhecidos no ano anterior à saída da base naval de Ami, arrancou um suspiro melancólico ao rapaz. Era órfão de pai e estava a terminar o ensino primário. O que faria ele da vida? A mãe já decidira que não havia futuro para ambos em Tsuchiura, não depois do que sucedera. Aiko, que no auditório da escola se encontrava nessa ocasião sentada ao lado dele, convencera-se de que havia toda a vantagem em que o filho acabasse a primária na instituição onde a começara, mas depois partiriam ambos para outro destino longe dali. Uma possibilidade seria ir para a terra da mãe, Nagasáqui, embora o rapaz fosse insistindo em Tóquio, pois tratava-se da capital e do centro de tudo. O que lhe custava, contudo, era deixar Tsuchiura. não que se sentisse particularmente feliz na povoação. o que se passava era que Fukui odiava a ideia de que os Miyamoto haviam vencido e pensava que saírem dali seria equivalente a

entregarem a vitória ao inimigo. Nada aliás o convencia de que não havia dedo de alguns ele-

mentos da família rival na morte do pai, mas a polícia não detetara qualquer indício nesse sentido e o relatório oficial atribuíra o ataque a um assalto de yakuza não identificados. quais yakuza!, pensara então Fukui, o coração negro de fúria e dor. Haviam sido os Miyamoto que mandaram matar o pai, disso não tinha dúvidas. Embora, havia que admiti-lo, as dúvidas existissem mesmo. Que a presença de um Satake em Tsuchiura se revelara desconfortável para alguns Miyamoto, isso sabia de ciência certa. Mas dali a mandarem assassiná-lo... Teria o giri de bom nome levado essa gente a ir tão longe? Não era impossível. por outro lado, poderia realmente estar a ser injusto.

Havia momentos em que admitia que o mais provável fosse até que os Miyamoto nada tivessem a ver com a emboscada à saída da base de Ami. No fim de contas, o pai era polícia e o que não faltava eram bandidos vingativos. Isso, diga-se de passagem, não ilibava a escola de responsabilidade nos maus dias que ali passara. mas que Kiyotoshi sensei e os professores que ali tivera não pensassem que as coisas iam ficar por ali. Não ficariam. sentiu ao lado dele a mãe inclinar-se na sua direção.

"Então?"; segredou-lhe ela. "Tens o discurso pronto?"

Fukui bateu com a palma da mão no bolso escondido dentro do quimono com o emblema da escola.

"Está aqui."

"Foi o professor que o escreveu, não foi?"

"Foi, foi", confirmou o filho com ar ausente, dando a resposta de forma quase automática. "Escreveu tudo e deu-me para ler como se tivesse sido escrito por mim."

"E o que escreveu o professor?"

—

Fukui encolheu os ombros.

"Ora! Elogios a ele próprio, o que haveria de ser?"

A mãe riu-se baixinho.

"Que engraçado!", exclamou. "Mas que coisas escreveu?"

Anda, filho, conta-me tudo..."

"Sei lá, mãe." Fez um esforço. "Olhe, pôs-me a agradecer-lhe a cega dedicação aos alunos, a eloquência, o talento, a bondade... essas coisas."

Aiko voltou a rir-se em voz baixa.

"É mesmo engraçado, o teu professor. E que mais?"

"É embaraçoso."

"Vá, conta." o filho respirou fundo.

“Pôs-me a dizer que vou sentir imensas saudades dele e da escola, que foram momentos inesquecíveis os que aqui vivi, que me despedia com o coração pesado de tristeza... está a ver o género, não está? Chikushou! Uma catrefada de mentiras e disparates!” Fez um esgar e espetou a língua ao canto da boca. “Até me dá vômitos, se quer que lhe diga.”

A mãe pousou a mão quente sobre a mão dele.

“O facto de teres sido escolhido para fazer o discurso de agradecimento e assim representares todos os alunos que se graduaram é uma grande honra, Fuku-chan. Não interessa verdadeiramente o que vais dizer, o que interessa é que foste escolhido para o dizer.”

“Fui escolhido porque mataram o pai”, retorquiu Fukui com acidez. “Foi a má consciência da escola que levou o diretor a escolher-me para fazer o discurso em representação dos alunos, não foi o meu mérito.”

“Seja, mas foste escolhido, e é isso que interessa”, insistiu Aiko. “Tens de perceber que é uma grande honra.

outros alunos gostariam de fazer o discurso de agradecimento à escola.”

“Pois, pois.”

A longa intervenção de Kiyotoshi sensei terminou e, após fazer uma vénia a agradecer o aplauso, o diretor da escola anunciou uma representação teatral dos alunos sobre os quarenta e sete ronin e abandonou o palco. um pano desceu sobre o estrado, tapando-o, e um silêncio absoluto abateu-se sobre os espectadores. Já todos conheciam a história, verídica de resto; havia mais de cem poemas e duzentas tragédias a narrar aqueles acontecimentos, incluindo encenações para o teatro kabuki e as marionetas bunraku, e a verdade é que ninguém protestava quando aparecia uma nova versão. o pano subiu e revelou uma cena de muralhas de castelo do Japão medieval, com o monte Fuji pintado ao fundo a situar a ação na capital do xogunato. Todos sabiam que se tratava do castelo de Edo. Os alunos iniciaram a representação, começando no momento em que o senhor Kira, o favorito do xogum, aconselhou o príncipe Asano, daimyo do domínio Ako, a usar numa cerimónia oficial uma indumentária que veio a revelar-se inadequada. Oh, grave ofensa!

A vergonha e a ignomínia abateram-se sobre o príncipe!

Aparecera na cerimónia com as roupas erradas e podia ser acusado de não conhecer giri! E de quem era a culpa? Do senhor Kira, que o aconselhara mal. O insulto não podia passar em claro, mas a forma de lidar com ele mergulhou o príncipe Asano num profundo dilema: a sua virtude como homem de honra forçava-o a desembainhar a espada e atacar o senhor Kira para mostrar que conhecia giri e assim restabelecer a sua honra e bom nome, mas ao fazê-lo violaria o

seu dever de chu para com o xogum, pois o senhor Kira era seu protegido.

Ou seja, o respeito pelos deveres do giri de defesa do seu bom nome forçava-o a desrespeitar os deveres do chu de honrar o xogum e vice-versa. Como sair do imbróglio? Só havia uma maneira, concluiu. O príncipe Asano atacou e feriu o senhor Kira, mostrando que conhecia giri. o problema é que violara assim o chu, pois desrespeitara o xogum. Como poderia manter a honra? A única forma de pagar a dívida de chu para com o xogum seria suicidar-se. o príncipe recolheu-se então aos seus domínios e cometeu seppuku. Os seus bens foram confiscados e a família ficou arruinada, mas nada disso importava. O que contava é que o príncipe Asano mostrara que também conhecia chu.

"Magnífico!", ouviu-se no auditório da escola no fim do primeiro ato. "Excelente!" o segundo ato da peça centrou-se na reação ao sucedido por parte dos quarenta e sete samurais do príncipe Asano. O giri para com o seu senhor forçava-os a cometerem igualmente seppuku, de modo a manifestarem assim o seu protesto pelo grave insulto que lhe fora dirigido, mas os quarenta e sete concluíram que o mero suicídio coletivo não seria suficiente para pagarem o giri que deviam ao seu daimyo. Teriam também de matar o senhor Kira. Porém, como este se mantinha protegido do xogum, isso significava que violariam a dívida de chu para com o xogum. Ou seja, e como já sucedera com o seu senhor, os deveres de giri e de chu estavam em conflito. O que fazer? A exemplo do seu senhor, os samurais consideraram que o giri era naquelas circunstâncias mais importante que o chu, e avançaram com um plano para matar o senhor Kira. Edo inteira comentava o assunto e, prevendo um ataque iminente, o protegido do xogum fechou-se no castelo. Havia por isso que proceder de modo que o senhor Kira baixasse a guarda. Os quarenta e sete samurais largaram os postos e as famílias e prescindiram de todas as honras, sacrificaram tudo para se tornarem ronin, guerreiros sem senhor que vagueavam pelas estradas do Japão apenas com as suas armas. O pano caiu a encerrar o segundo ato.

"Que bravos!", elogiou-se no auditório. "Que homens de fibra!"

Chegou o terceiro ato. Passaram-se dez, quinze, vinte e quatro meses. Ninguém mais ouvira falar nos quarenta e sete ronin, os acontecimentos pareciam esquecidos e a justiça ficaria por fazer. O senhor Kira começou então a sentir-se em segurança e tornou-se mais descuidado. Eis então que os quarenta e sete ronin emergiram da névoa do tempo para cumprir a sua missão sagrada de giri para com o seu daimyo. Penetraram de noite no castelo de Kira, derrotaram os guardas que o defendiam, entraram no quarto onde o protegido do xogum dormia e usaram a espada, a mesma com a qual o príncipe Asano tinha cometido seppuku, para enfim decapitar o vilão. Depois pegaram na cabeça decepada do senhor Kira e depositaram-

na sobre o túmulo do príncipe

Asano com uma mensagem escrita.

“Viemos neste dia prestar a nossa homenagem”, proclamou um dos atores que fazia de ronin, recitando a célebre carta deixada na campa do seu senhor. “Não nos atrevemos a apresentar-nos diante de vós sem ter primeiro levado a cabo a vingança que começastes. Cada dia que esperámos pareceu-nos durar três outonos.” o texto declamado pelos jovens atores provocou comoção no auditório da escola; rolaram lágrimas e ouviram-se fungares comovidos. Todos conheciam aquela carta, o documento original fora de resto preservado, mas o seu efeito era sempre eletrizante. Seguiu-se a última cena da peça. A vingança dos

ronin encheu Edo de entusiasmo e os familiares e amigos dos quarenta e sete vieram abraçá-los para os saudarem por terem pago giri para com o seu senhor. Porém, ninguém desconhecia que, ao matarem Kira sem autorização do xogum, haviam violado o seu chu. Depois de deliberar sobre o assunto, o xogum decidiu que a única forma de os ronin pagarem chu seria suicidarem-se. Os quarenta e sete não hesitaram. reuniram-se no alto da colina onde estava sepultado o seu senhor e cometeram seppuku, rasgando os próprios ventres com as espadas e agonizando até à morte. Assim conciliaram o giri para com o seu senhor com o chu para com o xogum. o pano desceu pela última vez e o grande salão da Escola Primária de Tsuchiura reverberou com os aplausos, renovados de cada vez que o pano subia para mostrar os atores. Ah, quem no Japão não gosta da magnífica história dos quarenta e sete ronin? Desafiaram a lei para obterem justiça, sacrificaram-se para cumprir os aparentemente irreconciliáveis deveres de giri e chu, morreram pela honra e em glória. A sua história inoldidável, fosse qual fosse a versão apresentada, era a prova de que em tudo podia haver beleza.

Até na morte. quando debaixo de uma ovação final os alunos abandonaram o palco, um outro grupo tomou o seu lugar; tratava-se do coro da escola. Os alunos de canto alinharam-se em ordem perfeita e, obedecendo a um sinal, puseram-se a cantar em unísono.

Cantamos graças à gentileza dos professores,  
Honrámos e reverenciámos a nossa linda escola,  
Encontrámo-nos nas salas como irmãos e irmãs,  
Aprendemos com o brilho maravilhoso dos pirilampos.

toda a letra da canção deu voltas ao estômago de Fukui.

Gentileza dos professores? Reverências à linda escola? Os colegas eram irmãos e irmãs? Mas onde diabo havia aquela gente visto tal coisa naqueles anos de inferno na Escola Primária de Tsuchiura? E, já agora, que pirilampos eram esses que os haviam iluminado de sapiência? Ah, tanta baboseira!

A canção acabou entretanto e, por entre uma nova revoada de aplausos, o diretor da escola subiu de novo ao estrado.

“Chamo agora ao palco um dos nossos melhores alunos para fazer o discurso em nome dos graduados deste ano”, disse Kiyotoshi sensei, apontando para o estudante sentado na terceira fila do auditório.

“Honoráveis convidados, Satake

Fukui!”

Ao escutar o nome do filho, a mãe soltou um gritinho entusiástico e deu-lhe uma palmada de encorajamento. Fukui levantou-se e a caminho do palco tocou no bolso do quimono, onde guardara o discurso que o professor lhe escrevera, e depois no outro bolso, onde escondera um discurso alternativo, este redigido em segredo por ele próprio com a ajuda dos livros que consultara na biblioteca. Qual iria ler? Apesar do sarcasmo com que observara a cerimónia e das juras, feitas nos dias anteriores a si próprio, de tudo desmontar, não sabia ainda se teria mesmo coragem de avançar para o discurso que escrevera. Não seria melhor ler a versão que o professor lhe preparara? A tentação de seguir esse caminho, bem mais fácil, era grande. A escola ficaria contente, o professor dar-lhe-ia pela primeira vez palmadinhas nas costas, a mãe choraria de alegria, todos sairiam a ganhar. quando estava prestes a ceder e a decidir-se por esse discurso, contudo, um assomo de orgulho levou-o a repensar a escolha. Deveria mesmo optar pela prudência? Estaria a honrar os seus antepassados se fugisse quando as coisas apertavam?

Fora isso o que o pai lhe ensinara? Aceitaria o pai que ele escondesse as suas palavras por detrás de palavras que outros haviam escolhido por ele? O que diria uma decisão dessas sobre ele próprio? Não tinham os Satake alma de samurais? ser samurai não era apenas lutar com espadas. As palavras também podiam ser espadas, quiçá mais poderosas ainda.

Ao ascender ao palco fez uma vénia profunda a cumprimentar o diretor da escola e outra vénia profunda ao auditório, que o acolheu com uma revoada de aplausos. Deitou a mão ao bolso e tirou um discurso. O seu. Levantou os olhos e encarou os pais e os alunos sentados na sala de olhos fixos nele a aguardar as suas palavras. Fez-se silêncio no auditório. Com as mãos a tremer, espantado com a sua própria temeridade, sentindo até o espírito sair-lhe do corpo para o observar naquele ato de completa loucura, ouviu-se a falar.

“Chamo-me Satake Fukui e os meus antepassados foram samurais em Tsuchiura”, disse de forma pausada, tentando controlar o ribombar violento do coração. “O meu pai trouxe-me para esta cidade com a ideia de fazer a nossa família regressar às origens que os Tokugawa nos negaram. não preciso de vos contar o que lhe aconteceu, nem este é o sítio para o fazer.

O que interessa é que ele me inscreveu nesta escola porque acreditava que era aqui que eu me podia fazer homem. Não sei o que hoje pensaria desta instituição e dos seus métodos, mas posso-vos dizer o que penso eu.

E não penso coisas boas. Os professores são uns brutos inflexíveis e revelaram-se absolutamente insensíveis quando alguns alunos perseguiram outros para os moer de pancada. o nosso ensino privilegia a memória e não a compreensão, entrando em conflito com o que ensinam os livros ocidentais sobre pedagogia que a própria escola guarda na sua biblioteca e que eu tive a felicidade de consultar. Aconselho os

professores a lerem esses livros para aprenderem a ensinar.

Aliás, muitos ensinamentos poderiam os professores daí retirar, pois são eles os intérpretes deste sistema educativo retrógrado e obscurantista. Precisamos que os quarenta e sete ronin regressem para repor a justiça que aqui nos faltou. Nós, os alunos, vivemos nesta escola cinco anos de verdadeiro pesadelo. Mas não mais. Com esta cerimónia de graduação libertamo-nos das grilhetas da escravidão e pela primeira vez encaramos o futuro com confiança." Fez uma vénia profunda. "Obrigado pela vossa atenção."

Guardou o discurso no bolso do quimono, fez uma vénia na direcção do estupefacto diretor da escola, desceu as escadinhas do palco com o orgulho de quem se sentia um dos quarenta e sete ronin após resgatar a honra do seu amo e encaminhou-se para o seu lugar no meio de um silêncio sepulcral, os olhos fixos na mãe, que o acolheu com uma expressão de choque estampada nas faces leitosas.

"O que foste tu fazer, Fuku-chan!"

—

As ruas de Changsha eram tão estreitas que Yang Bang sabia que a carroça nunca as poderia percorrer, pelo que ao chegar à entrada da capital de Hunan se dirigiu diretamente a um espaço aberto onde se fazia comércio e apeou-se. Deitou um olhar ao carregamento de seda, a produção da quinta da família que viera vender à grande cidade, e inclinou-se para a mulher, que tinha a filha ao colo.

"Vigia a mercadoria, tai-tai", recomendou. "Vou procurar quem vos leve ao hospital."

"Despacha-te que a menina não está bem."

Depois de pousar a palma da mão sobre a testa de lian-hua para verificar a temperatura, uma vez que a febre se prolongava havia já uma semana, Bang mergulhou sem perda de tempo na confusão formada por vendedores e clientes que se aglomeravam num dos acessos à povoação de traça medieval. Por detrás das lojas ambulantes descortinou uns cules sentados

junto aos riquexós, de ar andrajoso, o olhar ocioso e as mãos amareladas pelo consumo de ópio.

Fez sinal a um deles.

“Sabes onde é o hospital dos missionários, o Xiang Ya?”

“O hospital dos yang guizif Com certeza que sei, senhor.”

“Então anda daí. Preciso que leves a minha mulher e a minha filha aos médicos estrangeiros.” uma vez o preço combinado, acompanhou o cule até à carroça e meteu a mulher e a filha no riquexó.

“Quando é que vais ter connosco?”, quis saber Mei-xing.

“Logo que faça a entrega da seda.”

Despediram-se com um aceno e ficou a vê-las desaparecer no meio da poeira e da massa humana. A febre de Lian-hua deixara Mei-xing muito preocupada. Quando soubera que o marido tinha de se deslocar a Changsha para fazer a entrega da seda insistira em vir com ele, alegando que os médicos ocidentais do hospital dos missionários eram melhores do que os curandeiros provincianos que frequentavam a propriedade onde viviam, o Jardim das Flores Esplendorosas, pertencente à família Yang. As irmãs de Bang explicaram-lhe que a febre da menina era normal e que não valia a pena o esforço, mas Mei-xing mantivera-se firme e o marido acabara por ceder: se ela queria consultar os médicos yang guizi e isso a tranquilizava, porque não fazer-lhe a vontade?

Fazia calor em Changsha e a humidade tornava o ar pesado, como de resto acontecia por toda a província de

Hunan, mas a isso já ele estava habituado. Fez sinal a outro cule que havia chamado para junto da carroça e encheu-lhe o riquexó com a seda que trouxera da quinta da família.

Depois seguiu a pé com o homem para o interior da cidade,

sempre preocupado com garantir que ninguém lhe roubava a preciosa mercadoria depositada no veículo. não foi difícil vender a seda. É certo que não gostou do preço que lhe ofereceram nos dois primeiros armazéns, mas o cule levou-o a uma loja num bairro chamado Lagoa límpida, uma zona alta e bonita que devia o nome a duas lagoas, uma lamacenta de onde jorrava uma corrente para uma segunda lagoa de água surpreendentemente translúcida.

Aí fizeram-lhe uma boa oferta pela seda e Bang aceitou-a.

Depois da transação consumada saiu da loja e dispensou o riquexó. Antes de partir, o cule indicou-lhe a direção do hospital dos missionários e o visitante, consciente de que o estado da filha não tinha a gravidade que a mulher lhe atribuía, meteu-se pelas ruelas do bairro e percorreu-as despreocupadamente em ritmo de passeio, os olhos a espreitarem o comércio que por ali fervilhava. Changsha tinha um porto fluvial muito



próspero, pois estava repleto de vapores que levavam os produtos de Hunan, em especial arroz, chá, óleo de tungue e madeira, ao longo de um afluente do rio Yangtzé até à costa. Da costa traziam bens que se produziam em toda a China e também no resto do mundo. Os vendedores de rua iam lançando frases soltas para propagandear os seus produtos. Uns gabavam os seus “crepes maravilhosos”, outros as “camisas de seda fofa”, outros os “dim sum deliciosos”, mas o que verdadeiramente lhe chamou a atenção foi um pregão original.

“Olha a Nova Juventude!”, gritava um homem vestido com uma túnica de letrado, evidentemente uma pessoa educada, enquanto exibia um jornal. “Vem aí a revolução! Tudo na nova Juventude!”

Raramente os jornais chegavam ao Jardim das Flores Esplendorosas, pelo que se abeirou do vendedor e espreitou o

folheto. A publicação anunciava, em plena primeira página, a chegada da revolução bolchevique à China.

“O que é isto?”

“É o órgão oficial do Partido Comunista Chinês, camarada!”, respondeu o vendedor. “É a voz do proletariado a clamar pela revolução!”

A expressão deixou Bang inquieto. Considerava-se um homem culto, pois a família, apesar de viver nos confins de

Hunan, tinha uma bela propriedade e era letrada, em contraste com a esmagadora maioria da população analfabeta da província, mas a verdade é que o pouco que sabia sobre tais ideias resultava de opiniões atribuídas a Sun Yat-sen, o primeiro presidente da China e fundador do Kuomintang, e não eram abonatórias. O homem do Nova juventude, porém, mostrava um entusiasmo de tal modo contagiante que lhe despertou a curiosidade.

“Explique-me lá essa revolução.”

“É a revolução contra o imperialismo que nos oprime e explora, camarada!”, exclamou o vendedor com a túnica de letrado. “A revolução socialista libertar-nos-á das grilhetas da escravatura!”

As palavras do letrado, pronunciadas com grande fervor, tiveram ressonância na mente de Bang. Uma revolução contra o imperialismo? Toda a segunda metade do século XIX tinha sido uma desgraça para a China, que sofrera sucessivas derrotas às mãos das potências ocidentais. As guerras do ópio tinham obrigado a China a ceder Hong Kong à Inglaterra e a aceitar a importação de ópio, com a consequência de haver agora no país dezenas de milhões de viciados. Seguiram-se outros conflitos e até o Japão se juntara aos ocidentais no saque, derrotando a China na guerra de 1895 e apropriando-se da

Coreia, de várias ilhas, incluindo a Formosa, e sobretudo de

uma parte da Manchúria, a península de Liaodong, onde se situavam várias importantes cidades costeiras, como Dairen e Port Arthur. Como era possível que até um estado vassalo como o Japão se revelasse mais poderoso que a grande China?

Ah, tudo aquilo constituía uma humilhação!

Fora aliás por causa disso que a dinastia Qing acabara por ser derrubada e a república proclamada, numa tentativa de modernizar o país, mas as esperanças depositadas no novo regime instituído em 1911 haviam-se revelado um logro. Ao fim de dez anos os estrangeiros continuavam na China e a lista de territórios que permaneciam nas suas mãos parecia infundável: Xangai, Tsingtao, Tianjin, Suzhou, Fuzhou, Hankou, Shashi, Chongking, Xiamen, Hankou, Dairen, Lushun, Weihaiwei, Zhanjiang, Hong Kong, Macau...

"Mas como poderemos nós libertar-nos dos yang guizi e dos wakou se nem dentro de portas nos entendemos?"

As expressões depreciativas eram entendidas por todos os chineses. Os yang guizi eram os "diabos do Ocidente" e os wakou os "piratas anões", a expressão pejorativa usada na

China para descrever os japoneses.

"E por isso que a revolução começará contra os senhores da guerra feudais que nos exploram, camarada!", retorquiu o vendedor, a voz vibrante de entusiasmo. "Temos de acabar com o feudalismo e impor o paraíso socialista! É uma inevitabilidade histórica! A ciência prova-o, pois o socialismo é científico!"

ora aí estava uma segunda ideia que tocava fundo Bang e qualquer chinês minimamente interessado nos problemas do seu país. O primeiro presidente, Sun Yat-sen, apenas ficara dezasseis dias em funções, demitindo-se em favor do general

Yuan Shikai, que viria a morrer quatro anos depois, em 1915.

Desde então que a China estava nas mãos dos senhores da guerra, uma multiplicidade de chefes militares que governavam as suas regiões sem prestarem contas a Pequim; dizia-se que havia mais de mil senhores da guerra em todo o país.

Ali em Hunan, por exemplo, o poder encontrava-se entregue a uma série de pequenos reinos, na verdade mais de vinte, cada um com um chefe à cabeça de um bando de soldados. O mais forte era Wu Pei-fu, conhecido por General Filósofo, o mais educado de todos os senhores da guerra. O próprio poder central em Pequim ia mudando de mãos entre os senhores da guerra e revelava-se sempre impotente perante os restantes chefes militares. Com o poder assim fragmentado, como poderia a China fazer frente às potências estrangeiras e expulsá-las do seu território? todas

estas questões atormentavam Bang. Movido pela curiosidade, pegou num exemplar da Nova Juventude e estudou-o com atenção.

“Como querem vocês fazer essa revolução?” o vendedor da túnica de letrado sorriu, acreditando ter encontrado ali um potencial seguidor da nova causa.

“Anda comigo à nossa livraria, camarada.”

A livraria era um espaço pequeno, cheio de estantes cobertas de livros com capas vermelhas e foices e martelos; nalgumas viam-se por baixo dos títulos rostos barbudos de

yang guizi de expressão solene, as legendas a identificarem nomes como Marx e Lenine. Além dos livros e da Nova Juventude, viam-se ainda outras publicações periódicas, incluindo o Mundo do Trabalho.

Depois de se despedir do vendedor com a túnica de letrado, que voltara à rua para continuar a apregoar as virtudes da nova Juventude e da revolução socialista, Bang deambulou pela livraria sob o olhar atento do responsável pelo espaço. pegou nalguns exemplares, folheando-os quase distraidamente e lendo um trecho aqui e outro ali. O conteúdo levou-o a espreitar um cartaz pregado às paredes e que dizia: Não há nova cultura no mundo inteiro. Apenas uma pequena flor de uma nova cultura acaba de ser descoberta na Rússia, nas margens do Ártico.

"Você gosta da Rússia, hem?" por detrás do balcão, o responsável pela livraria assentiu.

"A Rússia é o farol que ilumina a humanidade", sentenciou.

"Será ela que nos libertará do imperialismo e do feudalismo."

O visitante ergueu o sobrolho.

"A Rússia? Mas eles exploram-nos como nos exploram todos os yang guizi e os piratas anões..."

"Está enganado, camarada!"

"Não estou, não. Não ocupam os russos terras nossas? não nos obrigaram a assinar tratados iníquos? Não controlam as Linhas Férreas Orientais Chinesas?"

"Já não."

A resposta surpreendeu Bang.

"Não?"

"O camarada não conhece a Declaração Karakhan, feita há dois anos pela Rússia? Pois vou mostrar-lha, para o elucidar." O livreiro pegou num papel e pôs-se a ler o texto em voz alta. "O governo dos trabalhadores e dos camponeses declarou nulos os tratados secretos concluídos com o Japão, a China e os antigos Aliados, tratados que permitiram ao governo russo do czar e aos seus aliados escravizar os povos do Ocidente e sobretudo o povo da China, intimidando-os ou subornando-os para servir os interesses exclusivos dos capitalistas, dos financeiros e dos generais russos. O governo soviético devolve ao povo chinês, sem exigir qualquer compensação, as Linhas Férreas Orientais Chinesas, bem como todas as concessões mineiras e florestais, incluindo minas de ouro, e todas as outras coisas que lhe foram retiradas pelo governo dos czares." o visitante olhou-o de olhos arregalados, incrédulo.

"Os russos devolveram-nos tudo?"

"Tudo."

"Mas... porquê?"

"Porque é assim o socialismo. Somos camaradas e estamos unidos na mesma luta de libertação. Aliás, as Internacionais estabeleceram que a classe trabalhadora está acima das disputas internacionais e que as fronteiras..."

"Internacionais? O que é isso?"

“São órgãos criados pelos comunistas de todo o mundo.

A Primeira Internacional resulta de uma primeira série de congressos socialistas ocorridos em vários países entre 1866 e 1872 para coordenar a atividade dos vários partidos comunistas. A Segunda Internacional ocorreu em 1889 como resposta à guerra entre franceses e prussianos de 1870 e no meio dos receios de que houvesse uma nova guerra europeia. Ficou decidido que somos todos camaradas, independentemente das nossas nacionalidades, pelo que não faz sentido os operários guerrearem-se. As fronteiras não nos separam e o sentimento de classe une-nos. Os trabalhadores ajudam-se uns aos outros como irmãos, sem ter em conta a lealdade ao país onde nasceram. A verdadeira lealdade é a de classe, não a de nação. Somos internacionalistas, percebe, camarada?”

A revelação impressionou Bang. Era então aquilo o comunismo? Que contraste entre os bolcheviques e as potências ocidentais e o Japão! Enquanto estes se agarravam aos tratados iníquos, a Rússia libertava a China dessas grilhetas e os russos proclamavam-se irmãos dos chineses. Não era uma coisa dessas realmente digna da maior admiração?

uma dúvida, no entanto, acendeu-se-lhe no espírito.

“Diz o meu honorável amigo que os trabalhadores se ajudam, independentemente da nacionalidade. Mas não foram os socialistas que apoiaram os seus países durante a Grande Guerra?” o livreiro pareceu embaraçado.

“Pois, a guerra entre os yang guizi mostrou de facto o fracasso do internacionalismo socialista da Segunda Internacional. Foi por isso que se fez agora em Moscovo a Terceira

Internacional, está a ver, camarada? Nesta Terceira Internacional os comunistas russos ficaram encarregados de fomentar a revolução em todo o mundo. É por isso que a Rússia nos ajuda em tudo.” Indicou com um gesto largo tudo o que se encontrava exposto nas prateleiras do estabelecimento. “Os livros e os jornais que aqui estão, por exemplo. Foi tudo pago pelo Comintern.”

“Quem?”

“Comintern, ou Terceira Internacional”, repetiu. “Trata-se de um organismo criado pelo governo soviético para desencadear as revoluções socialistas por todo o mundo em obediência às diretivas emanadas da Terceira Internacional. os camaradas bolcheviques ajudaram-nos no ano passado a instituir o Partido Comunista Chinês e estão a auxiliar-nos a trazer a grande revolução socialista à nossa pátria. Gostaria de aderir, camarada?”

A proposta pareceu-lhe tentadora. Se o objetivo dos comunistas era libertar a China do imperialismo e do feudalismo, e se a própria Rússia já anulara os tratados iníquos com a

China, não haveria já provas suficientes da bondade das suas intenções? Antes de responder, contudo, reflectiu sobre qual poderia ser a posição do primeiro presidente da República chinesa, de longe o político que mais admirava.

“O que pensarás disso o honorável doutor Sun Yat-sen?”

—

“Ayah! Esse anda ocupado com o governo do Kuomintang que agora criou em Cantão.”

“A opinião do honorável doutor Sun Yat-sen é muito importante”, insistiu Bang. “Como decerto sabe, ele acha que os chineses gozam de excesso de liberdade individual e não têm nenhum sentimento de solidariedade nacional, somos como grãos de areia sem coesão, pelo que se não nos tornarmos nacionalistas a China será extinta. Diz ele que temos de criar o novo homem nacionalista.”

“A solução não está no nacionalismo, camarada, mas no internacionalismo. Insisto que o que nos deve unir não é o sentimento de nação, mas de classe. A luta não é entre nações, é entre classes, e essas não têm fronteiras. São os burgueses de todo o mundo que oprimem os proletários de todo o mundo. Marx e Engels deram a resposta.” Ergueu o punho no ar. “Proletários de todos os países, uni-vos!”

“Desculpe, mas não é isso que vemos acontecer”, argumentou Bang, sempre influenciado pelos discursos do seu herói, o fundador da república chinesa. “Quem está a humilhar a

China não é nenhuma classe, são nações. Quem ocupa Xangai e Dairen e Hong Kong e todos os nossos territórios não são apenas burgueses yang guizi e piratas anões, são todos os

yang guizi e todos os piratas anões, incluindo os burgueses e os proletários. Aliás, o honorável doutor Sun Yat-sen já tornou claro que a história é o conflito entre nações e o que aconteceu na Grande Guerra entre os yang guizi dá-lhe razão.

Diz ele que o conflito entre classes deve ser desencorajado, pois a sociedade, para funcionar bem, tem de atuar como uma unidade orgânica em que as diversas partes se entrecruzam. nós não somos todos iguais, nascemos diferentes uns dos outros, pelo que a desigualdade é inevitável. Porém, cada um deve colaborar para o todo e é para isso que tem de nascer

o novo homem nacionalista. É o que defende o honorável doutor Sun Yat-sen.” o seu interlocutor abanou a cabeça.

“Isso não é assim, camarada. A história é feita de luta de classes, o socialismo científico prova-o. A luta entre países é apenas uma fachada

atrás da qual se esconde a luta de classes.”

“Essas ideias são importadas dos próprios yang guizi”, contra-argumentou Bang. “O honorável doutor Sun Yat-sen tornou claro que a resposta está na aplicação dos seus três princípios.” tratava-se de uma referência aos princípios enunciados por Sun Yat-sen para arrancar a China do atraso, designadamente o nacionalismo, a democracia e o bem-estar social, e que se tinham transformado no lema do Kuomintang, o Partido nacionalista, fundado pelo primeiro presidente do país, que aliás se encontrava nesse momento confinado à governação de Cantão como um qualquer senhor da guerra.

“Mas os três princípios, camarada, resultam eles próprios de ideias dos yang guizi.”

“De modo nenhum. O honorável doutor Sun Yat-sen defende a integração das ideias modernas nos valores tradicionais chineses e eles estão inscritos nos três princípios.” o livreiro forçou uma gargalhada.

“O camarada está a insinuar que o nacionalismo é uma ideia chinesa? Quem lhe disse tal coisa?”

“O nacionalismo é a aplicação moderna da ideia confucionista de amor filial. Tal como Kong Fuzi nos ensinou a amar e honrar a nossa família, o honorável doutor Sun

Yat-sen ensinou-nos a amar e honrar a nossa grande família, e o que é a nossa nação senão a grande família chinesa?”

O seu interlocutor baixou a voz.

“Oíça, já vi que a opinião do doutor Sun Yat-sen é realmente importante para si”, constatou. “Assim sendo, posso revelar-lhe, em confidência, que o doutor Sun Yat-sen acaba de ser contactado por um agente do Comintern que lhe propôs o apoio da Rússia ao Kuomintang em troca de se formar uma frente unida entre o Kuomintang e o Partido Comunista Chinês. Mais lhe posso acrescentar que o doutor Sun Yat-sen encarou com simpatia essa proposta.”

A revelação deixou Bang estupefacto.

“O quê? O honorável doutor Sun Yat-sen tornou-se... tornou-se comunista?” o livreiro estreitou os olhos, assumindo uma expressão conhecedora.

“Tornar-se-á a seu tempo”, respondeu. Inclinou a cabeça de lado e esfregou as mãos. “Então diga-me, camarada. Quer ou não aderir ao partido? Olhe que nos esperam grandes feitos...” Sun Yat-sen aproximava-se da Rússia? A novidade não era de somenos e deixou Bang abalado. Admirava profundamente o fundador da república chinesa e, se um estadista como ele aderiria àquelas ideias, então decerto teriam o seu mérito. No momento em que ponderava o convite, no entanto, foram ambos interrompidos por dois homens que entraram na livraria em animada conversa.

"... preparaste a papelada da Liga da Juventude Socialista, siao-yu?", perguntava um deles. "Olha que o partido não me larga com isso. Temos de lhes enviar os documentos."

Antes que a resposta fosse dada, o homem que falava foi cumprimentado pelo livreiro.

"Boa tarde, camarada Mao. Tenho aqui notas de encomenda para Xangai. Pode assinar?"

—

"Trato disso antes de ir para a Escola Número Um", retorquiu o tal Mao, virando-se de novo para o companheiro.

"Como é, Siao-yu?"

Bang estudou os recém-chegados. Mao era um homem alto, com o tradicional robe de algodão usado pelos letrados e sapatos de algodão negro. Pela forma como o livreiro se lhe dirigia, parecia ser ele o verdadeiro responsável pela livraria.

"Não achas que estamos a ir depressa de mais, Mao?", perguntou Siao-yu.

"Pergunto-me se a Rússia será mesmo um bom modelo para nós."

"Não tenho a menor dúvida. Será o modelo russo que nos permitirá reformar a China e o mundo."

"Não sei. Se queres que te diga, a via russa parece-me implicar a perda de demasiadas vidas. Não viste a mortandade que os bolcheviques provocaram na Rússia?"

"Qual é o problema? Temos de sacrificar uma minoria em benefício da maioria."

"Não seria melhor fazer a coisa gradualmente? Em vez de beneficiar uma maioria, não achas que seria preferível beneficiar toda a gente? Não sei se leste o que escreveu

Bernstein..." mao revirou os olhos, contrariado.

"Andas a ler as tolices revisionistas desse alemão?"

"Não são tolices, Mao. O Partido Social Democrata alemão, cuja criação foi apadrinhada pelo próprio Marx, tornou-se um modelo para quem acredita num socialismo sem violência. Tudo graças a Bernstein."

"E quem é que acredita nesse idiota?"

"Bernstein não é um comunista qualquer, Mao. Como decerto não ignoras, privou com Marx e era o protegido de

Engels. Convém não nos esquecermos de que Bernstein foi um dos quatro comunistas escolhidos para levar a urna de

Engels para o mar e espalhar as cinzas dele sobre a água.

Foi Bernstein um dos criadores do Partido dos Trabalhadores Socialistas na Alemanha, esse partido que agora se chama SPD, e foi a ele que Engels



encomendou a redação do quarto volume de O Capital! Bernstein não é um comunista qualquer! É o mais importante comunista depois de Engels e Marx! Quando um gigante como Bernstein fala, todos os socialistas escutam, percebes? Todos.”

“Esse tipo está a pôr em causa Engels e Marx!”

“Não, o que ele está a fazer é tratar Engels e Marx como pensadores, não como deuses. Não te esqueças de que ele os conheceu pessoalmente. O Capital e os outros escritos de

Engels e Marx não são as escrituras sagradas do budismo ou do cristianismo, são textos humanos escritos por seres humanos que cometem erros. E olha que há muitos erros no Capital e nas outras obras marxistas. Bernstein disse que Engels e Marx se enganaram quando previram que o capitalismo iria conduzir ao inevitável empobrecimento dos trabalhadores e à consequente revolução. Basta olhar para o que acontece na Alemanha e em Inglaterra e percebemos que ele tem toda a razão. Se notares bem, o capitalismo não está de facto a conduzir a nenhuma revolução.”

“Claro que está. Não vêes o que se está a passar na Rússia?”

“A revolução bolchevique é uma exceção sem paralelo no resto do mundo e decorre num país que nunca teve verdadeiro capitalismo, o que contraria as leis do socialismo científico.”

“Então e os soviets na Baviera, na Eslováquia e na Hungria? Então e os tumultos revolucionários em Itália?”

“Sabes bem que não se trata de movimentos espontâneos, mas de ações manipuladas pelos russos. A Terceira

Internacional decidiu exportar a revolução e foi por isso

que ocorreram esses episódios. Mas permito-me chamar-te a atenção para o facto de que ainda não deram em nada. mais importante, não há nenhuma revolução proletária a ocorrer na maior parte dos países capitalistas, incluindo os mais avançados, como a América e a Inglaterra, o que mais uma vez contradiz as leis do socialismo científico. Engels e marx previram que os ricos iam ficar cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres, mas Bernstein constatou que cinquenta anos depois do Manifesto Comunista não foi isso que aconteceu. Há cada vez mais ricos nos países capitalistas, as classes médias crescem e os pobres estão menos pobres.”

“Revisionismo!”

“Claro que é revisionismo, mas é revisionismo no sentido da verdade. Basta fazer as contas, e Bernstein fê-las. Nos cinquenta anos depois do Manifesto Comunista, o salário médio per capita na Alemanha e na Inglaterra duplicou quando ajustado à taxa da inflação. Nesses países capitalistas as pessoas comem e vestem-se melhor do que há cinquenta anos. Produtos que antes

eram exclusivos dos mais ricos, como mobiliário, livros, fotografias, tapetes, cigarros, pianos, relógios, gravatas e outros bens de luxo, passaram a ser acessíveis aos próprios trabalhadores. Até aumentou o consumo de bens de grande luxo, como o açúcar, a cerveja, a carne..."

"Pois, pois", interrompeu-o Mao com um esgar irritado.

"E então? Onde queres chegar?"

"Quero chegar onde Bernstein chegou! Ele constatou que é possível operar dentro do capitalismo e do sistema democrático e fazer mudanças graduais em direção ao socialismo.

Entre os yang guizi o capitalismo permitiu que os salários melhorassem, que o horário de trabalho diminuísse para oito horas, que saíssem leis a proibir que as crianças trabalhem, que o direito à greve fosse assegurado... os trabalhadores

estão a ganhar mais e mais direitos no Ocidente e sem nenhuma revolução. Isso prova que as mudanças podem mesmo ser feitas dentro do sistema democrático e capitalista e sem violência. O capitalismo pode reformar-se e está a reformar-se. Em vez de fazer revoluções, o proletariado europeu começou a votar em partidos que lhe dão direitos sociais e obteve resultados palpáveis. As condições de vida de todas as pessoas começaram de facto a melhorar e o capitalismo permite isso nos países onde se encontra mais avançado." o seu interlocutor fez uma careta de escárnio.

"Todos esses disparates não são mais que elucubrações alucinadas de um revisionista renegado. Temos de nos manter fiéis à ortodoxia marxista."

"Qual ortodoxia marxista, Mao? Quem é hoje ortodoxo?"

"Lenine."

A resposta de Siao-yu foi uma gargalhada.

"Lenine? Um ortodoxo? Isso é o que ele diz!"

"Lenine é um ortodoxo!", insistiu Mao. "Representa o verdadeiro pensamento de Marx e Engels!" o amigo acenou negativamente.

"Lenine é tão revisionista como Bernstein na Alemanha e Mussolini em Itália. Aliás, e tal como Mussolini, é um revisionista soreliano."

"Ayah! Que disparate!"

"Achas? Então deixa-me lembrar-te que Sorel afirmou que o proletariado não está imbuído de consciência revolucionária e tem de ser uma elite a arrastá-lo para a revolução. mais ainda, defendeu o fim do parlamentarismo, propôs o recurso à violência para provocar a revolução e preconizou a criação de um estado forte que assegure as conquistas dessa revolução. É justamente o que Lenine está a fazer, aliás como mussolini em Itália. E isso, meu caro, é revisionismo!"

“Não é.”

“Claro que é. Repara, Engels escreveu que as revoluções são consequências necessárias das contradições do capitalismo desenvolvido e decorrem espontaneamente, qualquer que seja a vontade dos partidos políticos e das classes sociais. Mas o que está Lenine a dizer agora? Que é preciso uma vanguarda, uma elite que arraste os proletários para a revolução. Ou seja, desmente Engels e considera que a revolução não é espontânea, pode até nem acontecer se a elite do partido não fizer o seu trabalho. Isto é uma ideia de Sorel, Mao! Isto é revisionismo!” mao contra-atacou prontamente.

“Esqueces que Marx e Engels escreveram no Manifesto

Comunista que alguns ideólogos burgueses esclarecidos podem juntar-se ao proletariado. Isto é de certa forma a defesa da criação de uma elite revolucionária.”

“E a tua interpretação, mas em bom rigor Marx e Engels não falaram explicitamente de uma elite revolucionária, como sorel falou em teoria e marxistas revisionistas como Lenine e mussolini criaram na prática. Além do mais, essa referência abonatória aos burgueses esclarecidos no Manifesto Comunista não passa de uma defesa de Marx e Engels de si próprios, pois ambos eram burgueses e queriam justificar estarem ali a defender o proletariado em vez de protegerem a sua classe, conforme previsto na sua própria teoria. A verdade é que sempre tornaram claro que a história é determinista, à maneira da dialética de Hegel. À tese do feudalismo e à antítese do capitalismo suceder-se-á inevitavelmente a síntese do comunismo. Não é preciso ninguém fazer nada porque a revolução ocorrerá de forma automática quando as contradições do capitalismo se agudizarem e desembocarem nessa síntese comunista.”

mao esboçou uma careta contrariada e resmungou.

“Continuo a achar que o Manifesto Comunista admite a existência de uma elite.”

“Só com boa vontade se pode defender tal coisa”, insistiu o amigo. “Depois há o problema de Lenine achar que a revolução é possível num país atrasado como a Rússia. marx e Engels foram muito claros quanto a isso: só haverá revolução do proletariado no capitalismo desenvolvido. Mas eis que Lenine vem contradizer a ortodoxia e afirmar que afinal pode haver revolução numa sociedade pré-industrial.

Isto é revisionismo. Mais ainda, Marx e Engels tornaram claro no Manifesto Comunista que o campesinato é uma classe essencialmente reacionária e só o proletariado fará a revolução socialista. Mas, como quase não existem operários na Rússia, Lenine anunciou que fará a revolução com camponeses,

contradizendo frontalmente o estabelecido no socialismo científico. Isto é revisionismo.”

“A revolução bolchevique resultou, não resultou?”, perguntou Mao. “Isso prova que a teoria dele está correta.”

“A questão não é essa. A questão é que Lenine contradisse a teoria marxista. Tenha ou não razão, isso faz dele um revisionista.”

“Não é revisionista quem respeita o espírito da teoria e apenas a afina.”

“Isso é o que todos os revisionistas alegam. De qualquer modo, deixa-me recordar-te que Marx reconheceu que há revoluções levadas a cabo por camponeses. A história está repleta de casos.”

“Então dá-me razão.”

“Não dou, não. Marx sublinhou que as revoluções de camponeses não são verdadeiras revoluções socialistas, pois estas só são levadas a cabo pelo proletariado e em sociedades capitalistas desenvolvidas. Isto significa que a revolução bolchevique não é uma verdadeira revolução socialista, pois não decorreu numa sociedade capitalista avançada.”

“Claro que é uma revolução socialista.”

“Para dizeres isso tens de rever a teoria de Marx e Engels.

Isso faz de ti, como de Lenine, um revisionista.” o semblante de Mao era o de um homem ofendido.

“Agora também eu sou revisionista?”

“Se defendes uma revisão da teoria de Marx e Engels, és. Mas há mais. Já reparaste na explicação de Lenine para o facto de a revolução ainda não ter ocorrido nos países capitalistas desenvolvidos? Ele diz que isso acontece porque apareceu no sistema capitalista uma nova fase que Marx e Engels não previram, o imperialismo. Os países capitalistas criaram o imperialismo para arranjar novos mercados para as suas mercadorias, enriquecendo e subornando a própria classe operária à custa da exploração dos povos indígenas.”

“Lenine disse isso porque o imperialismo não existia no tempo de Marx e Engels.”

“Os outros revisionistas marxistas, como Sorel e Mussolini, fizeram o mesmo, Mao! Reviram a teoria para explicar acontecimentos não previstos por Marx e Engels. Por que razão sorel e Mussolini não podem fazer revisões ao marxismo e lenine pode? O que dá a esse russo direitos especiais?”

“Lenine limitou-se a aprofundar o marxismo.”

“Sabes bem que fez mais do que isso. Lenine reviu o marxismo, como acabo de demonstrar. E posso apontar-te mais exemplos de revisionismo leninista. Lenine defende agora que a revolução mundial começará com a revolta dos países pobres, como a China e outros, contra os países ricos,

não é verdade?”

---

“Sim, e então? Não me vais agora dizer que isso é revisionismo...”

“Claro que é. Marx e Engels defendiam que os países ricos engolissem os mais pobres porque só assim os pobres se poderiam desenvolver. Ambos apoiaram as guerras expansionistas da Alemanha, preconizando até a aniquilação dos pequenos países que a rodeiam. Engels chegou ao ponto de elogiar a conquista francesa da Argélia, considerando-a um acontecimento feliz para o progresso da civilização, e a cantar loas à invasão americana do México, dizendo que servia os interesses da civilização. Mais ainda, considerou que quando dois países de diferentes níveis de civilização se confrontam o mais desenvolvido goza do que designou, e cito de cor, ‘direito natural’ de dominação. Ou seja, o marxismo preconiza que os países ricos têm o direito de devorar os pobres, mas tu sabes bem que o leninismo defende que os países pobres não aceitem ser devorados pelos ricos. Isso é uma revisão do marxismo.”

“O quê?”, escandalizou-se Mao. “Achas que a China não se deve revoltar contra os estrangeiros e os tratados iníquos?”

“Claro que temos de nos revoltar”, disse o amigo. “Mas o que quero demonstrar é que, com razão ou sem ela, Lenine reviu o marxismo.”

“Afinou-o.” siao-yu suspirou, exasperado.

“Lá estás tu a jogar com as palavras.” Apontou o indicador ao interlocutor. “Ouve bem o que te digo: Lenine é tão revisionista como Mussolini e a sua teoria é em muitos aspetos igualzinha ao marxismo fascista! Finges o contrário porque não te convém reconhecê-lo. E não te convém porque é Lenine que está a financiar o Partido Comunista

---

Chinês. É por isso que vocês o andam a santificar. Precisam do dinheiro russo.”

“Não me venhas com insinuações!”

“Sabes bem que é a verdade, Mao. Ou desmentes?”

“Claro que desminto!” siao-yu não insistiu; o amigo jamais reconheceria a dependência do comunismo chinês em relação ao Comintern e a Moscovo tornava impossível qualquer crítica à doutrina leninista.

“Bem, o que interessa é que Lenine é um revisionista. Tal como Mussolini, abraçou a violência preconizada por Sorel e criou o estado forte antiparlamentar que Sorel recomendava. Não leste as declarações em que Lenine defendeu as purgas periódicas dentro do partido e insinuou que a sua

liderança representa a verdade absoluta? Mas ele é agora o papa cristão? Lenine tem o dom da infalibilidade? Pode excomungar e crucificar outros marxistas só porque têm uma opinião diferente? Isto é pensamento político ou religião? O partido Comunista Soviético é um partido ou é a inquisição cristã? Onde se fala num estado destes nos textos de Marx e Engels? Isto, meu caro, é re-vi-sio-nis-mo! Lenine está a fazer o mesmo que Mussolini, com a diferença de que se pôs a matar muitíssimo mais gente. O bolchevismo e o fascismo são irmãos marxistas gémeos!”

“Que disparate! O bolchevismo leninista é internacionalista e o fascismo de Mussolini é nacionalista. Além do mais, o bolchevismo põe a luta de classes no centro da história, o que está em linha com a ortodoxia, e o fascismo atribui esse papel à luta das nações.”

“Há diferenças entre ambos, isso é evidente, pois senão seriam a mesma corrente marxista revisionista”, acedeu Siao-yu. “E, se em certos aspetos os fascistas se desviaram mais

do marxismo que os leninistas, noutros foi o contrário. Por exemplo, não te esqueças que os fascistas apenas defendem o nacionalismo como instrumento para galvanizar os italianos na tarefa de desenvolver Itália. Quando o país entrar no capitalismo avançado ocorrerá a revolução socialista. Ou seja, os fascistas mantêm a ideia marxista de que a revolução do proletariado só é possível numa economia capitalista avançada, o que está em linha com os ensinamentos de Marx e Engels, enquanto o revisionismo leninista entende que é possível essa revolução numa economia atrasada, o que viola frontalmente o que está previsto no socialismo científico. Já agora convém sublinhar que ao internacionalismo leninista não é decerto alheio a Rússia ter todo o interesse em desencorajar os nacionalismos, pois o país é na verdade um mosaico de nações. Lenine não tem com certeza vontade nenhuma de acordar os nacionalismos separatistas no seu próprio país.”

“O internacionalismo de Lenine é genuíno e incontestável, não tenhas dúvidas. Quando a grande guerra europeia começou, considerou-a uma guerra imperialista ao serviço dos interesses burgueses e apelou à derrota do seu próprio país e a uma guerra civil fratricida. Mais ainda, recusou-se a aceitar o princípio de que um país tem o direito moral ou revolucionário de se defender contra a agressão. Isto prova que o seu internacionalismo é autêntico.”

“Talvez Lenine seja de facto um internacionalista convicto, embora eu lhe tenha lido palavras a reconhecer que nutre sentimentos de orgulho nacional e a defender a dignidade nacional da Grande Rússia. Mas só teremos a certeza sobre isto se um dia um grande país como Inglaterra, a América ou a Alemanha invadir a Rússia. Só então veremos se o internacionalismo é

genuíno ou de mera conveniência para manter caladas as diferentes nações que a Rússia alberga.

se perante o invasor os bolcheviques invocarem uma grande guerra patriótica, é porque o internacionalismo não passa de uma fachada para ludibriar os ingénuos."

"Os bolcheviques não invocarão sentimentos patrióticos em circunstância alguma, podes estar certo disso."

"É uma experiência que para já não pode ser feita. Mas há outras experiências bolcheviques manifestamente revisionistas. Insisto que o estado policial decretado por Lenine, e que Mussolini começou a imitar em Itália, não está previsto na doutrina marxista ortodoxa."

"Claro que está. É a ditadura do proletariado. Sabes bem que Marx e Engels defenderam a violência, através da luta de classes e da ditadura do proletariado. Coube a Lenine aplicar esse conceito à realidade." siao-yu aproximou-se de uma prateleira da livraria e folheou uma revista.

"E verdade que Marx e Engels preconizaram a violência da luta de classes e da ditadura do proletariado", concedeu.

"Não eram pacifistas. Mas nunca falaram num estado que controla tudo." Parou de folhear a revista e consultou o artigo que fixara. "Olha o que Lenine escreveu neste texto sobre a revolução proletária e o renegado Kautsky." Afinou a voz. "A ditadura do proletariado representa a abolição 'da democracia para a classe sobre a qual, ou contra a qual, a ditadura é exercida'", leu. "A democracia proletária representa uma ditadura proletária 'baseada diretamente na força e sem ser restringida pela lei'". Saltou umas linhas. "A ditadura revolucionária do proletariado 'é um regime conquistado e mantido pelo uso da violência contra a burguesia, um regime que não é limitado por nenhuma lei'". Devolveu a revista à prateleira. "Ou seja, lenine acha que só a violência, a ditadura e o desrespeito pela lei podem assegurar a vitória do proletariado. Noutros

textos Lenine defendeu abertamente o uso do terror e disse que o estado revolucionário, e cito-o de cor, é 'uma máquina para a supressão de uma classe pela outra' envolvida numa

'governança de ferro'. Isto é o regime comunista leninista explicado pelas palavras do próprio Lenine. Ao pé disto, meu caro, o seu imitador Mussolini é um anjinho." mao abanou a cabeça.

"Tu estás é com medo da violência..."

"Pois, e então? Estou convencido de que é possível mudar a China com recurso a meios pacíficos, tal como está a acontecer na Europa e na América. Bernstein defende uma estratégia pacífica dentro das democracias capitalistas que permita aos socialistas democratizar as estruturas dos estados capitalistas e subir ao poder através do voto para acabar com as

injustiças sociais. Esta estratégia está a resultar nos países capitalistas mais desenvolvidos e mostra que o caminho russo é desnecessariamente violento. Se queres que te diga, as revoluções à russa parecem-me questionáveis do ponto de vista ético. Provocam demasiadas mortes e sofrimento. Para quê recorrer à violência se existe um caminho pacífico para o socialismo?”

“Ayah, tu é que falas como um perigoso revisionista!”, resmungou Mao. “Mete na cabeça que Lenine tem razão: a revolução é inevitável e será conduzida por uma vanguarda. nós somos a vanguarda, pois cabe-nos desencadear a revolução em nome do proletariado. Foi isso o que decidiu o Comintern e foi por isso que esses partidos socialistas revisionistas que se renderam à burguesia foram expulsos da Terceira Internacional.”

“Mas não percebes que o socialismo encontrou uma outra via?”, insistiu Siao-yu. “Para quê seguir o caminho violento de Moscovo?”

o amigo suspirou.

“Ouve, a China está em cacos e precisamos de a reconstruir. Para o fazer é necessária cola. E que cola é essa? É o comunismo marxista. Não digo que não pudesse ser outro ismo qualquer, mas o facto é que precisamos de um ismo que todos assumam em comum. Sem um ismo, não podemos criar o ambiente necessário. Temos de estar unidos por um ismo. Ele é como um estandarte, só com um ismo içado as pessoas saberão qual a direção a tomar. O ismo que escolhermos é este, e por isso não haverá cá concessões nos nossos princípios revolucionários marxistas. A China tem de ser destruída para depois poder ser erguida sobre novos alicerces.

É necessário encorajar a luta de classes e criar instabilidade social para provocar a revolução socialista. Se isso custar milhões de vidas, paciência.”

“Paciência? Uma coisa dessas não é moral, Mao!”

“Moral, moral... Olha, se queres que te diga não subscrevo essa ideia burguesa de que para serem morais as nossas ações devem tender ao bem dos outros. A moral não se define na relação com os outros. Pessoas como eu, por exemplo, apenas têm um dever para com elas mesmas, não para com os outros.”

“Mas é a pensar assim que acabamos todos em guerra...”

“E então? Não sejas ingénuo, Siao-yu. As guerras existirão enquanto houver céu e terra. O ideal de um mundo onde reine a grande harmonia e o grande equilíbrio não passa de um disparate da velha China de Kong Fuzi. Não reparaste ainda que os seres humanos não toleram um período prolongado de paz?”

—

“Sim. E então?”



“É preciso quebrar esse estado de paz com uma maré de turbulência! Basta veres a história e percebes logo que adoramos os períodos nos quais se sucederam acontecimentos

espetaculares. Até temos prazer em ler sobre eles! Quando chegamos a textos que nos falam de paz, o que acontece?

Bocejamos! É por isso que a violência pode ser uma força criadora. Porque não arrasar a China para a erguer novamente? Porque não eliminar uma minoria para o bem da maioria? Porque não destruir a atual cultura retrógrada para construir uma nova sobre os escombros da antiga? Os ricos têm de ser exterminados, pura e simplesmente liquidados. só assim a revolução é possível.”

“Mas não achas, Mao, que...” os dois homens meteram por uma porta ao fundo do estabelecimento e desapareceram, deixando Bang chocado.

Era certo que o projeto de acabar com o imperialismo que humilhava a China e o feudalismo que a mantinha atrasada, mais o anúncio de que a Rússia bolchevique punha fim aos tratados iníquos assinados com a China pelos governos czaristas, constituíam passos que honravam os comunistas. Além do mais, se era verdadeira a aproximação de Sun Yat-sen à Rússia, isso poderia ser uma garantia de que aquela gente e aquelas ideias eram de fiar. Mas a discussão dos recém-chegados aconselhou-lhe prudência. O que era isso da ditadura do proletariado, do recurso à violência e ao horror, das purgas periódicas e da governação de ferro sem restrições da lei? Que planos eram aqueles de exterminar os ricos e destruir a China para a reconstruir a partir do nada? O que queria aquele homem dizer exatamente com tais afirmações?

Faria sentido escolher-se o socialismo só porque era preciso um ismo qualquer? Seria um critério aceitável para se adotar uma linha de pensamento político? E porque rejeitava ele as ideias de grande equilíbrio e grande harmonia de Confúcio? não eram sensatas e sábias? Para quê a violência se havia alternativas?

—

“Então, camarada?”, voltou o livreiro à carga. “Quer ou não aderir ao Partido Comunista Chinês?” o visitante olhou-o muito fixamente. O que sabia ele daquelas coisas para aderir ao que quer que fosse? Além do mais, considerou, a sua responsabilidade era para com a família. Em boa verdade já perdera ali demasiado tempo e precisava de ir de imediato para o hospital dos missionários para apurar o estado da filha, até porque tencionava encetar o caminho de regresso ao Jardim das Flores Esplendorosas o mais depressa possível.

Estremecendo, dirigiu-se à porta e abalou dali deixando três palavras no seu

encalço.

“Vou pensar nisso.”

—

Uma suave impressão de prazer jorrou pelo sonho erótico de Artur, arrancando-lhe um gemido prolongado. Sonhava com as jiboias do campo de tomateiros da sua infância no Furancungo e de repente já não estava no campo diante da sua casa mas num sítio escuro onde uma cobra se erguia do seu ventre e se afundava na...

A sensação tornou-se de tal modo física e real que o despertou. Já consciente, sentiu movimento no ventre e percebeu que não se tratara de um simples sonho.

“Catarina!”, exclamou. “O que estás a fazer?” o lençol ergueu-se, destapando-o por momentos, e viu a mulher espreitar-lhe da barriga com um sorriso malicioso.

“Não consegues adivinhar, meu garanhão?”

“Mas... mas ainda anteontem fizemos duas vezes e ontem mais duas. Pensas que sou de ferro ou quê? Desculpa, mas hoje tens de me dar descanso!”

“Tens muito tempo para descansar, meu grande molenga”, repreendeu-o ela. “Estou perto daquela altura do mês e temos de aproveitar. Portanto vê lá se acordas e te pões a mexer!” o lençol voltou a tapá-lo e viu os contornos da cabeça da mulher descenderem-lhe de novo para o ventre. Fazer amor com Catarina era sempre um acontecimento especial, mas ao fim de um ano de casamento adquirira de certo modo uma inoportuna faceta de dever. Ambos queriam filhos e quanto mais cedo começassem melhor. Só que nessa madrugada Catarina estava a levar a expressão “começar cedo” talvez demasiado à letra, pois o Sol ainda não nascera. Quem diria que aquela mulher, antes tão reservada e tímida entre os lençóis, como de resto seria de esperar nas senhoras de boa estirpe, se transformaria numa fera? Não havia dúvidas, o desejo de ser mãe fizera-a perder as inibições adequadas a pessoa da sua educação e condição.

voltaram a adormecer, mas Artur acordou hora e meia depois, já a manhã nascera, e deixou-a estendida sob os lençóis enquanto vestia a farda e consultava a agenda. Nesse dia 20 de outubro de 1921, constatou, estava prevista uma inspeção ao quartel pelas catorze horas e tinha de se apresentar cedo para garantir que tudo se encontrava em ordem. Depois de beber um copo de leite, saiu à rua e como de costume desceu para a Avenida da Liberdade, onde planeava apanhar o elétrico para a Pontinha. Era a sua rotina diária a caminho do quartel, mas nessa manhã deparou-se com o caminho para a Rotunda obstruído por elementos da Guarda Nacional

republicana armados com metralhadoras pesadas Vickers.

"Então o senhor capitão é militar e não sabe?", admirou-se um mirone que interpelou no passeio. "Não vê que a

GNR ocupou a Rotunda?" Apontou para o outro lado da

Avenida. "E o Terreiro do Paço também. Está tudo em pé de guerra, senhor capitão. Dizem que o governo quer ajudar os monárquicos e planeia cercar Lisboa e desarmar a Guarda e não sei que mais, que a República não cairá e toda essa conversa do costume. Vai daí, pumba!, aí estão eles!"

"Mais um golpe?", admirou-se Artur. "Ainda no mês passado tivemos uma revolta da GNR e em maio houve outra sublevação..." o mirone encolheu os ombros, num gesto de resignação.

"Estamos em Portugal, o que quer o senhor?" o oficial ficou plantado no passeio, a contemplar os homens da GNR e a pensar na observação do mirone. Seria mesmo assim só por ser em Portugal? Nos outros países não aconteceria a mesma coisa? Lembrou-se que as tentativas de revolução socialista decorriam nesse momento numa importante fatia da Europa e perguntou a si mesmo se não faria tudo parte de um grande plano de desestabilização geral do continente.

Bastava de resto olhar para as notícias dos jornais sobre o que nos últimos três anos acontecia em Itália. Os comunistas e os anarcossindicalistas andaram dois anos a fazer greves gerais, manifestações de rua e ocupações selvagens de fábricas e de produtoras agrícolas, com os trabalhadores a entrarem em autogestão, num esforço de desestabilização destinado a desencadear a grande revolução vermelha. Em vez disso, todavia, colheram o que não esperavam: a contrarrevolução.

Depois de muitas hesitações, os seus rivais socialistas nacionalistas, agora também conhecidos por fascistas, decidiram que toda aquela instabilidade estava a destruir a nação italiana e que o interesse nacional se sobrepunha ao interesse de uma qualquer classe, mesmo a do proletariado.

Consequentemente passaram ao contra-ataque e lançaram-se contra os comunistas com grande violência. poderia o mesmo vir a acontecer em Portugal?

Quando Artur chegou à Pontinha deparou-se com os oficiais numa roda-viva à entrada do quartel. Alguns tinham já ido buscar as armas e as munições ao arsenal, para o caso de receberem ordens de reprimir o golpe, embora todos soubessem ser pouco provável que o Batalhão dos Sapadores Mineiros fosse chamado para a ação. De qualquer modo, e como era óbvio, a inspeção prevista para essa tarde havia sido cancelada.

"Estes republicanos são doidos!", vociferou o coronel Simas, o segundo comandante do batalhão de engenharia, que Artur interpelou na messe dos oficiais. "Mobilizaram a

GNR e a Marinha e os arruaceiros da Carbonária. Puseram navios no Tejo com os canhões a postos e os marinheiros tomaram o quartel de Alcântara e o Arsenal. Parece que andam guardas da GNR e civis armados a deambular pelas ruas, a fazer justiça pela República. Sabe o que se diz agora por aí? Que querem libertar o assassino do Sidónio, veja só! Isto faz algum sentido?"

"O que vamos nós fazer, meu coronel?", quis saber o jovem capitão. "O Exército vai ou não intervir? Quais são as ordens?"

"Oíça, os republicanos têm noção de que não controlam o Exército, razão pela qual, como sabe, armaram a GNR até aos dentes e a reforçaram com catorze mil efetivos. Os tipos transformaram a Guarda num verdadeiro exército, foi o que foi. Até artilharia a GNR tem, c'um camano!"

"Sim, mas quais são as nossas ordens, meu coronel?"

"Você não ouviu o que eu disse, homem? Os republicanos transformaram a GNR num exército! Isso significa que,

se intervirmos, vai ser uma carnificina e a situação pode mesmo degenerar numa guerra civil. Ninguém se quer meter nisso, Teixeira." passado um pouco apareceu na messe o major Álvaro Vega, que se tornara a pessoa mais próxima de Artur no quartel. lembrava-se dele da Escola de Guerra. Na altura Vega era cadete, dois anos mais velho, e esse passado comum acabou por aproximá-los no Batalhão de Sapadores Mineiros. sentaram-se ambos a uma mesa isolada da messe, a observar a agitação em torno deles.

"Já reparaste numa coisa?", disse Artur, os olhos fixos nos oficiais de alta patente que discutiam acaloradamente os acontecimentos do dia em torno de copos de vinho. "Quantos oficiais temos aqui?" o amigo riu-se.

"Há quase tantos oficiais como praças." o capitão esboçou um esgar.

"Será possível? Como pode o país sustentar tantos oficiais?"

"Sabes muito bem que a maior parte desta malta não é de carreira", disse o major Vega. "São os milicianos que foram recrutados por causa da guerra e que agora não querem voltar à vida civil. Dizem que lá fora não toca a rancho."

Artur abanou a cabeça.

"Pois eu é o contrário", desabafou. "Pergunto-me se não devia ter seguido Engenharia Civil. Se calhar a esta hora estava tranquilamente em Moçambique com o meu pai a trabalhar com os ingleses das linhas de caminho de ferro, em vez de andar a aturar estas cretinices."

Nessa tarde, logo a seguir ao rancho, chegou a notícia de que o chefe de governo, ao constatar que nenhuma força lhe

obedecia, apresentara a demissão ao presidente da República.

Desencadeou-se um novo burburinho na messe dos oficiais.

A partir do momento em que se tornou claro que ninguém iria sair dos quartéis para enfrentar a GNR e a Marinha, no entanto, Artur decidiu voltar a casa. Catarina ficara sozinha e ele receava que lhe sucedesse alguma coisa, para mais com os elementos da GNR e os republicanos civis que esquadriavam as ruas da cidade de armas na mão.

Apanhou dois elétricos de modo a fazer um percurso alternativo que evitasse a Rotunda, ainda ocupada pela GNR.

Ao chegar ao apartamento no Campo de Santana, no entanto, verificou que, apesar de a chave de entrada rodar na fechadura, a porta não abria. Estranhando, deu dois toques suaves na madeira.

"Querida, estás aí?" ninguém respondeu. Alarmado, bateu de novo na porta, desta feita com mais força.

"Catarina! Abre a porta!" ouviu então uma voz assustada do outro lado.

"És tu, Artur?"

"Sim, sou eu", identificou-se, aliviado. "Não consigo abrir a porta." ouviu um ruído que sugeria alguma coisa a raspar, como se a mulher estivesse a arrastar um peso do outro lado, e a porta abriu-se por fim. Espreitou para o interior e viu uma estante pousada no corredor junto à entrada.

"Fui eu que me barriquei aqui", explicou Catarina. "Vi homens armados na rua e tive medo que... que..."

Abraçaram-se.

"Fizeste bem, querida." levou a mulher para a cozinha e fez-lhe uma tisana, para a acalmar. Enquanto isso foi-lhe relatando as novidades mas quase se arrependeu uma vez que ela desatou a percorrer o apartamento de um lado para o outro, de novo agitada e nervosa.

"Estou farta destes políticos!", vociferou ela. "São todos a mesma coisa! Só querem poleiro e o povo que se amane! São revoltas e mais revoltas, ninguém se entende e ninguém governa! quem é que põe esta gente na ordem, meu Deus? Quem?" o resto do dia e a noite foram calmos, pelo menos da perspectiva de quem se encontrava no Campo de Santana. Na manhã do dia seguinte, Artur teve dúvidas sobre se deveria ou não ir para o quartel. Espreitou pela janela e apercebeu-se de que as ruas estavam desertas, o que não lhe pareceu normal. Ainda cirandou duas horas por casa, a ponderar o que fazer. Queria sair para saber novidades mas a ideia de deixar a mulher sozinha não lhe agradava. Após muito hesitar, acabou por optar por um meio termo.

"Vou ao quartel", anunciou num impulso, pegando no cinto com a pistola e apertando-o ao corpo. "Mas não estarei lá muito tempo. Volto depois do almoço, fica descansada."

A mulher tentou dissuadi-lo, mas Artur não conseguia permanecer mais tempo fechado em casa sem notícias. Saiu à rua e deparou-se com a

cidade quase deserta. Não havia transeuntes e nem elétricos encontrou. Mergulhada num silêncio lúgubre, Lisboa parecia adormecida. Foi até à Pontinha a pé e apenas se cruzou com dois destacamentos da GNR e alguns civis armados. Todos lhe lançaram olhares carregados de desconfiança, desagradados por verem um militar na rua com uma pistola à cintura, mas não o interpelaram. Quando entrou no quartel foi confrontado com um ambiente estranho. Os camaradas tinham o semblante carregado de quem não gostava do que estava a acontecer.

—

“Então?”, atirou-lhe o major Vega, que encontrou na parada. “Isto do Granjo é uma chatice das antigas, hem?”

“Quem? O presidente do Ministério? Se queres que te diga, fez muito bem em demitir-se. Pois se ninguém lhe...”

“Então não sabes, Artur?”, cortou o amigo, impaciente.

“O homem foi assassinado esta noite!” o capitão arregalou os olhos, pensando ter ouvido mal.

“Como?”

“Mataram o presidente do Ministério! Os GNR, os marinheiros, a Carbonária, essa malta toda juntou-se e foi buscá-lo a casa. O tipo fugiu pelas traseiras e pediu ajuda ao Leal, que como sabes até é adversário dele. O Leal intercedeu pelo

Granjo junto dos republicanos que estão por detrás do golpe, disseram que o iam pôr em segurança, mas olha, abateram-no como a um cão, a tiro e a golpe de espada. Uma vergonha.”

Artur permanecia boquiaberto, sem saber o que dizer ou pensar, tão desconcertantes eram as novidades.

“O quê?!”

“É como te digo. Parece que o gajo da GNR que lhe espetou a espada no estômago mostrou a lâmina aos comparsas e disse: ‘Vejam a cor do sangue de um porco.’” o capitão estava atônito.

“Mas... mas que país é este que mata o seu chefe do governo sem que ninguém o defenda?”

“E não foi só o Granjo, meu caro. Os tipos desencadearam uma caça desenfreada aos sidonistas. Foram buscar o comandante Maia a casa e mataram-no à coronhada, depois foram buscar o almirante Machado Santos e fuzilaram-no no Intendente, a seguir...”

“Fuzilaram o Machado Santos? O herói da República?!”

“É para que vejas em que estado vai a coisa”, confirmou o amigo. “Mataram também o coronel Botelho de Vasconcelos, não sei se te lembras, foi ministro do Sidónio. E assassinaram ainda mais

não sei quem, não tenho os pormenores todos.”

Esgotadas as novidades, o major Vega tirou do bolso um papel e um saco de tabaco e, perdido nos seus pensamentos, pôs-se a enrolar um cigarro. Plantado na parada, Artur desviou o olhar para o portão do quartel, sempre a abanar a cabeça enquanto digeria tudo o que ouvia.

“Não há dúvida, o poder caiu na rua.”

—

As nuvens carregadas agigantavam-se no céu, altivas e tenebrosas, e descarregavam sobre a quinta uma chuva miudinha que parecia prelúdio, ou talvez ameaça, de tempestade; dava a impressão de que uma fina cortina de cobre ensombrara o dia, a luz riscada por milhares e milhares de traços. As gotas tilintavam sem cessar nas telhas da casa e abriam círculos sucessivos na superfície barrenta das poças de lama, pelo que Mikhail, embora tivesse vindo ao exterior apanhar ar, procurou manter-se abrigado por baixo de um teto.

“Aaaaah!”, bramou uma voz de mulher em sofrimento.

“Dói taaaanto!”

Cansado dos gritos de dor que lhe enchiam a casa, na verdade impotente para os travar e sentindo que a sua presença se tornara naquelas circunstâncias de uma perfeita inutilidade, o chefe da família Skuratov procurara refúgio no alpendre. Constatara com alívio que dali os berros dolorosos da mulher pareciam longínquos, o que instantaneamente o acalmou. Acossado pelos efeitos da fadiga, que só então começava a sentir, sentou-se na cadeira de balanço, estendeu os pés sobre a balaustrada ensopada e tirou do bolso uns farrapos de tabaco e um pequeno retângulo de papel, que enrolou e selou com a língua. A seguir acendeu um fósforo, colou a chama trémula à ponta do cigarro e, descontraído-se enfim, libertou a primeira nuvem de fumo. Ah, como aquilo lhe sabia bem! Um verdadeiro bálsamo.

Empurrou a balaustrada com os pés e pôs-se a balouçar, embalado pelo movimento cadenciado da cadeira. Deixou o olhar vaguear pela planície siberiana que se estendia diante da casa e sentiu saudades da sua Ucrânia natal, com os vastos campos de trigo que brilhavam como ouro até se perderem para além do horizonte. Oh, a Ucrânia! Como era possível que se sentisse tão ligado à terra onde nascera? Sorriu. o engraçado é que só soube que era um ucraniano quando aprendeu a ler e teve acesso a livros e jornais. Até lá não tinha a menor noção de pertença a qualquer entidade nacional; apenas à aldeia. Quando por fim se apercebeu, questionara o pai, ucraniano como ele, sobre a sua nacionalidade.

A resposta fora que era ortodoxo grego. Percebendo que o pai não entendera

a pergunta, quis saber se ele se reconhecia como ucraniano, russo ou polaco. Respondeu-lhe que era camponês. Insistiu e questionou-o sobre a língua que falava.

A língua da terra dele, fora a resposta. santa ignorância! No entanto, não o podia censurar. Não viviam os camponeses longe de todas estas questões? Não tinha ele próprio levado algum tempo a aperceber-se da realidade que o cercava?

“Misha!”, chamou uma voz de dentro de casa. “Misha, onde estás?”

—

A cunhada andava à procura dele. O cigarro ainda se encontrava aceso entre os dedos, embora a ponta ardente já tivesse carbonizado metade do tabaco e do papel, pelo que inalou uma derradeira baforada. A seguir soltou uma interjeição de desagrado, irritado por se ver interpelado ainda mal principiava a descontrair, e, enchendo-se de paciência, virou-se para o lado.

“O que é, Marisha?”

A porta de entrada abriu-se e Mariya Zheleznova deitou a cabeça morena pelo espaço da porta entreaberta.

“Estás aí?” Esboçou um sorriso. “Então... parabéns!”

As palavras foram pronunciadas com tal entusiasmo que mikhail deu um salto na cadeira de balanço.

“O quê?”, exclamou, despertando de vez. “Já nasceu?” o sorriso de Mariya alargou-se.

“E uma menina. Anda ver.” o cunhado pôs-se prontamente de pé, atirou o que restava do cigarro para uma poça enlameada e, agitado pela ansiedade e pela responsabilidade de quem acabava de se tornar pai, seguiu Mariya para o interior da casa. Atravessaram a sala e o corredor e entraram no quarto do casal, onde a mulher acabara de dar à luz.

Deu com Tatiana encostada à cabeceira da cama, o rosto salpicado de gotas de transpiração, os cabelos cor de fogo espalhados em desalinho pela almofada larga, os olhos azuis ensombrados por olheiras de cansaço. A mulher guardava ao colo o que parecia uma almofada, ou talvez um pequeno embrulho envolto num lençol.

“Então, Tati? Como estás?”

“Exausta.” Tatiana virou-se de lado, de modo a revelar o conteúdo do embrulho; era uma bebé e tinha a boca colada ao seio rosado da mãe. “Olá, paizinho”, disse, simulando

uma voz infantil como se fosse porta-voz da recém-nascida.

“Sou a tua menina!” o marido inclinou-se sobre a bebé e beijou-a na tez pálida. Depois fez-lhe o sinal da cruz na fronte e pegou nela.

Chamando pelo leite materno, a recém-nascida começou a chorar, mas era



um gorjear de tal modo fraco que arrancou gargalhadas dos pais e da tia. Mikhail ergueu-a bem alto, surpreendendo-se por a menina ser tão leve; dir-se-ia que segurava uma pena, embora lhe parecesse de tal modo frágil que talvez fosse antes um cristal. Quebrar-se-ia decerto se não tivesse cuidado.

"E tão querida", observou, voltando a puxá-la para os seus lábios e a beijá-la. "Que nome lhe iremos dar?" tatyana sorriu.

"Se calhar o nome de uma revolucionária", sugeriu. "Rosa luxemburgo, por exemplo." o marido deu um salto, incrédulo.

"Estás louca?"

"Os bolcheviques adorariam, Misha. Desde que vieram para aqui e tomaram Irkutsk ando um pouco assustada. Convém estarmos de bem com o novo regime, não achas? Dar-lhe o nome de Rosa Luxemburgo de certeza seria bem visto." o marido grunhiu com desagrado e devolveu a criança à mãe.

"Estás muito enganada!", exclamou. "Apesar de não ser homem versado nestes assuntos, a guerra civil obrigou-me a seguir com atenção o que se passa entre os comunistas.

Antes da chegada dos bolcheviques a Irkutsk li num jornal que essa Rosa Luxemburgo os criticou, dizendo que o sistema de subordinação cega imposto por Lenine poderá conduzir a uma ditadura partidária, talvez mesmo com culto de personalidade, e insinuando que os acontecimentos na Rússia

configuram um desvio do marxismo. Como deves calcular, os bolcheviques não ficaram nada contentes. Não me parece por isso que seja boa ideia chamar Rosa Luxemburgo à nossa menina."

"Ah, não sabia..."

"De qualquer modo os bolcheviques não vão durar, fica descansada. Têm ideias demasiado loucas, fantasias muito bonitas nos livros mas que nunca funcionarão quando aplicadas para a realidade."

"Não digas essas coisas, Misha", admoestou-o a mulher.

"Qualquer dia arranjas problemas sérios..."

"Isso queriam eles, mas não terão tempo para me incomodar.

Estamos em 1922, não estamos? Pois garanto-te, Tati, que lá pelo fiinal de 1924 esses doidos já por aqui não andam."

Olhou para a filha. "Rosa Luxemburgo? Pff! "Nem pensar!"

"Então o que sugeres?"

"Um nome cristão, claro." os dois calaram-se, a cogitar possibilidades. Ele pensou numa Yana por quem se tinha apaixonado na juventude, ela matutou em Evguenia, o nome de uma grande amiga do tempo da escola, mas foi a irmã de Tatiana quem falou primeiro.

"Já sei!", disse Mariya, o esgar abraseado pela ideia que lhe ocorrera.

“Porque não o nome da mãe? E se lhe chamássemos Esperança?” tatiama e Mikhail trocaram um olhar, a mulher a inquirir se ele achava o nome aceitável, o marido a ponderar a sugestão». Esperança? Esperança de quê?, interrogou-se, para logo encontrar a resposta. Esperança de que os bolcheviques fossem corridos o mais depressa possível, claro, ou de que pelo menos ganhassem juízo e deixassem as pessoas viver e prosperar. Esperança de que a Santa Rússia se salvasse e a sua filha crescesse num país com futuro. E, claro, até porque

convinha sempre jogar pelo seguro e não hostilizar demasiado os bolcheviques, dava jeito que a mulher de Lenine tivesse o mesmo nome. sim, porque não? Esperança.

Baixou as pálpebras em assentimento tácito e o casal inclinou-se para a filha e voltou a beijá-la, como se com esse beijo consumasse o batismo com o nome que em russo significava esperança.

“Olá, Nadezhda.”

—

O tabique de papel que servia de porta foi corrido com um som brusco e áspero e Fukui entreabriu os olhos estremunhados a tempo de ver a mãe entrar-lhe de rompante no quarto com a sua nova farda da escola dobrada nos braços. O rapaz voltou a cerrar as pálpebras, mas um abanão nos ombros forçou-o a reabri-las.

“Hã?”, resmungou preguiçosamente, espreitando a mãe por entre os lençóis.

“O que foi?”

“Está na hora!”, anunciou ela com energia.

“Vamos, levanta-te! Já viste que dia é hoje?”

“Hã...”

Aiko agarrou os lençóis e puxou-os, destapando-o.

“Mas o que é isto? Ainda a dormir?” Afastou-se dois passos. “Ora olha para aqui! Vá, olha! Sabes que dia é hoje?” o filho seguiu-a com o olhar e viu-a apontar para o calendário pendurado no quarto. O retângulo de papel exibia uma pintura do monte Fuji e tinha no topo os calendários japonês e gaijin, doze de Taisho e 1923 da era cristã. O dedo de Aiko estava colado a um dos números que dividiam o ano em meses e dias. Neste caso, o dia 1 de setembro.

Fukui enterrou a cara no lençol.

“Deixe-me dormir...”

A mãe voltou a aproximar-se dele e sacudiu-o.

“Qual dormir qual carapuça! Yare yare, Fuku-chan! As férias já acabaram e hoje é o primeiro dia de escola. Vamos, toca a levantar! Vai lavar a cara e veste-te! Depressa, que se faz tarde!” o rapaz virou-se na alcova, a

tokonoma que transformara em quarto, e bocejou. A seguir soergueu-se, apoiando-se nos cotovelos sobre o tatami, e encarou-a.

"Hoje não há aulas, mãe", lembrou. "O que vai acontecer é apenas a cerimônia de abertura, mais nada."

"E então?"

"A mãe desconhece como detesto estas cerimônias? O que vou eu fazer à escola? Ouvir discursos bacocos? A mãe sabe perfeitamente que não tenho paciência nenhuma para isso..."

A resposta convenceu instantaneamente Aiko. Como poderia ela esquecer o que se passara da última vez que o filho tinha ido a uma cerimônia destas na escola? Ainda lhe chegavam de Tsuchiura ecos do impacto do discurso do rapaz na cerimônia de graduação da escola primária. Não sabia se conseguiria aguentar outra coisa daquelas. terminada a escola primária, tinham vendido a bela casa de Tsuchiura e com o dinheiro haviam-se ambos mudado para Tóquio com a ideia de recomeçarem a vida num lugar novo. Encontraram aquela habitação em estilo tradicional machiya, uma construção de madeira com a fachada estreita e o soalho coberto de tatami, as divisões formadas por biombos amovíveis e tabiques leves, e a mãe, cativada pela graça do espaço, aplicou ali o dinheiro e entreteve-se a embelezar a nova casa com arranjos florais em estilos seika, destinado a mostrar a beleza única de cada flor, e rikka, com os seus sete ramos a representarem os elementos da natureza como expressão budista da beleza natural. Não fora por acaso que Aiko se tornara uma artista do ikebana, o caminho das flores vivas. matriculara o filho na Escola Secundária Keika, que o próprio Fukui escolhera por ter um tipo de educação mais próximo do ocidental, o que pelos vistos lhe agradava. Em vez de andarem de quimono e calças hakama e de calçarem tamancos japoneses geta, os alunos de Keika frequentavam as aulas trajados de farda europeia, usavam sacos Landsel em estilo alemão para transportarem os livros e calçavam sapatos de couro. Aiko preferiria uma escola mais tradicionalmente japonesa, e tinha a certeza de que o seu falecido marido teria a mesma preferência, mas talvez o rapaz tivesse razão.

Fukui tornara-se um adolescente de uma inteligência viva e maturidade precoce, como se constataria pelo seu polémico discurso de graduação quando tinha apenas onze anos, e via-o amiúde a ler livros ocidentais que levantava na biblioteca da escola e trazia para casa; era óbvio que o filho se sentia fascinado pelos gaijin e pela sua cultura. Poderia censurá-lo se ela própria já tinha ido ao Cinema Ushigomekan, lá para os lados do monte Kagurazaka, ver filmes americanos? No fim de contas, também ela ficara impressionada com o que observara, em particular com as extraordinárias invenções dos gaijin. Quem lhe poderia garantir que o filho não tinha razão

quando os queria imitar? E, se esse era o caminho, a escolha de uma escola ocidentalizada como a Secundária Keika fazia com efeito todo o sentido.

"Pois sim", concedeu, cruzando os braços. "Uma vez que hoje só há a cerimónia de abertura das aulas, não irás à escola." Apontou-lhe o indicador. "Mas não te quero toda a manhã a molengar na toko, ouviste?" disse com firmeza, referindo-se à tokonoma, o pequeno compartimento onde ele dormia. "O que planeias fazer?"

Fukui esfregou os olhos e bocejou de novo, desta feita longamente.

"Sei lá."

A mãe voltou-se para a janela, de onde jorravam os primeiros raios de Sol a anunciar uma manhã límpida.

"Porque não vamos dar uma voltinha?", sugeriu. "O dia parece tão bonito..."

A perspetiva encantou Fukui, que de imediato se dirigiu à entrada para calçar os sapatos; naquela casa, como aliás era regra nas habitações japonesas, não se podia andar calçado.

"Só se formos comer yaki imo."

Em jeito de assentimento, Aiko soltou um risinho discreto.

"Que guloso me saíste..."

A manhã nascera límpida e quente, com a humidade do verão ainda a pairar, embora a tonalidade clara do céu constituísse já um prelúdio ao outono que se avizinhava. quando se punha a passear, Fukui gostava de adivinhar desenhos nas formas das nuvens, mas nesse dia não havia nenhuma no firmamento, apenas um infinito céu azul. Como viviam no distrito de Koishikawa, dirigiram-se ao Jardim Botânico, onde se concentravam os vendedores ambulantes com as yatai, que vendiam algumas das especialidades que mais apreciavam.

Dado que o dia estava agradável, seguiram pelas margens do rio Edogawa para o rapaz espreitar os peixes e os patos

e a mãe admirar as flores que tanto a encantavam. Pelo caminho iam-se detendo em miradouros onde se concentravam pequenas multidões silenciosas a admirar um qualquer pormenor particularmente belo da paisagem. Nada daquilo lhes parecia estranho pois os japoneses eram amantes fervorosos da natureza e qualquer lugar bonito facilmente se transformava numa atração e objeto de verdadeiras romarias; bastava a curva harmoniosa de um rio, uma elegante queda de água sobre as rochas, duas árvores entrelaçadas como se se abraçassem, uma colina a vibrar de verde com uma ponte de pedra no meio. qualquer forma perfeita da natureza tinha o poder de os atrair à contemplação. Dos mais pobres aos mais abastados, todos os japoneses estavam habituados a organizar passeios para admirar as cerejeiras em flor na primavera ou os

crisântemos coloridos no outono, ou então um simples e sublime detalhe num panorama natural. O som distante e familiar dos vendedores assinalou a certa altura a proximidade do jardim que era o destino do seu passeio.

"Magotaro!", gritava alguém. "Magotaro!" reconheceram o refrão do vendedor de insetos, mas outros sons de imediato se misturaram com esse. O vendedor de amêijoas propagandeava também as suas delícias e o mesmo faziam os vendedores de sardinhas, de panquecas okonomiyaki e de dango em molho de açúcar, por entre o toque dos sinos e as vozes em coro de um grupo de monges budistas que por ali passavam a entoar sutras.

"Yaki imo!", anunciou alguém por entre esta cacofonia de sons. "Yaki imo!" uma vez no Jardim Botânico, mãe e filho convergiram para a yatai do vendedor de batatas-doces assadas e cada um comprou uma dose de yaki imo, que ambos saborearam em silêncio e com trocas cúmplices de olhares. Que bem os

yaki imo lhes sabiam! inaceitável!", dizia em voz alta um oficial da Marinha Imperial que por eles passava à conversa com um companheiro de armas, ambos garbosos de farda branca. "Os gaijin estão a exagerar e não podemos tolerar uma coisa destas! Não só os americanos renunciaram ao acordo de Lansing-Ishii e deixaram de reconhecer os nossos especiais interesses na China, como os ingleses, esses traidores de língua dupla, ratificaram o fim da sua aliança connosco. Malditos ingleses!"

"Estão com medo dos americanos."

"Ah, sim. Que ninguém duvide que os americanos é que são o problema. Não viste como os idiotas nos humilharam no Tratado Naval que assinámos no ano passado? Yare yare! nem sei como pôde o nosso governo tolerar uma afronta dessas! Será que os nossos líderes não conhecem giri? Como puderam deixar que manchassem assim o nosso giri de bom nome? Os gaijin querem reduzir-nos a um estatuto de inferioridade e... e o governo deixa!"

"Tens toda a razão, Sato. É um escândalo!"

"Só há uma maneira de o Japão mostrar que conhece giri: é vingar-se!" o camarada de armas, até ali igualmente indignado, alçou o sobrolho ao ouvir estas palavras.

"Que queres dizer com isso?"

"Que temos de começar a preparar-nos para a guerra!"

"Guerra? Contra quem? Os gaijin?"

"Contra quem quer que nos ofenda. Os gaijin da América, os gaijin de Inglaterra..."

"Mas isso seria suicídio, Sato! Eles são muito poderosos..."

"E o que fizeram os quarenta e sete ronin senão suicidar-se para limpar o bom nome do seu senhor? Se o suicídio do

Japão for o preço a pagar pelo nosso dever de mostrar que conhecemos giri e defendemos o bom nome da nossa nação, então paguemo-lo! Façamos como os quarenta e sete ronin e cumpramos o nosso dever sagrado! Temos de nos vingar dos gaijin para limpar o nome da pátria. Caso contrário, o mundo inteiro rir-se-á de nós! As pessoas de todo o planeta devem a esta hora estar a dizer que o Japão não conhece giri e a rir-se da nossa nação. Isso é intolerável! Antes a glória da morte em defesa do giri que a ignomínia da humilhação eterna!” os dois militares referiam-se claramente ao Tratado Naval de Washington que tanta polémica ainda provocava no Japão, sobretudo porque tinha sido ratificado apenas duas semanas antes. A Grã-Bretanha era ainda a rainha dos mares, mas os seus navios começavam a ficar obsoletos e como os Estados Unidos e o Japão estavam a produzir mais e melhores barcos de guerra fora convocada uma conferência na capital americana para controlar a corrida aos armamentos. Além destes três países, a conferência do ano anterior juntara também outras potências europeias com interesses na navegação no Pacífico, designadamente China, Holanda, Portugal, França e Bélgica, e estabeleceram-se quotas de tonelagem das frotas de cada país. Grã-Bretanha e Estados Unidos ficaram com a maior tonelagem, em prejuízo do Japão. o sector naval japonês não reagira bem, encarando o tratado como uma forma de limitar as ambições do seu país e de o achincalhar. O Japão queria paridade com o ocidente, mais o reconhecimento dos seus interesses especiais na Manchúria, na Mongólia, na Sibéria e nas antigas possessões alemãs na costa chinesa, sobretudo Tsingtao, mas acabara por se ver humilantemente relegado para uma posição secundária. Como muitos outros oficiais da Marinha

Imperial, os dois homens mostravam-se indignados com o recuo do seu governo, sobretudo à luz da recente ratificação do tratado naval, e atraíam sobre eles os olhares de toda a gente que se encontrava no mercado.

Assustada com o tom da conversa, e conhecendo o temperamento exaltado dos militares do país, Aiko puxou o filho pelo cotovelo.

“Vamos embora, Fuku-chan. Vamos embora.”

O caminho de regresso foi feito em silêncio. Ambos saboreavam os seus yaki imo, mas o que verdadeiramente os calara fora a fúria que intuíram nas palavras trocadas pelos oficiais. A mãe ficara enervada e isso fizera Fuku sentir-se inseguro. Ah, que falta lhes fazia o pai!

“Porque estavam aqueles homens tão... tão furiosos?”

“É política, filho. Não liguês.” quando já se aproximavam de casa, uma rabanada furiosa de vento levantou-se de repente, fazendo voar roupas dos estendais e abanando as copas das árvores com inusitada violência.

“Oh!”, exclamou o rapaz. “Será que vem aí uma tempestade?” os pássaros

largaram em voo de todas as copas de árvores e movimentaram-se pelo ar com mudanças sucessivas de direção, como se estivessem desorientados e em pânico.

“Que estranho!”, observou Aiko, de atenção voltada para o céu. “Já viste isto, Fuku-chan?”

Depois de espreitar o firmamento, o filho fixou os olhos no que se passava em redor.

“A bicharada parece nervosa...”

Com efeito, e para além dos voos inopinados das aves, os animais domésticos comportavam-se de uma forma bizarra. Alguns cães puseram-se a uivar e as vacas desataram a mugir, inquietas. Tudo aquilo lhes pareceu sobrenatural e deixou-os algo surpreendidos, mas logo que chegaram a casa esqueceram o assunto.

“Tenho de ir lavar a roupa”, anunciou a mãe, e pegou num balde. “E tu? O que vais fazer?”

“Vou ler.”

Fukui dedicava por essa altura a sua atenção a Aru Onna, um romance de Arishima Takeo sobre os amores de uma mulher, e estendeu-se na cama a lê-lo. A principal atração do livro não eram necessariamente as desventuras da heroína, mas a sua viagem para a América, onde se deveria casar com o amigo de um amigo; tratava-se na verdade de uma oportunidade para aprender coisas sobre a terra dos gaijin.

Estava o rapaz embrenhado na leitura quando o rosto oval de Aiko espreitou de novo pela porta.

“Fuku-chan”, interrompeu-o ela no tom doce que usava quando lhe pedia alguma coisa. “Preciso que vás à drogaria comprar-me sabão, uma vassoura e uma esfregona nova.”

“Deixe-me só acabar este capítulo...”

“Agora!”

O tom da mãe não dava margem para discussões. Com um suspiro resignado, o filho pousou o romance de Arishima takeo sobre o tatami do quarto, pegou no dinheiro que ela lhe estendeu, calçou os sapatos à porta e saiu de casa a correr. O que valia, consolou-se Fukui, é que já não calçava sandálias geta, como antes lhe exigia o pai, que com as suas bases altas de madeira lhe dificultavam a corrida, mas sapatos ocidentais, bem mais maleáveis. Além disso, a drogaria situava-se a uns meros dois quarteirões de distância e em alguns minutos estaria de volta à leitura.

Aproximou-se do estabelecimento e cruzou-se com uma rapariga bonitinha que avistava frequentemente quando ia às compras; tinha uns olhos doces e um sorriso encantador, os lábios pareciam bagos rosados e a pele nívea de marfim.

Havia algum tempo que fantasiava meter conversa com ela, mas não sabia como, e mesmo que soubesse duvidou que tivesse coragem para tanto. Foi nesse instante que a terra começou a tremer com violência inaudita.

—

As notícias contidas nas páginas de O Século daquela manhã de setembro de 1923 tinham um certo travo a déjà vu, o que não impediu Artur de as percorrer com atenção. Havia novidades de Espanha, onde Primo de Rivera acabara de tomar o poder e parecia seguir os passos de Benito Mussolini, o chefe do Partito Nazionale Fascista, que no ano anterior assumira em Itália poderes ditatoriais por um ano após as suas milícias, os camisas negras, marcharem sobre Roma e o rei o nomear presidente dei Consiglio, ou chefe do governo. sendo agora um socialista nacionalista, Mussolini opunha-se a divisões na nação e usara da violência, a mesma violência preconizada pela generalidade dos socialistas, para pôr fim ao caos provocado pelas constantes greves e ocupações levadas a cabo em Itália pelos comunistas e pelos anarcossindicalistas. pois agora este Primo de Rivera, embora sem ser socialista, parecia querer seguir-lhe o exemplo em Espanha.

“Hmm... talvez precisássemos do mesmo.” voltou a página do jornal e consultou um artigo sobre as estatísticas da economia portuguesa que o fez resmungar, agora de desagrado. O défice voltara a crescer, a dívida aumentava sem controlo, a inflação disparara. Ah, como aquelas notícias lhe faziam mal à alma! O país afundava-se na má governação e faltava um pulso forte e conhecedor que tomasse as rédeas da situação.

Esforçando-se por pensar noutra coisa, consultou o relógio. quando regressaria a mulher?, interrogou-se. Artur decidira nessa manhã ir um pouco mais tarde para o quartel, mas, em vez de aproveitar a presença dele em casa, o que decidira

Catarina? Fora às compras.

Encolheu os ombros, resignado. Pois bem, ficara em casa sozinho. E então? Se fosse para o quartel, o que iria lá fazer?

Aturar a catrefada de generais milicianos que nenhum dos políticos tinha coragem de desmobilizar? Desde que dois anos antes o chefe do governo fora assassinado o regime caíra em absoluto descrédito. Os oficiais passavam o dia na messe a comentar os eventos políticos, a lamentar os constantes atentados bombistas, a vociferar contra a incompetência dos sucessivos governos, a queixar-se da carestia de vida e a exigir maiores salários, a intrigar e a conspirar, e nada daquilo verdadeiramente lhe interessava. Daria lá um salto depois de almoço para dois dedos de conversa com o major Vega e, como quem não queria a coisa, voltaria a correr para casa.



Já perto do final da leitura do jornal ouviu a chave rodar na entrada do apartamento e sentiu a porta abrir-se; era decerto Catarina que vinha das compras.

“Ufa!”, bufou ela do corredor. “Isto está que nem se pode. vê lá tu que ainda ontem as batatas custavam quinhentos reis o quilo e hoje não as encontrei a menos de quinhentos

e cinquenta. Sabes o que te digo? Já não é todos os meses que as coisas encarecem. É todos os dias! Um horror, valha-me Deus!”

“É este novo governo”, respondeu Artur sem tirar os olhos do jornal, fingindo que não se importava por ela ter saído e demorado tanto tempo. “Entrou em funções há um mês e mandou imprimir mais dinheiro às escondidas. A inflação já vai acima dos mil e setecentos por cento ao ano.” Apontou para o artigo que estivera a ler no matutino. “Ora ouve o que está aqui escrito: a dívida pública disparou de um milhão de contos há seis anos para mais de sete milhões. Além disso, importamos três vezes mais do que exportamos. Sabes o que isto significa? Que vamos a caminho da bancarrota, é o que é. O desnorte é total.” Virou para a última página.

“O que vale é que parece que o governo já vai de saída.”

“Outra vez?”

“É o que consta. Os republicanos andam engalfinhados uns com os outros, é o costume. Depois deste último atentado à bomba da Legião Vermelha, não sei se reparaste mas foi o segundo numa semana, veio agora um outro político apelar à intervenção urgente do Exército.” Soltou uma gargalhada forçada. “São os próprios tipos que exigem os golpes de estado, vê bem!”

“Mas o que quer essa gente, valha-me Deus?”

“Quem? Os políticos?”

“Esses sei eu muito bem o que querem. Querem poleiro!”, devolveu ela do quarto. “Não, estou a falar dos vermelhos, essa legião não sei dos quantos. Para quê estas bombas todas? o que pretendem eles?”

“Querem desencadear a revolução.”

“Outra? Não bastou a de 1910?”

“Agora estão a pensar numa revolução como a da Rússia.”

“Ai que horror! Então eles andam a matar-se todos uns aos outros na Rússia e querem fazer o mesmo aqui em Portugal? Essa gente é doida ou quê?”

“Dizem que vão impor o paraíso comunista.”

“Qual paraíso? Então não vês que esses vermelhos se puseram a matar os padres lá na Rússia? É isso o paraíso?”

E dizem que as pessoas já não podem ter coisas, é tudo de todos. Então a nossa casa não é nossa mas é de todos? Que maluqueira vem a ser essa? Essa gente ensandeceu ou quê? E é à bomba que impõem esse tal paraíso?

Isso não faz sentido nenhum, Artur!”

Estas observações deixaram o marido sem resposta; quantas vezes não havia ele pensado o mesmo?

“De facto...” o silêncio voltara ao apartamento. Toda a conversa com Catarina decorrera em voz alta e sem que ele a tivesse visto, pois a mulher recolhera-se ao quarto logo que entrara em casa e pelos vistos afadigava-se em torno das compras.

Ainda sentado na sala, o marido ponderava o espanto dela com o paraíso comunista imposto à lei da bomba. Não tinham sido Engels e Marx a prever que as leis precisas e deterministas da história requeriam que a revolução socialista só fosse desencadeada em países onde o capitalismo se desenvolvera até um ponto em que as suas contradições provocassem a revolta dos operários das fábricas? O problema é que estas revoluções não estavam a aparecer nos países de capitalismo mais desenvolvido, como Inglaterra e os Estados Unidos, mas em países pobres onde a indústria quase não existia, como a Rússia. Os acontecimentos não batiam certo com as previsões e Artur acreditava que, quando isso acontecia, a culpa não era dos acontecimentos mas das

previsões. Ou seja, o comunismo não parecia a resposta; pior ainda, dava a impressão de se encontrar impregnado de uma violência gratuita. o problema era a alternativa. Ou a falta dela. O caos em Portugal e a desgovernação republicana mostravam que também o parlamentarismo não estava a funcionar. Platão tinha razão, os cidadãos são crianças e ninguém de bom senso entrega o poder a crianças. A resposta só podia ser a entrega do poder a alguém que pusesse o país na ordem mas não se metesse nas loucuras que os bolcheviques andavam a espalhar pela Rússia. Portugal precisava de um filósofo-rei. mas quem?

A sua atenção regressou às notícias da dívida e da inflação e

Artur sentiu o estômago doer-lhe de revolta. Voltou à primeira página e releu a notícia sobre Primo de Rivera. Realmente, se as coisas continuassem assim, talvez fosse mesmo melhor seguir o exemplo dos espanhóis e dos italianos. Mas nesse caso quem poderia ser o Primo de Rivera português? Onde estaria o Mussolini lusitano? O ideal, refletiu, seria Sidónio, mas esse tinha sido assassinado e deixara o país órfão de uma solução. Onde encontrar outro Sidónio que impusesse ordem naquele regabofe? sentiu a mulher entrar na sala e imobilizar-se ao lado dele. Ergueu os olhos do jornal e cravou-os nela, atónito com o que via. Durante alguns instantes teve até dificuldade em reconhecê-la.

—

Tudo começou com um rumor estranho que irrompeu da terra.

“O que é isto?”, admirou-se Fukui, imobilizando-se à porta da drogaria. “Que barulho é este?”

A rapariga bonita com quem se cruzara mostrava-se desconcertada como ele. Quase em simultâneo, o chão pareceu dar um solavanco, como se um monstro acordasse mesmo por baixo da terra e tentasse levantar-se, e viram a fachada da drogaria balouçar para a frente e para trás, dava a impressão de ganhar balanço para se atirar a eles.

“Cuidado!” largando os tamancos que lhes dificultavam os passos, Fukui e a rapariga correram para o centro da rua mesmo a tempo de escapar à hecatombe. Com um estrondo ensurdecedor, a fachada da drogaria desmoronou-se por entre gritos de pânico e provocando uma chuva de pedras. Uma nuvem densa de pó branco ergueu-se no lugar onde o edifício estivera momentos antes. o caos generalizou-se. plantados no meio da rua, os dois tinham a impressão de estar a tentar equilibrar-se num bote agitado por águas turbulentas. Sentindo que perdia o pé naquele mar tumultuoso, Fukui percebeu que precisava de se apoiar em algo firme e, puxando a rapariga, fez sinal na direção de um poste de eletricidade.

“Agarra-te aqui!” seguraram-se ambos ao poste, mas em vez de se revelar um apoio estável o pilar de madeira sacudia-se de um lado para o outro, a balouçar como um pêndulo descontrolado, os fios lá em cima a estalarem e a partirem-se, revirando pelo ar como chicotes descontrolados, de tal modo que os dois tiveram de o largar e, sem saberem já o que fazer, perdidos e desesperados, sentaram-se no chão e abraçaram-se, ambos a tremer.

“Tenho medo”, soluçou a rapariga. “Vamos morrer.”

“Pronto, pronto”, sussurrou Fukui, tentando acalmá-la.

“Aperta-me com força.” os edifícios em redor desmoronavam-se sucessiva e gradualmente com grande fragor; primeiro caíam as telhas e depois as paredes. O que restava da drogaria desfez-se em pedras e poeira, e o mesmo sucedeu a dois edifícios antigos do outro lado da rua. As telhas jorravam de toda a parte como chuva sólida, quebrando-se na rua em cacos que pareciam de porcelana, mas a maior parte das paredes ia-se aguentando. O rumor da terra parecia não parar, apenas abafado pelo ocasional estrondo de um edifício a ruir e por alguns gritos de pânico, embora não muitos; a maior parte das pessoas estava de tal modo concentrada na missão de sobreviver que mal abria a boca.

Apenas a rapariga choramingava.

“Quero a minha mãe!” o terramoto prolongou-se por alguns minutos, talvez cinco, possivelmente dez, quem sabe se seriam mesmo quinze; no meio de tanta confusão era difícil medir o tempo e o sismo dava a sensação de se prolongar sem fim. Cada segundo parecia multiplicar-se por dez ou vinte. silêncio.

De repente, tão depressa como começara, o rumor emudeceu e a terra parou de dançar. Desconfiado, quase a temer que aquilo não passasse de um truque e a todo o momento o chão recomeçasse a balouçar, Fukui trocou um olhar com a rapariga. Ambos tinham os cabelos negros esbranquiçados pela poeira; pareciam operários acabados de sair das obras. “Estás bem?”

Ela abanou a cabeça afirmativamente.

“Hai.”

Como a acalmia se prolongasse, foi-se tornando claro que o terramoto terminara mesmo. Desprenderam-se então um do outro e o rapaz forçou um sorriso.

“Como te chamas?”

“Ren”, disse ela num sopro. “Obrigado por... por...” não chegou a terminar o agradecimento porque ambos se aperceberam nesse instante de que a cidade em redor deles estava reduzida a um monte de ruínas. O olhar ansioso de cada um desviou-se subitamente para pontos diferentes do bairro, ela para lá da drogaria arrasada, ele para o alto da rua.

“Mãe?”

“Mãezinha! Papá!” nada mais lhes interessava nesse momento. Largaram a correr pela rua em direções opostas, ziguezagueando entre os escombros que haviam tombado para a via, Ren a contornar os destroços da drogaria com os movimentos presos pelo quimono apertado, Fukui a subir rumo a casa, ambos descalços, o coração a contrair-se de aflição. Ren receava pela família, Fukui perdera o pai e o seu maior pesadelo era perder também a mãe. O que faria se isso acontecesse? o que seria de si? Para onde iria? Quem cuidaria dele? Iria para um orfanato? Ficaria ao abandono? o rapaz chegou ao alto da rua e plantou-se diante do que restava da porta da casa.

“Mãe?”, chamou a medo, a voz rouca de angústia.

“Mãããeee?” ninguém respondeu.

A mãe morrera, pensou com angústia, um nó a apertar-lhe a garganta. Correu para a entrada e, de lágrimas de aflição a rolar-lhe já pelo rosto, desatou a escavar os escombros com as próprias mãos, frenético e desesperado, sabendo que se a mãe por algum milagre ainda se encontrasse viva estaria ali em baixo a asfíxiar, pelo que teria de ser rápido, teria de cavar e furar e cavar e furar o mais depressa possível, teria de chegar a ela antes que deixasse de respirar, se é que não estava já morta, esmagada por todo o entulho que lhe caíra em...

“Fuku-chan?”

A voz de Aiko fê-lo dar um salto, a esperança louca a substituir o desespero mais profundo como se um vagão descontrolado o levasse por uma montanha russa de emoções.

“Mããããã?” viu de repente um vulto coberto de poeira emergir da casa aparentemente destruída. Parecia que um fantasma convergia para ele.  
“Fuku-san!”

—

“Mãe!”

Abraçaram-se ali, no meio do entulho, as lágrimas sempre a rolar pelos rostos empoeirados, já não de pânico mas de alívio e alegria, cada um a pensar que perdera o outro e afinal a reencontrá-lo, ambos são, ambos vivos, ambos salvos.

A poeira que pairava no ar emprestava ao dia uma tonalidade sinistra. A luz parecia prata suja, uma mortalha argêntea que o terramoto deixara a pairar sobre as ruínas como um halo fantasmagórico. O Sol transformara-se num disco escuro, como se de um eclipse se tratasse, e um véu irreal filtrava a luz mortífera e matizava de cinza as cores da paisagem. Tóquio decomusera-se numa ruína a preto-e-branco. Dir-se-ia que um clichê gigante os cercava.

“Kazu!”

“Maiko!”

As pessoas deambulavam devagar entre escombros, reduzidas a espectros temerosos, os olhares assarapantados e os sentidos aturdidos, algumas feridas e outras a chamar por entes queridos que a terra engolira. A cena era terrível e, arrepiando-se, Fukui imaginou-se naquela figura se não tivesse encontrado a mãe. A seguir lembrou-se da bela Ren, a rapariga a quem se tinha abraçado no meio do terramoto. teria descoberto os pais ou também andaria, como aquelas gentes desesperadas, a esquadrihar os destroços à procura deles?

Ah, Ren! suspirou, arrebatado pela memória do momento em que a tivera agarrada a si e lhe sentira o calor trémulo. Nunca um nome assentara tão bem a uma rapariga! Ren, ou Lótus, a flor que se tornava tão mais sublime quanto mais imunda fosse a lama que a rodeava. O que eram as ruínas de Tóquio

senão a lama nojenta, e o que era Ren senão a flor de lótus mais encantadora que alguma vez contemplara?

“Anda ver”, disse de repente a mãe, atirando os restos de uma telha para o quintal e endireitando-se. “Já desimpedi a entrada.”

Arrancado aos seus pensamentos, Fukui examinou o que restava da casa e pestanejou, surpreendido. O maior pesadelo de ambos era que o pequeno edifício tivesse sido destruído e não lhes restasse nada. Isso seria muito grave, uma vez que o dinheiro da venda da propriedade do pai em Tsuchiura havia sido usado para comprar aquela casa do bairro de Koishikawa, em

Tóquio. Se nada no edifício se salvasse da fúria do terramoto, ele e a mãe ficariam na miséria. o que viu, contudo, deixou-o aliviado. Era verdade que o telhado tinha deslizado, como de resto sucedera com a maior parte dos edifícios do bairro e presumivelmente da cidade, mas logo que os cacos das telhas que se amontoaram diante da habitação foram removidos e a visão desimpedida tornou-se claro que as paredes permaneciam de pé.

A casa sobrevivera.

“Ufa!”, soprou ele, sentindo um peso sair-lhe de cima dos ombros. “A casa aguentou-se, hem?” riram-se ambos, nervosos e aliviados, satisfeitos com a resistência da construção e com o resultado do labor das últimas duas horas. Uma vez o acesso desimpedido, entraram cuidadosamente na casa e a mãe varreu o interior com o seu olhar analítico.

“Yare yare!”, exclamou, já a mentalizar-se para a tarefa.

“Isto vai dar uma trabalhadeira infernal para limpar e arrumar!” virou-se para o filho. “Fuku-chan, traz-me água.”

Calçando os sapatos, para o entulho não lhe ferir os pés, o rapaz pegou no balde e foi à cozinha girar a torneira, mas, depois de libertar uma pequena descarga, o cano tossiu, emitiu um ruído gorgulhante semelhante a um longo arrote e emudeceu.

“Não há.”

Confrontada com a contrariedade, de resto previsível, Aiko respirou fundo e coçou a cabeça, reavaliando a situação.

“Então vai buscá-la ao rio.” o rapaz nem hesitou. De balde na mão correu para fora de casa mas estacou quando chegou à rua. Um clarão avermelhado estendia-se pelo horizonte, a leste, sobre toda a zona correspondente à baixa da cidade, e um gigantesco cogumelo de fumo ascendia no céu e alargava-se no alto, enchendo metade do firmamento.

“Um incêndio!”, murmurou Fukui, esmagado pela visão dantesca. “Tóquio está a arder!”

A terra recomeçou nesse instante a tremer e, do interior da casa, a mãe gritou de pânico. O terramoto estava de volta e desta vez tudo seria destruído. O balouçar do chão durou alguns segundos e parou. Atarantada, a mãe saiu de casa e abraçou o filho. Olharam um para o outro e, os nervos em franja, desataram a rir.

“Foi só uma réplica...”

Impelido pela ansiedade, Fukui desceu pela rua com o balde na mão até chegar aos escombros da drogaria. Em vez de prosseguir em direção ao rio Edogawa, no entanto, contornou as ruínas da drogaria e meteu-se pelo caminho por onde vira desaparecer a rapariga com quem vivera o terramoto. Precisava absolutamente de saber se ela estava bem e se chegara a encontrar a família. Além disso, agora que a conhecera não a

queria largar; o terramoto unira-os e tinha a certeza que isso não acontecera por acaso.

—

“Ren!”, chamou. “Ren!” o problema é que não sabia com exatidão onde ela vivia. palmilhou o sector a chamar pela rapariga, mas não obteve resposta. Perguntou a pessoas que por ali vagueavam se a conheciam e apenas se deparou com gente de ar perdido e incapaz de lhe prestar qualquer informação útil. nessa altura eclodiu uma trovoadade explosões.

“São vulcões!”, gritou um homem de olhar esgazeado com quem se cruzava nesse instante. “A península de Izu explodiu e desencadeou uma cadeia de erupções.” Fez um gesto com o braço. “Fuja, jovem! Fuja! A lava vem nesta direção e daqui a pouco isto explode tudo! É o fim do mundo! É o fim do mundo!” o homem pôs tamanha convicção nas palavras que

Fukui acreditou nele e recuou uns passos, desorientado. o que fazer? Continuar a procurar a rapariga? Ou seria melhor voltar para casa e convencer a mãe a fugir enquanto podiam?

Depois de uma fugaz acalmia, o ar foi abalado por mais explosões.

“Não deem ouvidos a esse louco”, disse um homem que com a família limpava o entulho diante de casa. “Não veem que as explosões são no arsenal? Tenham calma! O que se passa é que o incêndio chegou ao arsenal e está a detonar os explosivos!”

Já mais tranquilo, Fukui retomou as buscas. Ao fim de uma hora, contudo, e sentindo que não seria capaz de encontrar Ren sem dispor de informações mais precisas sobre a sua morada, abandonou com relutância aquela área e desceu até ao rio. todo o vale do Edogawa estava devastado, com a rua marginal cortada por fissuras no solo e as linhas do elétrico contorcidas como massa cozida. O próprio leito do rio parecia ter-se elevado, com novas ilhotas de lama a espreitarem do meio da água suja de entulho. Algumas pessoas enchiam vasilhas e garrafas com a água do caudal, enquanto outras se arrastavam por entre as ruínas com olhares vazios e sem objetivo aparente. Ansioso por abandonar aquele lugar de morte e regressar para junto da mãe, o rapaz abeirou-se da margem à sombra de um renque de cerejeiras e encheu o balde. A seguir levantou-se e, ciente de que se fazia tarde e que lhe restava apenas mais uma meia hora de luz, apressou o passo a caminho de casa.

A noite pareceu-lhes assustadora, com toda a cidade mergulhada na escuridão e apenas iluminada pelo clarão avermelhado do grande incêndio que lavrava no centro de Tóquio e que projetava sombras sinistras pelas outras zonas da cidade. Como a eletricidade fora cortada e a iluminação pública não funcionava, as casas que tinham sobrevivido ao terramoto eram alumadas por velas.

A residência dos Satake mantivera-se de pé, mas a habitação à direita desmoronara-se, pelo que Aiko convidou a família vizinha a alojar-se na sua casa, o casal na cozinha e os filhos na sala, enquanto decorriam os trabalhos para recuperar o edifício.

"E só uma semaninha, minha senhora", disse o vizinho, multiplicando-se em vénias de agradecimento. "Num instante refarei a minha casa, vai ver. E que, não sei se sabe, sou carpinteiro."

"Então não sei, Isao-sanf", devolveu a mãe. "Espero até que, com o seu jeito de mãos, nos conserte umas coisinhas que se estragaram aqui na minha casa."

"Fique descansada, minha senhora!"

Depois do jantar saíram todos à rua para observar o grande incêndio que devastava a baixa da cidade; os fogos em Tóquio eram periódicos e chamavam-lhes as flores de

Edo. À distância as chamas pareciam um mar vermelho. o espetáculo seria belo se não fosse tão ameaçador.

"Como é possível que um terramoto degengere num incêndio destas proporções, \sao-san?"

"A senhora lembra-se do que estava a fazer à hora a que ocorreu o terramoto?"

"Foi aí pelo meio-dia, não foi?", retorquiu Aiko, chegando-se ao filho. "O Fuku-chan tinha saído para ir à drogaria e eu nessa altura acendia o fogão para fazer o almoço."

"A essa hora a senhora e toda a gente estava a preparar o almoço", atalhou o vizinho. "Foram justamente os fogões que provocaram o incêndio. Houve paredes de madeira que desabaram sobre os fogões acesos, as chamas pegaram-se a essa madeira e o fogo cresceu e foi empurrado pelo vento, espalhando-se de casa em casa. Toda a baixa da cidade foi engolida pelo incêndio."



"Naruhodo", assentiu Aiko. "Estou a perceber."

"Além disso, quando..." uma súbita coluna de fogo ergueu-se no céu numa nova sucessão de explosões em cadeia tão violentas que a própria terra reverberou e que calaram o senhor Isao. Segundos depois chegou-lhes o fragor medonho das detonações e o ar pareceu dançar.

"Ai que medo!", gemeu Aiko, agarrando-se a Fukui. "Ai que isto vai tudo pelos ares!"

"Não se assuste, minha senhora", reconfortou-a o vizinho carpinteiro. "São estas explosões que nos estão a salvar das chamas."

—

"Não diga isso, Isao-san! Isto é um horror!"

"Talvez. Mas se reparar bem, minha senhora, verá que as explosões no arsenal estão a formar uma barreira entre o nosso bairro e o centro da cidade." Apontou para a zona onde se encontrava o grande armazém militar, na linha limítrofe do incêndio que incandescia o horizonte. "Está a ver ali? As chamas vão de Suidobashi a Kanda, não vê? Mas já reparou onde param?"

"À entrada de Yama-no-te."

"Pois sim. Não estão a passar para aqui. As explosões criam bolsas de vácuo e bloqueiam o avanço das chamas para o nosso bairro." o raciocínio fazia sentido e o facto é que as chamas realmente não estavam a passar para o bairro, o que era um alívio, mas as duas famílias não se demoraram muito na rua. mesmo distante, o incêndio era assustador e as explosões cíclicas no arsenal apavoravam toda a gente, com exceção aparente do senhor Isao. Intimidada com o que se passava na baixa, Aiko agarrou no braço do filho e dirigiu-se para casa.

"Faz-se tarde."

Catarina rodopiou diante do marido, exibindo as novidades que, impante, trouxera da rua.

"Que tal estou?", perguntou. "Gostas?" o marido manteve o olhar preso nela, estupefacto. Após um longo momento paralisado enquanto digerira a nova imagem da mulher, deu um salto na cadeira.

"Meu Deus!", exclamou. "O que te aconteceu, querida?"

Ela sorriu e, fazendo uma pose vamp, como se tornara moda, rodopiou sobre ela mesma.

"É o estilo garçonnel!" o marido olhou-a de novo dos pés à cabeça, incrédulo. Catarina trazia um conjunto de saia carmesim que não ia abaixo dos joelhos, o que pareceu a Artur por demais arrojado. E a coisa não ficava por aí. A mulher tinha vestido um casaco da mesma cor sobre uma blusa branca de seda e um chapéu cloche enfiado até às sobranceiras. Todo o

conjunto lhe conferia um certo ar de maria-rapaz, que, no mínimo, deixou o marido desconcertado. Mas o mais extraordinário, além do atrevimento da saia que deixava ver a parte de baixo do joelho, era o cabelo.

"O que fizeste ao cabelo?"

A mulher tirou o chapéu cloche e, abanando a cabeça, sacudiu a cabeleira castanho-escura que agora aparecia com corte curto.

"Cortei-o. Diz lá se não fiquei chic?"

Artur estava embaçado com as mudanças operadas na mulher. Sempre fora uma rapariga dada a modernices, mas nunca a imaginara capaz de ir assim tão longe.

"Não achas que... que exageraste um bocadinho?"

Com uma risadinha frívola, Catarina debruçou-se sobre um saco que trouxera da rua.

"É a moda, palerma! Vê-se mesmo que vocês, os homens, não percebem nada disto." Retirou do saco uma peça de tecido branco trabalhado que o marido nunca vira. "Estás a ver esta novidade? É o substituto do espartilho. Chama-se soutien e serve para... enfim, para suportar as mamas."

"Soutimamas?"

A mulher soltou nova gargalhada.

"Soutien, tonto!" Pô-lo à volta do peito, sobre a roupa, para mostrar como ficava. "Diz lá se não é mais prático do que aquelas velharias ultrapassadas dos espartilhos?" Arqueou os olhos e esboçou um esgar maroto.

"É para ver se te encorajo a..." Soltou um risinho. "A fazer Arturzinhos."

"Para isso não é preciso soutimamas nenhum, minha parva!", gracejou. "Aliás, convém até que não tenhas nada vestido. Adoro ver-te sem espartilho!"

"Pois, só que hoje em dia já não se usam os espartilhos, percebes? Uma mulher moderna anda de soutien. Não viste aquela fita com a Louise Brooks?" Girou sobre os calcanhares enquanto segurava o soutien. "Isto sim, isto é que é chic!"

"Onde foste tu comprar tudo isso?"

"À Casa Ramiro Leão, ora essa!"

"E... e com que dinheiro?"

Abandonando a pose, a mulher pôs as mãos à cintura e fitou o marido com ar reprovador.

"Artur Teixeira, não me venhas com essa conversa!", repreendeu-o. "Quem administra o dinheiro nesta casa sou eu e por isso sei muito bem o que ando a fazer!"

"Mas, querida, esses trapos são caros..."

Catarina cruzou os braços, como uma professora prestes a submeter um

aluno malcomportado a exame.

"Olha lá, a quanto é que disseste que andava a inflação?" o marido fez um gesto a indicar o exemplar de O Século que tinha pousado no chão ao lado do sofá.

"Bem, diz aqui que já vai nos mil e setecentos por cento ao ano..."

"O que quer dizer que amanhã o dinheiro valerá menos que hoje", apressou-se ela a acrescentar, retirando a conclusão lógica do que acabara de ouvir. "Sabes o que fiz com o dinheiro do salário que recebeste ontem? Gastei-o todo a comprar comida para o mês inteiro."

Artur arregalou os olhos, chocado com a notícia.

"O quê? Gastaste o dinheiro todo? Todo?!"

"Quase todo", corrigiu ela. "E, para tua informação, é o que faço todos os meses logo que recibes o salário. O dinheiro vem e vai logo a seguir. Se o guardar, sabes o que acontece?"

Com toda a carestia, no final do mês o teu ordenado só dá para comprar uma regueifa, entendes? Esta inflação doida significa que todos os dias fica tudo mais caro, pelo que não vale a pena poupar nada. Temos de gastar o dinheiro todo no momento em que o recebemos e enquanto ele ainda dá para comprar alguma coisa, caso contrário ficamos como os teus camaradas da Marinha: a ver navios. Depois é uma questão de esperar pelo teu salário do mês a seguir... já devidamente aumentado, claro." o marido apontou para os sacos.

"E os trapos que compraste na Casa Ramiro Leão?"

"Usei o dinheiro que sobrou das compras para o mês inteiro. No fim de contas não posso continuar a andar vestida como a minha avó, não te parece?" Meteu a mão ao bolso e retirou dois pequenos retângulos cor-de-rosa. "E comprei dois bilhetes para vermos a Laura Costa no Maria Victória!" voltou a guardar os bilhetes. "No próximo mês gostava de ir ao Bristol Club ouvir uma jazz-band." Piscou o olho. "Mas só depois de receberes o ordenado, claro."

Artur recostou-se no sofá e respirou fundo.

"Não sei se acho bem essa forma de gerir as nossas contas..."

A mulher ia a pegar no saco da Casa Ramiro Leão, mas voltou atrás para uma derradeira mensagem.

"Se deixassem uma dona de casa governar o país, meu menino, podes ter a certeza de que as coisas andavam direitinhas que nem um fuso. Acabava-se logo a pouca-vergonha!" o marido riu-se.

"Sim, sim, há de chegar o dia!"

Catarina pegou nos sacos, o das roupas e o das batatas, e de passo firme abandonou a sala a caminho da cozinha.

"Ou isso ou um ditador."

A paisagem que habitualmente se podia contemplar do bairro de Ochanomizu sempre fora de uma beleza tão requintada que havia quem a comparasse com uma aguarela chinesa, mas agora que olhava para as ruínas fumegantes para lá do pequeno portão, na verdade o que restava do edifício onde funcionara a Escola Secundária Keika, em pleno coração do bairro, Fukui teve a noção clara de quão curta e frágil é a distância que separa o sublime do horrível. Ochanomizu fora o paraíso e transformara-se no inferno. um jovem de uniforme aparentemente militar, decerto um cadete, guardava o pequeno portão que dava acesso ao perímetro escolar, pelo que Fukui se dirigiu a ele.

“Desculpe”, interpelou-o. “Hoje há aulas?”

A sentinela, ou pelo menos era isso o que parecia, abanou a cabeça.

“Mandaram-me há pouco para aqui e não sei nada”, disse. Virou-se e apontou para uma outra figura uniformizada que inspecionava as ruínas da escola. “Vai falar com ele.” o rapaz cruzou o portão, tão pequeno que mais parecia uma porta das traseiras, e dirigiu-se ao que lhe dava a impressão de ser um segundo cadete. O que andariam os militares ali a fazer?, questionou-se ao aproximar-se do vulto em uniforme que se mantinha de costas para ele. não seria melhor utilizá-los para procurar pessoas desaparecidas, pessoas como Ren, cujo rasto não conseguia encontrar?

“Por favor”, chamou ao abeirar-se do segundo cadete.

“Sabe se hoje vai haver aulas?” o vulto de farda voltou-se para ele e, uma vez cara a cara, ficaram ambos paralisados por um longo momento, observando-se com uma expressão de incredulidade.

“Olha, olha!”, acabou por exclamar o jovem de uniforme militarizado, desenhando um sorriso insolente na face. “Diz-me lá se não és o Osorochi-sa?»”

Fukui fitava-o de boca aberta.

“Sawa?” o seu antigo inimigo fez uma vénia.

“É sempre gratificante verificar que não somos esquecidos...”

Apesar de já ter treze anos e de o seu corpo se ter desenvolvido e tornado mais forte, a diferença de três anos em relação a Sawa continuava a notar-se. Foi por isso com uma expressão alarmada e de desconfiança que Fukui fitou o interlocutor.

“O que estás aqui a fazer?”

“Serviço à comunidade, Osorochi-san”, devolveu Sawa.

“Eu e os meus camaradas fomos enviados para ajudar a manter a segurança da escola enquanto se procura uma solução para o ano escolar.”

o aluno da escola examinou o uniforme do seu velho inimigo; parecia de facto militar, mas no peito tinha um símbolo e a palavra Seijo, que não

reconheceu.

“Agora estás no Exército?”

“Quase”, disse Sawa. “Ando na Escola Secundária de seijo, ali em Wakamatsu-cho. É uma espécie de academia militar, não sei se conheces. A minha ideia é honrar os meus antepassados e seguir a carreira das armas. Como sabes, o sangue dos samurais corre-me nas veias.” Fez um gesto largo a indicar a devastação em redor. “Uma vez que as forças armadas não têm gente suficiente para enviar para as zonas mais afetadas pelo terramoto, decidiram recorrer a nós. É por isso que me encontro aqui nesta escola... que pelos vistos é a tua.” os anos haviam passado e muitas neves tinham entretanto caído sobre o monte Fuji. O conflito que ambos haviam tido em Tsuchiura parecia um sonho vago e, pelo menos na aparência, Sawa já não era tão agressivo, pelo que Fukui baixou um tudo-nada a guarda e desviou os olhos para as ruínas fumegantes.

“E as aulas?”, quis saber. “Agora que a minha escola foi destruída onde teremos aulas?”

“O assunto está a ser tratado pela direção da escola. parece que na próxima semana vocês irão para uma escola noturna perto de Ushigome-Kagurazaka.”

“Vamos ter aulas à noite?”

“Não, Osorochi-sa«. Como nessa escola só há aulas à noite, as salas estão livres durante o dia, percebes? Será portanto de dia que decorrerão as vossas aulas.”

A alcinha, uma aborrecida reminiscência da tensão entre ambos em Tsuchiura, levou Fukui a estreitar as pálpebras para mostrar o seu desagrado.

—

“Agradecia que não me chamasses Osorochi-stfw.” o rosto do antigo inimigo contraiu-se num sorriso ambíguo.

“Anda daí”, disse, afastando-se das ruínas e fazendo um gesto a Fukui para que o seguisse. “Se não queres continuar a ser conhecido como um chorão, tens de passar na prova de fogo. Vamos dar um passeio.”

“Onde?” o cadete caminhava já em direção ao portão e, ao virar-se para trás, piscou-lhe o olho.

“Ao inferno.” o primeiro corpo deixou-o perturbado. A metade de baixo estava carbonizada e a cabeça encontrava-se enterrada com a cara para baixo; pelo jeito do cabelo, Fukui percebeu que se tratava de uma mulher. Olhou para Sawa como se o interrogasse sobre se seria sensato seguir em frente, mas o rapaz mais velho passara pelo cadáver com aparente indiferença e o mais novo decidiu que não seria ele a dar parte de fraco,

pelo que ambos seguiram caminho. uns duzentos metros à frente depararam-se com outro cadáver, um idoso enroscado na posição fetal aos pés de uma árvore cauterizada. Desta feita Fukui quebrou o silêncio.

“Olha lá, o que fazemos a estes mortos?” sempre a caminhar em direção à baixa de Tóquio, que o grande incêndio devastara, Sawa respondeu com desprendimento.

“Nada.” os cadáveres parcial ou totalmente incinerados tornaram-se mais frequentes à medida que se aproximavam do centro da cidade. A baixa estava arrasada. Havia quarteirões aplanados e só alguns edifícios de tijolo permaneciam parcialmente em pé. Os escombros ainda fumegavam, libertando um cheiro a queimado e uma poeira cor de tijolo que sob o efeito da luz solar adquiria tonalidades espetrais; tudo o que era feito de madeira transformara-se em cinzas que a brisa disseminava em lufadas por uma paisagem árida e avermelhada de corpos de pessoas e animais e de árvores e casas incineradas. nem pássaros havia no céu. Um silêncio de morte abatia-se sobre as ruínas calcinadas. Os únicos seres vivos que ali se encontravam eram os dois jovens.

Desbravando o caminho, Sawa deteve-se de repente a uma esquina e mudou para o outro lado do passeio, procurando uma alternativa.

“Não podemos ir por aqui”, limitou-se a constatar num tom seco. “Temos de dar a volta.”

Intrigado com a observação, o jovem companheiro chegou-se à esquina e espreitou.

“Yare yare!”, exclamou, deitando a mão à boca. “Caramba!” toda a rua estava bloqueada por uma enorme pilha de cadáveres; eram tantos que dava a impressão que alguém os havia despejado ali, mas na verdade encontravam-se como tinham morrido, provavelmente apanhados ao mesmo tempo por um tornado de fogo quando corriam rua fora. Cheirava a carne grelhada e Fukui sentiu um vômito assomar-lhe à boca.

“Então, Osorochi-stf«? Agentas-te?”

A pergunta de Sawa denunciou a sua intenção mais profunda. Não podia dar parte de fraco, percebeu Fukui, tomando consciência de que no fundo era justamente o que o seu velho inimigo queria. Toda aquela expedição não passava afinal de um estratagema para o forçar a mostrar fraqueza e assim humilhá-lo. Não lhe daria essa satisfação, decidiu.

Engoliu em seco, recompôs-se e recomeçou a andar, sempre no encalço do guia. Aquela expedição, por mais terrível que fosse, seria para levar até ao fim. Acontecesse o que acontecesse, Sawa não se ficaria a rir. para contornar a rua passaram por uma ponte igualmente pejada de cadáveres em carvão; pareciam pessoas que erradamente tinham acreditado que ali estariam ao abrigo do fogo. A ponte passava sobre o rio Sumidagawa, em

cujas

águas púrpura flutuavam inúmeros corpos; uns eram levados pela corrente, a maioria encalhara nas margens, todos nus e inchados como balões prestes a rebentar, os ânus abertos em buracos negros dilatados. Em redor, mortos e mortos e mortos carbonizados. Havia tantos cadáveres por toda a parte que tudo parecia surreal, um cenário de teatro montado a uma escala gigantesca.

“Como é possível uma coisa destas?”, murmurou Fukui, assombrado com a dimensão do desastre. “Isto é pior que... que...”

Ao ouvir estas palavras Sawa deteve-se e voltou-se, encarando o companheiro de expedição com o ar de quem se preparava para partilhar um grande segredo.

“Nada disto aconteceu por acaso, Osorochi-san”, atirou em jeito de confiança. “Sofremos uma punição.” saltitando por entre dois cadáveres, Fukui abeirou-se do cadete.

“O que queres dizer com isso?”

“Os deuses do xinto estão insatisfeitos com o rumo que o país está a levar”, disse o rapaz mais velho. “Não vês o que se está a passar no Japão? Andamos a esquecer as nossas tradições e a imitar os gaijin. O Japão é a terra sagrada criada pelos kami, por isso não temos de imitar ninguém. Os estrangeiros são gente impura, não são como nós, o povo descendente dos deuses. Resolvemos seguir os caminhos ímpios dos gaijin em vez de honrar o nosso imperador divino e os kami estão a punir-nos. Temos de voltar ao xinto, venerar sua majestade imperial e expulsar os estrangeiros. Não é tão óbvio?” o seu jovem interlocutor coçou a cabeça. A conversa contra os gaijin era recorrente no Japão, sobretudo nos meios militares e entre as elites ligadas aos antigos samurais, mas a ele, que se interessava pelos estrangeiros do Ocidente e pela sua cultura, nunca ocorrera que um terramoto e um incêndio pudessem ser associados àquele tipo de questões. “Bem, não diria que é óbvio”, retorquiu, sem querer iniciar uma discussão, mas ao mesmo tempo tentando distanciar-se daquele raciocínio. “Tenho ideia que sempre houve terramotos. Lembro-me por exemplo de o professor de História dar no ano passado uma aula em que falou do grande terramoto de Jogan Sanriku. Esse terramoto ocorreu muito antes da chegada dos porutogarujin. Do que nos puniam então os deuses?” sawa esboçou com a mão um gesto irritado no ar e recomeçou a caminhar em passadas determinadas.

“Ah, não percebes nada disto!”, resmungou. “Não passas de um pacóvio! Não percebes que um terramoto é sempre uma punição? Se esse terramoto de Jogan Sanriku ocorreu antes da chegada dos gaijin, os deuses estavam a punir o

Japão por qualquer outro motivo. Mas que estes desastres são uma punição, sobre isso não restam dúvidas. Fala com qualquer sacerdote xinto e ele dir-te-á.” Indicou com a mão a paisagem de desolação e morte que os rodeava. “O facto é que Amenominakanushi, o Deus Celestial Ancestral do Coração que Originou o Universo, está desagrado com a forma como os japoneses se deixam contaminar pelos estrangeiros impuros. Nós somos descendentes dos deuses e não temos nada a aprender com os gaijin. Quando nos desviamos do caminho, os deuses castigam-nos. A prova é o que vemos à nossa volta.”

Fukui fez uma careta de indiferença.

“Talvez. Mas continuo sem ver qualquer relação entre os terremotos e os gaijin. Acho que Amenominakanushi terá de ser mais explícito quanto às suas intenções.” o seu acompanhante fez com a língua um estalido de irritação.

“Já vi que andas a ler Yukichi Fukuzawa, esse degenerado amigo dos gaijin...”

“Quem?”

Agastado com o ceticismo persistente do acompanhante, e percebendo que errara o alvo, Sawa não respondeu. Em vez disso adiantou-se e ganhou uma dezena de metros de avanço. Sempre no seu encalço, Fukui foi matutando no nome que acabava de ouvir. Yukichi Fukuzawa? Quem seria esse? se Sawa lhe chamara “degenerado” e “amigo dos gaijin”, talvez fosse alguém que devesse conhecer. Considerando que tanta gente falava mal dos gaijin, alguém que falasse bem pareceu-lhe digno de atenção.

Interrompeu os seus pensamentos porque viu Sawa deter-se de novo diante dele. O mais velho parara junto aos corpos incinerados de uma mãe com o filho às costas e voltara-se para trás de modo a encarar Fukui, como se lhe tivesse ocorrido nesse instante um argumento decisivo.

“E os coreanos? O que me dizes dos coreanos?”

“O que têm eles?”

“Não sabes?”, perguntou em voz alta, quase como se a ignorância em relação ao assunto constituísse um escândalo.

“Os coreanos formaram bandos para incendiar a cidade, osorochi-san. De onde pensas tu que veio o fogo que se sucedeu ao terremoto? Foi combustão espontânea? Não, osorochi-san! Foram os coreanos que o atearam!”

A acusação extraiu um novo esgar cético de Fukui.

“Olha que eu ouvi no outro dia um vizinho meu dizer que o incêndio foi causado pelos fogões que estavam a ser usados à hora do terremoto. Como a madeira das casas caiu em cima dos fogões acesos, as chamas espalharam-se pela madeira e...”



“Foram os coreanos!”, insistiu Sawa. “Até veio nos jornais, não leste? Além de atear os fogos, os bandos de coreanos andam a roubar o que encontram. Diz-se que até têm bombas. Não ouviste as explosões na noite do grande incêndio?”

“Isso foi o arsenal que...”

“Foram os coreanos! Não sabes que os tipos envenenaram os poços? Quando se tira a água dos poços vê-se logo que ela está barrenta, assim a modos que meio avermelhada. Os coreanos envenenaram-na.”

“Mas... porque o fariam?”

“Porque querem a independência, aqueles cães raivosos!”

Cerrou os dentes, em fúria. “Ah, gente desgraçada! Ouve o que te digo, os estrangeiros estão a dar cabo da nossa terra sagrada. Temos de honrar o imperador e expulsar os estrangeiros!” Sawa prosseguiu durante mais algum tempo as invetivas contra os estrangeiros, mas, e uma vez que o companheiro deixara de ripostar, acabou por abrandar o tom agressivo. Só se calou, no entanto, quando chegaram ao grande espaço aberto em Rikugun Honjo Hifukusho, a zona da baixa de Tóquio conhecida como o antigo depósito de fardas do Exército Imperial e onde se encontrava uma grande praça.

—

“Wah! Korya hidoynah!”, exclamou Fukui, atônito. “Caramba!”

Diante deles estendia-se um mar de cadáveres, tantos e tantos que formavam montes de carne carbonizada, os corpos empilhados a perder de vista. Pareciam manequins contorcidos em posições bizarras, os gestos eternizados em carvão, uns abraçados e outros encolhidos, alguns como se tentassem correr, todos apanhados pelo tornado de fogo que devorara a praça onde a multidão se concentrara, encurralada pelo incêndio gigantesco que tudo acabara por consumir.

“Oh!”, murmurou Sawa, dir-se-ia em êxtase. “Magnífico!” se tivesse sido meia hora antes, Fukui ter-se-ia decerto revoltado com a observação do velho inimigo. Teria até vomitado. Após ver tantos mortos, contudo, mergulhara num estranho entorpecimento, como se o horror permanente lhe tivesse anestesiado os sentidos e banalizado a morte. No fim de contas, a mortandade em Rikugun Honjo Hifukusho era igual à que vira desde o início da expedição à zona devastada pelo grande incêndio; a diferença estava apenas no número de cadáveres. passeou os olhos por cada rosto, uma mulher aqui, um velho ali, uma criança acolá, uma rapariga um pouco mais à frente. Deteve a atenção na rapariga e o rosto de uma outra formou-se-lhe no espírito como tão frequentemente lhe tinha acontecido desde o momento do terramoto.

“Ren...”

Ao longo dos últimos dois dias procurara-a vezes sem conta nos bairros em redor do seu e nunca a encontrara. ter-lhe-ia sucedido alguma coisa? Seria possível que o destino os tivesse juntado apenas por um breve instante? Sem pronunciar mais nenhuma palavra, Fukui virou as costas e, cabisbaixo, retomou o caminho de regresso a casa.

—

A luz que vinha da porta foi de repente recortada por um vulto, atraindo a atenção da menina. Lian-hua parou de brincar com o ábaco e encarou a figura que entrara no quarto. O vulto aproximou-se devagar e, desviando-se do fundo de luz, adquiriu feições e transformou-se no pai. Yang Bang ajoelhou-se diante dela com os olhos a brilharem e o rosto rodeado de uma aura de excitação.

“A tua irmã nasceu”, anunciou num sopro. “Queres vê-la?”

Era a memória mais antiga de Lian-hua e cumpria estranhamente a profecia na origem do seu nome. A mãe escolhera chamar-lhe Lian-hua, ou Flor de Lótus, como expressão da sua pureza e beleza e como auspício para o nascimento do segundo filho, que seria obrigatoriamente um rapaz. Não vinha sempre a flor antes do fruto, como dizia o ditado? De resto fora isso o que com insistência a mãe asseverara durante a gravidez; tinha um menino no ventre e cumpriria assim o seu dever para com o marido. Pois a primeira memória de Lian-hua ficou registada nesse dia, tinha ela cinco anos e corria o ano do Boi, ou 1925 no calendário ocidental, que a jovem e progressista república chinesa havia também adotado, e referia-se justamente às circunstâncias do nascimento do segundo rebento da família Yang.

A menina arregalou os olhos azuis, admirada com o que o pai acabava de lhe dizer.

“Uma irmã? Não é um irmão?”

Bang pegou na filha ao colo.

“É uma linda irmã”, disse, começando a caminhar em direção à porta.

“Anda, vamos vê-la.”

Atravessaram o pátio rumo ao pavilhão da Primeira Tia, a irmã mais velha do pai, com Lian-hua sempre ao colo dele, as mãos agarradas às costas e a mente em confusão. não era um menino? Mas ao longo da gravidez a mãe havia repetido que seria um filho. Como se explicava uma coisa dessas?

“A mãe?”

“Está bem. Vamos visitá-la agora.”

A pergunta de Lian-hua não se destinava a inquirir sobre o estado de saúde da mãe; na sua tenra idade a menina mal conhecia o conceito de haver

adultos doentes e não existiam motivos para a tirar da doce ignorância em relação ao assunto. O que quis verdadeiramente saber quando perguntou pela mãe era como havia ela reagido à descoberta de que gerara de novo uma filha e como explicava que, depois de tantas e tantas vezes nos últimos meses ter assegurado que o bebé que trazia no ventre era um menino, tivesse acabado por dar à luz uma menina. o pai não percebera o tom da pergunta, ou se percebera disfarçara, mas Lian-hua não insistiu. Apesar dos seus cinco anos tinha já sensibilidade suficiente para compreender que se tratava de matéria de melindre. pai e filha entraram no pavilhão da Primeira Tia e cruzaram a porta para uma antecâmara onde as mulheres da família se haviam reunido, alegadamente para estarem prontas para intervir à primeira necessidade, na verdade para coscuvilharem.

"Podemos entrar?"

A Primeira Tia abanou a cabeça.

"As amahs estão agora a lavá-la", disse em tom imperial.

"Sentem-se aí e esperem." os dois obedeceram e acomodaram-se num lugar entre as mulheres. Só nessa altura se aperceberam de que estava ali também o irmão mais velho de Bang, a quem Lian-hua chamava Primeiro Tio.

"Já viste as notícias, Bang?", perguntou o Primeiro Tio em tom zombeteiro.

"No ano passado morreu Lenine. Agora parece que foi a vez do teu heroizinho." uma névoa toldou o olhar do irmão mais novo; a morte de sun Yat-sen, ocorrida na semana anterior mas que só na véspera fora conhecida no Jardim das Flores Esplendorosas, ensombrara o sentimento de alegria pelo nascimento da segunda filha.

"Já me disseram."

"O que o terá matado? Os maus fígados?"

As mulheres riram-se, arrancando ao irmão mais novo um esgar levemente irritado.

"O honorável doutor Sun Yat-sen era um grande homem."

"Um tolo, queres tu dizer", corrigiu o Primeiro Tio com nova risada. "Onde é que já se viu subir à presidência durante duas semanas e depois passar o poder a outro?" o Primeiro Tio era um homem de língua afiada que também se interessava pelas coisas do mundo, ou não fosse ele o primogénito da família. Por vezes parecia ter o condão de estar a par de tudo.

"O honorável doutor Sun Yat-sen não dispunha de exército e foi por isso que teve de deixar a presidência. Os militares não lhe obedeciam."

"Ora essa! Se não tinha exército que não se metesse em cavalgadas..."

"Mas agora tem."

"Estás a referir-te aos homens que saíram daquela ilhota ridícula ao pé de Cantão?"

"A Academia Militar de Whampoa está a formar a elite do exército do Kuomintang, irmão. Não os menosprezes porque estão ali os homens que vão unir a China."

"Que a vão destruir, queres tu dizer. Não são os russos que andam por detrás disso?"

"Sim, a Rússia ajudou a montar a Academia de Whampoa no ano passado e também a reorganizar o Kuomintang. porquê?"

"Porquê pergunto eu. O que levou Lenine e os seus capangas a mostrarem-se tão generosos com a China, dizes-me?"

"Querem ajudar-nos a libertar-nos do feudalismo e dos imperialistas." o Primeiro Tio soltou uma gargalhada incrívelula.

"Wah! Acreditas mesmo nessas balelas, Bang?"

"Ora essa, porque não haveria de acreditar?"

"E se eu te disser que os russos estão a usar o Kuomintang como instrumento para fazer crescer o Partido Comunista

Chinês e ao mesmo tempo enfraquecer ainda mais o governo em Pequim?"

"Porque o fariam?"

"Para ficarem com a Mongólia, claro."

Foi a vez de Bang se rir.

—

"Ah, que imaginação!", exclamou. "Os russos não estão interessados no nosso território!"

"Ayah! Quem te disse tal coisa?"

"Não ouviste falar na declaração feita pelos russos em 1919 a anular os tratados iníquos com a China? Isso prova que os bolcheviques não têm qualquer interesse no nosso território."

"Estás a referir-te à famosa Declaração Karakhan?"

Bang hesitou, admirado por o irmão mais velho estar tão familiarizado com o assunto.

"Uh... sim."

"Não percebes a verdadeira natureza dos bolcheviques, irmão. Então não sabes que os russos anularam imediatamente o parágrafo em que diziam que nos devolviam a

Companhia Férrea Oriental da China e tudo o que lhes tinha sido concessionado pelos tratados? Todo o parágrafo era pura propaganda, e a verdade é que eles não nos devolveram nada! Nada de nada! A Rússia controla ainda mais de mil e duzentos quilómetros quadrados da China, é até a maior de todas as concessões estrangeiras existentes no nosso país. Esses bolcheviques fingem-se uns anjinhos para ganharem apoiantes para o comunismo, mas lembra-te de que o comunismo não passa de uma fachada

para seduzir os ingênuos. Por baixo do verniz do comunismo internacionalista bolchevique esconde-se a carantonha feia do imperialismo nacionalista russo. Alguns patetas andam tão encantados com os aparentemente bonitos mas na verdade criminosos e irrealistas ideais comunistas que não conseguem ver, ou talvez nem queiram ver, os factos. quando está em causa o seu rico império, os bolcheviques tornam-se tão imperialistas como os outros estrangeiros, ou mais. Bem podia Lenine apregoar o internacionalismo da causa comunista e essas balelas todas. Na hora da verdade essa gente é tão nacionalista como qualquer outra.”

“Não é bem assim”, retorquiu. “Os comunistas russos foram dos poucos que durante a Grande Guerra se mantiveram fiéis ao espírito internacionalista do socialismo. Não vêes que fizeram a revolução de 1917 justamente na altura em que combatiam os alemães?”

“Queres a prova de que por detrás dessa retórica internacionalista essa gente é tão nacionalista como qualquer outra? olha para o mapa e verás que são os russos que abocanham mais da nossa terra. São piores ainda que os outros yang guizi e que os piratas anões!”

“Desculpa, mas a Rússia devolveu-nos o que era nosso.”

“Não devolveu, Bang. Os russos anularam o parágrafo da declaração em que nos entregavam o que nos foi tirado pelos tratados iníquos. O governo em Pequim é que se manteve calado com medo de ser acusado de incompetência.

E agora os russos têm a desfaçatez de nos exigir a entrega da Mongólia, vê lá tu. Fingem-se anti-imperialistas quando são os piores de todos os imperialistas! Uns sonsos!”

“Tens a certeza de que eles nos querem tirar a Mongólia?”

“Absoluta. Como Pequim não a cede de modo nenhum e o Partido Comunista Chinês não tem força para conquistar a China e entregar a Mongólia aos bolcheviques, resolveram usar o Kuomintang para atingirem os seus objetivos imperialistas. O tolinho do teu Sun Yat-sen, cego pela ambição e com total ausência de escrúpulos, foi o único político chinês que, em troca da ajuda de Moscovo para a formação de um exército que permita ao Kuomintang tomar o poder, aceitou a entrada dos russos na Mongólia. E, imagina, até lhes ofereceu a província de Xinjiang como brinde! Foi por isso que os russos forçaram os comunistas chineses a aliarem-se ao Kuomintang numa frente unida e apoiaram o idiota do teu Sun Yat-sen, percebes? A ajuda militar, a Academia de whampoa e essa conversa toda, não passa de uma negociata por causa da Mongólia.”

“Como sabes tu tudo isso?” o Primeiro Tio esboçou um sorriso, muito orgulhoso com o acesso privilegiado a tanta informação.

“Estive em Changsha com o ajudante do general Wu.”

As duas amahs deslizaram para fora do compartimento e a Primeira Tia, enquanto anfitriã, olhou para o irmão mais novo e para a sobrinha de olhos azuis e fez-lhes um gesto a indicar o corredor.

“Podem ir.”

Bang e Lian-hua meteram pelo corredor e detiveram-se diante de uma cortina de seda púrpura com o desenho dourado de um dragão. Ele correu a cortina e penetraram ambos num quarto perfumado a incenso e iluminado por um candeeiro a petróleo. Contornaram uma cama e Lian-hua viu a mãe deitada, a cabeça pousada sobre uma almofada, a testa coberta de gotas de transpiração.

“Olá, tai-taü”, saudou Bang num sussurro caloroso. “Olha quem te trago aqui.” o olhar fatigado da mulher alumiu-se no momento em que se apercebeu de que o marido e a filha haviam chegado.

“Olá!”, sorriu ela com a voz fraca. “Vieram visitar-me?”

A filha desceu do colo do pai e abraçou-a.

“Mãe!” Recuou a cabeça e fez uma careta. “Agh, está toda molhada. Andou à chuva?”

A mãe riu-se, afagou o cabelo da filha e fez com a cabeça sinal para o outro lado da cama.

“Já viste o teu irmão?”

o olhar de Lian-hua desviou-se para esse lado e destrinçou um berço com um bebé a dormir.

“O meu irmão?”, admirou-se, confusa. “É irmã, mãe.” mei-xing abanou a cabeça.

“Que disparate, Lian-hua. É um menino. Um lindo menino.” Procurou o marido com os olhos. “Quero chamar-lhe Bao, o Precioso. O novo membro da família Yang será Yang

Bao. Não é bonito?”

“Não, mãe!”, insistiu a filha. “Não se pode chamar Bao porque é uma menina. As meninas não se chamam Bao!” o rosto de Mei-xing contraiu-se num estranho esgar que parecia misturar incompreensão com indignação e até uma ponta de horror.

“O que estás para aí a dizer?”, perguntou, levantando a voz. “Claro que é um menino! Eu dei à luz um menino! o Bao é um menino!”

A pequena Lian-hua ficou paralisada, sem saber o que dizer ou pensar. O pai anunciara-lhe uma menina, a mãe

zangava-se e dizia-lhe que era um menino. O que se estava ali a passar?

“Escuta, tai-tai”, interveio o pai, esforçando-se por tranquilizar a mulher.

“Isso não tem a menor importância. Afinal o que interessa se...”

“Cala-te!”, cortou a mãe com fúria mal contida. Ergueu-se na cama e inclinou-se sobre o berço, decidida a tirar o assunto a limpo. “Que história é

essa de o Bao ser uma... uma menina?" pegou na criança com brusquidão, despertando-a do sono. o bebê começou a chorar, mas Mei-xing não queria saber. retirou o lençol e, com gestos impacientes, desabotoou pelo ventre a peça de roupa que envolvia o recém-nascido.

"Ouve, tai-tai..."

—

A mulher espreitou para o ventre por fim desnudado do recém-nascido e soltou um grito medonho.

"O meu filho?", bramiu, os olhos em pânico a dispararem em todas as direções. "Para onde levaram o meu menino?"

Estabeleceu-se o pandemônio no quarto. Os berros de Mei-xing transformaram-se em guinchos histéricos e sucessivos que, de tão assustadores, atraíram as mulheres que aguardavam na antecâmara do pavilhão e que num tropel convergiram para o pequeno compartimento. Lian-hua foi de imediato arrastada para fora do quarto e, naquela sua mais antiga memória de infância, a última imagem que reteve do rebuliço que ali se instalou antes de a cortina de seda ser corrida, como uma cena que se encerra, foi a da mãe despenteada e descontrolada, esbracejando e gritando no meio dos lençóis, rodeada pelo pai e pelas mulheres que passaritavam em torno da cama numa tentativa vã de a acalmar. o zuo yuezi de Mei-xing foi anormalmente longo. O processo tradicional de recuperação pós-parto das chinesas dura normalmente um mês; durante esse período, as mulheres que acabam de dar à luz abstêm-se de um certo número de atividades, como vestir-se, maquilhar-se, fazer a lida doméstica, sair de casa e até a higiene mais básica, como tomar banho e lavar o cabelo ou mesmo os dentes. o caso de Mei-xing, porém, atingiu extremos, uma vez que ela chegou ao ponto de nem sequer tratar de Lian-hua ou da recém-nascida durante o zuo yuezi, literalmente "sentar o mês". Em bom rigor, esta forma extrema de recuperação depois do parto era admissível, sobretudo na província, pelo que ninguém no Jardim das Flores Esplendorosas se inquietou com a maneira desprendida como a mulher de Bang lidou com as filhas logo que a mais nova nasceu. De resto, a Primeira e a Segunda Tia passaram a ocupar-se das duas meninas e da lida da casa, ajudando assim a cunhada enquanto durou este período tradicional de recolhimento. quando o primeiro mês passou, a tradição mandava concluir o zuo yuezi pois chegara a hora do manyue, ou "lua cheia". A cerimónia do primeiro mês de vida de uma criança era motivo de grande celebração, não só porque significava que o bebê sobrevivera aos primeiros e difíceis trinta dias como, sobretudo para as tias, significava o fim dos trabalhos provocados pelo zuo yuezi. na manhã do manyue, as duas tias apareceram

cedo na ala de Yang Bang e traziam ovos vermelhos, uma oferta tradicional para a ocasião, e ainda farinha, leite e açúcar.

“Vamos fazer ang ku kueb”, anunciou a Primeira Tia, referindo-se aos tradicionais bolos do manyue, e estendeu-lhe os ovos vermelhos que trouxera já confeccionados. “Parabéns, irmão!” por seu turno, e além dos ovos vermelhos que também preparara, a Segunda Tia pôs-lhe na mão uma lâmina.

“Depois de cortares o cabelo da bebé, envolve-o num pano vermelho”, recomendou. “A seguir põe o pano por baixo da almofada da criança, ouviste?”

“Prefiro metê-lo no telhado”, devolveu o irmão. “Assim a cabeça da menina ficará dura como uma pedra.” perante a inatividade de Mei-xing, que por esta altura seria de esperar que já se mexesse pois o zuo yuezi já deveria estar concluído, Yang Bang encarregou-se de rapar os pelos à bebé, incluindo as sobrancelhas, a prática característica do manyue, por se acreditar que os novos cabelos cresceriam negros e grossos. Lian-hua assistiu fascinada à depilação da irmã e, quando a operação terminou, soltou uma gargalhada.

“Parece a estátua do avô Lao!”

—

A estátua em causa era, evidentemente, de um Buda sentado em posição de lótus que o avô mantinha à entrada do seu pavilhão. O problema é que a mãe permaneceu alheia a toda a cerimónia, incluindo o momento em que se meteu uma pedra no pano onde se juntaram os pelos e se atirou o embrulho para o telhado, como era da tradição. Mesmo durante o banquete organizado nesse dia, e para o qual deveria ter ajudado, Mei-xing manteve-se mergulhada num mutismo absoluto.

Este estado prolongou-se por mais quinze longos dias.

Fatigadas, e sentindo que já haviam cumprido as suas obrigações e chegara a hora de a mulher da casa reassumir as suas responsabilidades, as duas tias deixaram de cooperar na organização das lides domésticas.

A tarefa acabou por recair sobre o conciliador Bang, que passou a dar ordens às amahs enquanto esperava que a mulher abandonasse o seu já muito prolongado zuo yuezi. Uma vez que a situação não dava sinais de ter fim à vista, uma noite o marido achou que já era de mais e decidiu intervir quando se preparavam para se deitar.

“Não achas, tai-tai, que chegou a hora de abandonares o rigor do zuo yuezi? No fim de contas já passou mês e meio desde o nascimento da criança...”

A mulher suspirou, claramente infeliz.

“Falhei no meu dever de esposa.”



Yang Bang aconchegou-se a ela e apertou-a contra si.

"Que disparate, tai-tai! Estás assim porque tivemos mais uma menina? Mas eu gosto de meninas!"

"Falhei!", repetiu Mei-xing em comiseração e à beira das lágrimas. "Falhei! Falhei!" o marido abanou a cabeça.

—

"Temos de abandonar as ideias do passado, tai-tai. Lá diz o ditado, um pássaro não canta porque tem uma resposta, mas porque tem uma canção. Aceitemos a canção que o destino nos reservou. Se tivemos duas meninas, por algum motivo será. Se nos estiver destinado um menino, ele virá na altura em que tiver de vir. Como diz o provérbio, mantém uma árvore verde no teu coração e talvez chegue um pássaro que cante."

"Não me convences, Yang Bang. Não conheces a velha canção popular que está no Livro dos Poemas?" num ato de verdadeira autoflagelação, Mei-xing pôs-se a entoá-la em voz baixa. quando o menino nasce,

Estendemo-lo na cama

E damos-lhe jade. quando a menina nasce,

Estendemo-la no chão

E damos-lhe um farrapo.

"Que disparate, tai-tai. Essa lengalenga é vários séculos mais antiga do que o próprio Confúcio!"

A mulher não respondeu de imediato. Seria mesmo aquela cantiga mais antiga do que Confúcio? Vestiu o pijama e sentou-se diante do espelho a escovar os longos cabelos negros, o olhar pensativo e desconsolado a perder-se na imagem refletida.

"Não quero mais filhos."

—

Os alongamentos tinham acabado instantes antes e o professor de Ginástica, que saíra pela porta que conduzia ao corredor, regressou na companhia de um militar, um homem de farda que vinha armado com uma espingarda a tiracolo e uma espada à bainha. Um silêncio intimidado impôs-se no recinto. Os dois homens atravessaram o ginásio onde decorriam as aulas de Educação Física na Escola Secundária

Keika, entretanto reconstruída num terreno perto da zona de shirayama, e detiveram-se diante dos alunos. Os estudantes, como se esperava deles, fizeram uma vénia profunda para cumprimentar o professor e o militar.

"Este é o tenente Takuzo Naito", anunciou o professor em tom solene, apresentando o desconhecido quase como se anunciasse a chegada de uma

figura da casa imperial. "Por determinação do Ministério da Educação, a partir de agora vocês terão todas as semanas uma manhã de aulas com takuzo-san. Essas aulas começam hoje." sem mais delongas, o professor de Ginástica fez uma vénia a despedir-se do militar e retirou-se do ginásio em passadas largas, quase como se ele próprio estivesse na tropa, deixando os alunos entregues ao tenente Takuzo. O oficial plantou-se de pernas abertas em postura firme, mãos atrás das costas e olhar carregado, perscrutando os seus novos pupilos como um sargento a enfrentar recrutas acabados de se apresentar.

"A Educação Militar passou a fazer parte do currículo escolar no Japão", declarou o tenente Takuzo em voz alta, quase a gritar, as palavras a ecoarem pelo ginásio. "Vocês já têm quinze anos e estão na idade ideal para se iniciarem nas artes da guerra. O Japão é a terra dos deuses e cada um de nós, enquanto descendente dos deuses, tem o dever sagrado de estar preparado para dar a vida, se necessário for, em defesa do nosso sagrado país e da vontade divina de sua majestade imperial. Todas as guerras do Japão são guerras santas, destinadas a impor a vontade dos deuses. Enquanto soldados, os japoneses são instrumentos dessa vontade que emana dos céus. Compreenderam?"

"Sim, tenente!" o instrutor tirou do bolso um pequeno livro e voltou-o na direção dos alunos.

"Sabem o que é isto?" quem não conhecia aquele livro?

"Sim, tenente!"

"O Manual para Soldados e Marinheiros, embora redigido para as nossas gloriosas forças armadas, foi legado a todos os japoneses por sua majestade o imperador Meiji em

1882. Nas suas páginas imorredoiras encontram-se as lições mais profundas que devem guiar todos os filhos da nação yamato, militares ou civis. Quem sabe qual é a sua mais importante lição?"

todos os rapazes, incluindo Fukui, ergueram o dedo, mas o instrutor só deu indicação a um para responder.

"A lição mais importante do manual é que o chu para com sua majestade é a lei superior, a mais elevada de todas as honras, tenente." o instrutor militar apontou para o chão.

"Agora vou ler a passagem crucial do Manual para Soldados e Marinheiros", anunciou. "Ajoelhem-se e bebam a sabedoria imperial."

"Sim, tenente!" os alunos prostraram-se e fizeram o-jigi, como requerido sempre que aquele texto era lido em público. A leitura pública do manual constituía um ritual sagrado, tão importante que havia homens que tinham cometido seppuku só porque se enganaram na leitura de uma frase. Os militares conheciam o livro de cor e todas as manhãs dedicavam dez

minutos a meditar no significado das suas palavras sábias. O manual era lido em voz alta nos quartéis em dias feriados e ensinado nas escolas secundárias de todo o país. o tenente Takuso afinou a voz e concentrou-se na frase essencial.

“Se estiverem convencidos de que não podem manter a vossa palavra e a retidão, é melhor abandonarem os vossos compromissos”, leu. Levantou a cabeça, aliviado por não se ter enganado numa única palavra. “O que quer isto dizer?” os alunos puseram-se de pé e todos, incluindo Fukui, voltaram a erguer a mão, mas mais uma vez só um foi autorizado a responder.

“Sua majestade imperial está a dizer-nos que, quando há conflito entre o chu e o giri, o chu se sobrepõe ao giri.”

“É isso mesmo!”, exclamou o instrutor militar. “O Manual para Soldados e Marinheiros começa justamente por avisar que não devemos imitar os heróis de antigamente, que morreram em desonra porque, perdendo de vista o verdadeiro caminho do dever público, o chu, mantiveram a fé nas relações privadas, o giri.”

“Mas, tenente, eu já li o manual várias vezes e nunca vi mencionado o giri...”

“O giri nunca está mencionado diretamente, mas permanece implícito quando se fala em compromissos e relações privadas. Sempre que há conflito entre o chu e o giri, o chu sobrepõe-se ao giri. Diz aqui que o chu é a lei superior e verdadeiramente valoroso é o soldado que respeita o chu acima de tudo. Perceberam?” nova resposta em coro.

“Sim, tenente!” o próprio Fukui já meditara sobre o conteúdo do Manual para Soldados e Marinheiros e percebia que se tratava de uma tentativa para contrariar a extrema popularidade da lenda dos quarenta e sete ronin, pois na sua vingança o príncipe

Asano e os seus samurais haviam posto o giri à frente do chu, um exemplo perigoso para o poder instituído. O manual esforçava-se por contrariar essa tendência, mas não era certo que estivesse a ser totalmente bem sucedido. A história dos quarenta e sete ronin era demasiado poderosa e estava demasiado inculcada na mente dos japoneses para poder ser descartada de um momento para o outro. Além do mais, o giri permanecia uma virtude de honra com grande autoridade entre os japoneses e nada poderia provocar maior vergonha que dizer-se de alguém que não conhecia giri.” uma vez a doutrinação terminada, o tenente guardou o livro e voltou a encarar os rapazes.

“Nas próximas semanas vou ensinar-vos os rudimentos do combate com mãos nuas e com armas.” Passeou os olhos pela turma, que o observava em silêncio. “Quem aqui já praticou artes marciais de defesa pessoal como o jiu-jitsu ou o judo?” um coro de vozes ergueu-se do grupo de alunos.

"Hai." o oficial assentiu com satisfação.

"Quase todos, já vi. Quem já teve contacto com artes marciais que usam espadas, como o kendo?"

Apenas dois alunos, Fukui e um colega atrás dele chamado Akira, quebraram o silêncio.

"Hai." o olhar do tenente Takuzo fixou-se em ambos.

"Excelente!", exclamou. Tirou a espingarda que trazia a tiracolo e exibiu-a à turma. "E quem já pegou numa arma de fogo e a disparou?" vários estudantes responderam.

"Hai." o militar voltou a pôr a espingarda a tiracolo e encarou de novo a turma, desta feita com uma expressão quase de desafio.

"A partir de agora, o combate desarmado e o combate armado vão fazer parte da vossa educação. A infância termina neste instante. Sois homens ao serviço do nosso imperador e sereis tratados como tal." Fez um jeito com o queixo, provavelmente um tique nervoso. "Alguma dúvida?"

Após uma hesitação, Fukui levantou o dedo.

"Por que razão vamos aprender isso, tenente?"

"Porque o governo assim o ordenou."

A resposta foi dada num tom conclusivo, como se fosse óbvia. Fukui manteve contudo o dedo no ar.

"Compreendo, tenente. Mas, perdoe o meu atrevimento, o que gostaria era de saber por que razão o governo deu essa ordem?"

o instrutor esboçou uma careta de desagrado. Tornou-se evidente que, quando perguntara se havia alguma dúvida, não esperara perguntas que implicitamente questionassem a política agora adotada.

"Presumo que o meu amigo não é ignorante ao ponto de desconhecer que foi agora estabelecido no Japão o sufrágio universal masculino. Mais ainda, foram autorizados diferentes partidos políticos." Fez uma careta de enojado.

"Até os socialistas e os comunistas estão aí com as suas ideias subversivas importadas dos gaijin. Para compensar estas influências estrangeiras, muitas das quais na minha opinião poderão revelar-se nefastas porque põem em causa a evidente natureza divina do Japão, o governo decidiu que seria útil dar ao país uma preparação militar que sirva de base a um verdadeiro espírito de união. É por isso que temos estas aulas." Fitou Fukui com uma expressão carregada, como se esperasse que ele se calasse. "Entendido?"

Intimidado, o rapaz baixou a cabeça.

"Hai."

A sombra de um sorriso triunfal perpassou pelo rosto do militar, como se tivesse obtido a prova de que, com o tom certo de voz de comando, era capaz de submeter à sua vontade quem quer que desafiasse a autoridade

de que estava investido, mas foi apenas por um instante. O seu semblante logo se fechou. Com um gesto brusco, levantou os dois braços e lançou o grito a desejar ao imperador dez mil anos de vida.

“Banzai!” no ginásio todos foram obrigados a imitá-lo.

As aulas de instrução militar tornaram-se uma estranha rotina na vida escolar de Fukui. A par das lições de Matemática, Caligrafia, História, Química e outras matérias

curriculares ordinárias, ele e os colegas começaram a passar uma manhã por semana a aprender katas e movimentos de combate de artes marciais. O tenente Takuzo dedicou de início alguma atenção ao jiu-jitsu e ao judo. Depois passou brevemente pelo kendo, em que Fukui se destacou graças ao treino que tivera em Tsuchiura, mas o essencial das aulas em breve passou a decorrer num terreno baldio ao lado da escola, onde o instrutor militar iniciou os alunos no uso das armas de fogo.

“Isto é uma Arisaka tipo trinta e oito de seis milímetros e meio”, explicou o tenente ao exibir a sua espingarda. “Foi concebida pelo coronel Arisaka a partir de modelos Mauser e Mannlicher de modo a adaptar-se à estatura dos nossos soldados. Foi por isso adotada pelo Exército Imperial em 1905.” Tirou o que parecia ser uma faca comprida. “Como veem, é uma arma longa e pode tornar-se ainda mais longa com esta baioneta fixa.” Atarraxou a lâmina por baixo da ponta do cano. “Estão a ver? É muito útil em situações de combate corpo a corpo.” os alunos cravaram os olhos na Arisaka e na baioneta e um murmúrio assombrado ergueu-se do grupo. Um deles levantou timidamente a mão.

“Tenente, nós... nós vamos disparar com isso?” o instrutor encaminhou-se para o estudante que falara e estendeu-lhe a espingarda.

“Com certeza”, confirmou. “E tu serás o primeiro.” na verdade, nessa primeira aula com a Arisaka não foi disparado um único tiro. O instrutor limitou-se a explicar os princípios gerais do funcionamento da espingarda e a ensinar os alunos a desmontá-la e remontá-la. Fukui achou-a pesada e questionou-se quanto à utilidade daquela aprendizagem, pois não fazia a menor tenção de seguir a carreira militar.

—

“Acho que o tenente confundiu as escolas”, gracejou durante um exercício com Akira, o colega com quem formava frequentemente parilha por terem ambos já alguma experiência no kendo. “Mandaram-no para a Escola Secundária Seijo e ele enganou-se e veio aqui para a Escola secundária Keika...”

A Seijo era a tal escola que funcionava quase como uma academia militar e que o seu velho inimigo, Miyamoto Sawa, frequentava com vista a seguir a

carreira das armas. Todos sabiam, no entanto, que a instrução militar se estendera a todas as escolas secundárias do país, pelo que as atividades com o tenente Takuzo não constituíam uma exceção, mas a regra.

As aulas sobre o funcionamento da Arisaka prosseguiram, a princípio centradas nos mecanismos da arma. Depois de saberem montá-la e desmontá-la com destreza, os alunos tiveram de aprender a fazê-lo com uma venda nos olhos, tarefa que todos acabaram por completar, uns com mais rapidez e brilhantismo do que outros, Fukui perto do fundo da tabela. passaram depois mais duas aulas a treinar investidas de baioneta contra sacos de areia que o instrutor atara a troncos de árvores.

"Finjam que são gaijin!", gritou o tenente. "Esventrem-no em cruz, de baixo para cima e depois da direita para a esquerda, de modo a libertarem-lhe os intestinos!"

A equiparação dos sacos de areia a seres humanos, mesmo sendo estrangeiros, não foi do inteiro agrado de Fukui.

"Ouviste o que ele disse?", escandalizou-se. "Quer que finjamos que os sacos são pessoas? O tipo é doido!"

"Tem calma", recomendou o seu amigo Akira. "Faz o que ele diz e cala-te!" mas Fukui não era de se calar. Não fora ele que com um simples discurso instalara o caos na cerimónia de graduação da Escola Primária de Tsuchiura? Se fizera isso perante centenas de pessoas, incluindo todos os professores e o próprio diretor da escola, o que o travaria diante de um simples instrutor militar?

"Desculpe, tenente", disse, levantando a voz e a mão.

"Os gaijin não são pessoas como as outras? Porque temos de fingir que as assassinamos? Porque nos está a ensinar isto?" o instrutor arqueou as sobrancelhas e fixou o olhar incrédulo no aluno que o questionara.

"Há algum problema?"

"Quer dizer... se tivermos de fazer exercícios, não. Mas o tenente está a pedir-nos que esventremos sacos como se fossem gaijin e isso... enfim..." o tenente Takuzo pôs as mãos à cintura.

"Então o menino é amiguinho dos gaijin, não é?", retorquiu com uma voz cheia de sarcasmo. "Está muito preocupadinho com o que possa acontecer aos inimigos da nossa pátria sagrada, não está?" os olhares de todos os colegas voltaram-se para Fukui, que por esta altura se começava a questionar sobre a sensatez do que acabava de fazer. Por que motivo não seguira o conselho de Akira e mantivera a boca calada?

"Eu... quer dizer..." o tenente fez um gesto perentório a apontar para os sacos de areia.

"Carregue sobre os gaijin, grande imbecil, e esventre-os!", berrou. "E já, ouviu?"

Intimidado pela voz de comando e com a sensação de que a mente insubmissa se dissociava do corpo obediente, o aluno viu-se a virar a espingarda para a frente e a largar em corrida pelo descampado até afundar a baioneta num dos sacos e rasgá-lo de alto a baixo como se o esventrasse, tal e qual o tenente havia ensinado.

"Banzai!" os alunos encontravam-se deitados no chão, em linha, as espingardas voltadas para o alvo distante. Depois de se certificar de que todos estavam a postos, o tenente Takuzo gritou a ordem.

"Fogo!" uma sucessão de estampidos ecoou pelo descampado. Logo que as sucessivas nuvenzinhas de fumo se dissolveram no ar, o instrutor espreitou o alvo número nove, aquele para o qual Fukui apontara, e aproximou-se do aluno.

"Oji! És zarolho ou quê?", repreendeu-o. "Não sabes acertar no alvo?"

"Eu... eu tentei, tenente. Mas a arma deu um coice e..."

"Qual coice qual carapuça! És a vergonha desta escola, satake! Yare yare! Nem na folha do alvo conseguiste acertar, seu idiota!"

Embaraçado, Fukui espreitou os alvos dos colegas para verificar a que ponto o seu tiro tinha sido mau e, para sua grande surpresa, constatou que a maior parte das folhas com círculos concêntricos estava igualmente intacta.

"Mas, tenente, não fui o único que..."

"Cala-te, imbecil! Em vez de andares a espiar os teus colegas, vê mas é se fazes o teu trabalho como deve ser, ouviste? Se o Japão dependesse de ti, Satake, os gaijin já tinham tomado conta disto tudo!" o tenente Takuzo tinha-o definitivamente tomado de ponta e a partir das semanas que passaram a fazer tiro ao alvo não perdeu uma oportunidade para o ridicularizar e humilhar diante dos colegas. o baldio havia sido transformado num verdadeiro campo de tiro. Tal como a maior parte dos camaradas de classe,

Fukui teve dificuldade em lidar com o coice da arma no momento do disparo e só duas vezes atingiu a folha que o instrutor pregara às árvores. Cada erro seu era inevitavelmente acompanhado por um chorrilho de insultos e de vexames que não tinham paralelo com o que se passava com os restantes alunos. vieram quatro semanas de simulações de combate, com o tenente Takuzo aos berros atrás dos estudantes, e em particular de Fukui, a apontar para os sacos de areia que previamente plantara pelo baldio e a transformá-los em inimigos imaginários.

"Atenção aos alvos!", indicou ele durante um desses assaltos, como aliás sempre fazia. "Pelotão um, inimigo à esquerda. Deitem-se no chão e abatam-no!" Voltou-se para o segundo grupo, em que se incluíam Fukui e Akira. "Pelotão dois, inimigo em frente. Todos de joelhos e fogo à vontade!"

Fez uma pausa enquanto observava Fukui. “Satake!”, chamou. “Mais depressa, seu idiota! Dispara mais depressa! Ora querem lá ver que tenho aqui uma gueixa? Mata-me esses teus amigos gaijin!” seguiam-se fuzilarias cerradas. Os alunos disparavam as suas espingardas em todas as direções que lhes eram indicadas, com Fukui sempre sob a atenção particular do instrutor. o rapaz chegou a sentir ganas de virar a espingarda para o tenente e calá-lo com um tiro na perna ou no rabo, mas o pensamento nunca passou de uma fantasia. Quer quisesse quer não, a instrução militar tornara-se uma atividade curricular. o melhor que tinha a fazer era calar-se e obedecer.

—

Depois de auscultar o coração e de medir a pressão arterial, o doutor Oliveira ordenou a Catarina que se estendesse sobre a marquesa. Quando ela o fez, apalpou-lhe o ventre com a ponta dos dedos. Depois de se dar por satisfeito, recolheu à secretária e começou a rabiscar um papel. Catarina sentou-se na marquesa e lançou um olhar preocupado na direção do marido, que acompanhara a consulta numa cadeira diante da secretária.

“Que se passa, doutor?”, perguntou Artur, a ansiedade a trepar-lhe pela voz. “Encontrou alguma coisa?” o médico redigia ainda o texto na folha.

“Não detetei nada de anormal”, disse sem levantar a cabeça. “Estou aqui a receitar um xaropezinho que poderá resolver tudo.” Assinou a folha e encarou por fim os dois visitantes. “Peço desculpa pela impertinência da pergunta, mas os senhores têm... enfim, têm-se esforçado sempre por procriar?” o casal trocou um novo olhar, este de embaraço.

“Se há algum problema, não é esse decerto”, retorquiu

Artur, sem querer desenvolver o assunto e esperando que a sua resposta fosse conclusiva. “Mas, por mais que tentemos, o facto é que já vamos em 1926, o que significa que estamos casados há... há...”

“Seis anos”, disse a mulher.

“Isso, há seis anos, e... e nada. Não há meio de a Catarina engravidar. Como deve calcular, isto está a deixar-nos consternados.” Fez um gesto no ar. “Além do mais as perguntas da família não páram, toda a gente quer saber quando temos filhos, os meus pais, os pais dela... e, para falar com franqueza, já nem sabemos o que responder.” o doutor Oliveira estendeu a receita ao capitão.

“A senhora que tome o xarope”, recomendou. “E procurem apanhar ar fresco, ouviram? O ar do mar, por exemplo, faz muito bem. Por outro lado, tenham cuidado com a alimentação. Comam peixe e evitem o excesso de álcool, basta um copinho de vinho às refeições. Com uma vida regrada, não vejo motivos para que não desatem a procriar que nem coelhos!”



Despediram-se do médico e fizeram-se a pé até casa, pois do consultório ao apartamento era um saltinho. As ruas estavam estranhamente desertas, mas ambos se encontravam de tal modo embrenhados no problema que os levava ao doutor oliveira que isso não lhes chamou a atenção. O otimismo do médico deixara-os mais animados e pelo caminho aproveitaram para passar pela farmácia e comprar o xarope milagreiro.

"Vou começar a tomá-lo logo que chegue a casa", disse ela com fervor. "Hás-de ver se não engravidou até ao final do ano!"

Ao abeirarem-se da porta de casa ouviram soar no interior uma campainha, estridente e urgente. Artur meteu apressadamente

a chave na fechadura, abriu a porta e correu até à sala. O telefone havia sido instalado no apartamento um mês antes, pelo que constituía uma relativa novidade, sendo ainda raras as chamadas que recebiam.

"Está lá?", gritou o capitão quando colou o auscultador ao ouvido e se inclinou para pôr os lábios diante do bocal.

"Escuto."

"Estou - respondeu uma voz do outro lado da linha, também ela aos gritos no que parecia um diálogo de surdos.

"Ouve bem?"

"Oíço perfeitamente."

"Daqui major Vega. Posso por gentileza dar uma palavra ao capitão Teixeira?"

"Meu caro, sou eu!"

"Ah, entendi", disse o amigo, sempre a falar pausadamente para se assegurar de que era compreendido. "Já sabes o que se está a passar? Rebentou um golpe militar."

Artur revirou os olhos, quase com enfado; eram já tantos os golpes e intencionas que lhes tinha perdido a conta. Desde a noite sangrenta de 1921, quando os revoltosos assassinaram o chefe do governo, que a confiança no parlamentarismo republicano se perdera e os militares multiplicavam-se em conspirações e intencionas. A última tinha decorrido meses antes e fora levada a cabo por militares da aviação do Exército que se entrincheiraram no quartel de São Jorge.

"Outro?"

"Este é diferente, meu caro. Tem a chefiá-lo uma figura que conheces bem, o general Gomes da Costa."

Ao ouvir o nome do antigo comandante da Primeira Divisão do CEP, que protegera durante o raide alemão às trincheiras portuguesas, o capitão quase se pôs em sentido.

"Estás a brincar..."

"Então não o tens visto no meio das movimentações destes últimos tempos? Não te lembras daquela discursata polémica que ele fez no ano passado, na tomada de posse do novo ministro da Guerra?"

"Ah, sim!", riu-se Artur, ao recordar o episódio que tanto brado dera na imprensa e nos meios militares. "Disse na cara do ministro que a cerimónia de tomada de posse era inútil e ridícula e que o Exército se encontrava num estado miserável e tinha sido reduzido a uma passividade imbecil de inércia mental..."

"Pois o general Gomes da Costa passou das palavras aos atos e foi convidado pelos oficiais subalternos para se deslocar secretamente a Braga para decretar uma sublevação militar. Aos comandos de Infantaria 8 e Infantaria 29, iniciou, imagina só, uma marcha sobre Lisboa!"

"O quê?"

"É como te digo! O homem está a fazer o que o Mussolini fez há quatro anos, lembras-te?, quando marchou sobre Roma para impor o seu socialismo nacionalista, o... o fascismo. É a mesmíssima coisa!"

"Isso é... é brilhante!"

Artur calou-se, rearrumando a mente e estabelecendo prioridades perante aquela notícia. Se uma pessoa tão prestigiada no país como o general Gomes da Costa estava envolvida, então não se tratava de um golpe qualquer. Era a revolução.

"Meu caro", disse o amigo do outro lado da linha, "precisamos de ti aqui no quartel."

"Para quê?"

"A Divisão do Sul, do general Carmona, está com o movimento e o mesmo acontece com a Marinha do comandante

Cabeçadas e a Aviação do major Brito Pais, isto para não falar nas unidades de Coimbra, Entroncamento, Mafra, Lamego e portalegre. Estamos a considerar aderir também à sublevação. vai haver uma reunião na messe dos oficiais daqui a pouco e, considerando que conheces pessoalmente o general Gomes da Costa, convinha que estivesse presente. Podes vir?" o olhar de Artur desviou-se para a porta da rua.

"Guarda-me o lugar." todos os anos ocorriam vários golpes militares, mas o ambiente que Artur encontrou no quartel da Pontinha nesse dia 28 de maio de 1926 foi de uma efervescência maior que a habitual nessas circunstâncias. O major Vega esperava-o à entrada da messe dos oficiais, onde se aglomerava uma multidão de altas patentes.

"Estive a conversar com o pessoal e parece que desta vez temos consenso", revelou o amigo, convidando-o a cruzar a porta da messe. "Toda a gente concorda que o caos não pode continuar e que o general Gomes da

Costa é o homem certo. Só ele tem o prestígio suficiente para unir o país. É o nosso Mussolini!”

Entraram ambos na messe dos oficiais, cuja disposição tinha sido alterada. As mesas foram afastadas e colocadas cadeiras em filas sucessivas, todas viradas para um palanque que o espaço transformava num auditório. Havia oficiais sentados nas cadeiras enquanto outros conversavam em pé.

“Olha lá, o que vai acontecer aqui?”

“O general Telles virá daqui a pouco falar connosco para saber como o nosso regimento se deverá posicionar perante a sublevação. Se calhar é melhor sentarmo-nos.”

Instalaram-se na terceira fila e aguardaram novidades. Observando os oficiais que iam entrando, Artur percebeu que o momento da verdade de facto havia chegado. Já ninguém no

—

Exército suportava as constantes escaramuças entre políticos, os sucessivos governos a prazo, a inflação galopante, a fuga em grande escala de capitais para o estrangeiro, as manifestações que degeneravam em batalhas campais, os múltiplos atentados bombistas e outras ações de desestabilização dos comunistas e dos anarcossindicalistas, os civis armados, as permanentes revoltas de guarnições, as greves e o clima insurrecional e de indisciplina generalizada. A atividade parlamentar sofrera uma forte degradação nos últimos anos, com os deputados a desprestigiarem-se com permanentes trocas de insultos e cenas de pugilato, enquanto os grupos revolucionários enchiam frequentemente as galerias para patear e pressionar os membros do Congresso.

Ainda três dias antes o governo abandonara a Câmara dos Deputados, curto-circuitando assim a sua própria legitimidade parlamentar e ficando ferido de morte. A todo o momento cairia, somando-se aos quarenta e quatro outros governos, todos eles igualmente efémeros, que ao longo de quinze anos se haviam sucedido e que tornaram Portugal o país mais instável da Europa ocidental. o burburinho na messe foi silenciado quando o comandante do batalhão de engenharia, agora designado Regimento de Sapadores Mineiros 1, entrou na sala e se dirigiu ao palanque. Os oficiais sentaram-se nas cadeiras, preparando-se para o ouvir.

“Meus senhores, as coisas como estão não podem continuar”, começou o general Telles por dizer. “O general Gomes da Costa marcha neste momento sobre Lisboa à cabeça dos regimentos de Infantaria 8 e 29, chefiando um movimento de regeneração nacional destinado a salvar a pátria e a restabelecer o prestígio de Portugal. Parece que o Porto se opõe, mas temos notícia de que os regimentos de Vila Real, Viseu,

tomar, Coimbra e Évora vão apoiá-lo. Todos os olhos, no entanto, se encontram voltados para aqui com uma pergunta e uma pergunta apenas: o que fará Lisboa?"

"Aderimos!"

A resposta foi gritada por duas vezes na sala, imediatamente secundadas por um coro em aprovação.

"Embora!"

"Vamos a isso!"

"Chegou a hora!"

Estabeleceu-se uma certa algazarra na messe, mas de imediato o general Teles, fazendo sinais com as mãos, acalmou as vozes. A serenidade regressou em alguns segundos.

"A resposta nesta sala é clara!", concluiu o general em tom grandiloquente. "Sendo assim, proclamo a adesão do nosso regimento ao movimento de regeneração nacional!" uma ruidosa salva de palmas irrompeu pela messe dos oficiais.

"Bravo!"

"Viva Portugal!" o comandante do Regimento de Sapadores Mineiros 1 voltou a fazer gestos com as mãos, esforçando-se de novo por restaurar o silêncio.

"Já estive em contacto com os comandantes dos outros regimentos de Lisboa e decidimos formar uma Junta de Salvação Pública. A junta será chefiada pelo comandante Mendes

Cabeçadas e integrará altas patentes dos vários regimentos. vamos reunir-nos esta noite e contamos amanhã proclamar a nossa adesão ao movimento insurreccional."

"Apoiado!"

"Deixem-me concluir, por favor", pediu o general antes que a algazarra se generalizasse. "Como vos disse, vou integrar a junta. Acontece, porém, que gostaria de me fazer acompanhar por um elemento do nosso regimento que já conheça pessoalmente o general Gomes da Costa, uma vez que é ele o homem do momento e temos de estabelecer com o general um diálogo claro e frutuoso." Passeou os olhos pela sala. "Alguém conhece o general?" Ergueu-se uma mão.

"Eu conheço." os olhos do general Telles pousaram no homem que falara.

"Ah, general Gouveia! Excelente!"

"O homem é um tolo!", exclamou o general Gouveia. "Combati com ele em França e sei do que estou a falar. É corajoso, reconheço, mas não tem estofos para a missão. Disse-lhe claramente o que pensava dele e cortámos relações. Um pateta." os ombros do general Telles descaíram o suficiente para se perceber que não lhe interessava aparecer diante do general Gomes

da Costa acompanhado por um oficial que lhe chamara tolo e pateta e com quem se incompatibilizara em tempos idos. Varreu num relance os restantes rostos que o fitavam na messe, em busca de outra solução.

“Mais alguém o conhece?”

Durante alguns segundos ninguém falou, até que uma nova voz rompeu o mutismo generalizado.

“O capitão Teixeira conhece-o, meu general.” tinha sido o major Vega que falara, mas todos os olhares convergiram para Artur, incluindo o do comandante do regimento, que o encarou com expectativa.

“Confirma, capitão?” sem saber se deveria esmurrar o amigo ou agradecer-lhe,

Artur acabou por assentir com um movimento da cabeça.

“Digamos que o ajudei a safar-se de uma situação complicada durante um raide dos boches nas trincheiras de Neuve

—

Chapelle”, confirmou. “Aliás, foi justamente na sequência dessa ação que o general Gomes da Costa determinou que eu fosse promovido a capitão.”

Gerou-se um burburinho de aprovação na messe dos oficiais e o rosto do general Telles abriu-se no sorriso de alívio de quem sabia que tinha um problema resolvido.

“Encontrámos o nosso homem.”

—

os livros revelaram-se a perdição de Fukui. Uma vez que nas aulas de caligrafia adquirira grande desenvoltura com o pincel e conseguia amiúde antes dos colegas o selo azul de aprovação dos seus trabalhos, o professor deixava-o sair mais cedo para visitar a biblioteca da escola. Foi assim que se pôs a ler os clássicos do seu tempo, a começar pelas obras japonesas mais consagradas, em especial O Conto de Genji, de Murasaki Shikibo, e O Livro da Almofada, de Sei shonajgon.

Depois voltou-se para as obras ocidentais. O tenente takuzo, o seu instrutor militar na escola, tinha razão quando o criticava pelo fascínio pelos gaijin. A verdade é que nesta fase da sua vida o rapaz queria saber tudo sobre os países do ocidente, pelo que ia com frequência ao bairro de Kyobashi espreitar os livros do Maruzen, a maior livraria de obras estrangeiras que existia em Tóquio. Deitava a mão a todos os livros que mencionassem a terra dos gaijin, incluindo romances como os de Alexandre Dumas, Victor Hugo, Rider Haggard, Charles Dickens, Walter Scott e Miguel de Cervantes, que lhe abriram todo o novo mundo da moralidade e da ética do Ocidente.

na verdade ficou de tal modo surpreendido que, no dia em que acabou de ler Os Três Mosqueteiros, de Dumas, levou o livro, e o assunto, para o almoço. "A mãe sabia que os gaijin desconhecem deveres como o giri?"

"São uns bárbaros, Fuku-san", foi a resposta. "Essa gente não tem princípios nem valores." o rapaz abanou a cabeça.

"O curioso é que têm, mãe, mas são princípios e valores muito diferentes dos nossos."

"Yare yare, Fuku-san! Não digas disparates!"

"É verdade, mãe!" Mostrou a capa do romance de Dumas.

"Olhe, este livro mostra-nos o que eles chamam código dos cavaleiros. É uma espécie de buxido dos guerreiros ocidentais, com regras de honra, sentimento de insulto, duelos para resgatar a honra, chu em relação ao rei... tudo isso. A diferença é que se ofendem por coisas diferentes das nossas. E lendo outros romances dos gaijin percebi que os valores deles são muito distintos dos nossos."

"De estás para aí a falar, Fuku-san?"

"Olhe para os nossos romances e para as nossas peças de teatro. Que histórias contam? Um homem e uma mulher apaixonam-se, mas estão enredados em giri ou em chu e não podem por isso consumir o seu amor e no fim têm de se separar ou suicidar. Ou seja, o dever está acima do amor. Uma mulher sacrifica tudo para ajudar a carreira do marido e esconde-se no momento em que ele conhece o sucesso, morrendo em pobreza e sem uma palavra de queixa. o dever triunfa."

"Sim, porque conhecemos giri!"

"A nossa literatura anda sempre à roda do mesmo: o respeito pelo giri ou pelo ôn, o dever à frente dos desejos, o enaltecimento do herói e da heroína que se sacrificam pelas suas obrigações sem protestarem. Cumpriram o seu dever de giri ou de ôn e renunciaram a tudo o resto. Nada os desviou do caminho correto do giri ou do ôn. O importante no final do livro ou da peça é que todos os protagonistas tenham saldado as suas dívidas de giri e de ôn, mesmo que para isso tenham sofrido mil horrores e pago um preço terrível nas suas vidas pessoais."

"Assim é que deve ser."

"Mas a literatura dos gaijin não é assim. Quando a sociedade se opõe ao amor, no final é o amor que vence. mesmo contra a vontade dos pais, os apaixonados fogem e ficam juntos. O que interessa é que sejam felizes na sua vida pessoal, mesmo que para isso enfrentem toda a sociedade e a própria família."

A mãe arregalou os olhos, horrorizada.

"Que... que bárbaros!"

"Não são bárbaros, mãe. Têm é valores diferentes. As nossas personagens

sacrificam a felicidade pessoal ao dever, as personagens deles sacrificam tudo à felicidade pessoal. para nós é admirável a força de sacrificar a felicidade, para eles é admirável a força de alcançar a felicidade. para nós o afeto está atrás do dever, para eles o afeto é um direito de que não prescindem. Pensam de maneira diferente.”

Baralhada, Aiko sacudiu a cabeça.

“Nunca vou entender essa gente.”

—

“É outra maneira de pensar. As nossas histórias assentam essencialmente nos conflitos entre o *ôn* e o *giri* e na supremacia dos deveres sobre os desejos. O herói sacrifica o amor ao *ôn* ou ao *giri* ou o herói sacrifica o *ôn* pelo *giri* e depois suicida-se para pagar *ôn*, como aconteceu com os quarenta e sete ronin. Um gaijin nunca compreenderia as nossas histórias... a não ser que encarasse as nossas dívidas de *ôn* e *giri* como dívidas de dinheiro. Para eles já faz sentido uma pessoa honrada pagar as suas dívidas. Se estiver enredada em dívidas e não as puder saldar ao mesmo tempo terá de pagar umas agora e outras mais tarde. Só assim explicadas as coisas poderia entender os conceitos de dívidas de *ôn* e *giri*.”

“Só que o *ôn* e o *giri* nada têm a ver com dinheiro, Fuku-chan. São dívidas que temos com a família, o imperador e a sociedade só pelo facto de existirmos.”

“Claro, mãe. O problema é que os gaijin não compreendem as coisas dessa maneira. Um gaijin diz com orgulho que não deve nada a ninguém, uma coisa impensável para um japonês pois achamos que devemos tudo a todos. Vemos o suicídio como um ato de força e determinação para respeitar os valores sociais, eles veem o suicídio e a submissão à sociedade como uma fraqueza. Para nós o herói é o que sacrifica a felicidade ao respeito pelas regras, para eles o herói é o que enfrenta as regras para impor a sua felicidade.”

“Hee, que gente estranha!”

“Há outras coisas óbvias para nós que não são evidentes para eles. Isso acontece porque a cultura japonesa assenta essencialmente no conceito de vergonha, pois toda a nossa conduta é orientada pela necessidade de obter a aprovação dos outros. Estamos sempre preocupados com o que pensam de nós. Aquele riu-se de nós? Que horror! Temos pavor a que se riam de nós e costumamos até dizer que a raiz da virtude é a vergonha. O que os outros pensam de nós é crucial, todo o nosso comportamento é guiado pelo receio da crítica alheia.

Já a moral dos gaijin assenta na importância da culpa. É por isso que sentem culpa mesmo quando ninguém sabe que erraram e que obtêm alívio

quando a confessam. Nós não. Confessar a culpa apenas agravaria o problema, pois mais pessoas saberiam que atuamos mal e a nossa vergonha aumentaria.”

“Oye! Como é possível que os gaijin partilhem as suas vergonhas?”

“Isso é possível porque a cultura deles é muito diferente, mãe. Por exemplo, nós consideramos que cada um tem um lugar próprio na família e na sociedade e que os que estão em baixo se devem submeter aos que estão em cima. Somos uma sociedade hierarquizada. Os filhos submetem-se aos pais, a mulher ao marido, as irmãs aos irmãos, os empregados aos patrões, os súbditos a sua majestade imperial.” tudo isto eram evidências para Aiko, que nem percebia por que razão o filho as enumerava.

“Não é assim em toda a parte?”

“Os valores dos gaijin não assentam na ordem e na hierarquia, como entre nós, mas na liberdade e no igualitarismo. os filhos e as mulheres deles sentam-se à mesa ao mesmo tempo, as mulheres andam na rua ao lado dos homens, as gentes fomentam a crítica e costumam dizer o que pensam, e as pessoas são mais livres de exprimir emoções ou até de enfrentar os chefes.”

A mãe sacudiu a cabeça e pegou nos pauzinhos para começar a comer.

“Não me contes mais, Fuku-chan, ou ainda perco o apetite”, pediu. “Os costumes e os valores dos gaijin parecem-me um convite ao desastre.”

o filho ficou um instante calado, a ver a mãe comer. Depois empurrou Os Três Mosqueteiros para fora do tatami e também ele pegou nos hachi para iniciar a refeição.

“Pois a mim parecem-me um exemplo...”

As deslocações de Fukui à Maruzen e às outras livrarias de Tóquio e ainda à biblioteca da escola tornaram-se diárias, sempre em busca de obras ocidentais. Os textos asiáticos deixaram de lhe interessar, o que procurava era a novidade. Começou por ler A República de Platão, depois passou para outro clássico grego, A Política de Aristóteles, e a seguir para as demais obras sobre o pensamento político no Ocidente.

As visitas à biblioteca escolar tornaram-se de tal modo assíduas que acabou por fazer amizade com o responsável, um velho careca de barba branca. Chamava-se Genbei e acompanhou as leituras do aluno com uma expressão que misturava curiosidade com leve reprovação.

“Oi, gostas dos livros dos gaijin?” o aluno assentiu.

“Interessa-me pelos temas da governação e pela forma como os ocidentais adquiriram todo o poder que têm.

Já reparou que eles se espalharam pelo mundo e se tornaram assim tão fortes graças à maneira como se organizaram?” o responsável pela biblioteca bebericava uma chávena de chá e tinha um livro nas mãos, que



estava a ler quando fora interrompido.

"Yare yare! Os gaijin gostam de dizer que o pensamento político começou na terra deles, mas não é verdade. Começou aqui."

Fukui arregalou os olhos, surpreendido.

---

"No Japão?"

"Na Ásia", corrigiu. "Em bom rigor foi na China, quase duzentos anos antes da Grécia." Pegou no livro que havia pousado no regaço e levantou-o, mostrando o título. "Nunca ouviste falar nas Cem Escolas do Pensamento?"

A exibição da capa de Analectos e a referência às correntes filosóficas chinesas do período conhecido por primavera e outono, ensinado na escola por professores enfadonhos, deixou o jovem dececionado.

"Ah, Confúcio."

"Que cara é essa, rapaz? Confúcio foi muito importante!"

"Pois, a moral, o dever filial..."

"E a política, rapaz! A política! Não te esqueças que ele era um administrador público e conviveu com os governantes do final do período da primavera e outono. Isso permitiu-lhe perceber a importância de uma correta organização política. o importante para Confúcio era o governante ser virtuoso e dar sempre o exemplo. Um bom governante chefia pelo exemplo." Estendeu ao aluno o seu exemplar dos Analectos.

"Lê esse trecho aí." mais por boa educação e cortesia para com os mais velhos do que por interesse genuíno, Fukui pegou no livro de Confúcio e fixou-se na parte que lhe era indicada.

"Se desejas o bem, as pessoas serão boas", leu em voz alta. "O caráter moral do governante é o vento; o caráter moral dos que estão por baixo dele é a relva. Quando o vento sopra, a relva curva-se."

Ao terminar encarou o responsável pela biblioteca.

"Percebeste?"

"O que ele está a dizer é que, tal como o vento, o governante sopra o exemplo e as pessoas, tal como a relva, curvam-se na direção desse exemplo e imitam-no."

---

"Isso mesmo", anuiu Genbei. "Confúcio achava que o soberano é como o pai e os seus súbditos são como os filhos. O pai ama os filhos e os filhos obedecem-lhe. A relação entre ambos tem de ser marcada pela lealdade, pelo dever e pelo respeito."

"Mas como garantir que o pai trata corretamente os filhos?"

"A garantia é dada pelos homens sábios usados como intermediários. Entre o soberano e o povo teria de haver intermediários, que também chefiariam pelo exemplo e que seriam os ministros e os conselheiros, escolhidos pelo mérito e não pelas ligações familiares. O que Confúcio no fundo propôs foi uma meritocracia. A sociedade será tanto mais bem governada quanto melhores forem o soberano e os seus ministros e conselheiros."

"Pois, isso faz sentido. Mas como ter a certeza de que também os homens sábios não abusariam?"

"Já reparaste, rapaz, que a nossa sociedade está cheia de cerimónias e rituais?" Fez um sinal a indicar a sua chávena.

"Até para beber chá ou para visitar uma dama do prazer temos um ritual infundável! Isso resulta da influência de Confúcio.

Ele concebeu todas as regras de etiqueta e protocolo, que se aplicam dos atos oficiais às mais simples interações sociais, com o fim de disseminar por toda a sociedade os conceitos de lealdade, dever e respeito e mostrar a cada pessoa qual o seu lugar e o seu papel. É uma maneira de governante e governados perceberem que todos têm deveres uns para com os outros, compreendes? É para isso que servem estes cerimoniais."

"Ah." o olhar de Genbei deteve-se no exemplar dos Analectos.

"E então? Espero ter-te despertado a curiosidade pelo pensamento político de Confúcio. E olha que há ainda Mozi e outros chineses que são interessantes. Desejas lê-los?"

—

"Hai", assentiu Fukui, agarrado ainda ao seu exemplar da Política. "Mas primeiro quero terminar este Aristóteles." na verdade o jovem visitante da biblioteca da escola foi consultando gradualmente as diferentes obras de filosofia política, das dos gaijin às dos grandes autores chineses mais apreciados no Japão, especialmente Xi-ching, Meng-chiu e

Confúcio, além dos livros históricos de Chien-hu e Yuan-ming e do manual de ética de Ta-sue. ler fazia-o viajar, não só no espaço mas também no tempo, excitando-lhe a imaginação para além dos horizontes do seu bairro. Como seria a vida no Japão no século anterior, quando a canhoneira americana do comodoro Perry forçara a entrada em Edo e fizera os japoneses perceberem que tinham de abandonar o feudalismo e abraçar a industrialização, sob pena de serem colonizados pelos gaijinf E como seria a vida na América, de onde tinha vindo o tal comodoro? Já agora, e no tempo dos porutogaruinj? Como seria o Japão nessa altura? E, aproveitando o embalo de tantas interrogações, como seria Porutogaru?

A caminhada tinha nesse dia sido longa e algo cansativa, mas Fukui pensou que ela valera a pena. Em vez de ir à escola no elétrico, começara a fazer

a pé o caminho desde casa e isso permitia-lhe ficar com o dinheiro do bilhete. Vinte sen até podia nem ser grande soma, mas ao fim da semana contabilizaria um yen e isso já daria para comprar um pacote das doçuras que nessa altura mais apreciava, os bolos de arroz daifuku. ou talvez reprimisse a gula e com esse dinheiro comprasse um livro, quem sabe? O facto é que lhe poderia dar melhor destino do que desperdiçá-lo com o cobrador do elétrico. o grande terramoto de 1923, tornou-se claro, marcara arquitetonicamente o fim de Edo, a Tóquio antiga. Ao cabo de alguns anos de reconstrução intensa, uma outra cidade emergira das cinzas, mais moderna e ocidentalizada, embora talvez não tão harmoniosa. O cimento e os tijolos substituíram na construção o gesso e as telhas escuras, os néones elétricos e coloridos sobrepuseram-se às velhas tabuletas das lojas, apareceram restaurantes onde as pessoas se sentavam em cadeiras com os sapatos calçados, foram rasgadas novas artérias, multiplicaram-se as pontes sobre o Sumida e outros rios e canais da cidade e começaram a ver-se mulheres a conduzir autocarros.

Em nenhum sítio estas mudanças se tornaram mais visíveis que em Ginza. É verdade que a maior parte dos edifícios importantes da grande avenida sobreviveram ao terramoto, mas toda a zona circundante fora arrasada e reconstruída em moldes ocidentalizados. Apareceram em Ginza uma multiplicidade de cafés, lugares pequenos e íntimos com apenas quatro ou cinco mesas e nomes gaijin como Lion, Tiger ou la Rive Gaúche para aliciar os jovens intelectuais. Além disso surgiram na avenida os grandes departamentos comerciais, os passeios diminuíram e foi alargado o espaço para a passagem de viaturas. Até as árvores da artéria mudaram, pois os salgueiros deram lugar às árvores ginkgo. o ambiente ocidentalizado de Ginza constituiu um atrativo para Fukui, que ganhou o gosto de se desviar do caminho da escola e passar por aí para respirar o ambiente e até entrar num café e assistir a conversas de estudantes universitários sobre política e literatura. Foi por isso que naquele dia o rapaz meteu pela grande avenida, mergulhando na multidão jovem e moderna que habitualmente a frequentava para praticar a gimbura, uma expressão nova que significava cirandar pela Ginza.

A certa altura, quando andava a escolher o café que iria visitar, deparou-se com um rebuliço surdo. Intrigado, abeirou-se

de um transeunte, um indivíduo de fato e gravata que parecia nervoso, e perguntou-lhe o que se passava.

“É sua majestade imperial!”, disse o homem, os olhos incendiados de excitação. “Vem aí sua majestade imperial!”

A notícia circulava de boca em boca e os comerciantes desataram a fechar as lojas e a correr as persianas. As pessoas apressavam o passo numa

agitação ordenada e convergiam em flocos para os passeios da Ginza, atraídas pelos polícias de farda branca que se alinhavam nos dois lados da avenida, que entretanto ficara deserta. O tráfego já fora cortado e a todo o momento deveria aparecer o cortejo do imperador.

“Está a chegar! Está a chegar!” os polícias puseram-se em sentido e Fukui, tal como o resto da multidão, alinhou-se respeitosamente, aguardando com expectativa a passagem de sua majestade. Ouvia-se o ronco de um motor em aproximação, o rapaz e os restantes mirones aperceberam-se do automóvel negro que percorria a Ginza e todos baixaram as cabeças em sinal de respeito temeroso. Fukui teve a tentação de espreitar e ver a figura sagrada do mikado, mas sentiu-se bloqueado e foi incapaz de levantar a cabeça quando a viatura imperial passou diante dele.

A lenda em torno do imperador esmagava-o. Dizia-se de sua majestade que os seus pés nunca pisavam o chão, que os objetos em que tocava tinham de ser queimados imediatamente para que nenhum mortal lhes tocasse também, que a sua imagem queimava os olhos de quem o visse, e que os que tentavam, além de ficarem cegos, seriam de imediato decapitados, pois não era impunemente que um simples mortal se atrevia a olhar o deus vivo. Perante tanta grandeza, como poderia ele admitir sequer a possibilidade de tentar lóbrigá-lo?

—

Depois da passagem do automóvel, o estudante ouviu o som de cascos de cavalos e levantou enfim a cabeça para observar a escolta de cavaleiros que fechava o cortejo imperial. Quando os cavaleiros passaram também, a fila de polícias desfez-se e a multidão retomou o seu caminho e as suas atividades, ainda sob o efeito do sublime acontecimento e inebriada pelas mil emoções místicas desencadeadas em quem tinha estado diante de uma divindade. mesmo de cabeça baixa.

Com o regresso à normalidade, Fukui retomou o caminho da escola. Ao aproximar-se do estabelecimento passou ao lado de um pequeno santuário Shinbutsu-shugo, que misturava as religiões budista e xinto, dedicado a Kamino

Fuujin, que na mitologia xinto era o deus do Vento, presente na criação do mundo. Como de costume havia várias pessoas prostradas diante do santuário. O estudante olhou distraidamente para o grupo de crentes e, para sua surpresa, reconheceu um deles.

“Olha, olha”, murmurou para si próprio. “O tenente!”

De joelhos perante o santuário de Kamino Fuujin encontrava-se de facto o tenente Takuzo, o mesmo que lhe infernizava a vida com as suas aulas idiotas de instrução militar; provavelmente também tinha sido apanhado

pela passagem do imperador e se calhar fora ao templo desejar-lhe dez mil anos de vida. A descoberta pôs Fukui a pensar no assunto. O seu instrutor, como de resto a maioria dos militares e dos japoneses, era pelos vistos um crente xinto. Como poderia tirar partido dessa interessante descoberta? Não contou nada a ninguém, até porque a adoração dos deuses do budismo e do xintoísmo era uma prática encorajada, mesmo naquela solução sincrética, mas passou o dia a congeminar um plano. Não eram os fiéis budistas e xintoístas que tinham por hábito deixar nos santuários mensagens com os problemas que os afligiam? Assim sendo, que mensagens ali deixaria o tenente? Quais os seus problemas? O santuário, percebeu, era o local perfeito para uma vingançazinha que lhe permitisse pagar o seu giri de bom nome. O tenente humilhara-o nas aulas de instrução militar, mas ele iria vingar-se em segredo. De resto, as regras do giri permitiam-lhe praticar a vingança sem que o adversário dela alguma vez tivesse conhecimento.

Com o plano já delineado, no dia seguinte Fukui saiu de casa ainda de noite, alegando que tinha uma prova especial na escola, e chegou ao seu destino muito mais cedo do que o habitual, a manhã já nascia mas não havia quase ninguém nas ruas.

Convergiu de pronto para o santuário de Kamino Fujin e, como o local estava deserto, estudou as oferendas deixadas pelos fiéis. Havia fotografias diversas, uma a mostrar um homem, outra uma criança, outra uma velha e assim sucessivamente. Em alguns casos encontrou flocos de cabelo colados ao canto dos clichés, mas não localizou nenhuma imagem do tenente. O seu instrutor pelos vistos deixara outra coisa.

Concentrou-se então nos múltiplos sobrescritos depositados no local pelos crentes. Abriu-os e leu-os. Dois continham desejos de dez mil anos de vida ao imperador, um pedia a

Kamino Fujin que lhe desse descendentes distintos, outro implorava ajuda para superar o vício pelas damas do prazer e outro ainda era de uma mulher a implorar que o deus do vento soprasse o caminho ao marido ébrio. Gostaria que o tenente Takuzo estivesse envolvido num destes dois últimos pedidos, teria mais graça, mas a verdade é que nenhuma das mensagens contidas nos envelopes vinha assinada, pelo que era impossível perceber qual havia sido deixada pelo instrutor. Como se poderia vingar?

Apercebeu-se de que havia dentro do santuário um pequeno altar coberto por um lenço de seda como se fosse uma cortina. O que o lenço escondia não podia ser visto, mas Fukui ignorou a interdição e correu-o, destapando assim o que ali estava: uma estatuazinha de Kamino Fujin. A descoberta deu-lhe uma ideia. Saiu à rua e, depois de se certificar de que ninguém o via, pegou num calhau que encontrou no chão e regressou ao santuário. Retirou a estátua do deus do Vento e no seu lugar deixou o calhau. Ocultou

a estátua sob a sua farda de estudante e saiu do santuário, encaminhando-se para um banco que se encontrava na esquina da rua. Só lhe restava ser paciente. permaneceu quase duas horas sentado no banco. A rua foi-se gradualmente enchendo de transeuntes; a hora do início das aulas aproximava-se e a maior parte das pessoas eram alunos e professores que vinham para a escola. A certa altura descortinou a característica farda verde-azeitona do tenente takuzo e ficou alerta. Viu o tenente abeirar-se do santuário e, como outros crentes, ajoelhar-se diante do lenço de seda que tapava o pequeno altar e começar a rezar. A oração durou alguns minutos, ao fim dos quais o seu instrutor se levantou, fez uma profunda vénia na direção do lenço e retirou-se, encaminhando-se enfim para a escola. Sentado no seu banco, Fukui teve de virar a cara para esconder o riso. "O tenente agora reza a calhaus..."

—

A mais antiga memória de Nadija, como Nadezhda, ou Esperança, era conhecida na família Skuratov, foi a imagem da tia Mariya a acenar diante da casa, a saia branca sacudida pelo agreste vento siberiano, a outra mão a segurar o chapéu branco que a ventania ameaçava levar com as folhas secas e o pó. Agarrada à balastrada do alpendre, a franzina nadezhda, de cabelo loiro quase branco, olhos azul-marinho e sorriso fácil, fez adeus com a mão e viu a tia abraçar uma última vez a mãe, pegar na mala e subir para a carroça que mikhail trouxera e que a levou pela estrada para além do horizonte.

"Adeus, Marisha!", atirou Tatiana ao ver a irmã partir, uma mão na boca para conter a comoção e a outra a segurar a pequena Anastasiya, a filha que para já era a mais nova mas em breve seria a do meio, uma vez que um bebé lhe enchia de novo o ventre de esperanças.

"Adeus!"

A mãe chorava e as suas duas filhas, Nadezhda com cinco anos e Anastasiya com três, não entendiam porquê; não era a primeira vez que a tia Mariya ia à cidade e não viam motivo para tanto drama, mas mesmo assim a mais velha passou a mão carinhosa pelo cabelo da mãe, exatamente como Tatiana lhe fazia quando ela própria chorava.

"Pronto, mãezinha, pronto", murmurou, copiando o mesmo tom que Tatiana adotava para a acalmar. "Já passou, já passou." sentindo que o choro a aliviara, a mãe secou as lágrimas com as costas da mão.

"Obrigado, Nadija", disse, esboçando um sorriso apesar das pálpebras lacrimejantes. "És um amor."

"O pai e a tia? Foram à cidade?"

"Sim, o pai foi levar a tia a Irkutsk, filha."

"Foram ao mercado?", quis saber, interessada. "Vão-me trazer doces chak chak?"

"Isso!", concordou a pequena Anastasiya a bater palmas de aprovação, excitada por ouvir o nome das suas iguarias favoritas. "Chak chak! Chak chak!" o sorriso de Tatiana transformou-se numa risada; as filhas tinham de facto inclinação para o pecado da gula e não havia melhor para as animar que falar de guloseimas. Meteu os dedos por entre os cabelos de ouro lisos e cintilantes da sua mais velha e afagou-os com movimentos suaves. A seguir puxou para si Anastasiya, que ainda se encontrava ao seu

colo, e beijou-a nas bochechas rosadas.

"Não, queridas. Não foram ao mercado. A tia foi apanhar o comboio em Irkutsk."

"Ah." Nadezhda esboçou uma expressão pensativa, avaliando as consequências de se apanhar um comboio. "Não volta?"

—

As lágrimas começaram de novo a correr pela cara de tatiana, que desviou o olhar para a ténue nuvem amarelada que a carroça ainda levantava ao fundo da estrada de terra batida, já apenas um minúsculo ponto longínquo no meio da poeira.

"Não."

A mãe respirou fundo, esforçando-se por se conformar com a perda da irmã. A situação na Rússia agravara-se consideravelmente com a guerra civil, entretanto terminada, e com a gestão calamitosa da economia pelos bolcheviques.

Até poucos anos antes os comunistas enviavam brigadas armadas às propriedades rurais para requisitar toda a comida produzida pelos agricultores, incluindo a necessária para a sua sobrevivência, de modo a alimentarem o Exército Vermelho e as cidades; essa política provocara múltiplas revoltas de camponeses, muitos dos quais expulsaram os comunistas das aldeias e interromperam assim o abastecimento das cidades, o que por sua vez provocara nas zonas urbanas revoltas dos operários contra os bolcheviques.

Em boa verdade, os Skuratov nada disso tinham vivido, uma vez que durante a guerra haviam escapado para a zona dos russos brancos, mas quem permaneceu na zona dos vermelhos contara-lhes que o próprio dinheiro tinha sido nesses anos substituído por cupões de racionamento. Não que o czar fosse melhor, no fim de contas acabara por ser a tirania feudal que os levara àquele ponto, mas numa altura em que os comunistas ocupavam toda a Rússia, e perante as dificuldades que a família ia sentindo com cada vez maior intensidade na gestão diária da casa, a tia decidira que a hora de partir havia chegado. mariya passara o último ano a tentar convencer a irmã e o cunhado a seguirem com ela, argumentando que os bolcheviques não eram melhores que o czar e que na verdade não passavam de loucos irresponsáveis, pelo que o futuro do país não reservava outra coisa que não fosse um rosário de sofrimento e dor a quem ali vivesse.

Duas novidades foram no entanto decisivas para que o casal skuratov decidisse ficar na Rússia. Por um lado as sucessivas revoltas no campo e nas cidades contra a política comunista levaram Lenine a recuperar uma



certa forma de capitalismo. os cupões que substituíam o dinheiro e as requisições arbitrárias de alimentos acabaram e foi instituída a Nova Política

Económica, o que trouxe de volta a economia de mercado ao permitir que os agricultores comessem a vender os seus produtos depois de pagarem uma taxa de vinte por cento ao estado soviético. Isso melhorou a situação e deu-lhes esperança; a atividade económica reacendeu-se quase da noite para o dia, o desemprego baixou e regressou a iniciativa privada capaz de gerar riqueza. Por outro lado, o casal levou em conta que Nadezhda e Anastasiya eram ainda muito pequenas e Tatiana engravidara de novo, o que contribuiu para solidificar a aversão dos Skuratov ao risco. Mais valia o inferno que já conheciam, raciocinaram ambos, do que aquele que ainda não lhes fora desvendado. Deus decerto os protegeria. o facto, porém, é que Mariya se cansara de tentar convencê-los e partira. Vendo a nuvem de poeira cada vez mais distante, Tatiana interrogava-se agora se não teria feito mal em ficar. Talvez a irmã tivesse razão quando dizia que as coisas com os bolcheviques só iriam piorar. Não haviam sido decretadas durante a guerra civil medidas incompreensíveis contra os agricultores que possuíam terras, por mais pequenas que fossem? Quem sabe se não viriam aí mais. Não fora Trotsky que dissera que o terror era uma arma essencial na guerra de classes?

ou talvez fosse o marido quem estava certo ao argumentar que aquela loucura não iria continuar porque não era possível que continuasse, porque a realidade acabaria por se impor à fantasia e porque os vermelhos não se iriam aguentar à frente do país, a sua vocação não era a governação mas a contestação. De resto, a instituição da Nova Política Económica e o regresso à economia de mercado davam-lhe razão. Os comunistas haviam recuado e, previra ele, as tribulações da sua Rússia natal tinham os dias contados.

Ah, que dilema! Qual a decisão mais acertada? Teriam feito bem em ficar ou seria melhor partirem também? Agora que via a irmã ir-se embora questionava-se se não deveriam ir todos com ela, sabendo que se tivessem partido se estaria a interrogar sobre se não deveriam ter antes ficado na Rússia. se ao menos pudesse adivinhar o futuro...

"Então para onde vai a tia?", perguntou a pequena Nadezhda, ainda a matutar no caso. "Para Moscovo?"

A filha revelara-se uma criança muito curiosa, daquelas que não cessavam de fazer perguntas e tentar esclarecer o que não entendiam. Muitas questões que ela formulava pareciam absolutamente irrelevantes, poderia até pensar-se que estaria a atravessar uma espécie de idade dos porquês tardia, mas não esta que acabara de fazer, não esta, pois a viagem da irmã

era, disso Tatiana tinha a certeza, um daqueles momentos em que para sempre, e para o bem ou para o mal, se altera o rumo de uma vida.

"A tia vai para a China."

A ideia de que o pai traria os apreciados cbak cbak só foi desfeita quando ele voltou de Irkutsk, já a noite se abatera sobre a Sibéria. Quando chegou a casa, à hora do jantar, explicou às filhas que não fora às compras, tinha ido simplesmente levar a tia Mariya à estação e regressara de imediato, mas as filhas insistiram que ele devia ter trazido os tão desejados doces e Anastasiya chegou mesmo a desfazer-se em lágrimas, num pranto que tendia a adquirir dimensões bíblicas, por não se poder alambazar nessa noite com as suas guloseimas preferidas.

"Daqui a uns tempos vou voltar a Irkutsk, está bem?," anunciou Mikhail, desesperado por fechar aquela boca chorona e recuperar o silêncio por que tanto ansiava. "Tenho de ir fazer as vendas ao mercado da cidade e se encontrar cbak cbak compro-vos."

"Promete?" o pai colou a palma da mão direita ao peito, em juramento solene.

"Pela minha alma imortal." só este acordo as calou. A verdade, no entanto, é que Mikhail não apreciava as deslocações a Irkutsk, pelos riscos que elas envolviam sobretudo desde que os bolcheviques se haviam instalado na cidade, o que acontecera em 1920, dois anos antes de a sua primeira filha nascer. O casal Skuratov vinha de famílias de camponeses, ela de Novonikolaevsk, cidade siberiana entretanto rebatizada pelo novo poder com o nome de Novosibirsk, e ele de uma terriola a sudeste de Kiev, na Ucrânia. Os dois tinham-se refugiado em 1918 na propriedade agrícola que adquiriram nos arredores de Irkutsk, um recanto perdido no meio da Sibéria não muito longe do grande lago Baikal. partiram para a Sibéria com a ideia de escapar à guerra civil que eclodira na Rússia com a revolução bolchevique no ano anterior. O irmão de Mikhail, Vladimir, havia sido recrutado à força pelos bolcheviques e morrera poucos meses depois numa batalha qualquer, exemplo que Misha não pretendia seguir. Com o país dilacerado entre os russos vermelhos bolcheviques e os russos brancos czaristas, Mikhail achara prudente esconder-se num local remoto e tentar que a máquina burocrática russa, lenta e ineficaz em tudo exceto na recruta de cidadãos para o serviço militar, se esquecesse dele de uma vez por todas, não se fosse dar o caso de, tal como o infeliz irmão, ser incorporado à força num dos dois exércitos em contenda, prática que de resto se estava a tornar corrente no país. tendo de escolher entre vermelhos e brancos, o pai de nadezhda preferira passar a guerra civil numa zona ocupada pelas forças czaristas. Pelo menos aí sabia com o que contar. Vivera uma vida inteira sob os Romanov e, embora não morresse de

amores pelo sistema feudal imposto pela aristocracia, não acreditava no que designava “fantasias perigosas” dos bolcheviques, sobretudo depois do fuzilamento do czar e de toda a sua família. “Porque tiveram esses energúmenos de assassinar raparigas?”, questionava amiúde em voz alta, sem esperar resposta porque a própria pergunta já a sugeria. Daí a opção por Irkutsk, onde parte do exército russo branco se instalara. o problema é que, ao fim de mil peripécias e de uma guerra civil longa e cruel, Irkutsk acabaria por ser tomada pelos bolcheviques. A partir daí as forças czaristas entraram em colapso. O comunismo estendeu-se até 1922 por toda a Rússia e pelas repúblicas circundantes como uma praga, processo que culminou nesse ano na criação de um estado a que Lenine, pouco antes do ataque cardíaco que viria dois anos mais tarde a provocar a sua morte, dera o nome de união das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Os bolcheviques celebraram a sua vitória e os Skuratov, tal como milhões de russos e de outros povos aglutinados no mesmo país, observaram os acontecimentos que abalavam o vasto território da união Soviética com um sentimento ambivalente, por um lado de alívio pela queda do czar e pelo fim do sistema quase feudal que vigorara até 1917, mas por outro de apreensão pela possibilidade de os comunistas voltarem à política económica destrutiva que praticaram logo que subiram ao poder.

“Tens mesmo de voltar a Irkutsk?”

A pergunta foi lançada pela mulher essa noite com uma ponta de ansiedade, depois de o casal deitar as meninas e numa altura em que ambos se recolheram aos seus aposentos e se preparavam para dormir.

“Tenho pois.”

“E... e não é arriscar demasiado?”

Já estendido na cama, Mikhail bocejou.

“Claro que é, mas o que posso fazer? Temos de vender os nossos produtos, não achas? Se não o fizermos, não nos aguentamos.”

“Então se calhar é melhor irmos todas contigo. Não quero ficar outra vez aqui em casa sozinha com as miúdas, à mercê de não sei quem que venha aí e sem saber se tu estás bem. quando te ausentas fico em cuidados. Além do mais, se nos virem contigo na cidade os bolcheviques poderão ter mais cuidado, não te parece? No fim de contas ninguém gosta de criar problemas a homens que estejam acompanhados com os filhos.”

“Não te iludas, Tati. Aquilo é gente sem coração.”

Depois de tirar as roupas do dia, Tatiana pôs o vestido de noite e, olhando-se ao espelho, ajeitou o cabelo.

“Pergunto-me se não deveríamos ter feito como a Marisha”, observou. “Ela é que foi esperta em sair daqui. Com os bolcheviques a mandar, não sei se haverá futuro para nós neste país.” Virou a cabeça para trás e mirou o

marido sobre o ombro esquerdo. “Já viste como eles falam das pessoas que têm terras? Até parece que somos criminosos...”

“Não te preocupes!”, devolveu Mikhail. “Isto é uma moda passageira. A Rússia precisa dos agricultores, que diabo! Senão, o que dão eles de comer ao seu adorado proletariado?”

Além do mais, daqui a uns tempos esta gente será toda corrida, vais ver. A morte de Lenine irá acelerar o colapso dos bolcheviques.”

“Mas ele já morreu há dois anos...”

“Não estavas à espera que caíssem de um dia para o outro, espero. Isto leva tempo. A invasão da Rússia, no entanto, pode precipitar tudo.”

“Qual invasão?”

“Não ouves os comunistas dizerem a toda a hora que as potências capitalistas nos querem invadir? Uma intervenção estrangeira acabará com o comunismo, Tati. Não te esqueças de que as revoluções na Rússia ocorrem sempre depois de grandes desastres militares. A derrota na guerra da Crimeia em 1855 levou à abolição do sistema feudal em 1861, a derrota na guerra com os japoneses em 1905 levou aos tumultos revolucionários entre 1905 e 1907 e as derrotas na Grande Guerra em 1917 levaram à revolução bolchevique desse ano. Precisamos agora de outra guerra para provocar uma nova revolução, uma revolução que ponha os bolcheviques daqui para fora.” ouviram nesse instante o som de um motor a aproximar-se no exterior e Tatiana correu para a janela do quarto. Dois faróis alumiam a noite e, como em resposta ao vaticínio de Mikhail, um camião passou na estrada diante da casa com a bandeira vermelha com a foice e o martelo hasteada na carga e desapareceu na escuridão.

—

“Acho que estás enganado, Misha. Não haverá guerra nenhuma e os bolcheviques vieram para ficar.”

“Porque dizes isso?”

A mulher indicou com o polegar a janela, para além da qual o camião com a bandeira comunista se afastava já rumo ao seu destino, como se circulasse pela Sibéria enquanto arauto de novos tempos que aí vinham.

“Eles controlam tudo.”

—

—

os cavaleiros emergiram como espelhos da neblina que envolvia a floresta de mistério naquele final de manhã quente de 1926. Aglomeraram-se diante

do portão, as fardas cinzentas cobertas de poeira, os cavalos a bufarem como dragões impacientes, e aguardaram que lhes dessem passagem. O aparecimento dos desconhecidos desencadeou um rebuliço no Jardim das Flores Esplendorosas. Tomados pelo pânico perante a presença ameaçadora dos soldados, os criados desataram a correr pela propriedade, lançando gritos para os pavilhões ocupados pelos vários núcleos da família Yang.

“Alerta!”

“Homens armados!” o tom alarmado dos criados, que no caso das amahs assumia mesmo proporções de histeria, levou Bang a tirar do armário o velho arcabuz. Apesar das súplicas da mulher, saiu à rua preparado para morrer. Era meio-dia. A pequena lian-hua espreitou pela janela e, a tremer de medo, viu-o dirigir-se em passo firme para o portão, logo seguido pelos outros homens da família. Imediatamente atrás vinha o pai dele, Yang De, que a menina conhecia como avô Lao e que apesar da avançada idade se mantinha rijo, rodeado pelo primeiro Tio e pelos maridos da Primeira e da Segunda Tia, estes armados com velhas espadas. plantados junto ao portão, os cavaleiros vinham fardados ao estilo zhongshan, tinham espingardas a tiracolo e um deles segurava um estandarte azul com um sol branco no meio. Pareciam somar uma dezena de homens e, assim à primeira vista, não se vislumbrava como poderiam os Yang, com as suas armas primitivas, fazer-lhes frente.

Alguns cavalos relinchavam e arfavam, a rodopiarem e a saracotearem-se de impaciência, os cascos a levantarem pequenas nuvens de poeira.

“Quem sois?”, perguntou o avô Lao Yang quando chegou ao pé do portão, assumindo assim a sua posição de patriarca da família. “O que desejais?”

“Somos do Exército Nacional Revolucionário!”, identificou-se o cavaleiro que parecia chefiar o grupo. “Tenho a honra de falar com Lao Yang?”

“Chamo-me Yang De, mas sou de facto conhecido em todo este vale por Lao Yang”, confirmou. A palavra lao significava velho, o que na cultura chinesa constituía uma forma respeitosa de tratar um ancião. “Que quereis?”

“Viemos de longe e sentimo-nos fatigados”, disse um dos cavaleiros, decerto o chefe. “Temos fome e, como veem, as nossas montadas estão cansadas. Disseram-nos em Duiduishan que aqui encontraríamos abrigo, pelo que respeitosa e solicitamos a sua indulgência, Lao Yang. Não queríamos importunar, mas precisamos de uma refeição e de descanso durante apenas algumas horas.”

—

As armas mostravam que não havia modo de os Yang se oporem aos soldados, embora a formulação cortês do pedido de abrigo temporário

indicasse que os homens não vinham por mal e que não haveria problemas. O patriarca dos Yang voltou-se por isso para trás e gritou ordens aos criados.

“Abram os portões!” os empregados apareceram, primeiro a medo e com grande relutância, mostrando timidamente as cabeças.

“Ayah! Abram os portões, não ouviram? Ou querem ser corridos à chibatada?”

A nova ordem do avô Lao soou como uma chicotada que os despertou da letargia e os pôs a correr para abrir os portões, conduzir os cavaleiros, ajudá-los a desmontar e levar os animais para as manjedouras. o almoço estava quase pronto, mas ninguém havia previsto mais uma dezena de bocas, pelo que os cozinheiros tiveram de improvisar pratos adicionais de confeção rápida, designadamente massas com pedaços de galinha e arroz com ovo e farrapos de carne de porco. O facto é que, meia hora depois, os elementos do clã Yang e os soldados do Exército nacional Revolucionário se juntaram no grande salão do pavilhão principal da quinta, em torno de uma enorme mesa em formato de U, com o avô Lao na posição central, como era da tradição. o oficial que parecia comandar o destacamento sentou-se ao lado direito do patriarca dos Yang, a posição reservada aos convidados de honra, enquanto o Primeiro Tio e Bang se colocaram à esquerda dele. As mulheres e as crianças ficaram confinadas ao braço esquerdo do U, com Lian-hua ao lado da mãe e a irmã de um ano entregue ao cuidado da amah, ao mesmo tempo que os maridos e os militares visitantes se concentraram no braço direito da mesa. Como gostaria Lian-hua de lhes fazer perguntas; tinha tantas em mente... Não havia nascido no ano do Macaco? Isso fazia dela uma criatura de natureza irrequieta e curiosa. Porém, estava absolutamente fora de questão que as crianças interpelassem os adultos à mesa, pelo que teve de se dominar e observar tudo com a maior atenção.

A um sinal do avô Lao, os empregados começaram a servir a sopa.

“Sou o tenente Su Tong”, identificou-se o chefe dos visitantes. “Pertencemos a um destacamento do Exército nacional Revolucionário, que começou agora a Expedição do Norte. Em nome dos meus homens, quero agradecer a vossa hospitalidade. Sabíamos que podíamos contar com as nobres gentes de Hunan.” o avô Lao apoiou o cotovelo esquerdo sobre a mesa, de modo a voltar-se para o visitante sentado ao seu lado.

“Que expedição é essa?”

“Não ouviram falar? O Exército Nacional Revolucionário lançou uma grande operação contra os senhores da guerra.”

“O Exército Nacional... quê?”

“É o exército do Kuomintang, honorável anfitrião. Viemos de Cantão e estamos às ordens do general Chiang Kai-shek.”

“Quem?”

“General Chiang Kai-shek”, repetiu o tenente Su Tong.

“É o zong si ling, o supremo comandante do nosso exército e o novo presidente do Kuomintang.”

Desconfiado, o patriarca alçou uma sobrancelha.

“Perdoe a minha ignorância, mas o presidente do Kuomintang não é o doutor Sun Yat-sen?”

“O honorável doutor Sun Yat-sen morreu no ano passado, pai”, interveio Bang em voz baixa. “O novo presidente é esse

general Chiang Kai-shek. Como foi agora proclamado zong si ling, a imprensa dos yang guizi já lhe chama generalíssimo.” o avô Lao virou-se para o filho.

“Como sabes tu isso?”

“Ora... sei.”

“Já vi que o seu filho está devidamente informado”, observou o tenente Su Tong num tom meditativo, como se as suas palavras escondessem mais do que revelavam. “Interessar-se-á porventura por política?”

“O meu filho interessa-se pelos assuntos da família e apenas por isso”, cortou o patriarca dos Yang, impedindo Bang de responder. “Que história é essa da operação contra os senhores da guerra? É mais uma desgraça que andam aí a provocar?”

“Como decerto o meu honorável anfitrião está ciente, desde a dinastia Qing que a China não vai bem”, disse o chefe do destacamento do Exército Nacional Revolucionário.

“A derrota de 1895 com os japoneses e a incapacidade de controlar a revolta dos Boxers em 1900 constituíram grandes humilhações e sujeitaram-nos ao domínio estrangeiro. Foi por isso que acabámos com os Qing.”

“Ayah, isso foi um grande disparate!”, cortou o avô Lao, um amante da harmonia e do equilíbrio. “Não se acaba com uma tradição milenar assim de um momento para o outro. Se queríamos modernizar, mais valia termos seguido o exemplo dos japoneses e criado uma monarquia constitucional. Devíamos ter mantido o Trono do Dragão da mesma maneira que os piratas anões mantiveram o Trono do Crisântemo.”

“Naquela época a maior parte das pessoas defendia isso mesmo, mas o facto é que os republicanos, apesar de serem um pequeno grupo, acabaram por se impor.” o anfitrião soltou uma gargalhada empapada de sarcasmo.

“Ah, isso queriam eles!”, exclamou. “Os republicanos não se impuseram coisa nenhuma. A prova é que, pouco depois de assumir a presidência, o doutor Sun Yat-sen teve de entregar o poder ao general Yuan Shikai e ao seu exército, pois ninguém lhe obedecia. A república é uma desilusão.”

“Admito. É um facto que, ao fim deste tempo todo, não há quem tenha mão nos senhores da guerra, nos diabos do ocidente e nos piratas anões. A China está a saque e o estabelecimento da república não permitiu inverter a situação.”

Deu uma palmada ruidosa no tampo da mesa. “Mas esta vergonha vai acabar aqui e agora! Chegou a hora de pôr fim a este estado de coisas.”

“Sonhos, sonhos”, ironizou o avô Lao. “Querer é uma coisa e fazer é outra.” o tenente Su Tong indicou os seus homens à mesa.

“Lá diz o velho provérbio, as grandes almas têm vontade, as fracas apenas desejos”, lembrou. “A nossa alma é grande e esta Expedição do Norte é o primeiro passo para se cumprir a vontade da China.”

“As guerras não se ganham só com conversa”, observou o avô Lao, sempre cético. “O vosso exército é igual aos dos senhores da guerra. Tal como os outros exércitos, o vosso tem as armas modernas que os yang guizi vos venderam das sobras da guerra na Europa, mas no fundo vocês são todos os mesmos.”

“Engana-se, honorável anfitrião. A decisão tomada pelos yang guizi em 1919 de entregarem ao Japão as possessões chinesas da Alemanha derrotada mostrou ao honorável doutor Sun Yat-sen que precisava de um outro aliado. Foi por isso que ele se aproximou da União Soviética e enviou para Moscovo o general Chiang Kai-shek. Graças à ajuda soviética, o Kuomintang foi reorganizado segundo o modelo do Partido Comunista Soviético, com comités, secretariados, departamentos, células e mais não sei quê, com formação de quadros e o estabelecimento de sedes provinciais e sucursais em obediência a uma estrutura geométrica típica dos bolcheviques. Também o Exército Nacional Revolucionário segue as linhas do Exército Vermelho. O nosso partido deixou de ser uma instituição caótica e patriarcal formada por um bando de letrados bem intencionados e tornou-se uma organização de tal modo centralizada, disciplinada e hierarquizada que sobreviveu e prosperou depois da morte do honorável doutor sun Yat-sen. Em troca da ajuda soviética, juntámos forças com o Partido Comunista numa frente unida e lançámos agora esta operação contra os senhores da guerra. Acabámos de tomar Changsha e expulsámos Wu Pei-fu aqui das planícies centrais de Hunan. Vamos avançar para a costa leste e pôr sun Chuan-fang na ordem. Depois de arrumarmos o Sul, avançaremos para norte, entraremos em Pequim e poremos fim aos senhores da guerra.”

“Mesmo que assim seja, acha que chega pôr os senhores da guerra na ordem?” o militar esfregou as mãos.

“Claro que não. A seguir teremos de tratar dos imperialistas estrangeiros, como é evidente.” Passou os olhos pelos homens sentados à mesa. “Será difícil, mas estamos equipados com modernas armas soviéticas e quando



acabarmos, meus senhores, acreditem que a China se apresentará finalmente unificada.”

“E quem a governará?”, quis saber Bang. “O Kuomintang ou os comunistas?” o tenente soltou um arrote ruidoso; entre os chineses, mesmo os mais educados, consideravam-se os arrotos perfeitamente normais. Não se dizia que era impossível comer sem produzir barulhos naturais? Imperturbável, o homem do Kuomintang fez um trejeito com a língua, como se aspirasse um dente, e pela sua expressão percebia-se que a pergunta que lhe havia sido dirigida tinha o seu quê de inconveniente.

“A seu tempo se verá.” os homens do Exército Nacional Revolucionário saltaram para as montadas sob o olhar do clã Yang e da criadagem. O almoço havia sido dominado pela política, assunto que não era do agrado do avô Lao, pelo que logo que a refeição acabara e se fizera o brinde final, com todos os homens a gritarem ganbei! e a mostrarem os copos vazios depois de engolirem todo o vinho de uma assentada, o patriarca despedira-se dos convidados e abandonara o pavilhão, alegando que a idade lhe exigia descanso.

As honras da casa ficaram assim entregues ao seu primogénito, o Primeiro Tio, que completara o acolhimento e dera as ordens necessárias para que os visitantes se sentissem bem tratados, mandando até preparar comida para levarem na sua viagem.

“Vamos agora partir”, disse o tenente Su Tong, o único dos militares que ainda não montara. Fez uma vénia. “Xinku ni la”, agradeceu, usando a forma polida. “Obrigado pelos seus esforços.”

Antecipando-se ao irmão mais velho, que tinha amizades no grupo de Wu Pei-fu, o senhor da guerra de Hunan, e por isso não via com bons olhos os cavaleiros que se despediam, Bang apontou para o portão.

“Eu acompanho-vos.” sentiu de repente uns braços envolverem-lhe as ancas e olhou para baixo. Era Lian-hua que o abraçava.

—

“Paizinho...” o homem do Exército Nacional Revolucionário fitou a menina com uma expressão de incredulidade.

“É sua filha?”

“Sim, é a minha Flor de Lótus.”

“Que olhos tão extraordinários...” o pai sorriu com condescendência; estava já habituado ao espanto que os olhos azuis da sua menina suscitavam em todos os que os viam.

“São, não são?”

Começaram a caminhar em direcção ao portão, os dois homens lado a lado,

Bang de mão dada com a filha, o militar a puxar o cavalo pela rédea, os cavaleiros atrás, rodeados pela criadagem da quinta.

"O meu honorável amigo interessa-se pela política", notou o tenente Su Tong, retomando a observação que fizera no início do almoço. "Não estou enganado, pois não?" os olhos de Bang relampejaram.

"Sempre admirei o honorável doutor Sun Yat-sen", respondeu com uma expressão sonhadora. "Era um homem iluminado que defendia a unificação, a democracia e o desenvolvimento económico da China. A sua morte constituiu um rude golpe para o nosso país."

"O honorável doutor Sun Yat-sen foi de facto um grande homem", assentiu o visitante. "Mas o seu sucessor, o general

Chiang Kai-shek, também o é, posso assegurar-lhe. Tem fama de ser incorruptível."

"Sê-lo-á de veras?", duvidou Bang. "Então porque tomou ele todo o poder? Sendo um militar, não deveria subordinar-se ao poder de um civil? Não era isso que defendia o honorável doutor Sun Yat-sen?"

—

"A unificação do comando militar e político foi imposta pelas circunstâncias, receio bem."

"Que circunstâncias?" o oficial baixou a voz.

"Os comunistas."

"O que fizeram eles?" o tenente Su Tong espreitou na direção dos cavaleiros que o aguardavam.

"Cuidado, está ali o comissário político do Partido Comunista, pode escutar-nos", sussurrou. "Esses tipos foram nomeados pelo general Chiang Kai-shek para nos controlar."

"O general nomeou os comunistas para vos controlar?"

Ayah! Ele não confia nos seus próprios oficiais?"

"Receio é que ele não confie na incorruptibilidade dos nossos generais", precisou. "Nomeou estes comissários comunistas não só por causa da frente unida com o Partido Comunista e da necessidade de satisfazer os desejos do Comintern, mas porque queria usá-los para controlar a corrupção nas nossas forças. É por isso que o general Chiang Kai-shek era um grande entusiasta da integração dos comunistas no Exército nacional Revolucionário."

"Era? Já não é?" o oficial bufou; pelos vistos nenhuma subtilidade nas suas palavras escapava ao seu interlocutor.

"O Comintern substituiu o seu agente na China, mas receio que as relações do novo comissário russo com o general Chiang Kai-shek não sejam as melhores. Os dois desentenderam-se e os comunistas começaram a

conspirar para afastar o general. Há alguns meses em Cantão ele teve de agir e pô-los na ordem. Foram os próprios oficiais do exército, que não gostam dos comunistas e dos russos, que aplaudiram a ação e exigiram que o general assumisse o comando do Kuomintang. É por isso que ele acumula agora a liderança política com a liderança militar, está a entender? Caso contrário, os militares revoltavam-se e o Kuomintang perdia o exército.”

“Então e os comunistas? Como reagiram eles à ascensão do general a zong si ling, ao posto de comandante supremo?”

“Não gostaram, claro. Mas diz-se que Estaline impôs que os comunistas se mantivessem na frente unida com o Kuomintang. É por isso que estamos juntos nesta aventura da Expedição do Norte.” recomeçaram a andar.

“Olhe que não vai ser fácil unificar a China”, observou Bang. “Além do mais, um país não se constrói só com guerras...”

“E quem falou apenas em guerras, meu caro? A China precisa de pessoas de qualidade e educação, de pessoas com visão e espírito de sacrifício, de pessoas empenhadas na nossa causa e que estejam dispostas a dar o seu contributo para erguer o país.” Apontou o dedo ao seu interlocutor.

“A China precisa de pessoas como o meu honorável amigo.”

“Como... como eu?”

Chegaram por fim à saída da quinta. Os criados abriram os portões e os cavaleiros do Exército Nacional Revolucionário começaram a fluir para o exterior da propriedade dos Yang. vendo os seus homens tomarem a dianteira, o tenente Su Tong encaixou o pé no pedal da sela e alçou-se para a montada.

“Porque não se junta a nós?”, atirou, agora do alto do cavalo. “Porque não se inscreve no Kuomintang?”

“Eu? No Kuomintang?”

“Oíça, já pensou que não é por acaso que se chama Bang?”

Bang significa nação, como sabe, e isso talvez aconteça por servir a nação ser o verdadeiro desígnio da sua existência.”

—

Colou a palma da mão ao peito. “Fui educado como budista e sei que esse nome é o seu karma. A China precisa de homens com um karma assim. Quando chegar a Xangai tratarei da sua inscrição no partido e ajudarei a encaminhá-lo. Temos programas de formação de quadros que decerto lhe interessarão e estamos a enviar muitas pessoas para a Europa e para a América para aprenderem e depois ajudarem a China a modernizar-se.” Enrolou as rédeas nas mãos. “Já viu a oportunidade que lhe estou a oferecer? Sairá daqui da parvónia e irá envolver-se na grande gesta da

nossa nação. A única coisa de que preciso para pôr a máquina em movimento é do seu acordo.” Inclinou-se para o anfitrião e fitou-o com intensidade, como se lhe oferecesse a última oportunidade. “Sim ou não?” por momentos Bang não soube o que dizer. O tenente do Kuomintang aguardava a resposta e já não tinha muito tempo para esperar; os homens do destacamento impacientavam-se.

Era um momento decisivo, como se Bang fosse um viajante confrontado com uma encruzilhada na grande estrada da vida. Se seguisse um caminho a sua existência seria uma, se optasse pelo outro tudo se tornaria diferente. O que fazer?

Ficaria na quinta da família em Hunan, em conforto e segurança mas à margem dos importantes acontecimentos do seu tempo, ou embarcaria na aventura do Kuomintang? Estaria mesmo no seu nome encerrado o karma da sua vida? por outro lado, havia o pai. Como iria ele reagir se o filho se quisesse ir embora? Dar-lhe-ia autorização? E se não a desse? Tal como a generalidade dos chineses, Bang fora educado nos princípios confucionistas de respeito e veneração pelos mais velhos. Assim sendo, se decidisse abandonar o

Jardim das Flores Esplendorosas teria de obter o consentimento de Lao Yang.

virou-se para a filha, indeciso, como se esperasse que na sua inocência a menina tivesse a saída do dilema, mas Lian-hua mantinha os grandes olhos azuis expectantes pregados nele. Parecia que também ela aguardava a decisão que, para o bem ou para o mal, mudaria a vida de todos. Por fim voltou a encarar o tenente Su Tong e, ciente de que para já estava em causa apenas a sua filiação no Kuomintang e nada mais, ouviu a sua voz. Teve até a impressão de que a boca assumira o comando da sua vontade e autonomamente tomara a decisão de que só então ele próprio foi informado.

“Inscreva-me.”

A visita dos cavaleiros do Exército Nacional Revolucionário produziu um profundo impacto em Lian-hua. Sempre encarara a família como o centro do universo. Se assim era, contudo, como explicar a impotência dos Yang perante aqueles visitantes? Se a sua família era de facto a coisa mais importante que havia, por que razão temera os cavaleiros quando estes chegaram aos portões da quinta? Como se atreveram aqueles homens a importuná-los? O que lhes dava tanta segurança? o evento abalou as suas convicções sobre a ordem estabelecida no mundo, por lhe revelar dimensões de poder até ali invisíveis e insuspeitadas. Para além da quinta e da vizinha povoação de Duiduishan, percebeu, estendia-se pelos vistos um outro mundo. O mundo da China e das terras para lá dela.

A visita dos cavaleiros à quinta onde Lian-hua vivia, no entanto, fez mais do que questionar a hierarquia que até ali conhecera. Ao escutar na conversa daquele dia ao almoço a referência aos yang guizi, os diabos do Ocidente, que ao que se dizia vinham de outras terras e dominavam partes da China, imaginou que os visitantes se estivessem a referir a demónios como os leões e os dragões que por vezes via nas danças festivas. Seriam esses diabos uma espécie de dragões que exalavam fogo das narinas?

“Vi-os uma vez ao passar uma temporada em Chongking”, contou o pai quando ela o questionou sobre o assunto nessa noite. “São pessoas como nós, mas... enfim, um pouco diferentes de nós.”

“Diferentes como? Como os macacos? Os diabos do Ocidente são macacos-dragões?”

Incapaz de pôr as coisas por palavras, o pai fez um esgar de frustração.

“Não são macacos nem dragões, são pessoas. Só que... têm cabelos de ouro, por exemplo. Ou castanhos, ou até vermelhos. São altos e têm a pele cor de marfim, com pelos também de ouro nos braços, no peito e nas pernas, e roupas estranhas. O desenho das pálpebras é esquisito e têm olhos de muitas cores, por exemplo castanhos, verdes e azuis.”

Apontou para ela. “Olha, azuis assim iguais aos teus.” Lian-hua arregalou as sobrancelhas, horrorizada.

“Eu... eu sou um diabo do Ocidente?” o pai riu-se e, metendo os dedos por entre os cabelos da menina, sacudiu-os até a despentear.

“Não, tolinha.” Inclinou a cabeça de lado e encarou-a com uma expressão trocista. “Mas lá que és uma diabinha ninguém o pode negar...”

—

Um mar de cabeças cobertas por chapéus enchia a Avenida da República. As pessoas acotovelavam-se nas bermas e chegavam a invadir a grande artéria, enquanto outras se encavalitavam sobre os automóveis, se comprimiam nas varandas dos prédios e até se penduravam nas árvores e na estátua a meio da Praça do Saldanha, na ânsia de verem a grande figura redentora fazer a sua aparição. Sentado na tribuna de honra que havia sido montada para acolher os elementos da Junta de Salvação Pública e o corpo diplomático, a bancada devidamente decorada com bandeiras e galhardetes, Artur constatou que a multidão enchia todo o espaço a partir do Saldanha até perder de vista ao longo da avenida. Dizia-se que a massa humana chegava ao Campo Grande e ao stadium de foot-ball do Sporting Club.

“Ena! Parecem formigas.”

“São seguramente centenas de milhares”, considerou o general Telles, sentado ao seu lado com os olhos a percorrerem, impressionados, a vasta massa humana. “Olhe para eles! Não há dúvida, o país inteiro está cansado

da anarquia e anseia pela ordem.” seis aeroplanos cruzaram de repente os céus como besouros e todos voltaram as cabeças para cima, acompanhando a evolução dos aparelhos ruidosos e fumarentos. Dois deles perderam subitamente altitude e, gerando grande sensação e até algum pânico entre a turba, fizeram um voo rasante sobre a avenida e passaram uma mera centena de metros por cima da tribuna de honra, salpicando de óleo mirones, militares e até alguns diplomatas.

“São Vickers”, exclamou Artur, reconhecendo os aeroplanos. “De onde vêm?” “Do aeródromo da Amadora”, respondeu o general Telles.

“É a esquadrilha do major Brito Pais. Galhardos, hem?” soaram então os clarins no Saldanha e as forças militares ali aglomeradas começaram a marchar ao som cadenciado dos tambores; eram ao todo quinze mil homens, oriundos dos vários regimentos que apoiaram a marcha sobre Lisboa. à cabeça, montado num cavalo negro e de espada em punho diante do rosto, em pose marcial e majestosa como um messias enviado pela divina providência para resgatar Portugal, seguia o general Gomes da Costa. A multidão agitou-se, excitada com a figura imponente do grande general, e um clamor permeado de comoção percorreu a avenida. As bandeiras portuguesas foram desfraldadas sobre milhares de cabeças, os homens acenaram com os chapéus, as mulheres atiraram flores das varandas e lançaram-se gritos de apoio às forças em desfile e ao general que as encabeçava e que, garboso no seu cavalo, abria caminho entre a massa de gente. Os curiosos transbordavam dos passeios para a rua e, apesar dos esforços da polícia para os conter, eram tantos que se metiam no caminho do desfile e dificultavam a progressão dos militares.

“Viva o general Gomes da Costa!”

“Viva Portugal!”

“Viva a pátria!” logo que concluiu a sua apoteótica e redentora passagem pela avenida, já pomposamente designada Parada da Victoria, o general Gomes da Costa desmontou e encaminhou-se para a bancada da Junta de Salvação Pública. Subiu as escadas da tribuna em pose ativa e majestosa, quase como se fosse o próprio Nun’Alvares Pereira, o salvador da pátria.

Depois de saudar os presentes com um aceno grandioso, embora talvez um pouco teatral de mais, abraçou militares e até diplomatas, impante e vitorioso, e a seguir posicionou-se no lugar de honra, entre o comandante Mendes Cabeçadas, capitão de fragata da Marinha, e o general Óscar Carmona, comandante da Divisão do Sul. Tirou do bolso um papel e afinou a voz, preparando-se para discursar.

“Portugueeses!”

A multidão reagiu com uma ovação.

“A nação quer um governo nacional militar rodeado das melhores

competências para instituir na administração do estado a disciplina e a honradez que há muito perdeu.” um clamor acolheu estas palavras.

“Empenho a minha honra de soldado na realização de tão nobre e justo propósito!”

A turba reagiu em coro, entoando o nome do chefe do movimento revolucionário.

“Gomes-da-Cos-ta! Gomes-da-Cos-ta!” o general fez um gesto para silenciar a multidão e retornou ao discurso.

—

“Não quer a nação uma ditadura de políticos irresponsáveis, como tem tido até agora! Quer um governo forte, que tenha por missão salvar a pátria, que concentre em si todos os poderes para na hora própria os restituir a uma verdadeira representação nacional ciosa de todas as verdades, representação que não será de quadrilhas políticas mas dos interesses reais, vivos e permanentes de Portugal. À frente do Exército português, pois, unido na mesma aspiração patriótica, proclamo o interesse nacional contra a ação nefasta dos políticos e dos partidos e ofereço à pátria enferma um governo forte, capaz de opor aos inimigos internos o mesmo heróico combate que o Exército deve aos inimigos externos.”

Esticou o braço para o ar. “Viva a pátriaaaa!”

“Vivaaa!”

“Viva a Repúblicaaaa!”

“Vivaaa!” o clamor da multidão durou alguns segundos, até ser submergido pelas fanfarras militares. Começou o desfile das tropas e o general sentou-se no seu lugar, embora acenando ocasionalmente à multidão que não cessava de o aclamar.

“Gomes-da-Cos-ta! Gomes-da-Cos-ta!” o primeiro contingente a desfilar foi o da Marinha, com os fuzileiros, os marinheiros e os oficiais fardados de branco a marcharem com aprumo ao som da Maria da Fonte, que a sua banda tocava perante o entusiasmo popular. Seguiram-se as companhias de Metralhadoras e Cavalaria da cidade da Guarda, depois Infantaria 29 e Infantaria 8 de Braga, a seguir os elementos da Escola Prática de Tancos, e assim sucessivamente. o desfile ainda se prolongou por duas horas e a cerimónia só foi dada por concluída quando, após a passagem de todos os soldados pela Avenida da República, a banda militar tocou por fim o hino nacional. Os elementos que haviam desfilado começaram então a partir de regresso aos quartéis e a massa de gente, depois de atirar mais uns “vivas”, foi-se dispersando em grande animação pelas artérias contíguas. na bancada a meio da avenida, e depois de se despedir do corpo diplomático e de trocar impressões com o comandante Cabeçadas e o general Carmona, o

general Gomes da

Costa encarou os restantes companheiros da junta, os quais, devido a todos os procedimentos relacionados com a chegada a Lisboa das forças vindas de Braga, ainda não lhe haviam sido apresentados.

“Meus senhores, desde que chegámos de Braga, e como decerto têm conhecimento, eu e os meus homens ficámos instalados no quartel da Amadora”, disse em tom imperial.

“Proponho que nos reunamos lá esta noite, pelas vinte e uma horas, para definir os nossos próximos passos. Conto com a vossa presença.” o anúncio foi acolhido com aprovação pelos restantes generais aglomerados na bancada. Quem não iria gostar, pensou

Artur com desânimo ao ouvir as palavras, seria Catarina.

Esmerara-se a preparar iscas com puré para o jantar e ele afinal não poderia ir a casa.

A sala nobre do quartel da Amadora estava fria e tinha um ar austero, mas isso não incomodava o grupo de altas patentes que ali se reuniu nessa noite. Os oficiais fizeram fila para cumprimentar o general Gomes da Costa, saudando-o pela sua marcha vitoriosa e dando-lhe as boas-vindas à capital. no grupo de fardas militares destacavam-se três civis, de gravata e fato escuro, que conversavam em voz baixa a um canto e atraíam da maior parte dos membros da junta, incluindo de Artur, ocasionais olhares inquisitivos e comentários sussurrados.

—

“Quem são?”

“Sei lá. Acho que vieram com o general Gomes da Costa. ou foi o comandante Mendes Cabeçadas que os chamou, já não sei...”

“Coitados, parecem uns gatos-pingados.” quando chegou a sua vez, o general Telles apertou a mão do general que iniciara a insurreição, apresentou-se como comandante do Regimento de Sapadores Mineiros Número 1, trocou com ele palavras de circunstância e, já sem nada para dizer, voltou-se para o lado e apresentou o capitão que o acompanhava.

“Ah, o Teixeira!”, exclamou o general Gomes da Costa, reconhecendo-o de imediato. “Mas que bravíssimo homem o senhor aqui tem!” Deu a Artur um abraço másculo. “Como vai isso, meu caro? Em forma?” o capitão retribuiu o sorriso franco com que foi acolhido.

“Meu general, é um prazer vê-lo aqui. E, já agora, se me permite dizê-lo, é uma honra estar de novo às suas ordens.”

“Folgo em vê-lo mais uma vez ao serviço da pátria, caro teixeira!”, devolveu o general. Apontou-lhe o indicador à cara. “Conto consigo, ouviu? Conto consigo! Eu e a nação!” meia hora depois parecia estar tudo a compor-se



para o início da reunião, uma vez que os elementos que chefiaram o pronunciamento militar se tinham sentado nas cadeiras dispostas na sala de maneira a ficarem voltadas para uma mesa, evidentemente reservada para a presidência. A mesa foi entretanto ocupada pelos generais Gomes da Costa e Óscar Carmona e pelo comandante Cabeçadas, que assim se assumiam como o triunvirato à cabeça da Junta de Salvação Pública. Os três civis de fato escuro e gravata, por seu turno, acomodaram-se na última fila, isolados e manifestamente pouco à vontade entre tantos militares. Artur sentiu simpatia pela sua situação, até porque ele próprio também não conhecia quase ninguém naquela sala, pelo que decidiu instalar-se ao lado deles.

"Tanta farda até faz impressão, hem?", disse com um sorriso quando se sentou. Estendeu a mão. "Sou o capitão Teixeira, do Regimento de Sapadores Mineiros. Como estão?" os três civis apresentaram-se, mas Artur não reteve nenhum nome, apenas a indicação de que tinham acabado de chegar de Coimbra. Vestidos de fato cinzento-escuro ou azul-escuro e de gravatas igualmente sombrias, de semblante circunspecto e pose austera, os três davam de facto a impressão de ser cangalheiros; só lhes faltava o odor a formol para completarem o retrato.

"Coimbra é uma belíssima cidade", elogiou o capitão.

"O que fazem por lá, se não é indiscrição?"

"Somos lentes da universidade."

Artur arqueou as sobrancelhas.

"Ah, são professores?" O rosto assumiu uma expressão de aprovação. "Muito bem. Penso ser importante o envolvimento de académicos neste processo." Fez um gesto a indicar as altas patentes sentadas nas cadeiras à espera que a reunião começasse. "Nós, os militares, temos utilidade para algumas coisas, mas falta-nos a profundidade académica para lidar com certas subtilidades da realidade social e política. Presumo que aqui estejam a convite de alguém..."

"Do comandante Cabeçadas", disse o lente que estava sentado ao lado de Artur. "Embora, para ser sincero, tenha dúvidas quanto à nossa utilidade nestas circunstâncias."

"Porquê?"

"Bem, acho que..."

Da mesa da presidência veio o som de um objeto a bater na madeira, como se um juiz desse início a um julgamento ou pronunciasse uma sentença. Todas as conversas foram suspensas e os olhares voltaram-se imediatamente para a mesa.

"Meus senhores, gostaria de dar início a esta reunião com um importantíssimo anúncio", disse o comandante Cabeçadas, o primeiro a

tomar a palavra. “Queria comunicar-vos que mandei encerrar o Congresso. A Câmara dos Deputados e o senado estão dissolvidos.”

A declaração desencadeou de imediato um coro de aprovação, com vozes a entrecruzarem-se na sala numa exaltação entusiástica.

“Muito bem!”

“Os deputados só servem para roubar!”

“Corja de gatunos!”

“Os políticos são a pior cambada, a maior canalha que infeta o país!” o comandante Cabeçadas fez sinal aos companheiros da junta, pedindo-lhes que o deixassem falar.

“Em consequência dessa decisão”, prosseguiu logo que as condições o permitiram, “o senhor presidente da República demitiu-se do cargo e entregou-me a chefia do estado. Embora contra a minha vontade, sinto como imperativo de consciência o dever de me manter nessas funções.”

A segunda parte do anúncio foi recebida com um silêncio pesado de estupefação. Dias antes, quando os regimentos de Braga ainda desciam para Lisboa, o comandante Cabeçadas aceitara a manutenção do presidente Bernardino Machado na chefia do estado e anunciara que formava um governo no qual o general Gomes da Costa ficaria, entre outras, com a pasta da Agricultura. Estes anúncios haviam provocado fortes tensões com o resto do movimento insurrecional e o comandante Cabeçadas fora obrigado a recuar. O anúncio da demissão de Bernardino Machado era por isso desejado e esperado, e, embora todos soubessem que o presidente cessante havia transferido os seus poderes para Mendes

Cabeçadas, quem deveria no futuro ocupar o cargo era uma questão que ainda não fora discutida.

“O que quer o senhor comandante dizer com isso?”, perguntou o general que viera de Braga, franzindo o sobrolho.

“Pensei que essa nomeação era interina. O senhor comandante tenciona manter-se como presidente da República?”

“Se for essa a vontade dos presentes...”

A jogada era de mestre, percebeu Artur. Aproveitando estar em Lisboa enquanto os companheiros do pronunciamento militar ainda vinham a caminho, o comandante Cabeçadas jogara na antecipação e no receio dos republicanos de que os outros elementos do triunvirato pusessem fim à República e proclamassem o regresso da monarquia. Fazendo-se valer da sua reputação de republicano e maçom, convencera o presidente da República a entregar-lhe a chefia do estado antes que os outros revoltosos tivessem tempo de se entender sobre a questão. Retirar-lhe o cargo seria fazê-lo perder a face e desunir a junta, coisa que todos sabiam ser inconveniente numa altura tão sensível.

“Não está ainda a pensar em fazer de mim ministro da Agricultura, pois não?”, questionou o general Gomes da Costa, desconfiado. “Eu, que nunca plantei uma couve, a tratar agora de batatas?! Quem se lembrou de uma coisa dessas?” o comandante Cabeçadas forçou um sorriso diplomático.

“Asseguro-lhe, meu general, que essa ideia absurda já foi afastada. Vossa excelência terá um papel muito mais importante, como não poderia deixar de ser.” o general Gomes da Costa perscrutou o rosto do seu companheiro de mesa. Poderia confiar nele? A verdade é que

tinha plena consciência de que naquele momento era fundamental a chefia da Junta manter em público uma frente unida.

“Acho muito bem!”, exclamou por fim com um entusiasmo forçado. “Muito bem mesmo!” os elementos da junta secundaram a aprovação, consagrando Cabeçadas presidente da República.

“Como sabem, o presidente do Ministério também apresentou a demissão, pelo que, na minha qualidade de presidente da República, e para evitar um vazio governativo que seria altamente danoso para o país, e não obstante as minhas reticências, apenas superadas pela inabalável vontade de servir a nação sejam quais forem os sacrifícios que tenha de fazer, decidi acumular funções com o cargo de presidente do Ministério e iniciar os contactos para formar governo.” Voltou-se para o general Gomes da Costa. “Consequentemente, senhor general, gostaria de saber se nos dá a honra de ser ministro da Guerra e se aceita, pelo menos interinamente, acumular funções como ministro da Marinha e ministro das Colónias.”

Ainda a recuperar da surpresa, o general Gomes da Costa afinou a voz, sem saber se deveria estar contente ou furioso com o que acabava de ouvir.

“Nada negarei à pátria.” percebendo o melindre da situação criada, os restantes membros da junta aplaudiram a solução. Quando a ovação terminou, o comandante Cabeçadas fez um gesto a indicar a última fila da sala.

“Antes de falar nos outros ministérios, gostaria de vos apresentar os três cavalheiros que ali se encontram”, disse, apontando para os civis junto de quem Artur se sentara e para quem todas as atenções se voltaram nesse instante. “Sei que a presença deles tem suscitado algumas interrogações e chegou a hora de desfazer o mistério. Meus senhores, queiram identificar-se, por favor.” os três civis levantaram-se e à vez, quase como se tivessem ensaiado o número, apresentaram-se.

“Joaquim Mendes dos Remédios”, disse o primeiro. “Tal como os meus companheiros, sou lente da Universidade de Coimbra.”

“Manuel Rodrigues.” o último a falar foi o académico que estava sentado ao lado de Artur.

“António de Oliveira Salazar.” o comandante Cabeçadas fez-lhes sinal de que voltassem a sentar-se.

“Tomei a liberdade de convocar estes três académicos porque o reitor da Universidade de Coimbra mos recomendou, indicando-os como os melhores cérebros do nosso país e pessoas de integridade e patriotismo acima de qualquer suspeita”, explicou. “Com o vosso acordo, gostaria de os convidar para integrar o nosso governo de salvação nacional. O professor remédios iria para a Instrução, o professor Rodrigues para a Justiça e o professor Salazar para as Finanças.” o general Gomes da Costa admirou Salazar e o seu ar eclesiástico.

“Ah, o fradinho!”, gracejou. “Ele que venha, ele que venha!”

Foi a gargalhada geral, embora o visado permanecesse hirto; claramente não havia apreciado a piada.

“Penso que o contributo técnico que os senhores doutores têm para dar seria muito valioso e permitiria apresentar ao país um governo que não é exclusivamente composto por militares, o que me parece que seria interpretado como um ótimo sinal”, retomou o comandante Cabeçadas.

“Temos de assumir uma postura de reconciliação, congregando os partidos e toda a sociedade de modo a pôr fim à situação que o país vive.

Creio que isso se consegue afastando os gatunos do Partido Democrático e chamando ao governo militar um punhado de civis de grande qualidade técnica. É desse sinal que Portugal precisa nesta hora de suprema gravidade, pelo que solicito a vossa aprovação à inclusão destes três cavalheiros no nosso governo de salvação nacional.” os elementos da junta entreolharam-se, sem saber o que dizer. O facto é que poucos conheciam aqueles três civis.

Como se tornara hábito, foi o general Gomes da Costa que assumiu a dianteira.

“São estes então os doutores que foram recomendados pelo reitor da Universidade de Coimbra...”

“Recomendadíssimos e elogiadíssimos”, insistiu o comandante Cabeçadas, erguendo a mão para sublinhar o que dizia.

“Os melhores crânios do país, foi como ele os descreveu. Uns cérebros! Uns génios! As grandes cabeças da nação!” o general Gomes da Costa fez uma pausa pensativa enquanto fitava os três académicos provenientes de Coimbra, cofiando o bigode branco como se fosse ele o professor e os estivesse a examinar. De repente deu uma palmada ruidosa na mesa, a decisão tomada.

“Muito bem!”, sentenciou. “A tuna de Coimbra está aprovada!”

Depois de trancar a porta de casa, ainda noite escura, tatiana dirigiu-se lentamente para a carroça com uma lamparina de petróleo na mão, não se desse o caso de tropeçar numa barreira que a treva traiçoeira ocultasse. Içando-se com dificuldade devido ao ventre pesado com o terceiro filho, que aí vinha, instalou-se ao lado do marido.

“Estou pronta.” mikhail lançou um olhar para trás, certificando-se de que as suas meninas se encontravam seguras entre os sacos e as caixas de batatas, cenouras e couves, e com as rédeas incitou o cavalo.

“Yaaah! Davai, davaü”, gritou para o animal. “Vamos! vamos!” o cavalo libertou duas nuvens de vapor em direções opostas, como um dragão a exalar fumo das narinas, e começou a puxar a carroça, iniciando-se assim a viagem para Irkutsk.

A promessa feita às crianças era para cumprir, mais a mais porque havia mesmo que ir ao mercado da cidade vender os alimentos excedentários produzidos na propriedade.

Devido à formação frequente de gelo, a terra da Sibéria não era das melhores para a atividade agrícola, problema agravado pelo clima frio e agreste e pelas colheitas irregulares. mesmo assim a produção anual da propriedade revelara-se suficiente para as necessidades alimentares da família e para vender o que restasse. Não era muito, embora nesse ano de 1926 fosse ainda quanto bastava para lhes permitir juntar um pé-de-meia que satisfizesse outras necessidades.

“Será que a Marisha já chegou à China?”, questionou-se Tatiana. “Ainda não deu notícias...”

“Claro que já lá está, Tati. Só que, da forma como as comunicações são agora geridas pelos bolcheviques, a informação vai levar uma eternidade a chegar até nós. Mas descansa que ela já anda por lá.”

A mulher fungou e ajeitou o casaco para se proteger melhor do frio cortante que soprava da taiga.

“Como será a China, Misha? Consegues imaginar?”

“Também não deve estar grande coisa. Ainda na semana passada, quando fui a Irkutsk levar a tua irmã, disseram-me na estação que a guerra civil alastrou na China por causa de uma tal Expedição do Norte, seja lá isso o que for. Parece que o nosso governo anda dividido quanto ao que fazer com os chineses. Trotsky quer convencer o Partido Comunista Chinês a lançar de imediato uma grande revolução comunista na China porque a revolução tem de ser permanente, mas dizem que Estaline discorda e pretende apoiar a frente unida entre comunistas e nacionalistas, deixando a revolução para mais tarde. Sabes o que acho?”

Estão a usar a China para as suas guerrinhas pela sucessão de Lenine.”

“Desgraçados dos chineses se Trotsky levar a dele avante.” mikhail virou-se para o lado e escarrou para a berma da estrada. A seguir voltou a encarar o caminho.

“Desgraçados somos nós!” o percurso até à grande cidade siberiana durou hora e meia. Franquearam o perímetro urbano ao raiar do Sol e, percorrendo as ruas ainda desertas de Irkutsk, dirigiram-se diretamente ao mercado. Uma vez aí chegados, e enquanto as duas filhas brincavam na carga da carroça, Mikhail descarregou os sacos e as caixas com os produtos agrícolas e tatiana montou a bancada.

Era ainda cedo, umas seis e meia, mas a manhã já nascera e, apesar de os produtores e comerciantes estarem ainda a erguer as suas tendas, barracas e bancadas, os primeiros clientes começaram a chegar.

“São batatinhas!”, gritou Mikhail para os atrair à sua bancada. “Cenouras e couves. Tudo fresco! Tudo acabadinho de sair da terra!” um cliente adquiriu um punhado de batatas e de cenouras, enquanto os outros convergiam para as restantes bancadas. Havia sido sempre assim em Irkutsk, mas não nas partes da Rússia sob domínio vermelho durante a guerra civil. Quando em 1921 foi instituída a Nova Política Económica, um nome pomposo para descrever o que parecia ser uma coisa nova mas não passava da velha economia de mercado, estas feiras reapareceram como cogumelos. Delícias que se haviam sumido das lojas desde a revolução bolchevique de 1917, como queijo, manteiga, doces e outras iguarias, encheram de novo as bancadas.

Dir-se-ia um milagre, até porque estes bens tinham sido vilipendiados pelos bolcheviques como “produtos degenerados da burguesia capitalista”, mas o facto é que a economia fora reativada. os agricultores retomaram a produção excedentária e os bens agrícolas, além de encherem os mercados por todo o país, começaram igualmente a ser exportados para pagar as máquinas que a União Soviética adquiria nos países capitalistas para se industrializar. Enquanto ajeitava os produtos na bancada de modo a torná-los mais atrativos, mikhail ia pensando que nada tinha contra a industrialização desde que não prejudicasse a sua atividade; aliás, não eram as máquinas que podiam ajudar a lavoura? olhou em redor e estudou os comerciantes seus vizinhos e os produtos que expunham. A competição no mercado era dura, sabia ele, mas estava convencido que iria conseguir vender tudo o que haviam trazido. A mulher tentou ajudá-lo e sentou-se igualmente atrás da bancada. o problema é que as pequerruchas, entediadas, depressa começaram a protestar.

“Os chak chak perguntou a filha mais velha, que nada esquecerá da

promessa feita pelo pai. "Quando vamos comprar os chak chak?"

"Depois, Nadija. Depois."

"Eu quero agora!", protestou a mais nova, a gula incendiada ao escutar o nome dos doces. "Chak chak agora!"

"Agora não, querida. Mais tarde."

Anastasiya desatou a chorar numa voz esganiçada muito só dela e que a irmã sabia ser um trunfo poderoso.

A experiência dizia-lhe que ninguém seria capaz de resistir àquele choro lancinante e que em breve haveria cedências dos pais.

"Agora!", exigiu a pequena nos intervalos da berraria.

"Quero chak chak agora! Agora!"

os pais trocaram um olhar inquieto. Nenhum cliente se aproximaria da bancada com uma criança a chorar daquela maneira; parecia um cabrito a ser esfolado vivo. O problema tinha de ser resolvido.

"Ó Tati, porque não vais dar um passeio com elas?", alvitrou Mikhail. "Fazia-lhes bem." o olhar da mulher descaiu para os produtos expostos na bancada.

"E quem te ajuda, Misha?"

"Para vender batatas e couves não preciso de grande ajuda", devolveu ele.

"Vai e vê se as calas com uns chak chak bem docinhos, está bem? Não há maior ajuda do que essa." tatianna limpou as mãos a uma toalha, tirou o avental e arrastou as duas crianças, uma por cada mão. Lançou ao marido um sorriso de despedida e as três afastaram-se, as crianças aos saltos e a rirem, excitadas com a perspectiva de em breve ferrarem os dentes nuns chak chak, a mãe feliz por sair dali e ir dar um giro. mikhail seguiu-as por momentos com o olhar embevecido, acompanhando-as quando saíram do mercado e iniciaram o seu passeio por Irkutsk, mas depressa teve de se concentrar no trabalho. Os clientes apareciam em grande número e olhavam esgazeados para os alimentos expostos nas bancadas. Demorou alguns instantes a interpretar esses olhares, tão bizarros lhe pareceram, e pestanejou, chocado, quando por fim entendeu o que revelavam. os fregueses vinham esfaimados. uma das atrações que a cidade tinha para oferecer às crianças nessa viagem era a estação de caminhos de ferro. A gare de Irkutsk, um edifício verde e amarelo erguido em 1898 ao estilo da Belle époque, era uma das mais graciosas de toda a União Soviética. A entrada apresentava-se guardada por dois belos torreões que coroavam a fachada de um requinte quase parisiense; a destoar, as bandeiras vermelhas com a foice e o martelo bailavam no topo. Não era a majestade do edifício, no entanto, o que atraía as crianças à gare, mas o fantasma de Mariya.

"Foi aqui que a tia apanhou o comboio?", quis saber nadezhda, de olhos presos à plataforma como se esperasse lobrigá-la ali. "Foi daqui que ela partiu para a China?"

“Sim, Nadija. Foi daqui que a tia Marisha apanhou o comboio para a China.”

“A tia agora está na China?”

“Acho que sim.” nadezhda fez um ar pensativo.

“E vai ficar amarela?”

A mãe soltou uma gargalhada; só uma criança poderia fazer uma pergunta daquelas.

“Espero que não, Nadija.”

A mais pequena começou nesse instante a bater os pés no chão e a choramingar.

“Eu quero ver um comboio!”, exigiu Anastasija na sua ladainha de birra. “Eu quero! Eu quero!” tatiana foi consultar os horários e constatou que, por sorte, estava prevista a passagem do Transiberiano para daí a hora e meia. Prometeu às crianças que veriam em breve um comboio e atraíu-as para fora da estação com a promessa de que iriam comprar chak chak. As pequenas acederam com renovado entusiasmo e efetivamente encontraram os tão apreciados doces numa padaria das redondezas. Devoraram um prato cheio daquelas delícias na própria padaria e compraram uma dose adicional para levarem para casa. Depois voltaram para a gare e sentaram-se num banco a aguardar o comboio que deveria passar daí a dez minutos. o Transiberiano não chegou à hora prevista, mas com quarenta minutos de atraso. O primeiro sinal de que se aproximava foi o apito, mas quando o monstro de ferro negro e fumegante invadiu a estação o aparato tornou-se de tal modo intimidante que as pequenas treparam pela mãe acima, de olhos amedrontados e mãos trémulas, aterrorizadas com visão tão medonha. Enquanto travava, o comboio ia guinchando e bufando como um dragão, o que as assustou ainda mais, até que por fim se imobilizou na plataforma com um longo suspiro final.

Idosas de lenços na cabeça, as babushkas, apareceram instantaneamente não se sabia de onde e enxamearam a plataforma com tabuleiros nas mãos para venderem comida, doces e refrescos. As portas dos vagões abriram-se com um clique metálico e os passageiros começaram a jorrar para a plataforma, desentorpecendo as pernas e comprando os produtos das babushkas. Entre vários militares deambulavam homens de fato e gravata e mulheres com vestidos rendados.

Já sem medo do monstro de ferro, que de resto se silenciara entretanto, Nadezhda contemplou-os com pasmo.

“De onde vêm eles, mãe?”

“De Petrogrado e de Moscovo”, respondeu Tatiana, de olhos presos aos vestidos das mulheres. “Não vês como andam aperaltados? São roupas da Europa, filha. seguem a moda.” nadezhda examinou melhor os trajos dos recém-chegados.



A mãe tinha razão, pareciam diferentes daqueles que se usavam ali na Sibéria. Enquanto os seus trapos eram rudes e pouco harmoniosos, ásperos quando se apalpava, os dos viajantes pareciam de toque suave, como seda densa, além de formarem conjuntos mais elegantes do que habitualmente se via pela tosca e provinciana Sibéria.

A atenção das três desviou-se para as janelas do Transiberiano. No interior de algumas composições apertavam-se viajantes de ar taciturno, todos vestidos com o que pareciam fardas ou vestidos azul-claros; os homens concentravam-se em dois vagões e tinham um aspeto imundo e a barba por fazer, enquanto as mulheres estavam num outro vagão, de cabelos sujos e desalinhados, eles e elas calados e de semblante triste e opaco, como se olhassem para a gare mas apenas vissem o que lhes ia nas mentes. Nenhum destes passageiros abandonara os seus vagões para passear pela plataforma, o que intrigou Nadezhda.

"Quem são, mãe?", indagou. "Porque não saem cá para fora?" Tatiana olhou de esguelha para a filha mais velha. Era impressionante como nada lhe escapava.

"São prisioneiros, Nadija", esclareceu. "O governo chama-lhes contrarrevolucionários."

A palavra era tão estranha e complicada que arrancou uma careta da menina.

"Contrarrevolucionários?"

A mãe respirou fundo e voltou-se para os viajantes de olhar triste que permaneciam retidos nos vagões.

"Uns desgraçados que mandaram para cá."

Ao regressarem ao mercado, ao fim da manhã, constataram que o pai já havia vendido quase todos os produtos que tinham trazido para a cidade. As crianças encararam isso com naturalidade. Na verdade tais pormenores não lhes diziam respeito, mas a mãe mostrou-se pasmada com as caixas vazias. Apenas dois sacos de batatas, guardados por baixo da bancada, sobreviviam à razia.

"Os clientes apareceram aos magotes pouco depois de vocês saírem", explicou Mikhail. "Nunca vi nada igual."

Baixou a voz. "Parece que há falta de produtos nas mercearias. Cheguei a oferecer umas batatas e umas cenouras a uns desgraçados que não têm onde cair mortos, coitados, mas não posso dar tudo, não é?"

A mulher indicou os dois sacos que sobravam.

"E estas batatas?"

"Estão prometidas a uma família que, ao que uma senhora me disse, não come há dois dias. Foram penhorar um relógio para arranjar dinheiro e vir aqui comprar as batatas, vê lá tu." Tatiana contemplava ainda as caixas e

os sacos vazios, estupefacta com o que encontrara no regresso ao mercado.

“É incrível, Misha. Não sobrou nada.” o marido sentou-se num banco e olhou para os dois sacos de batatas sobreviventes com uma expressão apreensiva.

“É terrível, Tati. Terrível.”

Ela passou-lhe a mão pelo cabelo, tentando confortá-lo.

“Não podemos salvar o mundo...”

“É verdade, mas isto está mal, Tati. O que aqui se passou esta manhã significa que a comida começa a escassear na cidade.” Indicou uma outra bancada do mercado. “Ali o Oleg disse-me que há muita gente a passar fome. Alguns bens que antigamente vinham todas as semanas da Europa deixaram de cá chegar. E mesmo os produtos da nossa terra estão a falhar. os pescadores do Baikal, por exemplo, andam desesperados.

Esses camelos dos bolcheviques desmantelaram as redes...”

“Chiu! Não digas isso alto!”

“... de distribuição e parece que já não há sal nem barris para preservar o peixe que os pescadores apanham no lago.

ora o peixe conservado é a base da alimentação das pessoas aqui da região, como bem sabes. Sem peixe, o que vão esses desgraçados comer?” nada interessada em alimentar uma conversa daquelas em pleno mercado, Tatiana começou a apanhar as caixas vazias e os sacos e foi depositá-los na carroça. Tudo aquilo tinha de ser reaproveitado. O marido ajudou-a, até ficarem apenas com os dois sacos de batatas. Com as coisas já arrumadas, sentaram-se por detrás da bancada e aguardaram que os clientes regressassem para venderem o que faltava e voltarem a casa. um homem de boné azul-escuro e um denso bigode à Estaline deteve-se diante da bancada e assentou os olhos nas batatas que ainda não tinham sido vendidas.

“Quero estes dois sacos.”

“Lamento, senhor. As batatas estão prometidas a um cliente que já aí vem buscá-las.” o desconhecido não pareceu ter ficado satisfeito com a resposta.

“Sabes quem eu sou?”, perguntou, assumindo uma pose sobranceira.

“Chamo-me Vitaly Vorontsov.” mikhail esboçou um esgar indiferente.

“Muito prazer, senhor Vorontsov. Terei o maior gosto em vender-lhe os meus produtos da próxima vez que vier à cidade.”

“Aqui não há senhor Vorontsov nenhum, não estamos na era dos czares, que exploravam o povo e espoliavam a classe trabalhadora do produto do seu trabalho. Sou o camarada vorontsov. ” voltou a dizê-lo como se esperasse que o agricultor se encolhesse de medo, mas a única coisa que

Mikhail fez foi soerguer uma sobranceira ao perceber que estava diante de um bolchevique.

"Ah, é do Partido Comunista Russo?"

"Já não se chama Partido Comunista Russo", rosnou o homem. "Agora é o Partido Comunista dos Bolcheviques da união, percebeste?"

Aquelas sucessivas mudanças de nome eram confusas, pensou Mikhail. Quando da revolução os bolcheviques chamavam à sua organização Partido Social Democrata.

A palavra "democrata" caiu logo em 1918 e o partido dos bolcheviques passou a chamar-se Partido Comunista Russo, designação que pelos vistos agora voltara a mudar.

"Percebi, sim." Tocou na têmpora direita com a ponta dos dedos, à laia de saudação. "Pois eu sou o Mikhail."

Agastado, o camarada Vorontsov inclinou-se para a frente e arreganhou os dentes.

"Já vi que o meu nome não te diz nada, campónio ignorante, mas fica sabendo que sou comissário político do Partido Comunista dos Bolcheviques da União aqui em Irkutsk." Tocou com o indicador na ponta do nariz. "Pois a mim cheira-me que andas a praticar atividades contrarrevolucionárias que provocam grande dano à justa luta do proletariado e de toda a classe trabalhadora."

Este palavreado novo arrancou do agricultor uma careta inquisitiva.

"Desculpe, mas está a falar de quê?" vorontsov apontou para as batatas.

"Estou a falar destes sacos que negas à classe operária para os reservares para um qualquer burguês capitalista e inimigo da revolução de outubro. Isto, camarada agricultor, constitui açambarcamento, uma prática contrarrevolucionária terminantemente proibida pelas diretivas emanadas do soviete Supremo."

"Hã?"

quase sem fazer uma pausa, e comportando-se com a maior das naturalidades, o comissário político agarrou nos dois sacos e levantou-os, tornando claro que fazia tenções de os levar consigo.

"As batatas", anunciou num tom firme, "estão confiscadas pela classe trabalhadora." reagindo quase automaticamente, Mikhail agarrou nos sacos e voltou a depositá-los no seu lugar.

"Eh, calma aí!", exclamou, apanhado de surpresa. "As batatas foram reservadas para um cliente, já lhe disse." vorontsov endireitou-se e percorreu o mercado com o olhar até se fixar em dois homens armados e fardados que deambulavam entre as bancadas.

"Camarada Ivan! Camarada Evgueni!" Chamou-os com a mão. "Venham cá!" os dois polícias aproximaram-se.

“Sim, camarada comissário?” o homem do Partido Comunista dos Bolcheviques da união, como fazia questão de ser conhecido, apontou para mikhail à maneira de um procurador na barra do tribunal.

“Este kulak contrarrevolucionário e divisionista opõe-se ao confisco dos bens coletivos que produziu nas costas dos trabalhadores e que tentava vender à sorrelfa à burguesia capitalista e exploradora para se apropriar indevidamente dos lucros que pertencem à classe operária”, acusou, como se denunciasse um homicida. “Está na hora, camaradas, de lhe darmos uma lição que ele jamais esquecerá, para que aprenda de uma vez por todas a respeitar o proletariado e os seus legítimos representantes.” um dos polícias agarrou Mikhail pelas costas e quase ao mesmo tempo o outro desferiu-lhe dois murros no estômago. o agricultor soltou um gemido surdo e a mulher, que seguira a discussão com alarme crescente, entrou em pânico e tentou intervir.

“Soltem-no!”, implorou Tatiana, tentando interpor-se entre o polícia que dera os socos e o marido. “Ele não fez nada! Soltem-no!” o guarda hesitou e olhou para o comissário político, como se aguardasse instruções.

“Afasta-te, mulher!”, ordenou o comissário Vorontsov.

“Afasta-te senão também levas!”

A pequena Nadezhda começou a chorar e agarrou-se à mãe e ao pai, tentando puxá-los para os salvar daqueles homens, e a irmã mais nova imitou-lhe o exemplo. Criou-se um sururu no mercado e toda a gente se pôs a olhar para ali, vendo as crianças a berrar e o casal aos gritos, além de que a mulher se encontrava evidentemente grávida. Ninguém no entanto se atreveu a interferir; os bolcheviques tinham fama de ser fanáticos implacáveis e não havia quem estivesse disposto a arriscar a pele e atravessar-se no seu caminho. percebendo que os agressores não se iriam compadecer com as súplicas e as lágrimas, Tatiana mudou de tática. Agarrou nos sacos e, apesar do seu peso considerável, levantou-os.

“Querem as batatas? Levem-nas! Temos muito gosto em negá-las aos burgueses capitalistas e em oferecê-las à revolução. Por favor, levem-nas e... e deixem-nos em paz.”

Foi a vez de o comissário político do Partido Comunista dos Bolcheviques da União hesitar. O corretivo produzira resultados talvez mais depressa do que esperara. A sua vontade era que os homens continuassem a ministrar a lição, não só para punir o kulak, expressão que designava todos os agricultores ricos e contrarrevolucionários, mas também para que as pessoas vissem o preço que pagariam se se opusessem ao confisco dos bens destinados a “fomentar a revolução de outubro” e satisfazer as “justas reivindicações da classe operária”. sentia, no entanto, que a cedência da camponesa tornava incompreensível que continuasse a punição à vista de

toda a gente, para mais estando ela grávida. Quem não se comovia com uma mulher de esperanças? Pensou em dar ordem de prisão ao agricultor, mas apercebeu-se de que os polícias pareciam também compadecidos pelo choro convulsivo e desesperado das duas filhas, que ainda se agarravam à mãe e ao pai como se a vida delas dependesse disso, e achou prudente pôr fim ao incidente.

“Bem, desta vez passa”, decidiu o comissário Vorontsov.

“Mas aí de ti se isto se repete, ouviste? Não te esqueças que o lugar dos kulaks e das respetivas famílias é nos campos de trabalhos forçados.”

Fez sinal aos polícias e estes largaram a vítima. Os bolcheviques pegaram nos sacos e, perante o olhar constrangido da multidão, abalaram dali para fora, deixando a família de agricultores para trás. Tatiana e as filhas abraçaram mikhail e tentaram ajudá-lo a levantar-se, mas ele sentia-se envergonhado pela sua impotência e ferido no seu orgulho de homem e chefe de família, e recusou a ajuda.

Ergueu-se por si mesmo e subiu à carroça com a dignidade que lhe restava, evitando olhar para o comissário e os dois polícias que à distância levavam para a cidade as batatas que lhe haviam roubado.

—

A reunião da junta militar que encabeçava a revolução desse 28 de maio terminou já noite dentro e os seus elementos começaram a abandonar o quartel da Amadora, despedindo-se do general Gomes da Costa como se se despedissem do rei, com continências solenes, muitos salamaleques e até vénias.

Artur manteve-se junto dos civis vindos de Coimbra. Decerto por não serem de Lisboa, os três davam naquele instante a impressão de se encontrar perdidos.

“Em Coimbra a esta hora já se tinha jantado”, desabafou salazar, que por ter estado sentado durante muito tempo ao lado do capitão acabara por ganhar alguma confiança.

“Não haverá alguma coisa aberta? É que ainda não petisquei nada...”

“Ah, coitado!”, exclamou Artur. “O problema é que já é quase meia-noite e receio que esteja tudo fechado.” pálido, de rosto ossudo, magro num fato escuro como se estivesse de luto e o pescoço espetado no colarinho de goma, o ministro das Finanças indigitado esboçou uma expressão de infelicidade.

“Que pouca sorte a minha!”, gemeu. “Enfim... paciência!”

Adivinhando-lhe um apetite desesperado, o capitão virou-se para os outros lentes.

“Mais alguém tem fome?” os dois académicos que acompanhavam Salazar

abanaram a cabeça.

“Estamos cansados e vamos recolher ao hotel”, disse Remédios. “O António é que anda sempre com larica...”

Ao ouvir isto, Artur estreitou as pálpebras; achava graça ao ministro das Finanças indigitado, sobretudo aos nistros das ceroulas que espreitavam por cima do cano das botas, pelo que lhe ocorreu uma ideia.

“Oíça, senhor professor”, disse para Salazar. “A minha mulher...”

“Não me chame professor”, corrigiu-o o académico. “Professores só em Lisboa e em Medicina. Em Coimbra somos doutores.”

“Ah, peço desculpa. Dizia eu, senhor doutor, que a minha mulher preparou para o jantar iscas com puré que por causa desta reunião não pude ir a casa comer. Onde comem dois comem três, não é verdade? Se quiser, vossa excelência é meu convidado.”

“Oh, de modo nenhum. Não me quero impor.”

Artur agarrou-o pelo braço.

“Que disparate, senhor doutor, pois se sou eu que o estou a convidar...” Puxou-o. “Venha daí. Só precisamos de arranjar uma boleia até ao centro de Lisboa e depois cá nos desenrascaremos para chegar ao Campo de Santana.”

A boleia que Artur tinha em mente era o general Telles, com quem viera para a Amadora, mas logo que se viu interpelado o comandante do seu regimento disse-lhe que ia diretamente para a Ericeira, onde dispunha de uma casa junto à praia para a época dos banhos, pelo que não os podia levar. O capitão e o convidado viram-se assim apeados, sem modo de se fazerem transportar para a cidade.

“Como é que vamos agora para o centro?”, interrogou-se salazar, já a desesperar. “A pé?” Abanou a cabeça. “Isto está pavoroso! Isto está pavoroso!” nesse preciso momento passou o general Carmona, que tinha ficado retido à conversa com o general Gomes da Costa e com o comandante Cabeçadas. Pressentiu de passagem a comiseração do ministro das Finanças indigitado e deteve-se junto dos dois homens.

“Vou agora para Lisboa”, comunicou-lhes. “Se quiserem dou-vos boleia.” o Austin Twenty com a bandeirinha portuguesa no capot arrancou com um solavanco. Depois de cruzarem o portão do quartel da Amadora, o general Carmona voltou-se para o assento de trás e encarou os dois passageiros. A viatura era conduzida por um chauffeur do Exército e metera já na estrada rumo a Lisboa.

“Se bem entendi, o senhor capitão é um herói das trinchas e o senhor doutor é um ás das contas.” o académico não abriu a boca, mas Artur, que se via interpelado pelo superior hierárquico, foi forçado a responder.

“Não sei se o epíteto de herói se aplica com rigor ao meu caso, meu

general.”

“Vá, não seja modesto, o general Gomes da Costa contou-me a sua proeza”, disse em tom condescendente. “Mas digam-me lá, o que vos pareceu esta nossa reuniãozinha?”

uma vez que nenhum deles conhecia o general que lhes dera boleia, Artur e Salazar entreolharam-se, sem saberem o que esperava ele que respondessem. Acabou por ser o académico de Coimbra quem tomou a palavra. No fim de contas tinha sido indigitado ministro das Finanças e cabia-lhe dizer o que pensava.

“Pareceu-me que o general Gomes da Costa tem um sentido de humor muito questionável”, observou em tom sibilino. “As graçolas do fradinho e da tuna de Coimbra, confesso, não me caíram muito bem. Não estou habituado a piadas de caserna, se é que me faço entender...” o general Carmona assentiu.

“Já vi que o senhor doutor é homem astuto”, notou. “Digamos que o general Gomes da Costa é uma figura... como direi?” Hesitou, em busca da palavra certa, uma expressão que revelasse o que pensava da pessoa em causa mas que não fosse desleal nem acintosa. “Uma figura peculiar, se assim posso dizer.”

“E, se me permite, pouco inteligente”, apressou-se Salazar a acrescentar. “Não me parece que faça qualquer sentido troçar de pessoas que se acabou de convidar para o governo. Fiquei chocado e, se quer que seja sincero, nem sei se aceitarei o cargo que me oferecem. Creio que é melhor regressar a Coimbra.” o general passou as mãos pelo bigode; era evidente que o aparente dispndimento do académico o impressionara.

“O senhor doutor abandona só por causa das piadolas do general Gomes da Costa?”

“Por causa disso, mas também pelo que ouvi ao comandante Cabeçadas.”

“Então?” salazar respirou fundo, ganhando tempo para ponderar o que iria ou não dizer. Deveria ser cauteloso ou franco? Na verdade, de que lhe serviria a cautela? Se havia hora em que urgia dizer o que pensava, era aquela. O que tinha a perder?

“Ao contrário do general Gomes da Costa, pareceu-me uma personalidade inteligente e... capciosa”, considerou. “A forma como se posicionou, jogando na antecipação e assumindo a chefia do estado e do governo antes de prestar contas aos restantes membros da junta, apresentando-lhes depois os factos consumados, revela uma mente manhosa.” Fez com as mãos um gesto de desânimo. “Mas, infelizmente, não me parece o homem certo. Para falar com franqueza, fiquei até com a impressão de que ele não percebeu que, para conseguir levar a nau a bom porto, é preciso romper totalmente

com o statu quo.”

A observação interessou o general.

“Pode ser mais específico?” o olhar de Salazar desviou-se momentaneamente para a janela. Lá fora caíam os primeiros pingos de chuva, gotas finas provenientes da treva e que deslizavam em ziguezague pelos vidros como se a noite despejasse lágrimas. Logo a seguir surgiram nos passeios as luzes amareladas dos candeeiros noturnos, sinal de que estavam a entrar em Lisboa.

“Aquela observação que ele fez sobre a necessidade de assumir uma postura de reconciliação e de congregar os partidos e toda a sociedade mostra que não entendeu o que verdadeiramente arrastou Portugal para esta situação. Isso parece-me deveras preocupante. Para que se fez esta revolução, se é para ficar tudo na mesma?”

“Na mesma? O que quer o senhor doutor dizer com isso?”

“O problema do país, senhor general, são os partidos!”, exclamou Salazar, a voz a ganhar veemência. “Os partidos, está vossa excelência a entender? Foi justamente a ação nefasta dos políticos e dos partidos que pôs o país onde ele está, senhor general. Ao contrário do que apregoam aos quatro ventos,

os partidos não existem para servir o povo, mas para servir as suas clientelas. Fingindo servir a população, os partidos servem-se a si mesmos e apenas deixam ao país umas migalhas do banquete que engorda as suas gentes. Essa é que é a raiz do problema!”

“Mas o comandante Cabeçadas reconheceu que é preciso afastar o Partido Democrático...”

“O Partido Democrático é apenas uma das faces da questão.

Acabando-se com o Partido Democrático, não tenha dúvidas de que logo outro qualquer partido cheio de clientelas assume o poder e começa a servir-se, pois o mal não está nas pessoas, mas no sistema. É fácil a corrupção onde a responsabilidade de poucos é substituída pela irresponsabilidade de muitos, como acontece nos nossos regimes democráticos. É esse, e só esse, senhor general, o problema central. Se não o entendermos, nada entenderemos. Se não o resolvermos, nada resolveremos.” o general Carmona esfregou o queixo.

“Então o que sugere? Acabar com todos os partidos?”

“Parece-me que seria mais avisado acabar com o parlamentarismo, em que os partidos se guerreiam pelo poder e dividem o bolo entre si e as suas clientelas. Em vez de termos muitos partidos, porque não um único? Quem quiser entrar na atividade política inscreve-se nesse partido e, de uma forma regulada, em que o interesse do país é salvaguardado e defendido, expõe as suas ideias. Essa é a única forma de estancarmos o cancro que



nos corrói.”

“Se bem estou a entender, a sua ideia é seguir o exemplo de Itália...”

“Pois, mas sem os exageros e o espalhafato dessa gente”, assentiu o lente de Coimbra. “Melhor do que a Itália é, aliás, o exemplo do general Primo de Rivera, em Espanha. O ideal, claro, seria um sistema democrático como o de Inglaterra.

porém, o nosso temperamento latino impede que um sistema que tão bem funciona com os ingleses, que são ordeiros e respeitadores e têm força de vontade suficiente para fazerem sacrifícios quando necessário, funcione igualmente bem connosco. A prova está no estado a que o país chegou com o parlamentarismo, como é bom de ver. Então porque não fazermos como o general Primo de Rivera?” parecia evidente que estas ideias já haviam ocorrido ao general, mas talvez não de forma tão estruturada. A referência ao caso espanhol agradava-lhe, até porque Primo de Rivera era general como ele, e a solução parecia-lhe menos aventureira do que a de Mussolini em Itália. O general Carmona permaneceu por isso um instante pensativo, de olhos perdidos no infinito, a ponderar o que acabava de escutar.

Aproveitando a pausa, Artur remexeu-se no lugar e decidiu meter-se na conversa.

“Oiça lá, e as finanças do país?”, quis o capitão saber, quebrando o seu mutismo. “No fim de contas, o senhor doutor foi indigitado ministro das Finanças e, apesar das suas reticências, espero que desempenhe as funções. Ora como sabe as contas públicas estão um caos. Os défices multiplicam-se, a dívida também, a carestia de vida é um inferno e os jornais noticiam que o país se encontra à beira da bancarrota. Como tenciona o senhor doutor pôr as contas em ordem?” salazar suspirou.

“Esse é outro problema das democracias parlamentares”, opinou. “Enquanto os ingleses, com a sua noção de ordem, conseguem perfeitamente conciliar a democracia com contas públicas saudáveis e equilibradas, a nossa natureza latina impede-nos de fazer o mesmo. Nas democracias latinas, como a nossa, os políticos passam o tempo a dizer que a sua principal preocupação é o povo quando na verdade o povo

é a sua última ocupação e só se lembram dele na hora de votar. Então o que acontece? Os nossos partidos supostamente democráticos andam a abarrotar de inúteis, gente cheia de prosápia mas com o único objetivo de abocanhar o mais que pode para si e para os seus. Protegem-se uns aos outros e protegem quem os financia. Quando alguém dá dinheiro para financiar o partido, se não mesmo o político, por baixo da mesa, o político entretanto eleito entrega-lhe obras públicas pagas pelos contribuintes. Quem ganha com este esquema? Os políticos e os seus financiadores e corruptores. Quem perde? o povo, que os políticos dizem estar acima de

tudo.” o general Carmona rronou em assentimento.

“Lá isso é verdade.”

“Realmente”, concordou Artur. “Aliás, nós em Portugal nunca tivemos um sistema parlamentar, mas um sistema para lamentar.” riram-se todos com o trocadilho.

“O senhor capitão é espirituoso...”

“E agora chegamos ao momento em que nos encontramos”, disse Salazar, retomando o fio à meada. “Com tanta corrupção, desgoverno, tráfico de influências e compadrio entre políticos e respetivas clientelas e corruptores, as contas públicas ficaram totalmente descontroladas. Para pagar tudo isso, o que fizeram os nossos governos? Mandaram imprimir dinheiro às escondidas e usaram-no para pagar os seus desvarios. O problema é que, quando tanto dinheiro novo entra na economia, isso provoca inflação. Os preços dos produtos dispararam no mercado, ao ponto de a inflação ter chegado a atingir quase os dois mil por cento ao ano.” Arqueou as sobrancelhas para sublinhar o número. “Vossas excelências já viram bem? Dois mil por cento ao ano! É certo que a situação estabilizou um pouco nos últimos tempos, mas é esta a verdadeira herança

da democracia! E quem compra estes produtos inflacionados? o povo, claro. Portanto, é o povo, em quem estes partidos supostamente democráticos dizem estar sempre a pensar, que paga através da inflação a fatura de toda esta corrupção que o parlamentarismo nos trouxe.” o professor de Coimbra falava devagar, mas era eloquente e convincente, arrancando sucessivos murmúrios de concordância aos seus dois companheiros de viagem.

"Quem viveu em Portugal estes últimos anos sabe bem como é verdadeiro tudo o que o senhor doutor está a dizer", voltou o general a observar. "Porém, a pergunta formulada pelo senhor capitão é muito válida. Como se equilibram as contas públicas? Como se sai deste inferno?" salazar ergueu o indicador.

"Digam os políticos o que disserem e façam o que fizerem, só há uma e uma única maneira", sentenciou. "A apertar o cinto." os dois militares soltaram uma interjeição de desagrado.

"Apertar o cinto, apertar o cinto..."; resmungou o general, visivelmente agastado com a ideia. "Mas isso é passar a fatura para o povo."

"É verdade", concordou Salazar. "Só que é bom lembrarmo-nos de que o mal não é apertar o cinto em si, mas sim o que provocou a situação de que a única saída é apertar o cinto. ou seja, o verdadeiro mal é a corrupção e o desgoverno que nos conduziram a este estado de coisas. Aí é que o mal foi feito. O rigor não é o mal em si, mas a consequência do mal, se é que me faça entender. Apertar o cinto é, digamos assim, a fatura."

"Mas... não haverá mesmo outro caminho?"; insistiu o general Carmona, que não se conformava com a ideia. "Não viu a forma como o povo nos aclamou hoje do Campo Grande até ao Saldanha? Não podemos agora chegar ao pé das pessoas que ainda esta tarde nos gritaram vivas e dizer-lhes que as vamos matar à fome para as salvar! Uma coisa dessas não é possível! Seria defraudar as expectativas que as pessoas depositam em nós!"

"O senhor está a pensar como um político!"; devolveu o ministro das Finanças indigitado num tom mordaz. "Quer agradecer às pessoas para recolher a aprovação delas, mas já lhe expliquei que é essa justamente a raiz do problema. Há certos momentos em que um governante tem de aplicar medidas desagradáveis para salvar o país. Se fosse possível recuperar Portugal com medidas fáceis, senhor general, pode ter a certeza de que a pátria já tinha sido salva há muito tempo. Não existe coisa de que um político mais goste que uma medida fácil e popular. se o país ainda não foi salvo é porque não existem soluções fáceis, apenas medidas duras e difíceis. Numa democracia, em que os governantes precisam dos votos do povo para subirem ao poder e se manterem lá, não é possível aplicar tais medidas.

Como deve calcular, ninguém ganha eleições a prometer rigor, por mais necessário que ele seja. Como não põem as contas em dia, os governantes democráticos preferem imprimir dinheiro e assim criar inflação, que é uma forma mais perigosa de apertar o cinto. Ou seja, através da inflação praticam o rigor a fingir que não o praticam, com a agravante de nada realmente resolverem. É por isso que, perante a nossa mentalidade, só vejo uma maneira de tirarmos o país do atoleiro.”

“Acabar com os políticos?” salazar fitou os seus dois interlocutores e passou a língua pelos lábios enquanto se preparava para articular a conclusão lógica de tudo o que acabara de dizer.

“Impor a ditadura.”

—

Foi no momento em que pousou o livro no regaço que

Fukui tomou a decisão definitiva de aprender tudo o que havia a aprender sobre os gaijin. Baixou os olhos para a capa e releu o título. Bunmeiron no Gairuaku, ou Um Esboço da teoria da Civilização, de Fukuzawa Yukichi. Ah, que sorte ter ouvido Sawa falar uns anos antes em Fukuzawa-sawa lera-o e... e... como eram magníficas as ideias dos gaijin!

De facto, só assim se explicava que os ocidentais fossem tão avançados e mandassem no mundo. Quantos disparates se diziam por aí sobre os japoneses serem descendentes dos deuses, os gaijin serem impuros e outras balelas do género! o Japão tinha tanto a ganhar se aderisse àquelas formas de pensar... num impulso de irreprimível entusiasmo, e sempre com o livro na mão, saltou da alcova que lhe servia de quarto e cama, a tokonoma, pelo caminho pegou num outro livro que lera do mesmo autor, intitulado Gakumon no susume, e foi à cozinha ter com a mãe. Aiko tinha uma sopa miso ao lume e nesse instante inseria uma colher num jarro para extrair dashi enquanto balouçava o corpo ao ritmo de Sendou Kouta, ou Não Passo de Uma Erva Deitada no Leito seco do Rio, uma canção em estilo enka muito popular nesse ano de 1926. A música jorrava do móvel de rádio que acabava de comprar e cantarolava-a num tom encharcado de melancolia, juntando a sua voz suave à do popular cantor shunyou Tottori.

não passo de uma erva deitada no leito seco do rio,  
E tu és uma erva seca igual a mim, tu e eu não passamos de ervas secas das pampas, não floresceremos neste mundo...

“Mãe!”, chamou ele, tentando sobrepor-se à música que nascia do móvel. “Já sei o que quero estudar na universidade!” só nesse instante Aiko percebeu que não estava a sós na cozinha e parou de trautear as estrofes da canção.

“Ai sim, Fuku-chan?”

“Quero estudar a cultura do Ocidente!”

Ela suspendeu no ar a colher cheia de dashi e fitou-o com uma expressão de incompreensão.

“O quê?”

Fukui carregou num botão do móvel e a voz de Shunyou tottori calou-se subitamente. A rádio tinha chegado no ano anterior ao Japão e a mãe não descansara enquanto não havia poupado dinheiro suficiente para adquirir um daqueles aparelhos, o que por fim acontecera apenas três semanas antes.

Desde essa altura que a música não cessava naquela casa.

“Gostava de estudar as ideias políticas dos gaijin”, disse o rapaz, aproveitando o silêncio retemperador que impusera

ao rádio. “A história. A cultura. Quero conhecer tudo.” mostrou-lhe os dois livros que trouxera do quarto. “Já leu isto?”

A mãe estreitou as pálpebras para ver o título das obras, mas o olhar só se iluminou quando identificou o nome do autor.

“Ak, Fukuzawa-sama!”, exclamou, deixando o admirativo ah prolongar-se.

“Quem não conhece?” Deitou a colherada de dashi no tacho. “Se o Japão se está a modernizar, a ele e aos seus livros também o deve. Quando era miúda cheguei a ler o Sekai Kunizukushi, vê lá tu!”, disse com um sorriso, identificando a obra juvenil Todos os Países do Mundo para

Crianças, em Verso. “O que esse livro me fez sonhar!”

Entusiasmado, o filho manuseou as páginas de Bunmeiron no Gairyaku, cuja leitura terminara minutos antes.

“Olhe só o que aqui está!”, disse, identificando uma linha que havia sublinhado a lápis. “Para que o Japão não perca a independência, temos de varrer os velhos costumes e abraçar o espírito da civilização que percorre o Ocidente”, leu. Pegou no outro livro, folheou o capítulo “Os homens são iguais”, procurou a seguir o capítulo “Os países são iguais” e fixou-se noutra frase. “Os japoneses e os ingleses são membros de uma mesma humanidade e têm de respeitar os direitos de todos.” Levantou os olhos para a mãe. “Já viu, mãe? Isto de que nós, os japoneses da raça yamato, somos descendentes dos deuses e os gaijin são impuros e inferiores não passa de um disparate! Nós, seres humanos, somos todos iguais!”

Ela encolheu os ombros.

“Patacoadas, Fuku-chan. Patacoadas.” o rapaz até pestanejou.

“Ora essa! Porquê?”

—

“Porque os gaijin não respeitam nada, Fuku-chan. Vêm com essas ideias do livre pensamento e de igualdade e mais não sei quê. Então e o respeito? Então e a obediência? Não falam em nada disso.”

“Não falam e fazem muito bem em não falar, mãe!”, replicou o rapaz. “Sabe qual é o mal do Japão? É a influência exercida pela cultura chinesa, em particular por essas ideias todas do confucionismo. Nisso Fukuzawa-saraa tem toda a razão! A obediência cega dos mais novos aos mais velhos e das mulheres aos maridos, o respeito cego pelas hierarquias... já viu no que resultaram essas ideias todas?”

A mãe olhou-o, escandalizada. Onde iria um miúdo de apenas dezasseis anos buscar aquelas ideias todas? Era verdade que sempre fora precoce e amadurecera ainda mais desde a morte do pai, mas aquilo parecia-lhe um exagero. Embora evidentemente se limitasse a papaguear coisas que lera, o rapaz falava como um verdadeiro adulto e isso parecia-lhe assustador. Ainda arranjava problemas.

“O que têm a obediência e o respeito assim de tão mau, Fuku-chan? Não deveria ser esse o princípio a nortear as nossas sociedades? Só assim se consegue harmonia numa família e num país.”

“Reconheço que, enunciados de forma simples e aparentemente sábia, esses conceitos até parecem benignos, mas veja no que resultaram, mãe. Olhe para a China, que vive há milénios com o confucionismo, e diga-me se é um país moderno.”

“Bem...”

“O facto de na China subsistir um sistema feudal e o país permanecer sob a dominação dos gaijin é prova suficiente de que o confucionismo mantém as nações que o seguem agrilhoadas ao passado. O feudalismo é fruto do confucionismo, mãe. Ora repare só nesta frase de Confúcio.” Fez um esforço de memória. “Ao servir o senhor, devemos encarar os nossos deveres com reverência e respeito e considerar o salário de importância secundária.”

“É uma frase bonita!”

Fukui torceu os lábios.

“Mãe!”, disse em tom de repreensão, colando a ponta do indicador à testa. “Pense, por favor. Esta ideia de se respeitar cegamente a autoridade e de nos conformarmos com salários miseráveis apenas resulta na perpetuação do feudalismo. pois se o confucionismo obriga o servo a respeitar o senhor, por que razão haveria o senhor de pôr fim ao seu domínio sobre o servo?” Fez um gesto a indicar a janela, ou o que estava para lá dela. “Olhe para a China e olhe para o Japão e veja onde o confucianismo nos trouxe. Depois olhe para a

América e para a Inglaterra e veja onde os seus princípios de liberdade de pensamento, de desafio às ideias estabelecidas e de confronto de opiniões os levaram. Quem inventou os automóveis, os aeroplanos... até esse maldito rádio que a mãe agora aí tem a passar aquela música estúpida? Os

países que cultivam o respeito pelas ideias passadas ou os países que desafiam essas ideias? Os países onde as pessoas existem para servir os governantes ou os países onde os governantes existem para servir as pessoas? Queremos afinal ser como a China ou como a América?”

Aiko hesitou, não muito agradada com a forma como o filho se referira a uma canção tão bonita como Não Passo de Uma Erva Deitada no Leito Seco do Rio.

“Hmm... acho, Fuku-chan, que andas a ler demasiados livros de Fukuzawa-sama.”

“Pois a mim parece-me que tenho de ler muitos mais.”

Indicou as obras que tinha nas mãos. “Acabei de ler Bunmeiron no Gairuaku e Gakumon no susume, mas quero devorar tudo o que Fukuzawa Yukichi escreveu, tudo o que leu e até coisas que nunca leu. Já li os gregos antigos mas gostaria agora de conhecer Rousseau, Locke, Stuart Mill e todos esses pensadores ocidentais de que Fukuzawa-sama fala, quero aprender, quero...”

“Como planeias fazer isso, Fuku-chan?”

“Há a biblioteca na escola, claro. Só que está um bocado desatualizada e... enfim, precisava de comprar uns livrinhos.”

Aiko abanou a cabeça.

“Não pode ser, Fuku-chan. Os livros são muito caros e eu não tenho dinheiro para andar a pagá-los, sobretudo depois do dinheirão que o rádio nos custou. Só disponho de dois

yen para te dar, e como sabes os livros custam muito mais do que...”

“Um yen.”

A mãe inclinou-se para o filho, sem entender o que queria ele dizer com aquele valor.

“Perdão?”

“Cada livro custa um yen, mãe.”

“Não pode ser!”

“Garanto-lhe. Apareceu agora uma coleção nova a publicar clássicos japoneses e traduções de obras estrangeiras a apenas um yen. Uma verdadeira pechincha. E já descobri um alfarrabista na baixa que vende esses livros em segunda mão a metade do preço, às vezes até a apenas trinta sen o exemplar.”

“Então, se eu te der dois yen, tu podes comprar...”

“... dois livros novos ou entre quatro e seis livros em segunda mão”, completou o filho, estendendo a mão direita com a palma para cima. “Dá-me os dois yen?” sabendo-se derrotada, Aiko suspirou e foi à carteira tirar o dinheiro, que entregou ao seu rapaz.

"Vê lá se compras livros de jeito." o filho fez uma vénia.

"Arigato", disse. "Obrigado."

A mãe voltou para o pé da panela e rodou a colher de pau na sopa. O filho, todavia, permanecia plantado no mesmo sítio, o que ela estranhou.

"Então?", impacientou-se Aiko. "O que estás aí a fazer?"

Em vez de te comportares como uma estátua de Buda, não seria melhor ires comprar os livros?"

"É que eu quero nas próximas férias seguir os passos de Fukuzawa Yūkichi", respondeu. "Precisava da sua autorização, e também da sua ajuda, para visitar a cidade onde a mãe nasceu, a mesma que os gaijin construíram aqui no Japão."

A mãe fitou-o com uma expressão de admiração, surpreendida e lisonjeada por ver o filho interessar-se pela terra natal dela.

"Tu... tu queres ir passar férias a Nagasáqui?"

Ciente de que o seu segundo capricho seria satisfeito e de que teria uma oportunidade para ver de perto um dos locais onde a influência dos gaijin era maior no Japão, Fukui esboçou um sorriso de assentimento e voltou a ligar o móvel de rádio, devolvendo a música à cozinha. A mãe, sabia ele, nada lhe podia recusar pois a mais importante das virtudes de uma japonesa era a das "três obediências": obediência ao pai antes do casamento, obediência ao marido durante o casamento, obediência ao primeiro filho quando viúva. E o que era ele, Fukui, senão o primeiro filho?

—

"Hai." o vulto apareceu de repente à porta do Ministério das Finanças, quase embatendo em Artur. O capitão ia a entrar no edifício para esclarecer uma dúvida sobre uma taxa que lhe chegara a casa e teve de dar um passo para o lado de modo a evitar o choque. Deteve-se e, surpreendido, reconheceu a figura franzina que estacara diante dele.

"Senhor ministro?!" salazar tinha um chapéu na mão e, recuperando do susto, soltou o seu desabafo habitual.

"Isto está pavoroso! Isto está pavoroso!" o comentário era compreensível, pois nas duas semanas a seguir à revolução os acontecimentos em Portugal haviam dado uma volta completa. Chocado com as piadas de caserna dos revolucionários, Salazar voltara a Coimbra e fora o cabo dos trabalhos para o convencer a aceitar a pasta das Finanças. Acedeu por fim, embora cheio de dúvidas sobre a estabilidade da situação política, e os acontecimentos acabaram por lhe dar razão. O comandante Cabeçadas insistira na necessidade de preservar a democracia, apenas excluindo o Partido Democrático da atividade política, o que gerara a oposição dos generais Gomes da Costa e Carmona, para quem o problema era a própria



democracia. Ao fim de apenas cinco dias, os dois generais uniram-se e afastaram Cabeçadas, tendo Gomes da Costa assumido a presidência da República e a presidência do Ministério.

“Há algum problema, senhor ministro?” o professor de Coimbra estremeceu e assentou na cabeça o seu chapéu negro de abas largas, acentuando o ar sombrio que o fato escuro já lhe conferia.

“Ministro?” Fez uma careta. “Qual ministro! Vou mas é voltar para Coimbra, até já comprei o bilhete para o comboio desta noite e tudo. Oiça, isto aqui em Lisboa é impossível!

Absolutamente pavoroso!”

“Mas... mas... o que aconteceu?”

“O que aconteceu é que esta gente não tem noção de nada”, retorquiu com o rosto rubro de irritação. “Propus cortes na despesa e aumentos de impostos para estabilizar as contas públicas, como é normal perante a situação de pré-bancarrota que vivemos, e ninguém no governo quer aplicar nenhuma medida de rigor. Está tudo louco! Estes senhores ministros, embora certamente animados pelas melhores intenções, acham que podem continuar ad aeternum a gastar mundos e fundos e a desbaratar a riqueza que o país não produz. O que pensam eles? Que as contas se equilibrarão por artes mágicas? Em que mundo vive esta gente, santo Deus? Se qualquer dona de casa sabe que não pode gastar mais do que tem, como é possível que os meus colegas do governo não tenham percebido uma coisa tão elementar?”

Abanou a cabeça. “Ah, não! Se é para continuar a fazer os disparates do costume, com despesismo descontrolado e políticas bonitas mas totalmente irrealistas, não contem comigo! Então ando eu nas minhas lições universitárias a pregar o rigor das contas públicas e ia aceitar fazer parte de uma brincadeira destas? O que diriam os meus alunos de mim? Que defendo uma coisa na sala de aula e quando chego ao governo aceito fazer o seu exato oposto só para me manter no poder?” Fez um gesto perentório com a mão.

“Não, não! A mim não me apanham noutra! Volto para Coimbra e é já!”

“Pode ser que, agora com o general Gomes da Costa na presidência do Ministério, a coisa mude...”

“Não muda nada!”

“Mas o general não o convidou para se manter em funções?”

“Convidar, convidou. Insistiu muito até. E então? Não vale a pena ter ilusões, esta gente é toda igual. Têm a ideia bizarra de que é possível recuperar a economia sem o menor sacrifício, veja lá! Além do mais, e se quer que lhe diga, não há maneira de trabalhar com toda esta instabilidade.

Então sabia o capitão que liguei esta manhã aqui para o ministério e me atendeu uma voz estranha? Perguntei quem falava e a pessoa respondeu-me que era o ministro das Finanças! Ah, julgava que eu é que era o ministro das Finanças, respondi eu. E desliguei, pois claro." Pôs as mãos à ilharga. "Já viu isto?" Voltou a abanar a cabeça. "Pavoroso."

"Tenha calma..."

"Calma? Qual calma? O país caminha para a catástrofe, senhor capitão! Não é impunemente que na língua francesa nasceu o verbo portugaliser. Sabe o que significa? Portugaliser é tornar uma situação caótica. Pois é nisso que somos peritos neste país. Em vez de colocarmos as coisas em ordem, pomos-nos a fantasiar políticas generosas e totalmente irrealistas e criamos assim, por vezes até com a melhor das intenções, a confusão completa. Os portugueses são especialistas em portugaliser, isto é, em criar o caos. Não é uma vergonha que já sejamos objeto de um verbo destes na língua francesa? Já viu a imagem que os outros têm de nós? Pois eu não aceito que façam de mim um cúmplice da portugalisation. Sempre disse que sei o que quero e para onde vou, e sei que isto não quero nem por este caminho irei. Já fui a casa fazer as malas, comprei o bilhete do rápido para Coimbra e vou agora mesmo ao Palácio de Belém apresentar a minha demissão ao senhor presidente da República."

"Não faça isso, senhor ministro! Tudo se há de arranjar!"

Ignorando o apelo, o ministro demissionário deu um toque no chapéu em jeito de despedida e encaminhou-se para a rua.

"Tenha uma boa tarde, caro capitão."

Sentado no sofá a ler O Século, Artur via os acontecimentos precipitarem-se a uma velocidade estonteante. Tal como lhe anunciara quando se haviam cruzado acidentalmente à porta do Ministério das Finanças, o doutor Salazar abandonara de facto o governo e regressara à Universidade de Coimbra, obrigando o novo presidente do Ministério a escolher outro nome para a pasta. Mas, num novo volte-face em que a política portuguesa parecia pródiga e que o capitão acompanhou pelos jornais, umas semanas mais tarde o general Óscar Carmona voltou-se contra o general Gomes da Costa e retirou-lhe a chefia do Estado e do governo, mandando-o prender e deportando-o para os Açores.

Estas notícias eram seguidas com estupefação por Artur.

"Já não sei em quem confiar", confessou à mulher à mesa do jantar, baralhado pelas sucessivas reviravoltas nos

acontecimentos. "As lutas intestinas entre os autores do

28 de maio não páram. Até o general Gomes da Costa foi despachado!"

A notícia era de facto surpreendente.

"Mas não é o general o grande herói das trincheiras?", admirou-se Carolina.

“Como puderam correr com ele?” o marido encolheu os ombros, desanimado.

“A verdade é que o general é um tolo”, acabou por reconhecer. “Anda para a frente e para trás nas decisões, ao sabor do vento. Ninguém o entendia. Nem ele próprio, acho eu.”

“O que queres dizer com isso?”

“Olha, nomeava várias pessoas para o mesmo cargo, nomeava umas e depois desnomeava-as logo a seguir, esquecia-se do que decidia, prometia uma coisa e desdizia-se no momento seguinte, perdia as estribeiras à mínima contrariedade, demitia um ministro por dá cá aquela palha... eu sei lá.” Abanou a cabeça. “Isto realmente não podia continuar assim.”

A instabilidade no país não dava sinais de abrandar. Desiludido, o capitão voltara à sua rotina no quartel da Pontinha, de onde assistira a uma sucessão de revoltas, a começar pela do quartel de Chaves e pela da guarnição do quartel de São Jorge, todas reprimidas com sucesso. o problema é que na vida pessoal as coisas não iam melhor. O ano acabara sem que o xarope receitado pelo doutor oliveira tivesse produzido efeito e Catarina continuava sem engravidar. O que até então não passara de um problema, incómodo e embaraçoso mas gerível, começou gradualmente a transformar-se numa tragédia.

“Porquê, meu Deus? Porquê?”, interrogava-se ela amiúde com crescente desespero, o rosto molhado de lágrimas. “Será que estou a ser punida por... por não me ter mantido casta antes do casamento? Será que o Senhor decidiu castigar-me?”

—

“Tem calma, querida”, soprava-lhe o marido ao ouvido.

“Vais ver que tudo se vai resolver.” o facto, contudo, é que não resolvia. O assunto passou até a tornar-se obsessivo, com Catarina a chorar ao acordar e ao deitar, preenchendo o resto do dia com idas frequentes à igreja para expiar os pecados e tentar a redenção. Se fosse suficientemente devota, acreditava, Deus apiedar-se-ia dela, perdoar-lhe-ia e oferecer-lhe-ia o filho por que tanto ansiava. para fugir ao problema que tinha em casa, Artur começou a refugiar-se no quartel. Aí as conversas eram igualmente obsessivas, mas em torno da situação do país. As contas públicas permaneciam descontroladas e a inflação continuava galopante, perante a impotência da população, dos militares e do próprio Artur. Depois da sua breve passagem pela Junta de Salvação Patriótica, o capitão voltara ao seu anterior estatuto de mero observador dos acontecimentos.

“Foi para isto que se fez o 28 de maio?”, questionou o major Vega na messe dos oficiais, agarrado a um cigarro.

“Eles prometem a ordem mas a balbúrdia continua!”

“Resta saber o que fará o general Carmona”, observou Artur enquanto bebericava uma chávena de café. “O general Gomes da Costa parecia muito alinhado com as ideias que agora vigoram em Itália, mas já ouvi dizer que o general Carmona se encontra mais ao centro. Isso deixa-me um pouco apreensivo, pois acho que o país necessita de uma mão de ferro.”

“À maneira de Mussolini?”

“Não temos muitas alternativas. O parlamentarismo aqui em Portugal redundou num total fracasso e o comunismo parece ainda pior. Não vês a confusão na Rússia? Não vês as greves e os tumultos que os comunistas estão a desencadear na Alemanha e por toda a parte? A Itália ia pelo mesmo caminho e quem pôs essa gente na ordem foi o Duce.” o amigo atirou-lhe um olhar desconfiado.

“Acho que te estás a tornar um fascistazinho...”

“De maneira nenhuma. Não sou nem nunca serei fascista porque não acredito no comunismo em geral nem no marxismo em particular. O socialismo não passa de uma utopia perigosa. Em teoria oferece o paraíso, na prática apenas o vejo entregar o inferno. É por isso que, sendo uma ideologia de raiz marxista, o fascismo me parece um caminho utópico. mas perante a falência do parlamentarismo, que conduziu Portugal ao caos, para onde mais nos poderemos voltar?” o rosto do camarada de armas contraiu-se numa expressão de perplexidade.

“O fascismo tem raiz marxista?”

“O fascismo é uma forma de comunismo, meu caro. o próprio Mussolini gosta de dizer que o fascismo é a síntese de duas antíteses, a classe e a nação, e que a nação é a classe de todas as classes. Se fores a ver bem, perceberás que comunismo e fascismo são duas faces da mesma moeda. Ambos almejam a revolução, ambos querem um estado forte que coordene toda a sociedade, ambos se opõem ao capitalismo e à democracia parlamentar e ambos defendem a luta dialética como um processo histórico. E, como se sabe, ambos cultivam a violência.”

“No entanto, fascistas e comunistas detestam-se uns aos outros.”

“Detestam-se da mesma maneira que as seitas de uma mesma religião se detestam mutuamente, o que se compreende quando levamos em conta as origens do fascismo. Sendo crentes em Marx, os fundadores do fascismo são comunistas italianos que defenderam a entrada de Itália na Grande Guerra porque acreditavam que o conflito permitiria industrializar o país e lançar a sua economia no capitalismo, de modo a serem criadas as condições para a revolução socialista. Não sei se sabes, mas Marx e Engels estabeleceram que a revolução socialista só é possível em economias

capitalistas avançadas.

Daí a importância que os fascistas dão à industrialização de Itália. O que aconteceu foi que, depois da Grande Guerra, esses comunistas regressaram a casa e constataram que os comunistas anti-intervencionistas não os aceitaram de volta. O antagonismo revelou-se aliás absoluto. Rejeitados pelos outros socialistas italianos e unidos pela experiência das trincheiras, os marxistas intervencionistas juntaram-se nesta nova corrente socialista, o fascismo, e trocaram o conceito de classe pelo conceito da classe das classes, a nação."

"Pois, mas são pessoas violentas."

"A violência fascista resulta da sua origem marxista, meu caro. Quando Engels e Marx falavam em luta de classes, a palavra mais importante desta expressão não eram as classes, mas a luta." Meteu a mão no bolso e tirou um papel. "Olha, tenho aqui o texto da comunicação de Marx ao comité central da Liga Comunista em 1850. Trago-o sempre comigo para, quando as conversas desembocam no marxismo, como nos dias de hoje acabam sempre por desembocar, poder mostrar do que realmente se trata." Afinou a voz. "Disse Marx:

'Longe de nos opormos aos chamados excessos, situações de vingança popular contra pessoas e edifícios públicos associados a coisas odiosas, tais situações devem não só ser toleradas como encorajadas.'"

"Ou seja, defendia a violência..."

"Claro. E a fúria dele dirigia-se não apenas contra quem tinha posses, mas contra raças e contra os próprios trabalhadores."

—

"O quê?"

"Apesar de andarem a pregar a defesa dos que nada tinham, Marx e Engels eram burgueses que gostavam da boa vida, serviam-se dos melhores vinhos e em privado chamavam asnos e ignorantes aos operários que tanto diziam defender.

Embora ele próprio fosse judeu, Marx gozava com os judeus.

Chegou a fazer comentários jocosos sobre o nariz judeu do diretor de um jornal inglês e as suas cartas estão cheias de referências antisemitas. Além disso, era racista contra os eslavos e os europeus do Sul. Chamou 'raça degenerada' aos espanhóis, classificação que presumivelmente nos inclui a nós, os portugueses, e..."

"Caramba!"

... disse que ansiava pelo dia em que ocorresse a aniquilação das raças reacionárias, como os croatas, os checos e o que designou de restante escória."

"Caramba! Marx falava assim dos eslavos? Até admira que os russos, sendo eslavos, tenham abraçado as suas ideias! às tantas ainda preferem o Engels..."

"Oh, esse dizia a mesmíssima coisa. Num texto de jornal, Engels escreveu que a guerra universal que aí vinha iria exterminar os eslavos de tal maneira que até os seus nomes seriam esquecidos. A revolução, anunciou ele com entusiasmo, não irá apenas aniquilar classes sociais e dinastias como também destruir as raças eslavas. Engels considerou que o extermínio desses povos seria um passo em frente." o major bufou, impressionado com o que ouvia.

"Então afinal o que separa a violência comunista da violência fascista?"

"A diferença é que o marxismo tradicional acha que a violência é entre classes e o marxismo fascista opõe-se à luta de classes porque entende que ela divide a nação. Mussolini tornou claro que o que o separa dos restantes socialistas italianos não é o socialismo, que o fascismo também defende, mas a postura antinacional. Também condena a admiração dos socialistas anti-intervencionistas italianos pelos bolcheviques, alegando que o leninismo se tornou uma caricatura dantesca do socialismo. A revolução bolchevique, diz ele, prova que o proletariado não é capaz de governar. Os fascistas acham que o facto de o proletariado constituir a maioria da população não lhe dá direitos especiais e que o governo deve ser exercido pelos melhores e não pelos mais numerosos. Para os fascistas, as classes têm de cooperar, não de se guerrear. onde o marxismo tradicional prevê que se privilegie uma classe sobre as outras, o fascismo prevê que se privilegie a classe das classes, a nação."

"Pois, isso é muito bonito no plano das ideias, mas na prática conduzirá a algum sítio?"

"As diferenças doutrinárias têm consequências na vida real", defendeu Artur. "Tens no entanto de compreender que os fascistas têm uma maneira marxista de pensar, embora transferindo para as nações a luta de classes. Mussolini entende que os países industrialmente avançados vão sempre tentar impedir o desenvolvimento de países pobres como Itália, eternamente condenada à condição subalterna de fonte de emigração e de mão de obra barata dos países ricos. O que mussolini procura fazer é quebrar o ciclo da pobreza e transformar Itália numa economia desenvolvida. Os fascistas acreditam que isso não será possível com a luta de classes, uma vez que consideram que a permanente conflitualidade social é disfuncional e dividirá e enfraquecerá o país, o que impedirá a sua ascensão a um estado avançado. Mussolini descreve Itália como uma nação proletária e o fascismo como um nacionalismo proletário que tenta libertar-se da dominação plutocrática das nações burguesas, ricas e privilegiadas.

De resto, os marxistas fascistas acham que os outros socialistas estão enganados quando dizem que o século XX vai ser marcado pelo conflito entre classes. A grande luta do século será antes entre nações, com as mais pobres a desafiarem o domínio das mais ricas da mesma maneira que a teoria marxista prevê que os proletários desafiarão o domínio dos burgueses.”

“É daí que vem a retórica bélica dos fascistas?”

“Vem daí, mas vem também da dialética hegeliana, que levou ao conceito marxista de que a história é uma luta constante. É por isso que os fascistas acham que o pacifismo, o desejo de paz permanente, é uma cobardia absurda que ignora a evidência de que as nações têm muitas vezes interesses antagônicos, o que torna os conflitos inevitáveis.

Desejar a paz permanente é como desejar a vida eterna, é bonito mas não passa de uma fantasia. Sempre inspirados no conceito marxista da conflitualidade permanente, os fascistas consideram que a guerra constitui o culminar de toda a tensão da energia humana e só ela confere nobreza aos povos. Darwin descobriu que a vida é luta e conquista e os fortes impõem-se aos fracos e submetem-nos à sua vontade, não é verdade? Pois isso também é válido para as nossas sociedades. A igualdade de direitos não passa consequentemente de um mito criado pelos liberais e alimentado pelos comunistas. A igualdade de direitos é por isso contranatura, os mais fortes devem ter mais direitos do que os mais fracos porque é assim a natureza.” o major Vega aspirou pensativamente o cigarro e libertou uma densa nuvem de fumo.

“Talvez seja verdade que a natureza assenta na lei do mais forte, mas vejo grandes riscos nessa forma de pensar”,

observou. “O maior parece-me o da militarização da sociedade. Não vêes os esquadrões de milicianos que os fascistas criaram em Itália para enfrentar os comunistas?”

“Ah, sim, os camisas negras. Tanto quanto sei, são os antigos membros do Grande Guerra, as tropas especiais italianas da

Grande Guerra que o poeta Gabriele D’Annunzio usou em

Fiume, também eles milicianos de camisa negra, que cheguei a conhecer quando estive no CEP.”

“Não são os fascistas que lhes chamam squadristi?”

“Ou os labaredas negras, conhecidos pela sua bravura em combate no Grande Guerra, quando se lançavam ao assalto com uma granada em cada mão e uma faca entre os dentes”, precisou. “Se fores a ver bem, há toda uma estética futurista em torno dessa gente.” o interlocutor franziu o sobrolho, sem compreender a referência.

“Futurista?”

“Sim. Não te lembras daquela revista que saiu aqui há tempos, o Portugal Futurista, do tipo que apareceu em público com farda de aviador, o... o... como se chamava ele?”

“Almada Negreiros?”

“Esse mesmo. O futurismo é isso, uma corrente artística de origem italiana que faz a apologia do futuro, da tecnologia, da indústria, da velocidade, da juventude e da violência. pode dizer-se que os fascistas são futuristas, no sentido em que traduzem em ação política essas ideias de arte.”

“É por isso que os squadristi andam fardados de negro?”

“Claro. Aliás, a estética futurista está presente em tudo o que os fascistas fazem, sobretudo por considerações políticas. Estás a ver toda aquela palhaçada dos rituais romanos adotados pelos fascistas, incluindo os braços estendidos, os estandartes, as legiões e mais não sei quê? É um esforço para lembrar aos italianos que, apesar da sua atual situação subalternizada, já foram gigantes nos tempos de Roma e por isso não devem ter complexos perante os ricos. Se Roma foi grande, nada impede que Itália o seja também.”

“Estou a perceber.”

“De qualquer forma, tens de compreender que Itália estava mergulhada no caos provocado pelos comunistas e pelos anarcossindicalistas, com as greves e ocupações e atentados constantes. Os vermelhos invadiram fábricas, expulsaram arbitrariamente os proprietários e exerceram violência contra quem furasse as greves. Apropriaram-se de propriedades rurais e obrigaram os camponeses, muitos contra a própria vontade, a transformá-las em quintas coletivas. proclamaram um soviete em Bolonha, puseram moedas e selos bolcheviques a circular em Viareggio e substituíram a bandeira italiana pela bandeira vermelha em Roma e noutras cidades. Agora diz-me: quem foram os únicos que lhes fizeram frente?”

A resposta veio quase num murmúrio de rendição.

“Os fascistas.”

“Claro que foram os fascistas! Mussolini constatou que toda aquela instabilidade estava a enfraquecer a nação e a mergulhá-la na guerra civil. Os camisas negras, como agora se chamam os Arditi, começaram por assaltar a sede do Avanti! logo três semanas depois de o movimento fascista ser fundado, e as ações punitivas contra os vermelhos depressa alastraram de Milão ao resto de Itália. Educados na mesma escola de violência, comunistas e fascistas envolveram-se numa guerra sem quartel, lançando-se uns contra os outros com facas, pistolas e granadas.”

“A diferença é que os fascistas tinham o apoio do exército.



"E qual é a surpresa? Depois da Grande Guerra, os socialistas anti-intervencionistas insultavam os soldados nas ruas, cuspiam neles e até os agrediam, como bem sabes. É evidente que isso provocou ressentimentos entre a tropa. Quando os camisas negras caíram em cima dos comunistas, o que estavas à espera que o exército fizesse? Que fosse proteger os anti-intervencionistas, que tanto os tinham injuriado?"

"Pois, tens razão."

"De qualquer modo, compenetra-te de que sem os fascistas a Itália não se endireitava. Muitos italianos estavam fartos das greves constantes e da desordem e concluíram que os fascistas são mais eficientes a enfrentar os arruaceiros socialistas do que a democracia parlamentar. Daí que se tenham voltado para Mussolini."

"Isso é verdade, há que reconhecer. Mas a violência..."

"A violência dos fascistas é igual à dos socialistas tradicionais, meu caro. Mesmo que os fascistas se estejam agora a distanciar do comunismo, a verdade é que as duas correntes têm a mesma origem e funcionam da mesma maneira. os socialistas agridem os fura-greves, os fascistas agridem os grevistas. Lenine pôs milicianos armados nas galerias da Assembleia Constituinte russa para ameaçar os deputados e submetê-los à vontade dos bolcheviques, Mussolini pôs milicianos armados nas galerias do parlamento italiano para ameaçar os deputados e submetê-los à vontade dos fascistas. os fascistas não fizeram nada que os socialistas tradicionais não tenham já feito."

"Desculpa, mas há grandes diferenças", empertigou-se o amigo. "Os fascistas aceitam o capitalismo, por exemplo. Já os comunistas não."

"Estás muito enganado. Relembro-te que Engels e Marx disseram que o capitalismo é uma fase necessária para chegar ao socialismo, princípio que Mussolini sempre respeitou e ao qual Lenine só tardiamente aderiu. Se bem te recordas, os bolcheviques vieram de início com a ideia revisionista de que era possível a Rússia passar diretamente do feudalismo para o comunismo, mas Lenine chegou depois à conclusão de que isso afinal não é viável. Neste aspeto Mussolini seguiu os preceitos de Marx muito mais à letra que Lenine, pois desde a primeira hora defendeu e aplicou o conceito marxista de que o capitalismo é imprescindível para se chegar ao socialismo." o major Veiga esmagou no cinzeiro o que lhe restava do cigarro e coçou a cabeça, perplexo com tudo o que ouvira.

"Será possível que fascismo e bolchevismo sejam assim tão parecidos?"

Artur consultou o relógio e deu um salto para se pôr de pé; era meio-dia e tinha prometido a Catarina ir almoçar a casa. Já estava atrasado. Pousou a chávena de café e levantou-se bruscamente para se ir embora, mas antes de se afastar olhou uma última vez para o interlocutor.

“O que queres, meu caro? São ambos filhos do marxismo.”

---

A viva impressão causada em Lian-hua pela visita dos homens do Exército Nacional Revolucionário no ano anterior perdurou por muito tempo. É certo que o Jardim das Flores Esplendorosas não havia sido molestado e tudo correria bem, mas a preocupação que ela surpreendera no rosto dos vários membros do clã Yang quando os cavaleiros apareceram deixara-a abalada. A menina sempre imaginara a sua família como uma espécie de dona da terra e do céu. Não mostrava toda a gente enorme deferência pelos Yang? Não vivia o clã em condições celestiais, por comparação com o que via quando se deslocava à vila vizinha? Então como era possível que os seus familiares temessem o mundo exterior? o Jardim das Flores Esplendorosas era, a seus olhos, um verdadeiro paraíso. O enorme perímetro da propriedade situava-se no sopé da montanha Xiaojia e estava protegido por um longo muro, que se prolongava a perder de vista e abraçava um bosque de amoreiras e um complexo formado por oito pavilhões; os dois primeiros pertenciam à criadagem, constituída por uma panóplia de empregados de limpeza, cozinheiros, jardineiros, artífices, encarregados dos animais, amahs e outros, e os restantes estavam entregues aos vários núcleos da família Yang, como o seu, o do Primeiro Tio, o da Primeira Tia, o da Segunda Tia e, por fim, o do avô Lao, o verdadeiro centro da atividade familiar. todo o espaço dentro e em torno dos pavilhões era decorado por vasos de porcelana repletos de flores, sobretudo crisântemos, tulipas e orquídeas, e o próprio complexo habitacional plantava-se em torno de um lago de água esverdeada pintalgado por flores; eram lótus brancos abertos sobre a água a deslizar ao sabor da corrente suave. os Yang viviam sobretudo da seda, que produziam em viveiros nos quais a menina não podia entrar. A interdição, contudo, acicatava-lhe a imaginação. Foi o pai quem, após muita insistência da filha mais velha, certa vez decidiu satisfazer-lhe a curiosidade.

“Estás a ver isto?“, perguntou-lhe numa manhã, abrindo a mão e expondo na palma o que lhe parecia uma minhoca branca. “Chamam-se bichos-da-seda. São engraçados, não são?”

A pequena esboçou uma careta enojada.

“Agh! É para comer?”

“Não, tonta! Não andas sempre a perguntar o que se passa nos viveiros? Pois aqui tens a resposta. Temos milhares de bichos-da-seda nos viveiros. É assim que produzimos seda, percebes?” Indicou as árvores para lá da janela. “Damos-lhes folhas de amoreira e eles começam a largar um fio para fazer uma casinha.”

“Wah! Como as aranhas?”

—

“Mais ou menos.” Retirou do bolso um lenço de seda.

“São essas casinhas que servem para fazer seda, estás a ver?”

A explicação impressionou Lian-hua. Não tendo visto os casulos produzidos nos viveiros, começou a encarar a seda como o produto de uma espécie de teias de aranha, o que lhe acirrou a curiosidade, e ao mesmo tempo lhe provocou repulsa, por penetrar nos espaços onde viviam os bichos-da-seda.

“Bang? Onde estás tu, Bang?”

A voz do avô Lao interrompeu o passeio pelos viveiros.

Ao ouvir o patriarca chamá-lo, o pai acorreu à porta.

“O que foi, meu pai?”

“Tenho de ir a Duiduishan para a reunião dos anciãos”, anunciou o avô Lao.

“Parece que há novidades. O teu irmão anda por Changsha e estou um pouco preocupado.

Disseram-me que lá na capital começaram a tratar mal as pessoas que têm posses.”

“Quem anda a fazer isso?”

“Não sei bem, mas parece que são uns tipos ligados aos cavaleiros que aqui estiveram no ano passado. De qualquer modo, não quero ir sozinho a esta reunião em Duiduishan.”

“Porquê? Prevê-se alguma dificuldade?”

“Não, não é nada. Fomos apenas convidados para uma conversa com os novos representantes da associação de camponeses, nada de especial. Será uma oportunidade para um passeio. Além do mais, e uma vez que não está aqui o teu irmão, acho que chegou a hora de vires comigo para te iniciares nas artes da governação.”

“É uma honra, meu pai. Quando deveremos partir?”

“Agora mesmo. Despacha-te.”

Apanhado de surpresa, Yang Bang inspeccionou-se a si próprio e percebeu que teria de mudar de roupa. Antes de correr para o seu pavilhão, contudo, lançou um convite à filha.

“Queres vir connosco?”

A primeira coisa que a menina notou quando a carroça que os levava entrou em Duiduishan foi o cheiro nauseabundo. Cheirava mal na povoação. E não era um cheiro qualquer. O fedor que percorria Duiduishan, constatou, era o mesmo que encontrava nas fossas asséticas por detrás dos pavilhões do Jardim das Flores Esplendorosas e de onde se tiravam as fezes para espalhar pelas plantações como fertilizantes.

“Wah!”, protestou, tapando o nariz. “Que cheirete!”

A observação e o gesto arrancaram um sorriso a Bang.

“Isto não é lugar para a minha princesa.”

Depois de muita insistência da neta e do filho, o avô Lao aceitou a deixá-la acompanhá-los naquela deslocação à vila para participarem na reunião dos anciãos na condição de que ela permanecesse calada.

“Nunca te esqueças, Bang, do ditado segundo o qual o

Céu está muito alto e o imperador muito longe”, disse o patriarca, preocupado em explicar-lhe os princípios pelos quais se regia a governação da aldeia. “O governo da China apenas serve para cobrar impostos, manter a paz e administrar a justiça. Neste país governa melhor quem governa menos e é esse preceito que nos tem guiado desde tempos imemoriais. O governo encontra-se muito distante da nossa aldeia e por isso temos de ser nós a governar-nos. É assim em Duiduishan e é assim por toda a China. Espero que aprendas muito nesta reunião dos anciãos.”

“Mas o que sabem os anciãos das coisas do mundo, meu pai?”

—

“Respeita e honra os anciãos, Bang. A vida longa deu-nos muitos ensinamentos e, em virtude da idade e como fiéis depositários do conhecimento, os anciãos e os letrados são os homens honrados que verdadeiramente governam a China segundo os princípios iluminados do ilustre Kong Fuzi. Os

yang guizi não compreendem os seus ensinamentos, mas eles fazem parte da alma chinesa.”

“Não só não compreendem como, ao que parece, nem sabem chamar-lhe Kong Fuzi, o sábio Kong”, observou o filho. “Li uma vez que pronunciam Confúcio.”

“Os yang guizi são ignorantes, não ligués. O importante é perceber que o governo dos homens honrados definido por Kong Fuzi é o da natureza humana guiada pela razão eterna.

Deem dez anos de anarquia à China e, guiados nas aldeias pelos anciãos e pelos letrados, os chineses viverão dez anos em paz e em prosperidade.”

Alheia à conversa, Lian-hua foi observando a vila e adquirindo termos de comparação. No confronto com o Jardim das Flores Esplendorosas, Duiduishan de imediato se lhe afigurou um lugar de pesadelo. Ao percorrer a povoação, descobriu-a pobre, escura, lamacenta, repleta de gente andrajosa e desdentada de mão estendida a implorar esmola, o ar impregnado do cheiro de fezes e urina, as ruas sujas atafalhadas de búfalos, bois e mulas. no momento em que viam a carroça passar, os habitantes da povoação paravam e alguns dobravam-se em sinal de respeito pelo avô Lao.

“Glória à família Yang, honorável senhor.”

A pequena Lian-hua ouvira certa vez alguém dizer à mesa do jantar que as vênias haviam sido abolidas alguns anos antes na China, mas naquele canto remoto da província de Flunan os velhos costumes persistiam. Duiduishan era um lugar onde se expunha sem vergonha toda a miséria humana e onde os Yang, em contraste, eram considerados nobreza e tratados com infinita deferência. Sim, pareceu-lhe nesse momento ao percorrer com o pai e o avô as ruas da vila, que os seus familiares ocupavam lugares de grande importância.

Eram os senhores no universo.

A multidão agitou-se, irrequieta, e abriu alas quando a carroça entrou na aldeia vizinha de Duiduishan, onde a reunião estava marcada. A primeira coisa que Bang estranhou foi ver hasteada na praça central uma bandeira vermelha com a foice e o martelo, semelhante às que encontrara anos antes na livraria comunista de Changsha. A novidade não lhe desagradou, até porque ficara com boa impressão daquela gente animada por ideais nobres, mas surpreendeu-o. O que estavam os comunistas a fazer naquele recanto perdido de Hunan?

Deixaram a carroça numa rua lateral e Bang apeou-se. Uma algazarra excitada enchia o ar, com as pessoas a soltarem brados e clamores ocasionais, o que lhe espicçou a curiosidade. Juntamente com o empregado que traziam do Jardim das Flores Esplendorosas, ajudou o pai e a filha a descerem da carroça e caminhou com eles para a praça central, passando por entre os camponeses. A multidão parecia muito agitada e, quando atingiram as bordas da clareira formada em torno da praça, os recém-chegados estacaram, boquiabertos com o espetáculo que se desenrolava diante deles.

“Wah!” no meio da praça estava um homem com o rosto ensanguentado e um grande chapéu de papel na cabeça com a inscrição Tirano Chang, proprietário de terras.

“Chang?”

o avô Lao reconheceu a vítima. Tratava-se de um homem honrado que por vezes lhe enviava um seu empregado para semear certas árvores de fruto no Jardim das Flores Esplendorosas, pelo que ficou especialmente chocado com o tratamento a que o estavam a submeter. Um camponês com ar belicoso puxava-o ao longo do perímetro por uma corda amarrada ao pescoço, rindo-se e incitando a turba. Dois homens saltaram nesse momento da multidão e pontapearam o desgraçado, atirando-o ao chão. O camponês que o puxava com a corda juntou-se a eles e pontapeou-o também. A vítima estava encolhida no chão em posição fetal, a suportar as agressões com gemidos surdos perante a passividade dos espectadores.

Horrorizada, Lian-hua agarrou-se à perna do pai e mergulhou a cara na

túnica dele, para não ver mais. O avô Lao, profundamente consternado com os maus tratos que estavam a ser infligidos a um seu conhecido, interpelou o camponês ao lado dele.

"O que fez o Chang?"

"É dono de terras."

"Sim, mas o que fez ele?"

"É dono de terras."

A resposta deixou o patriarca dos Yang confuso.

"E então?" o interpelado esboçou uma expressão de impotência e fez um gesto vago para os homens que maltratavam Chang.

"Eles dizem que quem possui terras é um tirano." o avô Lao arregalou os olhos, atônito.

"Como?" o camponês não quis desenvolver a resposta e limitou-se a indicar o que se passava no centro da praça, onde o agricultor com ar belicoso que puxava a corda acabara de pontapear o proprietário de terras e parecia preparar-se para se dirigir à multidão.

"O Hu vai falar."

"Quem é esse?"

"É o novo presidente da associação de camponeses aqui da zona." Baixou a voz. "Os comunistas foram buscá-lo à cadeia e nomearam-no."

"À cadeia?"

"Sim. Era... era ladrão de gado."

Bang e o avô Lao trocaram um olhar preocupado. Que diabo queria aquilo dizer? Agora iam às cadeias recrutar bandidos para exercerem funções de responsabilidade? Alguém enlouquecera? E esta gente punha-se a atormentar e humilhar os donos de terras só porque possuíam propriedades? Que disparate vinha a ser aquele? Nenhum esquecia que também eles eram proprietários do Jardim das Flores Esplendorosas. será que...

"Povo de Hunan!", gritou o tal Hu, ladrão de gado e novo presidente da associação local de camponeses, com um pé por cima de Chang à maneira de um conquistador. "Os tempos da exploração do campesinato acabaram! Quem possui terras é um tirano! Os nobres são a escória da sociedade! temos de os esmagar como quem esmaga baratas! Hoje o Chang, amanhã o Li, depois outro qualquer. Quem oprime será oprimido! Quem possui será espoliado!" um grupo de homens bateu palmas, dando assim sinal à multidão para fazer o mesmo. Uma vez a aclamação concluída, dois outros homens, estes com fardas verdes simples, entraram na clareira.

"Povo de Hunan!", disse um deles. "Vamos ouvir agora o camarada Mao Tse-tung, que veio de propósito de Wuhan para acompanhar esta ação revolucionária de justiça popular!"

os olhos de todos convergiram para este Mao. À primeira vista parecia um soldado, mas mais alto que o normal. Bang fixou os olhos nele e, pasmado, reconheceu-o; tratava-se do mesmo homem que anos antes vira entrar na livraria comunista de Changsha e que presumira ser o responsável pelo estabelecimento.

“Camaradas!”, disse Mao, de pernas abertas e mãos nas ancas para enfrentar a multidão. “Muitos não me conhecem, mas sou o diretor do Instituto de Formação do Movimento Camponês e membro do Comité do Movimento Camponês, nomeado pelo próprio camarada Wang Jing-wei quando sucedeu ao doutor Sun Yat-sen na presidência do Kuomintang.”

Apesar de apresentado como vindo de Wuhan, o orador tinha um sotaque cerrado, que Bang identificou como sendo de Shaoshan, ali em Hunan; se para ele, que viajava amiúde por Hunan e conhecia muitos linguajares da província, aquela forma de falar era difícil de entender, como não seria para um agricultor daquela aldeia que não conhecesse os sotaques de outras regiões de Hunan? o que mais estranheza suscitou a Bang, no entanto, foram as credenciais de Mao.

“Este homem é do Kuomintang?” o camponês ao lado dele sussurrou a resposta.

“Do Kuomintang e do Partido Comunista. Agora são todos amiguinhos...”

Assim era, de facto, raciocinou Bang. Não tinham os membros do Partido Comunista Chinês aderido ao Kuomintang? Não formavam os dois partidos a frente unida da Expedição do Norte, que ainda decorria, para unificar a China? Não era essa expedição financiada e equipada pela união Soviética? Quem aceitava o dinheiro e as armas tinha também de aceitar as ordens, como era evidente. Além do mais, chamavam-se camaradas uns aos outros; até figuras de referência do Kuomintang como Wang Jing-wei eram pelos vistos apresentadas dessa forma; apenas o doutor Sun Yat-sen pelos vistos escapava. Essa, percebera Bang anos antes quando visitara a livraria comunista em Changsha, constituía de resto uma marca característica do jargão dos comunistas.

“Camaradas!”, voltou Mao à carga. “Temos de pôr fim às classes exploradoras! Temos de acabar com a exploração do campesinato pela nobreza! Quem possui terras, por mais pequenas que sejam, é um nobre e terá de ser reeducado ou exterminado! Quem trabalha a terra dos outros é como o proletariado, explorado e reprimido. Mas a revolução socialista está a chegar e a exploração a acabar! Centenas de milhões de camaradas camponeses erguem-se como uma tempestade poderosa, como um tufão, uma força tão vasta e violenta que nenhum poder, por muito grande que seja, será capaz de travar. Os camaradas camponeses estão a esmagar os obstáculos que os tolhem e a avançar pelo caminho da libertação. Os

camaradas camponeses estão a atirar todos os imperialistas, os senhores da guerra, os funcionários corruptos, os tiranos locais e os maus nobres para as sepulturas. viva a revolução nacional!”

“Viva!” o orador apontou para Chang, que permanecia deitado no chão sob o pé de Hu.

“O que se está a passar hoje aqui é um julgamento popular da classe exploradora e repressora. Este homem, este

Chang, é um proprietário de terras que explorava desavergonhadamente o campesinato e teve o desplante de se opor à justa ação revolucionária da associação de camponeses.

É um verme que...” o avô Lao abanava a cabeça.

---

“O Chang?”, murmurou entre dentes. “Mas a terra dele é quase só um quintal de quinze mou...” o homem do Partido Comunista prosseguia a sua diatribe.

“... da justiça popular. Pensa ele que se pode opor à associação de camponeses? Pois engana-se! Os proprietários de terras já não mandam coisa nenhuma! Quem manda é a associação de camponeses! É ela o único órgão de autoridade, é ela a vanguarda da revolução! A palavra de ordem todo o poder às associações de camponeses tornou-se enfim realidade! Até questões como uma desavença entre marido e mulher são submetidas à associação de camponeses. Nada se resolve na aldeia nas costas da associação de camponeses! o que a associação diz é o que se fará, o que a associação decide é a lei! As associações de camponeses, camaradas, conseguiram em alguns meses o que o doutor Sun Yat-sen tentou e não conseguiu durante quarenta anos de revolução!

Esta é que é a verdadeira revolução! As massas camponesas ergueram-se para cumprir a sua missão histórica e derrubar as forças do feudalismo rural.” Ergueu o punho. “Viva a associação de camponeses!”

“Viva!”

“Viva a revolução nacional!”

“Viva!” respirou fundo para recuperar o fôlego e prosseguiu.

“Aos reacionários que se queixam de que foram os bandidos que tomaram conta das associações de camponeses, respondo eu que não são bandidos, são a lei. Os reacionários chamam-lhes pi-tzu, a ralé, mas isso é apenas uma palavra para descrever aqueles que os nobres desprezaram, aqueles a quem lançaram na lama, pessoas sem lugar na sociedade, pessoas que nem tinham o direito a falar e que agora levantaram audaciosamente as cabeças e assumiram o poder.



Foram essas pessoas que tomaram conta das associações de camponeses e fizeram delas órgãos ferozes e formidáveis.

Aqueles a quem os reacionários chamam a ralé, camaradas, são a vanguarda da revolução. Aqueles que estavam em baixo de todos agora estão acima de todos, e é isso o que se chama pôr a sociedade de pernas para o ar. Quem melhor do que os que estavam em baixo para chefiar a revolução e pôr em causa a ordem estabelecida pelos tiranos proprietários de terras? E quem se opuser à associação de camponeses, camaradas, é por definição um simpatizante dos tiranos. quem atacar a associação ataca a revolução. Saiba por isso essa gente, saibam os tiranos proprietários de terras, que já não têm direitos. Perderam-nos todos, incluindo o direito de falar. Os que não pertencem às associações de camponeses só estão autorizados a elogiá-las, não podem criticá-las. Aliás, nem eles se atrevem agora a resmungar pois sabem que à menor provocação são presos ou são arrastados com as suas coroas de papel nas cabeças em desfile pelas aldeias." Voltou a apontar para o homem que Hu pisava. "Pois este Chang, este tirano que reprimia e explorava o campesinato, julgava que podia passar por cima da associação de camponeses? não, não podia passar nem passar! Que esta ação justiceira sirva de exemplo a todos os tiranos proprietários de terras que exploram o proletariado agrícola!" mao calou-se nesse instante e voltou-se para o presidente da associação local de camponeses, como se lhe tivesse dado uma deixa. Percebendo que era a sua vez de atuar, o antigo ladrão de gado exibiu o que de início pareceu ser uma lança, mas que Bang acabou por identificar num sussurro.

"Um suo-biao/" tratava-se de uma faca de dois gumes, bem afiada e com uma estrutura alongada, o que a fazia parecer uma lança.

o homem inclinou-se sobre o proprietário estendido no chão e, puxando-lhe a orelha esquerda, decepou-a de um só golpe com a ponta do suo-biao. um wah! horrorizado ergueu-se da multidão.

Com uma expressão triunfal, Hu exibiu a orelha no ar enquanto a vítima gritava de dor. A seguir voltou-se para os pés de Chang e, com um novo golpe rápido, cortou-lhe os tendões do tornozelo da perna esquerda. novo wah! dos espectadores, novos gritos lancinantes do tirano.

"É assim a justiça popular, camaradas!", voltou Mao a dizer, mostrando um pequeno livro. "Para quem tenha dúvidas, encontra-se tudo aqui escrito. Este é o guia que preparámos para reger as atividades das associações de camponeses e tem um capítulo a explicar como se tratam os proprietários de terras. Quando eles se mostram obstinados, está aqui escrito, há que cortar-lhes os tendões dos tornozelos e decepar-lhes as orelhas. O que o

camarada Hu fez foi por isso cumprir as instruções emanadas deste guia que vos preparámos.” Acenou com o guia. “É assim que se faz a justiça popular, camaradas! É assim que se faz a revolução! Viva o Kuomintang! Viva o Partido Comunista

Chinês! Viva a revolução nacional!”

A resposta veio, como sempre, em coro.

“Viva!”

De repente, e sem aviso, o presidente da associação de camponeses rasgou o ar com o suo-biao e decapitou a vítima de um só golpe. Fez-se um silêncio profundo na praça da aldeia, as respirações suspensas, os esgares consternados.

Estará aquilo previsto no guia que regia as atividades revolucionárias das associações de camponeses? os olhares voltaram-se para Mao.

—

“Maravilhoso! Maravilhoso!”, exultou o diretor do Instituto de Formação do Movimento Camponês. “O que é a morte de uns quantos tiranos perante a grandeza da revolução?”

A execução estava assim sancionada, perceberam todos.

“Está ali outro tirano!”, gritou uma voz. “Está ali outro dono de terras!” os olhares voltaram-se num movimento quase sincronizado na direção indicada pelo denunciante e concentraram-se na vítima seguinte da justiça popular. o avô Lao.

—

A casa de família da mãe em Nagasáqui situava-se num beco perto da ponte de Meganebashi, uma bela construção em pedra com dois arcos sobre o rio Nakashima. Da janela do quarto que lhe tinha sido reservado pela tia Misaki, a mais velha das cinco irmãs da mãe, a primeira coisa que Fukui viu foi justamente a ponte. A construção deixou-o de tal modo intrigado que se tornou o primeiro tema de conversa quando a tia subiu ao quarto para se certificar de que ele se encontrava bem instalado.

“É verdade que a ponte Megane foi construída no tempo dos porutogarujin?”

“Mais ou menos”, devolveu Misaki. “Na verdade data da época da rebelião de Shimabara, não sei se ouviste falar...” o evento parecia-lhe familiar. Já se tinha cruzado com aquele nome numa aula de História.

“Não foi uma rebelião de traidores?”

“Isso foi o que o xogum lhe chamou. Na verdade Nagasáqui era uma cidade cristã e o xogum, receando a influência dos gaijin, proibiu o cristianismo no Japão e pôs-se a matar cristãos. Até os crucificaram. É famoso o episódio

da crucificação de vinte e seis cristãos aqui em Nagasáqui em 1597, não sei se já ouviste falar.”

“Claro que sim.”

“A rebelião de Shimabara foi levada a cabo sobretudo por cristãos japoneses e constituiu uma forma de resistência à repressão do xogum.” A atenção dela colou-se à velha estrutura seiscentista. “Foi mais ou menos nessa altura que a ponte Megane foi erguida.” o olhar de Fukui acompanhou o da tia.

“Ainda há muitos cristãos em Nagasáqui?”

A velha senhora abanou a cabeça.

“Poucos.”

“O que lhes aconteceu?”, quis o rapaz saber, voltando a encarar a tia.

“Foram todos mortos?”

“Muitos morreram, sim. Outros fugiram para Macau ou para as Filipinas. E a maioria teve de renunciar ao cristianismo para poder continuar a viver aqui na cidade. Foi o nosso caso.”

Esta última afirmação era inesperada e intrigou-o.

“O nosso caso? Qual caso?”

A tia Misaki esboçou um sorriso cansado.

“Nunca reparaste no nome de família da tua mãe?” logo que Fukui pensou no nome da mãe quando era solteira deitou a mão à boca, atônito por nunca ter feito a ligação óbvia.

“Ah! Iesuzu Aiko!”, exclamou. “Pois é! O vosso nome de família é Iesuzu!”

“Vosso não. Nosso.” A tia apontou para ele. “Tu também és um Iesuzu, rapaz. E podes agradecerê-lo à tua mãe.”

—

Iesuzu, uma palavra de origem portuguesa, era o nome de Jesus em japonês. Como era possível que uma coisa daquelas lhe tivesse escapado estes anos todos?

“Yare yare Os meus antepassados eram kirisbitan de nagasáqui?”

“Com certeza. Cristãos.”

A informação era absolutamente espantosa e abria perspectivas inesperadas.

“E... e temos antepassados portugueses?”

A tia Misaki fez um trejeito indefinido.

“Quem sabe?”

Eram demasiadas novidades para digerir de uma só vez.

Fukui virou-se de novo para a janela e fitou a ponte Megane.

As suas férias, percebeu, iriam ser ainda mais interessantes do que previra. Nagasáqui foi uma descoberta. O casario ondulante e pejado de ruelas, espreado-se pelo sopé de sucessivos montes, revelara-se muito diferente

do que habitualmente se encontrava nas zonas urbanas japonesas, planas e formadas por ruas paralelas e perpendiculares, e constituía a prova de que o desenho da cidade tinha de facto influência portuguesa.

A parte que mais interessou Fukui foi a do porto, onde Nagasáqui nasceu no século XVI pela mão de dois homens com nomes estranhos, ambos impronunciáveis e ambos fascinantes. Tratava-se do capitão Tristão Vaz de Veiga e do missionário jesuíta Gaspar Vilela. Quem seria aquela gente de porotogaru que construíra a cidade da sua família materna? seguiu-lhes o rasto até Dejima, uma pequena ilha artificial que fora erguida na baía de Nagasáqui para albergar os comerciantes portugueses no início do período isolacionista decretado pelo xogum. Na verdade, dos porotogarujin restavam em Dejima poucos ou nenhuns vestígios, além da própria ilha, claro. Quase tudo o que Fukui encontrou quando dias depois da sua chegada a Nagasáqui visitou Dejima foram os restos da subsequente presença holandesa. E que após a revolta cristã de Shimabara, de que a tia Misaki tinha falado na tarde em que ele chegara, o xogum expulsara todos os gaijin do Japão à exceção dos holandeses, que foram confinados a Dejima até à entrada à força da canhoneira do comodoro Perry na baía de Edo, no século XIX, o evento que reabriu o país ao mundo.

“Há uma coisa que me intriga nessa história toda de que os nossos antepassados eram cristãos”, confessou Fukui à mesa de jantar depois de regressar da sua visita a Dejima.

“Por que razão a minha mãe nunca me falou nisso?”

A tia Misaki mastigava tempura e só depois de engolir respondeu.

“Ela não sabe. Aliás, nenhuma das minhas irmãs nem o meu irmão sabem. É verdade que o nosso nome de família sempre suscitou comentários, mas nunca pensámos que fosse uma coisa a sério.”

“Como é isso possível? Se a tia Misaki sabe que temos antepassados cristãos, como se explica que mais ninguém da família saiba a...”

“Só soube há poucos anos”, cortou a tia. “Foi quando a minha mãe... a tua avó, morreu.”

“A vovó Nao?”

“Sim. Quando ela morreu deixou-me uma carta a pedir que encomendasse uma missa em memória dela e outra em memória do meu pai na igreja de Oura.”

“Aquele igreja ao lado de Dejima?”

“Essa mesmo. Não sei se sabes, foi construída em homenagem aos vinte e seis cristãos crucificados em 1597.”

—

“Sim, depois de sair de Dejima visitei a igreja e vi isso. Mas a tia estava a

falar na carta que a vovó deixou e no pedido que ela fez de que se rezasse uma missa em sua memória...”

“Pois”, anuiu a tia, retomando o fio da conversa. “Claro que estranhei esse pedido, e por isso fui à igreja para tirar o caso a limpo. Para minha grande surpresa, o padre disse-me que a vovó Nao ia lá frequentemente e contou-lhe que ela e o meu pai, o teu avô Haru, eram ambos descendentes dos kirishitan forçados a renegar a religião. Pelos vistos a vovó converteu-se em segredo, talvez em homenagem aos seus antepassados, quem sabe se por razões de fé.”

Fukui deitou um pedaço de tempura à boca, mais para refletir na revelação do que para matar a fome.

“A tia não contou nada disso à minha mãe?”

“Não. Nem a ela nem a ninguém.”

“Porquê?”

A velha tia suspirou.

“Porque não adiantava nada, suponho. Olha, no caso da tua mãe o que se passou foi que o teu pai tinha morrido pouco tempo antes e como ela estava nessa altura a juntar dinheiro para vocês irem viver para Tóquio não lhe foi possível vir cá às cerimónias fúnebres. Isso contribuiu para que não lhe dissesse nada, mas a principal razão foi outra. Uma vez que existe esta onda toda contra os gaijin, com os militares a dizerem que é preciso honrar o imperador e expulsar os estrangeiros e mais não sei quê, pareceu-me que não haveria vantagem nenhuma em dar a informação às minhas irmãs. Para que serviria isso? Para lhes arranjar aborrecimentos? Maa! Mais vale deixar o passado no passado.”

Desse ponto de vista a tia não deixava de ter razão, considerou o rapaz. Os dois estavam sós na sala de jantar e por alguns momentos o silêncio regressou à casa, apenas interrompido pelos sons da deglutição e dos pauzinhos de madeira, os hacbi, a tilintarem nas porcelanas das tigelas no labor da refeição.

“Alguma vez a tia conseguiu identificar os nossos antepassados cristãos?”

“Hai.”

Fizera a pergunta quase por fazer, convencido de que os traços da história tinham sido apagados, pelo que o assentimento o surpreendeu. Parou por momentos de mastigar e olhou-a interrogativamente.

“Ai sim?”

“O padre da igreja de Oura andou a investigar a genealogia da nossa família e descobriu que o meu pai, o teu vovô Haru, era descendente da família do padre Miguel.”

A sonoridade do nome deixou Fukui estupefacto.

“Um... um português?”

“Um japonês convertido.”

A informação pareceu-lhe intrigante.

“Um japonês com esse nome? Quem era ele?”

A tia terminou a refeição e pousou os hasbi ao lado da tigela vazia antes de se voltar para ele e dar-lhe a resposta.

“Foi um dos vinte e seis crucificados de Nagasáqui.”

As sucessivas descobertas sobre a história da família da mãe excitaram ainda mais o interesse de Fukui pelos gaijin, e em particular pelos oriundos de Porutogaru. Haveria entre eles antepassados seus? Era uma pergunta difícil, senão impossível de responder. O que lhe parecia incontestável, no entanto, é que em algum ponto da história, mais exatamente no século XVI, os seus antepassados japoneses se haviam cruzado de forma decisiva com os portugueses.

—

Determinado a tirar o assunto a limpo e a descobrir o que houvesse a descobrir, o rapaz deslocou-se à biblioteca pública de Nagasáqui e pediu acesso aos documentos antigos relacionados com a presença dos homens de Porutogaru no

Japão. Foram-lhe entregues cópias dos dois éditos do xogum tokugawa Ieyasu a expulsar os porutogarujin do país, o manuscrito Omura sobre a entrada de um navio português em Nagasáqui e intitulado Okyo ninen byomin sokuken Posen nagasáqui nyutsu ni kansuru Omura-ke monjo, e um códice amarelado pelo tempo que, ao ser folheado, arrancou um olhar de perplexidade a Fukui. Não entendia absolutamente nada do que se encontrava lá escrito.

“É natural”, observou o bibliotecário com um sorriso levemente trocista.

“Está em português.”

“Mas do que trata este texto?”

“É o manuscrito de um tal Duarte Corrêa sobre a revolta de Shimabara e a consequente matança dos portugueses e a expulsão final. Dizem que é muito interessante.”

“Consegue lê-lo para mim?” o bibliotecário soltou uma gargalhada.

“O meu trabalho não é ler textos a quem visita a nossa biblioteca, muito menos em línguas que não entendo”, disse.

“Se calhar seria melhor o meu amigo ir aprender português...”

Esta última sugestão foi formulada em tom sarcástico e não era para levar a sério, mas deixou Fukui a pensar. sim, porque não aprender português? Vendo bem, a ideia nem lhe parecia tola de todo. Quantos japoneses haveria a falar essa língua? Não existiria aí uma oportunidade que poderia explorar? Inquiriu em vários locais onde se poderia aprender português e acabou por

ser graças a uma sugestão da tia Misaki que foi parar à igreja de Oura, onde havia um padre francês que pelos vistos falava a língua.

“Para que quer aprender português, meu filho?”, admirou-se o padre Eric quando o jovem japonês o interpelou. “Mais vale o francês, que é a língua internacional...”

“Penso que já há suficientes japoneses a falar francês, padre-san”, argumentou Fukui. Pressentindo que teria de ser mais persuasivo e tocar em pontos caros ao interlocutor, avançou com um novo argumento. “Sabe, descobri que tenho antepassados cristãos. Ora o português foi a língua que introduziu o cristianismo no Japão, não é verdade? Penso por isso que poderá ser útil aprender essa língua para conhecer o meu passado.” Massajou o queixo, como se a ideia tivesse acabado de lhe ocorrer. “Estava a pensar em vir todos os dias à missa aqui na igreja se o senhor me der uma aula de uma hora depois da cerimónia. O que acha da ideia?”

“Vens mesmo à missa?”

“Com certeza. Aliás, é interessante que o nosso novo imperador tenha subido ao Trono do Crisântemo justamente no passado dia 25 de dezembro, a data do nascimento de Jesus. não acha que é auspicioso para o cristianismo?” o padre Eric recostou-se na cadeira e fitou Fukui pensativamente, como se o analisasse e ao mesmo tempo ponderasse a proposta. Ciente de que a sugestão do jovem japonês constituía o coup de grace irresistível para quem ansiava propagar a fé cristã no Japão, acabou por respirar fundo em rendição.

“Très bien, mon fils.”

As letras do alfabeto latino foram o primeiro desafio que Fukui teve de superar. Como lhe pareciam estranhos aqueles caracteres, sem ligação alguma à familiar escrita japonesa!

—

A vantagem do alfabeto latino português, acabou por perceber, era que só tinha vinte e três caracteres e cada um expressava um som, não uma ideia.

“Brilhante!”, exclamou ao entender essa característica do novo alfabeto.

“Assim não temos de decorar milhares de caracteres!” levou dois dias a memorizar e dominar os vinte e três caracteres latinos usados pela língua portuguesa, o que só conseguiu com a ajuda de uma lista em que cada letra do alfabeto tinha à frente uma transcrição fonética em ideogramas japoneses dos alfabetos kanji e kana. Como segundo passo, e para facilitar a introdução na língua portuguesa, o padre Eric apresentou-lhe uma série de palavras portuguesas que estavam na origem de palavras japonesas similares e obrigou-o a repeti-las.

“Koppu é um exemplo clássico de uma palavra japonesa com origem

portuguesa”, indicou o padre. “Também consta que arigato tem a mesma origem, mas não há certeza. Em português arigato diz-se obrigado e koppu é copo. Ora repete lá.”

“Obrigado. Copo.”

“Obrigado , corrigiu o francês. “Obrigado.”

“Obrigado.” o padre Eric revirou os olhos. O sotaque do seu pupilo teria de ser trabalhado.

“Para arukoru, os portugueses dizem álcool.”

“Arkoru.”

“Álcool.”

“Arkor.” não era perfeito, mas aproximava-se.

“Adiante”, aceitou o padre, passando à seguinte palavra japonesa de origem portuguesa. “Para botan, a palavra em português é botão.”

—

“Botão.”

A pronúncia mais uma vez não era perfeita, embora aceitável; o nasalado ão era difícil para toda a gente, até para os franceses.

“Para bidoro diz-se vidro.”

“Bidro.”

A introdução de Fukui ao português tornou-se assim mais simples. Com base nas palavras japonesas furasuko, joro, kandeya, kappa, karuta, kurusu, karameru, manto, marumeru, meriyasu, orugan, pan, shabon e tabako memorizou com facilidade as portuguesas frasco, jarro, candeia, capa, carta, cruz, caramelo, manto, marmelo, meias, órgão, pão, sabão e tabaco. Muitas outras palavras tinham relação entre as duas línguas. Até nomes de nacionalidades e países, como inglês e Holanda, se tornaram fáceis de decorar a partir de igirisu e Oranda.

“E há também as palavras portuguesas que vêm do japonês”, acrescentou o padre. “Por exemplo, os portugueses viram os japoneses gritar banzai com tanto entusiasmo que, quando há muito barulho, dizem que é um banzé. E da palavra japonesa shunga nasceu o xunga português. Ou seja, as influências são mútuas.”

Esta parte era acessível e divertida. O problema começou verdadeiramente quando as lições entraram na gramática e em palavras totalmente diferentes. O progresso tornou-se bem mais lento e Fukui sentiu-se desesperar. Como era difícil e complicada a língua dos portugueses! Redobrou os esforços e passou as férias inteiras a estudar.

Ao fim de algumas semanas, contudo, sentiu que dominava já os princípios da língua e os rudimentos da escrita em caracteres latinos, mas o tempo esgotara-se. As férias estavam no fim e teria de regressar a Tóquio.



---

"Então, meu filho?" perguntou-lhe o padre Eric no final da última lição, os dedos a acariciarem uma cruz, a esperança a trepar-lhe pela voz. "Estás pronto para te converter à verdadeira fé?" os olhos de Fukui desceram da cara do sacerdote para a cruz que ele tinha na mão e depois de novo para a cara. o rapaz decidira já abandonar o essencial dos valores japoneses, em particular os círculos do ôn, do giri e do "lugar próprio" de cada um. Abraçava assim em definitivo o mundo dos gaijin. Mas... tornar-se cristão? Estaria disposto a ir tão longe? Sabia que ia desapontar o pároco francês, mas não o queria enganar.

"A minha única conversão será à língua portuguesa."

---

Quando os dedos acusadores se voltaram na direção do avô Lao, pelo crime de ser um proprietário de terras, os camponeses afastaram-se de imediato, como se o patriarca dos Yang tivesse lepra, e formaram um círculo a uma distância prudente. No centro, e para além do ancião, apenas ficaram Bang com a filha agarrada à perna e o empregado que haviam trazido do Jardim das Flores Esplendorosas. o presidente da associação de camponeses, ainda com a lâmina do suo-biao manchada com o sangue de Chang, acercou-se com ar displicente e um sorriso zombeteiro desenhado no rosto.

"Olha, olha!", cantarolou. "Lao Yang já chegou à nossa reuniãozinha." Estacou diante do velho. "Então, Lao Yang? não me conheces?" o avô Lao susteve-lhe o olhar, mas ainda não se refizera do choque provocado pelo assassinato de Chang; as suas mãos tremiam.

"Não."

"Pois eu conheço-te muito bem, tirano explorador. Pensavas que vinhas aqui para uma conversinha entre amiguinhos, hem? Vinhas para cá ditar a lei no feudo com os outros tiranos donos de terras, não vinhas? Pois enganas-te. quem manda aqui é o povo, ouviste? Quem manda aqui é o proletariado camponês! Quem manda aqui é a revolução! percebeste, Lao Yang?" o velho assentiu em silêncio com a cabeça e Hu inclinou-se sobre ele, exibindo os dentes podres e exalando um hálito fedorento.

"Não te ouvi, Lao Yang", insistiu o presidente da associação de camponeses. "Percebeste o que te disse?" Lao Yang compreendeu que se esperava dele uma resposta formal e audível.

"Sim."

"E estás pronto para a autocrítica?" o idoso hesitou. O que queria aquilo dizer? Na verdade era irrelevante, pois tornara-se evidente que a pergunta

não admitia uma resposta negativa.

“Sim.”

Hu girou sobre os calcanhares e lançou um berro para os camponeses às suas ordens.

“Preparem um chapéu de burro com o nome de Lao Yang, camaradas!”, ordenou, erguendo o punho no ar. “Façamos justiça popular! Viva o campesinato proletário e revolucionário! Viva o Kuomintang! Viva o Partido Comunista Chinês! morte aos contrarrevolucionários! Viva a revolução!”

A multidão respondeu no habitual coro.

“Viva!” o presidente da associação local dos camponeses pegou no avô Lao e começou a arrastá-lo para o centro da praça.

—

Até então em silêncio, Bang percebeu que, mesmo correndo risco de vida, teria de intervir. Tentou entregar a filha ao empregado da quinta, mas Lian-hua agarrou-se a ele ainda com mais força e não teve outro remédio que não fosse ir com a menina atrás do pai. Foi um grave erro, mas nesse instante não tinha modo de o saber.

“Esperem!”, disse. “Deixem o meu pai em paz!”

Hu estacou e voltou-se para ele com um olhar intenso e ameaçador.

“Quem é este?”

“Sou Yang Bang, filho de Lao Yang”, identificou-se. “O meu pai nada fez. É um ancião e deve ser respeitado como tal.

Deixem-no ir.” o ladrão de gado virou-se para os companheiros da associação, todos com ar de meliantes, e riram-se.

“Olhem para este!” Fez beicinho e simulou uma voz de falsete, a troçar das palavras que acabava de escutar. “É um ancião e deve ser respeitado como tal.” Nova gargalhada.

Encarou Bang de novo. “Olha lá, julgas que eu sou Kong Fuzi ou quê? Se o teu pai é um ancião, mais grave ainda!

A China velha tem de ser destruída para que a nova se erga no seu lugar, percebeste? A China velha é a dos senhores feudais, dos donos das terras e das ideias reacionárias e retrógradas de Kong Fuzi. Temos de a arrasar e erguer no seu lugar a China nova, a China do proletariado e do campesinato, a China da revolução. Vocês são o passado, nós somos o futuro. Entendes?”

“O meu pai não fez nada.”

Hu recomeçou a andar, arrastando o avô Lao.

“É um dono de terras e tem de responder por isso”, sentenciou. Voltou-se para os companheiros. “Então, camaradas? o chapéu de burro?”

um dos elementos da associação de camponeses apareceu com um chapéu de papel com as palavras Tirano Yang, dono de terras rabiscadas em tinta

ainda fresca e numa caligrafia rudimentar, evidentemente desenhadas por alguém pouco alfabetizado.

“Está aqui.” o pai estava perdido, percebeu Bang. E, se insistisse, ele próprio seria arrastado para o julgamento popular e consigo iria a filha. Não podia correr esse risco. Porém, a ética confucianista em que fora educado obrigava-o a reverenciar o pai. Como poderia deixá-lo entregue àquela gente? Na angústia da indecisão, dividido entre proteger-se a si e à filha e tentar salvar o pai e provavelmente acabar como ele, lembrou-se do cartão que nunca largara desde que meses antes o recebera pelo correio. Deitou a mão ao bolso e extraiu o pequeno retângulo, que ostentou na direção dos elementos da associação de camponeses.

“Em nome do Kuomintang, libertem-no!”

A referência ao Partido Nacionalista provocou um silêncio súbito entre os elementos da associação. Hu deteve-se e voltou-se para trás para o encarar, o olhar a chispar irritação.

“O que estás para aí a dizer?”

“O meu pai encontra-se sob a proteção do Kuomintang. maltratem-no e haverá problemas.” o presidente da associação de camponeses atirou um escarro para o chão.

“Quero lá saber. Se estás a contar com...”

“Parem.”

A ordem foi dada pelo diretor do Instituto de Formação do Movimento Camponês e arrancou um esgar de surpresa a Hu.

“O que se passa, camarada Mao?”

mao Tse-tung encaminhou-se para Bang e estendeu a mão a pedir-lhe o cartão.

“Mostra-me.” o pai de Lian-hua obedeceu.

“Aqui está.” o homem do Kuomintang e do Partido Comunista Chinês examinou o cartão, estudando com atenção a frente e depois o verso.

“Es membro do Kuomintang?”

“Com certeza”, confirmou. “Um destacamento do Exército nacional Revolucionário passou no ano passado pela nossa casa, aqui em Hunan, e o oficial que o comandava, o tenente su Tong, convidou-me para me filiar no Kuomintang. Enviou-me há meses o cartão de militante e disse que, se eu precisasse de alguma coisa, teria só de enviar uma carta para o atual quartel-general do Exército Nacional Revolucionário, em Nanchang.”

Indicou o pai. “Espero que não me forcem a fazê-lo.” mao manteve os olhos presos ao cartão de militante, já não para o examinar, mas enquanto ponderava o assunto. uma coisa era exercer a justiça popular sobre os pequenos proprietários, outra era criar problemas com alguém que militava no Kuomintang. Não que tivesse medo do Partido nacionalista. Não tinha.

Porém, não podia ignorar que o Kuomintang era aliado do Partido Comunista Chinês na frente unida que permitia a Expedição do Norte e que essa aliança tinha a sacrossanta proteção de Moscovo. Não se dizia que Estaline estava pessoalmente empenhado naquele entendimento? Além disso, ele próprio, Mao, mantinha laços próximos com Wang Jing-wei, seu protetor e um dos mais altos dirigentes do Kuomintang. Ademais, e apesar de ser membro do Partido Comunista Chinês, também ele possuía um cartão de militante do Partido Nacionalista. A última coisa de que precisava nesse momento, conseqüentemente, era de se meter com alguém que dispunha daquele tipo de ligações.

Devolveu o cartão a Bang e forçou um sorriso.

“Libertem o ancião”, ordenou. Voltou-se e encarou os elementos da associação de camponeses da zona. “A hora de expropriar todos os proprietários de terras ainda não chegou, camaradas. A reforma agrária total virá a seu tempo, fiquem descansados. Não podemos fazer tudo num único momento. sejamos pacientes.”

Com um gesto contrariado, Hu largou o avô Lao e este apressou-se a recuar para junto do filho.

“Então o que fazemos, camarada Mao?”, quis saber o ladrão de gado, a girar impacientemente o suo-biao ensanguentado na mão. “Suspendemos os julgamentos populares?” o homem do Partido Comunista Chinês manteve-se um longo instante calado, o olhar preso ainda em Bang e na filha como se contemplasse um plano alternativo. Os olhos azuis de Lian-hua haviam atraído a sua atenção, para crescente inquietação dos Yang.

"O velho vai, mas a neta fica." o alarme incendiou o rosto do pai da menina.  
"Perdão?"

A um sinal do camarada Mao, Hu colou a ponta do suo-biao ao pescoço de Bang, forçando-o a largar Lian-hua, e com a outra mão puxou-a violentamente para si.

"Pai!", gritou ela, desesperada, estendendo os braços. "Pai!"

"Deixem-na!", implorou o pai. "Deixem-na!" perante os olhares impotentes do avô Lao e sobretudo de Bang, que tinha a extremidade afiada do suo-biao ainda espetada no pescoço e mal se podia mexer, o camarada Mao agarrou em Lian-hua e arrastou-a para fora dali.

"Vai ser reeducada."

A tecla do "m" partira-se e, resmungando com a contrariedade, Artur pegou na máquina de escrever onde estivera a redigir a ordem de serviço que o general Telles lhe tinha entregue. Reprimiu a súbita vontade de a atirar ao chão, como se a sua destruição tivesse o poder de lhe aplacar a irritação, e em vez disso depositou-a com exagerado cuidado sobre a estante com a indicação escrita de ser levada para a manutenção. Depois sentou-se e, com uma caneta, encheu-se de paciência e começou a rabiscar uma requisição, desta feita solicitando uma nova máquina dactilográfica. um toque na porta interrompeu-o.

"Entre."

A porta abriu-se e um oficial que nunca vira, com galões de tenente, entrou e fez-lhe continência.

"O meu capitão dá licença?"

"O que é?" o tenente aproximou-se até se colar à secretária e estendeu-lhe um envelope.

"Tenho instruções para o levar imediatamente ao Palácio de Belém, meu capitão", disse. "Estão aqui as ordens." surpreendido com estas palavras, Artur pegou no sobrescrito e rasgou-o pela borda, retirando o documento que se encontrava no interior. Depois de o desdobrar, leu-o e constatou que eram de facto instruções para se apresentar no Palácio de Belém. O documento estava assinado pelo tenente Carvalho Nunes, que se apresentava como ajudante de campo do presidente da República. o que significaria aquilo?, questionou-se. O general Óscar Carmona acabara de ser eleito presidente da República com setecentos e

cinquenta mil votos e, aderindo ao princípio da separação da chefia do estado da chefia do governo, convidara o coronel José Vicente de Freitas para presidente do Ministério. Sentiu-se tentado a interrogar o tenente e perguntar-lhe o que lhe queria o presidente da República, mas refreou-se; provavelmente ele não conheceria os motivos da convocatória, e mesmo que conhecesse nada lhe diria, pelo que não valia a pena dirigir-lhe qualquer pergunta. De resto, e além de nada resolver, isso serviria apenas para sugerir ansiedade. não daria parte de fraco. levantou-se e foi ao cabide pegar no boné de oficial. Com ele posto, ajeitou o colarinho da farda e encarou o estafeta que lhe trouxera a convocatória da presidência da República.

“Vamos.” o ambiente no Palácio de Belém era de uma tranquilidade sonolenta, apenas quebrada pelo som metálico da sola dura das botas que tiquetaqueavam pelo chão de mármore impecavelmente brilhante. Depois de percorrerem um corredor com as paredes decoradas a azulejos, o tenente levou-o até um gabinete e indicou-lhe que entrasse. Artur cruzou a porta e viu atrás de uma secretária um oficial com galões de tenente sobre os ombros, que se levantou e fez continência.

“Ah, meu capitão!”, disse o tenente, indicando uma cadeira. “Bom dia. Sente-se aí, se faz favor.”

“Com certeza.”

Artur acomodou-se no assento indicado, o boné pousado no regaço, o tronco direito em postura marcial. O tenente, decerto o tal Carvalho Nunes que assinara a ordem a requerer a sua presença no palácio e que se identificara como ajudante de campo do presidente da República, desapareceu por uma porta ao lado da sua secretária, deixando-o sozinho.

Instantes mais tarde, o ajudante de campo reapareceu e fez-lhe sinal para a porta.

“Faça o favor de entrar, meu capitão.” sem perder tempo, Artur pôs-se de pé e cruzou a porta.

Deu consigo num salão requintadamente decorado, com sofás de pele e enormes quadros pregados nas paredes; as janelas eram grandes e estavam enquadradas por belos cortinados.

Havia ainda umas portas envidraçadas que levavam para uma varanda com vista para o jardim, com o Tejo a correr em frente. num dos lados do salão estava uma secretária sobre a qual se debruçava uma figura fardada que de imediato reconheceu como sendo o general Carmona.

“Entre, entre”, disse o anfitrião, fazendo-lhe um gesto convidativo com a mão. “Sente-se aí num sofá e esteja à vontade, capitão. Estou só a terminar a assinatura destes decretos-lei e já vou aí ter consigo. Quer tomar alguma coisa?”

“Estou bem, senhor presidente.”

---

“Então espere um pouco.”

“Às suas ordens, senhor presidente.” os sofás encontravam-se plantados junto às portas envidraçadas que davam acesso à varanda. Acomodou-se em pose hirta num canapé longo, ao lado da uma enorme poltrona, que, presumiu pela imponência e pela posição privilegiada, deveria ser a que o chefe de Estado mais usava quando recebia visitantes. Ouviu garatujar as assinaturas do general

Carmona nos diplomas que tinha a despacho e deixou-se ficar, os olhos a saltitarem entre os vários elementos da decoração, um vaso aqui, uma estatueta ali, a bandeira nacional acolá. um guincho a ranger no soalho indicou que o presidente arrastara a cadeira para trás. Como se fosse impulsionado por uma mola, Artur pôs-se de pé e ficou em sentido.

“Então como vai isso, senhor capitão?”, saudou o general

Carmona ao apertar-lhe a mão. “Desde aquela boleiazinha que lhe dei há dois anos que não nos víamos.”

“É verdade, senhor presidente. Aproveito para o congratular pela sua eleição. O povo votou em si em massa.”

“Obrigado, senhor capitão.” Fez um gesto a indicar o canapé. “Sente-se, esteja à vontade.”

“Com licença, senhor presidente.”

Acomodaram-se os dois.

De certeza que não toma nada?”

“Não, senhor presidente. Estou bem.”

“Nem um cafezinho?”

“Nada, senhor presidente. Mas agradeço a atenção.”

“Como queira”, rendeu-se o general Carmona, cruzando a perna na sua poltrona e acendendo um charuto. Fez um gesto para uns jornais pousados sobre a mesa. “O senhor tem lido a imprensa?”

---

“Sim, senhor presidente.”

“Então decerto já se cruzou com os artigos que aquele nosso companheiro de viagem da noite do 28 de maio, o doutor Salazar, tem andado a publicar...”

“Sim, senhor presidente.”

“O que acha do que ele diz?”

A pergunta deixou Artur pouco à vontade. Remexeu-se no canapé, na dúvida

sobre onde queria o seu anfitrião chegar e o que verdadeiramente pretendia dele.

"Bem...", hesitou. "Para ser sincero, os artigos do doutor Salazar no Novidades parecem-me vir na linha do que ele defendeu naquela nossa conversa, não é verdade? Se bem me lembro do que li nesses artigos, ele dá a entender que o senhor ministro das Finanças não tem mão nos gastos do estado e criticou o pedido de empréstimo que fizemos à banca inglesa e o pedido à Sociedade das Nações para que nos avalize esse empréstimo. O doutor Salazar acha que os milhões que nos venham a ceder não serão mais que um alívio momentâneo e que é preciso primeiro alcançarmos equilíbrio orçamental e pagarmos as dívidas e só depois pedirmos o empréstimo."

Fez um esforço de memória. "Creio que no último artigo, e se não estou em erro, vaticinou mesmo que a Sociedade das nações nos vai recusar o seu aval."

"Acha que ele tem razão nas suas críticas?"

"Quer dizer, da forma como vejo as coisas esse empréstimo será decerto o teste à capacidade do doutor Salazar de ler correctamente a situação, não é verdade? Será que a sociedade das Nações vai mesmo recusar-nos o empréstimo?" o general soltou uma baforada de fumo antes de responder.

"De certo modo já recusou", revelou num registo monocórdico. "A decisão ainda não foi formalizada, mas já estou na posse da informação. A Sociedade das Nações

acha que dar dinheiro a Portugal é como meter moedas no bolso roto de um vagabundo e por isso só nos avaliza o empréstimo com consignação de receitas e fiscalizando as nossas contas. Ou seja, são condições de tal modo intoleráveis que é como se o tivesse recusado. O senhor ministro das Finanças anda armado em herói, diz que não aceita condições de ignomínia e que a dignidade de Portugal está acima de tudo e mais não sei quê." Fez com a mão um movimento displicente. "Tudo conversa para enganar papalvos e esconder o fracasso." o governo depositava todas as esperanças nesse empréstimo, sabia Artur, pelo que a notícia constituía um brutal murro no estômago das finanças portuguesas.

"Se assim é..." o presidente da República aspirou o charuto e voltou a libertar uma nuvem de fumo vagamente aromático.

"Estamos encostados à parede e temos urgentemente de mudar o rumo da governação", declarou. "Acontece que os artigos do doutor Salazar o transformaram numa figura de referência. Além disso, deixou uma excelente impressão aqui em Lisboa naqueles poucos dias em que ocupou o lugar de ministro das Finanças."

"Sim? Mas na altura falei com ele e fiquei com a impressão de que nenhum



ministro aceitou aplicar as medidas que ele propôs para equilibrar as contas públicas...”

“Pois, mas as coisas mudaram, como se vê. O tempo encarregou-se de lhe dar razão. Ele previu que, se continuássemos com a mesma política, caminhávamos para a catástrofe e essa previsão parece infelizmente estar a realizar-se. Ninguém se esquece daquela frase que o doutor Salazar pronunciou quando tomou posse, não sei se se lembra: sei o que quero e para onde vou.”

—

“Oh, quem não se lembra?”

“Grande tirada! Como aqui pelos vistos ninguém sabe o que quer nem para onde vai, é bom que haja pessoas que o saibam, não é verdade? Por isso já toda a gente se capacitou de que precisamos do nosso professor de Coimbra para endireitar as contas públicas. Os monárquicos gostam dele, os conservadores liberais também e verifico entre os nossos camaradas do Exército alguma simpatia, até porque somos homens de armas e, como é natural, falta-nos a bagagem técnica que o doutor Salazar pelos vistos tem. Além do mais, a Igreja também o aprecia. Veja lá que o bispo me disse que até da Santa Sé lhe chegaram recados a interceder por ele!”

“Não me diga que o doutor Salazar é amigo do papa...”

A observação saiu espontaneamente da boca de Artur, não por ironia mas com espanto, e desencadeou uma gargalhada do presidente da República.

“Às tantas é isso”, gracejou o general Carmona. Afinou a garganta e retomou o semblante grave. “Seja como for, parece o homem de que precisamos. Lembra-se daquela comissão para a reforma fiscal que o doutor Salazar integrou há tempos?”

Falei com os outros elementos dessa comissão e disseram-me maravilhas dele. Que é muito correto e muito sereno, que é um conhecedor profundo da matéria financeira e económica e que, quando se tratou de propor medidas que prejudicavam os professores, o que significava que o prejudicavam a ele próprio, não hesitou e pôs o interesse dos contribuintes e do erário público à frente dos seus interesses pessoais.” O presidente aspirou uma baforada do charuto. “Precisamos de alguém assim. Precisamos que o doutor Salazar assuma a pasta das Finanças.” o capitão não soube o que dizer; tudo aquilo eram assuntos que verdadeiramente não lhe diziam respeito, pelo que não entendia os motivos pelos quais o general lhe falava neles. teria sido para servir de orelha amiga que fora convocado ao Palácio de Belém? Uma coisa dessas não fazia sentido, até porque decerto o presidente tinha pessoas da sua confiança que se encarregavam de escutar os seus desabafos.

“Se calhar o melhor seria falar com ele”, alvitrou quase a medo. “Talvez convidá-lo a voltar ao governo, sei lá...” os lábios do general Carmona curvaram-se num sorriso de quem não tinha vontade de se rir.

“Pensa que não o fiz já? Falei com ele, mandei o meu chefe de gabinete falar com ele, o coronel Passos e Sousa falou duas vezes com ele. O homem resiste. O senhor ministro da

Instrução, o engenheiro Duarte Pacheco, também recebeu ordens para ir a Coimbra convencê-lo, mas não acredito que seja bem sucedido.”

“Ah.” o presidente da República endireitou-se na poltrona, descruzou a perna e inclinou-se na direção do convidado.

“Daí que o tenha chamado aqui a Belém”, revelou, a voz ganhando vigor. “O senhor capitão é o joker que tenho escondido na manga.”

Artur sacudiu a cabeça, baralhado.

“Peço desculpa, não estou a entender...”

“Sabe, senhor capitão, no meio de todas estas recusas que recebi do doutor Salazar, lembrei-me da nossa viagemzinha de há dois anos e daquela conversa que tivemos no carro. preciso que o senhor capitão vá igualmente a Coimbra e me traga o homem aqui para Lisboa.”

Artur quase deu um pulo no canapé, siderado com a sugestão.

“Eu?!”

—

“É um imperativo nacional. Precisamos de uma mente brilhante com pulso forte que domine as contas públicas. se isso não acontecer, o país está perdido.”

“Mas, senhor presidente, há decerto milhentas pessoas muito mais bem posicionadas para convencer o doutor salazar a...”

“Tem de ser o senhor capitão. O senhor é o meu joker, já lhe disse.”

A insistência suscitou um esgar de estranheza no visitante.

“Se me permite, senhor presidente, porquê eu? O doutor salazar mal me conhece. Falámos duas ou três vezes, em particular nesse dia, mas não mantivemos qualquer contacto. não exerço a menor influência sobre ele, senhor presidente. nada de nada.” o general Carmona sorriu, desta vez com vontade.

“Talvez esteja enganado”, disse. “Sabe, por dever de ofício tornei-me um avaliador de homens. Acontece que naquele nosso curto passeio de carro me apercebi por pequenos sinais de que o doutor Salazar simpatizou consigo. Além do mais, ele deve-lhe a gentileza de um jantar, não é verdade? sei que apreciou as iscas com puré da senhora sua esposa.

Creia-me pois que, após tanta insistência de tanta gente, a sua voz, por pequena e insignificante que lhe pareça, poderá ser a gotinha mágica que

fará a diferença.”

“O senhor acha?”

“Tenho a certeza, capitão.”

Artur fez uma careta, pouco convencido. Avaliou o que conhecia do lente de Coimbra e tentou pensar como ele pensaria. O que o convenceria a aceitar o Ministério das Finanças? Uma ideia começou então a formar-se no seu espírito, insinuando-se com força crescente. Remexeu-se no lugar e respirou fundo.

—

“Só o poderei persuadir se vossa excelência me der um trunfo.”

“Está a pensar em quê?” o visitante hesitou. À medida que considerava a ideia e a testava com o que sabia de Salazar e o que lhe ouvira dizer nas poucas conversas que com ele tivera ia percebendo que era a única maneira de ter possibilidades de êxito na missão.

“Creio ter percebido que o doutor Salazar ficou traumatizado com a sua breve passagem pelas Finanças no efémero governo do comandante Cabeçadas e considera que ninguém aceitará as medidas de rigor que a hora exige e assim não poderá levar a cabo a sua missão. Sendo um homem orgulhoso, isto significa que precisa de garantias de que não será corrido quando as coisas apertarem.”

“Com certeza que não correrei com ele.”

“O problema, se me permite, não é vossa excelência, mas o presidente do Ministério e os restantes ministros.”

“É o próprio presidente do Ministério que o quer no governo...”

“De livre vontade?”

A pergunta pareceu atrapalhar o chefe de estado.

“Bem... na realidade fui eu que comuniquei ao senhor presidente do Ministério que não daria posse a um governo que não tivesse o doutor Salazar à frente das Finanças.”

“Pois, mas o que acontecerá quando o doutor Salazar aplicar medidas de grande rigor para endireitar as contas do estado? Continuará o presidente do Ministério a querê-lo?”

Esse é que é o problema!” o presidente da República afagou pensativamente o farto bigode branco.

“Estou a ver”, assentiu. “Que garantias poderia eu dar-lhe?”

—

“Garanta-lhe que vossa excelência não deixará que o afastem à primeira contrariedade e lhe dará o tempo necessário para endireitar as contas

públicas. Haverá por acaso alguma ideia de quanto tempo será preciso para que se alcance esse objetivo?” o presidente da República remexeu-se no seu lugar.

“Bem... os peritos da Sociedade das Nações falaram-me num mínimo de três anos.”

“Então dê-lhe a garantia de que terá esse tempo para realizar o trabalho. Garanta-lhe isso e... e eu garanto que o convencerei.” o anfitrião ficou um longo momento imóvel, a ponderar a ideia. Havia de facto a convicção de que o lente de Coimbra em Finanças e Economia Política era a pessoa certa para o lugar e o seu interlocutor tinha razão quando dizia que para ter êxito na missão que lhe entregava precisava de levar um argumento persuasivo. O general Carmona vacilou um pouco mais, pesando os prós e os contras e atormentado pela decisão, mas de repente venceu as dúvidas e o seu semblante ganhou resolução.

“Está bem, ele que conte com essa garantia.” o rosto de Artur abriu-se num sorriso.

“Excelente!” o presidente da República levantou-se da poltrona, dando assim a entender que a audiência chegara ao fim, pelo que o seu convidado também se levantou.

“Faça boa viagem, capitão.” Fez um gesto a indicar a porta. “Custe o que custar, traga-me lá o homem. Acorrentado ou numa bandeja.”

Artur caminhou para a porta com passo incerto, ciente de que corria um enorme risco. Como poderia ele, mero capitão de um regimento de engenharia, convencer um dos mais distintos académicos da Universidade de Coimbra a integrar o governo? Uma coisa dessas estava absolutamente fora de questão. Contudo, acabara de garantir ao presidente da República que lhe traria de Coimbra o seu novo ministro das Finanças.

“Vou fazer o possíveis, senhor presidente.” Pôs-se em sentido e fez continência. “Às suas ordens!” o presidente da República apertou-lhe a mão e deixou-se ficar um momento à porta, a vê-lo abalar pelos corredores com o tenente que o fora buscar ao quartel da Pontinha.

“Se for bem sucedido”, atirou o general Carmona antes de fechar a porta do gabinete presidencial, “estará a prestar um grande serviço à pátria.”

—

A visão dos europeus a circularem pela via pública, como aqueles homens de tez clara com chapéu e fatos de linho e as mulheres de cabelos de ouro com estranhos vestidos, teria em condições normais feito Bang deter-se e ficar a contemplá-los com um misto de repúdio e fascínio; no fim de contas não era todos os dias que se ia a Xangai e se podia ver em carne e osso os célebres e odiados yang guizi, os diabos do ocidente, cuja presença

ali era o símbolo vivo da humilhação chinesa às mãos das grandes potências. Aquelas circunstâncias, contudo, não eram normais.

Acabado de desembarcar na gare da grande metrópole nas margens do rio Huangpu, o único assunto que nesse momento ocupava a mente de Bang era a filha mais velha. Será que a conseguia salvar? Os ardinas gritavam aos sete ventos as notícias do dia. Uns berravam "documentos da embaixada soviética mostram que Moscovo controla os comunistas chineses!"; outros gritavam "sindicatos comunistas preparam nova greve geral!"; um deles dizia mesmo "perigo vermelho ameaça a China!" muita gente comprava os jornais para ler pormenores do escândalo dos documentos apreendidos em Pequim, ou notícias sobre as ações laborais que por esses dias se multiplicavam na cidade, ou ainda sobre a ameaça subversiva comunista que pendia sobre a China, mas Bang nada quis saber do que se passava em redor. Apenas a filha lhe interessava. meteu-se num riquexó e indicou ao cule a morada referida no papel que segurava nas mãos como se fosse a coisa mais preciosa que alguma vez possuía. Foi observando distraidamente as fachadas da Concessão Internacional enquanto o cule corria pelas ruas a puxar o riquexó. Havia polícias sikbs de turbante e soldados ingleses por toda a parte; o ambiente parecia efervescente.

"O que se passa aqui?"; perguntou na direção do cule.

"Aconteceu alguma coisa?"

"Demasiados problemas", foi a resposta do homem do riquexó, sem parar de correr. "Se houver confusão, senhor, é melhor ir para a área do Japão. É mais seguro."

"Que problemas?"

"Comunistas."

"O que fizeram eles?"

"Greves. Protestos. Está difícil, senhor. Dizem que as pessoas deixam de ter as suas próprias coisas e que o que pertence a um pertence a todos. Chamam a isso comunar. toda a gente tem medo. Parece que até querem comunar as mulheres."

"Hã?"

"É o que consta, senhor. Apareceu no jornal que organizaram em Hankou uma procissão de mulheres nuas, os corpos brancos como a neve e os peitos perfeitos. As mulheres deixam de ser de um homem e passam a ser de todos. Ayah, muita

gente ficou nervosa com isso. Então agora a minha mulher e as minhas filhas pertencem a todos? Muita gente está a..." nesse instante, e depois de meter por um desvio para evitar uma manifestação de trabalhadores chineses, o cule atrapalhou-se na manobra e quase atropelou um homem

que atravessava a rua com a cabeça mergulhada num jornal.

"Bloody chink!", vociferou o transeunte. "Eu ensino-te a meteres-te com um branco, seu macaco amarelo!"

Era um yang guizi. O ocidental, evidentemente um inglês, ergueu a bengala e bateu duas vezes na cabeça do cule.

"Solly, mister!", desculpou-se o condutor do veículo em inglês pidgin, fazendo vénias sucessivas. "Solly!" vendo que as vénias não aplacavam a ira do yang guizi, o chinês arrancou em corrida, puxando o riquexó com força, e escapou-se dali o mais depressa que pôde. Sentado no banco, Bang abandonara por instantes a filha nos seus pensamentos, tão espantado ficou com a cena que acabava de presenciar. Dizia-se que os maus tratos de chineses pelos

yang guizi eram diários em Xangai, mas uma coisa era ouvir dizer e outra ver. Tudo aquilo, pensou com um amargo sentimento de revolta a remoer-lhe o coração, resultava dos tratados iníquos a que a China havia sido submetida. Não estabeleciam esses tratados que os estrangeiros não podiam ser sujeitos à justiça chinesa, mesmo quando cometiam crimes no interior da China? Essa cláusula dos tratados iníquos conferia-lhes impunidade total e estava na origem daqueles comportamentos inaceitáveis. Ah, quando acabaria a humilhação?

"Chegámos, senhor." o anúncio do cule forçou o visitante a regressar ao presente. Bang apercebeu-se de que o veículo se imobilizara e que se encontrava já no seu destino, a marginal da Concessão Francesa. Apeou-se e, depois de pagar ao homem do riquexó, começou a percorrer à beira-rio o quai de France, indiferente ao intenso tráfego fluvial que formigava nas águas castanhas do Huangpu.

Avistou um grande junco ancorado diante da torre dos sinais pertencente ao Observatório Siccawei e foi direito a ele. Verificou o nome pintado no casco. O Lótus Escarlata.

Conferia com as indicações que recebera. Ciente de que chegara ao seu destino, dirigiu-se à prancha de acesso e viu o caminho intercetado por dois chineses vestidos à ocidental, com coronhas de pistolas a espreitarem do interior dos casacos.

"Tenho um encontro marcado com o tenente Su Tong", anunciou o recém-chegado. "Chamo-me Yang Bang e acabei de chegar de Changsha especialmente para falar com ele sobre um assunto urgente. O senhor tenente está à minha espera." um dos homens tomou nota do nome dele e, fazendo-lhe sinal de que aguardasse, desapareceu no interior do junco. quando o guarda à paisana momentos mais tarde regressou e o chamou, Bang cruzou a prancha e entrou na embarcação.

Foi conduzido por uma porta e, sempre atrás do homem que o guiava,

meteu pelo interior do junco e desceu umas escadas até desembocar num compartimento onde um vulto sentado à esquina fumava um cigarro.

"Yang Bang!", saudou-o. "Seja bem-vindo!" o fato e gravata eram inesperados, pois antes vira aquele indivíduo vestido com a farda cinzenta do Exército Nacional revolucionário. As roupas ocidentais faziam-no de certo modo diferente, embora o rosto se mantivesse o mesmo.

"Tenente Su Tong!", dirigiu-se-lhe ao reconhecê-lo, curvando-se numa vénia respeitosa. "Nem sabe como me alegro de o ver de boa saúde."

---

"Sente-se, sente-se!", convidou o oficial nacionalista. "Quer tomar alguma coisa?"

"Apenas um chá." uma amah apareceu de imediato com um copo de chá quente e o recém-chegado instalou-se ao lado do anfitrião.

"Fiquei muito preocupado com o seu telegrama", disse o tenente Su Tong, libertando um bafo de fumo. "A menina em questão é aquela sua filha de olhos azuis?"

"Essa mesmo, senhor tenente."

"Ah, encantadora. Conte-me lá o que se passa com ela."

A simples referência a Lian-hua premiu um botão emocional no peito de Bang. Ainda antes de responder sentiu os olhos humedecerem e a voz embargar-se, mas o oficial diante dele constituía a sua grande esperança pelo que respirou fundo e esforçou-se por se controlar.

"A minha menina foi raptada por homens ligados ao Exército Nacional Revolucionário", anunciou, a voz embargada.

"Sem a sua ajuda, não tenho maneira de a recuperar." o recém-chegado relatou os acontecimentos ocorridos na aldeia vizinha de Duiduishan e o anfitrião escutou-o com impassibilidade, fazendo apenas uma verificação quando Bang mencionou o nome do quadro ligado ao Exército Nacional revolucionário que levava Lian-hua. Quando o relato ficou concluído, esmagou a ponta do cigarro no cinzeiro depositado ao lado da sua cadeira.

"Contactei o tipo do Partido Comunista Chinês aqui em Xangai", disse. "Trata-se de um camarada meu da Academia de Whampoa, um fulano chamado Zhou En-lai, que está a ganhar algum destaque, não sei se já ouviu falar dele.

Disse-me que esse Mao Tse-tung que levou a sua filha é um sujeito que conta com a proteção de figuras importantes do

---

Kuomintang." Baixou a voz. "O próprio Wang Jing-wei, ao que parece."

Bang arregalou os olhos, estupefacto.

"O quê?" o espanto era legítimo, pois Wang Jing-wei era de longe o mais famoso político chinês. Tratava-se, nem mais nem menos, do herdeiro natural do fundador da república chinesa, Sun Yat-sen, e apenas o apoio do exército ao general

Chiang Kai-shek impedia que Wang, com todo o prestígio que adquirira pela sua oposição aos Qing nos últimos anos da dinastia, se tornasse o líder incontestável da China.

"A proteção de que esse Mao goza dentro do Kuomintang é de facto muito poderosa", sublinhou o oficial. "Acontece que o tipo acabou de enviar de Hunan um relatório a defender a perseguição e a matança dos proprietários de terras.

Anda tudo muito espantado com o conteúdo desse relatório, incluindo o próprio Wang Jing-wei, pois estamos a descobrir que foram colocados os bandidos da pior espécie a chefiar as associações de camponeses. O próprio Mao reconhece que são pi-zu, a ralé da sociedade, e pelos vistos essa gente tem-se dedicado a uma série de desmandos."

"Sim, foi o que vi na aldeia ao lado de Duiduishan. torturaram à nossa frente um proprietário nosso amigo, cortaram-lhe uma orelha e os tendões de um tornozelo, e depois mataram-no com um suo-biao. O meu pai apenas escapou porque felizmente eu tinha comigo o meu cartão do Kuomintang. Como é possível que uma grande figura como o honorável Wang Jing-wei dê cobertura a um bandido dessa espécie?"

"É embaraçoso, de facto", anuiu o tenente Su Tong. "Mas, por favor, compreenda. Nós no Kuomintang, incluindo Wang

Jing-wei, só agora nos estamos a aperceber da verdadeira dimensão do que se passa." Pegou num jornal pousado na mesinha ao lado, uma edição recente do Min Pao, o periódico de Hunan afeto ao Kuomintang. "Olhe para isto! o Min Pao está agora repleto de histórias de pessoas que as associações de camponeses andam a executar a torto e a direito. É incrível!"

"Foi o que vi."

"Não é só o seu caso, Yang Bang. Veja o que se passou com Hsiu Chen, o anterior comandante da guarnição de Changsha."

"Não é esse que é todo das esquerdas?"

"Era, Yang Bang. Era. O Hsiu Chen passava a vida a cantar loas aos comunistas e a defender a revolução. Até ao dia em que foi visitar a família em Yochow e o informaram de que o sogro tinha sido amarrado com um chapéu de burro na cabeça e exibido e humilhado por toda a povoação pelos bandidos da associação de camponeses que ele próprio



tanto elogiava. O homem ia tendo uma apoplexia. Como deve imaginar, toda esta situação está a criar fortes tensões entre nós e o Partido Comunista. Muitos dos nossos oficiais, que são de Hunan e têm origem em famílias rurais, começaram a descobrir que os seus familiares foram mortos ou andam a ser maltratados pelas associações de camponeses que nós próprios instituímos. Isso está a gerar imensos problemas internos, como deve calcular.”

“Vocês têm boa solução: ponham esse Mao na ordem.”

“É mais fácil de dizer que de fazer. Zhou En-lai contou-me que o próprio presidente do Partido Comunista Chinês, o professor Chen, mandou parar as matanças, mas que o Mao defende as ações das associações de camponeses, alegando que fazem parte da luta de classes e do processo revolucionário e mais não sei quê, e pelos vistos ninguém tem mão nele.”

—

“E o honorável Wang Jing-wei?”

“Terá, ele também, de lidar com o problema. Andou a proteger e a promover este Mao e agora tem esta chatice nas mãos. Wang já anda a dizer que isto foi tudo uma idiotice, que as associações de camponeses foram um erro sem precedentes e mais não sei quê. O problema é que ele contribuiu para esta situação..”

“Pois, mas no meio de tudo isso está a minha filha, senhor tenente. Ela não tem culpa nenhuma dessas confusões. Como a poderemos libertar?” o tenente Su Tong tirou um maço do bolso e extraiu um cigarro, que acendeu com um fósforo. Largou uma baforada arroxeadada e voltou a encarar o visitante, ciente de que o que tinha para dizer não era agradável.

“Não sei o que possamos fazer por ela...” não se tratava de uma resposta aceitável para Bang.

“Os comunistas que deem ordem a esse Mao para libertar a minha menina, ora essa! Ou o honorável Wang Jing-wei que o faça.”

“Não é assim tão simples, receio bem.”

“Porque não? Basta o senhor tenente falar com esse seu camarada comunista de Whampoa, o tal Zhou En-lai que pelos vistos é muito influente dentro do Partido Comunista, e ele que dê a ordem ao Mao. Ou o honorável Wang Jing-wei que lhe escreva essa ordem. Não importa quem dê a ordem, o que importa é que ela seja dada! Eu próprio levarei o envelope ao Mao se não tiverem correio. Quero é a minha lian-hua de volta!” o oficial do Exército Nacional Revolucionário parecia embaraçado. Ajeitou o cabelo e desviou os olhos para a janela, mirando as sampanas que deslizavam pelo Huangpu como se elas transportassem a resposta ao pedido. Nessa altura ouviram-se passos de alguém a descer as escadas do junco e um dos

guardas espreitou pela porta do compartimento.

“Está aqui o Orelhudo Du, meu tenente.” o olhar de Su Tong desviou-se para o seu visitante, como se lhe indicasse que precisava de privacidade para receber a pessoa que acabara de lhe ser anunciada. Bang percebeu a mensagem e levantou-se de pronto.

“Eu... eu espero lá fora.” o oficial aquiesceu, mas após uma hesitação agarrou-lhe o braço com firmeza e travou-o.

“Espere!”, disse. “Se prometer manter a confidencialidade, talvez fosse útil assistir a esta conversa.”

“Útil? Em quê?” o tenente Su Tong indicou-lhe o lugar de onde se levantara, convidando-o a voltar a sentar-se.

“Perceberá melhor as nossas dificuldades em relação à sua filha.” o som dos passos cadenciados a descerem as escadas anunciou a estranha figura que momentos depois apareceu no compartimento onde se encontravam. Du Yuecheng era um homem magro, de túnica azul manchada com nódoas de gordura. Calçava chinelos e tinha uma cabeça em formato de ovo onde se destacavam duas grandes orelhas, evidentemente na origem da sua alcunha, e uns olhos negros e impenetráveis.

Depois de trocarem cumprimentos e algumas amabilidades de circunstância, entraram no assunto.

“O general Carne de Cão tem as suas forças a postos”, anunciou o recém-chegado, referindo-se à alcunha do célebre general Zhang Zongchang, o senhor da guerra que nesse momento controlava a parte chinesa de Xangai. “Dispõe até de um comboio blindado operado por mercenários russos.”

—

“Não estamos preocupados com o general Carne de Cão”, retorquiu o homem do Kuomintang com um gesto displicente. “Quando a hora chegar, o general Chiang Kai-shek suborná-lo-á. Se isso não funcionar, o nosso exército fará o seu trabalho.” Fungou, preparando-se para entrar na questão que verdadeiramente o apouentava. “O que nos preocupa são mesmo os vermelhos.”

A referência aos comunistas extraiu uma expressão conhecedora ao Orelhudo Du.

“Pois, aí poderá de facto haver um problema”, reconheceu o gangster. “Os sindicatos vermelhos estão a planear uma nova greve geral para quando as vossas forças chegarem aos arredores de Xangai. Convém ter presente que a recente greve geral, convocada e dirigida pelos comunistas à custa de impiedosos pistoleiros de uniforme negro, e apesar de ter sido reprimida pelo general Carne de Cão, envolveu cem mil pessoas.” o tenente ponderou o número.

“É muita gente. Estão do nosso lado?” o visitante fez um gesto vago com as mãos, revelando dedos longos como garras e acastanhados pelo ópio. “Quem sabe? A ideia dos vermelhos é usarem os sindicatos como uma quinta coluna de apoio ao vosso exército, mas tenho indicações de que eles pretendem aproveitar a vossa chegada para desencadear a revolução do proletariado e transformar Xangai num soviete comunista. Parece que a teoria comunista diz que a revolução começa no operariado urbano e, se formos a ver bem, é aqui nesta cidade que está o coração industrial da China, não é verdade? portanto suspeito que a coisa poderá em breve ficar fora de controlo.” su Tong fitou o seu visitante com intensidade.

—

“Que garantias temos nós de que o Gangue Verde não se alia aos comunistas?”

A pergunta arrancou de Du Yuesheng, aliás Orelhudo Du, um sorriso sem humor.

“Sei que o vosso general tem falado com o Huang Verruguento.” tratava-se de uma referência ao líder histórico do Gangue verde.

“Há dez anos que esses contactos decorrem. Porquê?”

“Não sei se vocês já perceberam, mas quem manda agora no Gangue Verde sou eu.”

“É por isso que estou aqui a falar consigo. O negócio que o general Chiang Kai-shek há muito tempo propôs ao

Huang Verruguento é o mesmo que lhe propõe a si. Você ajuda-o, ele ajudá-lo-á.”

“O que nos oferece o vosso general?”

“O Gangue Verde nunca será incomodado pelo Kuomintang. Vocês poderão continuar no negócio do ópio e das meninas sem que ninguém levante um dedo. Mais ainda, ser-vos-á facilitada a entrada em áreas legítimas da atividade de negócios e iremos pressionar as autoridades da Concessão Internacional e da Concessão Francesa para que vos permitam abrir casas de jogo e de raparigas singsong.”

“Queremos também vender narcóticos na Concessão Internacional.”

“Hmm... não posso garantir nada, a não ser que iremos tratar do assunto com os yang guizi. Talvez eles aceitem.” o Orelhudo Du assentiu.

“Bem, parece que muitos ocidentais andam cheios de medo de ser assassinados pelos próprios empregados. E ouvi um missionário americano dizer que o maior perigo é a loucura do comunismo tomar conta da China e fazer-se ao mar para chegar à América.”

“Sim, estão de tal modo assustados com a possibilidade de a China se tornar um satélite da Rússia que, acredito eu, poderão autorizar o que quer

que seja se for esse o preço a pagar para se verem livres dos vermelhos. Portanto, acho que os yang guizi poderão deixar-vos vender ópio na Concessão Internacional em troca do ataque do Gangue Verde aos comunistas.” o gangster massajou o queixo; parecia evidente que a proposta lhe agradava.

“O que quer o general Chiang Kai-shek como pagamento de tantas benesses?”

“Deseja que vocês sejam uma espécie de mão invisível do Kuomintang, exercendo pressão sobre os capitalistas de Xangai para que financiem o partido. Eles agora deram em segredo três milhões de dólares para que os comunistas sejam escorraçados. Depois de despacharmos os vermelhos, é preciso que os homens de negócios continuem a pagar. Serão vocês a apertá-los.”

“Em que tipo de pressão está a pensar?”

“Oh, o costume. Quem se recusar a dar dinheiro ao Kuomintang leva umas estaladas ou é raptado ou fica sem os dedos... enfim, o que for preciso. A China tem de ser unificada e para isso é necessário dinheiro. Criar e manter um exército é caro, como deve calcular. Se para o financiar tivermos de recorrer a ações pouco ortodoxas junto dos capitalistas de Xangai... os fins justificam os meios, não é verdade? O importante é pôr os milionários a financiarem a revolução nacional. Digamos que é um imposto que lhes cobramos.”

“Vocês querem, pois, que sejamos o vosso músculo invisível junto dos milionários.”

—

“E não só. Esse vosso músculo começa por ser necessário para suprimir os comunistas aqui em Xangai. Sendo esta a capital financeira e industrial da China, está fora de questão deixar que os vermelhos a controlem. Uma vez que o Gangue Verde conhece a cidade muito melhor que o nosso exército, faz sentido que sejam vocês a enfrentá-los nestas ruas.” os lábios finos do visitante mantiveram o sorriso enigmático.

“Oíça, tenente, para que isso seja feito quero a garantia de que esse acordo é para valer.”

“Tem a garantia.”

“Quero-a dada a mim pelo próprio general Chiang Kai-shek. Em pessoa, se não se importa.”

“Ele virá aqui a Xangai e encontrar-se-á consigo, fique descansado.” o gangster encarou-o de olhos semicerrados, desconfiado.

“O general tem mesmo poderes? E que, segundo consta por aí, a chefia do Kuomintang emitiu uma ordem interna secreta para que ele seja detido.

Parece que Wang Jing-wei anda a mexer uns cordelinhos contra o general..."

A afirmação pareceu deixar o tenente Su Tong embaraçado.

"Pois... enfim, há de facto uns problemas internos. Nada de preocupante."

"Que problemas?"

"Existe com efeito no partido quem ache que o general se pode transformar num ditador. Para afastar esses receios, ele próprio pediu a Wang Jing-wei que assumia a chefia do

Kuomintang. O general ficará assim apenas encarregado do

Exército Nacional Revolucionário." o Orelhudo Du passou os dedos acastanhados pelos lábios.

"Hmm... não sei se isso me agrada."

—

"O seu acordo é com o general, não com o Kuomintang nem com Wang Jing-wei. Cumpra a sua parte e ele cumprirá a dele, entendeu?"

"E se o general for afastado? Quem cumprirá o acordo feito connosco?"

"Se algum político, seja ele Wang Jing-wei seja outro qualquer, tiver sucesso nas intrigas para prender o general, os oficiais do Exército Nacional Revolucionário paralisarão. o general Chiang Kai-shek foi o nosso líder em Whampoa.

Foi ele que nos formou e só a ele obedeceremos. Se Wang ainda não entendeu isso, em breve vai entender."

"Pois, esse problema é entre vocês. Mas... e nós? Se o general for preso, ou simplesmente afastado, quem cumprirá este acordo feito connosco?" o tenente Su Tong inclinou-se para a frente.

"Oíça, Du. O nosso financiador é Moscovo, mas o que vamos fazer terá como resultado inevitável o fim da ajuda russa ao Kuomintang. Isso significa que, quando atacarmos os comunistas, a principal fonte de financiamento do partido secará. O Kuomintang passará a viver sobretudo do tributo dos milionários de Xangai, percebe? Ora os capitalistas só pagarão se forem espremidos por vocês. Se o general Chiang

Kai-shek for demitido ou até preso, basta-vos parar de espremer os capitalistas e o dinheiro deixará de jorrar para o Kuomintang. Sem esse dinheiro, o partido não se aguentará. Essa é a sua garantia." Estreitou as pálpebras, para sublinhar a ideia.

"Está a entender o que lhe estou a dizer? Com o apoio dos oficiais do exército e o financiamento dos capitalistas de Xangai pressionados pelo Gangue Verde, o general Chiang Kai-shek ficará numa posição inexpugnável. Não haverá hipóteses de lhe porem a mão em cima, sob pena de paralisarem o partido e o exército. Assim sendo, vocês não têm de se preocupar."

Depois de uma nova hesitação, o chefe do Gangue Verde acabou por anuir; as condições eram demasiado tentadoras para que as ignorasse e a posição do general parecia-lhe de facto suficientemente forte. Valia a pena o risco. Além do mais, que alternativa lhe restava? Poderia alguma vez arriscar-se a ficar nas mãos dos comunistas?

"Muito bem. Então vou pôr a minha Associação de Progresso Mutua da China a lidar com os comunistas." o tenente Su Tong fez uma careta.

"Uma associação mutua? Não me parece que uma mera mutua os vá intimidar."

"Não se deixe enganar pelo nome", esclareceu o Orelhudo

Du. "A mutua é a milícia do Gangue Verde e está armada até aos dentes. Sabe, o cônsul francês anda de tal modo aterrorizado com a possibilidade de os comunistas tomarem conta de Xangai que aceitou proteger-nos. Passou-nos até meio milhar de armas para as mãos. Também o Conselho municipal da Concessão Internacional está assustado e deu-nos autorização para circularmos livremente pela cidade para enfrentar os vermelhos."

"Ah, excelente!" Esfregou as mãos, satisfeito. "Quando planeia lançar a operação?"

"Quando vocês nos derem a luz verde, claro." Fixou o interlocutor com intensidade, para tirar as dúvidas. "De certeza que o Kuomintang vai mesmo pôr fim à frente unida com os comunistas?"

"Não temos alternativa. Os vermelhos andam a fomentar problemas na província, fazendo expropriações ilegais e matando agricultores que tenham terras." Indicou Bang, que assistia em silêncio à conversa. "Ainda há dias raptaram a filha deste meu amigo, veja lá. Os nossos oficiais, muitos dos quais são de Hunan, estão fartos disso. Por outro lado, os documentos agora apreendidos na embaixada soviética em Pequim mostram que o Partido Comunista Chinês está totalmente controlado pelos russos e que Moscovo anda a conspirar para meter comunistas nas posições chave da governação, traindo assim o Kuomintang. Não andamos a fazer esta revolução para servir os interesses estrangeiros, não lhe parece? As potências ocidentais estão em pânico com a possibilidade de a China se tornar um satélite do comunismo russo. Temos de acalmar os yang guizi, que são poderosos e nos podem trazer sérios problemas, e só o conseguiremos fazer se nos dissociarmos dos bolcheviques. Além do mais, parece que o Comintern se encontra por detrás das manobras no Kuomintang para deter o general Chiang Kai-shek. Os oficiais do Exército Nacional revolucionário, insisto, foram formados pelo general Chiang Kai-shek na Academia de Whampoa e, como é bom de ver, não aceitam

uma situação dessas. O general está a par destas tramoias todas e também da miséria que os vermelhos andam a espalhar pelo país. Não só os comunistas estão a aterrorizar os proprietários de terras de Hunan como pelos vistos os piquetes vermelhos tomaram conta de Hankou e correm pelas ruas de baioneta a perseguir os homens de negócios, paralisando a economia da cidade. É uma desgraça. O general decidiu que chegou a hora de acabar com os comunistas antes que eles acabem connosco.”

“É para isso que vocês precisam do Ganguê Verde.”

“Nem mais.” Apontou para o interlocutor. “Os seus homens que deem cabo dessa gente, ouviu? Temos de os exterminar.”

“A todos?”

“A todos.” Alçou uma sobrancelha. “À exceção do Zhou

En-lai. Foi meu camarada em Whampoa. Além disso, o general Chiang Kai-shek teve-o como aluno e nutre por ele elevada estima. A esse poupem-no. Aos outros... já sabem.”

o Orelhudo Du levantou-se, dando a reunião por terminada.

“Conte connosco.”

Depois de o chefe do Ganguê Verde se despedir e abandonar o compartimento para sair do junco, Bang quebrou por fim o seu mutismo. A conversa que acabara de testemunhar deixara-o estupefacto. Era assim que se fazia política? Os políticos conspiravam uns contra os outros e negociavam com gangsters? E, mais importante ainda, preparavam-se para se matarem uns aos outros?

“Ayah! O Kuomintang vai mesmo atacar os comunistas?” o tenente Su Tong levou alguns momentos a responder. Foi à estante buscar uma garrafa de aguardente chinesa e encheu um copo em silêncio. Engoliu-o de uma assentada e quando o pôs tinha os olhos marejados pelas lágrimas libertadas pelo ardor intenso do álcool.

“Percebe agora porque nada podemos fazer pela sua filha?”

A ida a Coimbra deu a Artur o pretexto para uma muito ansiada pausa das constantes exigências da mulher. Catarina não se conformava por não ter ainda engravidado e, depois de consultar diferentes médicos e até curandeiros, ia aparecendo com novos xaropes, loções, mezinhas e óleos supostamente estimulantes da fertilidade. Logo que os usava, sempre a garantir “agora é que vai resultar”, perdia o apropriado pudor que se esperava das mulheres de idónea condição e intimava o marido a deitar “mãos à obra”, ordenando-lhe que lhe fizesse o tão desejado filho. A tarefa recaía sobre Artur quase todos os dias, o que o deixava à beira da exaustão, porque, como ele fazia questão de lembrar, “um homem não é de ferro”, pelo que a missão que lhe foi entregue pelo presidente da república não podia ter vindo em melhor hora.

A viagem de comboio para Coimbra levou metade do dia. quando Artur chegou à universidade, dirigiu-se à Faculdade de Direito e perguntou pelo doutor Oliveira Salazar.

“Olhe, vai mesmo ali ao fundo, vê?”, apontou um funcionário da faculdade. “Deve vir de uma aula de Economia política e encontrou o padre Cerejeira.” Apanhou-o junto à Porta Férrea na companhia do pároco. Vinham os dois a caminhar lado a lado, o padre de sotaina e o professor de fato azul-escuro com as calças ligeiramente curtas a deixarem ver as meias brancas e botas que calçava como um eclesiástico. Iam ambos tão embrenhados na conversa que nem repararam no recém-chegado.

“... de maneira que não sei o que faça com este convite do engenheiro Duarte Pacheco”, confidenciava Salazar. “Ele pediu-me que pusesse em ordem as finanças do estado e disse-me que, se eu não aceitasse, seriam obrigados a devolver o poder aos políticos. Esta noite até tive dificuldade em dormir.”

“Então aceita, António.”

“Mas... e se a coisa corre mal? Estou eu aqui tão bem e se aceitasse o convite teria de abandonar a minha cátedra de professor, uma perspectiva que muito me entristece. Além do mais, Manuel, é bom não esquecer que há um perigoso intervalo a separar o homem de pensamento do homem de ação.” o padre Cerejeira deteve-se e fitou-o como se o escrutinasse.

“Não me digas que estás com medo ...”

“Estou, estou com medo”, reconheceu Salazar com um movimento enfático da cabeça. “Imagina que não consigo pôr em ordem as contas do estado. Já viste a vergonha que seria? Como poderia encarar os meus alunos?” o amigo deitou-lhe a mão sobre o ombro e recomeçaram a andar.

“Não te apoquentes, estou certo de que se aceitares vais pôr o país como manda o figurino.”

—

“Não tenho tanta certeza disso”, exclamou. “Queres que eu vá sozinho deitar-me ao poço?”

“Não se trata disso, António. A situação política agora está estabilizada, já não é a confusão que era logo a seguir ao 28 de maio, e existem condições para trabalhar.”

Adocicou a voz para lhe tocar ao sentimento. “Além do mais, não te esqueças do que te disse a tua defunta mãe: aceita, meu filho, se te chamam é porque precisam de ti.” o professor hesitou, como se reconsiderasse o caso.

“E verdade que sinto em mim certa capacidade de comando...”

A observação arrancou uma gargalhada do padre Cerejeira.



"Ainda me lembro de há uns anos me teres contado que a tua vocação era ser o primeiro-ministro de um rei absoluto. não foi o padre Matteo que ainda no outro dia te disse que por detrás dessa frieza há uma ambição insaciável?" Fez um esforço de memória. "O que te chamou ele? Um... um vulcão de ambições, não foi?" o professor não respondeu porque nesse instante viu e reconheceu o oficial que se aproximara deles. Virou-se para o amigo e despediu-se prontamente.

"Ó Manuel, depois falamos", disse, antes de se voltar para Artur e tirar o chapéu e estender a mão para o cumprimentar. "Meu caro capitão! Por aqui?"

Apertaram as mãos.

"Como está, senhor doutor?"

"Ocupado, senhor capitão. Isto está pavoroso." o capitão olhou em várias direções.

"Haverá por aí algum sítio recatado onde lhe possa dar uma palavrinha, senhor doutor?"

o académico voltou a assentar o chapéu na cabeça e acenou com a mão, convidando-o a segui-lo para o edifício principal.

"Ande, venha daí." o gabinete do professor Salazar era um espaço apertado com decoração espartana. Havia um crucifixo pregado na parede e livros cuidadosamente arrumados em estantes. Algumas fotografias encontravam-se pousadas um pouco por toda a parte e a secretária estava num apurmo, com exceção de um exemplar de O Século deitado sobre uma cadeira e que assim conferia um certo ar desconchavado ao espaço. O académico precipitou-se sobre o jornal e tirou-o dali.

"Não suporto a desordem."

Enquanto o anfitrião arrumava o matutino de Lisboa num canto da secretária, dando a ideia de ser uma pessoa organizada, Artur aproximou-se das fotografias e analisou-as. um dos clichés mostrava um casal idoso. As semelhanças fisionómicas do distinto académico com a senhora retratada indicavam tratar-se dos pais. Outra fotografia apresentava uma fileira de raparigas sorridentes a enquadrarem um rapazola de ar melancólico, evidentemente o anfitrião quando adolescente, o que sugeria que as moças eram familiares, provavelmente irmãs.

"Então a que devo o prazer da sua visita, meu caro?", questionou Salazar logo que se deu por satisfeito com o apurmo do gabinete. "Não me diga que se transferiu para o regimento aqui de Coimbra..."

"Na verdade vim especificamente para falar com o senhor doutor." o professor arrebitou uma sobranceira e cravou no visitante o olhar perscrutador.

—

“Comigo?”

“Sou emissário do senhor presidente da República.”

A fisionomia do lente da Universidade de Coimbra alterou-se. Os lábios finos contraíram-se e o olhar adquiriu profundidade. Era um homem arguto e tornou-se evidente que já percebera tudo.

“Ah”, limitou-se a excluir. Indicou uma cadeira ao visitante e ele próprio instalou-se atrás da secretária. “Então conte lá o que me deseje sua excelência.”

Artur soltou uma gargalhada, quase divertido com a forma como o seu interlocutor fingia nada ter ainda entendido, e sentou-se.

“Calculo que já saiba das novidades”, disse. “O aval da sociedade das Nações ao empréstimo internacional que o governo pediu foi recusado.”

“Bem sei, bem sei.” Fez um gesto a indicar o exemplar de O Século que arrumara num canto da secretária. “Diz ali que o senhor ministro das Finanças foi recebido em ombros na gare em Lisboa pelo seu gesto patriótico de ter recusado as condições de ignomínia impostas para o aval.” Riu-se com sarcasmo. “Já viu isto, capitão? Os incompetentes são aclamados como heróis! Mas quando a poeira assentar e o país perceber que está falido, quando não houver dinheiro nem para pagar os salários, o que dirá o senhor ministro aos funcionários públicos? Que alcem patriotismo?”

“A situação é realmente muito delicada.”

“Eu bem avisei! O senhor ministro das Finanças adotou uma política de fomento com base no financiamento público que se revelou absolutamente desastrosa. A inflação disparou e a economia não arrancou coisa nenhuma. O senhor viu como eles usaram critérios duvidosos para desbaratar mais de cem mil contos do erário público só para satisfazerem uns grupozecos que os pressionavam à cata de dinheiro?”

Esboçou um semblante exasperado. “Ah, tanta incompetência, valha-me Deus!”

“Eu li os artigos do senhor doutor no Novidades. E o general Carmona também, devo acrescentar. Aliás, o senhor presidente da República ficou tão bem impressionado com a sua análise que insiste muito que o senhor doutor assumia a pasta das Finanças. É do superior interesse nacional que o faça.”

O professor Salazar desviou os olhos para lá da janela, perdendo-os no mar de telhados cor de tijolo que se espriava pelas encostas do monte até beijar as margens cintilantes do Mondego.

“Pois... a pasta das Finanças.” Respirou fundo. “Sabe, andamos a pedir

dinheiro como quem mendiga esmolas quando o que devíamos fazer era solicitar empréstimos como quem propõe negócios. Ninguém respeita um país que está sempre de mão estendida a pedinchar.” Fitou Artur. “Antes de se terem pedido os doze milhões de libras à banca de Londres e o aval à Sociedade das Nações devia-se ter alcançado o equilíbrio orçamental. Isso daria credibilidade ao pedido e poupar-nos-ia esta humilhação. Mas assim ...”

“Tem toda a razão, e é justamente por isso que o senhor doutor é tão necessário no Ministério das Finanças.” o académico fez uma careta.

“Olhe, ainda ontem cá veio o engenheiro Duarte Pacheco tentar convencer-me. Fiquei de lhe dar a resposta hoje, mas receio que sua excelência o senhor presidente da República já a conheça.”

“A resposta que ele tem é um não. Mas a minha missão é arrancar-lhe o sim. Não sairei daqui enquanto não mo der.” o professor Salazar indicou com o polegar a porta do gabinete.

“Então é melhor ir buscar a sua tenda e acampar ali à porta”, disse com um toque de acidez agreste na voz. “Previno-o de que irá viver o resto da sua vida aqui em Coimbra.”

Esta resposta fez Artur perceber que tinha cometido um erro; o interlocutor não reagia bem a posições de força nem a ultimatums. Intuiu até nele uma certa predisposição mal escondida para o autoritarismo, o que, para sua surpresa, não lhe agradou inteiramente; era de facto mais fácil exercer a autoridade do que ser dela objeto.

De imediato se recompôs, porém, racionalizando a questão e pensando que, nas circunstâncias em que o país se encontrava, o autoritarismo não era um defeito mas uma virtude. podia não ser encantador quando se estava na presença dele, é certo, mas considerando os tempos que se viviam teria com certeza a sua utilidade. Reconsiderou a tática. Se queria dar a volta ao interlocutor, teria de o enredar numa malha de argumentação convincente. Isso e alguma lisonja distribuída com subtileza, raciocinou, poderia fazer o truque.

“Mas por que razão se recusa o senhor doutor a servir o seu país?” o anfitrião esboçou um semblante escandalizado.

“Não me recuso a tal coisa!”

“Com certeza que recusa”, retorquiu com firmeza. “Pois se o senhor doutor é a pessoa mais qualificada que a nação produziu para desempenhar esta superior tarefa e se Portugal precisa de si para controlar as contas públicas e o senhor doutor se recusa a assumir essas responsabilidades, então é porque não quer servir o país.” Inclinou a cabeça, tornando-se quase intimista. “Pelo menos é isso o que os seus detratores insinuam. Mas eu, confesso, não acredito. tem de haver motivos muito fortes e de muito peso para o senhor doutor mostrar tanta relutância em aceitar o cargo.”

Esta última frase fora deliberadamente introduzida para permitir a Salazar uma escapatória honrosa, o que o académico aproveitou.

“É com efeito o caso.”

Artur manteve o tom intimista, quase de confidente.

“Não quer partilhar as suas dúvidas comigo?”, perguntou num registo macio, não esquecendo a conversa que minutos antes surpreendera quando ouvira o seu interlocutor dizer que sentia nele uma certa vontade de comando. “Pressinto que, bem lá no fundo, o senhor doutor deseja assumir esta missão sagrada. O seu sentido de dever e o seu patriotismo assim o impõem. Se me expuser a verdadeira natureza das suas reticências, quem sabe se não o poderei ajudar a limar as arestas que o incomodam...”

O professor Salazar hesitou antes de responder. Em condições normais conseguiria perceber claramente quando tentavam manipulá-lo, como era o caso. Acontece, porém, que o capitão aplicara a lisonja em doses certas e do modo mais eficiente, mascarando as suas intenções. Além do mais, o facto é que Artur se limitara a verbalizar aquilo que o académico pensava de si mesmo, e que argumentação poderia ser mais eficaz do que a coincidente com o que de facto pensamos? Bem vistas as coisas, queriam ambos chegar ao mesmo destino, a questão era escolher o caminho até lá.

“O que verdadeiramente me incomoda é a convicção de que sua excelência não tem estômago para me apoiar na missão que precisa de ser levada a cabo”, afirmou, começando enfim a abrir o jogo. “Porque, meu caro capitão, não tenha dúvidas de uma coisa: só com rigor, e estou a falar de um apertar de cinto duro e penoso, seremos capazes de sair deste buraco em que os irresponsáveis nos meteram. Se o meu amigo for estudar o que fizeram os países que salvaram as suas economias depois da guerra, verificará que há um traço comum em todos eles: a capacidade de sacrifício pelo bem comum, a capacidade de tomarem decisões difíceis e de sofrerem muito a curto e médio prazo pelo benefício a longo prazo. Olhe a Inglaterra, por exemplo. A economia inglesa foi salva pelo plano Cunliffe, que envolveu cortes drásticos da despesa e um violentíssimo aumento de impostos. Uma política destas, que salva um país e salvou a Inglaterra, só é possível com uma vontade férrea. Agora diga-me, o senhor acha sinceramente que os portugueses têm este tipo de força de vontade?”

“Bem... uh...”

“Claro que não têm! Os portugueses em geral não dispõem de juízo claro nem de vontade firme. Vamos sempre pela solução mais fácil, privilegiamos o curto prazo, sacrificamos o futuro em benefício do presente, adiamos tudo o que é difícil. Na crítica oscilamos sempre entre o elogio sebo e o insulto soez. No empreendimento falta-nos consistência, somos excessivamente entusiásticos no princípio mas quando as

contrariedades aparecem caímos de imediato no desânimo mais profundo. E isto não é só com o povo. As elites são também assim, se não piores! A minha breve passagem pelo governo, há dois anos, mostrou-me claramente que ninguém está disposto a sacrifício nenhum. Quando na reunião de governo sugeri cortes na despesa e aumentos de impostos para equilibrar as contas públicas, o senhor nem calcula a confusão que foi!

Jesus! Todos os ministros me caíram em cima!” o capitão sorriu.

“Imagino...”

“Não serei capaz de controlar as finanças públicas se o resto do governo não me acompanhar no esforço, como é evidente.”

“Mas o senhor doutor tem de reconhecer que essa sua receita de rigor pode ser contraproducente. Há quem diga que o excesso de dureza e a inflexibilidade nas finanças é prejudicial para a economia.”

Como se fizesse um esforço de paciência, Salazar respirou fundo.

“Oíça, não há soluções milagrosas nem panaceias fáceis”, admitiu. “Se fosse simples, acredite que já tínhamos saído desta situação há muito tempo. Não há nada de que um político goste mais do que de uma solução fácil que agrade a toda a gente. E justamente porque a solução é difícil e envolve sacrifícios que nós ainda nos encontramos neste buraco em que o parlamentarismo nos meteu e do qual a ditadura não nos está a tirar. O país tem quatro problemas que precisam de ser tratados em sequência: o financeiro, o económico, o social e o político. Primeiro trata-se do problema financeiro. é inquestionável que, numa primeira fase, o rigor nas finanças produz efeitos nefastos na economia. Essa primeira fase é muito dolorosa e parece que as finanças e a economia estão constantemente a guerrear-se, mas chegará o dia em que ambas se reconciliam, em que se confundem e se articulam com harmonia. Aí começa a ser criada riqueza e o problema seguinte, o económico, fica resolvido, está a perceber? Quando a economia se puser a criar riqueza, teremos de a redistribuir pelos mais necessitados, e assim resolveremos o problema seguinte, o social. Por fim, teremos de tratar do problema de fundo, que é de natureza política. Ficou claro?”

“Claríssimo.”

“Mas o primeiro problema, repito, é sempre o das finanças. temos por isso de ter perseverança para ultrapassar essa fase inicial mais complicada de amarga disciplina financeira, sem o que nada é possível. Digam os demagogos o que disserem,

esta crise só se resolve com retidão fiscal, autonegação e sacrifício. Ora teria de haver uma verdadeira revolução na maneira de ser dos portugueses, sempre mais propensos à solução mais fácil, para que se aceitassem as medidas de que o país realmente precisa. O senhor vê sinais de tal revolução no carácter dos nossos compatriotas? Eu não. Assim sendo,

o que iria eu fazer no Ministério das Finanças? Pregar aos peixes?"

"Estamos numa ditadura, senhor doutor", lembrou Artur.

"Admito que numa democracia os políticos se recusassem a levar a cabo medidas que, embora necessárias para salvar o país, envolvessem sacrifícios, uma vez que teriam demasiado medo de perder votos. Havendo uma ditadura, porém, é diferente. Os votos já não contam, as condições são diferentes." o académico esboçou um esgar carregado de ceticismo.

"Em teoria é como o senhor capitão diz, sem dúvida, mas a prática dos governos que tivemos desde a revolução do

28 de maio não está a mostrar que haja em ditadura mais força de vontade de fazer sacrifícios em benefício do futuro.

Bem pelo contrário, a situação financeira até se agravou."

Apontou-lhe o dedo. "Se o senhor capitão bem se lembra da conversa que tivemos há dois anos a caminho da sua casa, ouviu decerto as dúvidas que o general Carmona expressou a propósito do rigor nas contas quando falámos no assunto. se eu for para o governo, e no momento em que a coisa começar a doer, é minha convicção que ele cederá à pressão do facilitismo e o país voltará ao regabofe do costume. nada se resolverá verdadeiramente." Abriu os braços, como se expusesse uma evidência. "Para que hei de eu meter-me numa aventura dessas, em que só vou ganhar aborrecimentos e inimigos, se já sei de antemão que não será para levar até ao fim?"

"Mas, se for para levar até ao fim, acha que é mesmo possível inverter a situação?" salazar abriu uma gaveta da secretária.

"Claro que é", disse, extraíndo de lá uma folha garatujada a lápis. "Sabe que até já andei a fazer as contas do que seria um orçamento executado por mim?"

"Ah, o senhor doutor já andou a fazer contas..."

"Um puro exercício intelectual e académico", apressou-se a sublinhar, preocupado em esconder as suas ambições.

"Longe de mim qualquer intenção de o executar. Não porque não tivesse coragem para tal, entenda-se, mas porque não mo permitiriam."

"E se permitissem? Como seria esse seu orçamento?"

"Duro, meu caro capitão. Duro." Ajeitou a folha e espreitou-lhe o conteúdo como se se servisse de uma cábula.

"Olhe, teríamos de refrear a despesa até níveis compatíveis com as possibilidades do país. Não podemos gastar riqueza que a nossa economia não produz, não é verdade? Temos de viver com aquilo que temos." Examinou de novo a folha rabiscada de algarismos. "Cortando a sério na despesa e aumentando os impostos já existentes e criando novos impostos, teríamos... teríamos... teríamos um superavit de mil quinhentos e setenta e

seis contos.”

“Está a brincar!” o académico virou para ele a folha com as contas e, com a ponta do indicador, assinalou o saldo final registado na parte de baixo da página.

“Duvida? Ora veja!” no local indicado estava escrito 1 576 000\$00.

“Isso é a sério? O senhor doutor seria mesmo capaz de chegar ao superavit?”

“Se me deixassem fazer o que é necessário, sim.”

Artur manteve a atenção presa no papel, avaliando o que o seu interlocutor dissera e escrevinhara naquela folha, e procurando formas de dar resposta às dúvidas que Salazar levantava. Chegara a hora de avançar com o trunfo que trazia na manga.

“O senhor presidente da República pediu-me que lhe comunicasse que a aposta no senhor doutor será consequente. o general Carmona está tão determinado a contar com o senhor doutor que se compromete a forçar a sua manutenção no governo enquanto decorrer o período de estabilização das contas públicas.”

A revelação surpreendeu Salazar, que soergueu uma sobrancelha desconfiada.

“Imagine que essa estabilização leva dez anos. Ele garante que me mantém em funções durante tanto tempo?”

A pergunta apanhou Artur em contrapé.

“Bem... não diria dez anos. O senhor presidente da República dá-lhe três anos para essa tarefa. Bem vê, é o tempo mínimo que os peritos da Sociedade das Nações calculam que será necessário para equilibrar as nossas contas.”

“Ter essa garantia é importante”, reconheceu o professor de Coimbra. “Imprescindível, de resto.” o visitante estreitou as pálpebras, confiante de que o trunfo que acabara de jogar era de facto irresistível.

“O que me diz, senhor doutor?”

Após uma última hesitação, Salazar abanou a cabeça.

“Não estou convencido”, sentenciou. “Não acredito que em Lisboa me deixem fazer o que precisa de ser feito. Não acredito.”

A sombra da decepção abateu-se sobre o rosto do capitão; a resposta deixou-o desanimado. Mas não derrotado.

A verdade é que Artur mantinha presentes as palavras que minutos antes ouvira ao padre Cerejeira quando se referira ao seu interlocutor como um vulcão de ambições. Acreditava por isso que estava perto e apenas precisava de encontrar uma maneira hábil de vencer as últimas reticências. Essa convicção animou-o.

“Intuo no senhor doutor a vontade de aceitar”, disse, Tateando o terreno.

“Creio até que o anima um certo gosto pela governação...”

A observação pareceu escandalizar Salazar.

“Podemos sentir-nos capazes de governar embora não tenhamos de modo algum gosto pelo poder”, exclamou com exaltação súbita, como se um ponto sensível tivesse sido tocado. “Eu não tenho gosto pelo poder porque ele não me seduz. Não me dá nenhuma satisfação, nem ao menos a compensação natural das canseiras, das desilusões e dos sacrifícios que implica.” Apercebendo-se de que o seu tom estava deslocado, amaciou a voz e tornou-se analítico, como o académico que era. “Sabe, capitão, o poder só pode agradar aos tolos ou aos predestinados. Os tolos desejam-no pelas vantagens que dele esperam. Os predestinados gozam-no pelo que para eles representa. Todos os que, como nós, não podem enfileirar em nenhum destes grupos sentem-se deslocados. Eu compreendo quem tenha o amor do comando e sinta prazer em governar, mas esse não é o meu caso. Nada me interessando riquezas ou honrarias, não gostando de mandar, não sinto exaltação perante tal perspectiva.” Fez um semblante de desapego. “Cria, não fui feito para assumir essas funções.” um dissimulado, percebeu Artur. O professor de Coimbra ardia de vontade de aceitar, mas escondia esse desejo sob uma capa de fingido desprendimento. Como arrancar-lhe essa capa e levá-lo a aceitar o que ele na verdade queria aceitar?

Foi então que o olhar do capitão se acendeu com uma ideia. O presidente da República tinha-lhe dado ordens para levar o académico para Lisboa, custasse o que custasse, fora a expressão que então utilizara. Pois bem, levaria essa expressão até às últimas consequências. Do que o professor verdadeiramente precisava, sentiu de repente como se uma luz lhe guiasse o caminho e o fizesse ver enfim tudo claro, era de um pacto, um acordo cravado a ferros com uma espécie de caderno de encargos.

“Imponha condições.”

“Perdão?”

“Quais são as condições que o senhor doutor considera imprescindíveis para assumir o cargo e levar a sua missão a bom porto? Seria capaz de as enumerar?”

“Sabe, senhor capitão, sou um homem católico e, embora sem nunca pedir que se atue no sentido de melhorar a situação legal dos católicos, só se obterá a minha aquiescência a colaborar no gabinete desde que se assuma o compromisso formal de que o Ministério de que eu faça parte não adoptará qualquer medida que viole os direitos concedidos aos católicos por leis ou governos anteriores.”

“Penso que essa condição não é problemática”, considerou Artur. “Mas referia-me antes a condições de política de finanças...”

“Ah, estou a ver.” Hesitou. “Se quer que lhe diga, terá de haver consciência



de que represento uma política de verdade e de sinceridade, contraposta a uma política de mentira e de segredo. Uma política de verdade, dizendo-se claramente ao povo qual é a situação do país, mas também uma política de simples bom senso, contra a dos grandiosos planos que se não executam, e uma política de administração clara e simples, como a pode fazer qualquer boa dona de casa. E

como represento a política da verdade tenho de deixar claro que o equilíbrio do orçamento não pode atingir-se senão contrapondo à política de facilidades uma política de sacrifícios. Alguns irão tentar eximir-se a esses sacrifícios, mas é preciso que haja consciência de que, se venho de Coimbra, não chego positivamente da parvónia e tenho os olhos abertos e o pulso firme.”

“Com certeza, senhor doutor. Mas quais as suas condições?” o professor Salazar recostou-se na cadeira e encheu o peito de ar, desfocando os olhos e elevando-os ao teto para refletir sobre o assunto. Que condições seria necessário reunir para que aceitasse o convite e tivesse êxito na sua tarefa? Era de facto uma boa pergunta.

“Ora deixe cá ver...”, disse, arrastando a voz para ganhar tempo enquanto raciocinava. Cruzou os braços e fez um ar pensativo. “Digamos que só aceitarei ser ministro das Finanças se ficar estabelecido que todos os ministérios se limitarão à verba global que eu lhes atribuir. Ou seja, não haverá cá choraminguices a pedinchar mais dinheirinho para a Instrução ou para a Guerra ou para o que quer que seja. Darei um determinado orçamento a um ministério e o ministro terá de viver com esse dinheiro, nem mais um tostão. Se não tiver dinheiro suficiente para executar tudo o que pretende, terá de fazer opções e cortar nos gastos menos importantes. Cada ministro irá viver com o dinheiro que tem, e não com dinheiro que ele, e sobretudo o país, não tem. É assim que vivem as famílias bem governadas e será assim que viverá um governo de que eu seja responsável pelas Finanças. Está claro?”

Artur tirara já do bolso um bloco de notas e registava com rabiscos frenéticos o que lhe era dito.

“Claro e anotado”, disse quando terminou de escrever no papel. Guardou o bloco e, a respirar confiança, encarou o seu interlocutor. “Não me parece complicado. Vou falar com o senhor presidente da República e estou certo de que ele...” o académico ergueu a mão para o travar.

“Calma que eu ainda não acabei!”, revelou. “Tire lá outra vez esse seu bloco de notas porque tenho mais condições a apresentar.” o capitão voltou a pegar no caderninho das anotações.

“Ah, bom.” Reabriu o bloco e aprontou a caneta. “Então diga lá...” o professor Salazar voltou a fixar o teto enquanto visualizava mentalmente o caderno

de encargos.

“Qualquer medida de um ministério que tenha repercussão direta nas receitas ou nas despesas do Estado terá de ser previamente discutida comigo ou com quem eu indicar no meu gabinete”, disse. Fez uma pausa para aprofundar o assunto. “E, já agora, tenho ainda uma terceira condição. todos os aumentos de despesa corrente ou ordinária e todas as despesas do fomento para que não se realizem as operações de crédito indispensáveis requerem a minha aprovação prévia. Quer isto dizer que poderei vetar todas essas medidas.”

Espreitou os rabiscos que o seu visitante registava. “Tomou bem nota do que lhe enunciei?”

Artur parou momentaneamente de escrever e levantou os olhos, fitando o interlocutor.

“Isso transforma-o, na prática, num ditador das finanças...”

A observação arrancou um sorriso sibilino dos lábios finos do professor Salazar.

“Isto não vai lá com democracias, meu caro capitão”, retorquiu. “Teremos porventura de fazer algumas violências na área orçamental para conseguir reduzir a despesa.”

“Pois, tenho noção disso”, suspirou o visitante. “De qualquer modo, senhor doutor, agradeço-lhe.”

—

“Não tem que agradecer-me ter aceitado o encargo, porque representa para mim tão grande sacrifício que por favor ou amabilidade não o faria por ninguém. Faço-o pelo meu país, como dever de consciência.”

A conversa estava concluída, percebeu Artur. Pôs-se de pé e estendeu a mão ao seu interlocutor.

“Senhor doutor, foi um prazer revê-lo”, disse em jeito de conclusão. “Se não se importar, regresso agora a Lisboa para dar a boa nova ao senhor presidente da República.”

“Tenha uma boa viagem, senhor capitão.” o visitante girou sobre os calcanhares e encaminhou-se para a porta para se ir embora, mas quando calcorreava já o corredor ouviu Salazar chamá-lo. Deteve-se e, voltando para trás, espreitou para o interior do gabinete.

“Como disse, senhor doutor?”

“Relembre-me, por favor, senhor capitão. Qual é o prazo mínimo que os tais peritos da Sociedade das Nações dizem ser imprescindível para equilibrar as contas públicas?”

“Três anos, senhor doutor.” o anfitrião recostou-se na cadeira e, pela primeira vez em algum tempo, descontraiu.

“Bastar-me-á um.”

---

Não era fácil caminhar durante semanas a fio pelos arrozais alagados e sobretudo pela floresta, muito menos tratando-se de uma criança de apenas sete anos, pelo que foi com grande esforço que ao fim desse dia Lian-hua atingiu a aldeia onde o grupo se instalou. A menina havia emagrecido, tinha as pernas cobertas de lama e sentia-se suja e pegajosa. Enquanto os adultos inspecionavam as casas e inquiriam os habitantes, ela encaminhou-se para o riacho, ajoelhou-se nas margens e, usando as mãos como conchas, bebeu para aplacar a sede.

Depois de se saciar e lavar a cara, os braços e as pernas, levantou-se e subiu a um rochedo para avaliar o espaço onde se encontravam. As colinas em redor estavam cobertas de canforeiros e de árvores de ginkgo, e pelo vale abaixo estendiam-se vastos arrozais em torno do prolongamento do riacho, que se alargava e enchia os campos. Não era capaz de reconhecer o local e imaginou que, tendo o bando andado tanto, estaria muito distante do Jardim das Flores

Esplendorosas. Pelas conversas que surpreendera ao longo do caminho, descobrira que o destino do grupo era Wuhan. Nada conhecia de geografia, mas informara-se e disseram-lhe que se tratava na verdade de um conjunto de três cidades sobre o rio Yangtsé, a uns trezentos quilómetros de Changsha, e o quartel-general da frente unida entre o Kuomintang e o partido Comunista. trezentos quilómetros pareceu-lhe imenso. Voltaria alguma vez a ver a mãe e o pai? O pensamento contraiu-lhe o coração e sentiu os soluços assomarem-lhe à boca, mas não soltou nenhuma lágrima; era como se elas se tivessem esgotado após os primeiros dias de aflição, quando o medo e a saudade se derramaram pelos olhos até lhe secarem a alma.

“O que está aqui a camarada a fazer?“, rugiu uma voz furiosa. “Quem pensa que é? Ayab! Venha imediatamente ajudar a limpar a casa para o camarada Mao!” o homem que a repreendia era o camarada Hong Chao, sob cuja alçada fora colocada até chegarem a Wuhan. A missão do seu supervisor limitava-se à vigilância, uma vez que ficara decidido que a educação comunista da menina só começaria quando alcançassem as margens do Yangtsé. Até lá estava encarregada da limpeza dos sucessivos alojamentos do camarada Mao, que se mantinha vagamente fascinado pelos olhos azuis da garota que capturara na aldeia perto de Duiduishan. obediente e conformada com o seu destino, Lian-hua abandonou o rochedo e encaminhou-se apressadamente para a casa de tijolo que o chefe do grupo escolhera para seu alojamento. Como era previsível, tratava-se da melhor

residência da aldeia, de resto a única que não fora construída em adobe. Encheu um balde de água e foi buscar o pano para esfregar o chão do alojamento.

—

Ao encaminhar-se para a casa para fazer o trabalho que lhe fora destinado passou pelo camarada Mao. Com a ajuda da sua tradutora, o chefe do bando acabara de interrogar o dono da habitação que requisitara e dava ordens aos subordinados.

“Convoquem o povo para uma assembleia!”, disse nesse instante. “A justiça revolucionária tem de ser imediatamente desencadeada! Nada trava a revolução!” olhou de relance para o agricultor que acabara de ser interrogado, um homem magro e baixo de olhar assustado, e teve pena dele. Seria o supliciado do dia. Quantas vezes não vira aquilo acontecer nas últimas semanas? Não alimentava por isso dúvidas quanto ao que esperava o homenzinho. Ficara horrorizada quando observara o amigo do avô Lao a ser torturado e morto no primeiro dia, e o horror mantivera-se na primeira semana de viagem sempre que as sucessivas associações de camponeses que visitavam organizavam sessões de justiça popular, mas com o tempo, e sendo ela ainda uma criança, fora-se habituando.

Do terror inicial apenas sobrava um sentimento de piedade impotente. obedecendo às ordens, entrou na casa de onde o proprietário acabava de ser expulso e pôs-se a limpá-la, começando por esfregar o chão do quarto principal, o compartimento onde decerto o camarada Mao iria pernoitar. Em todas as aldeias o chefe do grupo escolhia a melhor casa para passar a noite, distribuindo os restantes compartimentos pelos seus criados, que designava “camaradas”. Na verdade Lian-hua não sabia o que essa palavra queria dizer, nem essa nem

“proletários” e “revolução” e outras semelhantes, mas ouvia-as tantas vezes que se tornaram parte do seu dia a dia.

o camarada Mao passava parte do tempo a vilipendiar os ricos que se rodeavam de criadagem, o que a menina não compreendia, pois não havia sido ela própria transformada numa criada? Além disso, o camarada Mao rodeava-se de gente que o servia, de um intendente e dois cozinheiros, um dos quais com a exclusiva função de lhe trazer água, uma tradutora, vários secretários e um encarregado que tratava do seu cavalo. Como podia um homem que se comportava como um senhor feudal criticar os senhores feudais?

Enquanto esfregava o chão, a menina ia pensando na comitiva que rodeava o chefe do bando. De todas aquelas pessoas, a mais curiosa seria talvez a tradutora, uma rapariga de feições agradáveis chamada Gui-yuan. Como o

camarada mao tinha um estranho sotaque e não entendia os falares das várias regiões de Hunan, apesar de ele próprio ser originário da província, era essa rapariga quem lhe traduzia tudo o que as pessoas diziam. Por vezes, à noite, surpreendia a camarada

Gui-yuan a esgueirar-se às escuras para o compartimento do camarada Mao e, minutos mais tarde, ouvia sons ritmados, como se alguém batesse continuamente na parede, e gemidos e arfares. Tinha pena dela, claro; decerto o chefe a sovava, senão como explicar tanto barulho e tantos gemidos? O estranho é que no dia seguinte a camarada Gui-yuan não parecia ressentida com o camarada Mao. Devia ser de facto uma mulher muito bondosa e obediente para perdoar com tanta facilidade. um súbito wah! da multidão arrancou-a aos seus pensamentos. A ação popular começara. Depois de passar o pano pelos móveis, abeirou-se da janela e espreitou para a praça para ver o que se passava. Os camponeses encontravam-se aglomerados à força no centro da aldeia e, mesmo no meio, observou um homem atado a uma estrutura de madeira com a forma de uma forquilha. Pendurados das árvores descaíam panos vermelhos com caracteres escritos, mas como ainda não sabia ler não os entendeu. O que compreendeu foi o que o camarada Mao ia gritando, um discurso repetitivo com as referências habituais à “burguesia exploradora” e à “revolução socialista”, expressões que, tal como as outras, não percebia mas às quais já se acostumara.

A certa altura ouviu o chefe recitar um dos seus versos. vejam-nos matar os maus proprietários de hoje. não têm vocês medo?

As lâminas cortam, uma após outra. quando ele acabou, os homens do bando aproximaram-se da vítima com os seus suo-biao e Lian-hua afastou-se da janela, não os querendo observar a cumprir a missão anunciada no poema. Ouviu-se um grito agoniado da vítima e um novo wah! da multidão. “Acaba com ele!”, gritava a turba em coro, galvanizada com o culminar da ação popular. “Acaba com ele!” um wah! final encheu o ar e instituiu-se uma algazarra geral, sinal de que o espetáculo havia terminado.

Fazia um calor húmido, como era típico de Hunan, pelo que a menina limpou o suor da testa. Sentou-se no soalho e pensou de novo no pai e na mãe. Onde estariam eles?

Conseguiriam tirá-la dali? Mas como poderiam fazê-lo se os homens que a haviam raptado eram uns brutos implacáveis? seria o pai capaz de enfrentar o poderoso camarada Mao?

Em bom rigor não alimentava muitas ilusões quanto a isso, pois lembrava-se bem de lhe ter surpreendido a impotência no olhar quando aquela gente a levava.

suspirou, desanimada embora conformada. Mais valia render-se à evidência

e aceitar o que lhe começava a parecer inevitável. Não voltaria a ver os pais.

Dormiu nessa noite ao lado do quarto do camarada Mao.

A sua missão era atender as necessidades noturnas do chefe do bando, o que, considerando os hábitos daquele homem, significava que poderia vir a ter muito trabalho. A circunstância de ter ido descarregar o balde que lhe servira de latrina, no entanto, deu-lhe alguma confiança. O camarada Mao, constatou ela, era uma pessoa que tinha dificuldade em aliviar os intestinos, pelo que tê-lo conseguido nessa noite constituía um bom augúrio. nessa ocasião a tradutora não fora visitar o chefe para as habituais sessões de castigo, constatou, mas isso apenas era bom para a tradutora, que se livrava assim da sova noturna. quanto a ela, Lian-hua, não se tratava necessariamente de uma boa notícia. Aliás, constituía mesmo um problema, pois significava que o camarada Mao não adormeceria cedo.

Murmurou, desalentada. "Querem lá ver que vai ficar a noite toda acordado?" os seus receios confirmaram-se quando viu a luz da lâmpada de petróleo acesa por baixo da porta. Como era hábito, o camarada Mao deitava-se tarde e iria passar mais uma noite a ler. Isso queria dizer que também ela não poderia dormir.

Encostou-se à parede, os olhos pesados como pedras, e assim permaneceu a aguardar que o chefe a chamasse. sem que desse por isso, escorregou para o sono. uma surpresa aguardava-a na manhã seguinte. Os primeiros raios de Sol, aliados aos habituais cantares dos galos e também ao som de vozes e de passos, despertaram-na como sempre pelo alvorecer. Abriu os olhos com esforço e focou distraidamente a figura que passava pelo corredor.

Ao reconhecê-la deu um salto na esteira, alarmada e quase em pânico. o camarada Mao estava a pé.

Como era possível? Todos sabiam que o comissário era um homem de se deitar tarde e tarde erguer. Ela tinha a função de preparar as coisas de que ele necessitava para o seu início de dia. Estando o camarada Mao acordado, isso significava que havia sido relapsa nos seus deveres e poderia ser punida. Alvorçada, vestiu-se num ápice, agarrou no jarro e correu para fora do edifício para ir buscar água ao poço. quando voltou deparou-se com o camarada Mao à porta de casa com as suas trouxas, como se se preparasse para partir.

Estava à conversa com a tradutora e com o camarada Liu Bai.

"... continuem a missão", dizia Mao a Liu. "Em Hankou estão à minha espera porque tenho trabalho revolucionário na Comissão de Terras do Kuomintang. Eles querem redistribuir as propriedades pelos camponeses de uma maneira que não ofenda os donos, mas isso é uma tolice. Vou propor que os agricultores deixem pura e simplesmente de pagar rendas e os proprietários que se danem. Uma vez os factos consumados, limitar-nos-emos a reconhecer legalmente a nova situação."

"Isso é brilhante, camarada Mao!" pelos vistos tinha havido mudança de planos e o grupo já não seguiria todo para Wuhan. O camarada Mao pousou a mão sobre o ombro de Liu e olhou em redor, como se quisesse gravar na memória a imagem da aldeia onde havia passado a noite.

"Trata bem do grupo e sê zeloso nas ações revolucionárias, camarada Liu", disse. "A revolução conta contigo, ouviste?"

"Sim, camarada Mao. Vá descansado."

"No momento oportuno dar-vos-ei ordens para irem ter comigo."

Fazendo um sinal de despedida na direcção de Gui-yuan, Mao Tse-tung começou a caminhar e passou por Lian-hua, ignorando-a. A menina estava estarrecida. Se já não iam para Wuhan, o que seria dela? Estaria condenada a errar pelas florestas de Hunan? Com que propósito?

Ficou especada a ver Mao encaminhar-se para um grupo de homens armados que os aguardavam nas suas montadas. O camarada Mao montou no seu cavalo e acenou uma última vez a despedir-se da camarada Gui-yuan, do camarada Liu e das pessoas que o observavam, antes de meter pelo trilho e desaparecer na floresta com a sua escolta.

—

Os dedos rudes de Mikhail assentaram a ponta do prego no local previamente marcado a lápis. Ergueu a outra mão, a que segurava o martelo, mas suspendeu por momentos o movimento ao escutar um som na entrada; era alguém que batia à porta. Pensou que a mulher iria atender e martelou o prego em três batidas sucessivas. Verificou o trabalho e pareceu-lhe que estava bem; o prego entrara direito. Pegou num segundo prego e assentou a ponta na marca seguinte, mas um novo toque na

madeira fê-lo voltar-se para trás.

“Tati, vai ver quem é!”

“Não posso!”, devolveu a mulher, a voz vinda do quarto.

“Estou a lavar o menino.” o menino em causa era Pavel, o terceiro filho do casal, nascido no ano anterior. Ainda pensou em chamar Nadezhda, mas conteve-se. Corria 1927 e daí a dois meses a filha mais velha, que somava já seis anos, começaria a escola. Encarava esse momento com ambiguidade. A educação parecia-lhe essencial; quem sabe se ela não se livraria do duro trabalho da terra e quando fosse adulta, a exemplo do que estava a acontecer com tanta gente, ia viver para uma cidade? Talvez encontrasse um bom emprego e...

Hesitou. Ir para as cidades seria mesmo bom?, interrogou-se, assaltado pela dúvida. Não andavam os bolcheviques a construir kommunalki, apartamentos comunitários em que punham famílias inteiras num único quarto e a partilhar cozinha e quarto de banho com os outros residentes do prédio? A ideia, disseram-lhe tempos antes em Irkutsk, era eliminar o espaço privado; o único compartimento reservado seria um quarto para o sexo. Tudo o resto que as pessoas fizessem e possuíssem seria público. Até as roupas teriam de ser partilhadas! Era esse o destino reservado aos seus filhos? que loucura!

Além do mais, e agora que se aproximava a altura de a sua mais velha ir para a escola, não podia ignorar a forma como via os comunistas encherem as crianças com as suas ideias. Diziam os bolcheviques que as queriam “nacionalizar”. Esse processo começava aos seis anos na escola e acelerava quando os alunos atingiam os dez, altura em que eram metidos nos Pioneiros, os escuteiros comunistas, e aos quinze, quando entravam no Komsomol, a Juventude

Comunista.

A perspetiva deixou-o inquieto. Iria mesmo a sua Nadezhda ser nacionalizada?

“Tcbort!”, praguejou em voz baixa ao contemplar essa possibilidade. “Que mais idiotices irão aqueles pagãos inventar?” voltaram a bater à porta, agora com mais força.

“Diz à Nadija que abra”, gritou a mulher à distância.

“Eu agora não posso.”

nadezhda estava provavelmente no quintal nesse momento a brincar com a irmã e o pai pensou que, considerando que em breve a mais velha iria iniciar uma nova etapa na sua vida, talvez o melhor fosse deixá-la gozar os seus últimos tempos de infância antes que o estado a nacionalizasse.

“Eu vou lá.” quando abriu a porta, Mikhail deparou-se com três desconhecidos plantados no alpendre, dois com ar de milicianos a enquadrar



o do meio, um homem vestido de negro com bigode fino e pera, evidentemente a tentar imitar Lenine, com certeza o seu herói, profeta e deus. Atrás deles, parado na estrada à frente da casa, encontrava-se um camião decrépito, decerto o veículo que os trouxera, com a bandeira vermelha com a foice e o martelo hasteada na carga.

“Mikhail Skuratov?”

“Sim, sou eu. O que deseja?” o homem de negro estendeu-lhe um envelope com o lacre quebrado, sinal de que havia sido violado.

“Correio para si.” mikhail pegou no sobrescrito e analisou o lacre. Não havia dúvida de que a correspondência tinha sido lida por alguém; provavelmente por aqueles mesmos indivíduos. Virou o lacre para o homem de negro com um gesto acusatório.

“Esta carta foi aberta.”

“Receio bem que toda a correspondência hoje em dia tenha de ser inspecionada para prevenir atos contrarrevolucionários suscetíveis de causar danos à justa luta dos trabalhadores. Os inimigos do proletariado podem ter sido vencidos no campo de batalha, mas permanecem escondidos por aí como ratazanas, abrigados em esgotos à espera de uma oportunidade para saírem cá para fora e contaminarem o povo com as suas ideias reacionárias. Temos de permanecer vigilantes na defesa da classe operária e dos soviets.” toda aquela linguagem redonda ultrapassava o entendimento de Mikhail, que não era versado em terminologia marxista e não se mostrava capaz de compreender algumas das palavras que o seu interlocutor metralhara, mas intuía que, de tão repetidas na boca dos bolcheviques, só podiam ser chavões sem outra função que não fosse legitimar toda a espécie de arbitrariedades.

“Bom... está bem”, aceitou o agricultor, ciente de que naqueles tempos não era prudente contestar a violação da sua correspondência; se aquela gente planeava que as pessoas partilhassem as casas e as roupas, porque não o correio? Fez sinal de que ia fechar a porta. “Obrigado por me trazerem a carta e...”

“Não tão depressa”, cortou o homem de negro, pondo o pé na entrada para impedir que a porta se cerrasse. “Temos primeiro de esclarecer umas coisinhas.” mikhail olhou para o pé do desconhecido, surpreendido com o gesto, e encarou-o de novo.

“O que se passa?” o bolchevique apontou para a carta.

“Passa-se que, ao ler essa interessante missiva, tomámos consciência de que estamos a lidar com um kulak”, indicou.

“Ou seja, um grande latifundiário.”

“Um kulak, eu?”, admirou-se o camponês. “Isso é absurdo! Não passo de um seredniaki, um camponês médio.

A minha quinta é ridiculamente pequena, mal dá para nos sustentarmos. Além do mais, quem trabalha a terra sou eu, não contrato ninguém.” o comissário político deitou um olhar analítico à propriedade. Tinha um punhado de hectares, parecia pobre e de facto não se via ninguém a trabalhá-la.

“Pois sim”, anuiu com um esgar contrariado. “Mas não é o que se depreende da leitura dessa carta. Interrogámo-nos por isso sobre o esforço que o camarada está a fazer neste seu latifúndio para sustentar as justas conquistas da revolução de outubro. Após consulta aos nossos cadernos, verificámos que daqui nunca veio qualquer contributo para o operariado. Ora quem não contribui é, por definição, um kulak.”

“Qual contributo?”, interrogou-se o agricultor, o velho ressentimento a aflorar-lhe ao rosto corado e a tirar-lhe o discernimento. “Ainda no ano passado vocês me roubaram dois sacos de batatas...” o homem de negro apontou-lhe o dedo à cara, em tom de aviso.

“Roubámos? Que linguagem é essa? O Partido Comunista não rouba, ouviu? O Partido Comunista é o povo e serve o povo, nada mais do que o povo.” mikhail quase praguejou, irritado consigo próprio por mais uma vez não ter tido tento na língua. A recordação do corretivo que sofrera no ano anterior no mercado de Irkutsk permanecia bem presente na sua memória e era uma experiência que não desejava repetir. Por isso baixou de imediato a cabeça, em submissão.

“Pois, tem razão.”

“Você é que rouba o povo. Você!” As faces rubras de cólera metamorfosearam-se num sorriso perigoso. “Mas a roubalheira vai acabar e é já. Se há fome neste país, a reacionários e kulaks da sua laia se deve. Vimos aqui requisitar as nossas colheitas.” mikhail arregalou os olhos.

“Perdão?”

“Onde estão as nossas colheitas? Elas são necessárias para alimentar o proletariado faminto que as práticas especulativas dos proprietários de terras e as políticas burguesas de açambarcamento deixaram exangue.”

“Eu... eu não tenho muita coisa”, retorquiu o agricultor, percebendo muito bem que por nossas colheitas os bolcheviques entendiam a produção dele. “As colheitas deste ano não foram boas e...” o homem de negro fez um gesto irritado.

“Desculpas, só desculpas!”, vociferou, cortando-lhe a palavra. “Olha-se para si e vê-se logo que o camarada não anda a passar fome, ao contrário dos milhões de trabalhadores e respetivas famílias por toda a União Soviética que o camarada e outros kulaks da sua laia andam a privar de alimentos. o abastecimento de cereais às cidades foi este ano metade do ano passado. Sabe o que isso significa?” Apontou-lhe o dedo acusador. “Significa que

“você estão a boicotar a revolução com os vossos açambarcamentos contrarrevolucionários!”

“Se há fome na cidade, a culpa não é minha”, defendeu-se.

“Este ano houve uma má colheita e tivemos de reduzir a venda de cereais, mas em breve tudo regressará à normalidade.”

“A produção agrícola encontra-se dez por cento abaixo da anterior à revolução e a Rússia, que foi o maior exportador mundial de cereais até 1917, agora importa-os. Como explica isso?”

“Deixe-me lembrar-lhe que logo a seguir à revolução vocês aboliram o dinheiro e começaram com as requisições forçadas. Isso desencorajou-nos de cultivar e perturbou toda a economia, como é evidente. Se não ganhamos nada em produzir, qual o incentivo para plantarmos e semearmos? precisamos dos mercados.”

“Mas a Nova Política Económica recuperou os mercados e o facto é que não regressámos aos níveis de produção anteriores à revolução”, argumentou o visitante. “Até a produção industrial está vinte e cinco por cento abaixo do que era. O país deixou de exportar e não temos sequer dinheiro para ir ao estrangeiro comprar máquinas para equipar as nossas fábricas e assim industrializar o país. Não vai agora dizer que a culpa é da revolução, pois não?” se tivesse bom senso, Mikhail saberia que, independentemente do que verdadeiramente pensasse, aquele era o momento certo para dar razão ao comissário do Partido Comunista e ficar por ali. Isso, contudo, não estava na sua natureza. Tinha uma sensibilidade prática de como a economia funcionava, e o seu temperamento, que o levava a irritar-se quando os seus interlocutores não viam o que a ele parecia evidente, impediu-o de se calar.

“Basta uma noite de incêndio para destruir uma casa, mas é preciso um ano inteiro de trabalho árduo para a reconstruir”, retorquiu com um certo desdém por ter de explicar uma coisa que tinha por óbvia. “O mesmo se passa com a nossa economia. Algumas decisões tomadas na altura da revolução deitaram abaixo a nossa produção e o processo de recuperação é lento. Deixem os mercados e as redes de distribuição funcionarem e logo verão que...” o visitante nem o quis ouvir mais.

“Quais mercados, qual quê! O socialismo científico prova que não precisamos dos mercados, que os mercados não são a solução mas o problema.” Apontou-lhe o indicador à cara.

“O que se passa é que vocês, os kulaks gananciosos, estão a sabotar a revolução! Ah, vamos pôr termo a esta pouca-vergonha e é já.” Girou a cabeça e esquadrinhou o espaço em redor. “Onde está o celeiro?”

“Qual celeiro? O senhor não vê o tamanho desta propriedade e a qualidade da terra? Mal dá para nos sustentarmos...”

o visitante saiu do alpendre com os dois companheiros no encalço e virou

os olhos em todas as direções; parecia um perdigueiro à caça.

“O celeiro?”, insistiu. “Onde está o celeiro? Onde escondeu as nossas colheitas?”

Alarmado com a situação, que parecia descontrolar-se, mikhail abandonou a casa e foi atrás dos visitantes.

“Oçam, tenham calma.” ocupado na sua busca, o homem de negro ignorou-o. um dos seus acompanhantes apontou para uma casota de madeira que se encontrava à esquerda, no quintal traseiro.

“Ali, camarada comissário!”, exclamou, excitado. “O celeiro deve ser aquilo.” Como saqueadores à caça do tesouro, os visitantes convergiram para a casota onde os Skuratov guardavam toda a comida e Mikhail percebeu nesse instante que, a menos que os conseguisse travar, a sua família iria passar fome nesse inverno.

—

“Camarada Liu!”, chamou uma voz. “Camarada Liu!” os berros sobressaltaram Lian-hua e toda a casa pareceu agitar-se. A noite já tinha caído e a menina, que estava na cozinha a lavar os pratos sujos do jantar, virou-se para a entrada do quarto do novo chefe do bando e viu a porta abrir-se. Liu apareceu com uma túnica branca e uma expressão interrogativa no rosto.

“Passa-se alguma coisa?” o homem que entrara inopinadamente em casa era o radiotelegrafista.

“Acabou de chegar uma mensagem de Xangai!”, anunciou, acenando com um papel. “Estão a matar os nossos camaradas! É uma catástrofe!”

“Quem está a matar quem? O que aconteceu?”

“São bandidos, camarada Liu! Homens de fato-macaco azuis com braceletes brancas a dizer gong chegaram junto dos nossos piquetes dos bairros de Nandao e Zhabei, em

Xangai, e puseram-se a disparar. Os nossos foram apanhados de surpresa.”

A palavra gong, todos sabiam, queria dizer trabalho, o que significava que os agressores seriam sindicalistas.

“Como é possível que camaradas nossos tenham feito isso a outros camaradas nossos?”, questionou-se o novo responsável pelo bando, confuso.

“Isso não faz o menor sentido!”

“É o Gangue Verde, camarada Liu!”, explicou o radiotelegrafista, exasperado com o raciocínio lento do chefe. “Não vê, camarada? Disfarçaram-se de operários para matar os nossos camaradas em Xangai. Só pode ser isso.”

“Quantos mortos há entre os nossos?” o radiotelegrafista agitou o papel.

“O comité central em Xangai diz que são centenas. Talvez quatrocentos mortos entre os nossos, talvez mais, não se sabe ao certo. E há muitos

feridos, camarada. Muitos.”

“Já foi lançado o contra-ataque?”

“Qual contra-ataque, camarada Liu? Eles apanharam-nos totalmente de surpresa. Não há notícia de contra-ataque nenhum. Parece que os homens de fato-macaco azul têm o apoio do Kuomintang e contam com a cumplicidade dos yang guizi da Concessão Internacional e da Concessão Francesa. é um desastre!”

“E o comité central?” o radiotelegrafista estava ofegante e tinha o olhar desvairado.

“Permanece intacto, felizmente.”

“Mas... mas... ninguém está a resistir?”

A atenção do recém-chegado regressou às anotações que havia feito momentos antes, quando as notícias de Xangai começaram a chegar nesse dia 12 de abril.

—

“Só na sede do Sindicato Geral dos Trabalhadores e nas oficinas da Imprensa Comercial”, disse, esforçando-se por se acalmar e expor o mais friamente possível a informação que recebera por telégrafo. “Os nossos camaradas conseguiram erguer aí barricadas e combateram durante algumas horas. mas o inimigo atacou com metralhadoras e artilharia pesada e eles caíram.” o camarada Liu Bai abriu a boca, estupefacto.

“O Gange Verde tem artilharia pesada?”, admirou-se.

“Mas... mas como?”

A candura da pergunta pareceu desanimar o radiotelegrafista. O que haveria ali que ele ainda não conseguira tornar claro na mente do chefe? Não era tudo tão transparente?

“O Kuomintang está por detrás disto, camarada Liu.” nenhum dos comunistas do bando conseguiu dormir nessa noite. Todas as atenções estavam voltadas para o aparelho de telegrafia sem fios, à espera de novidades, mas durante horas elas não vieram. A cair de sono e alheia a tanto nervosismo, lian-hua foi-se deitar; tinha a obrigação de servir o chefe, neste caso o camarada Liu, e sabia que precisava de acordar cedo para executar todas as suas tarefas. Tudo o resto era assunto de adultos e não lhe importava.

“... que temos de retirar”, dizia uma voz. “É a única maneira.”

“Nunca!”, devolveu outra. “A única resposta possível é o contra-ataque! Temos de o lançar imediatamente!”

Despertou ao dealbar do novo dia com homens a discutir e percebeu que poucos nessa noite se tinham ido deitar. levantou-se e começou a vestir-se, enquanto algumas pessoas dormitavam contra as paredes e outras

conversavam em voz alterada pelos corredores, discutindo soluções para a grave crise que se instalara no Partido Comunista.

"Qual contra-ataque?", questionou o primeiro homem.

"Com que exército? Como sabes, os russos exigiram que nos aliássemos ao Kuomintang e ficámos nas mãos dessa gente."

"Pois é, pois é, mas temos de fazer alguma coisa."

"Sim, mas o quê?"

"A nossa única esperança está em Wuhan. A ala esquerda do Kuomintang pode ajudar-nos, pois o Wang Jing-wei é nosso aliado. Não vês a forma como ele tem protegido o camarada mao? Só unindo-nos à ala esquerda do Kuomintang teremos hipóteses de derrubar Chiang Kai-shek."

"Isso é bom de dizer, mas o exército não obedece a Wang, obedece a Chiang. Sem o exército, estamos totalmente à mercê de Chiang. E por isso que temos de retirar. Não há alternativa."

"Bem... não te esqueças dos russos", argumentou o segundo homem.

"Também podem fazer alguma coisa. Talvez eles..."

Já vestida, saiu de casa com o jarro de água para o ir encher ao poço da aldeia, como todas as manhãs. Cruzou-se com o camarada Liu e ficou impressionada com as olheiras profundas que lhe ensombravam o olhar, sinal do seu cansaço. O chefe encaminhava-se para o edifício após uma noite que evidentemente havia passado em branco em torno do aparelho de radiotelegrafia, decerto a discutir os acontecimentos e as limitadas opções de que dispunham.

Depois de encher o jarro, Lian-hua regressou a casa e constatou que o silêncio se abatera por fim sobre o interior. Os homens que a tinham acordado quando discutiam já haviam saído, provavelmente expulsos pelo camarada Liu, que entretanto se fora deitar. Melhor assim, pensou. Pelo menos teria um dia calmo, sem ter de andar a correr de um lado para o outro às ordens do responsável pelo grupo. O chefe acordou a meio da tarde. Veio à cozinha pedir de comer e deu ordens a Lian-hua de que chamasse o radiotelegrafista; queria evidentemente saber se haviam chegado notícias. A menina saiu a correr e foi à procura do homem.

Encontrou-o de auscultadores a tomar notas junto ao aparelho de telegrafia sem fios.

"O camarada Liu..."

"Chiu!" o radiotelegrafista estava nesse momento a registar novidades. Quando terminou, juntou as suas anotações e, seguindo no encalço de Lian-hua, encaminhou-se para a casa da aldeia reservada ao chefe do bando.

Encontraram o camarada Liu sentado na copa da cozinha a devorar uma sopa de esparguete com galinha.

"Então?", quis saber o chefe com a boca cheia. "Há novas?" o

radiotelegrafista vinha esbaforido e transpirado e pôs-se em sentido diante da mesa.

“Ocorreu uma importante evolução nos acontecimentos, camarada Liu”, anunciou com voz tensa. “O camarada Zhou

En-lai convocou uma greve geral e cerca de mil trabalhadores marcharam até ao quartel de Zhabei para entregar uma petição. Puseram as mulheres e as crianças na primeira fila, de modo a servirem de barreira protetora.”

“Ah, muito bem”, aprovou o responsável do bando enquanto mastigava um pedaço de galinha. “Excelente ideia!”

“O problema é que os soldados dispararam na mesma.” o camarada Liu parou de comer e arregalou os olhos.

“ Wah!n

—

“Morreram umas vinte pessoas. Depois os soldados avançaram e mataram camaradas nossos que estavam em fuga.

Foi uma chacina.” o rosto do chefe tornara-se lívido. Passou as costas da mão pela testa para secar a transpiração nervosa que lhe brotava do cabelo e empurrou a tigela de sopa para o lado; as novas informações tinham-lhe tirado a fome.

“E agora? Quais são as ordens do partido?”

“Não há ordens, camarada Liu. O camarada Zhou En-lai foi detido e o resto do comité central passou à clandestinidade. É uma catástrofe. Não há mais ações revolucionárias.”

“Então o que fazemos?” os ombros do radiotelegrafista descaíram, numa postura de derrota e desânimo absoluto.

“O partido está paralisado.”

Enquanto Lia-hua lavava arroz na cozinha para o jantar, o chefe do grupo discutia mais uma vez na sala com os seus ajudantes o que deveria ser feito. Como acontecia desde que no mês anterior Chiang Kai-shek lançara o ataque geral contra os comunistas, os elementos do bando não chegavam a conclusão nenhuma. Esses dias estavam a ser de profunda angústia entre os membros do Partido Comunista Chinês.

As notícias iam chegando à aldeia a conta-gotas pelo aparelho de telegrafia sem fios e em geral não eram animadoras para a causa. Semana após semana, os elementos do grupo foram percebendo que também haviam sido lançados ataques contra os elementos do partido em Cantão, em

Guilin, em Ningbo, em Amoy e noutros sítios. É certo que a ala esquerda do Kuomintang, chefiada por Wang Jing-wei, mantinha em Wuhan a ligação ao Partido Comunista,

e havia ainda a boa notícia de que Zhou En-lai tinha sido libertado; a

amizade com Chiang Kai-shek não deveria ser alheia a esse acontecimento. o problema é que os bancos de Cantão e Xangai, obedecendo evidentemente a ordens do comandante do Exército nacional Revolucionário, suspenderam as relações com wuhan e desencadearam uma crise monetária que paralisou a economia nas zonas onde a ala esquerda do Kuomintang mantinha a aliança com o Partido Comunista.

Estes assuntos estavam pela enésima vez a ser discutidos à mesa quando de repente o radiotelegrafista irrompeu na casa com papéis nas mãos; todos perceberam, à custa do hábito, que havia mais novidades.

"Os mintuan estão a atacar!" ninguém ignorava que os mintuan eram as milícias dos dizhu, os proprietários de terras, pelo que a notícia desencadeou o alarme entre o bando. Apavorada, a tradutora

Gui-yuan soltou um grito de alarme e os homens puseram-se de pé, alguns a agarrarem as armas e a prepararem-se para o combate.

"Onde?", quis saber o camarada Liu, a voz esganiçada de alarme, a pistola já na mão. "Vêm pela estrada?"

"Não", corrigiu o radiotelegrafista, percebendo que tinha sido mal interpretado. "Não estão a atacar a aldeia... ainda.

Estou antes a referir-me a operações de represália em toda a província de Hunan até Hubei. Os mintuan começaram a atacar os camponeses que estiveram envolvidos em ações revolucionárias. Há oitenta mil mortos em Liling e trezentos mil mortos em Chaling, Leiyang, Liuyang e Pingjiang.

E captei uma comunicação segundo a qual o regimento de Changsha desatou também a matar camaradas nossos. é uma catástrofe."

o chefe do grupo sentou-se pesadamente na cadeira, desorientado, e pousou a pistola sobre a mesa.

"Wah! E agora?" o olhar do radiotelegrafista desceu para as suas anotações; não havia ainda esgotado as novidades.

"O partido tem novas ordens."

"Finalmente!", exultou o camarada Liu, os olhos a cintilarem-lhe com um raro brilho de esperança. "O que diz o partido?"

"São instruções de Moscovo que nos chegaram através dos camaradas em Wuhan. O camarada Estaline pretende que formemos um exército próprio. Além disso, deu-nos ordens para usarmos as nossas associações de camponeses e lançarmos uma revolta por toda a parte. Moscovo quer uma revolução imediata nas zonas rurais."

Fez-se silêncio no interior da casa enquanto estas notícias eram digeridas; tratava-se de um primeiro esboço de reação do movimento comunista, mas o seu significado permanecia incerto, sobretudo porque até então Moscovo sempre insistira em adiar qualquer revolução socialista na China.

"O quê, uma revolução nas zonas rurais?", interrogou-se o chefe do bando.



“E onde vamos nós arranjar o exército que nos pedem? Lá em Moscovo não sabem que o Kuomintang controla o Exército Nacional Revolucionário?” O radiotelegrafista voltou a perscrutar as suas anotações, como se tivesse esperança que a resposta aparecesse ali por milagre.

“Não explicam.” o chefe do bando arrancou o papel das mãos do radiotelegrafista e verificou as novidades e as instruções. Depois dobrou o papel e abeirou-se de uma janela, fitando a Lua com uma expressão angustiada. O que deveria fazer? Se os mintuan atacavam por Hunan, e estando eles em Hunan, encontrar-se-iam em segurança naquela aldeia? E se os mintuan entrassem por ali? Não era impossível... plantada a uns metros de distância, Lian-hua observava o camarada Liu na angústia da decisão. Embora fosse ainda uma criança, percebeu que ele sofria com a escolha que as circunstâncias o forçavam a fazer. A certa altura, o responsável do grupo girou sobre os calcanhares e encaminhou-se com passo resolutivo para o seu quarto, passando ao lado da menina como se ela nem sequer existisse.

“Amanhã voltamos para a floresta.”

—

A casota era relativamente pequena, mas os três estranhos dirigiram-se a ela em passo convicto, sentindo-se como justiceiros à beira de encontrar a prova do crime. Passaram por nadezhda e Anastasiya, que por ali brincavam, e espantaram as galinhas e os patos e os gansos que se lhes atravessaram no caminho. Mikhail aligeirou o passo para os apanhar, embora soubesse que não tinha meio de os travar. Gostaria de saber exprimir-se de forma mais eloquente, mas não conhecia maneira de se defender do chorrilho de afirmações enigmáticas, como “a justa luta da classe operária”, “a exploração da mão de obra do operariado pelo grande capital” e outras expressões do género cujo sentido não compreendia mas que jorravam da boca do chefe dos visitantes com a violência de farpasafiadas.

A porta da casota de madeira estava entreaberta e, empurrando com força, o comissário político escancarou-a aparatosamente e expôs o interior. Havia encostadas à parede três enxadas, uma foice, dois ancinhos e duas pás e no centro do espaço estava um arado rudimentar de tração animal. O comissário voltou-se para o agricultor, cujas duas filhas haviam parado de brincar quando viram os estranhos e se puseram atrás do pai, e apontou para o arado.

“Onde está o animal que puxa isto?”

“Não tenho. Sempre que é necessário um boi para puxar o arado ou um cavalo para a carroça, tenho um vizinho que mos aluga à jornada, senhor

comissário.” o homem estreitou as pálpebras, como se a resposta não lhe agradasse.

“Senhor comissário, não”, corrigiu-o. “Camarada comissário! O feudalismo acabou, ouviu?” não era a primeira vez que cometia o erro, apercebeu-se Mikhail, mordendo o lábio inferior para se punir a si mesmo. tinha de ter estes pormenores sempre presentes.

“Sim, senh... uh... camarada comissário.” o comissário contornou o arado e inspecionou o espaço por detrás dele. Deparou-se com uma lona negra e levantou-a para espreitar o que se encontrava guardado por baixo.

“Ah! Cá está!”, exclamou num tom triunfal. “Como explica isto?”

Deu um passo para o lado e, com um gesto brusco, retirou toda a lona e exibiu quatro sacos de batatas, duas de cenouras e dois de cebolas. Havia também duas caixas de maçãs e três caixas com peixe seco salgado.

“São as minhas reservas alimentares, camarada comissário”, justificou-se Mikhail, sem perceber onde estava o escândalo.

Apontou para as suas meninas. “Bem vê, a minha família consome o que produzo.”

Com um semblante de desaprovação, o homem de negro sacudiu negativamente a cabeça.

“O que a sua mente reacionária eufemisticamente chama reservas alimentares não passa, na verdade, da mais desavergonhada política de açambarcamento contrarrevolucionário.

Em vez de servir o povo e a classe trabalhadora, o camarada serve-se a si mesmo! É intolerável! Há gente a morrer à fome por causa de crápulas da sua laia!” o camponês não soube o que dizer; aquele raciocínio lógico assim exposto fazia sentido de uma certa maneira e com base em valores que não lhe eram familiares, mas parecia-lhe perverter tudo o que aprendera ao longo da vida, impregnando-o de uma impressão de desenraizamento. Seria condenável guardar comida para o inverno? Se não guardasse, o que iria a família comer nesses meses de rigor? Além do mais, aquela prática de séculos estava generalizada por todo o país. Como era possível fazer parecer errada uma coisa que sempre fora dada como correta?

“Mas... mas...” o comissário olhou para os seus dois homens e apontou para os sacos.

“Camaradas, levem-me isto para o camião!”, ordenou.

“Deixamos cá dois sacos de batatas.” Apontou para o exterior da casota. “A seguir apanhem metade das galinhas e dos patos e dos diversos animais que por aí andam. Está tudo confiscado em nome da revolução!” Mikhail abriu a boca de estupefação.

“Vocês não podem fazer uma coisa dessas!”, exclamou, de tal modo atónico que nem indignação conseguia sentir.

“Isso é... isso é um roubo!”

“Se fosse a si media bem as palavras”, avisou o comissário, o tom de voz e o olhar a chisparam de ameaça. “Ladrão é você, que açambarca alimentos em casa enquanto o povo morre à fome. Ladrão é você, que se apropria da riqueza do operariado. Ladrões são todos os reacionários e contrarrevolucionários e kulaks como você, que buscam o lucro e a exploração da classe trabalhadora, minando e sabotando a revolução de outubro. Mas isso não mais consentiremos, ouviu? Não mais!” Olhou para os companheiros. “Vamos!” os homens ergueram os sacos de comida que haviam encontrado na casota e começaram a transportá-los para o caminhão plantado diante da propriedade. Assombrado pelo que se passava, Mikhail esqueceu momentaneamente o medo e tentou intervir, mas a mulher, que entretanto aparecera e se apercebera do que se passava, agarrou-o e travou-o.

“Calma, Misha. Calma.” o marido tentou libertar-se.

“Calma o quê? Não vêes o que eles estão a fazer? Levam-nos a comida, as nossas reservas, a... a...”

Ela colou-lhe os lábios ao ouvido esquerdo, como fazia sempre que o queria aquietar.

“Não podemos fazer nada”, soprou. “Não sabes que o Leonid foi morto por se ter oposto ao confisco e o Yuri acabou deportado para os campos de trabalho? Não te lembras de no ano passado te terem espancado no mercado de Irkutsk porque não aceitaste que eles te levassem dois sacos de batatas? Não podemos fazer nada, meu Misha querido. nada, nada.”

“Mas... e o que vamos comer?” os homens corriam pelo quintal, procurando desajeitadamente agarrar as galinhas e os patos e os gansos, mas as aves tentavam escapar e sacudiam as asas num frenesim; voavam penas, as galinhas cacarejavam excitadas e, na confusão que se estabeleceu, os seus perseguidores chegavam a chocar uns com os outros. Tatiana desviou por momentos os olhos para as poses ridículas dos desconhecidos a tentarem cercar os animais e pensou que tudo aquilo seria risível se não fosse tão grave. Pousando a cabeça nos ombros de Mikhail, estreitou-o com mais força.

“Cá nos arranjaremos.”

Uma hora depois de os homens do Partido Comunista terem partido com quase todas as reservas alimentares da família, deixando em troca um punhado de rublos que mal dava para cobrir os custos da produção, o casal permanecia ainda sentado à porta da casota, em silêncio, a contemplar com perplexidade os dois sacos de batatas que os bolcheviques lhes tinham deixado e as aves que haviam sobrado da razia à capoeira. Olhavam como se tivessem a esperança de, de tanto olharem, enfim compreenderem o que

se estava a passar, mas por mais que olhassem apenas percebiam o que logo na altura lhes parecera evidente.

"A comida não vai chegar", murmurou por fim Mikhail, materializando em palavras o pensamento que lhe martelava a cabeça. "Não vamos aguentar o inverno só com isto."

"Não te esqueças, Misha, de que temos ainda as sementes", lembrou Tatiana. "Se eu fizer uma boa gestão na cozinha, não faltará comida no inverno." o marido atirou-lhe um olhar irritado.

"Queres comer as sementes, Tati? E o que plantamos quando chegar a época das sementeiras?"

"Com os rublos que nos deixaram compramos mais sementes."

"A quem? Não vês que faltam alimentos na cidade? Aqueles idiotas já devem ter comido as sementes todas. Além do mais estes rublos não servem para nada porque não há nada para comprar."

Tatiana sabia que isso era provavelmente verdade, mas recusou-se a aceitar a derrota.

"Vamos às propriedades vizinhas, batemos às portas das igrejas, pedimos sementes à câmara de Irkutsk... eu sei lá!

Alguma coisa haveremos de arranjar, vais ver." tratava-se de profissão de fé e Mikhail acreditava que o futuro da família não podia depender de meros golpes de sorte ou da caridade alheia. Precisava de arranjar algo sólido a que agarrar-se. Mas o quê?

"A vida aqui está a tornar-se um inferno", murmurou num tom sombrio.

"Temos de ir para outro lado."

"Para onde, Misha?"

Fazia frio, o vento soprava baixo sobre a estepe e as crianças já haviam recolhido a casa para se abrigarem. o chefe da família percorreu a pequena propriedade com os olhos, como se esperasse assim rasgar novos horizontes e encontrar resposta para a pergunta de Tatiana. Por mais que se esforçasse, contudo, não vislumbrava a menor solução.

"Não sei. Mas temos de sair daqui."

A porta das traseiras abriu-se meia hora depois e Nadezhda reapareceu no quintal. Vinha envolta num casaco, o olhar azul tão límpido como o céu, os longos cabelos louros quase brancos a dançarem pelo ar ao ritmo dos primeiros sopros do Buran, a ventania gelada que descia do Ártico e começava a atravessar em fúria a tundra e a taiga para chegar ao Baikal. Inclinando-se de modo a combater o vento, a menina aproximou-se com passos decididos da casota agrícola, de onde os pais ainda não haviam saído, e imobilizou-se diante deles.

"Temos fome." o casal trocou um olhar apreensivo. Se queriam que a família tivesse hipóteses de sobreviver ao inverno, o racionamento de

comida teria de se tornar mais apertado nessa mesma noite. Tatiana tinha consciência de que uma parte importante desse trabalho lhe cabia a ela; seria forçada a ser criativa diante das panelas.

“Vou preparar um caldo de cascas de batatas”, disse, pondo-se de pé e esforçando-se por ganhar ânimo. “Vai dar para enganar a fome.” Tatiana seguiu com a filha para casa, enquanto Mikhail desafiou o Buran glacial para ir cortar lenha. Quando juntou o que considerou uma quantidade suficiente de madeira, encaminhou-se também para casa com a ideia de alimentar a lareira.

Ao passar pela porta de entrada reparou num retângulo branco pousado sobre o soalho; era o sobrescrito que o comissário político lhe tinha vindo entregar duas horas antes.

Dobrou-se e apanhou o envelope, guardando-o no bolso das calças para ler depois de concluir a tarefa em mãos, e foi à sala despejar a lenha.

Deitou duas peças na lareira, juntou uma mão-cheia de palha e remexeu tudo com as achas incandescentes. Ficou a contemplar a lareira, à espera que o lume se reacendesse. Quando as chamas começaram de facto a crescer, dançando por entre a lenha como serpentes esquivas, descontraiu. Sentou-se no banco diante da lareira e, aquecido pelas labaredas enfim revitalizadas, retirou a carta do envelope e desdobrou-a.

“Excelentíssimo senhor Mikhail Nikolayevich Skuratov”, leu em voz baixa e tom titubeante, uma vez que a falta de instrução lhe retirava agilidade na leitura. “É com pesar que lhe escrevo para lhe comunicar o falecimento de Nikolay sergeyevich Skuratov, na manhã de...”

Calou-se, os olhos depressa humedecidos pela notícia. O pai morrera. Limpou as lágrimas e o nariz molhado com a palma da mão direita e leu até ao fim a missiva que lhe fora enviada pela autarquia da terriola perto da qual o pai residira.

A seguir releu o texto para se assegurar de que nada lhe escapara. No final da segunda leitura, Mikhail dobrou a carta e voltou a guardá-la no envelope. Verteu algumas lágrimas pelo pai, embora não muitas; os dois nunca se haviam dado muito bem e desde a morte da mãe, quando Mikhail tinha catorze anos, que ambos viviam afastados. Mikhail abandonara a Ucrânia sem intenção de voltar e o pai nem sequer chegara a conhecer Tatiana e as meninas.

Depois de se assoar, Mikhail levantou-se e dirigiu-se à cozinha. A mulher tinha uma panela ao lume e Nadezhda ajudava-a a preparar o jantar, descascando umas batatas, enquanto Anastasiya brincava no chão com uma boneca de trapos.

“Tati, sabias que a Ucrânia é a terra mais fértil da União soviética?”, perguntou ele logo que entrou na cozinha. “Há quem lhe chame até o celeiro

do país.” Tatiana virou a cabeça para trás e encarou-o, tentando perceber o sentido daquelas afirmações à primeira vista despropositadas. Conhecia-o bem e depressa entendeu onde queria ele chegar.

“Não me digas que queres voltar para a Ucrânia...”

“A terra da Ucrânia é melhor do que a da Sibéria.”

“Não duvido. Mas ao menos aqui na Sibéria possuímos esta propriedade. Na Ucrânia não temos coisa nenhuma. E não contes com a ajuda do teu pai, porque já sabes que do lado dele não vem nada. Portanto precisamos de ser realistas e viver com o que...”

A mulher calou-se a meio da frase, desconcertada por vê-lo a acenar com um sobrescrito.

“O meu pai morreu.” o anúncio foi feito de uma forma seca, como se Mikhail se tivesse limitado a informá-la de que iria chover no dia seguinte ou de que o Transiberiano passara meia hora atrasado por Irkutsk, o que por momentos a deixou sem saber o que dizer. Deveria apresentar-lhe condolências? Seria mais adequado abraçá-lo e confortá-lo? Ou, dadas as péssimas relações dele com o pai, era melhor aceitar a notícia com a mesma naturalidade com que ele a comunicava?

“Oh, Misha, lamento muito...”

Com aparente indiferença, o marido retirou a carta do envelope e, depois de a desdobrar, apontou para uma linha a meio do texto, como se a informação realmente importante da missiva não fosse a morte do pai mas a outra notícia ali contida.

“Herdei a quinta dele na Ucrânia.”

—

É verdade que a vida sem o camarada Mao se tinha tornado mais fácil. Embora as caminhadas do bando tivessem recomeçado, desde que o camarada Liu assumira a chefia do grupo e abandonaram a aldeia onde se haviam instalado durante algum tempo, a progressão pelo campo tornara-se menos desgastante. O mais importante é que se tinham acabado as ações populares sangrentas que tanto enervavam Lian-hua. O grupo limitava-se a subsistir, acampando aqui e saqueando uma casa ali, sempre a avançar sem um propósito aparente que não fosse escapar à ira das milícias dos proprietários de terras. Sendo uma criança, embora já tivesse completado os oito anos, a menina fora-se habituando às circunstâncias e começara a aceitar a realidade tal como ela se lhe apresentava, com toda a sua crueza. Na verdade todas as dificuldades que vivera desde que fora raptada aceleraram a sua maturação; era ainda uma garota de corpo, mas já uma mulherzinha de cabeça. Deixara de pensar tanto nos pais e quando o ano de 1928 chegara já nem se lembrava bem dos seus rostos.

Adaptou-se assim àquele modo de vida. De resto, que opção lhe restava? Certo dia, quando Lian-hua andava à procura de frutos silvestres, um emissário entrou no local onde acamparam com novidades. Foi um rebuliço e o camarada Liu convocou toda a gente para anunciar as ordens que acabara de receber.

“Camaradas, chegou a hora de partirmos! Recebemos instruções para nos dirigirmos para Sanwan. Preparem os vossos haveres. Saímos daqui a uma hora.” o anúncio suscitou estupefação entre os mais informados do grupo.

“Ayah! Sanwan não é a zona do Yuan Wen-cai, camarada liu?” o chefe interino do grupo esboçou um esgar indiferente, como se a questão que lhe era apresentada fosse irrelevante.

“É lá que está o camarada Mao.” o grupo arrumou as suas coisas e, ganhando enfim propósito, rumou ao novo destino. Lian-hua não ia tranquila, pois o camarada Mao era uma figura que a deixava nervosa e saber que o iria reencontrar não se lhe afigurava a melhor das perspectivas, mas mais perturbada ficou quando, pelo caminho, foi escutando observações soltas de elementos do grupo. é certo que Sanwan ficava pelos vistos a poucas centenas de quilómetros de Changsha, o que significava que iria permanecer na província de Hunan ou lá por perto. Mantinha assim a esperança, embora sempre ténue, de um dia regressar ao Jardim das Flores Esplendorosas. O problema é que o tal

Yuan Wen-cai era, pelo que se contava, um bandido da pior espécie. O grupo encaminhava-se para uma zona de malfeitores.

o medo tomou conta dela e, durante os dias que durou a caminhada, a menina fez questão de permanecer sempre por perto do camarada Liu e da sua espingarda protetora.

Ao quinto dia de viagem, quando se aproximavam já pelo final da manhã de uma ribanceira, Lian-hua e os companheiros ouviram os cliques das espingardas a serem armadas e o grupo imobilizou-se, ciente de que caíra numa emboscada.

“Alto!”, gritou uma voz. “Que ninguém se mexa ou disparamos!”

Assustada, olhou em todas as direções e apercebeu-se de que havia vultos escondidos no meio da vegetação. Estavam cercados. Seriam os bandidos do tal Yuan Wen-cai? Como sairiam daquela situação aflitiva? Dois homens armados abandonaram a verdura e ocuparam o trilho, cortando-lhes o caminho; vestiam fardas verdes sujas de pó, com uma estrela vermelha cosida na boina. Lian-hua olhou para o camarada Liu, esperando dele a solução que a todos salvasse. O chefe mostrava-se tenso, a espingarda preparada e o dedo no gatilho enquanto perscrutava os homens em frente, mas de repente viu-o descontrair e sorrir com alívio.

“São os camaradas!” logo que reencontraram o camarada Mao, Lian-hua

regressou às velhas funções de encarregada de limpeza dos aposentos do camarada chefe. Apenas com tempo para engolir à pressa uma tigela de arroz, foi prontamente encaminhada pela tradutora para a residência. Quando viu a casa onde iria trabalhar quase perdeu a respiração.

"Quero o Pavilhão num brinquinho, ouviste?", disse-lhe a bela camarada Gui-yuan. "Olha que isto não é nenhuma das pocilgas que estás habituada a frequentar..."

—

A casa era conhecida por Pavilhão, mas o que se erguia diante dela afigurava-se-lhe um edifício maravilhoso, melhor ainda do que o elegante pavilhão do avô Lao no Jardim das

Flores Esplendorosas. A residência do camarada Mao era uma vasta estrutura octogonal com um jardim que desembocava num riacho, o espelho de água coberto de nenúfares e flores de lótus. O que se revelou mais surpreendente foi o teto, composto por três níveis de painéis de madeira que se elevavam em espiral até ao telhado, quase como um pagode.

"Esta casa é do camarada Mao?"

Apesar de formulada inocentemente por uma criança, a pergunta continha o seu quê de impertinente e atraiu por isso sobre Lian-hua um olhar de censura da tradutora, como se a avisasse de que não devia meter-se onde não era chamada.

"A casa é do povo." o que queria aquilo dizer?, interrogou-se a menina. o povo viveria todo naquela casa? Caberia toda a gente lá?

A resposta da camarada Gui-yuan deixou-a intrigada, mas calou as muitas perguntas que lhe ocorriam. sabia o que se esperava dela, pelo que entrou no Pavilhão e de imediato começou as limpezas pelo quarto do camarada mao. Tratava-se de um compartimento espaçoso e requintadamente decorado. Se a casa era do povo, significaria isso que a população inteira viveria em condições tão apazíveis? mas onde? Embora o edifício fosse grande, não lhe parecia tão grande como isso e por mais que espreitasse pela porta do quarto não vislumbrava assoalhadas que chegassem para todas as pessoas da aldeia.

Depois de despachar os aposentos do camarada Mao, lian-hua passou para o corredor e seguiu para as assoalhadas adjacentes. Numa delas, por sinal um compartimento minúsculo, encontrou um homem de meia-idade sentado na borda da cama com as mãos a tapar a cara; dava-lhe a impressão de que chorava. Não o quis incomodar e, com pés leves, afastou-se e percorreu o corredor na direção contrária, onde se encontravam as salas.

"... em Wuhan não correu nada bem", dizia uma voz que reconheceu como pertencente ao camarada Mao. "O Kuomintang desiludiu-me."



“Porquê? O Wang Jing-wei não te ajudou?” o camarada chefe do grupo conversava com a camarada Gui-yuan na sala de jantar, onde ambos comiam nessa altura, pelo que Lian-hua não se atreveu a entrar. Quanto menos aquele homem a visse, raciocinou, melhor. Preferia ter voltado aos quartos para os limpar outra vez e assim manter-se longe dali, mas sentiui relutância em perturbar o desconhecido que chorava. Além disso, a sala de estar, contígua à de jantar, encontrava-se de tal modo desarrumada que percebeu que teria problemas se não a pusesse imediatamente em ordem. De pronto deitou mãos à obra.

“Ele foi a maior desilusão”, respondeu o camarada Mao, prosseguindo na sala de jantar a conversa com a tradutora.

“Ainda pensei em manter-me no Kuomintang, mas o Wang não ficou nada contente com aquele meu relatório sobre a ação das associações de camponeses aqui em Hunan. Disse que tínhamos posto bandidos à frente das associações e que eles só sabem roubar e matar.”

“Bem... isso é um pouco verdade, Shi san ya-zi.” shi san ya-zi, ou Rapaz de Pedra, era a alcunha que as pessoas mais próximas do camarada Mao usavam com ele em momentos de maior intimidade.

“Claro que é verdade. E então? A revolução faz-se assim. é preciso destruir para depois reconstruir com novas bases.

temos de arrasar a China se queremos desencadear a revolução socialista. Os bandidos que pusemos à frente das associações de camponeses são instrumentos da revolução e têm de ser assim encarados. Dizem que os pizu, a ralé, tomaram conta do poder. E então? Foi essa gente que ergueu as suas mãos rudes contra os nobres, contra os senhores feudais, e está a fazer a revolução. Aqueles que estavam cá em baixo passaram a mandar em tudo e não é isso uma revolução? não é isso virar tudo do avesso?”

“Mas esta via não será cruel?”

“Cruel? Bem... sim, é claro que, ao fazerem o que querem e ao virarem tudo de pernas para o ar, as associações de camponeses instituíram uma espécie de terror nas zonas rurais. E então? Quando os senhores feudais estavam no auge do seu poder não matavam os camponeses sem pestanejar?

Andaram tempos infinitos a tyrannizar os agricultores e a espezinhá-los e admiram-se de as gentes das terras reagirem agora tão brutalmente? Quando são os senhores feudais a morrer as execuções já se tornam cruéis? E antes, quando eram eles a matar os camponeses pobres? Não eram cruéis?

É necessário criar o terror durante algum tempo em cada zona rural, caso contrário será impossível suprimir as atividades dos contrarrevolucionários e derrubar a autoridade dos senhores feudais.”

"E essa violência toda não te choca?" mao fez uma pausa antes de responder.

"A violência, se queres que te diga, deixa-me num êxtase que não sei explicar. Sinto-me como que embriagado, percebes? é uma coisa absolutamente maravilhosa. Maravilhosa!"

"Sim, está bem", devolveu a camarada Gui-yuan, nada interessada em debater o assunto. "O problema é que o wang não gostou do que leu no teu relatório."

"Pois, não gostou. Tentei convencê-lo de que este era o caminho certo, que só assim a revolução era possível, que a violência não deve ser condenada mas exaltada, que o terror é necessário durante um certo tempo. O problema é que ele não quis saber. Disse que isto são crimes, que as associações de camponeses são um erro e acusou-me de ser responsável pelo que se está a passar aqui em Hunan."

"Zangou-se contigo?"

"Pior. Conheces aquele indiano do Comintern, o Roy? Esse idiota teve a infeliz ideia de mostrar ao Wang o telegrama de moscovo a ordenar-nos que desencadeemos imediatamente a revolução socialista e criemos um exército comunista."

"O quê? Ele mostrou isso ao Wang? Mas... mas o que lhe passou pela cabeça?"

"Deve ter pensado que o Wang ficaria intimidado e alinharia logo conosco. No entanto, o que aconteceu foi exatamente o contrário. O Wang ficou arrepiado quando leu o telegrama. Decidiu cortar imediatamente com o Partido

Comunista, acusando-nos de estarmos nas mãos dos estrangeiros, e iniciou contactos para se reconciliar com Chiang

Kai-shek. O Kuomintang elaborou uma lista de militantes que pertenciam simultaneamente ao Partido Nacionalista e ao Partido Comunista e que teriam de ser presos." Fez uma pausa. "Soube que o meu nome consta dessa lista."

"Fiquei em estado de choque, como deves calcular. Lembro-me que nesse dia chovia que se fartava e recolhi-me ao pavilhão da Grua Amarela para refletir. Não sabia para onde me havia de voltar, sentia-me perdido. O Kuomintang, que tão bem me tratara, mandava que me prendessem! Como era possível uma coisa daquelas? Foi nessa altura que decidi que, se o Kuomintang me rejeitava, eu também rejeitaria o

—

Kuomintang. O meu destino, percebi, inscrevia-se nas vagas tumultuosas da revolução socialista. E assim aqui estou eu."

A camarada Gui-yuan suspirou.

"Aqui estamos", corrigiu. "E agora, Shi san ya-zi? O que vamos fazer?"

"A revolução, claro."

"Revolução, revolução...", murmurou ela como se matutasse naquela palavra.

"Isso assim é fácil de dizer. Mas para fazer uma revolução precisamos de soldados. Onde os vamos arranjar?"

"O partido ofereceu-mos."

"O quê?!"

"Como te disse, o Kremlin deu-nos instruções para iniciarmos imediatamente a revolução socialista e criarmos um exército comunista. Acontece que a unidade do Exército Nacional Revolucionário que estava estacionada em Nanchang se manteve fiel ao Partido Comunista, pelo que decidimos usá-la. Seguindo ordens do camarada Zhou En-lai, a unidade amotinou-se e encaminhou-se para a costa para receber armas de um navio russo. Convenci o comité central a ceder-me temporariamente esses homens para lançar no período das colheitas deste outono uma campanha de revoltas de camponeses aqui em Hunan. os soldados foram-me de facto entregues. Cancelei então essa campanha e disse que ia usar os homens para atacar Changsha, mas as coisas correram mal e trouxe-os aqui para Sanwan."

"Sem o partido saber?"

"Sim."

"Ah! E como é que eles reagiram?" mao soltou uma gargalhada.

"Estão piores que baratas! Moscovo diz que tudo isto não passou da paródia de uma revolta e o comité central em Xangai acusa-me de erros políticos."

—

A tradutora e amante do chefe não se juntou à casquinada.

Em vez disso, manteve um olhar reprovador.

"Não te rias, Shi san ya-zi. Se irritares demasiado o partido, isso pode ser a tua perdição. Já alienaste o Kuomintang, não podes agora alienar o Partido Comunista."

"Não te preocupes. Apropriei-me da unidade de Nanchang e vou fazer uso adequado dela. Será o germen do nosso exército. Já o batizei e tudo. Tornou-se o primeiro regimento da primeira Divisão do Exército Revolucionário dos Trabalhadores e Camponeses."

"Belo nome", aprovou ela. "Mas achas mesmo que precisamos de um exército?"

"Então não precisamos? O facto de nos termos transformado numa espécie de parasita que vivia à custa de um corpo hóspede, o Kuomintang, foi um dos nossos maiores erros. Há muito tempo que venho a chamar a atenção

para isso. Andámos demasiados anos a criticar o Kuomintang por se preocupar com questões militares e a achar que basta acicatar as massas e a revolução acontece espontaneamente. totalmente errado! Chiang-Kai shek emergiu a empunhar uma arma, ou não foi? E nós? Sempre descurámos essa questão. Ora, digam o que disserem, é impossível as massas provocarem a revolução sem apoio armado. Os camponeses não têm estômago para a luta, tudo o que querem é ser bem governados. Só lutarão se forem enquadrados por um exército, o que significa que a partir de agora temos de dedicar maior atenção às questões militares. Há que compreender que o poder político está na ponta das espingardas.”

“Mas não é essa a doutrina marxista do socialismo científico”, lembrou ela. “A doutrina prevê revoluções espontâneas quando o capitalismo atinge um determinado grau de desenvolvimento. ”

mao revirou os olhos com desagrado; embora fosse um teórico, considerava-se também uma pessoa pragmática.

“Temos de nos adaptar às circunstâncias especiais da China”, disse, evitando assumir que havia erros na doutrina científica. “Os próprios russos, que andam sempre a dizer que a revolução se faz nas cidades porque é aí que está o operariado, reconhecem que esse princípio doutrinário não se aplica na China. Há pouquíssimos operários no nosso país, como sabes. A China é um país rural, nove em cada dez chineses vivem no campo. A revolução não se fará nas cidades, como consta nos manuais do socialismo científico, mas na província. E o campesinato que temos de incendiar, percebes? De resto, já Lenine o tinha entendido. Mas os idiotas do nosso comité central não veem nada disso. Criaram um partido proletário num país onde não há proletários. Ainda por cima, o Kuomintang agora expulsou-nos das cidades. Como é possível um partido comunista que depende do operariado sobreviver longe do operariado?”

“Então qual é a solução?”

“Não é evidente?”, retorquiu o camarada Mao, indicando a janela com um gesto. “É o campo. Temos de fazer a revolução entre os camponeses. Repara que os homens do nosso partido do operariado são na verdade camponeses enquadrados por alguns intelectuais e, há que reconhecê-lo, secundados por bandidos. Temos de nos adaptar à realidade chinesa e atuar aqui no campo. Basta-nos atear a mecha da revolta e a revolução reventará por todo o Sul da China, verás. O problema é que precisamos desesperadamente de um exército e os idiotas do comité central ainda insistem que o levantamento popular tem precedência sobre a força militar. Quando insisto nas minhas ideias, têm o desplante de me acusar de não ter fé na força revolucionária das massas. uns ingénuos, digo-te eu!”

“Mas não andaste a atear a mecha da revolta para provocar essa revolução

aqui em Hunan na altura das colheitas de outono?” o chefe enrubesceu, embaraçado pela pergunta; toda a operação que ele coordenara semanas antes havia redundado num fracasso completo.

“Enfim... é verdade”, reconheceu. “O problema é que houve uma descoordenação das nossas forças e, bom, a coisa não resultou. O comitê central não está nada contente, o que não impede que eu lhes dê a volta. Foi por isso que viemos para aqui.”

“Pois, mas... tem cuidado com a forma como enfrentas o partido, ouviste? Não devemos atrair demasiado as atenções sobre ti. Isso afetar-nos-á a todos.”

“Não te preocupes, Gui-yuan. Aqui em Sanwan estamos seguros. Ando até a pensar em descer para Maoping.”

A rapariga ficou alarmada; Maoping era uma povoação situada no sopé das montanhas, o que significava que se encontrava numa posição defensivamente mais exposta.

“Tens a certeza? Olha que isto é uma terra de bandidos, shi san ya-zi. Como podemos confiar neste Yuan Wen-cai?”

“Achas mesmo que o Yuan Wen-cai é um bandido? Pois eu digo-te que ao pé de mim não passa de um anjinho. Cheguei a um entendimento com esse tolo para permanecermos aqui, mas, com os meus soldados de Nanchang, em breve vou pôr o Yuen e o seu bando ridículo sob as minhas ordens. Não te esqueças do que te digo, Gui-yuan: para bandido, bandido e meio! No outro dia tomei o condado de Ninggang e executei o chefe à frente de toda a gente com um suo-biao. Até o

Yuan ficou nervoso e...”

o estampido de uma flatulência interrompeu-lhe o discurso.

“Oh!”, protestou a camarada Gui-yuan. “Lá estás tu com os teus malditos gases! Puf, que cheirete! Não tens vergonha?”

Atormentado com os seus eternos problemas de prisão de ventre, Mao levantou-se e foi à porta da sala, o que obrigou lian-hua a esconder-se para não ser vista.

“Doutor Tung!”, gritou o camarada Mao em direção ao fundo do corredor.

“Doutor Tung, venha cá! Traga o laxante!”

“Doutor Tung?”, admirou-se a camarada tradutora, ainda à mesa. “Quem é esse?”

“E o antigo dono desta casa. Como era a melhor residência da região, instalei-me aqui. Acontece que o proprietário é médico, pelo que achei que seria conveniente mantê-lo por cá, só que às minhas ordens. É mais prático.”

“Se calhar seria dar mostras de maior sentido de responsabilidade pôr esse médico ao serviço do povo, não achas?” o camarada Mao suspirou.

"Ouve, Gui-yuan, todas as considerações devem ser um cálculo para o nosso próprio bem e não nos devemos submeter a códigos éticos exteriores nem ceder a um pretensioso sentido de responsabilidade. Eu pertenço à elite dos grandes heróis, percebes? Para gente como eu, tudo o que é exterior à nossa natureza, como por exemplo as restrições sociais e os condicionamentos éticos, deve ser varrido pela grande força da nossa natureza. Se quero um médico, tenho um médico. Não quero saber do resto. Quando os grandes heróis dão livre curso aos seus desejos tornam-se magnificamente poderosos, arrebatados e invencíveis. O nosso poder é como o de um tufão."

A camarada tradutora riu-se.

"És terrível, Sbi san ya-zi!"

—

Ainda a arrumar a sala de estar, Lian-hua viu passar o doutor Tung, proprietário espoliado daquela casa, e reconheceu-o. Tratava-se do homem que meia hora antes surpreendera a chorar. Velar pelas necessidades noturnas do camarada Mao não constituía habitualmente uma tarefa simples, mas essa noite foi calma para Lian-hua. Ao contrário do que era costume, o camarada chefe deitara-se cedo, embora tivesse boas razões para tal. Para a manhã seguinte estava marcada uma sortida revolucionária e havia que dormir bem.

Consciente dos seus deveres, e receando os castigos daqueles homens terríveis, a menina acordou com a aurora e correu ao ribeiro diante da casa para encher o balde de água fresca. Se o camarada Mao não a tivesse para as abluções da manhã, arriscava-se a enfrentar problemas. Ajoelhou-se na margem e mergulhou o balde na corrente. Enquanto o balde enchia, girou os olhos e contemplou a paisagem.

A serra onde Sanwan se encontrava cravada, nas montanhas

Jinggang, estava coberta de névoa apesar de não ser muito alta; parecia que uma camada de algodão se fundia com a cordilheira, negra e ameaçadora, e com o vasto pinhal que a cobria. O mais importante é que as elevações rochosas eram escarpadas, o que Lian-hua, embora não passasse ainda de uma criança, percebia que dificultava o acesso a qualquer força hostil. Por toda a parte havia precipícios por onde jorravam cascatas de água límpida, pelo que seria fácil os bandidos e os soldados comunistas emboscarem eventuais invasores numa qualquer passagem mais estreita. Além do mais, as montanhas facilitavam várias escapatórias que poderiam ser usadas em caso de necessidade, até porque descer era sempre mais fácil do que subir.

A povoação foi despertando e em breve já toda a gente estava a pé e em movimento. Depois do pequeno-almoço o camarada Mao mandou arregimentar os homens, uma mistura de milicianos camponeses, membros de sociedades secretas ilegalizadas, desertores nacionalistas e mineiros desempregados, e foi ter com eles para o discurso motivacional da missão de da tu-hao, ou esmagamento dos tiranos proprietários de terras.

“Camaradas!”, gritou o camarada chefe. “Sois agora os senhores da montanha! Àqueles que nos acusam de sermos uns bandidos, respondei: temos uma missão revolucionária! se as massas não perceberem o que são tiranos proprietários de terras, explicai-lhes que se trata de pessoas com dinheiro... são os ricos. Não tenhais piedade dessa gente! Uma revolução não é um jantar de gala ou escrever um ensaio ou pintar um quadro ou fazer bordado! Nunca será uma coisa refinada, tranquila e suave, moderada, gentil, cortês, contida e magnânima. Não. A revolução é um ato de violência! É preciso instaurar um reino de terror em cada terra, em cada propriedade, em cada coração burguês! Só assim a revolução é possível! Só assim o grande capital será vencido! Só assim o campesinato se libertará! Viva a revolução socialista!”

“Viva!” o chefe nunca se revelou um grande orador; a verdade é que não galvanizava ninguém e só era aceite porque fora nomeado pelo partido e a disciplina constituía entre os comunistas o mais importante de tudo, pelo que as vozes do grupo e os punhos erguidos quase não passaram de uma resposta mecânica.

“Ides agora sair, camaradas, para uma nova ação de da tu-hao. Como nas anteriores operações levadas a cabo nos últimos tempos, o objetivo é destruir tudo para mais tarde reconstruir. Esmagai a nobreza rural! Não tenhais medo dos reacionários pois eles não passam de tigres de papel! quero-vos, por isso, implacáveis. O comunismo não é amor, o comunismo é um martelo que usamos para esmagar os inimigos de classe! É necessário instituir o terror durante algum tempo nas zonas rurais para suprimir as atividades dos contrarrevolucionários e derrubar os senhores feudais.

A revolução é uma revolta, um ato de violência através do qual uma classe derruba a outra! Viva a revolução socialista!”

“Viva!”

“Abaixo a reação!”

“Abaixo!” o ajuntamento desfez-se e, sob o comando do camarada liu, formou-se uma coluna de trinta soldados para descer a montanha em direção ao alvo do dia. Lian-hua permaneceu encostada a uma árvore a ver

o grupo partir, desejando mesmo acompanhá-lo em vez de ficar a tratar dos aposentos do camarada Mao. O problema é que o camarada chefe pelos vistos nunca partia em missão; preferia ficar em segurança na base, o que queria dizer que ela se arriscava a atrair a sua atenção. Ah, como tinha medo daquele homem! Se ao menos...

A sombra de uma figura humana abateu-se de repente sobre a menina, vinda de trás, e ela virou-se para ver quem era.

"Ayah! O que estás aqui a fazer?"

Era a camarada Gui-yuan.

"Eu..."; gaguejou. "Eu..."

A tradutora do camarada Mao apontou para a coluna que descia a montanha.

"Vai com eles, podem precisar de uma enfermeira."

A menina ainda hesitou, pois nunca imaginara que pudesse ser integrada numa missão de da tu-bao. Em boa verdade tratava-se de uma presunção infundada, pois naquele bando não faziam as mulheres as mesmas coisas que os homens?

"Sim, camarada." levantou-se e desatou a correr no encalço dos homens que desciam para a floresta e para os arrozais de Hunan em busca de alvos dignos da grande revolução socialista. quando Mikhail chegou com a família a Zelenyi Bir, naquela tarde de 1928, depressa se apercebeu de que a quinta que o pai lhe havia deixado era um baú carregado de memórias de infância, e nem todas boas. Vivera ali os seus primeiros catorze anos e, para onde quer que olhasse, constatava que cada canto encerrava uma história. Fora naquela cama que a mãe morrera de tuberculose, naquele corredor brincara aos cavaleiros com o irmão, naquele quarto o pai sovava-o pela última vez, daquele buraco na porta espreitara os seios fartos de Ksenia enquanto a criada mudava de roupa.

Zelenyi Bir era um lugarejo a poucos quilómetros de Kiev.

Em bom rigor, a quinta que Mikhail herdara revelava-se apenas ligeiramente maior do que a propriedade que tinham abandonado na Sibéria. Isso constituía de certo modo uma decepção, uma vez que o espaço que ele guardara na memória sempre lhe parecera muito maior do que o que agora encontrava. Lembra-se de uma mansão e afinal deparava-se com uma pequena dacha, recordava-se de um vasto latifúndio e descobria uma quinta modesta. Tratava-se decerto do resultado de ali ter vivido na infância. Quando era pequeno tudo lhe parecia ter o dobro da dimensão; em adulto tinha a impressão de que as mesmas coisas possuíam metade do tamanho original. o sentimento de desilusão desvaneceu-se, todavia, no momento em que o casal, as duas filhas e o bebé saíram para a varanda das traseiras e viram as terras cultivadas estenderem-se diante deles.



"Blin!", exclamou Nadezhda, então com sete anos, os olhos a faiscarem de espanto. "Isto é tudo nosso?" um mar dourado expandia-se pelas traseiras; era o campo de trigo da família.

"É nosso", assentiu a mãe, "mas não é para vocês estragarem com as vossas brincadeiras, ouviram?" não que a quinta fosse muito grande, pois não o era de facto; o pai de Mikhail nunca passara de um pequeno proprietário. A diferença estava na qualidade. E aí, que contraste com a propriedade da Sibéria! Enquanto a terra gelada dos arredores de Irkutsk sempre constituía um adversário tenaz do trabalho agrícola da família que só com muita luta se conseguia vencer, aquela terra fértil da Ucrânia parecia-lhes uma bênção. Tinham a sensação de que até de um escarro seriam capazes de fazer germinar uma árvore.

"Isto não é nada", disse o chefe da família, de olhos colados ao campo de trigo. "Quando eu era miúdo, meninas, lembro-me que estes campos tinham ainda maior densidade." Apontou para espaços por cultivar. "Não veem ali as clareiras? Aqueles buracos também deviam estar aproveitados. É preciso tirar partido de todos os niquinhos."

---

Apesar de segurar ao colo o pequeno Pavel, Tatiana permaneceu um longo momento a estudar as clareiras e depois todo o campo de trigo. Nada daquilo tinha qualquer comparação com a Sibéria, isso era bem verdade, mas, agora que observava melhor, de facto dava a sensação de que a terra se encontrava desaproveitada.

"Porque será que o teu pai não a semeou melhor?" o marido não parecia intrigado. Virou-se para ela e, estreitando-a com o braço, sorriu, otimista.

"Não era tão bom agricultor como eu." os primeiros dias na quinta de Zelenyi Bir foram passados a consertar vedações e a fazer pequenas reparações na casa e em toda a propriedade. O pai de Mikhail tinha morrido havia mais de meio ano e muita coisa se degradara entretanto ou simplesmente deixara de funcionar. As obras de restauro ocuparam por isso várias semanas. quando tudo ficou enfim em condições, Mikhail pegou na família e foram todos dar uma volta a pé pelas pequenas propriedades em redor para se apresentarem e cumprimentarem os vizinhos. A primeira quinta que encontraram pareceu-lhes ao abandono e não viram ninguém a cuidar dela. A segunda tinha o campo de cereais em mau estado, mas estava habitada por um casal com sete filhos que os recebeu com meias palavras e olhares carregados de desconfiança, de tal modo que se sentiram mal acolhidos e decidiram ir-se embora.

"Que gatinha!", protestou Tatiana. "Até parece que lhes queríamos roubar a porcaria do trigo..." só tiveram sorte à terceira quinta. Tratava-se de outra

propriedade pequena, com um campo de trigo igualmente mal cultivado, e que pertencia aos Krikhatsky, um casal com três filhos ainda pequenos. Depois de uma recepção fria, os

—

Krikhatsky na verdade só se transfiguraram quando perceberam que Mikhail era um Skuratov.

“Ah, dava-me muito bem com o seu pai”, exclamou Oleg, o chefe da família Krikhatsky, subitamente efusivo. “Tanta vodka bebi na companhia do velho Nikolay! Tive muita pena que ele tivesse morrido, coitado. Era um bom comparsa!” os Krikhatsky acolheram os Skuratov com chá e Nadezhda e a irmã tiveram até direito a umas fatias de yablucbnyk, o tradicional bolo ucraniano de maçã. Falaram sobre as novidades publicadas na imprensa, em particular a notícia que circulava pelos jornais de que o novo governo da Grã Bretanha se recusara a ratificar o acordo comercial com a união Soviética e denunciara a ingerência do Comintern nos sindicatos britânicos. A súbita tensão diplomática com Londres pelos vistos andava a deixar nervosos os bolcheviques, pois muitos pareciam acreditar que o agravamento das relações prenunciava o que os jornais descreviam como a “imminente agressão das potências imperialistas ao serviço do grande capital”. Falando por subentendidos, os dois casais concordaram implicitamente que uma invasão inglesa, pois era disso que realmente se tratava, talvez ajudasse a resolver os problemas do país.

Foi nessa altura que Mikhail chamou a atenção para um exemplar do Pravda que trouxera consigo.

“Já viu isto, Oleg?”, observou o visitante, apontando para um texto do jornal com uma fotografia de Estaline. “Ele foi à Sibéria fazer das suas. Ou muito me engano, ou anda a preparar alguma.”

“O que disse o nosso grande líder?”

“Leia.” o vizinho ficou embaraçado.

“Uh... eu...”

—

A hesitação fez Mikhail perceber que Oleg era analfabeto, pelo que ele próprio baixou os olhos para o Pravda.

“Olhe para isto. Exige que entreguemos imediatamente ao estado os nossos excedentes de produção ao preço que o estado quer. Se não o fizermos, ameaça-nos com o artigo cento e sete do Código Criminal e com o confisco dos nossos cereais. O que raio se passa aqui?”

“Pois... isto não está fácil.”

"Mas o mais estranho são as referências à socialização da agricultura. O que pretende esta gente?" o olhar inquieto de Oleg desceu para o jornal.

"Socialização da agricultura? O que diz ele exatamente?" o visitante aproximou da cara o seu exemplar do Pravda e fixou a atenção no texto em que as palavras de Estaline eram citadas.

"Está aqui." Afinou a voz, preparando-se para ler aos solavancos as declarações do líder soviético. "A socialização da indústria é insuficiente. Precisamos de passar para a socialização de toda a agricultura. Isso implica que temos de unir gradual mas firmemente as propriedades rurais individuais, que produzem pequenos excedentes, e transformá-las em quintas coletivas, os kolkbozes, para produzir maiores excedentes. Todas as áreas do nosso país, sem exceção, serão cobertas por quintas coletivas e estatais capazes de substituir não apenas os kulaks mas também os camponeses individuais como abastecedores de cereais do estado."

Ao ouvir estas palavras, o anfitrião pôs má cara.

"Sabe o que lhe digo? Esses tipos querem acabar com a nova Política Económica."

"Mas... porquê?"

"Por causa da má colheita do ano passado e por causa destes rumores de que a Inglaterra planeia atacar-nos. O

nosso grande chefe está a dizer que é preciso dar um salto em frente e acelerar a industrialização e, embora não o admita abertamente, pelos vistos acha que a economia de mercado da Nova Política Económica é demasiado lenta a apresentar resultados." Suspirou. "Receio que tenhamos de facto de nos preparar para o pior." visivelmente incomodada com o tema da conversa, na verdade sensível e deprimente, a senhora Alina Krikhatsky interveio.

"E se mudássemos de assunto?", propôs, receando que as paredes tivessem ouvidos. "Estou farta da porca da política e... enfim, estes temas não são para ser aqui discutidos." todos concordaram, pelo que se voltaram para as velhas histórias das duas famílias. Oleg lembrava-se inclusivamente de ter conhecido Mikhail quando era pequeno, embora nunca tivessem sido próximos, até porque o anfitrião era cinco anos mais velho. O ambiente descontraíu e, quando deram por ela, já contavam anedotas à compita.

"Um bolchevique explicou a uma velhota como será a vida no paraíso comunista", disse Mikhail. "Haverá de tudo, revelou o bolchevique. Comida boa, roupas bonitas, viagens para todo o lado... E a velha respondeu: ah, sim, como nos tempos do czar!" riram-se todos.

"Então oiça esta que me contaram no outro dia", devolveu oleg. "Qual a nacionalidade de Adão e Eva?"

"Uh... sei lá."

“Eram soviéticos, claro. Onde mais se poderiam ver pessoas nuas e descalças, com apenas uma maçã para comer, e a pensarem que estavam no paraíso?” mais gargalhadas. O humor, concordaram todos com olhares cúmplices, era a melhor maneira de enfrentarem aqueles tempos difíceis e de tanta incerteza. Mikhail pôs-se então a narrar as aventuras da família desde que haviam chegado à Ucrânia.

“Temos andado estes dias todos a trabalhar no duro”, contou ele. “Encontrámos a quinta do meu pai a precisar de muitas reparações. Além do mais, o campo de trigo está mal semeado. Quando chegar a época das sementeiras é que vocês vão ver. Vamos tirar o máximo partido do terreno, não ficará nem meio metro quadrado por cultivar.”

A conversa até ali tinha decorrido com fluidez, chegava a haver momentos em que todos falavam ao mesmo tempo, mas nesse instante fez-se um silêncio súbito. O casal Krikhatsky trocou um olhar de tal modo estranho que nem a pequena nadezhda deixou de o notar.

“Pois”, acabou Oleg por observar, aparentemente na dúvida sobre se deveria mesmo dizer o que lhe passava pela cabeça. “Não sei se isso será boa ideia, vocês lá saberão...” os Skuratov esboçaram expressões interrogativas. “O que não é boa ideia?” oleg fez um gesto a indicar os seus próprios campos de trigo, eles também negligenciados na altura das sementeiras.

“Bem, o... isso de tirarem o máximo partido do terreno.

Enfim... façam como entenderem.”

“Porquê? Qual é o problema?”

A senhora Krikhatsky deu ao marido um toque discreto com a perna a indicar-lhe que se calasse, mas o sinal não foi suficientemente subtil para passar despercebido aos visitantes.

“Não é nada”, disse Oleg, evidentemente a reagir ao toque. “Eu... eu equivoquei-me.”

“Diga, por favor.”

“Nada, nada.”

—

“Oiça, nós acabámos de chegar e se alguma coisa se passa temos de saber”, insistiu Mikhail. “De resto, já vimos que muitos campos das redondezas andam mal cultivados e até pensámos que as pessoas aqui nem sabiam trabalhar a terra.

Ao ouvi-lo agora, no entanto, sou forçado a concluir que afinal os campos estão propositadamente mal cultivados. Mas porquê? Por que razão não é sensato tirar todo o partido dos terrenos? O que se está a passar aqui? Há alguma doença a contaminar os cereais?” os anfitriões trocaram um novo olhar, como se Oleg comunicasse à mulher que, tendo-se descaído, já não

tinha espaço para se manter calado.

“É verdade que a seca afetou as colheitas do ano passado e deste ano”, acabou por dizer. Olhou em redor, quase como se tivesse medo de ouvidos indiscretos, e baixou a voz. “Mas o principal problema é outro.”

“Qual?”

“A revolução.”

Fez-se um silêncio na sala, com o casal visitante a digerir o que acabara de ouvir.

“Sim, eu sei que a revolução é uma catástrofe”, assentiu Mikhail num sussurro. “Mas o que tem ela a ver com a forma como trabalhamos a terra? E sobretudo por que motivo não haveríamos de tirar todo o partido das nossas propriedades?”

“A seca afetou a produção e este ano vendemos ao estado menos dois milhões de toneladas de cereais que o normal. Lá em Moscovo estão furiosos. Dizem que somos todos uns kulaks, que estamos a especular, que produzimos muitos cereais mas que os guardamos para obrigar os preços a subirem...”

“Mas se há falta de cereais os preços têm mesmo de subir.”

o anfitrião voltou a indicar as palavras de Estaline na primeira página do Pravda.

“Não viu o nosso querido chefe ameaçar-nos com o artigo cento e sete do Código Criminal e com o confisco se não vendermos imediatamente ao estado a nossa produção aos preços ridículos que o próprio estado arbitrariamente nos impõe? Em vez de permitir que os preços subam, o politburo adotou medidas de emergência para nos requisitarem à força dois milhões e meio de toneladas de cereais.”

A revelação pareceu sinistramente familiar aos visitantes.

“O quê? Não me diga que também estão a fazer isso aqui...”

“Estão a fazê-lo em toda a parte, vizinho. E o inimigo já não são apenas os kulaks. Como restam poucos grandes proprietários e os bolcheviques andam sempre a exigir mais e mais cereais para alimentar o que eles designam por proletariado das cidades, decidiram chamar kulak a qualquer agricultor, por mais miserável que seja, que não lhes entregue a sua produção por tuta e meia. Nestas condições, para quê esforçarmo-nos por produzir? Esses safados ficam-nos com tudo! Mais vale deixarmos os campos mal cultivados, para não atrair as atenções dos bolcheviques.”

“A verdade é que o fornecimento das cidades depende de nós...”

“Inteiramente. Mas agora pelos vistos vieram com esse plano maluco para nos quebrar.”

“Que plano?” oleg fez um novo gesto na direção do Pravda, como se toda a verdade estivesse aí contida.

“Não foi você que me chamou a atenção para as palavras do nosso querido chefe sobre a socialização da agricultura e os kolkhozes? É esse o plano deles. Bem podem os bolcheviques dizer que é contrarrevolucionário afirmar que a nova Política Económica falhou e que ela continua a estar na base da política económica dos bolcheviques, que estará por muito tempo e que é uma fase inevitável da revolução socialista em todo o mundo e mais não sei quê. Na prática a Nova Política Económica acabou. Em vez da economia de mercado, os comunistas estão apostar na socialização e na coletivização da agricultura. Já os ouvi para aí dizer que as propriedades pequenas produzem pouco e que o nosso querido chefe acha que a solução é criar grandes latifúndios do estado. Ou seja, e traduzido por miúdos, os tipos não querem que estejamos nas nossas quintas, o que eles querem é que nos juntemos em propriedades que pertençam a todos mas que na verdade não pertencem a ninguém.”

A observação fez Mikhail pensar nos kommunalki, os apartamentos comunitários planeados pelos comunistas em que tudo pertencia a todos, incluindo as roupas, e nos quais o único espaço privado era a sala reservada para o sexo.

“Isso é absurdo.”

“Então como se podem compreender as palavras do nosso querido chefe nesse seu jornal?” o visitante dobrou o Pravda e esboçou uma careta cética. “Sabe o que lhe digo, vizinho? Tudo isto não deve passar de propaganda comunista para nos intimidar. Eles querem é meter-nos medo para que nos submetamos.” o anfitrião fez uma expressão de concessão.

“Sim, talvez.”

“A questão é saber o que devemos fazer à nossa produção se os comunistas nos andam a requisitar tudo a preço de saldo.”

Aquele assunto enervava Oleg. Quase sem dar por isso, ergueu a voz e deixou a indignação trepar-lhe pela garganta.

—

“Acho preferível consumirmos tudo a aceitarmos o preço ridículo que esses idiotas nos oferecem.” Levantou o dedo, à laia de aviso. “Os comunistas que nem pensem que nós trabalhamos que nem uns cães de sol a sol para depois lhes darmos tudo de mão beijada! Nem pensem!” o olhar dos Skuratov desviou-se para o campo de trigo dos Krikhatsky que se estendia para além da janela da casa.

Estava enfim explicado o mau aproveitamento das propriedades das redondezas, incluindo aquele que haviam herdado.

“É impossível consumir toda a produção de uma assentada.

Como fazem vocês para escapar às requisições do que sobra?” o anfitrião engoliu todo o chá na sua chávena e, encarando de novo os visitantes, respirou fundo.

“Cavamos buracos e escondemos tudo.”

—

O restolhar da vegetação avisou-os de que alguém se aproximava. O grupo anichou-se por detrás dos arbustos e dos canforeiros frondosos, escondendo-se e preparando-se para o que dali viesse, mesmo que se tratasse de um dos muitos tigres que viviam na floresta. O soldado que apareceu, no entanto, não era uma besta nem um inimigo, mas o batedor enviado uma hora antes para reconhecer o terreno. O camarada Liu, encarregado daquela missão de da tu-bao, levantou-se do seu esconderijo e foi ter com o recém-chegado.

“A quinta do tirano dono de propriedades está ali à frente”, anunciou o batedor, ainda a recuperar o fôlego.

“Não é muito grande, vai ser fácil de cercar.”

“Viste alguém?”

“Ninguém, camarada Liu. Apenas umas galinhas num curral. Será limpinho.” o grupo formou em duas filas paralelas, cada uma com quinze soldados, e o camarada Liu ordenou que uma avançasse pela esquerda e a outra pela direita, de modo a cercarem a propriedade. Obedecendo às instruções, Lian-hua alinhou-se na cauda da fila da direita, aquela que integrava o chefe da operação. Ouviram-se os cliques e os clagues das armas a serem carregadas e das munições a serem verificadas. Quando todos fizeram o sinal de prontidão, o chefe da expedição deu a instrução que o bando aguardava.

“Vamos, camaradas!”, ordenou. “Esmaguemos os inimigos de classe!” uma mancha alaranjada enchia o céu; o crepúsculo estava iminente. Embora a primavera ainda não tivesse chegado já fazia um certo calor, todavia ainda sem a humidade característica de Hunan. O problema é que a folhagem da floresta era densa e isso atrasava a progressão.

A certa altura, contudo, a vegetação tornou-se menos cerrada e Lian-hua apercebeu-se de uma casa rodeada por uma cerca, com um pequeno galinheiro nas traseiras. A propriedade parecia pequena e pobre, a exemplo aliás de quase todas as propriedades rurais da China, e das janelas via-se a luz trémula de um candeeiro a petróleo no interior. Seriam mesmo os seus ocupantes tiranos proprietários de terras?

Como era isso possível se tudo se mostrava tão miserável?

As dúvidas, porém, não eram permitidas. Se o camarada chefe achava que aquele terreno pertencia a tiranos proprietários de terras, decerto teria

razão. o grupo onde Lian-hua se encontrava completou o movimento de cerco e, uma vez todos a postos, o camarada Liu fez um gesto na direção de um dos homens e este imitou o chirriar de uma coruja; era o sinal de que aquela unidade estava a postos. Aguardaram mais alguns minutos até que um outro som parecido, também a imitar uma coruja, respondeu.

—

“Estão prontos, camarada Liu”, constatou o soldado que emitira o primeiro som. “Posso dar o sinal para avançar?”

A noite já caíra, mas ainda se mantinha uma réstia de luz que permitia adivinhar os contornos escuros dos elementos da unidade escondidos nas suas posições. Os assaltantes pareciam preparados.

“Podes.” o soldado emitiu o sinal convencionado, o gorjeio de uma cotovia, e logo todos abandonaram os seus lugares e avançaram, em campo aberto mas protegidos pela capa da escuridão. O primeiro obstáculo que tiveram de superar foi a cerca, o que se revelou simples, pois não passava de umas estacas de madeira que formavam uma vedação rudimentar e baixa. o medo quase paralisava Lian-hua. Quando a ordem para avançar foi dada ainda pensou em deixar-se ficar para trás, escondida entre dois arbustos. A sua missão, em bom rigor, não era de combate, apenas de “enfermagem”, termo vago que no caso dela pouco significado tinha. O que poderia ela verdadeiramente fazer? Quando viu os homens chegarem à cerca, todavia, sentiu-se abandonada e teve medo de ali permanecer sozinha. Estranha situação aquela, em que tinha medo de avançar e medo de não avançar. A solidão acabou por intimidá-la mais do que o perigo de integrar o grupo de assalto, pelo que saiu do seu lugar e correu para a vedação que protegia o pequeno terreno do tirano proprietário de terras. nessa altura já os soldados se abeiravam da casota. Viu-os fazerem gestos entre eles e, a um sinal do camarada Liu, um homem empurrou a porta com violência e o grupo jorrou para o interior da miserável habitação do tirano proprietário de terras. O silêncio foi então quebrado por uma vozearia alterada, com os soldados a gritarem as mais variadas coisas, mas um outro som, este absolutamente inesperado, irrompeu na noite.

Gongos.

Começaram a soar gongos por toda a parte. Lian-hua teve até a impressão de que a floresta inteira celebrava o ano novo, mas os assaltantes não acharam que aqueles sons metálicos fossem festivos. Estacaram, desconcertados, tentando perceber a origem e a motivação por detrás do barulho ininterrupto que se erguia em redor e espantava os pássaros, os quais largaram das árvores em revoadas e esvoaçavam, agitados, pelo firmamento.



“O que é isto?” um murmúrio indefinido, quase um rumor, começou a crescer no campo e em alguns instantes viram o horizonte animar-se; parecia que a própria terra adquirira vida. O rumor tornou-se um alarido. Os soldados ficaram especados no quintal, sem perceberem o que se passava exatamente, todos a perscrutarem o céu azul-petróleo quase negro e a escuridão em que mergulhara a terra, esforçando-se por interpretar os sons que escutavam e os movimentos que vagamente destringavam.

“Traição!”, gritou um homem, o primeiro a compreender o que estava a acontecer. “Os inimigos de classe atacam!”

Desencadeou-se o caos na pequena propriedade. Em pânico, os soldados abriram fogo às cegas e dispararam sobre tudo o que mexia, enchendo a noite de clarões, de estampidos e de gritos, a maior parte de medo, alguns de dor.

“Cessar fogo!”, gritou o camarada Liu, esforçando-se por sobrepor a sua voz ao trovejar ensurdecedor da fuzilaria.

“Cessar fogo! Não disparem às escuras, estão a atingir os nossos! Cessar fogo!”

os tiros pararam, deixando que se escutassem outra vez os gongos e o alarido que se acercava. Na treva ouviam-se gemidos, decerto dos soldados alvejados acidentalmente pelos próprios camaradas. O grupo de assalto ficou desorientado, sem saber o que fazer. Lian-hua sentia-se tomada pelo pânico, absolutamente indefesa. Não confiava no grupo de assalto mas pensava que os desconhecidos que se aproximavam eram hostis e não a poupariam.

“Camarada Liu, o que fazemos?” o chefe do bando sabia que se encontravam numa posição impossível; não podiam disparar por medo de se atingirem uns aos outros e estavam sob ataque. Teve de tomar uma decisão rápida.

“Retirar!”, ordenou. “Toda a gente para trás!”

A debandada começou, às escuras, numa altura em que ouviram sons de pessoas a saltarem a cerca. Perceberam então que os desconhecidos estavam já muito próximos. Ouviram-se vozes novas e alguns soldados, apesar das ordens, abriram fogo. Lian-hua lançou um olhar aterrorizado para trás e os clarões dos disparos iluminaram momentaneamente a quinta, revelando uma multidão de agricultores, homens e mulheres armados com enxadas e ancinhos e foices a pularem a vedação da propriedade para darem caça ao grupo de assalto com uma coragem feita de medo e desespero.

“Retirar!” todos correram num tropel e Lian-hua foi com eles às cegas, as mãos estendidas em frente, embatendo em obstáculos, aqui arbustos, ali árvores. Tropeçou e caiu e levantou-se, sentiu um corpo bater nela e voltou

a cair, levantou-se e recomeçou a correr, sentia-se muito assustada e chorava e corria, embatia em obstáculos sucessivos e tombava mas voltava sempre a levantar-se, em pânico absoluto, sempre às cegas na treva opaca, apenas guiada pelo som dos passos e pelo arfar pesado e aflito dos camaradas que corriam em volta dela. Os homens eram, contudo, mais rápidos do que a menina e estavam mais habituados a movimentar-se na escuridão, pelo que se começaram a distanciar.

Ao fim de uns dez minutos, Lian-hua deixou de ouvir barulho e percebeu que se encontrava sozinha. Pensou em gritar para chamar os camaradas, talvez houvesse algum nas redondezas, mas teve medo. E se, em vez de ser escutada por um camarada, fosse ouvida por algum tirano proprietário de terras? Desorientada, incapaz já de progredir na treva e sem saber o que fazer, arrastou-se para junto de uma árvore e encostou-se ao tronco, ciente da gravidade da sua situação.

Estava perdida e, horrorizada, a primeira coisa em que pensou foi nos tigres que deambulavam pela floresta.

—

—

## Epílogo

Bem sei que este não é o momento adequado para interromper a narrativa. Em bom rigor gostaria de prosseguir até ao fim, as histórias destas quatro pessoas que me são tão caras mereciam serem contadas de um único fôlego, mas a doença que me corrói as entranhas obriga-me a parar. Tendo-o trazido aqui, amigo leitor, tenho na verdade uma confissão a fazer-lhe. Temo pela sua reação quando ler o que lhe vou agora anunciar, pois estou seguro de que não apreciará, mas não ficaria de bem comigo mesmo se não lhe revelasse algo que não mais posso silenciar. não sei se serei capaz de escrever o resto. sim, tenho consciência de que nesta fase não deveria dizer isto, sobretudo depois de o arrastar durante tantas e tantas páginas ao longo da narrativa. Que raio de escritor sou eu que começa uma história e depois não a acaba? Contudo, peço-lhe, amigo leitor... peço-lhe, não, rogo-lhe!, rogo-lhe que compreenda. Sou um homem moribundo e ignoro quanto tempo

me resta nesta vida. Passaram-se quatro meses desde que o doutor Évora me fez o diagnóstico fatídico, o que significa que só me sobram dois meses. Ou seja, tenho sessenta dias para viver. E são os piores, como é evidente, o que significa que a cada dia que passa será mais penoso escrever.

A morte aproxima-se de mim, cheiro-lhe o fedor imundo, sinto o frio da sua sombra sinistra, sei que já me ronda, toca-me até com a ponta putrefacta dos seus dedos assustadores. nestas condições, como poderei garantir a quem quer que seja que serei capaz de retomar a narrativa que agora me vejo forçado a interromper?

Hoje senti-me muito mal e suspendi a redação deste manuscrito. Fui ao Hospital Conde de São Januário e, depois de me ver e medicar, o doutor Évora disse-me que levasse a coisa com calma, que fruisse cada dia, respirasse o perfume da vida como se todo o segredo da existência estivesse inscrito na próxima batida do meu coração.

“Para que anda o senhor metido em canseiras?“, perguntou-me ele quando lhe falei nesta obra que ando a escrever com devoção doentia. “Porque não vai dar um passeio a

Hong Kong e toma um chá no Península? Porque não visita singapura e prova um sling no Raffles? Ou, melhor ainda, porque não dá um salto a Lisboa e sobe ao castelo a trincar um pastel de Belém?” Pousou os olhos

em mim e cofiou a barba enrodilhada. “Doutor Lobo, o que lhe apetece verdadeiramente fazer?”

A pergunta perturbou-me. Sim, o que me apetece realmente fazer? Deverei passar o pouco tempo que me sobra de vida fechado no meu escritório a escrever uma obra que, sejamos honestos e assumamos as coisas como elas são, no fim de contas ninguém irá ler? Ah, que tolo sou! Quem se interessa pelas histórias de tempos idos que, na sua vã vaidade, um velho senil acha suficientemente importantes para contar? Qual o mal de as vidas da minha nadija, do meu Artur, da minha Lian-hua, do meu Fukui, amigos tão queridos de anos que já não voltam e que a morte levou como em breve me levará a mim, sejam remetidas ao silêncio? Não somos todos o pó de que se faz a eternidade? Não será o sonho da imortalidade apenas isso mesmo, um mero sonho? Mesmo que alguém leia estas minhas palavras, esse alguém um dia morrerá e as próprias páginas que venham a ser lidas acabarão inevitavelmente por se reduzir a cinzas. Que presunção a minha, pensar que seria capaz de os resgatar do esquecimento através do simples exercício da escrita! sabe do que gostava eu, doutor?

“Conte-me, doutor Lobo.”

Gostaria de passar estes últimos dias com as pessoas mais importantes da minha vida.

“Então faça isso, homem!” exclamou ele, satisfeito por me ter conseguido fazer ver o que para ele há muito era óbvio.

“Vá ter com a sua família! Abrace os seus filhos! Junte-se aos amigos! Jogue mahjong com eles enquanto se embebeda com o bom vinho português e se empanturra com o dim sum chinês de que tanto gosta! Porque se há de privar agora do que é realmente importante para si? Não é isso bem melhor do que desperdiçar o final da sua vida a escrever esses livros sobre velhas histórias que já não interessam a ninguém?”

As observações do médico pareceram-me de tal modo pertinentes que me senti profundamente abalado. Para que estava eu afinal a registar estes acontecimentos? Porque não deixar a Nadija, o Artur, a Lian-hua e o Fukui em paz, entregues à eternidade a que em breve me juntarei? Sim, porque não? é que eles são as pessoas mais importantes da minha vida.

—

Ao ouvir estas minhas palavras, o doutor Évora esboçou um esgar inquisitivo.

“Eles?”, perguntou, sem perceber o sentido do que eu dissera. “Está a falar de quem? Da sua família? Dos seus amigos?”

Estou a falar das pessoas sobre quem ando a escrever, esclareci. Não me

interprete mal, doutor, gosto dos meus amigos e sobretudo adoro os meus filhos e os meus netos. O problema é que eles têm as suas vidas e não quero tornar-me um fardo. Como o doutor sabe, a Tatiana tem dois rapazes e é médica em Lisboa, o Roger seguiu a vida na banca e tornou-se até cavaleiro do Império Britânico, veja lá que a rainha lhe bateu com a espada nos ombros e até lhe chamou sir, e ao Orlando nasceu-lhe uma menina em Bethesda e é professor de Economia na Universidade de Georgetown, até integrou a equipa do FMI que recuperou a República Dominicana no tempo do ditador Trujillo. prefiro no entanto que os meus filhos me recordem como o homem forte que fui, não como o trapo que esta doença terrível me tornou. Percebe o que estou a dizer? É importante que eles preservem a melhor memória de mim. A

última imagem de alguém é sempre a que fica e a imagem do pai moribundo, emaciado e frágil, não é a que eu quero deixar. Além disso, acho melhor que eles sofram uma única vez quando souberem da minha morte do que estejam todos os dias a afligir-se enquanto me veem morrer aos poucos.

Entende isso, doutor?

Ele entendeu, claro.

Depois dessa consulta saí do hospital e vim para casa decidido a retomar a escrita. Mas ao instalar-me à secretária senti-me outra vez mal e percebi que nada seria capaz de escrever enquanto não tivesse disposição para tal. O que pode

querer dizer, tenho de o assumir de novo, que esta história ficará a meio. Acredite por favor que não é de ânimo leve que suspendo o livro. E, na verdade, com o coração pesado e um profundo sentimento de frustração que o faço. Queria tanto contar o que aconteceu a estas quatro pessoas que tão importantes foram para mim! Ao narrar as suas histórias é como se lhes desse um novo sopro de vida; deixam de ser os fantasmas que me assombram a memória e tornam-se gente outra vez. Falam e respiram, agem e pensam, têm carne e alma. vivem.

A ideia de os trazer à vida voltou a animar-me. Caramba, estarei assim tão mal que não possa mesmo retomar a escrita? Como gostaria de explicar os conceitos por detrás das ideologias que moldaram o pensamento e a vida de cada um deles e expor o que descobri sobre aquela que é talvez uma das mais importantes questões com que cada um de nós se confronta quando se envolve num debate sobre política ou tem de tomar uma decisão eleitoral. quantas vezes ao escutar os argumentos de uns políticos e de outros nos sentimos confusos, por vezes até a achar que uns estão certos para logo concluir que os outros, os que a seguir defendem o absoluto contrário dos primeiros, estranha e paradoxalmente também dizem a

verdade. Como pode a verdade ser tão contraditória, ser branca e negra ao mesmo tempo, ser doce e amarga no mesmo instante?

A questão deixa-me obcecado. Peguemos num exemplo: salazar, um nome que ainda hoje divide os portugueses. para uns o ditador foi o responsável maior pelo atraso do país, um homem tacanho e provinciano que atropelou a democracia e apenas se manteve no poder graças à repressão obscurantista. Outros dirão que foi o salvador de Portugal,

uma inteligência rara e incorruptível que soube interpretar o seu tempo e resgatou o país do caos económico e social em que os partidos clientelares o haviam afundado.

Afinal qual a verdade? Era Salazar o tirano de Aristóteles ou o filósofo-rei de Platão? Poderia ser as duas coisas ao mesmo tempo? Na verdade não me cabe a mim tirar essa conclusão; cabe-lhe a si, amigo leitor. Na certeza, porém, de que o meu amigo Artur apenas acompanhou Salazar nos anos da sua ascensão, pelo que a ideia que dele formou e aqui é apresentada é naturalmente colorida pelas suas circunstâncias particulares. Este não é por isso um retrato completo de Salazar, apenas o retrato que dele traçou Artur enquanto com ele privou e que eu aqui apresento usando as palavras políticas que o ditador efetivamente proferiu. O mesmo, de resto, se poderá dizer de Lian-hua e Mao Tse-tung.

Ah, ninguém imagina como anseio por escrever sobre tudo isto! Desejo-o com todas as minhas forças, imponho-o até a mim próprio, mas, ai de mim!, falta-me o ânimo. Talvez o melhor seja deixar passar uns dias. Por uma questão de prudência irei entregar este manuscrito para publicação e quando me sentir melhor voltarei à carga. É que, creia-me, espero ardentemente retomar a narrativa pois a história das minhas flores de lótus tem mesmo de ser contada até ao fim. não se esqueça, aproxima-se um evento fatídico: a Grande

Depressão. O colapso de Wall Street em 1929 irá provocar tremendas e sucessivas ondas de choque da Europa à Ásia, e fomentará as ideias extremistas por toda a parte. O mundo será atirado para uma grande e perigosa convulsão e, em consequência disso, a vida dos meus quatro amigos irá sofrer uma enorme reviravolta.

Com Artur e Fukui a integrem-se na vida política dos seus países, o português ver-se-á envolvido no estranho processo de ascensão e afirmação de Salazar, enquanto o japonês será confrontado com a ameaçadora emergência do ultranacionalismo militarista nipónico. Por seu turno, o comunismo radicalizar-se-á na União Soviética e Nadezhda e a família encontrar-se-ão no centro do tremendo turbilhão desencadeado pelas coletivizações de Estaline, com consequências trágicas para os Skuratov. Já Lian-hua e os seus foram apanhados no fogo cruzado do conflito nascente

entre os nacionalistas e os comunistas na China e terão de sobreviver em tempos cada vez mais difíceis, até porque os japoneses lhes irão bater à porta, e com estrondo. Não foram os chineses que transformaram em maldição os votos para que se viva em tempos interessantes? pois o mais interessante ainda está para vir...

—

Amo a flor de lótus porque cresce da lama mas por ela não é conspurcada. Banhada pelas ondas não se torna afetada. por dentro está aberta, por fora hirta. não rasteja nem se inclina. quanto mais longínqua, mais pura a fragrância.

Altiva e elegante, ergue-se limpa.

Zhou Dunyi

FIM

—

—